

OS LUSÍADAS

DE

LUÍS DE CAMÕES

EDIÇÃO ORGANIZADA POR

EMANUEL PAULO RAMOS

ACADÉMICO PERMANENTE D'O Instituto DE COIMBRA
PROF. EFECTIVO DO LICEU DE D. PEDRO V



Porto Editora, Lda.

RUA DA RESTAURAÇÃO, 365—PORTO

Livraria Annado, Lda.

RUA JOÃO MACHADO, 9—COIMBRA

Emp. Lit. Fluminense, Lda.

RUA DE S. JOÃO NEPOMUCENO, 8-A—LISBOA-2

Prefácio

...«reunir tudo o que pode ser obtido de conhecimento exacto, impessoal, verificável.»

PROF. GUSTAVO LANSON

Uma obra para alunos do Ensino Secundário supõe a coordenação de muitos e graves esforços — do tipógrafo competente ao desenhador artista, do autor responsável ao editor ousado.

Algo que não estava ainda feito (assim o cremos) se quis tentar nesta edição d'«Os Lusíadas», cujas características essenciais resumirei.

Assim, a ausência de quaisquer notas junto das oitavas evitará que os alunos menos estudiosos se sirvam delas no momento da respectiva chamada ou exame. O comentário, por outro lado, esforcei-me por que fosse suficiente, breve, claro e preciso. Atendi, nos esclarecimentos gramaticais, a tudo que me pareceu útil; nos restantes (histórico, geográfico, mitológico), apenas ao indispensável para compreensão da obra.

O texto — semeado de vocábulos do século XVI e anteriores — julguei melhor não o apresentar tal como, possivelmente, o Autor o deixou. Actualizei a pontuação e a ortografia, segundo as normas vigentes (seria, de outro modo, quase incompreensível para os estudantes mais jovens), e, por outro lado, quis ir familiarizando os alunos com aquelas formas antiquadas ou próprias de Camões, cujo conhecimento

Prefácio da 2.^a edição

há-de ajudá-los, mais tarde, na leitura directa de edições fac-similadas e críticas. Daí, uma inovação: reproduzir, em itálico, tais formas¹, tornando-as, assim, mais facilmente observáveis, sem que possam ser, erradamente, confundidas com as restantes — da língua hodierna e normal.

Trabalho delicado, sem dúvida, que exigiu muita atenção e paciência, confronto com os melhores ensinamentos dos Mestres. De um modo geral, segui: para a pontuação e uso da maiúscula inicial, José Maria Rodrigues e Mendes dos Remédios; para as formas em itálico, a edição fac-similada da primeira, Epifânio, Leite de Vasconcelos, etc.; para a actualização dos nomes comuns, o Vocabulário Resumido da Língua Portuguesa (Lisboa, 1947), e, para a dos substantivos próprios, o Prontuário Ortográfico da Língua Portuguesa de A. de Sampaio e Melo (Porto, 1946) e o Prontuário de Ortografia (Lisboa, 1946; 11.^a ed.) de António da Costa Leão.

EMANUEL PAULO RAMOS

¹ Por ex.: depois, prantar.

Mal ficaríamos com a própria consciência, se ao iniciar-se, de novo, a composição deste livro, não começássemos por agradecer o acolhimento do Público e a benevolência da crítica.

Na verdade, muitos dos Ex.^{mos} Colegas do 1.^o e 2.^o grupos do Continente e do Ultramar — alguns dos quais ainda não tínhamos nem temos a honra de conhecer pessoalmente — quiseram ter a bondade de, por carta, na imprensa ou de viva voz, saudar o aparecimento do nosso trabalho, ao mesmo tempo que, de modo análogo, se nos referiam nossos antigos Mestres da Universidade de Lisboa e também alguns de Coimbra. A uns e outros, sensibilizados, aqui patenteamos a nossa gratidão, bem como a todas as outras pessoas que, em periódicos de vária natureza e em revistas literárias, apreciaram quanto fizéramos.

Levemente retocada e aumentada, esperamos que a actual edição continue a merecer o favor do Público, em geral, e dos Estudantes, em particular, que, nos diversos Cursos Secundários, principiam seus estudos camonianos. Desde agora, com o novo instru-

mento de trabalho que é o questionário destinado a uma síntese geral do Poema — belamente ilustrado pela nossa Ex.^{ma} Colega do 9.º grupo, Senhora D. Helena Abreu —, ousamos esperar que a compreensão integral da nossa Epopeia seja uma realidade para todos os Portugueses que hão-de constituir o escol da nossa sociedade de amanhã.

EMANUEL PAULO RAMOS

Prefácio da 3.^a edição

No generoso acolhimento dos Senhores Professores e na fidelidade à norma orientadora que, desde a primeira edição escolhemos, continuamos a ver motivos certos do êxito desta obra.

Desejo de ser claro, preciso, sóbrio, e decisão firme de escrever para os alunos, tornando, por esse meio, menos árdua a tarefa dos Ex.^{mos} Colegas, são preocupações que nunca enjeitaremos conscientemente, embora, em trabalho tão extenso, seja difícil dar, sempre, cumprimento cabal ao pretendido.

Não quisemos, todavia, ficar por aqui. Novas sínteses, proveitosas para a iniciação no juízo das virtudes próprias do Poeta, procurámos escolhê-las, com prudência, de Mestres cuja lição não pudéramos ainda devidamente utilizar.

Oxalá o nosso trabalho continue a ser útil aos jovens que dele se servem¹, obscura mas sincera homenagem do nosso amor ao maior Livro da Raça!

EMANUEL PAULO RAMOS

¹ Tenho presente esta exortação de saudoso Mestre: «Estudemos *Os Lusíadas*, para neles haurirmos o mesmo estí-

mulo que impulsionou o Poeta a escrevê-los; debruçados sobre as suas estâncias, compenetremo-nos bem do nosso glorioso passado e sentiremos pulsar em nós uma alma nova, um desejo ardente de vermos respeitado e engrandecido o nome português, de vermos novamente esboçar-se um Portugal maior.»

Prof. Dr. José Maria Rodrigues — *Lição Inaugural da Cadeira de Estudos Camonianos/Importância e Dificuldades destes Estudos* (1925), p. 15.

Como utilizar a presente edição d'OS LUSÍADAS

I — OBSERVAÇÕES DE CARACTER GERAL

Ao folhear a parte que contém o texto, verificar-se-á facilmente:

- 1) que se não encontram aí notas de nenhuma espécie;
- 2) que algumas oitavas são precedidas de um sinal [] : aquelas cuja leitura é, particularmente, recomendada nos *Programas das Disciplinas do Ensino Liceal* (Aprovados pelo Decreto n.º 39 807, publicado no «Diário do Governo» n.º 198, 1.ª série, de 7 de Setembro de 1954), *Observações* relativas ao 2.º ciclo;
- 3) que diversas palavras (relativamente poucas em cada uma das oitavas) vão em itálico: as que, hoje, se não escrevem nem pronunciam precisamente como estão no texto (ex.: *dereito*; *fermoso*); as que já se não empregam em construções idênticas (ex.: *meios*; *sós*. — Cf. III, 50; VI, 48); aquelas cuja acentuação aparece modificada por exigência do verso (ex.: *Eolo*; *Cleopatra*. — Cf. III, 8 e 141); e, finalmente, as que mostram a observância, no século XVI, de princípios elementares de prosódia, tantas vezes ignorados em nossos dias (ex.: *dezia*; *artefício*).

No fim do volume, existe um *Léxico*, com a equivalência de qualquer dessas formas.

II — PREPARAÇÃO DAS LIÇÕES

(Sugestões para os ALUNOS)

Salvo diferente indicação dos senhores Professores, aconselho o seguinte método:

- a) Abrir o volume e ler, atentamente, em voz alta, as oitavas indicadas na aula;
- b) Procurar, no Cap. I, Parte IV, do livro, os esclarecimentos relativos às palavras em itálico (se as houver), e copiar, no caderno, a respectiva equivalência actual;
- c) Voltar a abrir o volume, mas, desta vez, precisamente no lugar (Parte III — ANOTAÇÕES) onde se comentam as várias oitavas — para leitura e fixação do que de muito importante ali se disser.

Durante esta leitura, deverá o aluno consultar as NOTAS COMPLEMENTARES, que formam a Parte IV do volume (Cap. II e III), tantas vezes quantas as necessárias para saber, com exactidão, o que lá vem escrito das palavras seguidas de um *asterisco* (figuras) ou de uma *cruz* (nomes mitológicos).

*
* *
*

Nas lições de revisão, poderá utilizar-se o questionário-síntese (que vem no fim do volume), quer depois do estudo de cada um dos cantos, quer nos interrogatórios destinados a aperfeiçoar a visão global, concluído o comentário ao canto X.

Quanto aos restantes estudos, poderão fazer-se leituras, em casa ou na aula, conforme determinarem os senhores Professores.

PARTE I — BREVES ESTUDOS

CAPÍTULO I

—
VIDA
DE
LUÍS DE
CAMÕES

1524¹

NASCIMENTO

Lisboa²

O imortal cantor das glórias de que se ufana Portugal nasceu, provavelmente, na capital do Império, «em meado do terceiro decénio do século XVI»³. De um modo geral, pouco se sabe de sua família⁴.

FORMAÇÃO INTELECTUAL.
PRIMEIROS AMORES.

Até 1542⁵

Coimbra

Cedo, certamente, porém, teria ido para Coimbra, onde, com maior ou menor influência de leituras de outros grandes poetas — Petrarca e petrarquistas em

lugar de relevo ⁶ — e com a própria emoção, começou a cantar as «doces e claras águas do Mondego», a «florida terra» das margens, a graça feiticeira da *menina dos olhos verdes* ⁷, imortalizada em várias das redondilhas.

Aqui também deve ter começado o seu «honesto estudo» ⁸, provavelmente sob a direcção dos Crúzios ⁹ — profundos conhecedores da cultura e línguas clássicas. Foi tão bom discípulo, que mereceu do sábio alemão Storck o nome de «filho legítimo do Renascimento, e humanista dos mais doutos e distintos do seu tempo» pelos «múltiplos e variadíssimos conhecimentos, em história universal, geografia, astronomia, mitologia clássica, literaturas antigas e modernas, poesia culta e popular, tanto da Itália como da Espanha, aproveitando-as com a mais perfeita exactidão». ¹⁰

O POETA CORTESÃO

De 1542 a 1545

Lisboa e proximidades

De Coimbra teria vindo para a corte, em Lisboa, rico de humanidades e com alguma experiência amorosa. Talvez pouco lembrado, porém, dos sentimentos que nutrira na cidade do Mondego, vibra, possivelmente com profunda sinceridade, na presença gentil das damas que encontra, entre as quais a **infanta D. Maria** ¹¹, filha de D. Manuel I. Possivelmente: certezas são bem difíceis em coisas de coração...

Mas não teriam sido estes amores — pensa-se *geralmente* ¹² hoje — a causa por que o Poeta se viu obrigado a deixar Lisboa ¹³.

TIROCÍNIO DE NOBRE

Entre 1545 e 1548 ¹⁴

Ceuta ¹⁵

«Cavaleiro-fidalgo», teve de trocar as delícias e dissabores inevitáveis do Paço pela vida, dura e constantemente ameaçada, do serviço militar, em África, onde, lutando, perdeu um olho. ¹⁶ Em breve, porém, regressaria à Pátria, donde o levava, certamente, a sua condição, pois «o serviço militar nas praças de África constituía praxe e tirocínio obrigatório para a juventude fidalga daquela época». ¹⁷

DE NOVO, VIDA CORTESÁ. A GRAVE DESORDEM.

1549-1553

Lisboa

Chegado a Lisboa, a gloriosa deformidade, que as armas marroquinas lhe haviam deixado na face, pareceu logo excelente motivo de zombaria para a frivolidade de certa dama, tão bela quanto maldosa: chamou ao Poeta *cara sem olhos*. Sem custo, converteu a amargura da reacção imediata em mesurado galanteio pação:

«Sem olhos vi o mal claro
que dos olhos se seguiu:
pois *cara sem olhos* viu
olhos que lhe custam caro.
De olhos não faço menção,
pois quereis que olhos não sejam;
vendo-vos, olhos sobejam,
não nos vendo, olhos não são.»

Nem sempre, claro, as damas eram assim... Sabe-se, por ex., que, entre 1551 e 1552, à própria válida da rainha D. Catarina — a formosa D. Fran-

cisca de Aragão — enviou Camões uma «carta galante», acompanhada de uma «tríplice glosa a um mote» que dela recebera.¹⁸

No entanto, se se não pode provar que o Poeta vivesse *sempre* nesta atmosfera de salão, não é menos verdadeiro ser bastante problemática a sua convivência assídua com gente de baixa estrutura moral, embora as energias que nele tumultuavam nem sempre se contivessem... Disto é exemplo flagrante a desordem em que se envolveu e o levou à prisão no Tronco de Lisboa: agrediu, com a espada, em 16 de Junho de 1552, a Gonçalo Borges, encarregado dos arreios do monarca, e recebeu aquela punição que cumpriu até Março do ano seguinte. A 7 deste último mês e ano, uma *carta de perdão* torna possível, de novo, a sua liberdade: o agredido estava já «são e sem aleijão nem disformidade» e o Poeta resolvia ir para a Índia em serviço de El-Rei. Pobre, «não tinha outro remédio»¹⁹; exaltado, tinha melhores lugares por onde prodigalizar a sua valentia.²⁰

Em fins de Março, deixa Lisboa, a bordo da nau *S. Bento*, com aquele destino.

AO SERVIÇO DO IMPÉRIO

1553-1567

Ásia

a) Goa

No mês de Setembro de 1553, desembarca em Goa. Não fica, entretanto, deslumbrado com o elemento humano que ali encontra: terra «mãe de vilões ruins, e madrasta de homens honrados» — considera aquela cidade, em carta que de lá envia, com certeza depois de observar-lhe a vida habitual. Sem desgosto (podemos supor) e por imposição da vida militar, em breve dali parte, a caminho de novas experiências...

b) Malabar²¹

Ainda em 1553, embarca, com as forças do vizo-rei, para combater o rei da pimenta²², no Malabar. Contrafeito com a expedição, escreve:

.....
«Com hũa armada grossa, que ajuntara
o vizo-rei de Goa, nos partimos
com toda a gente d'armas que se achara,
e com pouco trabalho destruimos
a gente no curvo arco exercitada;
com mortes, com incêndios os punimos.»²³
.....

Mas logo, recobrando o orgulho de militar, na lembrança dos sofrimentos passados, acrescenta:

.....
«Que estes são os remédios verdadeiros
que para a vida estão aparelhados
aos que a querem ter por cavaleiros.»²⁴
.....

c) Do estreito de Meca ao mar Vermelho

A actividade militar do Poeta não pára. Em 1555, no início do governo de Francisco Barreto²⁵, ei-lo participante em um cruzeiro destinado a interceptar os navios turcos — inimigos — que se entregavam ao comércio, nestas paragens. Da estadia, provavelmente breve, junto do cabo Guardafui²⁶, deixou-nos versos de extrema, sentida amargura, com o pensamento na amada distante:

.....
«Só com vossas lembranças
me acho seguro e forte
.....

*contra o rosto feroz da fera morte,
e logo se me ajuntam esperanças
com que a fronte, tornada mais serena,
torna os tormentos graves
em saudades brandas e suaves.»* ²⁷

.

d) De novo, Goa

Para o corpo fatigado consegue algum repouso — quanto lho pode consentir a vida agitada na grande capital do Oriente. O espírito, esse é que não des-cansa, e, logo em 1556, assiste-se à representação da peça «Filodemo».

e) Oriente da Ásia ²⁸

Camões era soldado pobre. Tendo regressado do mar Vermelho, não tardou que, após breve repouso em terra, recebesse ordem de novo embarque — novo *desterro*, como haveria de escrever — para, a bordo de uma das nossas naus mercantes, colaborar, em viagens às costas da China, na defesa contra os assaltos dos piratas.

No trajecto, naufragou, perto da foz do rio Mecão; e, liberto deste contratempo, recolheria naturalmente a Malaca, «centro da administração e do poderio português no Extremo Oriente», como escreve o Dr. Cunha Gonçalves.

Dessa cidade, a falta de recursos e o espírito de aventura iriam levá-lo pelas ilhas da Malásia — Sumatra, Java, Ternate, Tidore, Bornéu, até às ilhas de Banda, Sonda e Timor.

Nestas viagens teria divagado até 1560, voltando à Índia em 1561.

f) Goa, pela última vez

Chegado de longo cruzeiro, permanece ainda algum tempo em Goa, onde «foram, provavelmente, feitas no ano 1568» as célebres redondilhas *Sôbolos Rios*. ²⁹

É, certamente, tempo de voltar à Pátria. Com este objectivo, embarca para Moçambique.

DE VOLTA

1568-1569

Sofala

De passagem para Portugal, tenta, sem resultado, associar-se, para negócios, ao capitão de Sofala.

Não tarda, porém, a ficar tão privado de haveres, que Diogo do Couto ³⁰ o encontra a comer «de amigos», que lhe pagam a viagem para a metrópole.

NO FIM DA JORNADA. A CAMINHO DE SIÃO... ³¹

1569-1580

Lisboa

«Assi foram cortando o mar (...)

*Até que houveram vista do terreno
Em que naceram, sempre desejado.
Entraram pela foz do Tejo ameno»* ³²

.

Com quanta emoção não releria o Poeta estes versos com que fora pondo fim à narrativa da viagem do Gama! Quantos sentimentos próprios — aliás partilhados, sem dúvida, por quantos deixavam o *ninho paterno*!

Em 1570, entra em Lisboa.

Pouco devia faltar-lhe para cumprimento da missão terrena; mas um derradeiro combate era

preciso: tinha de executar a grande Ideia que lhe emprestava novo sangue; era sua última canseira: a publicação d'«Os Lusíadas».

Vencidas as dificuldades, censurada a obra pelo espírito compreensivo e muito culto de Fr. Bartolomeu Ferreira, foi publicada em 1572.³³

Uma tença de 15 000 (quinze mil) réis anuais³⁴ é-lhe concedida por D. Sebastião; com esse dinheiro, nunca livre de dificuldades, vai-se mantendo até à morte, em 10 de Junho de 1580.³⁵

O túmulo, onde se guardam cinzas respeitadas como se do Poeta fossem, encontra-se nos Jerónimos, em Belém.³⁶

NOTAS DO CAPÍTULO

¹ e ² O Prof. Guilherme Storck (Lisboa, 1898, trad. de D. C. M. de Vasconcelos — *Vida e Obras de Luís de Camões*) dedicou o seu precioso trabalho à «Cidade de Coimbra (onde o Poeta nasceu e se criou)», sintetizando as razões, que o levavam à sua tese, na p. 117. Mais tarde, em 1903, o Prof. Mendes dos Remedios (ed. d'«Os Lusíadas»), afirmava que o nascimento de Camões fora «provavelmente em Lisboa pelos fins de 1524» (p. V) e, em 1914, na *Hist. da Liter. Portug.*, repetia este juízo, agora apoiado na *cabal demonstração* do Prof. Teófilo Braga, sem qualquer advérbio de dúvida (p. 140), o mesmo acontecendo no trabalho «Camões, Poeta da Fé» (Coimbra, 1924; p. 4).

Em 1936, porém, o Prof. Aubrey Bell, no seu *Luís de Camões*, sustentava: «Não se conhecem, com certeza nem o ano nem o lugar do nascimento do poeta» (p. 3). Anos depois, o Prof. A. J. da Costa Pimpão diz, igualmente, que «não sabemos ao certo quando nasceu o Poeta» e, relativamente a Lisboa, além da notícia de Pedro de Mariz, «nada mais se apurou de concreto» [«Rimas de Luís de Camões», 1943; pp. 5 e 6]. A análise e revisão do assunto pelo Dr. Salgado Júnior, em *Luís de Camões/Obra Completa*, p. XXXV, permitem a afirmação de que «fica Lisboa com todas as probabilidades de ter sido a terra natal de Luís de Camões.»

A este respeito vejam-se ainda: Prof. Hernâni Cidade — «Luís de Camões * O Lírico» (2.ª edição revista e ampliada;

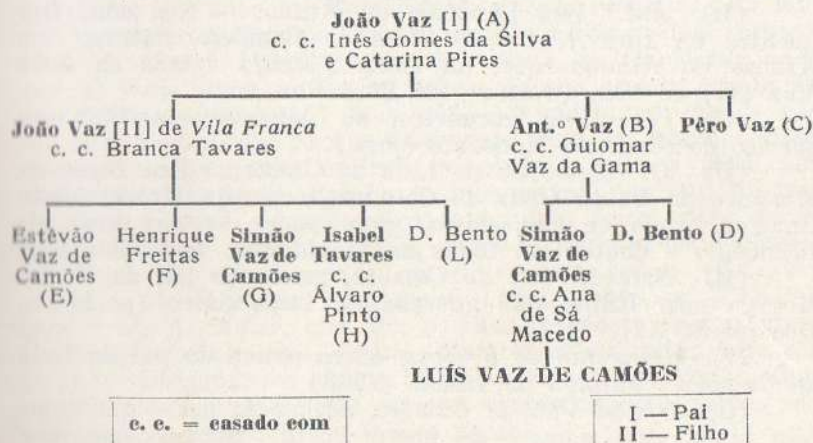
Livraria Bertrand — Lisboa, 1952; pp. 8-9); Dr. J. A. Lucas («Sonetos de Luís de Camões», p. 18) e Prof. H. Meier («Ensaio de Filologia Românica», 1948; p. 210).

Acerca da data do nascimento de Camões, consultem-se: PROF. HERNÂNI CIDADE — *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa* (pp. 425-426 do vol. VII, 1940-1941); DR. ALFREDO PIMENTA — *Cultura portuguesa, cultura estrangeira* (Diário de Notícias, 16-VI-1941); DR.ª D. AUGUSTA GERSÃO VENTURA (Estudos em diversos jornais); MÁRIO SAA — «As Memórias Astrológicas de Camões» (Ed. da Empresa Nacional de Publicidade, 1940). Jornais: SUPLEMENTO LITERÁRIO do *Diário de Lisboa*, n.ºs 133-134-136-138-139-140-142-143-144-145-146-148-149-150-151-154; DIÁRIO DE LISBOA, n.ºs 5493-5499-5501-5511-5574 (numa das tiragens); DIÁRIO DE NOTÍCIAS, n.ºs 25 853-25 866-25 872; GAZETA DE COIMBRA, n.ºs 3749-3751-3752; A Voz, n.ºs 3939, 3981, 3991, 3992, 3993, 3995, 3997, 4002, 4004, 4006, 4064; BAZAR (d'A Voz), n.º 13 (Ano III); O COMÉRCIO DO PORTO, n.º 42 (Ano LXXXIII); SEMPRE-FIXE, de 17 de Março e 26 de Maio de 1938; HUMANIDADE, n.º 62; Dr. A. Salgado Júnior, *Luís de Camões/Obra Completa* (1963), p. XXXV.

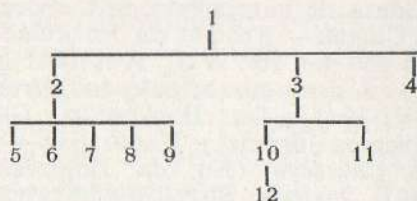
³ Segundo o sábio alemão Storck.

⁴ Vide: Prof. H. Cidade — «Camões — A Vida e a Obra Lírica», p. 6; Prof. Costa Pimpão — *op. cit.*, pp. 6, 7, 8. Nesta última obra e em «Luís de Camões — O Lírico» (2.ª ed., 1952), pelo Prof. H. Cidade, existem valiosos esquemas genealógicos, a pp. 7 e 6, respectivamente.

Da família de Camões sabe-se, presentemente, o que segue:



ESQUEMA destinado a inteira compreensão do quadro genealógico que fica na página anterior.



Se, por hipótese, 1 é PAI de 2, 3 e 4; 3, de 10 e 11; 10, de 12, temos:

5, 6, 7, 8 e 9 — FILHOS de 2;

10 e 11 — FILHOS de 3;

5, 6, 7, 8 e 9 — PRIMOS de 10 e 11;

12 — FILHO de 10; NETO de 3; SOBRINHO de 11; PRIMO (2.º grau) de 5, 6, 7, 8 e 9.

Breves notas biográficas (tomadas de «Novos Subsídios para a Biografia de Camões» (1936) por J. Pinto Loureiro).

(A) João Vaz [I], bisavô de Luís de Camões, Catarina Pires e João Vaz [II], filho daquele, em 1505, «estavam em Coimbra, onde tinham residência, ela seguramente na sua casa da Rua do Deão, e o filho no Paço do Bispo» (p. 60 do estudo de J. Pinto Loureiro acima referido).

(B) Ant.º Vaz [António ou Antão. — Nos doc., frequentes as abrev.], avô de Luís de Camões. Esteve, com Afonso de Albuquerque, na Índia (*ibid.*). Irmão de João Vaz [II] de Vila Franca e de Pêro Vaz.

(C) Pêro Vaz, escudeiro, no Algarve, em 1530, ao serviço do conde de Monsanto (*ibid.*).

(D) D. Bento, tio de Luís de Camões. Era frade do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, em cuja Universidade tinha o ofício de *Cancelário*, «com poder de dar grau de licenciado e doutor em todas as faculdades» (pp. 38 e 68).

(E) Estêvão Vaz de Camões, primo do pai do Poeta. Morreu «em Itália, nas guerras do Imperador» (p. 116 — Documento XI).

(F) Henrique de Freitas, outro primo do pai de Luís de Camões. Faleceu na Índia. (*Ibid.*)

(G) Simão Vaz de Camões, primo do pai — que também tinha este nome — do nosso Poeta. Sabe-se que, por

ter violado a clausura do Mosteiro de Santana, foi condenado a degredo. Andou fugido. Morreu, porém, gloriosamente, ou durante a batalha de Alcântara, de 14 de Agosto de 1580, ou por nela ter sido ferido, combatendo por D. António (p. 63).

(H) Isabel Tavares, irmã dos anteriores que seguem: E, F e G, assim como de (L). Era «filha de boa gente mas de viver modesto» (p. 72). Não sabia escrever, como se vê na parte final de uma escritura de 1550, onde se afirma que alguém «asynou por si e por a dicta Isabel Tavares a seu Rogo por nã saber asynar» (pp. 112-113). Poderia o Poeta dirigir poesias de compreensão difícil, como já se pretendeu, a tal prima, tão pouco culta? O certo é que Isabel contraiu matrimónio, entre 1550 e 1552, com Álvaro Pinto (pp. 73-74). Faleceu no últ. quartel do séc. XVI (p. 84).

⁵ Dr. J. de A. Lucas — *op. cit.*, p. 27: «datas prováveis». Observamos que algumas destas datas vêm incluídas nas «Datas conhecidas» da obra do Doutor A. J. Saraiva — «A Lírica de Camões», Lisboa, 1940, p. 4.

⁶ Prof. H. Cidade — «Camões — A Vida e a Obra Lírica», p. 67.

⁷ Nas «Rimas de Luís de Camões» (p. 31, nota I), o Prof. C. Pimpão observa que o «tema dos olhos verdes é velhíssimo na lírica portuguesa» e que, nas redondilhas comentadas, há «de novo e de finamente observado» o ter o Poeta convertido «em elemento de beleza o que é tido por senão». Entretanto, não podemos deixar de aqui transcrever a opinião de Theodor Heinemann a este respeito: «O louvor mais subido jamais dispensado aos olhos verdes saiu da boca do maior Poeta português — Luís de Camões»; «não porque visse olhos verdes *in natura* na sua amada (quem, de resto, teria sido esta?) mas, pelo contrário, porque os não via nem podia ver, porque eles eram algo de estranho e de maravilhoso em uma mulher imaginária, bela a mais não poder ser, um ideal distante e inatingível, por isto foi que os exaltou, como tantos outros o haviam feito antes de si. Firmemente se admitia então, segundo os cânones tradicionais, que os olhos verdes eram os mais belos» (cit., nos «Ensaio de Filologia Românica», Lisboa, 1948, pp. 196-197, pelo Prof. A. Meier, que, *ib.*, p. 194, apresenta três interessantíssimas conclusões daquele ilustre investigador, que diz na 1.ª: «Segundo os dados da moderna oftalmologia, olhos perfeitamente verdes, tais como a esmeralda ou a relva, não existem nos humanos». — Itálico nosso).

Esclarece-se, por outro lado, no *Panorama da Ciência Contemporânea* (Bibl. Cosmos), vol. II, p. 86, que a íris humana contém «células pigmentares, cujo número, pode aumentar, quando a luz é forte, ou diminuir, quando o olho necessita de toda a luz possível. E, assim, temos os olhos negros dos habitantes do sul (olhos ricos, em pigmento para mitigar a acção da luz) e olhos azuis dos que vivem nas terras menos iluminadas do norte, e ainda todos os outros tons intermédios e combinações destes».

⁸ «Os Lusíadas», X, 154.

⁹ Prof. C. Pimpão: «A Personalidade de Camões», Coimbra, 1949, p. 8; «Teria Camões lido Platão?», pp. 7-8. Da síntese apresentada por Storck acerca da infância de Camões, julgo ficar de pé, provavelmente, o ter sido «influido por um meio-primo [?] teimoso, sobranceiro e valentão, gozando depois da protecção de um tio, sacerdote douto, venerável, ascético, fradesco, em alta posição» (trad. de D. Carolina — *Vida e Obras de Luís de Camões*, p. 189).

¹⁰ Recentemente, em «Estudos sobre a Cultura Portuguesa do Século XVI», 1947, o Prof. Joaquim de Carvalho, no cap. *Estudos sobre as Leituras Filosóficas de Camões*, verifica, de novo, «a assombrosa variedade dos seus [de Camões] conhecimentos» (p. 247).

¹¹ Esta Senhora teria sido a grande paixão do Poeta, segundo o Prof. J. M. Rodrigues. O Dr. J. de A. Lucas, em trabalho de 1942, segue esta opinião («Sonetos de Luís de Camões», p. 21), achando-a até «sedutora», embora mais ou menos falível por tais «presunções» «não serem confirmadas por documentos» (p. 31). António Sérgio, porém, critica duramente a argumentação daquele Prof. («Ensaio», vol. IV), considerando, ainda em 1940, os respectivos «alicerces» «cousas extremamente vagas» (ed. d'«Os Lusíadas», p. 10). Menos severo, o Prof. Cidade diz que, «não sendo aquela hipótese absurda em seus fundamentos morais ou históricos, também a não poderemos considerar como a única explicativa dos versos alegados para a demonstrar ou dos desterramentos que [Camões] parece ter sofrido» («Luís de Camões. A Vida e a obra Lírica», Lisboa, 1943, p. 13). O Prof. Pimpão, todavia, concluindo o exame destes e dos restantes casos sentimentais, escreve: (...) «se Camões, na verdade, amou, se fez de uma mulher (qual...?) a eleita de seu coração e se a esta dirigiu uma boa parte de seus poemas, é ponto que já não poderá ser capazmente dilucidado, a menos que surja

uma circunstância imprevisível». — «Rimas de Luís de Camões» (Ed. de 1953), p. LXXII.

¹² O Dr. J. de A. Lucas, no entanto, julga ainda ter sido Camões *desterrado* (em sentido jurídico), com *residência fixa no Ribatejo* (op. cit., p. 21).

¹³ Por ordem cronológica: Prof. Cidade («Luís de Camões. I — O Lírico» pp. 26 a 38; 1936); António Sérgio (ed. d'«Os Lusíadas», pp. 11 e 12; 1940); Prof. C. Pimpão («Rimas de Luís de Camões», p. 9; 1943).

¹⁴ Dr. J. de A. Lucas, op. cit., p. 21 — Segundo o Prof. M. dos Remédios, a partida para África verificou-se em 1547 (H. L. P., p. 140).

¹⁵ Prof. C. Pimpão — «Rimas de Luís de Camões», p. 10.

¹⁶ Prof. C. Pimpão — «A Person. de Camões», p. 9.

¹⁷ António Sérgio — ed. d'«Os Lusíadas», p. 11.

¹⁸ Prof. C. Pimpão — «Rimas de Luís de Camões», Lisboa, 1943, p. 10. — Assim pensava também António Sérgio (ed. d'«Os Lusíadas», Lisboa, 1940, p. 12): «Camões era pobre, e o génio poético não isentava alguém das necessidades vitais de toda a gente. Por consequência, também nos não parece que este segundo «desterro» nos imponha a necessidade de uma explicação romântica».

²⁰ O Prof. Mendes dos Remédios pergunta: «Que se passara naquele cérebro durante a estagnação forçada de perto de um ano adentro dos muros silenciosos do seu cárcere? O estudo, a meditação, a leitura, chamá-lo-iam à responsabilidade do aproveitamento das suas aptidões naturais? Cair-lhe-iam nas mãos as narrativas da Índia, onde se sentia toda uma cavalcada de heróis, essas belas páginas de sentida eloquência histórica, de Fernão Lopes de Castanheda e de João de Barros? *A História do Descobrimento da Índia pelos Portugueses* daquele ou a *Década Primeira* deste iriam lembrar ao prisioneiro a lacuna, que havia a preencher na Poesia de Portugal, de cantar os novos Eneias, não menos merecedores dum novo Virgílio?» («Camões, Poeta da Fé», 1924, p. 10). O Prof. Júlio Nogueira atribui, porém, importância excepcional à primeira contemplação do mosteiro da Batalha, na viagem de Coimbra para Lisboa: então, «sentiu despertar no seu peito de poeta e de soldado o desejo de cantar os heróis de Portugal. Esse desejo vago depois se corporizou no sonho magnífico que lhe deu a celebridade» (Ed. d'«Os Lusíadas», 1960, p. 10).

²¹ Faixa da costa ocid. da Índia, entre os Gates e o mar, desde o Canará ao cabo Comorim.

²² Recorde-se a elegia «O Poeta Simónides», sobretudo vv. 148-165. — Esclarece o Prof. C. Pimpão que esta composição «foi escrita pouco depois de [Camões] chegar à Índia» [«Rimas de Luís de Camões», p. 95, nota I].

²³ Elegia mencionada no n.º anterior, vv. 151-156.

²⁴ Mesma elegia, vv. 163-165.

²⁵ Dr. Luís da Cunha Gonçalves — «Camões não esteve em Macau» (1928), p. 40.

²⁶ No golfo de Adem, na África Oriental.

²⁷ Canção *Junto de um seco, fero e estéril monte*, vv. 99-105.

²⁸ Dr. Luís da Cunha Gonçalves — «Camões não esteve em Macau» (1928), pp. 40, 50, 63-64.

²⁹ Dr. Luís da Cunha Gonçalves — «Camões não esteve em Macau» (1928), p. 68. — Segundo este A., Camões costuma designar Goa por Babilónia: ali estava o Poeta preso (como cativos haviam estado outrora os Judeus, na metrópole caldaica); por Goa vão os rios Mandovi e Zuari (como, por Babilónia, o Tigre e o Eufrates); dali, Lisboa e Portugal seriam para o Poeta o mesmo que Sião e Jerusalém para os Hebreus: terra pátria e saudosa (*ib.*, p. 66). Vide, também, Dr. António Corrêa de A. Oliveira — *O salto brusco de Sião a Jerusalém na «Sóbolos rios»* (em «Estudos», Coimbra, Junho-Julho de 1947). Mário Martins (*Brotéria*, Abril de 1951: «Babel e Sião», de Camões, e o pseudo-Jerónimo), entretanto, diz acerca da fonte da bela composição: (...) «por que motivo expôs Camões este platonismo literal, sem medo nenhum?

Por um motivo muito simples: na sua época, com o nome prestigioso de S. Jerónimo, corria um famoso comentário aos salmos, em latim, chamado *Breviarium in Psalterium*. Muito boa gente tomava esta obra por autêntica, no tempo de Camões. Alguns duvidavam e outros consideravam-na apócrifa. Porém, as edições antigas pouco ou nada se preocupavam com essas hesitações dalguns raros eruditos. E assim, Camões leu, neste pseudo-Jerónimo, o comentário ao salmo 136, de interpretação nitidamente platónica (...). O poeta leu e não se incomodou muito com subtilezas teológicas. Não vinha o tratado sob o nome de S. Jerónimo? E desta forma nasceu uma das nossas mais belas poesias!» (p. 395).

³⁰ *Década VIII*.

³¹ Cf. «Sóbolos rios».

³² «Os Lusíadas», X, 144.

³³ Há duas edições com esta data: uma que se designa por *E* e (do verso «E entre gente remota edificaram»), outra por *E* (da variante do mesmo verso sem conj. coord. copul.). Acerca do problema, cf. Prof. H. Cidade — «Luís de Camões. II — O Épico», pp. 208-215, e Dr. José Bruno Carreiro — «O lugar da conjunção E na primeira estância dos «Lusíadas»» (in «O Primeiro de Janeiro», de 10 de Junho de 1953).

³⁴ Divergem os historiadores literários a respeito do valor dessa tença. O Prof. H. Cidade sustenta ter sido «exíguo prémio que lhe [a Camões] foi dado, na data em que o mesmo Rei conferia ao filho de João de Barros, pelos serviços do Pai, a tença de 150\$000» (...) — «Camões — A Vida e Obra Lírica», p. 20; para o Doutor A. J. Saraiva, igualmente, seria «uma insignificante tença (...) que o não livrou da fome» — «História da Literatura Portuguesa», Lisboa, 1950, p. 53. Já o Prof. T. Braga, aliás de conhecido espírito económico, considerava «miseráveis» aqueles 15\$000 — «Hist. da Liter. Port. — Segunda Parte», Porto 1914, p. 479. Pelo contrário, o Prof. C. Pimpão julga que aquela «pensão de 15\$000 réis (...) não era tão insignificante como pode pensar-se» — «Rimas de Luís de Camões», 1943, p. 12; e, finalmente, apoiado em J. Lúcio de Azevedo, o Dr. J. de A. Lucas afirma: ... «aquela tença equivalia aproximadamente a 4 500\$00 da nossa moeda actual. Seja como for, ou porque a tença lhe fosse paga muito irregularmente, ou porque o Poeta desbaratasse imprevidentemente a sua pensão, a verdade é que, a crer na tradição, Camões teria passado os últimos tempos da sua vida em grandes dificuldades, abalizando pela miséria». — «Sonetos de Luís de Camões», 1942, p. 26. — O egípcio é nosso.

O problema é assaz delicado, como se vê. Contentar-nos-emos, pois, somente com duas informações muito importantes:

1) A tença era *anual*;

2) A tença «equivalia a 4 500\$00 da nossa actual moeda».

O Poeta poderia contar, por consequência, com o equivalente, na nossa actual moeda, a 375\$00 por mês — conclusão positiva e que dispensaria comentários, se não existisse a exaustiva demonstração do Prof. Guilherme Storck, que

analisou longamente o valor da moeda e o preço dos mantimentos, naquela época (*Op. cit.*, pp. 702-704).

³⁵ Ementa (= rol com rezas por alma de alguém) encontrada por Juromenha, no Tombo (I, p. 172, doc. K).

O Doutor A. J. Saraiva, porém, em trabalho recente, escreve: «Morreu sem família cerca de 1579» (...) — «Hist. da Liter. Port.», 1950, p. 53. Segue a Jordão de Freitas — *Diário de Notícias* de 10 de Junho de 1913. Vid. também Prof. Mendes dos Remédios — *Hist. da Liter. Port.*, p. 143. Em sua ed. da Epopeia, de Paris, 1836, Dom José Maria de Sousa-Botelho, Morgado de Mateus, aceitara já esta data de 1579 (cf. pp. LXIII-LXIV). Fundam-se no epitáfio que D. Gonçalo Coutinho mandou gravar na campa. O Prof. Júlio Nogueira, entretanto, considera «argumento irrecusável» em favor de 10 de Junho de 1580 uma ordem de pagamento relativa à tença do poeta, onde se diz que a morte se verificou nesta data (*op. cit.*, p. 13). O Dr. A. Salgado Júnior, *op. cit.*, p. LV, conclui: «foi reposta a data autêntica: 10 de Junho de 1580.»

³⁶ É problemático o serem os ossos, que ali se encontram, realmente, de Camões. Vid., por ex., Francisco Gomes de Amorim — *Os Lusíadas de Luís de Camões*, LX, 1889, vol. II, p. 332 e ss.. Resume o grande biógrafo Storck: «Sem salmos, nem acompanhamentos, levaram o corpo morto [de Camões] embrulhado, porque nem caixão teve, à próxima igreja de Santa Ana, onde foi lançado apressadamente, como outros mortos de peste, no carneiro subterrâneo, está claro que sem pôrem sinal algum em que mais tarde fosse possível reconhecer o cantor dos *Lusíadas*, o imortal glorificador de Portugal.» (*Op. cit.*, p. 730).



CAPÍTULO II

INTRODUÇÃO LITERÁRIA

A — TENDÊNCIAS ARTÍSTICAS E LITERÁRIAS NA EUROPA CONTEMPORÂNEA DE CAMÕES.

No capítulo precedente procurámos resumir o que de essencial interessava e se podia conhecer da vida de Camões; mas não nos detivemos na indicação e análise das tendências europeias que, não deixando de pairar na atmosfera cultural do seu País, certamente lhe orientaram em direcções, que procuraremos expor, o espírito.

A vida do Poeta, vimo-la, situa-se dentro do séc. XVI. Lancemos, por isso, um olhar atento a alguns aspectos da cultura da Europa, nesse tempo—naquilo em que principalmente se projecta n'«Os Lusíadas».

É um dos grandes períodos da História da Civilização—o Renascimento.¹

Precedido de uma série de ocorrências que, em grande parte, dele explicam as características fundamentais, o Renascimento reúne as experiências provenientes da revelação de dois mundos — o descoberto pelos humanistas, que exumam os pergaminhos dos tempos clássicos, sem desprezar a

interpretação dos restos das gloriosas civilizações extintas; e o mundo terrestre (com novas raças, costumes, religiões, etc., etc.), — «por mares nunca de antes navegados», sob novas estrelas —, que estava para além do conhecimento dos homens de outrora...

Cruzadas (sobretudo as do Oriente); fulgurantes invenções dos tempos medievais²; larga utilização da bússola (que torna possível a navegação em mares remotos); chegada de papel barato³ (que vem substituir o caríssimo pergaminho), a uma relativamente pequena distância, no tempo, da invenção da imprensa... — tudo parece confluir para esta grande época de que Camões é, pelo menos em Portugal, expoente sem par.

Mas o Renascimento não guardará *apenas* — nem *sempre* — estas notáveis heranças da Idade Média. Na Itália — donde, principalmente, irradia a nova cultura para o resto da Europa —, começara uma grande transformação desde a primeira metade do século XIV, que deixará numerosos embriões para os tempos futuros: «enfraquece-se a fé, debilita-se o pensamento do Infinito, tornam-se mais agudos no homem o desejo e a curiosidade de conhecer-se a si próprio, reafirma-se a dignidade do próprio espírito humano: vão-se concretizando as características daquela época⁴ que, pelo seu interesse pelas *humanæ litteræ*, foi chamada **Humanismo**»⁵. Este implica «um esforço para conhecer a cultura clássica (donde erudição, crítica dos textos, etc.)» e «um esforço para integrá-la na vida, para desenvolver, por ela, as faculdades mais nobres do homem»⁶. Pouco a pouco, este duplo esforço conduz, muitas vezes, o espírito a uma atitude estranha: provoca admiração intensa pelos valores da antiga cultura

pagã, na medida em que esta passa a ser revivida, e, por outro lado, permite a muitos homens deste tempo (sem que nisso vejam eles próprios contradição ou, vendo-a, se preocupem, geralmente, com ela) continuarem a crer-se bons cristãos e católicos — na prática dos ritos, que não na vida santa do Evangelho —, enquanto fazem, simultaneamente, da arte um absoluto, do estudo das letras, vida e costumes clássicos uma idolatria. O próprio Papa Leão X, pontífice de 1513 a 1521, não pôde, inteiramente, subtrair-se ao encanto desta corrente poderosa⁷.

Aquela admiração (de que falámos acima), modificando até a concepção da vida, tinha, fatalmente, de modificar as concepções artísticas. A admiração converte-se em desejo de imitação que, por sua vez, na república das letras, determina um aspecto saliente da arte do Renascimento: «*poesia perfeita = perfeita imitação* dos modelos clássicos, antigos ou modernos que sejam»⁸.

E somos chegados à última fase da transformação: o culto dos *modelos*, num progressivo desinteresse pelo *conteúdo*, pela mensagem artística, acompanhado, pelo contrário, de um crescente entusiasmo pela *forma* — origina o que se exprime pela célebre fórmula do Renascimento: *Arte pela Arte*.

*
* *
*

«Camoëns nous étonne (...) par la noblesse classique de son art et par l'ardeur romantique de son patriotisme.»

Prof. Dr. Eugénio de Castro.

Vejamos agora em que medida se revela Camões, n'«Os Lusíadas», um homem do seu século, um artista renascente.

Antes de tudo, porém, esclareçamos que o nosso Poeta não podia aceitar, incondicional e ilimitadamente, estas doutrinas. Como cristão, via o perigo imenso que pesava sobre a Europa e a Civilização — o avanço trágico dos Maometanos; como português, não podia conter nos limites do próprio coração o orgulho de quanto ficava o Mundo a dever ao «peito illustre lusitano». Sentia — antes e acima de todo o resto — a obrigação de lutar, tanto com a pena como com a espada; e, ora em reparos de cara cerrada, ora pela ironia superior, criticava tudo quanto lhe parecia mal — desde os vícios universais (como a sede do ouro) até o indigno viver, inútil ou perverso, dos que se deixavam ficar pelo conforto da corte⁹, o desinteresse pelos artistas¹⁰, o procedimento dos próprios Reis¹¹, a política de quase todos os povos europeus: o «duro Inglês», o «Galo indigno», os «miserios Cristãos» que habitavam desde Navarra a Nápoles, esquecidos do perigo ingente que a todos ameaçava: o Turco.¹²

«Os Lusíadas», prenhes desta mensagem severíssima e alta, não puderam, pois, ser tocados, no âmago, pelo imperativo seu contemporâneo de *Arte pela Arte*; mas acusam, de maneira notável, uma consciência agudíssima das grandes directrizes culturais da época — que, em geral, se apresentam como reverso das que haviam orientado o homem medievo.

Analisemos. Primeiramente, o orgulho no pensamento e na acção *individual*, que culmina na deificação dos heróis¹³, em um e outro caso, característica dos heróis cantados e do próprio cantor — constante que é fácil reconhecer comum, pelo menos, aos grandes homens do tempo.¹⁴

Em segundo lugar, o desenvolvimento dado no poema à *sensualidade pagã*¹⁵. Exemplos mais signifi-

cativos: retrato de Vénus (II, 37); atitudes desta deusa (II, 38-41) e de Júpiter (II, 42); manifestações da paixão amorosa de Adamastor por *Thetis* (V, 52, 53 e 55); retrato de Tritão (VI, 16-19); intervenção das nereidas, com o objectivo de domar os ventos (VI, 87-101); a atmosfera de grande parte do canto IX (particularmente: atitudes das ninfas da «ilha de Vénus», seus encontros com os nautas e comentários do Poeta. — Cf., por ex., oitavas 24, 41, 65, 70, 72, 75-82).

O artista renascente¹⁶, que existe, como vemos, em Camões, não fica, todavia, por aqui. Fácil será a quem manusear esta edição surpreender, à entrada das anotações a cada um dos dez cantos, o quanto deve o Épico aos modelos clássicos, desde a traça architectónica à breve sugestão que o trabalho do erudito põe à luz. Além disso, nota-se um cuidado inexcédível pela *forma*, em antecipado e remoto cumprimento do que virá a ser o fulcro da doutrinação parnasiana de Th. Gautier: «L'art robuste / Seul a l'éternité».¹⁷

A este «conjunto de virtudes artísticas», bem patentes em muitos homens do Renascimento, a este esforço para «imitar dos antigos a harmoniosa architectura da composição, a subordinação dos pormenores à ideia do todo, a clara simplicidade estrutural da obra, a nítida e equilibrada perfeição das formas»¹⁸ — dá-se o nome de **Classicismo**.¹⁹

Onde se evidenciam tais virtudes, n'«Os Lusíadas»? — Além das já referidas traça architectónica e sugestões, por vezes menos evidentes, dos modelos clássicos, podemos apontar: o desejo de «dramatizar e transcendentalizar a acção»,²⁰ dando-lhe, pelos latinismos, pela mitologia, pelas perífrases eru-

ditas, a cor clássica; a tendência para pôr discursos acabadíssimos, não raro excessivamente empolados, na boca das várias personagens, sem atenção, por vezes, ao respectivo estado psicológico (caso de Inês de Castro, por ex.) nem à sua condição (caso do reizito negro de Melinde, tão erudito como qualquer humanista).

B—NATUREZA E HIERARQUIZAÇÃO DOS PRINCIPAIS FACTORES DA ATMOSFERA ÉPICA N'«OS LUSÍADAS».

Começemos por recordar duas noções, que interessam ao presente capítulo, tiradas de uma obra há alguns anos aprovada para o Ensino Liceal²¹.

- 1) «Poema épico ou epopeia é a narração de um facto heróico grandioso e de interesse nacional e social, ex.: *Os Lusíadas*.
- 2) Poema heróico é a narração dum facto menos importante e de interesse nacional, ex.: *O Viriato Trágico*.»

O elemento distintivo entre 1) e 2) reside, por consequência, na natureza do objecto do canto: se se trata de «cantar os feitos dum povo que haja contribuído para a realização de acontecimentos que interessem à vida da humanidade»²², temos epopeia; se o Poeta se limita às «façanhas dum varão notável», ou ainda a «qualquer facto histórico ou lendário, embora de ordem secundária, que haja impressionado a imaginação popular»²³, temos o poema heróico.

Naturalmente, epopeia e poema heróico tiveram uma origem comum e participaram das caracterís-

ticas de outros géneros de que hoje se afastam. «Já nos povos primitivos a canção épica se estende das fábulas animais até o canto épico como elemento da epopeia heróica»²⁴; na origem, o poema heróico confundia-se com o romance²⁵, narrativa em prosa ou em verso em língua vulgar (*romance*) e não em latim.»²⁶

Alguns autores preferem caracterizar o género em função da atitude do espírito que encara a realidade objectiva, o objecto do canto. Se essa atitude «é de espanto, se ela quebra os limites normais da realidade sensível ou moral, sobre-humanizado o homem no herói ou no semideus, eis-nos em face da epopeia.»²⁷

Embora seja costume, em obras didácticas elementares, cavar abismos entre o género épico e os géneros lírico e dramático, por ex., convém esclarecer que tais distinções só parcialmente são válidas. Desta forma, não diremos, com Goethe, de modo terminante, que o «poeta épico apresenta a acção como totalmente passada, enquanto o dramático a mostra absolutamente actual».²⁸ Não. Se é certo que o Camões dos *Sonetos*, sendo igual a si próprio, é diferente do Camões de muitos passos d'*Os Lusíadas*, é preciso concordar que «sem a presença do eu do poeta na obra realizada, não há poesia.»²⁹

Acima de tudo, porém, interessa conhecer o conceito de epopeia em que se formou o espírito de Camões». Este «conseguiu realizar o ideal de epopeia que vimos apontar em Zurara e desenvolver-se em Poliziano e João de Barros»³⁰: «um monumento a imortalizar certos feitos mais dignos de memória, e uma maneira de os salvar do esquecimento».³¹ «Camões — embora com inspiração clássica, ao sabor da época — criou a epopeia da Verdade».³²

*
* *
*

Há, evidentemente, um **estilo** correspondente a um certo *conteúdo*. Camões assim pensa, solicitando às Tágides um «estilo grandiloco e corrente», adequado à matéria que enunciara nas primeiras estâncias.

Esse estilo, que é possível considerar de diferentes ângulos de visão, engloba vários processos que passamos a exemplificar: sons — fechados ou abertos, graves ou agudos — sempre ajustados a um ritmo pomposo e solene, alegre ou triste, conforme as circunstâncias; adjectivos escolhidos em função do objectivo enaltecido (não raramente superlativados); as perifrases empoladas, o sábio emprego da comparação³³ dignificante e da hipérbole³⁴; os latinismos³⁵; a oitava rima³⁶...

Semelhante estilo, por si só, no entanto, não poderia criar a atmosfera épica que se respira n'«Os Lusíadas». É preciso estudar os três outros factores dessa atmosfera — que constituem a *matéria épica*, objecto do canto camoniano.

1 — O real grandioso

Tomando em sentido rigorosamente etimológico este título, temos *real*, adjectivo substantivado, de «res, rei» (lat.) = «Facto, realidade (em opos. a *verbum, vox, opinião, rumor*, etc.)»³⁷; e *grandioso* adjectivo qualificativo, de *grandis*, e (lat.) = «Alto; elevado; pomposo; nobre; sublime»³⁸ (em opos. a baixo, mesquinho, medíocre, comum).

Ora, sabido que «Os Lusíadas» são um poema de feitos extraordinários, *na realidade acontecidos*, em torno de um dos mais altos momentos da História

da Civilização — o do contacto entre o Ocidente e o Oriente, «por mares nunca de antes navegados», não é difícil prever, antes até de uma leitura atenta do poema, que à introdução deste *real grandioso* deve a atmosfera épica a mais considerável e melhor parte: é, em si, espectacular, perturbante ainda hoje (para um leitor suficientemente integrado na época em que a acção decorre) — não simples feito de dois homens que, em certo momento, resolvam deixar a Pátria para uma acção que os immortalize (mesmo que eles se chamem Gago Coutinho e Sacadura Cabral): é a abalada de uma grande multidão, saída das várias camadas populacionais, que há séculos se agita no desejo de levar a cabo a grande Viagem... «Os Lusíadas» cantam esta multidão, «o peito ilustre Lusitano», já em movimento, recordando os casos de Marte e de Vénus, normalmente ligados com o fulcro-escol dessa multidão: as pessoas dirigentes da Casa Lusitana.

Observemos de mais perto, precisando, o que enunciámos há pouco: — o *real grandioso*, de que se ocupa Camões e diz respeito a dois mundos:

- **mundo material**, abrangendo os grandes *fenómenos* observáveis pelos sentidos: batalhas, cercos, embaixadas, tempestade, tromba marítima...;
- **mundo moral**, reunindo os estados psicológicos das *pessoas* que participam na acção ou durante ela são recordadas ou pressentidas em profecia:
 - a) PERSONAGENS ACTIVAS, MÁSCULAS, IMPE-TUOSAS, ÉPICAS, v. g.: D. Afonso Henriques, D. Nuno Álvares Pereira;

- b) PERSONAGENS CUJA ACÇÃO É PRUDENTE, REFLECTIDA, v. g.: Egas Moniz, Martim de Freitas;
- c) PERSONAGENS INDIRECTAMENTE ACTIVAS, v. g.: Maria, filha de D. Afonso IV;
- d) PERSONAGENS PASSIVAS, DOMINADAS POR SENTIMENTOS ELEVADOS, v. g.: Inês de Castro.

Cumpre-nos, neste momento, lembrar que aquele *mundo material* pode ser transfigurado pela hipérbole e este *mundo moral* valorizado pela comparação. Em caso nenhum, porém, saem esses mundos, por estes motivos, alterados substancialmente, quando em confronto com a verdade histórica que lhes corresponde.

2 — O irreal mítico

Para Camões, bom humanista, este factor não poderia ser, em sua epopeia, de importância secundária: esses deuses e ninfas — que a concepção cristã da vida, no Poeta, obriga a uma autodestruição no canto IX (oitavas 89-92) — foram outrora uma explicação racional, bela e susceptível de tornar-se sublime, da Natureza silenciosa. No espírito do Poeta renascente, cabem, lado a lado, a crença cristã e a *compreensão* do sentido profundo das velhas crenças extintas. Não são símbolos mortos, deuses de louça como os de Saxe, aqueles que ali sentimos frementes, atordoados de paixões humaníssimas, interessados na gesta Lusa. São deuses do paganismo destronado pela Religião de Jesus; mas *foram*, no mundo antigo³⁹, tentativa de explicação dos mistérios em que o homem jazia mergulhado. Existiram, na verdade, enquanto existiram espíritos que sinceramente neles acredita-

ram. A comédia divina parece que o Poeta a criou com o objectivo único de engrandecer os homens, os Portugueses, mandando as divindades novamente embora das nossas mentes, obrigando-as a declarar a autofalsidade, passado o momento culminante da imortalização dos heróis pelo casamento com as ninfas. Na realidade, porém, os «deuses são (...) com os seus caprichos, a sua agitação, os seus planos e manhas, os verdadeiros homens³⁹», n'«Os Lusíadas», e, além disso, a «mesma Natureza personificada⁴⁰».

Os seres deste universo mítico podem agrupar-se assim:

- a) OS QUE DECIDEM, SUPERIORMENTE, DOS ACONTECIMENTOS. Estão neste caso Júpiter e Neptuno.

Os dois consílios⁴¹ — o do Olimpo e o do Oceano — correspondem aos dois momentos máximos da actuação de um e de outro deus, pontificando cada um deles, nas assembleias que reúnem, em número considerável, as divindades interessadas na gesta humana.

Neptuno é o antípoda de Júpiter: o que este determinara, já por ser «dos fados grandes certo intento», já pela eloquência da feiticeira Vénus, fica prestes a ser destruído pelo deus do tridente, convidado a agir pelo invejoso Baco... Neptuno e Júpiter — um no fundo do Oceano, outro no alto do Olimpo — são os Juizes do Supremo nesta pendência cósmica; mas, enquanto um deita uma bola branca, entre carícias, o outro arremessa uma bola preta, com fúria...

Vénus, Marte, Baco actuam em planos inferiores. *Vénus* e *Baco* guardam uma relativa autonomia (plena, quando fora da esfera rigorosamente olímpica), enquanto *Marte* é pouco mais que um conselheiro de *Júpiter*, segundo as predilecções de *Vénus*.

- b) OS QUE SUAVIZAM A ABUNDÂNCIA DE TANTOS FEITOS RUDES, v. g., as nereidas, as ninfas — que também têm a função de glorificadoras, imortalizadoras dos Lusitanos — seres a cuja graça e intervenção se deve muito do equilíbrio que notamos na trama mitológica: suavizam, temperam, no plano do irreal, as escuras insídias de *Baco*, as fúrias de *Noto*, *Éolo*, etc., como no plano do real as jovens *Maria* e *Inês* enternecem a alma de quem é convidado a pôr os olhos no semblante feroz do batalhador do Salado...

- c) OS QUE VALORIZAM A GESTA LUSA.

— Aqui surgem-nos duas espécies:

- os que actuam contra os Portugueses e, finalmente, vencidos, se tornam elementos glorificadores da nossa gente ousada. É o caso de *Baco* e o de *Adamastor*;
- os que juntam a sua contribuição à dos da espécie anterior, unindo-se intimamente à vida dos heróis. É o caso de *Tethys* e das *ninfas* da «ilha de *Vénus*».

- d) OS MENSAGEIROS, v. g. *MERCÚRIO* (II, 56-59), *TRITÃO* (VI, 16-19).

3 — O milagre ⁴²

A ruptura do véu de bruma que, para o comum dos mortais, parece separar o chamado «mundo contingente», do «Além» (da presença de algo atribuído ao «Além») é sempre motivo de *espanto* para quem dela tem consciência, mesmo através dos olhos a que as musas emprestam qualquer coisa como uns raios X... Pelo menos por esse motivo o milagre é um factor de atmosfera épica, e Camões não o desprezou. Por outro lado, fora larga a importância concedida à mitologia, n'«Os Lusíadas», e seria, com certeza, prudente incluir milagres cristãos numa obra que teria de sair «com licença da Santa Inquisição» (como se lê na portada da 1.^a ed.), que, em fins de Outubro de 1572, proporcionava a D. Sebastião, em Évora, um auto-de-fé, «de que ficou grande fama», pois foram queimados, no mesmo dia, dezoito réus. ⁴³

Exemplos: c. III, 74; c. IV, 3; c. VIII, 18, 23, 24; c. X, 115...

Obs. — Outros *milagres*, porém, haveria, particularmente para Camões e talvez para a maior parte dos homens do século XVI: o da *tromba marítima*, por ex., «milagre e cousa, certo, de alto espanto» (c. V, 18).

C — NOÇÕES LITERÁRIAS relacionadas com a ESTRUTURA d'«OS LUSÍADAS».

1 — NOÇÕES

Acção numa epopeia: «série de acontecimentos ligados por meio de relações de causa a efeito, de

modo a criar uma *intriga* que tem um começo, um desenvolvimento e um desenlace» (44).

Intriga: «encadeamento dos factos e das acções, o qual conduz ao desenlace». «Pode resultar do jogo das paixões ou nascer de acontecimentos exteriores» (44).

Em Camões, «a acção da epopeia concentra-se engenhosamente em volta do facto típico da história pátria — a viagem de Vasco da Gama» (45).

Cantos: «as principais divisões materiais ou partes de um poema» (46).

Episódio (em geral): «acção acessória ligada à principal» (44). «Os episódios — escreve o Morgado de Mateus — são um ornato essencial da Epopeia» (47).

Maravilhoso: «tudo o que provoca a admiração pela surpresa» (44). Espécies: *m. pagão*: aquele em que intervêm os deuses da mitologia. *M. cristão*: aquele em que intervém o sobrenatural do cristianismo.

Profecia (por ext.): «Qualquer predição de um acontecimento futuro» (48). Pelo lat. *prophetia*, do gr. *προφητεία* (= acção de interpretar a vontade dos deuses; dom de profecia. // Explicação da Sagrada Escritura).

2. — Estrutura do Poema

Segundo o Prof. Jorge de Sena — e ninguém o excedeu, parece-nos, na compreensão superior de como se estrutura, esteticamente, a epopeia — “Os Lusíadas” (...) são «não só um prodígio de arte narrativa, como um prodígio de *arquitectura significativa*». (49). Utilizando o seu belíssimo ensaio, elaborámos um modesto esquema que oferecemos aos estudiosos. De um modo geral, a preto, escrevem-se os factos reais, históricos, narrados directamente pelo Poeta, e excursos pessoais; a verde, os míticos; a azul, os históricos da narração do Gama; a vermelho, os de natureza profética. Quando não indicam *totais*, os números correspondem às *estâncias*.

PRIMEIRO CICLO ÉPICO—(Constituído pelos primeiros cinco cantos)

CANTO I (106 estâncias)	Propos. Invoc. Dedic. Narr.	1.º Consílio: o do Olimpo 20 - 41	1.ª profecia de JÚPITER 28, principalmente	• Navegação no Índico • Ilha de Moçambique • Noite de luar • Visita do régulo (inspirado por Baco). • Ataque traiçoeiro	VÊNUS afasta a armada da costa de Quíloa com «ventos contrários» 100	• Novas tentativas do Mouro • Nova intervenção de VÊNUS • chegada a Mombaça (como Rei Baco «muito avisara»)	Exclamações do Poeta MEDITAÇÃO MORAL			
CANTO II (113 estâncias)	• Convite insidioso do rei de Mombaça	• Desembarque de dois condenados portugueses	BACO, fingindo de sacerdote cristão, engana estes dois portugueses, que, por isso, trazem informações falsas. 10 - 15	VÊNUS e as NEREIDAS opõem o peito às naus, impedindo-as de entrar no porto de Mombaça. 18 - 24	• Piloto e companheiros mouros fogem precipitadamente 25 - 28	• Súplica do Gama à «DIVINA GUARDA» 29 - 32	VÊNUS sobe ao Olimpo e queixa-se a JÚPITER. 33 - 41	JÚPITER vaticina feitos gloriosos aos Lusos (2.ª profecia) 44 - 55	MERCÚRIO é enviado à TERRA 56 - 63	• Partida da armada. • Chegada a Melinde. • Manifestações de contentamento. • Visita do Rei de Melinde e seu pedido.
CANTO III (143 estâncias)	Invocação a CALÍOPE	• Início do discurso de Gama	• Descrição da Europa • História primitiva (de Luso a Viriato).	• Conde D. Henrique • D. Afonso Henriques (Egas Moniz, Ourique) • D. Sancho I • D. Afonso II • D. Sancho II • D. Afonso III • D. Dinis	D. Afonso IV	Visita de D. Maria 101-106	SALADO 1.º episódio 107-117	INÊS DE CASTRO 2.º episódio 118-135	• D. Pedro I 136-137 • D. Fernando 138-143	
CANTO IV (104 estâncias)	Interregno, após a morte de D. Fernando	D. João I	Discurso de Nuno Álvares	ALJUBARROTA 3.º episódio 28-44	Conquista de Ceuta • D. Duarte • D. Afonso V • D. João II	D. Manuel I	SONHO PROFÉTICO (3.ª profecia) 67-75	Conselho de Estado. • D. Manuel confia ao Gama o descobrimento do caminho marít. para a Índia. • Adeuses em Belém.	VELHO DO RESTELO 4.º episódio 94-104	
CANTO V (100 estâncias)	• chegada de Lisboa • Viagem e seus acidentes — Cruzeiro do Sul — Fogo-de-santelmo — Tromba marítima	VELOSO 5.º episódio (breve) 30-36	ADAMASTOR 6.º episódio Maldições de ADAMASTOR (4.ª profecia) 41-48	aparecimento	Fala de GAMA	Resposta de ADAMASTOR	Continuação da viagem — Sofala — Rio dos Bons Sinais — Escorbuto — Melinde	Elogio (feito pelo Gama) da Tenacidade portuguesa	Invectiva do Poeta contra os Portugueses, contemporâneos, que desprezam a Poesia e a técnica que lhe corresponde.	

SEGUNDO CICLO ÉPICO — (constituído pelos últimos cinco cantos)

CANTO VI

(99 estâncias)

- Festas de despedida em Melinde
- Viagem de Melinde para a Índia
- BACO desce ao Palácio de Neptuno
- BACO é recebido por NEPTUNO
- TRITÃO convoca os deuses marinhos

2.º CONSÍLIO

- Discurso de Baco
- Decisão (Profecia)
- Profecia anulada da Proteu
- Intervenção de Tethys.

CANTO VII

(87 estâncias)

- Na barra de Calecut
- Elogio do espírito de cruzada, luso.
- No porto de Calecut
- Descrição da Índia

OS PORTUGUESES NA

- O degredado JOÃO MARTINS encontra-se com MONÇAIDE
- MONÇAIDE visita a frota e descreve o Malabar
- O GAMA, o CATUAL, o SAMORIM.

• **PAULO DA GAMA** satisfaz o pedido do Catual, e refere-se, sucessivamente, a Luso, Ulisses, Viriato, Sertório, conde D. Henrique, D. Afonso Henriques, Egos Moniz, D. Fuas Roupinho, Henrique de Bonn, Teotónio Prior, Giraldo Sem-Pavor, Martim Lopes, D. Mateus

(D. Soeiro, bispo), D. Paio Correia, Gonçalo Ribeiro, Vasco Eanes, Martins de Santarém, D. Nuno Álvares, Pêro Rodrigues, Rui Pereira, D. Pedro (Infante), D. Henrique (Infante), D. Duarte de Meneses.

— O narrador acrescenta que a lista está incompleta.

CANTO VIII

(99 estâncias)

- Vencidas as dificuldades levantadas na Índia, os Portugueses regressam à Pátria.

- **VÊNUS** prepara repouso e prémio aos navegantes lusos.
- Trabalhos de Cupido.
- A «Ínsula divina».

CANTO IX

(95 estâncias)

- **BANQUETE** oferecido por Tethys e restantes Ninfas aos navegadores.
- Uma Ninf descreve os feitos futuros dos Portugueses. (penúltima profecia)
- Interrupção do Poeta e nova invocação (4.º) de Calíope

- A Ninf continua a sua profecia: dos heróis e governadores da Índia.
- Tethys mostra ao Gama uma miniatura do Universo, os lugares onde os Portugueses hão-de praticar altos feitos. (última profecia)

CANTO X

(156 estâncias)

HISTÓRIAS,

- Éolo solta os ventos portugueses

DOZE DE INGLATERRA

7.º episódio

43-69

• TEMPESTADE MARÍTIMA

- Prece do Gama à divina guarda

- As «ninfas amorosas» mandadas por VÊNUS abrandam os ventos
- BONANÇA
- O GAMA AGRADECE A DEUS

- Meditação do Poeta: verdadeiro valor da glória

ÍNDIA — realização de um sonho!

- O CATUAL pergunta a PAULO DA GAMA o significado das figuras desenhadas nas bandeiras de seda, a bordo da capitaina.

- PAULO DA GAMA vai responder-lhe...

Invocação

(3.º)

às «Ninfas do Tejo e do Mondego»

78-87

- Regresso do Catual a terra.

- Arúspices, consultados, anunciam ao soberano da Índia «eterno cativo, destruição de gente» indiana pelos Portugueses.

- BACO aparece, em sonhos, a um «de-voto sacerdote» maometano. Indispõe-no contra os Portugueses.
- Nascem propósitos de destruição da nossa frota. O Gama, prisioneiro do Catual.
- O Gama, resgatado por mercadorias.

- Reflexões amargas do Poeta acerca da onipotência do OURO

As Ninfas

EXORTAÇÃO de Veloso
AVENTURA de Lionardo
CASAMENTOS

• NO PALÁCIO DE TETHYS

- Sentido alegórico desta ilha.
- Exortação dirigida a quantos desejam immortalizar seus nomes.

SÃO TOMÉ

8.º e último episódio

108-119

- Tethys despede os Portugueses
- Regresso à Pátria

- Lamentações exortações a D. SEBASTIÃO e vaticínios de futuras glórias.

CANTO PRIMEIRO

- 1 { As armas e os *barões* assinalados
Que, da Ocidental praia Lusitana,
Por mares nunca de antes navegados
Passaram ainda além da *Taprobana*,
E em perigos e guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana,
Entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;
- 2 { E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando,
E aqueles que por obras *valerosas*
Se vão da lei da Morte libertando:
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.
- 3 { Cessem do sábio Grego e do Troiano
As navegações grandes que fizeram;
Cale-se de *Alexandro* e de Trajano
A fama das vitórias que tiveram;
Que eu canto o peito ilustre Lusitano,
A quem Neptuno e Marte obedeceram.
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.

- 4 } E vós, Tágides minhas, pois criado
Tendes em *mi* um novo engenho ardente,
Se sempre, em verso humilde, celebrado
Foi de *mi* vosso rio alegremente,
Dai-me agora um som alto e sublimado,
Um estilo *grandiloco* e corrente,
Por que de vossas águas Febo ordene
Que não tenham *enveja* às de Hipocrene.
- 5 } Dai-me *hũa* fúria grande e sonora,
E não de agreste avena ou *frauta ruda*,
Mas de tuba canora e belicosa,
Que o peito acende e a cor ao gesto muda;
Dai-me igual canto aos feitos da famosa
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda;
Que se espalhe e se cante no Universo,
Se tão sublime preço cabe em verso.
- 6 } E vós, ó bem nascida segurança
Da Lusitana antiga liberdade,
E não menos certíssima esperança
De aumento da pequena Cristandade;
Vós, ó novo temor da Maura lança,
Maravilha fatal da nossa idade,
Dada ao mundo por Deus (que todo o mande,
Pera do mundo a Deus dar parte grande);
- 7 } Vós, tenro e novo ramo *florecente*,
De *hũa* árvore, de Cristo mais amada
Que *nenhũa* nascida no Ocidente,
Cesárea ou Cristianíssima chamada,
(Vede-o no vosso escudo, que presente
Vos amostra a vitória já passada,
Na qual vos deu por armas e deixou
As que Ele *pera* Si na Cruz tomou);

- 8 } Vós, poderoso Rei, cujo alto Império
O Sol, logo em nascendo, vê primeiro;
Vê-o também no meio do Hemisfério,
E, quando *dece*, o deixa derradeiro;
Vós, que esperamos jugo e vitupério
Do torpe Ismaelita cavaleiro,
Do Turco Oriental e do Gentio
Que *inda* bebe o licor do santo Rio:
- 9 } Inclinaí por um pouco a majestade,
Que nesse tenro gesto vos contemplo,
Que já se mostra qual na inteira idade,
Quando subindo ireis ao eterno Templo;
Os olhos da real benignidade
Ponde no chão: vereis um novo exemplo
De amor dos pátrios feitos *valerosos*,
Em versos *devulgado* numerosos.
- 10 } Vereis amor da pátria, não movido
De prémio vil, mas alto e quase eterno;
Que não é prémio vil ser conhecido
Por um pregão do ninho meu paterno.
Ouvi: vereis o nome engrandecido
Daqueles de quem sois senhor superno,
E julgareis qual é mais excelente,
Se ser do mundo Rei, se de tal gente.
- 11 } Ouvi: que não vereis com vãs façanhas,
Fantásticas, fingidas, mentirosas,
Louvar os vossos, como nas estranhas
Musas, de engrandecer-se desejosas:
As verdadeiras vossas são tamanhas,
Que excedem as sonhadas, fabulosas,
Que excedem *Rodamonte* e o vão *Rugeiro*,
E Orlando, *inda* que fora verdadeiro.

- 12 { Por estes vos darei um Nuno fero,
Que fez ao Rei e ao Reino tal serviço,
Um Egas e um Dom Fuas, que de Homero
A cítara para eles só cobiço;
Pois *polos* Doze Pares dar-vos quero
Os Doze de Inglaterra e o seu Magriço;
Dou-vos também aquele ilustre Gama,
Que para si de Eneias toma a fama.
- 13 { Pois, se a troco de Carlos, Rei de França,
Ou de César, quereis igual memória,
Vede o primeiro Afonso, cuja lança
Escura faz qualquer estranha glória;
E aquele que a seu Reino a segurança
Deixou, *co* a grande e próspera vitória;
Outro *Joanne*, invicto cavaleiro;
O quarto e quinto Afonsos e o terceiro.
- 14 { Nem deixarão meus versos esquecidos
Aqueles que, nos Reinos lá da Aurora,
Se fizeram por armas tão subidos,
Vossa bandeira sempre vencedora:
Um Pacheco fortíssimo e os temidos
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora,
Albuquerque *terribil*, Castro forte,
E outros em quem poder não teve a morte.
- 15 { E, enquanto eu estes canto, e a vós não posso,
Sublime Rei, que não me atrevo a tanto,
Tomai as rédeas vós do Reino vosso:
Dareis matéria a nunca ouvido canto.
Comecem a sentir o peso grosso
(Que *polo* mundo todo faça espanto)
De exércitos e feitos singulares
De África as terras e do Oriente os mares.

- 16 Em vós os olhos tem o Mouro frio,
Em quem vê seu exício afigurado;
Só com vos ver, o bárbaro Gentio
Mostra o pescoço ao jugo já inclinado;
Tethys todo o cerúleo senhorio
Tem *pera* vós por dote aparelhado,
Que, afeiçoada ao gesto belo e tenro,
Deseja de comprar-vos *pera* genro.
- 17 Em vós se *vem*, da Olímpica morada,
Dos *dous* avós as almas cá famosas;
Hũa na paz angélica dourada,
Outra, *polas* batalhas sanguinosas.
Em vós esperam ver-se renovada
Sua memória e obras *valerosas*;
E lá vos *tem* lugar, no fim da idade,
No templo da suprema Eternidade.
- 18 Mas, enquanto este tempo passa lento
De regerdes os povos que o desejam,
Dai vós favor ao novo atrevimento,
Pera que estes meus versos vossos sejam;
E vereis ir cortando o salso argento
Os vossos Argonautas, *por* que vejam
Que são vistos de vós no mar irado,
E costumai-vos já a ser invocado.
- 19 { Já no largo Oceano navegavam,
As inquietas ondas apartando;
Os ventos brandamente respiravam,
Das naus as velas côncavas inchando;
Da branca espuma os mares se mostravam
Cobertos, onde as proas vão cortando
As marítimas águas consagradas,
Que do gado de Próteu são cortadas,

- 20 Quando os Deuses no Olimpo luminoso,
Onde o governo está da humana gente,
Se ajuntam em consílio glorioso,
Sobre as cousas futuras do Oriente.
Pisando o cristalino Céu *fermoso*,
Vem pela Via Láctea juntamente,
Convocados, da parte do Tonante,
Pelo neto gentil do velho Atlante.
- 21 Deixam dos Sete Céus o regimento,
Que do poder mais alto *lhe* foi dado,
Alto Poder, que só *co* pensamento
Governa o Céu, a Terra e o Mar irado.
Ali se acharam juntos, num momento,
Os que habitam o Arcturo congelado
E os que o Austro *tem* e as partes onde
A Aurora nasce e o claro Sol se esconde.
- 22 Estava o Padre ali, sublime e *dino*,
Que vibra os feros raios de Vulcano,
Num assento de estrelas cristalino,
Com gesto alto, severo e soberano;
Do rosto respirava um ar divino,
Que divino tornara um corpo humano;
Com *hũa* coroa e ceptro rutilante,
De outra pedra mais clara que diamante.
- 23 Em luzentes assentos, marchetados *SÍNCORE*
De ouro e de *perlas*, mais abaixo estavam
Os outros Deuses, todos assentados,
Como a Razão e a Ordem concertavam
(Precedem os antigos, mais honrados,
Mais abaixo os menores se assentavam);
Quando Júpter alto, *assi* dizendo,
Cum tom de voz começa, grave e horrendo:

- 24 «Eternos moradores do luzente,
Estelífero Pólo e claro Assento:
Se do grande valor da forte gente
De Luso não perdeis o pensamento,
Deveis de ter sabido claramente
Como é dos Fados grandes certo intento
Que por ela se esqueçam os humanos
De Assírios, Persas, Gregos e Romanos.
- 25 Já lhe foi (bem o vistes) concedido,
Cum poder tão singelo e tão pequeno,
Tomar ao Mouro forte e guarnecido
Toda a terra que rega o Tejo ameno;
Pois contra o Castelhana tão temido
Sempre alcançou favor do Céu sereno.
Assi que sempre, enfim, com fama e glória,
Teve os troféus pendentes da vitória.
- 26 Deixo, Deuses, atrás a fama antiga,
Que *co* a gente de Rómulo alcançaram,
Quando com Viriato, na inimiga
Guerra Romana, tanto se afamaram.
Também deixo a memória que os obriga
A grande nome, quando alevantaram
Um por seu capitão, que, peregrino,
Fingiu na cerva espírito divino.
- 27 Agora vedes bem que, cometendo *AFÉRESE*
O duvidoso mar n'um lenho leve, *metonímia*
Por vias nunca usadas, não temendo
De Áfrico e Noto a força, a mais se atreve:
Que, havendo tanto já que as partes vendo
Onde o dia é comprido e onde breve,
Inclinam seu propósito e *perfia*
A ver os berços onde nasce o dia.

- 28 } Prometido *lhe* está do Fado eterno,
 Cuja alta lei não pode ser quebrada,
 Que tenham longos tempos o governo
 Do mar que vê do Sol a roxa entrada.
 Nas águas *tem* passado o duro Inverno;
 A gente vem perdida e trabalhada.
 Já parece bem feito que *lhe* seja
 Mostrada a nova terra que deseja.
- 29 } E, porque, como vistes, *tem* passados
 Na viagem tão ásperos perigos,
 Tantos climas e céus *exprimentados*,
 Tanto furor de ventos inimigos,
 Que sejam, determino, agasalhados
 Nesta costa Africana como amigos,
 E, tendo guarnecida a lassa frota,
 Tornarão a seguir sua longa rota.»
- 30 } Estas palavras Júpiter *dezia*,
 Quando os Deuses, por ordem respondendo,
 Na sentença um do outro *difiria*,
 Razões diversas dando e recebendo.
 O padre Baco ali não consentia
 No que Júpiter disse, conhecendo
 Que esquecerão seus feitos no Oriente,
 Se lá passar a Lusitana gente.
- 31 } Ouvido tinha aos Fados que viria
Hũa gente fortíssima de Espanha,
 Pelo mar alto, a qual sujeitaria
 Da Índia tudo quanto Dóris banha,
 E com novas vitórias venceria
 A fama antiga, ou sua ou fosse estranha.
 Altamente *lhe* dói perder a glória
 De que Nisa celebra *inda* a memória.

- 32 } Vê que já teve o Indo *sojugado*
 E nunca *lhe* tirou Fortuna ou caso
 Por vencedor da Índia ser cantado
 De quantos bebem a água de Parnaso.
 Teme agora que seja sepultado
 Seu tão célebre nome em negro vaso
 De água do esquecimento, se lá chegam
 Os fortes Portugueses que navegam.
- 33 } Sustentava contra ele Vénus bela,
 Afeiçãoada à gente Lusitana,
 Por quantas qualidades via nela
 Da antiga, tão amada sua, Romana;
 Nos fortes corações, na grande estrela,
 Que mostraram na terra Tingitana,
 E na língua, na qual, quando imagina,
 Com pouca corrupção crê que é a Latina.
- 34 } Estas causas moviam Citereia,
 E mais, porque das Parcas claro entende
 Que há-de ser celebrada a clara Deia,
 Onde a gente belígera se estende.
Assi que, um, pela infâmia que arreceia,
 E o outro, *polas* honras que pretende,
 Debatem, e na *perfia* permanecem;
 A qualquer seus amigos favorecem.
- 35 } Qual Austro fero ou Bóreas, na espessura,
 De silvestre arvoredado abastecida,
 Rompendo os ramos vão da mata escura,
 Com *impito* e braveza desmedida;
 Brama toda a montanha, o som murmura,
 Rompem-se as folhas, ferve a serra erguida:
 Tal andava o tumulto, levantado
 Entre os Deuses, no Olimpo consagrado.

- 36 } Mas Marte, que da Deusa sustentava
Entre todos as partes em porfia,
Ou porque o amor antigo o obrigava,
Ou porque a gente forte o merecia,
De *entre* os Deuses em pé se levantava
(*Merencorio* no gesto parecia),
O forte escudo, ao colo pendurado,
Deitando *pera* trás, medonho e irado.
- 37 } A viseira do elmo de diamante
Alevantando um pouco, mui seguro,
Por dar seu parecer se pôs diante
De Júpiter, armado, forte e duro;
E, dando *hũa* pancada penetrante,
Co conto do bastão, no sólio puro,
O Céu tremeu, e Apolo, de torvado,
Um pouco a luz perdeu, como *infiado*;
- 38 } E disse *assi*: «Ó Padre, a cujo império
Tudo aquilo obedece que criaste:
Se esta gente que busca outro Hemisfério,
Cuja valia e obras tanto amaste,
Não queres que padeçam vitupério,
Como há já tanto tempo que ordenaste,
Não ouças mais, pois és juiz direito,
Razões de quem parece que é suspeito.
- 39 } Que, se aqui a razão se não mostrasse
Vencida do temor demasiado,
Bem fora que aqui Baco os sustentasse,
Pois que de Luso vem, seu tão privado;
Mas esta tenção sua agora passe,
Porque enfim vem de *estamago* danado,
Que nunca tirará alheia *enveja*
O bem que outrem merece e o Céu deseja.

- 40 } E tu, Padre de grande fortaleza,
Da determinação que tens tomada
Não tornes por detrás, pois é fraqueza
Desistir-se da cousa começada.
Mercúrio, pois excede em ligeireza
Ao vento leve e à seta bem talhada,
Lhe vá mostrar a terra, onde se informe
Da Índia e onde a gente se reforme.»
- 41 } Como isto disse, o Padre poderoso,
A cabeça inclinando, consentiu
No que disse *Mavorte valeroso*,
E néctar sobre todos esparziu.
Pelo caminho Lácteo glorioso,
Logo cada um dos Deuses se partiu,
Fazendo seus reais acatamentos,
Pera os determinados *apousentos*.
- 42 } Enquanto isto se passa na *fermosa*
Casa etérea do Olimpo onnipotente,
Cortava o mar a gente belicosa
Já lá da banda do Austro e do Oriente,
Entre a costa Etiópica e a famosa
Ilha de São Lourenço; e o Sol ardente
Queimava então os Deuses, que Tifeu
Co temor grande em *pexes* converteu.
- 43 } Tão brandamente os ventos os levavam,
Como quem o Céu tinha por amigo;
Sereno o ar e os tempos se mostravam,
Sem nuvens, sem receio de perigo.
O promontório Prasso já passavam,
Na costa de Etiópia, nome antigo,
Quando o mar, descobrindo, *lhe* mostrava
Novas ilhas, que em torno cerca e lava.

- 44 Vasco da Gama, o forte Capitão,
Que a tamanhas empresas se oferece,
De soberbo e de altivo coração,
A quem Fortuna sempre favorece,
Pera se aqui deter não vê razão,
Que inabitada a terra lhe parece.
Por diante passar determinava,
Mas não lhe sucedeu como cuidava.
- 45 Eis aparecem logo em companhia
Uns pequenos batéis, que *vem* daquela
Que mais chegada à terra parecia,
Cortando o longo mar com larga vela.
A gente se alvoroça e, de alegria,
Não sabe mais que olhar a causa dela.
«Que gente será esta? (em si *dezi*am)
Que costumes, que Lei, que Rei teriam?»
- 46 As embarcações eram na maneira
Mui *veloces*, estreitas e compridas;
As velas com que *vem* eram de esteira,
De *hūas* folhas de palma, bem tecidas;
A gente da cor era verdadeira
Que Fáeton, nas terras acendidas,
Ao mundo deu, de ousado e não prudente.
O Pado o sabe e Lampetusa o sente.
- 47 De panos de algodão vinham vestidos,
De várias cores, brancos e listrados;
Uns trazem derredor de si cingidos,
Outros em modo airoso sobraçados;
Das cintas *pera* cima *vem* despidos;
Por armas *tem* adagas e terçados;
Com toucas na cabeça; e, navegando,
Anafis sonorosos vão tocando.

- 48 *Cos* panos e *cos* braços acenavam
Às gentes Lusitanas, que esperassem;
Mas já as proas ligeiras se inclinavam,
Pera que junto às Ilhas amainassem.
A gente e marinheiros trabalhavam,
Como se aqui os trabalhos se acabassem;
Tomam velas, amaina-se a verga alta;
Da âncora o mar ferido em cima salta.
- 49 Não eram ancorados, quando a gente
Estranha *polas* cordas já subia.
No gesto ledos *vem*, e humanamente
O Capitão sublime os recebia.
As mesas manda pôr em continente;
Do licor que Lieu *prantado* havia
Enchem vasos de vidro, e do que deitam
Os de Fáeton queimados nada enjeitam.
- 50 Comendo alegremente, perguntavam,
Pela Arábica língua, donde vinham,
Quem eram, de que terra, que buscavam,
Ou que partes do mar corrido tinham.
Os fortes Lusitanos *lhe* tornavam
As discretas *repostas* que convinham:
«Os Portugueses somos do Ocidente,
Imos buscando as terras do Oriente.
- 51 Do mar temos corrido e navegado
Toda a parte do Antártico e Calisto,
Toda a costa Africana rodeado,
Diversos céus e terras temos visto.
Dum Rei potente somos, tão amado,
Tão querido de todos e benquisto,
Que não no largo Mar, com leda fronte,
Mas no lago entraremos de Aqueronte.

- 52 E, por mandado seu, buscando andamos
A terra Oriental que o Indo rega;
Por ele o mar remoto navegamos,
Que só dos feios focas se navega.
Mas já razão parece que saibamos
(Se entre vós a verdade não se nega)
Quem sois, que terra é esta que habitais,
Ou se tendes da Índia alguns sinais.»
- 53 «Somos (um dos das Ilhas lhe tornou)
Estrangeiros na terra, Lei e nação;
Que os próprios são aqueles que criou
A Natura, sem Lei e sem Razão.
Nós temos a Lei certa que *insinou*
O claro descendente de Abraão,
Que agora tem do Mundo o senhorio,
A mãe Hebreia teve e o pai Gentio.
- 54 Esta Ilha pequena que habitamos
É em toda esta terra certa escala
De todos os que as ondas navegamos,
De Quíloa, de Mombaça e de Sofala.
E, por ser necessária, procuramos,
Como próprios da terra, de habitá-la;
E, *por* que tudo enfim vos notifique,
Chama-se a pequena Ilha: Moçambique.
- 55 E, já que de tão longe navegais,
Buscando o Indo *Hidaspe* e terra ardente,
Piloto aqui tereis, por quem sejais
Guiados pelas ondas sãbiamente.
Também será bem feito que tenhais
Da terra algum refresco, e que o Regente.
Que esta terra governa, que vos veja
E do mais necessário vos proveja.»

- 56 Isto dizendo, o Mouro se tornou
A seus batéis com toda a companhia;
Do Capitão e gente se apartou
Com mostras de devida cortesia.
Nisto Febo nas águas encerrou,
Co carro de cristal, o claro dia,
Dando cargo à Irmã, que alumiasse
O largo Mundo, enquanto repousasse.
- 57 A noite se passou, na lassa frota,
Com estranha alegria e não cuidada,
Por acharem, da terra tão remota,
Nova de tanto tempo desejada.
Qualquer então consigo cuida e nota
Na gente e na maneira desusada,
E como os que na errada Seita creram
Tanto por todo o mundo se estenderam.
- 58 Da *Lua* os claros raios rutilavam
Polas argênteas ondas Neptuninas;
As Estrelas os Céus acompanhavam,
Qual campo revestido de boninas;
Os furiosos ventos repousavam
Polas covas escuras peregrinas;
Porém da armada a gente vigiava,
Como por longo tempo costumava.
- 59 Mas, *assi* como a Aurora marchetada
Os *fermosos* cabelos espalhou
No Céu sereno, abrindo a roxa entrada
Ao claro Hiperiônio, que acordou,
Começa a embandeirar-se toda a armada
E de toldos alegres se adornou,
Por receber, com festas e alegria,
O Regedor das Ilhas, que partia.

- 60 Partia, alegremente navegando,
A ver as naus ligeiras Lusitanas,
Com refresco da terra, em si cuidando
Que são aquelas gentes inumanas
Que, os *apousentos* Cáspios habitando,
A conquistar as terras Asianas
Vieram, e, por ordem do Destino,
O Império tomaram a *Costantino*.
- 61 Recebe o Capitão alegremente
O Mouro e toda sua companhia;
Dá-lhe de ricas peças um presente,
Que só *pera* este efeito já trazia;
Dá-lhe conserva doce e dá-lhe o ardente,
Não usado licor, que dá alegria.
Tudo o Mouro contente bem recebe,
E muito mais contente come e bebe.
- 62 Está a gente marítima de Luso
Subida pela enxárcia, de admirada,
Notando o estrangeiro modo e uso
E a linguagem tão bárbara e enleada.
Também o Mouro astuto está confuso,
Olhando a cor, o traje e a forte armada;
E, perguntando tudo, lhe *dezia*
Se porventura vinham da Turquia.
- 63 E mais lhe diz, também, que ver deseja
Os livros de sua Lei, preceito ou fé,
Pera ver se conforme à sua seja,
Ou se são dos de Cristo, como crê;
E, *por* que tudo note e tudo veja,
Ao Capitão pedia que lhe dê
Mostras das fortes armas de que usavam,
Quando *cos* inimigos pelejavam.

- 64 Responde o *valeroso* Capitão,
Por um que a língua escura bem sabia:
«Dar-te-ei, Senhor ilustre, relação
De *mi*, da Lei, das armas que trazia.
Nem sou da terra nem da *geração*
Das gentes enojosas de Turquia:
Mas sou da forte Europa belicosa,
Busco as terras da Índia tão famosa.
- 65 A Lei tenho d'Aquele a cujo império
Obedece o *visibil* e *invisibil*,
Aquele que criou todo o Hemisfério,
Tudo o que sente e todo o *insensibil*;
Que padeceu desonra e vitupério,
Sofrendo morte injusta e *insofribil*,
E que do Céu à Terra, enfim, *deceu*,
Por subir os mortais da Terra ao Céu.
- 66 Deste Deus-Homem, alto e infinito,
Os Livros que tu pedes não trazia,
Que bem posso escusar trazer escrito
Em papel o que na alma andar devia.
Se as armas queres ver, como tens dito,
Comprido esse desejo te seria;
Como amigo as verás, porque eu me obrigo
Que nunca as queiras ver como inimigo.»
- 67 Isto dizendo, manda os diligentes
Ministros amostrar as armaduras:
Vem arneses e peitos reluzentes,
Malhas finas e lâminas seguras,
Escudos de pinturas diferentes,
Pelouros, espingardas de aço puras,
Arcos e sagitíferas aljavas,
Partazanas agudas, chuças bravas.

68 As bombas *vem* de fogo e juntamente
As panelas sulfúreas, tão danosas;
Porém aos de Vulcano não consente
Que *dem* fogo às bombardas temerosas;
Porque o generoso ânimo e valente,
Entre gentes tão poucas e medrosas,
Não mostra quanto pode, e com razão:
Que é fraqueza entre ovelhas ser leão.

69 Porém disto que o Mouro aqui notou
E de tudo o que viu, com olho atento,
Um ódio certo na alma lhe ficou,
Hũa vontade má de pensamento.
Nas mostras e no gesto o não mostrou,
Mas, com risinho e ledo fingimento,
Tratá-los brandamente determina,
Até que mostrar possa o que imagina.

70 } Pilotos lhe pedia o Capitão,
Por quem pudesse à Índia ser levado;
Diz-lhe que o largo prêmio levarão
Do trabalho que nisso for tomado.
Promete-lhos o Mouro, com tenção
De peito venenoso e tão danado
Que a morte, se pudesse, neste dia,
Em lugar de pilotos lhe daria.

71 } Tamanho o ódio foi e a má vontade,
Que aos estrangeiros *súbito* tomou,
Sabendo ser *sequaces* da Verdade,
Que o filho de David nos ensinou.
Oh! segredos daquela Eternidade
A quem juízo algum não alcançou!
Que nunca falte um pérfido inimigo
Àqueles de quem foste tanto amigo!

72 } Partiu-se nisto, enfim, *co* a companhia,
Das naus o falso Mouro despedido,
Com enganosa e grande cortesia,
Com gesto ledo a todos e fingido.
Cortaram os batéis a curta via
Das águas de Neptuno; e recebido
Na terra do obsequente ajuntamento,
Se foi o Mouro ao cógnito *apousento*.

73 } Do claro Assento etéreo, o grão Tebano,
Que da paternal coxa foi nascido,
Olhando o ajuntamento Lusitano
Ao Mouro ser molesto e *avorrecido*,
No pensamento cuida um falso engano,
Com que seja de todo destruído.
E, enquanto isto só na alma imaginava,
Consigo estas palavras praticava:

74 } «Está do Fado já determinado
Que tamanhas vitórias, tão famosas,
Hajam os Portugueses alcançado
Das Indianas gentes belicosas.
E eu só, filho do Padre sublimado,
Com tantas qualidades generosas,
Hei-de sofrer que o Fado favoreça
Outrem, por quem meu nome se escureça?

75 Já quiseram os Deuses que tivesse
O filho de *Filipo*, nesta parte,
Tanto poder, que tudo *sometesse*
Debaixo do seu jugo o fero Marte;
Mas há-se de sofrer que o Fado desse
A tão poucos tamanho esforço e arte,
Que eu, *co* grão Macedónio e Romano,
Dêmos lugar ao nome Lusitano?

- 76 Não será *assi*, porque, antes que chegado
Seja este Capitão, astutamente
Lhe será tanto engano fabricado,
Que nunca veja as partes do Oriente.
Eu *decerei* à Terra e o indignado
Peito revolverei da Maura gente,
Porque sempre por via irá *dereita*
Quem do oportuno tempo se aproveita.»
- 77 Isto dizendo, irado e quase insano,
Sobre a terra Africana descendeu,
Onde, vestindo a forma e gesto humano,
Pera o Prasso sabido se moveu.
E, *por melhor* tecer o astuto engano,
No gesto natural se converteu
Dum Mouro, em Moçambique conhecido,
Velho, sábio e *co* Xequê mui valido.
- 78 E, entrando *assi* a falar-lhe, a tempo e horas
A sua falsidade acomodadas,
Lhe diz como eram gentes roubadoras
Estas que ora de novo são chegadas;
Que, das nações na costa moradoras,
Correndo a fama veio que roubadas
Foram por estes homens que passavam,
Que com pactos de paz sempre ancoravam.
- 79 «E sabe mais (lhe diz) como entendido
Tenho destes Cristãos sanguinolentos,
Que quase todo o mar *tem* destruído
Com roubos, com incêndios violentos;
E trazem já de longe engano urdido
Contra nós; e que todos seus intentos
São *pera* nos matarem e roubarem,
E mulheres e filhos cativarem.

- 80 E também sei que tem determinado
De vir por água a terra, muito cedo,
O Capitão, dos seus acompanhado,
Que da tenção danada nasce o medo.
Tu deves de ir também *cos* teus armado
Esperá-lo em cilada, oculto e quedo,
Porque, saindo a gente descuidada,
Cairão fàcilmente na cilada.
- 81 E, se *inda* não ficarem deste jeito
Destruídos ou mortos totalmente,
Eu tenho imaginada no conceito
Outra manha e ardil que te contente:
Manda-lhe dar piloto que de jeito
Seja astuto no engano, e tão prudente,
Que os leve aonde sejam destruídos,
Desbaratados, mortos ou perdidos.»
- 82 Tanto que estas palavras acabou,
O Mouro, nos tais casos sábio e velho,
Os braços pelo colo lhe lançou,
Agradecendo muito o tal conselho;
E logo nesse instante concertou
Pera a guerra o belígero aparelho,
Pera que ao Português se lhe tornasse
Em roxo sangue a água que buscasse.
- 83 E busca mais, *pera* o cuidado engano,
Mouro que por piloto à nau lhe mande,
Sagaz, astuto e sábio em todo o dano,
De quem fiar se possa um feito grande.
Diz-lhe que, acompanhando o Lusitano,
Por tais costas e mares *co* ele ande,
Que, se daqui escapar, que lá diante
Vá cair onde nunca se alevante.

- 84 { Já o raio Apolíneo visitava *PERÍFRASE*
 Os Montes Nabateios acendido,
 Quando o Gama *cos* seus determinava
 De vir por água a terra apercebido.
 A gente nos batéis se concertava,
 Como se fosse o engano já sabido;
 Mas pôde suspeitar-se fâcilmente,
 Que o coração pressago nunca mente.
- 85 E mais também mandado tinha a terra,
 De antes, pelo piloto necessário,
 E foi-lhe respondido em som de guerra.
 Caso do que cuidava mui contrário;
 Por isto, e porque sabe quanto erra
 Quem se crê de seu pérfido adversário,
 Apercebido vai, como podia,
 Em três batéis sòmente que trazia.
- 86 Mas os Mouros que andavam pela praia,
Por lhe defender a água desejada,
 Um de escudo embraçado e de azagaia,
 Outro de arco encurvado e seta ervada,
 Esperam que a guerreira gente saia,
 Outros muitos já postos em cilada;
 E, *por* que o caso leve se *lhe* faça,
 Põe uns poucos diante por negaça.
- 87 Andam pela ribeira alva, arenosa,
 Os belicosos Mouros acenando
 Com a adarga e *co* a hástia perigosa,
 Os fortes Portugueses incitando.
 Não sofre muito a gente generosa
 Andar-lhe os Cães os dentes amostrando;
 Qualquer em terra salta, tão ligeiro,
 Que nenhum dizer pode que é primeiro:

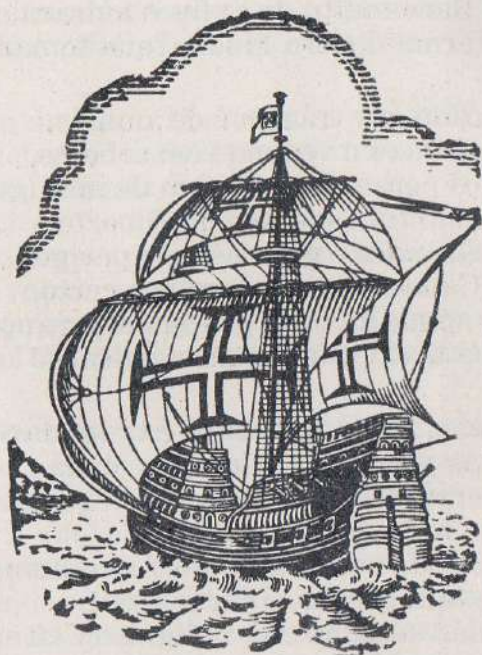
- 88 Qual, no corro *sanguino*, o ledó amante,
 Vendo a *fermosa* dama desejada,
 O touro busca, e, pondo-se diante,
 Salta, corre, sibila, acena e brada,
 Mas o animal *atroce*, nesse instante,
 Com a fronte cornígera inclinada,
 Bramando, duro corre e os olhos cerra,
 Derriba, fere e mata e põe por terra.
- 89 { Eis nos batéis o fogo se levanta
 Na furiosa e dura *artilheria*,
 A plúmbea péla mata, o brado espanta,
 Ferido, o ar retumba e *assovia*.
 O coração dos Mouros se quebranta,
 O temor grande o sangue *lhe* resfria.
 Já foge o escondido, de medroso,
 E morre o descoberto aventureiro.
- 90 Não se contenta a gente Portuguesa,
 Mas, seguindo a vitória, *estrua* e mata;
 A povoação sem muro e sem defesa
 Esbombardeia, acende e desbarata.
 Da cavalgada ao Mouro já *lhe* pesa,
 Que bem cuidou comprá-la mais barata;
 Já blasfema da guerra, e maldizia,
 O velho inerte e a mãe que o filho cria.
- 91 Fugindo, a seta o Mouro vai *tirando* *AFÉRESE*
 Sem força, de covarde e de apressado,
 A pedra, o pau e o canto arremessando;
 Dá-lhe armas o furor desatinado.
 Já a Ilha e todo o mais *desemparrando*,
 A terra firme foge amedrontado;
 Passa e corta do mar o estreito braço
 Que a Ilha em torno cerca, em pouco espaço.

- 92 Uns vão nas almadias carregadas,
Um corta o mar a nado, diligente;
Quem se afoga nas ondas encurvadas,
Quem bebe o mar e o deita juntamente.
Arrombam as miúdas bombardadas
Os pangaio *sotis* da bruta gente.
Destarte o Português, enfim, castiga
A vil malícia, pérfida, inimiga.
- 93 Tornam vitoriosos *pera* a armada,
Co despojo da guerra e rica presa,
E vão a seu prazer fazer aguada,
Sem achar resistência nem defesa.
Ficava a Maura gente magoada,
No ódio antigo mais que nunca acesa;
E, vendo sem vingança tanto dano,
Sòmente estriba no segundo engano.
- 94 { Pazes cometer manda, arrependido,
O Regedor daquela *inica* terra,
Sem ser dos Lusitanos entendido
Que, em figura de paz, lhe manda guerra;
Porque o piloto falso prometido,
Que toda a má tenção no peito encerra,
Pera os guiar à morte *lhe* mandava,
Como em sinal das pazes que tratava.
- 95 O Capitão, que já lhe então convinha
Tornar a seu caminho acostumado,
Que tempo concertado e ventos tinha
Pera ir buscar o Indo desejado,
Recebendo o piloto que lhe vinha,
Foi dele alegremente agasalhado,
E, respondendo ao mensageiro, a tento,
Às velas manda dar ao largo ventó.

- 96 Destarte despedida, a forte armada
As ondas de Anfitrite dividia,
Das filhas de Nereu acompanhada,
Fiel, alegre e doce companhia.
O Capitão, que não caía em nada
Do enganoso ardil que o Mouro urdia,
Dele mui largamente se informava
Da Índia toda, e costas que passava.
- 97 Mas o Mouro, instruído nos enganos
Que o malévolo Baco lhe ensinara,
De morte ou cativoiro novos danos,
Antes que à Índia chegue, lhe prepara;
Dando razão dos portos Indianos,
Também tudo o que pede lhe declara,
Que, havendo por verdade o que dizia,
De nada a forte gente se temia.
- 98 E diz-lhe mais, *co* falso pensamento
Com que *Sinon* os Frígios enganou,
Que perto está *hũa* Ilha, cujo assento
Povo antigo Cristão sempre habitou.
O Capitão, que a tudo estava a tento,
Tanto com estas novas se alegrou,
Que com dádivas grandes lhe rogava
Que o leve à terra onde esta gente estava.
- 99 O mesmo o falso Mouro determina
Que o seguro Cristão lhe manda e pede;
Que a Ilha é possuída da *malina*
Gente que segue o torpe *Mahamede*.
Aqui o engano e morte lhe imagina,
Porque em poder e forças muito excede
À Moçambique esta Ilha, que se chama
Quíloa, mui conhecida *pola* fama.

- 100 *Pera* lá se inclinava a leda frota;
Mas a Deusa em Citera celebrada,
Vendo como deixava a certa rota
Por ir buscar a morte não cuidada,
Não consente que em terra tão remota
Se perca a gente dela tanto amada,
E com ventos *contrairos* a desvia
Donde o piloto falso a leva e guia.
- 101 Mas o malvado Mouro, não podendo
Tal determinação levar avante,
Outra maldade *ínica* cometendo,
Ainda em seu propósito constante,
Lhe diz que, pois as águas, discorrendo,
Os levaram por força por diante,
Que outra Ilha *tem* perto, cuja gente
Eram Cristãos com Mouros juntamente.
- 102 Também nestas palavras lhe mentia,
Como por regimento, enfim, levava,
Que aqui gente de Cristo não havia,
Mas a que a *Mahamede* celebrava.
O Capitão, que em tudo o Mouro cria,
Virando as velas, a Ilha demandava;
Mas, não querendo a Deusa guardadora,
Não entra pela barra, e surge fora.
- 103 Estáva a Ilha à terra tão chegada,
Que um estreito pequeno a dividia;
Hũa cidade nela situada,
Que na frente do mar aparecia,
De nobres edifícios fabricada,
Como por fora, ao longe, descobria,
Regida por um Rei de antiga idade:
Mombaça é o nome da Ilha e da cidade.

- 104 } E, sendo a ela o Capitão chegado,
Estranhamente ledo, porque espera
De poder ver o povo baptizado,
Como o falso piloto lhe dissera,
Eis *vem* batéis da terra com recado
Do Rei, que já sabia a gente que era,
Que Baco muito de antes o avisara,
Na forma doutro Mouro, que tomara.
- 105 } O recado que trazem é de amigos,
Mas *debaxo* o veneno vem coberto,
Que os pensamentos eram de inimigos,
Segundo foi o engano descoberto.
Oh! Grandes e gravíssimos perigos,
Oh! Caminho da vida nunca certo,
Que, aonde a gente põe sua esperança,
Tenha a vida tão pouca segurança!
- 106 } No mar, tanta tormenta e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida;
Na terra, tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade *avorrecida*!
Onde pode acolher-se um fraco humano,
Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme e se indigne o Céu sereno
Contra um bicho da terra tão pequeno?



CANTO SEGUNDO

- 1 Já neste tempo o lúcido Planeta,
Que as horas vai do dia distinguindo,
Chegava à desejada e lenta meta,
A luz celeste às gentes encobrando,
E da casa marítima secreta
Lhe estava o Deus Nocturno a porta abrindo,
Quando as *infidas* gentes se chegaram
Às naus, que pouco havia que ancoraram.
- 2 *Dantre* eles um, que traz encomendado
O mortífero engano, *assi* dizia:
— «Capitão *valeroso*, que cortado
Tens de Neptuno o reino e salsa via:
O Rei que manda esta Ilha, *alvoraçado*
Da vinda tua, tem tanta alegria,
Que não deseja mais que agasalhar-te,
Ver-te e do necessário reformar-te.
- 3 E, porque está em extremo desejoso
De te ver, como cousa nomeada,
Te roga que, de nada receoso,
Entres a barra, tu com toda a armada;
E, porque do caminho trabalhoso
Trarás a gente débil e cansada,
Diz que na terra podes reformá-la,
Que a natureza obriga a desejá-la.

- 4 E, se buscando *vas* mercadoria
Que *produze* o aurífero Levante,
Canela, cravo, ardente especiaria
Ou droga salutífera e prestante;
Ou se queres luzente pedraria,
O rubi fino, o rígido diamante,
Daqui levarás tudo tão sobejo,
Com que faças o fim a teu desejo.»
- 5 Ao mensageiro o Capitão responde,
As palavras do Rei agradecendo,
E diz que, porque o Sol no mar se esconde,
Não entra *pera* dentro, obedecendo;
Porém que, como a luz mostrar por onde
Vá sem perigo a frota, não temendo,
Comprirá sem receio seu mandado,
Que a mais por tal senhor está obrigado.
- 6 Pergunta-lhe *despois* se estão na terra
Cristãos, como o piloto lhe *dezia*;
O mensageiro astuto, que não erra,
Lhe diz que a mais da gente em Cristo cria.
Desta sorte do peito lhe desterra
Toda a suspeita e cauta fantasia;
Por onde o Capitão seguramente
Se fia da infiel e falsa gente.
- 7 E de alguns que trazia, condenados
Por culpas e por feitos vergonhosos,
Por que pudessem ser aventurados
Em casos desta sorte duvidosos,
Manda *dous* mais sagazes, ensaiados,
Por que notem dos Mouros enganosos
A cidade e poder, e *por* que vejam
Os Cristãos, que só tanto ver desejam.

- 8 E por estes ao Rei presentes manda,
Por que a boa vontade que mostrava
Tenha firme, segura, limpa e branda,
A qual bem ao contrário em tudo estava.
Já a companhia pérfida e nefanda
Dás naus se despedia e o mar cortava.
Foram com gestos ledos e fingidos
Os *dous* da frota em terra recebidos.
- 9 E, *despois* que ao Rei apresentaram,
Co recado, os presentes que traziam,
A cidade correram, e notaram
Muito menos daquilo que queriam;
Que os Mouros cautelosos se guardaram
De *lhe* mostrarem tudo o que pediam;
Que, onde reina a malícia, está o receio
Que a faz imaginar no peito alheio.
- 10 Mas aquele que sempre a mocidade
Tem no rosto perpétua, e foi nascido
De duas mães, que urdia a falsidade
Por ver o navegante destruído,
Estava *nũa* casa da cidade,
Com rosto humano e hábito fingido,
Mostrando-se Cristão, e fabricava
Um altar sumptuoso que adorava.
- 11 Ali tinha em retrato afigurada
Do alto e Santo Espírito a pintura,
A cândida Pombinha, debuxada
Sobre a única Fénix, Virgem pura.
A companhia santa está pintada
Dos Doze, tão torvados na figura,
Como os que, só das línguas que caíram
De fogo, várias línguas referiram.

- 12 Aqui os *dous* companheiros, conduzidos
Onde com este engano Baco estava,
Põe em terra os *giolhos*, e os sentidos
Naquele Deus que o Mundo governava.
Os cheiros excelentes, produzidos
Na Pancaia odorífera, queimava
O Tioneu, e assim por derradeiro
O falso Deus adora o verdadeiro.
- 13 Aqui foram de noite agasalhados,
Com todo o bom e honesto tratamento,
Os *dous* Cristãos, não vendo que enganados
Os tinha o falso e santo fingimento.
Mas, *assi* como os raios espalhados
Do Sol foram no mundo, e num momento
Apareceu no rúbido Horizonte
Na moça de Titão a roxa fronte,
- 14 Tornam da terra os Mouros *co* recado
Do Rei, *pera* que entrassem, e consigo
Os *dous* que o Capitão tinha mandado,
A quem se o Rei mostrou sincero amigo;
E, sendo o Português certificado
De não haver receio de perigo
E que gente de Cristo em terra havia,
Dentro no salso rio entrar queria.
- 15 Dizem-lhe os que mandou, que em terra viram
Sacras aras e sacerdote santo,
Que ali se agasalharam e dormiram,
Enquanto a luz cobriu o escuro manto;
E que no Rei e gentes não sentiram
Senão contentamento e gosto tanto,
Que não podia, certo, haver suspeita
Nũa mostra tão clara e tão perfeita.

- 16 *Co* isto o nobre Gama recebia
Alegremente os Mouros que subiam;
Que levemente um ânimo se fia
De mostras que tão certas pareciam.
A nau da gente pérfida se enchia,
Deixando a bordo os barcos que traziam.
Alegres vinham todos, porque *crem*
Que a presa desejada certa *tem*.
- 17 Na terra cautamente aparelhavam
Armas e munições, que, como vissem
Que no rio os navios ancoravam,
Neles ousadamente se subissem;
E nesta *treição* determinavam
Que os de Luso de todo destruíssem,
E que, incautos, pagassem deste jeito
O mal que em Moçambique tinham feito.
- 18 As âncoras *tenaces* vão levando,
Com a náutica grita costumada;
Da proa as velas *sós* ao vento dando,
Inclinam *pera* a barra abalizada.
Mas a linda Ericina, que guardando
Andava sempre a gente assinalada,
Vendo a cilada grande e tão secreta,
Voa do Céu ao Mar como *hũa* seta.
- 19 Convoca as alvas filhas de Nereu,
Com toda a mais cerúlea companhia,
Que, porque no salgado Mar nasceu,
Das águas o poder lhe obedecia.
E, propondo-lhe a causa a que *deceu*,
Com todas juntamente se partia,
Pera estorvar que a armada não chegasse
Aonde *pera* sempre se acabasse.

- 20 Já na água erguendo vão, com grande pressa,
Com as argênteas caudas, branca espuma;
Cloto co peito corta e atravessa
Com mais furor o Mar do que costuma.
Salta Nise, Nerine se arremessa,
Por cima da água crespá, em força suma.
Abrem caminho as ondas encurvadas,
De temor das Nereidas apressadas.
- 21 Nos ombros de um Tritão, com gesto aceso,
Vai a linda Dione furiosa;
Não sente quem a leva o doce peso,
De soberbo com carga tão *fermosa*.
Já chegam perto donde o vento teso
Enche as velas da frota belicosa;
Repartem-se, e rodeiam nesse instante
As naus ligeiras, que iam por diante.
- 22 Põe-se a Deusa com outras em *dereito*
Da proa capitaina, e ali fechando
O caminho da barra, estão de jeito
Que em vão assopra o vento, a vela inchando;
Põe no madeiro duro o brando peito,
Pera detrás a forte nau forçando;
Outras em derredor levando-a estavam,
E da barra inimiga a desviavam.
- 23 Quais *pera* a cova as prúvidas formigas,
Levando o peso grande acomodado,
As forças exercitam, de inimigas
Do inimigo Inverno congelado;
Ali são seus trabalhos e fadigas,
Ali mostram vigor nunca esperado:
Tais andavam as Ninfas, estorvando
À gente Portuguesa o fim nefando.

- 24 Torna *pera* detrás a nau, forçada,
Apesar dos que leva, que, gritando,
Mareiam velas; ferve a gente irada,
O leme a um bordo e a outro atravessando.
O mestre astuto em vão da popa brada,
Vendo como diante ameaçando
Os estava um marítimo penedo,
Que de quebrar-lhe a nau lhe mete medo.
- 25 A celeuma medonha se alevanta
No *rudo* marinheiro que trabalha;
O grande estrondo a Maura gente espanta,
Como se vissem hórrida batalha.
Não sabem a razão de fúria tanta,
Não sabem nesta pressa quem *lhe* valha;
Cuidam que seus enganos são sabidos
E que hão-de ser por isso aqui punidos.
- 26 Ei-los súbitamente se lançavam
A seus batéis *veloces* que traziam;
Outros em cima o mar alevantavam,
Saltando na água, a nado se acolhiam;
De um bordo e doutro súbito saltavam,
Que o medo os compelia do que viam;
Que antes querem ao mar aventurar-se
Que nas mãos inimigas entregar-se.
- 27 Assi como em selvática *alagoa*
As rãs, no tempo antigo Lícia gente,
Se sentem porventura vir pessoa,
Estando fora da água incautamente,
Daqui e dali saltando (o charco soa),
Por fugir do perigo que se sente,
E, acolhendo-se ao couto que conhecem,
Sós as cabeças na água *lhe* aparecem:

- 28 Assi fogem os Mouros ; e o piloto,
Que ao perigo grande as naus guiara,
Crendo que seu engano estava noto,
Também foge, saltando na água amara.
Mas, *por* não darem no penedo imoto,
Onde percam a vida doce e cara,
A âncora solta logo a capitaina,
Qualquer das outras junto dela amaina.
- 29 Vendo o Gama, atentado, a estranheza
Dos Mouros, não cuidada, e juntamente
O piloto fugir-lhe com presteza,
Entende o que ordenava a bruta gente;
E, vendo, sem contraste e sem braveza
Dos ventos ou das águas sem corrente,
Que a nau passar avante não podia,
Havendo-o por milagre, *assi* dizia:
- 30 «Oh! Caso grande, estranho e não cuidado!
Oh! Milagre claríssimo e evidente!
Oh! Descoberto engano inopinado!
Oh! Pérfida, inimiga e falsa gente!
Quem poderá do mal aparelhado
Livrar-se sem perigo, sãbiamente,
Se lá de cima a Guarda Soberana
Não acudir à fraca força humana?
- 31 Bem nos mostra a Divina Providência
Destes portos a pouca segurança;
Bem claro temos visto na aparência
Que era enganada a nossa confiança.
Mas, pois saber humano nem prudência
Enganos tão fingidos não alcança,
Ó Tu, Guarda Divina, tem cuidado
De quem sem Ti não pode ser guardado!

- 32 E, se Te move tanto a piedade
Desta mísera gente peregrina,
Que, só por Tua altíssima bondade,
Da gente a salvas, pérfida e *malina*,
Nalgum porto seguro, de verdade,
Conduzir-nos, já agora, determina,
Ou nos amostra a terra que buscamos,
Pois só por Teu serviço navegamos.»
- 33 Ouviu-lhe estas palavras *piadosas*
A *fermosa* Dione, e, comovida,
Dantre as Ninfas se vai, que saudosas
Ficaram desta súbita partida.
Já penetra as Estrelas luminosas,
Já na terceira Esfera recebida
Avante passa, e lá no Sexto Céu,
Pera onde estava o Padre, se moveu.
- 34 E, como ia afrontada do caminho,
Tão *fermosa* no gesto se mostrava,
Que as Estrelas e o Céu e o Ar vizinho
E tudo quanto a via, namorava.
Dos olhos, onde faz seu filho o ninho,
Uns espíritos vivos inspirava,
Com que os Pólos gelados acendia,
E tornava do Fogo a esfera, fria.
- 35 E, *por* mais namorar o soberano
Padre, de quem foi sempre amada e cara,
Se lhe apresenta *assi* como ao Troiano,
Na selva Ideia, já se apresentara.
Se a vira o caçador, que o vulto humano
Perdeu, vendo Diana na água clara,
Nunca os famintos galgos o mataram,
Que primeiro desejos o acabaram.

- 36 Os crespos fios de ouro se esparziam
Pelo colo que a neve escurecia;
Andando, as lácteas tetas lhe tremiam,
Com quem Amor brincava, e não se via;
Da alva petrina flamas lhe saíam,
Onde o *minino* as almas acendia.
Polas lisas columnas lhe trepavam
Desejos, que como hera se enrolavam.
- 37 *Cum* delgado cendal as partes cobre
De quem vergonha é natural reparo;
Porém nem tudo esconde nem descobre
O véu, dos roxos lírios pouco avaro;
Mas, *pera* que o desejo acenda e dobre,
Lhe põe diante aquele objecto raro.
Já se sentem no Céu, por toda a parte,
Ciúmes em Vulcano, amor em Marte.
- 38 E, mostrando no angélico *sembrante*
Co riso *hũa* tristeza misturada,
Como dama que foi do incauto amante
Em brincos amorosos mal tratada,
Que se *aqueixa* e se ri num mesmo instante,
E se torna entre alegre magoada,
Destarte a Deusa, a quem *nenhũa* iguala,
Mais mimosa que triste, ao Padre fala:
- 39 «Sempre eu cuidei, ó Padre poderoso,
Que, *pera* as cousas que eu do peito amasse,
Te achasse brando, *afabil* e amoroso,
Posto que a algum *contrairo* lhe pesasse;
Mas, pois que contra *mi* te vejo iroso,
Sem que to merecesse nem te errasse,
Faça-se como Baco determina;
Assentarei, enfim, que fui mofina.

- 40 Este povo, que é meu, por quem derramo
As lágrimas que em vão caídas vejo,
Que assaz de mal lhe quero, pois que o amo,
Sendo tu tanto contra meu desejo,
Por ele a ti rogando, choro e bramo,
E contra minha dita, enfim, pelejo,
Ora pois, porque o amo, é mal tratado,
Quero-lhe querer mal: será guardado.
- 41 Mas, *moura* enfim, nas mãos das brutas gentes,
Que pois eu fui...» E nisto, de mimosa,
O rosto banha em lágrimas ardentes,
Como *co* orvalho fica a fresca rosa.
Calada um pouco, como se entre os dentes
Lhe impedira a fala piedosa,
Torna a segui-la; e, indo por diante,
Lhe atalha o poderoso e grão Tonante.
- 42 E destas brandas mostras comovido,
Que moveram de um tigre o peito duro,
Co vulto alegre, qual, do Céu subido,
Torna sereno e claro o ar escuro,
As lágrimas lhe *alimpa*, e, acendido,
Na face a beija, e abraça o colo puro;
De modo que dali, se só se achara,
Outro novo Cupido se *gêrara*.
- 43 E, *co* seu apertando o rosto amado,
Que os *saluços* e lágrimas aumenta,
Como *minino* da ama castigado,
Que quem no afaga o choro lhe *acrecenta*,
Por lhe pôr em sossego o peito irado,
Muitos casos futuros lhe apresenta,
Dos Fados as entranhas revolvendo.
Desta maneira, enfim, lhe está dizendo:

- 44 { «*Fermosa* filha minha, não temais
Perigo algum nos vossos Lusitanos,
Nem que ninguém comigo possa mais
Que esses chorosos olhos soberanos;
Que eu vos prometo, filha, que vejais
Esquecerem-se Gregos e Romanos,
Pelos ilustres feitos que esta gente
Há-de fazer nas partes do Oriente.
- 45 { Que, se o facundo Ulisses escapou
De ser na Ogígia Ilha eterno escravo,
E, se Antenor os seios penetrou
Ilíricos e a fonte de Timavo,
E, se o *piadoso* Eneias navegou
De Cila e de Caríbdis o mar bravo,
Os vossos, mores cousas atentando,
Novos mundos ao mundo irão mostrando.
- 46 { Fortalezas, cidades e altos muros
Por eles vereis, filha, edificados;
Os Turcos belacíssimos e duros
Deles sempre vereis desbaratados.
Os Reis da Índia, livres e seguros,
Vereis ao Rei potente *sojugados*,
E por eles, de tudo, enfim, senhores,
Serão dadas na Terra leis *milhores*.
- 47 { Vereis este, que agora, pressuroso,
Por tantos medos o Indo vai buscando,
Tremar dele Neptuno, de medroso,
Sem vento suas águas encrespando.
Oh! Caso nunca visto e milagroso,
Que trema e ferva o mar, em calma estando!
Oh! Gente forte e de altos pensamentos,
Que também dela não medo os Elementos!

- 48 { Vereis a terra, que a água *lhe* tolhia,
Que *inda* há-de ser um porto mui decente,
Em que vão descansar da longa via
As naus que navegarem do Ocidente.
Toda esta costa, enfim, que agora urdia
O mortífero engano, obediente
Lhe pagará tributos, conhecendo
Não poder resistir ao Luso horrendo.
- 49 { E vereis o Mar Roxo, tão famoso,
Tornar-se-lhe amarelo, de *infiado*;
Vereis de Ormuz o Reino poderoso
Duas vezes tomado e *sojugado*;
Ali vereis o Mouro furioso
De suas mesmas setas traspassado;
Que quem vai contra os vossos, claro veja
Que, se resiste, contra si peleja.
- 50 { Vereis a *inexpugnabil* Diu forte
Que *dous* cercos terá, dos vossos sendo.
Ali se mostrará seu preço e sorte,
Feitos de armas grandíssimos fazendo;
Envejoso vereis o grão *Mavorte*
Do peito Lusitano, fero e horrendo.
Do Mouro ali verão que a voz extrema
Do falso *Mahamede* ao Céu blasfema.
- 51 { Goa vereis aos Mouros ser tomada,
A qual virá *despois* a ser senhora
De todo o Oriente, e sublimada
Cos triunfos da gente vencedora.
Ali, soberba, altiva e exalçada,
Ao Gentio, que os ídolos adora,
Duro freio porá, e a toda a terra
Que cuidar de fazer aos vossos guerra.

- 52 Vereis a fortaleza sustentar-se
De Cananor, com pouca força e gente;
E vereis *Calecu* desbaratar-se,
Cidade populosa e tão potente;
E vereis em Cochim assinalar-se
Tanto um peito soberbo e insolente,
Que cítara jamais cantou vitória
Que *assi* mereça eterno nome e glória.
- 53 Nunca com Marte instruto e furioso
Se viu ferver Leucate, quando Augusto
Nas civis Áctias guerras, animoso,
O Capitão venceu Romano injusto,
Que dos povos da Aurora e do famoso
Nilo e do Bactra Cítico e robusto
A vitória trazia e presa rica,
Preso da Egípcia linda e não pudica:
- 54 Como vereis o mar fervendo aceso
Cos incêndios dos vossos, pelejando,
Levando o *Idololatra* e o Mouro preso,
De nações diferentes triunfando;
E, sujeita a rica Áurea Quersoneso,
Até o *longinco* China navegando
E as ilhas mais remotas do Oriente,
Ser-lhe-á todo o Oceano obediente.
- 55 De modo, filha minha, que de jeito
Amostrarão esforço mais que humano,
Que nunca se verá tão forte peito,
Do Gangético mar ao Gaditano,
Nem das Boreais ondas ao Estreito
Que mostrou o agravado Lusitano,
Posto que em todo o mundo, de afrontados,
Ressucitassem todos os passados.»

- 56 Como isto disse, manda o consagrado
Filho de Maia à Terra, *por* que tenha
Um pacífico porto e sossegado,
Pera onde sem receio a frota venha;
E, *pera* que em Mombaça, aventureado,
O forte Capitão se não detenha,
Lhe manda mais que em sonhos lhe mostrasse
A terra onde quieto repousasse.
- 57 Já pelo ar o Cileneu voava;
Com as asas nos pés à Terra *dece*;
Sua vara fatal na mão levava,
Com que os olhos cansados adormece.
Com esta, as tristes almas revocava
Do Inferno, e o vento lhe obedece.
Na cabeça o galero costumado.
E destarte a Melinde foi chegado.
- 58 Consigo a Fama leva, *por* que diga
Do Lusitano o preço grande e raro,
Que o nome ilustre a um certo amor obriga,
E faz, a quem o tem, amado e caro.
Destarte vai fazendo a gente amiga
Co rumor famosíssimo e preclaro.
Já Melinde em desejos arde todo
De ver da gente forte o gesto e modo.
- 59 Dali *pera* Mombaça logo parte,
Aonde as naus estavam temerosas,
Pera que à gente mande que se aparte
Da barra *immiga* e terras suspeitosas;
Porque mui pouco *val* esforço e arte
Contra infernais vontades enganosas;
Pouco *val* coração, astúcia e siso,
Se lá dos Céus não vem celeste aviso.

- 60 Meio caminho a noite tinha andado
E as Estrelas no Céu, *co* a luz alheia,
Tinham o largo Mundo alumiado;
E só *co* sono a gente se recreia.
O Capitão ilustre, já cansado
De vigiar a noite, que arreceia,
Breve repouso *antam* aos olhos dava,
A outra gente a quartos vigiava;
- 61 Quando Mercúrio em sonhos lhe aparece,
Dizendo: «*Fuge, fuge*, Lusitano,
Da cilada que o Rei malvado tece,
Por te trazer ao fim e extremo dano.
Fuge, que o vento e o Céu te favorece;
Seren o tempo tens e o Oceano,
E outro Rei mais amigo, noutra parte,
Onde podes seguro agasalhar-te.
- 62 Não tens aqui senão aparelhado
O hospício que o cru Diomedes dava,
Fazendo ser manjar acostumado
De cavalos a gente que hospedava;
As aras de Busíris infamado,
Onde os hóspedes tristes imolava,
Terás certas aqui, se muito esperas.
Fuge das gentes pérfidas e feras!
- 63 Vai-te ao longo da costa percorrendo,
E outra terra acharás de mais verdade,
Lá quase junto donde o Sol, ardendo,
Iguala o dia e noite em quantidade;
Ali tua frota alegre recebendo
Um Rei, com muitas obras de amizade,
Gasalhado seguro te daria
E, *pera* a Índia, certa e sábia guia.»

- 64 Isto Mercúrio disse, e o sono leva
Ao Capitão, que, com mui grande espanto,
Acorda, e vê ferida a escura treva
De *hũa* súbita luz e raio santo.
E, vendo claro quanto lhe releva
Não se deter na terra iníqua tanto,
Com novo *sprito* ao mestre seu mandava
Que as velas desse ao vento que assoprava.
- 65 «Dai velas (disse), dai ao largo vento,
Que o Céu nos favorece, e Deus o manda;
Que um mensageiro vi do claro Assento,
Que só em favor de nossos passos anda.»
Alevanta-se nisto o movimento
Dos marinheiros, de *hũa* e de outra banda,
Levam, gritando, as âncoras acima,
Mostrando a *ruda* força, que se estima.
- 66 Neste tempo que as âncoras levavam,
Na sombra escura os Mouros escondidos
Mansamente as amarras *lhe* cortavam,
Por serem, dando à costa, destruídos;
Mas com vista de lince vigiavam
Os Portugueses, sempre apercebidos.
Eles, como acordados os sentiram,
Voando, e não remando, *lhe* fugiram.
- 67 Mas já as agudas proas apartando
Iam as vias húmidas de argento;
Assopra-*lhe* galerno o vento e brando,
Com suave e seguro movimento.
Nos perigos passados vão falando,
Que mal se perderão do pensamento
Os casos grandes, donde em tanto aperto
A vida em salvo escapa por acerto.

- 68 Tinha *hũa* volta dado o Sol ardente
E noutra começava, quando viram
Ao longe *dous* navios, brandamente
Cos ventos navegando, que respiram.
Porque haviam de ser da Maura gente,
Pera eles arribando, as velas viram.
Um, de temor do mal que arreceava,
Por se salvar a gente, à costa dava.
- 69 Não é o outro que fica tão manhoso,
Mas nas mãos vai cair do Lusitano,
Sem o rigor de Marte furioso
E sem a fúria horrenda de Vulcano;
Que, como fosse débil e medroso
Da pouca gente o fraco peito humano,
Não teve resistência; e, se a tivera,
Mais dano, resistindo, recebera.
- 70 E, como o Gama muito desejasse
Piloto *pera* a Índia, que buscava,
Cuidou que entre estes Mouros o tomasse;
Mas não lhe sucedeu como cuidava,
Que nenhum deles há que lhe *insinasse*
A que parte dos céus a Índia estava;
Porém dizem-lhe todos que tem perto
Melinde, onde acharão piloto certo.
- 71 Louvam do Rei os Mouros a bondade,
Condição liberal, sincero peito,
Magnificência grande e humanidade,
Com partes de grandíssimo respeito.
O Capitão o assela por verdade,
Porque já lho dissera deste jeito
O Cileneu em sonhos; e partia
Pera onde o sonho e o Mouro lhe dizia.

- 72 Era no tempo alegre, quando entrava
No roubador de Europa a luz Febeia,
Quando um e o outro corno lhe aqueitava,
E Flora derramava o de Amalteia.
A memória do dia renovava
O pressuroso Sol, que o Céu rodeia,
Em que Aquele, a quem tudo está sujeito,
O selo pôs a quanto tinha feito;
- 73 Quando chegava a frota àquela parte,
Onde o Reino Melinde já se via,
De toldos adornada e leda, de arte
Que bem mostra estimar o santo dia.
Treme a bandeira, voa o estandarte,
A cor purpúrea ao longe aparecia;
Soam os *atambores* e pandeiros;
E *assi* entravam ledos e guerreiros.
- 74 Enche-se toda a praia Melindana
Da gente que vem ver a leda armada,
Gente mais verdadeira e mais humana,
Que toda a doutra terra atrás deixada.
Surge diante a frota Lusitana,
Pega no fundo a âncora pesada.
Mandam fora um dos Mouros que tomaram,
Por quem sua vinda ao Rei manifestaram.
- 75 O Rei, que já sabia da nobreza
Que tanto os Portugueses engrandece,
Tomarem o seu porto tanto preza,
Quanto a gente fortíssima merece;
E, com verdadeiro ânimo e pureza,
Que os peitos generosos enobrece,
Lhe manda rogar muito que saíssem,
Pera que de seus Reinos se servissem.

- 76 São oferecimentos verdadeiros
E palavras sinceras, não dobradas,
As que o Rei manda aos nobres cavaleiros,
Que tanto mar e terras *tem* passadas.
Manda-lhe mais lanígeros carneiros
E galinhas domésticas cevadas,
Com as frutas que *antam* na terra havia;
E a vontade à dádiva excedia.
- 77 Recebe o Capitão alegremente
O mensageiro ledó e seu recado;
E logo manda ao Rei outro presente,
Que de longe trazia aparelhado:
Escarlata purpúrea, cor ardente,
O ramoso coral, fino e prezado,
Que *debaxo* das águas mole *crece*,
E, como é fora delas, se endurece.
- 78 Manda mais um, na prática elegante,
Que *co* Rei nobre as pazes concertasse
E que de não sair, naquele instante,
De suas naus em terra, o desculpasse.
Partido *assi* o embaixador prestante,
Como na terra ao Rei se apresentasse,
Com estilo, que Palas lhe ensinava,
Estas palavras tais falando orava:
- 79 «Sublime Rei, a quem do Olimpo puro
Foi da suma Justiça concedido
Refrear o soberbo povo duro,
Não menos dele amado, que temido:
Como porto mui forte e mui seguro,
De todo o Oriente conhecido,
Te vimos a buscar, *pera* que achemos
Em ti o remédio certo que queremos.

- 80 Não somos roubadores, que, passando
Pelas fracas cidades descuidadas,
A ferro e a fogo as gentes vão matando,
Por roubar-lhe as fazendas cobiçadas;
Mas, da soberba Europa navegando,
Imos buscando as terras apartadas
Da índia, grande e rica, por mandado
De um Rei que temos, alto e sublimado.
- 81 Que *geração* tão dura há *hi* de gente,
Que bárbaro costume e usança feia,
Que não vedem os portos tão sòmente,
Mas *inda* o hospício na deserta areia?
Que má tenção, que peito em nós se sente,
Que de tão pouca gente se arreceia?
Que, com laços armados, tão fingidos,
Nos ordenassem ver-nos destruídos?
- 82 Mas tu, em quem mui certo confiamos
Achar-se mais verdade, ó Rei *benino*,
E aquela certa ajuda em ti esperamos,
Que teve o perdido Ítaco em Alcino,
A teu porto seguros navegamos,
Conduzidos do intérprete divino;
Que, pois a ti nos manda, está mui claro,
Que és de peito sincero, humano e raro.
- 83 E não cuides, ó Rei, que não saísse
O nosso Capitão esclarecido
A ver-te ou a servir-te, porque visse
Ou suspeitasse em ti peito fingido;
Mas saberás que o fez, *por* que *comprisse*
O regimento, em tudo obedecido,
De seu Rei, que lhe manda que não saia,
Deixando a frota, em nenhum porto ou praia.

- 92 Mas já o Céu inquieto, revolvendo,
As gentes incitava a seu trabalho;
E já a mãe de *Menon*, a luz trazendo,
Ao sono longo punha certo atalho;
Iam-se as sombras lentas desfazendo,
Sobre as flores da terra, em frio orvalho,
Quando o Rei *Milindano* se embarcava,
A ver a frota que no mar estava.
- 93 Viam-se em derredor ferver as praias,
Da gente, que a ver só concorre leda;
Luzem da fina púrpura as cabaias,
Lustram os panos da tecida seda.
Em lugar de guerreiras azagaias
E do arco que os cornos arremeda
Da *Lûa*, trazem ramos de palmeira,
Dos que vencem, coroa verdadeira.
- 94 Um batel grande e largo, que toldado
Vinha de sedas de diversas cores,
Traz o Rei de Melinde, acompanhado
De nobres de seu Reino e de senhores.
Vem de ricos vestidos adornado,
Segundo seus costumes e primores;
Na cabeça, *hûa* fota guarnecida
De ouro, e de seda e de algodão tecida.
- 95 Cabaia de Damasco rico e *dino*,
Da Tíria cor, entre eles estimada;
Um colar ao pescoço, de ouro fino,
Onde a matéria da obra é superada,
Cum resplendor reluze adamantino;
Na cinta a rica adaga, bem lavrada;
Nas alparcas dos pés, em fim de tudo,
Cobrem ouro e aljôfar ao veludo.

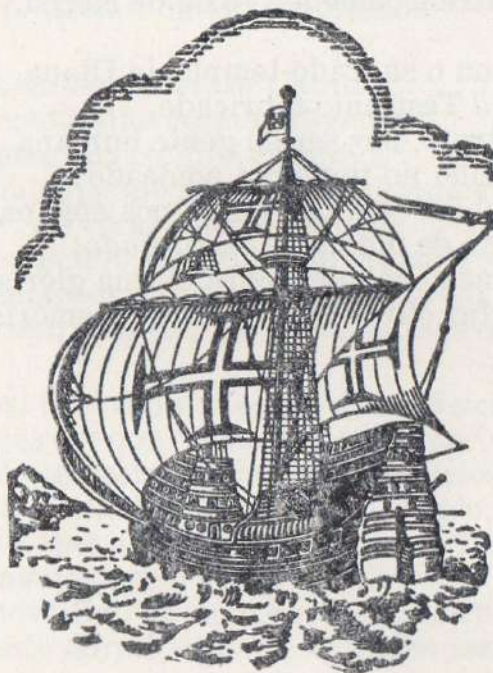
- 96 Com um redondo *emparo* alto de seda,
Nûa alta e dourada hástia enxerido,
Um ministro à solar quentura veda
Que não ofenda e queime o Rei subido.
Música traz na proa, estranha e leda,
De áspero som, horríssonos ao ouvido,
De trombetas arcadas em redondo,
Que, sem concerto, fazem *rudo* estrondo.
- 97 Não menos guarnecido, o Lusitano,
Nos seus batéis, da frota se partia,
A receber no mar o *Milindano*,
Com lustrosa e honrada companhia.
Vestido o Gama vem ao modo Hispano,
Mas Francesa era a roupa que vestia,
De cetim da Adriática Veneza,
Carmesi, cor que a gente tanto preza.
- 98 De botões de ouro as mangas *vem* tomadas,
Onde o Sol, reluzindo, a vista cega;
As calças soldadescas, recamadas
Do metal que Fortuna a tantos nega;
E com pontas do mesmo, delicadas,
Os golpes do gibão ajunta e achega;
Ao Itálico modo a áurea espada;
Pruma na gorra, um pouco declinada.
- 99 Nos de sua companhia se mostrava
Da tinta que dá o múrice excelente
A vária cor, que os olhos alegrava,
E a maneira do trajo diferente.
Tal o *fermoso* esmalte se notava
Dos vestidos, olhados juntamente,
Qual aparece o arco rutilante
Da bela Ninfa, filha de Taumante.

- 100 Sonoras trombetas incitavam
Os ânimos alegres, ressoando;
Dos Mouros os batéis o mar coalhavam,
Os toldos pelas águas arrojando;
As bombardas horríssonas bramavam,
Com as nuvens de fumo o Sol tomando;
Amiúdam-se os brados acendidos,
Tapam com as mãos os Mouros os ouvidos.
- 101 Já no batel entrou do Capitão
O Rei, que nos seus braços o levava;
Ele, *co* a cortesia que a razão
(Por ser Rei) requeria, lhe falava.
Cũas mostras de espanto e admiração,
O Mouro o gesto e o modo lhe notava,
Como quem em mui grande estima tinha
Gente que de tão longe à Índia vinha.
- 102 E com grandes palavras lhe oferece
Tudo o que de seus reinos lhe *comprisse*;
E que, se mantimento lhe falece,
Como se próprio fosse, lho pedisse.
Diz-lhe mais que, por fama, bem conhece
A gente Lusitana, sem que a visse;
Que já ouviu dizer que noutra terra
Com gente de sua Lei tivesse guerra;
- 103 E, como por toda África se soa,
Lhe diz, os grandes feitos que fizeram,
Quando nela ganharam a coroa
Do Reino, onde as Hespéridas viveram;
E com muitas palavras apregoa
O menos que os de Luso mereceram
E o mais que, pela fama, o Rei sabia.
Mas desta sorte o Gama respondia:

- 104 «Ó tu, que, só, tiveste piedade,
Rei benigno, da gente Lusitana,
Que, com tanta miséria e adversidade,
Dos mares *exprimenta* a fúria insana:
Aquela alta e divina Eternidade
Que o Céu revolve e rege a gente humana,
Pois que de ti tais obras recebemos,
Te pague o que nós outros não podemos.
- 105 Tu só, de todos quantos queima Apolo,
Nos recebes em paz, do mar profundo;
Em ti, dos ventos hórridos de *Eolo*
Refúgio achamos, bom, fido e jucundo.
Enquanto *apacentar* o largo Pólo
As Estrelas, e o Sol der lume ao Mundo,
Onde quer que eu viver, com fama e glória
Viverão teus louvores em memória.»
- 106 Isto dizendo, os barcos vão remando
Pera a frota, que o Mouro ver deseja;
Vão as naus *hũa a hũa* rodeando,
Por que de todas tudo note e veja;
Mas *pera* o céu Vulcano fuzilando,
A frota *co* as bombardas o festeja
E as trombetas canoras lhe tangiam;
Cos anafis os Mouros respondiam.
- 107 Mas, *despois* de ser tudo já notado
Do generoso Mouro, que pasmava,
Ouvindo o instrumento inusitado,
Que tamanho terror em si mostrava,
Mandava estar quieto e ancorado
Na água o batel ligeiro que os levava,
Por falar devagar *co* forte Gama
Nas cousas de que tem notícia e fama.

- 108 { Em práticas o Mouro diferentes
 Se deleitava, perguntando agora
 Pelas guerras famosas e excelentes
Co povo havidas que a Mafoma adora;
 Agora lhe pergunta pelas gentes
 De toda a Hespéria última, onde mora;
 Agora, pelos povos seus vizinhos,
 Agora, pelos húmidos caminhos.
- 109 { «Mas antes, *valeroso* Capitão,
 Nos conta (lhe *dezia*) diligente,
 Da terra tua o clima e região
 Do mundo onde morais, distintamente;
 E *assi* de vossa antiga *geração*,
 E o princípio do Reino tão potente,
Cos sucessos das guerras do começo,
 Que, sem sabê-las, sei que são de preço.
- 110 E *assi* também nos conta dos rodeios
 Longos em que te traz o Mar irado,
 Vendo os costumes bárbaros, alheios,
 Que a nossa África *ruda* tem criado.
 Conta, que agora *vem cos* áureos freios
 Os cavalos que o carro marchetado
 Do novo Sol, da fria Aurora trazem;
 O vento dorme, o mar e as ondas jazem.
- 111 E não menos *co* tempo se parece
 O desejo de ouvir-te o que contares;
 Que quem há que por fama não conhece
 As obras Portuguesas singulares?
 Não tanto desviado resplandece
 De nós o claro Sol, *pera* julgares
 Que os Melindanos *tem* tão *rudo* peito,
 Que não estimem muito um grande feito.

- 112 Cometeram soberbos os Gigantes,
 Com guerra vã, o Olimpo claro e puro;
 Tentou Perito e Téseu, de ignorantes,
 O Reino de Plutão, horrendo e escuro.
 Se houve feitos no mundo tão possantes,
 Não menos é trabalho ilustre e duro,
 Quanto foi cometer Inferno e Céu,
 Que outrem cometa a fúria de Nereu.
- 113 Queimou o sagrado templo de Diana,
 Do *sutil* Tesifónio fabricado,
 Heróstrato, *por* ser da gente humana
 Conhecido no mundo e nomeado;
 Se também com tais obras nos engana
 O desejo de um nome *aventajado*,
 Mais razão há que queira eterna glória
 Quem faz obras tão dignas de memória.»



CANTO TERCEIRO

- 1 Agora tu, Calíope, me ensina
 O que contou ao Rei o ilustre Gama;
 Inspira imortal canto e voz divina
 Neste peito mortal, que tanto te ama.
 Assi o claro inventor da Medicina,
 De quem Orfeu pariste, ó linda Dama,
 Nunca por Dafne, Clície ou *Leucothoe*
 Te negue o amor *divido*, como *soe*.

- 2 Põe tu, Ninfa, em efeito meu desejo,
 Como merece a gente Lusitana;
 Que veja e saiba o mundo que do Tejo
 O licor de Aganipe corre e mana.
 Deixa as flores de Pindo, que já vejo
 Banhar-me Apolo na água soberana;
 Senão direi que tens algum receio
 Que se escureça o teu querido *Orpheio*.

- 3 Prontos estavam todos *escuitando*
 O que o sublime Gama contaria,
 Quando, *despois* de um pouco estar cuidando,
 Alevantando o rosto, *assi* dizia:
 «Mandas-me, ó Rei, que conte declarando
 De minha gente a *grão* genealogia;
 Não me mandas contar estranha história,
 Mas mandas-me louvar dos meus a glória.

- 4 { Que outrem possa louvar esforço alheio,
Cousa é que se costuma e se deseja;
Mas louvar os meus próprios, arreceio
Que louvor tão suspeito mal me esteja;
E, *pera* dizer tudo, temo e creio
Que qualquer longo tempo curto seja;
Mas, pois o mandas, tudo se te deve;
Irei contra o que devo, e serei breve.
- 5 { Além disso, o que a tudo, enfim, me obriga
É não poder mentir no que disser,
Porque de feitos tais, por mais que diga,
Mais me há-de ficar *inda* por dizer.
Mas, *por* que nisto a ordem leve e siga,
Segundo o que desejas de saber,
Primeiro tratarei da larga terra,
Depois direi da sanguinosa guerra.
- 6 Entre a Zona que o Cancro senhoreia,
Meta Setentrional do Sol luzente,
E aquela que por fria se arreceia
Tanto, como a do meio por ardente,
Jaz a soberba Europa, a quem rodeia,
Pela parte do Arcturo e do Ocidente,
Com suas salsas ondas o Oceano,
E, pela Austral, o Mar *Mediterrano*.
- 7 Da parte donde o dia vem nascendo,
Com Ásia se avizinha; mas o rio
Que dos montes Rifeios vai correndo
Na *alagoa* Meótis, curvo e frio,
As divide, e o mar que, fero e horrendo,
Viu dos Gregos o irado senhorio,
Onde agora de Tróia triunfante
Não vê mais que a memória o navegante.

- 8 Lá onde mais *debaxo* está do Pólo,
Os montes Hiperbóreos aparecem
E aqueles onde sempre sopra *Eolo*,
E *co* nome dos sopros se enobrecem.
Aqui tão pouca força *tem* de Apolo
Os raios que no mundo resplandecem,
Que a neve está *contino* pelos montes,
Gelado o mar, geladas sempre as fontes.
- 9 Aqui dos Citas grande quantidade
Vivem, que antigamente grande guerra
Tiveram, sobre a humana antiguidade,
Cos que tinham então a Egípcia terra;
Mas quem tão fora estava da verdade
(Já que o juízo humano tanto erra),
Pera que do mais certo se informara,
Ao campo Damasceno o perguntara.
- 10 Agora nestas partes se nomeia
A Lápia fria, a inculta Noruega,
Escandinávia Ilha, que se arreia
Das vitórias que Itália não lhe nega.
Aqui, enquanto as águas não refreia
O congelado Inverno, se navega
Um braço do Sarmático Oceano
Pelo Brússio, Suécio e frio Dano.
- 11 Entre este Mar e o Tánais, vive estranha
Gente: Rutenos, Moscos e Livónios,
Sármatas outro tempo; e na montanha
Hircínia os Marcomanos são Polónios.
Sujeitos ao Império de Alemanha
São Saxonos, Boémios e Panónios
E outras várias nações, que o Reno frio
Lava, e o Danúbio, Amasis e Álbis rio.

- 12 Entre o remoto Istro e o claro Estreito
Aonde Hele deixou, *co* nome, a vida,
Estão os Traces de robusto peito,
Do fero Marte pátria tão querida,
Onde, *co* Hemo, o Ródope sujeito
Ao Otomano está, que *sometida*
Bizâncio tem a seu serviço *indino*.
Boa injúria do grande *Costantino*!
- 13 Logo de Macedónia estão as gentes,
A quem lava do Áxio a água fria;
E vós também, ó terras excelentes
Nos costumes, engenhos e ousadia,
Que criastes os peitos eloquentes
E os juízos de alta fantasia
Com quem tu, clara Grécia, o Céu penetras
(E não menos por armas, que por letras).
- 14 Logo os Dálmatas vivem; e, no seio,
Onde Antenor já muros levantou,
A soberba Veneza está no meio
Das águas, que tão *baxa* começou.
Da terra um braço vem ao mar, que, cheio
De esforço, nações várias sujeitou;
Braço forte, de gente sublimada,
Não menos nos engenhos que na espada.
- 15 Em torno o cerca o Reino Neptunino,
Cos muros naturais por outra parte;
Pelo meio o divide o Apenino,
Que tão ilustre fez o pátrio Marte;
Mas, *despois* que o Porteiro tem divino,
Perdendo o esforço veio e bélica arte;
Pobre está já da antiga potestade.
Tanto Deus se contenta de humildade!

- 16 Gália ali se verá, que nomeada
Cos Cesáreos triunfos foi no mundo;
Que do *Sequana* e Ródano é regada
E do Garuna frio e Reno fundo.
Logo os montes da Ninfa sepultada,
Pirene, se alevantam, que, segundo
Antiguidades contam, quando arderam,
Rios de ouro e de prata *antão* correram.
- 17 Eis aqui se descobre a nobre Espanha,
Como cabeça ali de Europa toda,
Em cujo senhorio e glória estranha
Muitas voltas tem dado a fatal roda;
Mas nunca poderá, com força ou manha,
A Fortuna inquieta pôr-lhe *noda*,
Que lha não tire o esforço e ousadia
Dos belicosos peitos que em si cria.
- 18 Com Tingitânia entesta, e ali parece
Que quer fechar o Mar *Mediterrano*,
Onde o sabido Estreito se enobrece
Co extremo trabalho do Tebano.
Com nações diferentes se engrandece,
Cercadas com as ondas do Oceano,
Todas de tal nobreza e tal valor,
Que qualquer delas cuida que é *milhor*.
- 19 Tem o Tarragonês, que se fez claro
Sujeitando Parténope inquieta;
O Navarro, as Astúrias, que reparo
Já foram contra a gente Maometa;
Tem o Galego cauto e o grande e raro
Castelhano, a quem fez o seu Planeta
Restituidor de Espanha e senhor dela;
Bétis, Leão, Granada, com Castela.

- 20 } Eis aqui, quase cume da cabeça
De Europa toda, o Reino Lusitano,
Onde a terra se acaba e o mar começa
E onde Febo repousa no Oceano.
Este quis o Céu justo que *floreça*
Nas armas contra o torpe Mauritano,
Deitando-o de si fora; e lá na ardente
África estar quieto o não consente.
- 21 } Esta é a ditosa pátria minha amada,
À qual se o Céu me dá que eu sem perigo
Torne, com esta empresa já acabada,
Acabe-se esta luz ali comigo.
Esta foi Lusitânia, derivada
De Luso ou Lisa, que de Baco antigo
Filhos foram, parece, ou companheiros,
E nela *antam* os íncolas primeiros.
- 22 } Desta o Pastor nasceu que no seu nome
Se vê que de homem forte os feitos teve,
Cuja fama ninguém virá que dome,
Pois a grande de Roma não se atreve.
Esta, o Velho que os filhos próprios come,
Por decreto do Céu, ligeiro e leve,
Veio a fazer no mundo tanta parte,
Criando-a Reino ilustre; e foi destarte:
- 23 } Um Rei, por nome Afonso, foi na Espanha,
Que fez aos Sarracenos tanta guerra,
Que, por armas *sanguinas*, força e manha,
A muitos fez perder a vida e a terra.
Voando deste Rei a fama estranha
Do Herculano Calpe à Cáspia Serra,
Muitos, *pera* na guerra esclarecer-se,
Vinhão a ele e à morte oferecer-se.

- 24 } E *cum* amor intrínseco acendidos
Da Fé, mais que das honras populares,
Eram de várias terras conduzidos,
Deixando a pátria amada e próprios lares.
Depois que em feitos altos e subidos
Se mostraram nas armas singulares,
Quis o famoso Afonso que obras tais
Levassem prêmio digno e *dões* iguais.
- 25 } Destes *Anrique* (dizem que segundo
Filho de um Rei da Hungria *exprimentado*)
Portugal houve em sorte, que no mundo
Então não era ilustre nem prezado;
E, *pera* mais sinal de amor profundo,
Quis o Rei Castelhana que casado
Com Teresa, sua filha, o Conde fosse;
E com ela das terras tomou posse.
- 26 } Este, *depois* que contra os descendentes
Da escrava Agar vitórias grandes teve,
Ganhando muitas terras adjacentes,
Fazendo o que a seu forte peito deve,
Em prêmio destes feitos excelentes
Deu-lhe o supremo Deus, em tempo breve,
Um filho, que ilustrasse o nome ufano
Do belicoso Reino Lusitano.
- 27 } Já tinha vindo *Anrique* da conquista
Da cidade Hierosólíma sagrada,
E do Jordão a areia tinha vista,
Que viu de Deus a carne em si lavada
(Que, não tendo *Gotfredo* a quem resista,
Depois de ter Judeia *sojugada*,
Muitos, que nestas guerras o ajudaram,
Pera seus senhorios se tornaram);

- 28 Quando, chegado ao fim de sua idade,
O forte e famoso Húngaro estremado,
Forçado da fatal necessidade,
O *sprito* deu a Quem lho tinha dado.
Ficava o filho em tenra mocidade,
Em quem o pai deixava seu traslado,
Que do mundo os mais fortes igualava,
Que de tal pai tal filho se esperava.
- 29 Mas o velho rumor (não sei se errado,
Que em tanta antiguidade não há certeza)
Conta que a mãe, tomando todo o estado,
Do segundo himeneu não se despreza.
O filho órfão deixava deserdado,
Dizendo que nas terras a grandeza
Do senhorio todo só sua era,
Porque, *pera* casar, seu pai lhas dera.
- 30 Mas o príncipe Afonso (que destarte
Se chamava, do avô tomando o nome),
Vendo-se em suas terras não ter parte,
Que a mãe com seu marido as manda e come,
Fervendo-lhe no peito o duro Marte,
Imagina consigo como as tome.
Revolvidas as causas no conceito,
Ao propósito firme segue o efeito.
- 31 De Guimarães o campo se tingia
Co sangue próprio da intestina guerra,
Onde a mãe, que tão pouco o parecia,
A seu filho negava o amor e a terra.
Co ele posta em campo já se via;
E não vê a soberba o muito que erra
Contra Deus, contra o maternal amor;
Mas nela o sensual era maior.

- 32 Ó *Progne* crua, ó mágica Medeia,
Se em vossos próprios filhos vos vingais
Da maldade dos pais, da culpa alheia,
Olhai que *inda* Teresa peca mais!
Incontinência má, cobiça feia,
São as causas deste erro principais:
Cila, por *hũa*, mata o velho pai;
Esta, por ambas, contra o filho vai.
- 33 Mas já o Príncipe claro o vencimento
Do padraсто e da *inica* mãe levava;
Já lhe obedece a terra, num momento,
Que primeiro contra ele pelejava;
Porém, vencido de ira o entendimento,
A mãe em ferros ásperos atava;
Mas de Deus foi vingada em tempo breve.
Tanta veneração aos pais se deve!
- 34 Eis se ajunta o soberbo Castelhana
Pera vingar a injúria de Teresa,
Contra o tão raro em gente Lusitano,
A quem nenhum trabalho agrava ou pesa.
Em batalha cruel, o peito humano,
Ajudado da Angélica defesa,
Não só contra tal fúria se sustenta,
Mas o inimigo aspérrimo afugenta.
- 35 Não passa muito tempo, quando o forte
Príncipe em Guimarães está cercado
De infinito poder, que desta sorte
Foi refazer-se o *immigo* magoado;
Mas, com se oferecer à dura morte
O fiel Egas amo, foi livrado;
Que, de outra arte, pudera ser perdido,
Segundo estava mal apercebido.

- 36 Mas o leal vassalo, conhecendo
Que seu senhor não tinha resistência,
Se vai ao Castelhana, prometendo
Que ele faria dar-lhe obediência.
Levanta o inimigo o cerco horrendo,
Fiado na promessa e consciência
De Egas Moniz; mas não consente o peito
Do moço ilustre a outrem ser sujeito.
- 37 Chegado tinha o prazo prometido,
Em que o Rei Castelhana já aguardava
Que o Príncipe, a seu mando *sometido*,
Lhe desse a obediência que esperava.
Vendo Egas que ficava fementido,
O que dele Castela não cuidava,
Determina de dar a doce vida
A troco da palavra mal *comprida*.
- 38 E com seus filhos e mulher se parte
A alevantar *co* eles a fiança,
Descalços e despidos, de tal arte
Que mais move a piedade que a vingança.
«Se pretendes, Rei alto, de vingar-te
De minha temerária confiança
(Dizia) eis aqui venho oferecido
A te pagar *co* a vida o prometido.
- 39 Vês, aqui trago as vidas inocentes
Dos filhos sem pecado e da consorte;
Se a peitos generosos e excelentes
Dos fracos satisfaz a fera morte,
Vês aqui as mãos e a língua delinquentes:
Nelas *sós exprimenta* toda sorte
De tormentos, de mortes, pelo estilo
De Sínis e do touro de Perilo.»

- 40 Qual diante do algoz o condenado,
Que já na vida a morte tem bebido,
Põe no cepo a garganta e, já entregado,
Espera pelo golpe tão temido:
Tal diante do Príncipe *indinado*
Egas estava, a tudo oferecido.
Mas o Rei vendo a estranha lealdade,
Mais pôde, enfim, que a ira, a piedade.
- 41 Ó *grão* fidelidade Portuguesa
De vassalo, que a tanto se obrigava!
Que mais o Persa fez naquela empresa
Onde o rosto e narizes se cortava?
Do que ao grande Dario tanto pesa,
Que, mil vezes dizendo, suspirava
Que mais o seu *Zopyro* são prezara
Que vinte Babilónias que tomara.
- 42 } Mas já o Príncipe Afonso aparelhava
O Lusitano exército ditoso,
Contra o Mouro que as terras habitava
De além do claro Tejo deleitoso;
Já no campo de Ourique se assentava
O arraial soberbo e belicoso,
Defronte do inimigo Sarraceno,
Posto que em força e gente tão pequeno;
- 43 } Em *nenhũa* outra cousa confiado,
Senão no sumo Deus que o Céu regia,
Que tão pouco era o povo *bautizado*,
Que, *pera* um só, cem Mouros haveria.
Julga qualquer juízo sossegado
Por mais temeridade que ousadia
Cometer um tamanho ajuntamento,
Que *pera* um cavaleiro houvesse *cento*.

- 44 } Cinco Reis Mouros são os inimigos,
 Dos quais o principal Ismar se chama;
 Todos *exprimentados* nos perigos
 Da guerra, onde se alcança a ilustre fama.
 Seguem guerreiras damas seus amigos,
 Imitando a *fermosa* e forte Dama
 De quem tanto os Troianos se ajudaram,
 E as que o Termodonte já gostaram.
- 45 A matutina luz, serena e fria,
 As Estrelas do Pólo já apartava,
 Quando na Cruz o Filho de Maria,
 Amostrando-se a Afonso, o animava.
 Ele, adorando Quem lhe aparecia,
 Na Fé todo inflamado, *assi* gritava:
 «Aos Infiéis, Senhor, aos Infiéis,
 E não a *mi*, que creio o que podeis!»
- 46 Com tal milagre os ânimos da gente
 Portuguesa inflamados, levantavam
 Por seu Rei natural este excelente
 Príncipe, que do peito tanto amavam;
 E diante do exército potente
 Dos *immigos*, gritando, o céu tocavam,
 Dizendo em alta voz: «Real, real,
 Por Afonso, alto Rei de Portugal!»
- 47 Qual *cos* gritos e vozes incitado,
 Pola montanha, o rábido *moloso*
 Contra o touro remete, que fiado
 Na força está do corno temeroso;
 Ora pega na orelha, ora no lado,
 Latindo, mais ligeiro que forçoso,
 Até que, enfim, rompendo-lhe a garganta,
 Do bravo a força horrenda se quebranta:

- 48 Tal do Rei novo o *estamago* acendido
 Por Deus e *polo* povo juntamente,
 O Bárbaro comete, apercebido
 Co animoso exército rompente.
 Levantam nisto os Perros o alarido
 Dos gritos; tocam a arma, ferve a gente,
 As lanças e arcos tomam, tubas soam,
 Instrumentos de guerra tudo atroam!
- 49 Bem como quando a flama que ateadada
 Foi nos áridos campos (assoprando
 O sibilante Bóreas), animada
 Co vento, o seco mato vai queimando;
 A pastoral companhia, que deitada
 Co doce sono estava, despertando
 Ao estridor do fogo que se ateia,
 Recolhe o fato e foge *pera* a aldeia:
- 50 Destarte o Mouro, atónito e torvado,
 Toma sem tento as armas mui depressa;
 Não foge, mas espera confiado,
 E o ginete belígero arremessa.
 O Português o encontra denodado,
 Pelos peitos as lanças lhe atravessa;
 Uns caem *meios* mortos, e outros vão
 A ajuda convocando do Alcorão.
- 51 Ali se *vem* encontros temerosos,
 Pera se desfazer *hũa* alta serra,
 E os animais correndo furiosos
 Que Neptuno amostrou, ferindo a terra.
 Golpes se dão medonhos e forçosos;
 Por toda a parte andava acesa a guerra.
 Mas o de Luso arnês, couraça e malha,
 Rompe, corta, desfaz, abola e talha.

- 52 Cabeças pelo campo vão saltando,
Braços, pernas, sem dono e sem sentido,
E de outros as entranhas palpitando,
Pálida a cor, o gesto amortecido.
Já perde o campo o exército nefando,
Correm rios do sangue desparzido,
Com que também do campo a cor se perde,
Tornado *carmesi* de branco e verde.
- 53 Já fica vencedor o Lusitano,
Recolhendo os troféus e presa rica;
Desbaratado e roto o Mauro Hispano,
Três dias o grão Rei no campo fica.
Aqui pinta no branco escudo ufano,
Que agora esta vitória certifica,
Cinco escudos azuis esclarecidos,
Em sinal destes cinco Reis vencidos.
- 54 E nestes cinco escudos pinta os trinta
Dinheiros por que Deus fora vendido,
Escrevendo a memória, em vária tinta,
D'Aquele de Quem foi favorecido.
Em cada um dos cinco, cinco pinta,
Porque *assi* fica o número *comprido*,
Contando duas vezes o do meio,
Dos cinco azuis que em cruz pintando veio.
- 55 Passado já algum tempo que passada
Era esta *grão* vitória, o Rei subido
A tomar vai Leiria, que tomada
Fora, mui pouco havia, do vencido.
Com esta a forte Arronches *sojugada*
Foi juntamente; e o sempre enobrecido
Scabelicastro, cujo campo ameno
Tu, claro Tejo, regas tão sereno.

- 56 A estas nobres vilas *sometidas*
Ajunta também Mafra, em pouco espaço,
E, nas serras da *Lûa* conhecidas,
Sojuga a fria Sintra o duro braço;
Sintra, onde as *Naiades*, escondidas
Nas fontes, vão fugindo ao doce laço
Onde Amor as enreda brandamente,
Nas águas acendendo fogo ardente.
- 57 E tu, nobre Lisboa, que no mundo
Fácilmente das outras és princesa,
Que edificada foste do facundo
Por cujo engano foi Dardânia acesa;
Tu, a quem obedece o Mar profundo,
Obedecestes à força Portuguesa,
Ajudada também da forte armada
Que das Boreais partes foi mandada.
- 58 Lá do Germânico Albis e do Reno
E da fria Bretanha conduzidos,
A destruir o povo Sarraceno
Muitos com tenção santa eram partidos.
Entrando a boca já do Tejo ameno,
Co arraial do grande Afonso unidos,
Cuja alta fama então subia aos céus,
Foi posto cerco aos muros Ulisseus.
- 59 Cinco vezes a *Lûa* se escondera
E outras tantas mostrara cheio o rosto,
Quando a cidade, entrada, se rendera
Ao duro cerco que lhe estava posto.
Foi a batalha tão *sanguina* e fera
Quanto obrigava o firme pressuposto
De vencedores ásperos e ousados,
E de vencidos já desesperados.

- 60 Destarte, enfim, tomada se rendeu
Aquele que, nos tempos já passados,
À grande força nunca obedeceu
Dos frios povos Cíticos ousados,
Cujo poder a tanto se estendeu,
Que o Ibero o viu e o Tejo amedrontados;
E, enfim, *co* Bétis tanto alguns puderam
Que à terra de Vandália nome deram.
- 61 Que cidade tão forte porventura
Haverá que resista, se Lisboa
Não pôde resistir à força dura
Da gente cuja fama tanto voa?
Já lhe obedece toda a Estremadura,
Óbidos, *Alanquer* (por onde soa
O tom das frescas águas entre as pedras,
Que, murmurando, lava) e Torres Vedras.
- 62 E vós também, ó terras Transtaganas,
Afamadas *co* dom da flava Ceres,
Obedeceis às forças mais que humanas,
Entregando-lhe os muros e os poderes;
E tu, lavrador Mouro, que te enganas,
Se sustentar a fértil terra queres;
Que Elvas e Moura e Serpa, conhecidas,
E *Alcaçare* do Sal estão rendidas.
- 63 Eis a nobre cidade, certo assento
Do rebelde Sertório antigamente,
Onde ora as águas nítidas de argento
Vem sustentar de longe a terra e a gente,
Pelos arcos reais, que, cento e cento,
Nos ares se alevantam nobremente,
Obedeceu por meio e ousadia
De Giraldo, que medos não temia.

- 64 Já na cidade Beja vai tomar
Vingança de Trancoso destruída
Afonso, que não sabe sossegar,
Por estender *co* a fama a curta vida.
Não se lhe pode muito sustentar
A cidade; mas, sendo já rendida,
Em toda a cousa viva a gente irada
Provando os fios vai da dura espada.
- 65 Com estas *sojugada* foi Palmela
E a piscosa *Cizimbra* e, juntamente,
Sendo ajudado mais de sua estrela,
Desbarata um exército potente
(Sentiu-o a vila e viu-o a serra dela),
Que a socorrê-la vinha diligente
Pela fralda da serra, descuidado
Do temeroso encontro inopinado.
- 66 O Rei de Badajoz era, alto Mouro,
Com quatro mil cavalos furiosos
Inúmeros peões, de armas e de ouro
Guarnecidos, guerreiros e lustrosos.
Mas, qual no mês de Maio o bravo touro,
Cos ciúmes da vaca, arreceosos,
Sentindo gente, o bruto e cego amante,
Salteia o descuidado caminhante:
- 67 Destarte Afonso, súbito mostrado,
Na gente dá, que passa bem segura,
Fere, mata, derriba, denodado;
Foge o Rei Mouro, e só da vida cura.
Dum Pânico terror todo assombrado,
Só de segui-lo o exército procura,
Sendo estes que fizeram tanto abalo
No mais que só sessenta de cavalo.

- 68 Logo segue a vitória, sem tardança,
O grão Rei *incansabil*, ajuntando
Gentes de todo o Reino, cuja usança
Era andar sempre terras conquistando.
Cercar vai Badajoz, e logo alcança
O fim de seu desejo, pelejando
Com tanto esforço e arte e valentia,
Que a fez fazer às outras companhia.
- 69 Mas o alto Deus, que *pera* longe guarda
O castigo daquele que o merece,
Ou, *pera* que se emende, às vezes tarda,
Ou por segredos que homem não conhece,
Se até *qui* sempre o forte Rei resguarda
Dos perigos a que ele se oferece,
Agora lhe não deixa ter defesa
Da maldição da mãe que estava presa,
- 70 Que, estando na cidade que cercara,
Cercado nela foi dos Leoneses,
Porque a conquista dela lhe tomara,
De Leão sendo e não dos Portugueses.
A pertinácia aqui lhe custa cara,
Assi como acontece muitas vezes,
Que em ferros quebra as pernas, indo aceso
À batalha, onde foi vencido e preso.
- 71 Ó famoso *Pompeio*, não te pene
De teus feitos ilustres a ruína,
Nem ver que a justa Némesis ordene
Ter teu sogro de ti vitória *dina*,
Posto que o frio Fásis ou Siene,
Que *pera* nenhum cabo a sombra inclina,
O Bootes gelado e a Linha ardente
Temessem o teu nome geralmente;

- 72 Posto que a rica Arábia e que os *feroces*
Heníocos e Colcos, cuja fama
O Vêu dourado estende, e os *Cappadoces*
E Judeia, que um Deus adora e ama,
E que os moles Sofenos e os *atroces*
Cilícios, com a Arménia, que derrama
As águas dos *dous* Rios cuja fonte
Está noutro mais alto e santo Monte,
- 73 E, posto, enfim, que desde o Mar de Atlante
Até o Cítico Tauro, monte erguido,
Já vencedor te vissem, não te espante,
Se o campo Emátio só te viu vencido,
Porque Afonso verás, soberbo e ovante,
Tudo render e ser *despois* rendido.
Assi o quis o Conselho alto, celeste,
Que vença o sogro a ti e o genro a este.
- 74 Tornado o Rei sublime, finalmente,
Do divino Juízo castigado,
Despois que em Santarém soberbamente,
Em vão, dos Sarracenos foi cercado,
E *despois* que do *martyre* Vicente
O santíssimo corpo venerado
Do Sacro Promontório conhecido
À cidade Ulisseia foi trazido;
- 75 Por que levasse avante seu desejo,
Ao forte filho manda, o lasso velho,
Que às terras se passasse de Alentejo,
Com gente e *co* belígero aparelho.
Sancho, de esforço e de ânimo sobejo,
Avante passa e faz correr vermelho
O rio que Sevilha vai regando,
Co sangue Mauro, bárbaro e nefando.

- 76 E, com esta vitória cobiçoso,
 Já não descansa o moço, até que veja
 Outro estrago como este, temeroso,
 No Bárbaro que tem cercado Beja.
 Não tarda muito o Príncipe ditoso
 Sem ver o fim daquilo que deseja.
Assi estragado, o Mouro na vingança
 De tantas perdas põe sua esperança.
- 77 Já se ajuntam do monte a quem Medusa
 O corpo fez perder que teve o Céu;
 Já *vem* do promontório de *Ampelusa*
 E do Tinge, que assento foi de Anteu.
 O morador de *Abila* não se escusa,
 Que também com suas armas se moveu,
 Ao som da Mauritana e ronca tuba,
 Todo o Reino que foi do nobre Juba.
- 78 Entrava, com toda esta companhia,
 O *Miralmomini* em Portugal;
 Treze Reis Mouros leva de valia,
 Entre os quais tem o ceptro Imperial.
 E *assi*, fazendo quanto mal podia,
 O que em partes podia fazer mal,
 Dom Sancho vai cercar em Santarém;
 Porém não lhe sucede muito bem.
- 79 Dá-lhe combates ásperos, fazendo
 Ardis de guerra mil, o Mouro iroso;
 Não lhe aproveita já trabuco horrendo,
 Mina secreta, aríete forçoso,
 Porque o filho de Afonso, não perdendo
 Nada do esforço e acordo generoso,
 Tudo provê com ânimo e prudência,
 Que em toda a parte há esforço e resistência.

- 80 Mas o velho, a quem tinham já obrigado
 Os trabalhosos anos ao sossego,
 Estando na cidade cujo prado
 Enverdecem as águas do Mondego,
 Sabendo como o filho está cercado,
 Em Santarém, do Mauro povo cego,
 Se parte diligente da cidade,
 Que não perde a presteza *co* a idade.
- 81 E, *co* a famosa gente, à guerra usada,
 Vai socorrer o filho; e *assi* ajuntados,
 A Portuguesa fúria costumada
 Em breve os Mouros tem desbaratados.
 A campina, que toda está coalhada
 De marlotas, capuzes variados,
 De cavalos, jaezes, presa rica,
 De seus senhores mortos cheia fica.
- 82 Logo todo o restante se partiu
 De Lusitânia, postos em fugida;
 O *Miralmomini* só não fugiu,
 Porque, antes de fugir, lhe foge a vida.
 A Quem lhe esta vitória permitiu
 Dão louvores e graças sem medida;
 Que, em casos tão estranhos, claramente
 Mais peleja o favor de Deus que a gente.
- 83 De tamanhas vitórias triunfava
 O velho Afonso, Príncipe subido,
 Quando quem tudo, enfim, vencendo andava,
 Da larga e muita idade foi vencido.
 A pálida doença lhe tocava,
 Com fria mão, o corpo enfraquecido;
 E pagaram seus anos, deste jeito,
 A triste Libitina seu *dereito*.

- 84 Os altos promontórios o choraram,
E dos rios as águas saudosas
Os semeados campos alagaram,
Com lágrimas correndo *piadosas*;
Mas tanto pelo mundo se alargaram,
Com fama, suas obras *valerosas*,
Que sempre no seu Reino chamarão:
«Afonso! Afonso!» os ecos; mas em vão.
- 85 Sancho, forte mancebo, que ficara
Imitando seu pai na valentia,
E que em sua vida já se *exprimentara*,
Quando o Bétis de sangue se tingia
E o bárbaro poder desbaratara
Do Ismaelita Rei de Andaluzia,
E mais quando os que Beja em vão cercaram,
Os golpes de seu braço em si provaram;
- 86 *Despois* que foi por Rei alevantado,
Havendo poucos anos que reinava,
A cidade de Silves tem cercado,
Cujos campos o Bárbaro lavrava.
Foi das valentes gentes ajudado
Da Germânica armada que passava,
De armas fortes e gente apercebida,
A recobrar Judeia já perdida.
- 87 Passavam a ajudar na santa empresa
O roxo *Federico*, que moveu
O poderoso exército, em defesa
Da cidade onde Cristo padeceu,
Quando Guido, *co* a gente em sede acesa,
Ao grande Saladino se rendeu,
No lugar onde aos Mouros sobejavam
As águas que os de Guido desejavam.

- 88 Mas a *fermosa* armada, que viera
Por contraste de vento àquela parte,
Sancho quis ajudar na guerra fera,
Já que em serviço vai do santo Marte.
Assi como a seu pai acontecera,
Quando tomou Lisboa, da mesma arte
Do Germano ajudado, Silves toma
E o bravo morador destrui e doma.
- 89 E, se tantos troféus do Maometa
Alevantando vai, também do forte
Leonês não consente estar quieta
A terra, usada aos casos de *Mavorte*,
Até que na cerviz seu jugo meta
Da soberba *Tuí*, que a mesma sorte
Viu ter a muitas vilas suas vizinhas,
Que, por armas, tu, Sancho, humildes tinhas.
- 90 Mas, entre tantas palmas, salteado
Da temerosa morte, fica herdeiro
Um filho seu, de todos estimado,
Que foi segundo Afonso e Rei terceiro.
No tempo deste, aos Mouros foi tomado
Alcacere do Sal, por derradeiro;
Porque de antes os Mouros o tomaram,
Mas agora *estruidos* o pagaram.
- 91 Morto *despois* Afonso, lhe sucede
Sancho segundo, manso e descuidado;
Que tanto em seus descuidos se desmede
Que de outrem quem mandava era mandado.
De governar o Reino, que outro pede,
Por causa dos privados foi privado,
Porque, como por eles se regia,
Em todos os seus vícios consentia.

- 92 Não era Sancho, não, tão desonesto
 Como Nero, que um moço recebia
 Por mulher e, *despois*, horrendo incesto
 Com a mãe Agripina cometia;
 Nem tão cruel às gentes e molesto,
 Que a cidade queimasse onde vivia;
 Nem tão mau como foi *Heliogabalo*,
 Nem como o mole Rei Sardanapalo;
- 93 Nem era o povo seu tiranizado,
 Como Sicília foi de seus tiranos;
 Nem tinha, como Fálaris, achado
 Género de tormentos inumanos;
 Mas o Reino, de altivo e costumado
 A senhores em tudo soberanos,
 A Rei não obedece nem consente
 Que não for mais que todos excelente.
- 94 Por esta causa, o Reino governou
 O Conde Bolonhês, *despois* alçado
 Por Rei, quando da vida se apartou
 Seu irmão Sancho, sempre ao ócio dado.
 Este, que Afonso o Bravo se chamou,
Despois de ter o Reino segurado,
 Em dilatá-lo cuida, que em terreno
 Não cabe o altivo peito, tão pequeno.
- 95 Da terra dos Algarves, que lhe fora
 Em casamento dada, grande parte
 Recupera co braço, e deita fora
 O Mouro, mal querido já de Marte.
 Este de todo fez livre e senhora
 Lusitânia, com força e bélica arte,
 E acabou de oprimir a nação forte
 Na terra que aos de Luso coube em sorte.

- 96 } Eis *despois* vem Dinis, que bem parece
 } Do bravo Afonso estirpe nobre e *dina*,
 } Com quem a fama grande se escurece
 } Da liberalidade Alexandrina.
 } Com este o Reino próspero *florece*
 } (Alcançada já a paz áurea, divina)
 } Em constituições, leis e costumes,
 } Na terra já tranquila claros lumes.
- 97 } Fez primeiro em Coimbra exercitar-se
 } O *valeroso* ofício de Minerva;
 } E de *Helicon* as Musas fez passar-se
 } A pisar de Mondego a fértil erva.
 } Quanto pode de Atenas desejar-se
 } Tudo o soberbo Apolo aqui reserva.
 } Aqui as capelas dá tecidos de ouro,
 } Do bácaro e do sempre verde louro.
- 98 } Nobres vilas de novo edificou,
 } Fortalezas, castelos mui seguros,
 } E quase o Reino todo reformou
 } Com edifícios grandes e altos muros;
 } Mas, *despois* que a dura Átropos cortou
 } O fio de seus dias já maduros,
 } Ficou-lhe o filho, pouco obediente,
 } Quarto Afonso, mas forte e excelente.
- 99 } Este sempre as soberbas Castelhanas
 } Co peito desprezou firme e sereno
 } Porque não é das forças Lusitanas
 } Temer poder maior, por mais pequeno;
 } Mas porém, quando as gentes Mauritanas,
 } A possuir o Hespérico terreno,
 } Entraram pelas terras de Castela,
 } Foi o soberbo Afonso a socorrê-la.

- 100 Nunca com *Semirâmis* gente tanta
Veio os campos Hidáspicos enchendo,
Nem Átila, que Itália toda espanta,
Chamando-se de Deus açoute horrendo,
Gótica gente trouxe tanta, quanta
Do Sarraceno bárbaro, estupendo,
Co poder excessivo de Granada,
Foi nos campos Tartéssios ajuntada.
- 101 E, vendo o Rei sublime Castelhana
A força *inexpugnabil*, grande e forte,
Temendo mais o fim do povo Hispano
(Já perdido *hũa* vez), que a própria morte,
Pedindo ajuda ao forte Lusitano
Lhe mandava a caríssima consorte,
Mulher de quem a manda, e filha amada
Daquele a cujo Reino foi mandada.
- 102 Entrava a *fermosissima* Maria
Polos paternais paços sublimados,
Lindo o gesto, mas fora de alegria,
E seus olhos em lágrimas banhados.
Os cabelos angélicos trazia
Pelos ebúrneos ombros espalhados.
Diante do pai ledo, que a agasalha,
Estas palavras tais, chorando, espalha:
- 103 «Quantos povos a terra produziu
De África toda, gente fera e estranha,
O grão Rei de Marrocos conduziu
Pera vir possuir a nobre Espanha.
Poder tamanho junto não se viu,
Despois que o salso mar a terra banha;
Trazem ferocidade e furor tanto,
Que a vivos medo, e a mortos faz espanto.

- 104 { Aquele que me deste por marido,
Por defender sua terra amedrontada,
Co pequeno poder, oferecido
Ao duro golpe está da Maura espada,
E, se não for contigo socorrido,
Ver-me-ás dele e do Reino ser privada;
Viúva e triste e posta em vida escura,
Sem marido, sem Reino e sem ventura.
- 105 { Portanto, ó Rei, de quem com puro medo
O corrente Muluca se congela,
Rompe toda a tardança, *acude* cedo
À miseranda gente de Castela.
Se esse gesto, que mostras claro e ledo,
De pai o verdadeiro amor assela,
Acude e corre, pai, que, se não corres,
Pode ser que não aches quem socorres.»
- 106 { Não de outra sorte a tímida Maria
Falando está, que a triste Vénus, quando
A Júpiter, seu pai, favor pedia
Pera Eneias, seu filho, navegando;
Que a tanta piedade o comovia,
Que, caído das mãos o raio infando,
Tudo o clemente Padre lhe concede,
Pesando-lhe do pouco que lhe pede.
- 107 Mas já *cos* esquadrões da gente armada
Os Eborenses campos vão coalhados;
Lustra *co* Sol o arnês, a lança, a espada;
Vão rinchando os cavalos jaezados;
A canora trombeta embandeirada
Os corações, à paz acostumados,
Vai às fulgentes armas incitando,
Polas concavidades retumbando.

- 108 Entre todos no meio se sublima,
Das insígnias Reais acompanhado,
O *valeroso* Afonso, que por cima
De todos leva o colo alevantado,
E sòmente *co* gesto esforça e anima
A qualquer coração amedrontado.
Assi entra nas terras de Castela
Com a filha gentil, Rainha dela.
- 109 Juntos os *dous* Afonsos, finalmente
Nos campos de Tarifa estão defronte
Da grande multidão da cega gente,
Pera quem são pequenos campo e monte.
Não há peito tão alto e tão potente
Que de desconfiança não se afronte,
Enquanto não conheça e claro veja
Que, *co* braço dos Seus, Cristo peleja.
- 110 Estão de Agar os netos quase rindo
Do poder dos Cristãos, fraco e pequeno,
As terras como suas repartindo,
Antemão, entre o exército Agareno,
Que, com título falso, possuindo
Está o famoso nome Sarraceno;
Assi também, com falsa conta e nua,
A nobre terra alheia chamam sua.
- 111 Qual o membrudo e bárbaro Gigante,
Do Rei Saul, com cauça, tão temido,
Vendo o Pastor inerme estar diante,
Só de pedras e esforço apercebido,
Com palavras soberbas, o arrogante
Despreza o fraco moço mal vestido,
Que, rodeando a funda, o desengana
Quanto mais pode a Fé que a força humana:

- 112 Destarte o Mouro pérfido despreza
O poder dos Cristãos, e não entende
Que está ajudado da alta Fortaleza
A quem o Inferno horrífico se rende.
Co ela o Castelhana, e com destreza,
De Marrocos o Rei comete e ofende;
O Português, que tudo estima em nada,
Se faz temer ao Reino de Granada.
- 113 Eis as lanças e espadas retiniam
Por cima dos arneses (bravo estrago!);
Chamam, segundo as Leis que ali seguiam,
Uns Mafamede e os outros Sant'Iago.
Os feridos com grita o céu feriam,
Fazendo de seu sangue bruto lago,
Onde outros, *meios* mortos, se afogavam,
Quando do ferro as vidas escapavam.
- 114 Com esforço tamanho *estrue* e mata
O Luso ao Granadil, que, em pouco espaço,
Totalmente o poder lhe desbarata,
Sem lhe valer defesa ou peito de aço.
De alcançar tal vitória tão barata
Inda não bem contente o forte braço,
Vai ajudar ao bravo Castelhana,
Que pelejando está *co* Mauritano.
- 115 Já se ia o Sol ardente recolhendo
Pera a casa de *Tethys*, e inclinado
Pera o Ponente, o Véspero trazendo,
Estava o claro dia memorado,
Quando o poder do Mouro, grande e horrendo,
Foi pelos fortes Reis desbaratado,
Com tanta *mortindade*, que a memória
Nunca no mundo viu tão *grão* vitória.

116 Não matou a quarta parte o forte Mário
 Dos que morreram neste vencimento,
 Quando as águas *co* sangue do adversário
 Fez beber ao exército sedento;
 Nem o Peno, asperíssimo contrário
 Do Romano poder, de nascimento,
 Quando tantos matou da ilustre Roma,
 Que alqueires três de anéis dos mortos toma.

117 E se tu tantas almas só pudeste
 Mandar ao Reino escuro de Cocito,
 Quando a santa Cidade desfizeste
 Do povo pertinaz no antigo rito,
 Permissão e vingança foi celeste,
 E não força de braço, ó nobre Tito;
 Que *assi* dos Vates foi profetizado,
 E *despois* por JESU certificado.

118 Passada esta tão próspera vitória,
 Tornado Afonso à Lusitana Terra,
 A se lograr da paz com tanta glória
 Quanta soube ganhar na dura guerra,
 O caso triste e *dino* da memória,
 Que do sepulcro os homens desenterra,
 Aconteceu da mísera e mesquinha
 Que *despois* de ser morta foi Rainha.

119 Tu, só tu, puro amor, com força crua,
 Que os corações humanos tanto obriga,
 Deste causa à molesta morte sua,
 Como se fora pérfida inimiga.
 Se dizem, fero Amor, que a sede tua
 Nem com lágrimas tristes se mitiga,
 É porque queres, áspero e tirano,
 Tuas aras banhar em sangue humano.

120 Estavas, linda Inês, posta em sossego,
 De teus anos colhendo doce *fruito*,
 Naquele engano da alma, ledó e cego,
 Que a fortuna não deixa durar muito,
 Nos saudosos campos do Mondego,
 De teus *fermosos* olhos nunca *enxuito*,
 Aos montes *insinuando* e às ervinhas
 O nome que no peito escrito tinhas.

121 Do teu Príncipe ali te respondiam
 As lembranças que na alma lhe moravam,
 Que sempre ante seus olhos te traziam,
 Quando dos teus *fermosos* se apartavam;
 De noite, em doces sonhos que mentiam,
 De dia, em pensamentos que voavam;
 E quanto, enfim, cuidava e quanto via
 Eram tudo memórias de alegria.

122 De outras belas senhoras e Princesas
 Os desejados tálamos enjeita,
 Que tudo, enfim, tu, puro amor, desprezas,
 Quando um gesto suave te sujeita.
 Vendo estas namoradas estranhezas,
 O velho pai *sesudo*, que respeita
 O murmurar do povo e a fantasia
 Do filho, que casar-se não queria,

123 Tirar Inês ao mundo determina,
 Por lhe tirar o filho que tem preso,
 Crendo *co* sangue só da morte *indina*
 Matar do firme amor o fogo aceso.
 Que furor consentiu que a espada fina,
 Que pôde sustentar o grande peso
 Do furor Mauro, fosse alevantada
 Contra *hũa* fraca dama delicada?

- 124 } Traziam-na os horríficos algozes
 Ante o Rei, já movido a piedade;
 Mas o povo, com falsas e ferozes
 Razões, à morte crua o persuade.
 Ela, com tristes e piedosas vozes,
 Saídas só da mágoa e saudade
 Do seu Príncipe e filhos, que deixava,
 Que mais que a própria morte a magoava,
- 125 } *Pera* o céu cristalino alevantando,
 Com lágrimas, os olhos piedosos
 (Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
 Um dos duros ministros rigorosos);
 E *despois*, nos *mininhos* atentando,
 Que tão queridos tinha e tão mimosos,
 Cujas *orfindade* como mãe temia,
Pera o avô cruel *assi* dizia:
- 126 } «Se já nas brutas feras, cuja mente
 Natura fez cruel de nascimento,
 E nas aves agrestes, que sòmente
 Nas rapinas aéreas *tem* o intento,
 Com pequenas crianças viu a gente
 Terem tão *piadoso* sentimento
 Como *co* a mãe de Nino já mostraram,
 E *cos* irmãos que Roma edificaram:
- 127 } Ó tu, que tens de humano o gesto e o peito
 (Se de humano é matar *hũa* donzela,
 Fraca e sem força, só por ter sujeito
 O coração a quem soube vencê-la),
 A estas criancinhas tem respeito,
 Pois o não tens à morte escura dela;
 Mova-te a piedade sua e minha,
 Pois te não move a culpa que não tinha.

- 128 } E se, vencendo a Maura resistência,
 A morte sabes dar com fogo e ferro,
 Sabe também dar vida, com clemência,
 A quem *pera* perdê-la não fez erro.
 Mas, se to *assi* merece esta inocência,
 Põe-me em perpétuo e mísero desterro,
 Na Cítia fria ou lá na Líbia ardente,
 Onde em lágrimas viva eternamente.
- 129 } Põe-me onde se use toda a feridade,
 Entre leões e tigres, e verei
 Se neles achar posso a piedade
 Que entre peitos humanos não achei.
 Ali, *co* amor intrínseco e vontade
 Naquele por quem *mouro*, criarei
 Estas relíquias suas que aqui viste,
 Que refrigério sejam da mãe triste.»
- 130 } Queria perdoar-lhe o Rei *benino*,
 Movido das palavras que o magoam;
 Mas o pertinaz povo e seu destino
 (Que desta sorte o quis) lhe não perdoam.
 Arrancam das espadas de aço fino
 Os que por bom tal feito ali apregoam.
 Contra *hũa* dama, ó peitos carniceiros,
 Feros vos amostrais e cavaleiros?
- 131 } Qual contra a linda moça *Polycena*,
 Consolação extrema da mãe velha,
 Porque a sombra de Aquiles a condena,
Co ferro o duro Pirro se aparelha;
 Mas ela, os olhos, com que o ar serena
 (Bem como paciente e mansa ovelha),
 Na mísera mãe postos, que endoudece,
 Ao duro sacrifício se oferece:

- 132 } Tais contra Inês os brutos matadores,
 No colo de alabastro, que sustinha
 As obras com que Amor matou de amores
 Aquele que *despois* a fez Rainha,
 As espadas banhando e as brancas flores,
 Que ela dos olhos seus regadas tinha,
 Se encarniçavam, férvidos e irosos,
 No futuro castigo não cuidadosos.
- 133 } Bem puderas, ó Sol, da vista destes,
 Teus raios apartar aquele dia,
 Como da seva mesa de Tiestes,
 Quando os filhos por mão de Atreu comia!
 Vós, ó côncavos vales, que pudestes
 A voz extrema ouvir da boca fria,
 O nome do seu Pedro, que lhe ouvistes,
 Por muito grande espaço repetistes.
- 134 } *Assi* como a bonina, que cortada
 Antes do tempo foi, cândida e bela,
 Sendo das mãos *lacivas* maltratada
 Da *minina* que a trouxe na capela,
 O cheiro traz perdido e a cor murchada:
 Tal está, morta, a pálida donzela,
 Secas do rosto as rosas e perdida
 A branca e viva cor, *co* a doce vida.
- 135 } As filhas do Mondego a morte escura
 Longo tempo chorando memoraram,
 E, *por* memória eterna, em fonte pura
 As lágrimas choradas transformaram.
 O nome lhe puseram, que *inda* dura,
 Dos amores de Inês, que ali passaram.
 Vede que fresca fonte rega as flores,
 Que lágrimas são a água e o nome Amores.

- 136 Não correu muito tempo que a vingança
 Não visse Pedro das mortais feridas,
 Que, em tomando do Reino a governança,
 A tomou dos fugidos homicidas.
 Do outro Pedro cruíssimo os alcança,
 Que ambos, *immigos* das humanas vidas,
 O concerto fizeram, duro e injusto,
 Que com Lérido e António fez Augusto.
- 137 Este castigador foi rigoroso
 De latrocínios, mortes e adultérios;
 Fazer nos maus cruezas, fero e iroso,
 Eram os seus mais certos refrigérios.
 As cidades guardando, justicoso,
 De todos os soberbos vitupérios,
 Mais ladrões, castigando, à morte deu,
 Que o vagabundo Alcides ou *Theseu*.
- 138 } Do justo e duro Pedro nasce o brando
 (Vede da natureza o desconcerto!),
 Remisso e sem cuidado algum, Fernando,
 Que todo o Reino pôs em muito aperto;
 Que, vindo o Castelhana devastando
 As terras sem defesa, esteve perto
 De destruir-se o Reino totalmente,
 Que um fraco Rei faz fraca a forte gente.
- 139 } Ou foi castigo claro do pecado
 De tirar *Lianor* a seu marido
 E casar-se *co* ela, de enlevado
 Num falso parecer mal entendido;
 Ou foi que o coração, sujeito e dado
 Ao vício vil, de quem se viu rendido,
 Mole se fez e fraco; e bem parece
 Que um *baxo* amor os fortes enfraquece.

- 140 Do pecado tiveram sempre a pena
Muitos, que Deus o quis e permitiu:
Os que foram roubar a bela Helena,
E com Ápio também *Tarquino* o viu.
Pois por quem David santo se condena?
Ou quem o *tribo* ilustre destruiu
De Benjamim? Bem claro no-lo *insina*
Por Sarra Faraó, Siquém por Dina.
- 141 E pois, se os peitos fortes enfraquece
Um inconcesso amor desatinado,
Bem no filho de *Almena* se parece,
Quando em Ônfale andava transformado.
De Marco António a fama se escurece
Com ser tanto a *Cleopatra* afeiçoado.
Tu também, Peno próspero, o sentiste
Despois que *hũa* moça vil na Apúlia viste.
- 142 Mas quem pode livrar-se, porventura,
Dos laços que Amor arma brandamente
Entre as rosas e a neve humana pura,
O ouro e o alabastro transparente?
Quem, de *hũa* peregrina *fermosura*,
De um vulto de Medusa pròpriamente,
Que o coração converte que tem preso,
Em pedra, não, mas em desejo aceso?
- 143 Quem viu um olhar seguro, um gesto brando,
Hũa suave e angélica excelência,
Que em si está sempre as almas transformando,
Que tivesse contra ela resistência?
Desculpado, por certo, está Fernando,
Pera quem tem de amor experiência;
Mas antes, tendo livre a fantasia,
Por muito mais culpado o julgaria.

CANTO QUARTO

- 1 *Despois* de procelosa tempestade,
Nocturna sombra e sibilante vento,
Traz a manhã serena, claridade,
Esperança de porto e salvamento;
Aparta o Sol a negra escuridade,
Removendo o temor ao pensamento:
Assi no Reino forte aconteceu
Despois que o Rei Fernando faleceu.
- 2 Porque, se muito os nossos desejaram
Quem os danos e ofensas vá vingando
Naqueles que tão bem se aproveitaram
Do descuido remisso de Fernando,
Despois de pouco tempo o alcançaram,
Joanne, sempre ilustre, alevantando
Por Rei, como de Pedro único herdeiro
(Ainda que bastardo) verdadeiro.
- 3 Ser isto ordenação dos Céus divina
Por sinais muito claros se mostrou,
Quando em Évora a voz de *hũa minina*,
Ante tempo falando, o nomeou;
E como cousa, enfim, que o Céu destina,
No berço o corpo e a voz alevantou:
«Portugal, Portugal», alçando a mão,
Disse, «*polo* Rei novo, Dom João.»

- 4 Alteradas então do Reino as gentes
 Co ódio que ocupado os peitos tinha,
 Absolutas cruezas e evidentes
 Faz do povo o furor por onde vinha;
 Matando vão amigos e parentes
 Do adúltero Conde e da Rainha,
 Com quem sua incontinência desonesta
 Mais, *despois* de viúva, manifesta.
- 5 Mas ele, enfim, com causa desonrado,
 Diante dela a ferro frio morre,
 De outros muitos na morte acompanhado,
 Que tudo o fogo erguido queima e corre:
 Quem, como *Astianás*, precipitado,
 Sem lhe valerem ordens, de alta torre;
 A quem ordens, nem aras, nem respeito;
 Quem nu por ruas, e em pedaços feito.
- 6 Podem pôr em longo esquecimento
 As cruezas mortais que Roma viu,
 Feitas do feroz Mário e do cruento
 Sila, quando o contrário lhe fugiu.
 Por isso *Lianor*, que o sentimento
 Do morto Conde ao mundo descobriu,
 Faz contra Lusitânia vir Castela,
 Dizendo ser sua filha herdeira dela.
- 7 Beatriz era a filha, que casada
 Co Castelhana está que o Reino pede,
 Por filha de Fernando reputada,
 Se a corrompida fama lho concede.
 Com esta voz Castela alevantada,
 Dizendo que esta filha ao pai sucede,
 Suas forças ajunta, *pera* as guerras,
 De várias regiões e várias terras.

- 8 *Vem* de toda a província que de um Brigo
 (Se foi) já teve o nome derivado;
 Das terras que Fernando e que Rodrigo
 Ganharam do tirano e Mauro estado.
 Não estimam das armas o perigo
 Os que cortando vão co duro arado
 Os campos Leoneses, cuja gente
Cos Mouros foi nas armas excelente.
- 9 Os Vândalos, na antiga valentia
 Ainda confiados, se ajuntavam
 Da cabeça de toda Andaluzia,
 Que do *Goadalquivir* as águas lavam.
 A nobre Ilha também se apercebia
 Que antigamente os Tírios habitavam,
 Trazendo por insígnias verdadeiras
 As Hercúleas colunas nas bandeiras.
- 10 Também *vem* lá do Reino de Toledo,
 Cidade nobre e antiga, a quem cercando
 O Tejo em torno vai, suave e ledó,
 Que das serras de Conca vem manando.
 A vós outros também não tolhe o medo,
 Ó sórdidos Galegos, duro bando,
 Que, *pera* resistirdes, vos armastes,
 Àqueles cujos golpes já provastes.
- 11 Também movem da guerra as negras fúrias
 A gente Biscainha, que carece
 De polidas razões, e que as injúrias
 Muito mal dos estranhos compadece.
 A terra de Guipúscoa e das Astúrias,
 Que com minas de ferro se enobrece,
 Armou dele os soberbos moradores,
Pera ajudar na guerra a seus senhores.

- 12 *Joanne*, a quem do peito o esforço *crece*,
Como a Sansão *Hebreo* da guedelha,
Posto que tudo pouco lhe parece,
Cos poucos de seu Reino se aparelha;
E, não porque conselho lhe falece,
Cos principais senhores se aconselha,
Mas só por ver das gentes as sentenças,
Que sempre houve entre muitos diferenças.
- 13 Não falta com razões quem desconcerte
Da opinião de todos, na vontade,
Em quem o esforço antigo se converte
Em desusada e má deslealdade;
Podendo o temor mais, gelado, inerte,
Que a própria e natural fidelidade,
Negam o Rei e a Pátria, e, se convém,
Negarão, como Pedro, o Deus que *tem*.
- 14 Mas nunca foi que este erro se sentisse
No forte Dom Nuno *Aluerez*; mas antes,
Posto que em seus irmãos tão claro o visse,
Reprovando as vontades *incostantes*,
Àquelas duvidosas gentes disse,
Com palavras mais duras que elegantes,
A mão na espada, irado e não facundo,
Ameaçando a terra, o mar e o mundo:
- 15 «Como?! Da gente ilustre Portuguesa
Há-de haver quem refuse o pátrio Marte?
Como?! Desta província, que princesa
Foi das gentes na guerra em toda parte,
Há-de sair quem negue ter defesa?
Quem negue a Fé, o amor, o esforço e arte
De Português, e por nenhum respeito,
O próprio Reino queira ver sujeito?

- 16 Como?! Não sois vós *inda* os descendentes
Daqueles que, debaixo da bandeira
Do grande Henriques, feros e valentes,
Vencestes esta gente tão guerreira,
Quando tantas bandeiras, tantas gentes
Puseram em fugida, de maneira
Que sete ilustres Condes lhe trouxeram
Presos, afora a presa que tiveram?
- 17 Com quem foram *contino* sopeados
Estes, de quem o estais agora vós,
Por Dinis e seu filho sublimados,
Senão *cos* vossos fortes pais e avós?
Pois se, com seus descuidos ou pecados,
Fernando em tal fraqueza *assi* vos pôs,
Torne-vos vossas forças o Rei novo,
Se é certo que *co* Rei se muda o povo.
- 18 Rei tendes tal, que, se o valor tiverdes
Igual ao Rei que agora alevantastes,
Desbaratareis tudo o que quiserdes,
Quanto mais a quem já desbaratastes.
E, se com isto, enfim, vos não moverdes
Do penetrante medo que tomastes,
Atai as mãos a vosso vão receio,
Que, eu só, resistirei ao jugo alheio.
- 19 Eu só, com meus vassalos e com esta
(E, dizendo isto, arranca meia espada),
Defenderei da força dura e infesta
A terra nunca de outrem *sojugada*.
Em virtude do Rei, da pátria mesta,
Da lealdade já por vós negada,
Vencerei não só estes adversários,
Mas quantos a meu Rei forem contrários.»

- 20 Bem como entre os mancebos recolhidos
Em Canúsio, relíquias sós de Canas,
Já *pera* se entregar quase movidos
À fortuna das forças Africanas,
Cornélio moço os faz que, compelidos
Da sua espada, jurem que as Romanas
Armas não deixarão, enquanto a vida
Os não deixar ou nelas for perdida:
- 21 Destarte a gente força e esforça Nuno,
Que, com lhe ouvir as últimas razões,
Removem o temor frio, importuno,
Que gelados *lhe* tinha os corações.
Nos animais cavalgam de Neptuno,
Brandindo e volteando arremessões;
Vão correndo e gritando, a boca aberta:
«Viva o famoso Rei que nos liberta!»
- 22 Das gentes populares, uns aprovam
A guerra com que a pátria se sustinha;
Uns as armas alimpam e renovam,
Que a ferrugem da paz gastadas tinha;
Capacetes estofam, peitos provam,
Arma-se cada um como convinha;
Outros fazem vestidos de mil cores,
Com letras e tenções de seus amores.
- 23 Com toda esta lustrosa companhia,
Joanne forte sai da fresca Abrantes,
Abrantes, que também da fonte fria
Do Tejo logra as águas abundantes.
Os primeiros armígeros regia
Quem *pera* reger era os mui possantes
Orientais exércitos sem conto
Com que passava Xerxes o Helesponto.

- 24 Dom Nuno Álvares digo, verdadeiro
Açoute de soberbos Castelhanos,
Como já o fero Huno o foi primeiro
Pera Franceses, *pera* Italianos.
Outro também, famoso cavaleiro,
Que a ala *dereita* tem dos Lusitanos,
Apto *pera* mandá-los e regê-los,
Mem Rodrigues se diz de Vasconcelos.
- 25 E da outra ala, que a esta corresponde,
Antão Vasques de Almada é capitão,
Que *despois* foi de Abranches nobre Conde;
Das gentes vai regendo a *sestra* mão.
Logo na retaguarda não se esconde
Das Quinas e Castelos o pendão,
Com *Joanne*, Rei forte em toda parte,
Que escurecendo o preço vai de Marte.
- 26 Estavam pelos muros, temerosas
E de um alegre medo quase frias,
Rezando, as mães, irmãs, damas e esposas,
Prometendo jejuns e romarias.
Já chegam as esquadras belicosas
Defronte das *immigas* companhias,
Que com grita grandíssima os recebem;
E todas grande dúvida concebem.
- 27 Respondem as trombetas mensageiras,
Pífaros sibilantes e *atambores*;
Alférezes volteiam as bandeiras,
Que variadas são de muitas cores.
Era no seco tempo que nas eiras
Ceres o fruto deixa aos lavradores;
Entra em Astreia o Sol, no mês de Agosto;
Baco das uvas tira o doce mosto.

- 28 } Deu sinal a trombeta Castelhana,
 Horrendo, fero, ingente e temeroso;
 Ouviu-o o monte *Artabro*, e Guadiana
 Atrás tornou as ondas de medroso.
 Ouviu o Douro e a terra Transtagana;
 Correu ao mar o Tejo duvidoso;
 E as mães que o som *terribil escuitaram*,
 Aos peitos os filhinhos apertaram.
- 29 } Quantos rostos ali se *vem* sem cor,
 Que ao coração acode o sangue amigo!
 Que, nos perigos grandes, o temor
 É maior muitas vezes que o perigo.
 E, se o não é, parece-o, que o furor
 De ofender ou vencer o duro *immigo*
 Faz não sentir que é perda grande e rara
 Dos membros corporais, da vida cara.
- 30 } Começa-se a travar a incerta guerra:
 De ambas partes se move a primeira ala;
 Uns leva a *defensão* da própria terra,
 Outros as esperanças de ganhá-la.
 Logo o grande Pereira, em quem se encerra
 Todo o valor, primeiro se assinala:
 Derriba e encontra, e a terra, enfim, semeia
 Dos que a tanto desejam, sendo alheia.
- 31 } Já pelo espesso ar os estridentes
 Farpões, setas e vários tiros voam;
Debaxo dos pés duros dos ardentes
 Cavalos treme a terra, os vales soam.
 Espedacem-se as lanças, e as frequentes
 Quedas *co* as duras armas tudo atroam.
Recrecem os *immigos* sobre a pouca
 Gente do fero Nuno, que os apouca.

- 32 } Eis ali seus irmãos contra ele vão
 (Caso feio e cruel!); mas não se espanta,
 Que menos é querer matar o irmão,
 Quem contra o Rei e a Pátria se alevanta.
 Destes arrenegados muitos são
 No primeiro esquadrão, que se adianta
 Contra irmãos e parentes (caso estranho!),
 Quais nas guerras civis de Júlio e Magno.
- 33 } Ó tu, Sertório, ó nobre Coriolano,
 Catilina, e vós outros dos antigos
 Que contra vossas pátrias, com profano
 Coração, vos fizestes inimigos:
 Se lá no reino escuro de Sumano
 Receberdes gravíssimos castigos,
 Dizei-lhe que também dos Portugueses
 Alguns *tredores* houve *algũas* vezes.
- 34 } Rompem-se aqui dos nossos os primeiros,
 Tantos dos inimigos a eles vão.
 Está ali Nuno, qual pelos outeiros
 De *Ceita* está o fortíssimo leão,
 Que cercado se vê dos cavaleiros
 Que os campos vão correr de *Tutuão*:
 Perseguem-no com as lanças, e ele, iroso,
 Torvado um pouco está, mas não medroso;
- 35 } Com torva vista os vê, mas a natura
 Ferina e a ira não lhe compadecem
 Que as costas dê, mas antes na espessura
 Das lanças se arremessa, que *recrecem*.
 Tal está o cavaleiro, que a verdura
 Tinge *co* sangue alheio. Ali perecem
 Alguns dos seus, que o ânimo valente
 Perde a virtude contra tanta gente.

- 36 Sentiu *Joanne* a afronta que passava
Nuno, que, como sábio capitão,
Tudo corria e via e a todos dava,
Com presença e palavras, coração.
Qual parida leoa, fera e brava,
Que os filhos, que no ninho sós estão,
Sentiu que, enquanto pasto *lhe* buscara,
O pastor de Massília *lhos* furtara,
- 37 Corre raivosa e freme e com bramidos
Os montes Sete Irmãos atroa e abala:
Tal *Joanne*, com outros escolhidos
Dos seus, correndo acode à primeira ala:
«Ó fortes companheiros, ó subidos
Cavaleiros, a quem nenhum se iguala,
Defendei vossas terras, que a esperança
Da liberdade está na vossa lança!
- 38 Vedes-me aqui, Rei vosso e companheiro,
Que entre as lanças e setas e os arneses
Dos inimigos corro, e vou primeiro;
Pelejai, verdadeiros Portugueses!»
Isto disse o magnânimo guerreiro
E, sopesando a lança quatro vezes,
Com força tira; e deste único tiro
Muitos lançaram o último suspiro.
- 39 Porque eis os seus, acesos novamente
De *hũa* nobre vergonha e honroso fogo,
Sobre qual mais, com ânimo valente,
Perigos vencerá do Márcio jogo,
Porfiam; tinge o ferro o fogo ardente;
Rompem malhas primeiro e peitos logo,
Assi recebem junto e dão feridas,
Como a quem já não dói perder as vidas.

- 40 A muitos mandam ver o Estígio lago,
Em cujo corpo a morte e o ferro entrava.
O Mestre morre ali de Sant'Iago,
Que fortissimamente pelejava;
Morre também, fazendo grande estrago,
Outro Mestre cruel, de Calatrava.
Os Pereiras também, arrenegados,
Morrem, arrenegando o Céu e os Fados.
- 41 Muitos também do vulgo vil, sem nome,
Vão, e também dos nobres, ao Profundo,
Onde o trifauce Cão perpétua fome
Tem das almas que passam deste mundo.
E, *por* que mais aqui se amanse e dome
A soberba do *immigo* furibundo,
A sublime bandeira Castelhana
Foi derribada aos pés da Lusitana.
- 42 { Aqui a fera batalha se encruece
Com mortes, gritos, sangue e cutiladas;
A multidão da gente que perece
Tem as flores da própria cor mudadas.
Já as costas dão e as vidas; já falece
O furor e sobejam as lançadas;
Já de Castela o Rei desbaratado
Se vê, e de seu propósito mudado.
- 43 { O campo vai deixando ao vencedor,
Contente de *lhe* não deixar a vida.
Seguem-no os que ficaram, e o temor
Lhe dá, não pés, mas asas à fugida.
Encobrem no profundo peito a dor
Da morte, da fazenda despendida,
Da mágoa, da desonra e triste nojo
De ver outrem triunfar de seu despojo.

- 44 } Alguns vão maldizendo e blasfemando
Do primeiro que guerra fez no mundo;
Outros a sede dura vão culpando
Do peito cobiçoso e sitibundo,
Que, *por* tomar o alheio, o miserando
Povo aventura às penas do Profundo,
Deixando tantas mães, tantas esposas,
Sem filhos, sem maridos, desditosas.
- 45 O vencedor *Joanne* esteve os dias
Costumados no campo, em grande glória;
Com ofertas, *despois*, e romarias,
As graças deu a Quem lhe deu vitória.
Mas Nuno, que não quer por outras vias
Entre as gentes deixar de si memória
Senão por armas sempre soberanas,
Pera as terras se passa Transtaganas.
- 46 Ajuda-o seu destino de maneira
Que fez igual o efeito ao pensamento,
Porque a terra dos Vândalos, fronteira,
Lhe concede o despojo e o vencimento.
Já de Sevilha a Bética bandeira,
E de vários senhores, num momento
Se lhe derriba aos pés, sem ter defesa,
Obrigados da força Portuguesa.
- 47 Destas e outras vitórias longamente
Eram os Castelhanos oprimidos,
Quando a paz, desejada já da gente,
Deram os vencedores aos vencidos,
Despois que quis o Padre onnipotente
Dar os Reis inimigos por maridos
Às duas Ilustríssimas Inglesas,
Gentis, *fermosas*, *íclitas* Princesas.

- 48 Não sofre o peito forte, usado à guerra,
Não ter *immigo* já a quem faça dano;
E *assi*, não tendo a quem vencer na terra,
Vai cometer as ondas do Oceano.
Este é o primeiro Rei que se desterra
Da Pátria, *por* fazer que o Africano
Conheça, *polas* armas, quanto excede
A Lei de Cristo à Lei de Mafamede.
- 49 Eis mil nadantes aves, pelo argento
Da furiosa *Tethys* inquieta,
Abrindo as pandas asas vão ao vento,
Pera onde Alcides pôs a extrema meta.
O monte *Abyla* e o nobre fundamento
De *Ceita* toma, e o torpe Maometa
Deita fora, e segura toda Espanha
Da Juliana, má e desleal manha.
- 50 Não consentiu a morte tantos anos
Que de Herói tão ditoso se lograsse
Portugal, mas os coros soberanos
Do Céu supremo quis que povoasse.
Mas, *pera* *defensão* dos Lusitanos,
Deixou, Quem o levou, quem governasse
E aumentasse a terra mais que de antes:
íclita *geração*, altos Infantes.
- 51 Não foi do Rei Duarte tão ditoso
O tempo que ficou na suma alteza,
Que *assi* vai alternando o tempo iroso
O bem *co* mal, o gosto *co* a tristeza.
Quem viu sempre um estado deleitoso?
Ou quem viu em Fortuna haver firmeza?
Pois *inda* neste Reino e neste Rei
Não usou ela tanto desta lei?

- 52 Viu ser cativo o santo irmão Fernando
(Que a tão altas empresas aspirava),
Que, *por* salvar o povo miserando
Cercado, ao Sarraceno se entregava.
Só por amor da pátria está passando
A vida, de senhora feita escrava,
Por não se dar por ele a forte *Ceita*.
Mais o *pubrico* bem, que o seu, respeita.
- 53 Codro, *por* que o inimigo não vencesse,
Deixou antes vencer da morte a vida;
Régulo, *por* que a pátria não perdesse,
Quis mais a liberdade ver perdida.
Este, *por* que se Espanha não temesse,
A cativoiro eterno se convida.
Codro, nem Cúrcio, ouvido por espanto,
Nem os Décios leais fizeram tanto.
- 54 Mas Afonso, do Reino único herdeiro
(Nome em armas ditoso em nossa Hespéria),
Que a soberba do Bárbaro fronteiro
Tornou em *baxa* e humílisma miséria,
Fora, por certo, invicto cavaleiro,
Se não quisera ir ver a terra Ibéria.
Mas África dirá ser *impossibil*
Poder ninguém vencer o Rei *terribil*.
- 55 Este pôde colher as maçãs de ouro
Que sòmente o Tiríntio colher pôde.
Do jugo que lhe pôs, o bravo Mouro
A cerviz *inda* agora não sacode.
Na fronte a palma leva e o verde louro
Das vitórias do Bárbaro, que acode
A defender Alcácer, forte vila,
Tangere populoso e a dura Arzila.

- 56 Porém elas, enfim, por força entradas,
Os muros *abaxaram* de diamante
Às Portuguesas forças, costumadas
A derribarem quanto acham diante.
Maravilhas em armas, estremadas
E de escritura *dinas* elegante,
Fizeram cavaleiros nesta empresa,
Mais afinando a fama Portuguesa.
- 57 Porém *despois*, tocado de ambição
E glória de mandar, amara e bela,
Vai cometer Fernando de Aragão,
Sobre o potente Reino de Castela.
Ajunta-se a inimiga multidão
Das soberbas e várias gentes dela,
Desde *Caliz* ao alto *Perineo*,
Que tudo ao Rei Fernando obedeceu.
- 58 Não quis ficar nos Reinos *oucioso*
O mancebo *Joanne*, e logo ordena
De ir ajudar o pai ambicioso,
Que então lhe foi ajuda não pequena.
Saiu-se, enfim, do trance perigoso,
Com fronte não torvada, mas serena,
Desbaratado o pai sanguinolento,
Mas ficou duvidoso o vencimento:
- 59 Porque o filho, sublime e soberano,
Gentil, forte, animoso cavaleiro,
Nos contrários fazendo imenso dano,
Todo um dia ficou no campo inteiro.
Destarte foi vencido Octaviano,
E António vencedor, seu companheiro,
Quando daqueles que César mataram
Nos Filípicos campos se vingaram.

- 60 Porém, *despois* que a escura noite eterna
Afonso *apousentou* no Céu sereno,
O Príncipe que o Reino então governa
Foi *Joanne* segundo e Rei trezeno.
Este, *por* haver fama sempiterna,
Mais do que tentar pode homem terreno
Tentou, que foi buscar da roxa Aurora
Os términos, que eu vou buscando agora.
- 61 Manda seus mensageiros, que passaram
Espanha, França, Itália celebrada,
E lá no ilustre porto se embarcaram
Onde já foi Parténope enterrada:
Nápoles, onde os Fados se mostraram,
Fazendo-a a várias gentes subjugada,
Pola ilustrar, no fim de tantos anos,
Co senhorio de ínclitos Hispanos.
- 62 *Polo* mar alto Sículo navegam;
Vão-se às praias de Rodes arenosas;
E dali às ribeiras altas chegam
Que com morte de Magno são famosas.
Vão a Mênfis, e às terras que se regam
Das enchentes Nilóticas undosas;
Sobem à Etiópia, sobre Egipto,
Que de Cristo lá guarda o santo rito.
- 63 Passam também as ondas Eritreias,
Que o povo de Israel sem nau passou;
Ficam-lhe atrás as serras Nabateias,
Que o filho de Ismael *co* nome ornou;
As costas odoríferas Sabeias,
Que a mãe do belo Adónis tanto honrou,
Cercam, com toda a Arábia descoberta,
Feliz, deixando a Pétreia e a Deserta.

- 64 Entram no Estreito Pérsico, onde dura
Da confusa Babel *inda* a memória;
Ali *co* Tigre o Eufrates se mistura,
Que as fontes onde nascem *tem* por glória.
Dali vão em demanda da água pura,
Que causa *inda* será de larga história,
Do Indo, pelas ondas do Oceano,
Onde não se atreveu passar Trajano.
- 65 Viram gentes incógnitas e estranhas
Da Índia, da Carmânia e *Gedrosia*,
Vendo vários costumes, várias manhas,
Que cada região *produze* e cria.
Mas de vias tão ásperas, tamanhas,
Tornar-se facilmente não podia.
Lá morreram, enfim, e lá ficaram,
Que à desejada pátria não tornaram.
- 66 Parece que guardava o claro Céu
A Manuel e seus merecimentos
Esta empresa tão árdua, que o moveu
A subidos e ilustres movimentos:
Manuel, que a *Joanne* sucedeu
No Reino e nos altivos pensamentos,
Logo como tomou do Reino cargo,
Tomou mais a conquista do mar largo.
- 67 O qual, como do nobre pensamento
Daquela obrigação que lhe ficara
De seus antepassados (cujo intento
Foi sempre *acrecentar* a terra cara),
Não deixasse de ser um só momento
Conquistado, no tempo que a luz clara
Foge, e as estrelas nítidas que saem
A repouso convidam, quando caem,

- 68 Estando já deitado no áureo leito,
Onde imaginações mais certas são,
Revolvendo *contino* no conceito
De seu ofício e sangue a obrigação,
Os olhos lhe ocupou o sono aceito,
Sem lhe desocupar o coração;
Porque, tanto que lasso se adormece,
Morfeu em várias formas lhe aparece.
- 69 Aqui se lhe apresenta que subia
Tão alto, que tocava à prima Esfera,
Donde diante vários mundos via,
Nações de muita gente, estranha e fera;
E lá bem junto donde *nace* o dia,
Despois que os olhos longos estendera,
Viu de antigos, longínquos e altos montes
Nacerem duas claras e altas fontes.
- 70 Aves agrestes, feras e alimárias
Pelo monte selvático habitavam;
Mil árvores silvestres e ervas várias
O passo e o trato às gentes atalhavam.
Estas duas montanhas, adversárias
De mais conversação, por si mostravam
Que, *desque* Adão pecou aos nossos anos,
Não as romperam nunca pés humanos.
- 71 Das águas se lhe antolha que saíam,
Pera ele os largos passos inclinando,
Dous homens, que mui velhos pareciam
De aspeito, *inda* que agreste, venerando;
Das pontas dos cabelos *lhe* saíam,
Gotas, que o corpo todo vão banhando;
A cor da pele baça e denegrida,
A barba hirsuta, intonsa, mas comprida.

- 72 De ambos de *dous* a frente coroada
Ramos não conhecidos e ervas tinha.
Um deles a presença traz cansada,
Como quem de mais longe ali caminha;
E *assi* a água, com *impito* alterada,
Parecia que doutra parte vinha,
Bem como Alfeu de Arcádia em Siracusa
Vai buscar os abraços de Aretusa.
- 73 Este, que era o mais grave na pessoa,
Destarte *pera* o Rei de longe brada:
«Ó tu, a cujos reinos e coroa
Grande parte do mundo está guardada,
Nós outros, cuja fama tanto voa,
Cuja cerviz bem nunca foi domada,
Te avisamos que é tempo que já mandes
A receber de nós tributos grandes.
- 74 Eu sou o ilustre Ganges, que na terra
Celeste tenho o berço verdadeiro;
Estoutro é o Indo, Rei, que, nesta serra
Que vês, seu *nascimento* tem primeiro.
Custar-te-emos, contudo, dura guerra;
Mas, insistindo tu, por derradeiro,
Com não vistas vitórias, sem receio
A quantas gentes vês porás o freio.»
- 75 Não disse mais o Rio ilustre e santo,
Mas ambos *desparecem* num momento.
Acorda Emanuel *cum* novo espanto
E grande alteração de pensamento.
Estendeu nisto Febo o claro manto
Pelo escuro *Hemisperio* sonolento;
Veio a manhã no céu pintando as cores
De pudibunda rosa e roxas flores.

- 76 Chama o Rei os senhores a conselho
E propõe-lhe as figuras da visão;
As palavras *lhe* diz do santo velho,
Que a todos foram grande admiração.
Determinam o náutico aparelho,
Pera que, com sublime coração,
Vá a gente que mandar cortando os mares,
A buscar novos climas, novos ares.
- 77 Eu, que bem mal cuidava que em efeito
Se pusesse o que o peito me pedia,
Que sempre grandes cousas deste jeito,
Pressago, o coração me prometia,
Não sei por que razão, por que respeito,
Ou por que bom sinal que em *mi* se via,
Me põe o ínclito Rei nas mãos a chave
Deste cometimento grande e grave.
- 78 E com rogo e palavras amorosas,
Que é um mando nos Reis que a mais obriga,
Me disse: «As cousas árduas e lustrosas
Se alcançam com trabalho e com fadiga;
Faz as pessoas altas e famosas
A vida que se perde e que periga,
Que, quando ao medo infame não se rende,
Então, se menos dura, mais se entende.
- 79 Eu vos tenho entre todos escolhido
Para *hũa* empresa, qual a vós se deve,
Trabalho ilustre, duro e esclarecido,
O que eu sei que por *mi* vos será leve.»
Não sofri mais, mas logo: «Ó Rei subido,
Aventurar-me a ferro, a fogo, a neve,
É tão pouco por vós, que mais me pena
Ser esta vida cousa tão pequena.

- 80 Imaginai tamanhas aventuras
Quais Euristeu a Alcides inventava:
O leão Cleonéu, Harpias duras,
O porco de Erimanto, a Hidra brava,
Decer, enfim, às sombras vãs e escuras
Onde os campos de Dite a Estige lava;
Porque a maior perigo, a mor afronta,
Por vós, ó Rei, o *espírito* e carne é pronta.»
- 81 Com mercês sumptuosas me *agardece*
E com razões me louva esta vontade,
Que a virtude louvada vive e *crece*
E o louvor altos casos persuade.
A acompanhar-me logo se oferece,
Obrigado de amor e de amizade,
Não menos cobiçoso de honra e fama,
O caro meu irmão Paulo da Gama.
- 82 Mais se me ajunta Nicolau Coelho,
De trabalhos mui grande sofredor.
Ambos são de valia e de conselho,
De experiência em armas e furor.
Já de manceba gente me aparelho,
Em que *crece* o desejo do valor;
Todos de grande esforço; e *assi* parece
Quem a tamanhas cousas se oferece.
- 83 Foram de Emanuel remunerados,
Por que com mais amor se apercebessem,
E com palavras altas animados
Pera quantos trabalhos sucedessem.
Assi foram os Mínias ajuntados,
Pera que o Véu dourado combatessem,
Na fatídica Nau, que ousou primeira
Tentar o mar Euxínio, aventureira.

- 84 E já no porto da ínclita Ulisseia,
Cum alvoroço nobre e *cum* desejo
 (Onde o licor mistura e branca areia
Co salgado Neptuno o doce Tejo)
 As naus prestes estão; e não refreia
 Temor nenhum o juvenil despejo,
 Porque a gente marítima e a de Marte
 Estão *pera* seguir-me a toda parte.
- 85 Pelas praias vestidos os soldados
 De várias cores *vem* e várias artes,
 E não menos de esforço aparelhados
Pera buscar do mundo novas partes.
 Nas fortes naus os ventos sossegados
 Ondeiam os aéreos estandartes.
 Elas prometem, vendo os mares largos,
 De ser no Olimpo estrelas, como a de Argos.
- 86 *Despois* de aparelhados, desta sorte,
 De quanto tal viagem pede e manda,
 Aparelhámos a alma *pera* a morte,
 Que sempre aos nautas ante os olhos anda.
Pera o sumo Poder, que a etérea Corte
 Sustenta só *co* a vista veneranda,
 Implorámos favor que nos guiasse,
 E que nossos começos aspirasse.
- 87 Partimo-nos *assi* do santo templo
 Que nas praias do mar está assentado,
 Que o nome tem da terra, *pera* exemplo,
 Onde Deus foi em carne ao mundo dado.
 Certifico-te, ó Rei, que, se contemplo
 Como fui destas praias apartado,
 Cheio dentro de dúvida e receio,
 Que apenas nos meus olhos ponho o freio.

- 88 A gente da cidade, aquele dia,
 (Uns por amigos, outros por parentes,
 Outros por ver sòmente) concorria,
 Saudosos na vista e descontentes.
 E nós, *co* a virtuosa companhia
 De mil religiosos diligentes,
 Em procissão solene, a Deus orando,
Pera os batéis viemos caminhando.
- 89 } Em tão longo caminho e duvidoso
 } Por perdidos as gentes nos julgavam,
 } As mulheres *cum* choro *piadoso*,
 } Os homens com suspiros que arrancavam.
 } Mães, Esposas, Irmãs, que o temeroso
 } Amor mais desconfia, *acrecentavam*
 } A desesperação e frio medo
 } De já nos não tornar a ver tão cedo.
- 90 Qual vai dizendo: «Ó filho, a quem eu tinha
 Só *pera* refrigério e doce *emparo*
 Desta cansada já velhice minha,
 Que em choro acabará, penoso e amaro,
 Porque me deixas, mísera e mesquinha?
 Porque de *mi* te *vas*, ó filho caro,
 A fazer o funéreo enterramento
 Onde sejas de *pexes* mantimento?»
- 91 Qual em cabelo: «Ó doce e amado esposo,
 Sem quem não quis Amor que viver possa,
 Porque *is* aventurar ao mar iroso
 Essa vida que é minha e não é vossa?
 Como, por um caminho duvidoso,
 Vos esquece a afeição tão doce nossa?
 Nosso amor, nosso vão contentamento,
 Quereis que com as velas leve o vento?»

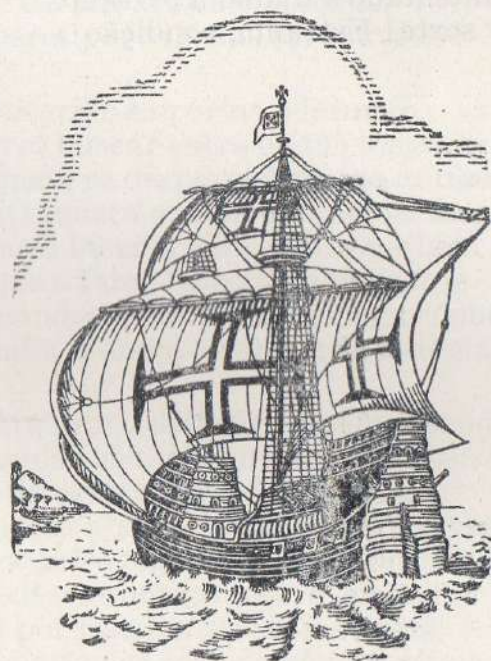
- 92 Nestas e outras palavras que diziam,
De amor e de *piadosa* humanidade,
Os velhos e os *mininos* as seguiam,
Em quem menos esforço põe a idade.
Os montes de mais perto respondiam,
Quase movidos de alta piedade;
A branca areia as lágrimas banhavam,
Que em multidão *co* elas se igualavam.
- 93 Nós outros, sem a vista alevantarmos
Nem a Mãe, nem a Esposa, neste estado,
Por nos não magoarmos, ou mudarmos
Do propósito firme começado,
Determinei de *assi* nos embarcarmos,
Sem o despedimento costumado,
Que, posto que é de amor usança boa,
A quem se aparta, ou fica, mais magoa.
- 94 Mas um velho, de aspeito venerando,
Que ficava nas praias, entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Três vezes a cabeça, descontente,
A voz pesada um pouco alevantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
Cum saber só de experiências feito,
Tais palavras tirou do experto peito:
- 95 «Ó glória de mandar, ó vã cobiça
Desta vaidade, a quem chamamos Fama!
Ó fraudulento gosto, que se atiga
Cũa aura popular, que honra se chama!
Que castigo tamanho e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades neles *exprimentas*!

- 96 Dura inquietação d'alma e da vida,
Fonte de *desemparos* e adultérios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos e de impérios!
Chamam-te ilustre, chamam-te subida,
Sendo *dina* de infames vitupérios;
Chamam-te Fama e Glória soberana,
Nomes com quem se o povo néscio engana.
- 97 A que novos desastres determinas
De levar estes Reinos e esta gente?
Que perigos, que mortes *lhe* destinas,
Debaixo dalgum nome *preminente*?
Que promessas de reinos e de minas
De ouro, que *lhe* farás tão facilmente?
Que famas *lhe* prometerás? Que histórias?
Que triunfos? Que palmas? Que vitórias?
- 98 Mas, ó tu, *geração* daquele insano
Cujo pecado e desobediência
Não sòmente do Reino soberano
Te pôs neste desterro e triste ausência,
Mas *inda* doutro estado, mais que humano,
Da quieta e da *simpres* inocência,
Idade de ouro, tanto te privou,
Que na de ferro e de armas te deitou:
- 99 Já que nesta gostosa *vaídade*
Tanto enlevas a leve fantasia,
Já que à bruta crueza e feridade
Puseste nome «esforço e valentia»,
Já que prezas em tanta quantidade
O desprezo da vida, que devia
De ser sempre estimada, pois que já
Temeu tanto perdê-la Quem a dá:

- 100 { Não tens junto contigo o Ismaelita,
 Com quem sempre terás guerras sobejas?
 Não segue ele do Arábio a Lei maldita,
 Se tu *pola* de Cristo só pelejas?
 Não tem cidades mil, terra infinita,
 Se terras e riqueza mais desejas?
 Não é ele por armas esforçado,
 Se queres por vitórias ser louvado?
- 101 { Deixas criar às portas o inimigo,
 Por ires buscar outro de tão longe,
 Por quem se despovoe o Reino antigo,
 Se enfraqueça e se vá deitando a longe!
 Buscas o incerto e incógnito perigo
 Por que a fama te exalte e te lisonje
 Chamando-te senhor, com larga cópia,
 Da Índia, Pérsia, Arábia e de Etiópia!
- 102 { Oh! Maldito o primeiro que, no mundo,
 Nas ondas vela pôs em seco lenho!
 Dino da eterna pena do Profundo,
 Se é justa a justa Lei que sigo e tenho!
 Nunca juízo algum, alto e profundo,
 Nem cítara sonora ou vivo engenho,
 Te dê por isso fama nem memória,
 Mas contigo se acabe o nome e glória!
- 103 { Trouxe o filho de Jápeto do Céu
 O fogo que ajuntou ao peito humano,
 Fogo que o mundo em armas acendeu,
 Em mortes, em desonras (grande engano!).
 Quanto *milhor* nos fora, Prometeu,
 E quanto *pera* o mundo menos dano,
 Que a tua estátua ilustre não tivera
 Fogo de altos desejos que a movera!

- 104 { Não cometera o moço miserando
 O carro alto do pai, nem o ar vazio
 O grande architector *co* filho, dando,
 Um, nome ao mar, e o outro, fama ao rio.
 Nenhum cometimento alto e nefando
 Por fogo, ferro, água, calma e frio,
 Deixa intentado a humana *geração*.
 Miserável sorte! Estranha condição!»





CANTO QUINTO

- 1 Estas sentenças tais o velho honrado
Vociferando estava, quando abrimos
As asas ao sereno e sossegado
Vento, e do porto amado nos partimos.
E, como é já no mar costume usado,
A vela desfraldando, o céu ferimos,
Dizendo: «Boa viagem!». Logo o vento
Nos troncos fez o usado movimento.
- 2 Entrava neste tempo o eterno lume
No animal Nemeio truculento;
E o Mundo, que *co* tempo se *consume*,
Na *seista* idade andava, enfermo e lento.
Nela vê, como tinha por costume,
Cursos do Sol catorze vezes cento,
Com mais noventa e sete, em que corria,
Quando no mar a armada se estendia.
- 3 Já a vista, pouco e pouco, se desterra
Daqueles pátrios montes, que ficavam;
Ficava o caro Tejo e a fresca serra
De Sintra, e nela os olhos se alongavam.
Ficava-nos também na amada terra
O coração, que as mágoas lá deixavam.
E já *despois* que toda se escondeu,
Não vimos mais, enfim, que mar e céu.

- 4 *Assi* fomos abrindo aqueles mares,
 Que *geração algũa* não abriu,
 As novas Ilhas vendo e os novos ares
 Que o generoso Henrique descobriu;
 De Mauritânia os montes e lugares,
 Terra que Anteu num tempo possuiu,
 Deixando à mão esquerda, que à *dereita*
 Não há certeza doutra, mas suspeita.
- 5 Passámos a grande Ilha da Madeira,
 Que do muito arvoredó *assi* se chama;
 Das que nós povoámos a primeira,
 Mais célebre por nome que por fama.
 Mas, nem por ser do mundo a derradeira,
 Se lhe *aventajam* quantas Vénus ama;
 Antes, sendo esta sua, se esquecerá
 De Cipro, Gnido, Pafos e Citera.
- 6 Deixámos de Massília a estéril costa,
 Onde seu gado os Azenegues pastam,
 Gente que as frescas águas nunca gosta
 Nem as ervas do campo bem lhe abastam;
 A terra a nenhum fruto, enfim, *desposta*,
 Onde as aves no ventre o ferro gastam,
 Padecendo de tudo extrema inópia,
 Que aparta a Barbaria de Etiópia.
- 7 Passámos o *lemite* aonde chega
 O Sol, que *pera* o Norte os carros guia;
 Onde jazem os povos a quem nega
 O filho de *Clymene* a cor do dia.
 Aqui gentes estranhas lava e rega
 Do negro *Sanagá* a corrente fria,
 Onde o Cabo Arsinário o nome perde,
 Chamando-se dos nossos Cabo Verde.

- 8 Passadas tendo já as Canárias ilhas,
 Que tiveram por nome Fortunadas,
 Entrámos, navegando, *polas* filhas
 Do velho Hespério, Hespéridas chamadas;
 Terras por onde novas maravilhas
 Andaram vendo já nossas armadas.
 Ali tomámos porto com bom vento,
 Por tomarmos da terra mantimento.
- 9 Àquela ilha aportámos que tomou
 O nome do guerreiro Sant'Iago,
 Santo que os Espanhóis tanto ajudou
 A fazerem nos Mouros bravo estrago.
 Daqui, tanto que Bóreas nos ventou,
 Tornámos a cortar o imenso lago
 Do salgado Oceano, e *assi* deixámos
 A terra onde o refresco doce achámos.
- 10 Por aqui, rodeando a larga parte
 De África, que ficava ao Oriente:
 A província Jalofo, que reparte
 Por diversas nações a negra gente;
 A mui grande Mandinga, por cuja arte
 Logramos o metal rico e luzente,
 Que do curvo Gambeia as águas bebe,
 As quais o largo Atlântico recebe;
- 11 As Dórcadas passámos, povoadas
 Das Irmãs que outro tempo ali viviam,
 Que, de vista total sendo privadas,
 Todas três dum só olho se serviam.
 Tu só, tu, cujas tranças encrespadas
 Neptuno lá nas águas acendiam,
 Tornada já de todas a mais feia,
 De *bívoras* encheste a ardente areia.

- 12 Sempre, enfim, *pera* o Austro a aguda proa,
No grandíssimo *gólfão* nos metemos,
Deixando a serra aspérrima Leoa,
Co Cabo a quem das Palmas nome demos.
O grande rio, onde batendo soa
O mar nas praias notas, que ali temos,
Ficou, *co* a Ilha ilustre, que tomou
O nome dum que o lado a Deus tocou.
- 13 Ali o mui grande reino está de Congo,
Por nós já convertido à fé de Cristo,
Por onde o Zaire passa, claro e longo,
Rio pelos antigos nunca visto.
Por este largo mar, enfim, me alongo
Do conhecido pólo de Calisto,
Tendo o término ardente já passado
Onde o meio do Mundo é limitado.
- 14 Já descoberto tínhamos diante,
Lá no novo *Hemisperio*, nova estrela,
Não vista de outra gente, que, ignorante,
Alguns tempos esteve incerta dela.
Vimos a parte menos rutilante
E, por falta de estrelas, menos bela,
Do Pólo fixo, onde *inda* se não sabe
Que outra terra comece ou mar acabe.
- 15 Assi, passando aquelas regiões
Por onde duas vezes passa Apolo,
Dous invernos fazendo e *dous* verões,
Enquanto corre dum ao outro Pólo,
Por calmas, por tormentas e opressões,
Que sempre faz no mar o irado *Eolo*,
Vimos as Ursas, a pesar de Juno,
Banharem-se nas águas de Neptuno.

- 16 } Contar-te longamente as perigosas
Cousas do mar, que os homens não entendem,
Súbitas trovoadas temerosas,
Relampados que o ar em fogo acendem,
Negros chuveiros, noites tenebrosas,
Bramidos de trovões, que o mundo fendem,
Não menos é trabalho que grande erro,
Ainda que tivesse a voz de ferro.
- 17 } Os casos vi que os *rudos* marinheiros,
Que *tem* por mestra a longa experiência,
Contam por certos sempre e verdadeiros,
Julgando as cousas só *pola* aparência,
E que os que *tem* juízos mais inteiros,
Que só por puro engenho e por ciência
Vem do Mundo os segredos escondidos,
Julgam por falsos ou mal entendidos.
- 18 } Vi, claramente visto, o lume vivo
Que a marítima gente tem por Santo,
Em tempo de tormenta e vento esquivo,
De tempestade escura e triste pranto.
Não menos foi a todos excessivo
Milagre, e cousa, certo, de alto espanto,
Ver as nuvens, do mar com largo cano,
Sorver as altas águas do Oceano.
- 19 } Eu o vi certamente (e não presumo
Que a vista me enganava) : levantar-se
No ar um vaporzinho e *sutil* fumo,
E, do vento trazido, rodear-se;
De aqui levado um cano ao Pólo sumo
Se via, tão delgado, que enxergar-se
Dos olhos facilmente não podia;
Da matéria das nuvens parecia.

20 { Ia-se pouco e pouco *acrecentando*
 E mais que um largo *masto* se engrossava;
 Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
 Os golpes grandes de água em si chupava;
 Estava-se *co* as ondas ondeando;
 Em cima dele *hũa* nuvem se espessava,
 Fazendo-se maior, mais carregada,
 Co cargo grande da água em si tomada.

21 { Qual roxa sanguessuga se veria
 Nos beijos da alimária (que, imprudente,
 Bebendo a recolheu na fonte fria)
 Fartar *co* sangue alheio a sede ardente;
 Chupando, mais e mais se engrossa e cria,
 Ali se enche e se alarga grandemente:
 Tal a grande coluna, enchendo, aumenta
 A si e a nuvem negra que sustenta.

22 { Mas, *depois* que de todo se fartou,
 O pé que tem no mar a si recolhe
 E pelo céu, chovendo, enfim voou,
 Por que *co* a água a jacente água molhe;
 Às ondas torna as ondas que tomou,
 Mas o sabor do sal *lhe* tira e tolhe.
 Vejam agora os sábios na escritura
 Que segredos são estes de Natura!

23 Se os antigos Filósofos, que andaram
 Tantas terras, *por* ver segredos delas,
 As maravilhas que eu passei, passaram,
 A tão diversos ventos dando as velas,
 Que grandes escrituras que deixaram!
 Que influência de *sinos* e de estrelas!
 Que estranhezas, que grandes qualidades!
 E tudo, sem mentir, puras verdades.

24 Mas já o Planeta que no céu primeiro
 Habita, cinco vezes apressada,
 Agora meio rosto, agora inteiro,
 Mostrara, enquanto o mar cortava a armada,
 Quando da etérea gávea um marinheiro,
 Pronto *co* a vista: «Terra! Terra!» brada.
 Salta no bordo alvoreçada a gente,
 Cos olhos no horizonte do Oriente.

25 A maneira de nuvens se começam
 A descobrir os montes que enxergamos;
 As âncoras pesadas se adereçam;
 As velas, já chegados, amainamos.
 E, *pera* que mais certas se conheçam
 As partes tão remotas onde estamos,
 Pelo novo instrumento do astrolábio,
 Invenção de *sutil* juízo e sábio:

26 Desembarcamos logo na espaçosa
 Parte, por onde a gente se espalhou,
 De ver cousas estranhas desejosa,
 Da terra que outro povo não pisou.
 Porém eu, *cos* pilotos, na arenosa
 Praia, por vermos em que parte estou,
 Me detenho em tomar do Sol a altura
 E compassar a universal pintura.

27 Achamos ter de todo já passado
 Do semicarpo *Peze* a grande meta,
 Estando entre ele e o círculo gelado
 Austral, parte do mundo mais secreta.
 Eis, de meus companheiros rodeado,
 Vejo um estranho vir, de pele preta,
 Que tomaram *per* força, enquanto apanha
 De mel os doces favos na montanha.

- 28 Torvado vem na vista, como aquele
Que não se vira nunca em tal extremo;
Nem ele entende a nós, nem nós a ele,
Selvagem mais que o bruto Polifemo.
Começo-lhe a mostrar da rica pele
De Colcos o gentil metal supremo,
A prata fina, a quente especiaria:
A nada disto o bruto se movia.
- 29 Mando mostrar-lhe peças mais somenos:
Contas de cristalino transparente,
Alguns soantes cascavéis pequenos,
Um barrete vermelho, cor contente;
Vi logo, por sinais e por acenos,
Que com isto se alegra grandemente.
Mando-o soltar com tudo e *assi* caminha
Pera a povoação, que perto tinha.
- 30 Mas, logo ao outro dia, seus parceiros,
Todos nus e da cor da escura treva,
Decendo pelos ásperos outeiros,
As peças *vem* buscar que estoutro leva.
Domésticos já tanto e companheiros
Se nos mostram, que fazem que se atreva
Fernão Veloso a ir ver da terra o trato
E partir-se *co* eles pelo mato.
- 31 } É Veloso no braço confiado
E, de arrogante, crê que vai seguro;
Mas, sendo um grande espaço já passado,
Em que algum bom sinal saber procuro,
Estando, a vista alçada, *co* cuidado
No aventureiro, eis pelo monte duro
Aparece e, segundo ao mar caminha,
Mais apressado do que fora, vinha.

- 32 } O batel de Coelho foi depressa
Polo tomar; mas, antes que chegasse,
Um Etíope ousado se arremessa
A ele, *por* que não se lhe escapasse.
Outro e outro lhe saem; vê-se em pressa
Veloso, sem que alguém lhe ali ajudasse.
Acudo eu logo, e, enquanto o remo aperto,
Se mostra um bando negro descoberto.
- 33 } Da espessa nuvem setas e pedradas
Chovem sobre nós outros, sem medida;
E não foram ao vento em vão deitadas,
Que esta perna trouxe eu dali ferida;
Mas nós, como pessoas magoadas,
A *reposta* lhe demos tão tecida,
Que em mais que nos barretes se suspeita
Que a cor vermelha levam desta feita.
- 34 } E, sendo já Veloso em salvamento,
Logo nos recolhemos *pera* a armada,
Vendo a malícia feia e *rudo* intento
Da gente bestial, bruta e malvada,
De quem nenhum *milhor* conhecimento
Pudemos ter da Índia desejada
Que estarmos *inda* muito longe dela.
E *assi* tornei a dar ao vento a vela.
- 35 } Disse então a Veloso um companheiro
(Começando-se todos a sorrir):
«*Oula*, Veloso amigo, aquele outeiro
É *milhor* de *dec*er que de subir.»
«*Si*, é (responde o ousado aventureiro);
Mas, quando eu *pera* cá vi tantos vir
Daqueles Cães, depressa um pouco vim,
Por me lembrar que estáveis cá sem mim.»

36 } Contou então que, tanto que passaram
Aquele monte, os negros de quem falo,
Avante mais passar o não deixaram,
Querendo, se não torna, ali matá-lo;
E, tornando-se, logo se emboscaram,
Por que, saindo nós *pera* tomá-lo,
Nos pudessem mandar ao reino escuro,
Por nos roubarem mais a seu seguro.

37 } Porém já cinco Sóis eram passados
Que dali nos partíramos, cortando
Os mares nunca de outrem navegados,
Pròsperamente os ventos assoprando,
Quando *hũa* noite, estando descuidados
Na cortadora proa vigiando,
Hũa nuvem, que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças aparece.

38 } Tão temerosa vinha e carregada,
Que pôs nos corações um grande medo;
Bramindo, o negro mar de longe brada,
Como se desse em vão nalgum rochedo.
«Ó Potestade (disse) sublimada:
Que ameaço divino ou que segredo
Este clima e este mar nos apresenta,
Que mor cousa parece que tormenta?»

39 } Não acabava, quando *hũa* figura
Se nos mostra no ar, robusta e válida,
De disforme e grandíssima estatura;
O rosto carregado, a barba esquálida,
Os olhos encovados, e a postura
Medonha e má e a cor terrena e pálida;
Cheios de terra e crespos os cabelos,
A boca negra, os dentes amarelos.

40 } Tão grande era de membros, que bem posso
Certificar-te que este era o segundo
De Rodes estranhíssimo Colosso,
Que um dos sete milagres foi do mundo.
Cum tom de voz nos fala, horrendo e grosso,
Que pareceu sair do mar profundo.
Arrepiam-se as carnes e o cabelo,
A *mi* e a todos, só de ouvi-lo e vê-lo!

41 } E disse: «Ó gente ousada, mais que quantas
No mundo cometeram grandes cousas,
Tu, que por guerras cruas, tais e tantas,
E por trabalhos vãos nunca repousas,
Pois os vedados términos quebrantas
E navegar meus longos mares ousas,
Que eu tanto tempo há já que guardo e tenho,
Nunca arados de estranho ou próprio lenho:

42 } Pois vens ver os segredos escondidos
Da natureza e do húmido elemento,
A nenhum grande humano concedidos
De nobre ou de imortal merecimento,
Ouve os danos de *mi* que apercebidos
Estão a teu sobejo atrevimento,
Por todo o largo mar e *pola* terra
Que *inda* hás-de *sojugar* com dura guerra.

43 } Sabe que quantas naus esta viagem
Que tu fazes, fizerem, de atrevidas,
Inimiga terão esta paragem,
Com ventos e tormentas desmedidas!
E da primeira armada, que passagem
Fizer por estas ondas insofridas,
Eu farei de improvisos tal castigo,
Que seja mor o dano que o perigo!

44 } Aqui espero tomar, se não me engano,
De quem me descobriu suma vingança.
E não se acabará só nisto o dano
De vossa *pertinace* confiança:
Antes, em vossas naus vereis, cada ano,
Se é verdade o que meu juízo alcança,
Naufrágios, perdições de toda sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte!

45 } E do primeiro Ilustre, que a ventura
Com fama alta fizer tocar os Céus,
Serei eterna e nova sepultura,
Por juízos incógnitos de Deus.
Aqui porá da Turca armada dura
Os soberbos e prósperos troféus;
Comigo de seus danos o ameaça
A destruída Quíloa com Mombaça.

46 } Outro também virá, de honrada fama,
Liberal, cavaleiro, enamorado,
E consigo trará a *fermosa* dama
Que Amor por *grão* mercê lhe terá dado.
Triste ventura e negro fado os chama
Neste terreno meu, que, duro e irado,
Os deixará dum cru naufrágio vivos,
Pera verem trabalhos excessivos.

47 } Verão morrer com fome os filhos caros,
Em tanto amor *gêrados* e *nacidos*;
Verão os Cafres, ásperos e avaros,
Tirar à linda dama seus vestidos;
Os cristalinos membros e preclaros
À calma, ao frio, ao ar verão despidos,
Despois de ter pisada, longamente,
Cos delicados pés a areia ardente.

48 } E verão mais os olhos que escaparem
De tanto mal, de tanta desventura,
Os *dous* amantes míseros ficarem
Na férvida e *implacabil* espessura.
Ali, *despois* que as pedras abrandarem
Com lágrimas de dor, de mágoa pura,
Abraçados, as almas soltarão
Da *fermosa* e misérrima prisão.»

49 } Mais ia por diante o monstro horrendo,
Dizendo nossos Fados, quando, alçado,
Lhe disse eu: «Quem és tu? Que esse estupendo
Corpo, certo, me tem maravilhado!»
A boca e os olhos negros retorcendo
E, dando um espantoso e grande brado,
Me respondeu, com voz pesada e amara,
Como quem da pergunta lhe pesara:

50 } «Eu sou aquele oculto e grande Cabo
A quem chamais vós outros Tormentório,
Que nunca a Ptolomeu, Pompónio, Estrabo,
Plínio, e quantos passaram, fui notório.
Aqui toda a Africana costa acabo
Neste meu nunca visto Promontório,
Que *pera* o Pólo Antártico se estende,
A quem vossa ousadia tanto ofende!

51 } Fui dos filhos aspérrimos da Terra,
Qual Encélado, Egeu e o *Centimano*;
Chamei-me Adamastor, e fui na guerra
Contra o que vibra os raios de Vulcano;
Não que pusesse serra sobre serra,
Mas, conquistando as ondas do Oceano,
Fui capitão do mar, por onde andava
A armada de Neptuno, que eu buscava.

- 52 Amores da alta esposa de Peleu
Me fizeram tomar tamanha empresa.
Todas as Deusas desprezei do Céu,
Só *por* amar das Águas a Princesa.
Um dia a vi, *co* as filhas de Nereu,
Sair nua na praia: e logo presa
A vontade senti de tal maneira,
Que *inda* não sinto cousa que mais queira.
- 53 Como fosse *impossibil* alcançá-la,
Pola grandeza feia de meu gesto,
Determinei por armas de tomá-la
E a Dóris este caso manifesto.
De medo a Deusa então por *mi* lhe fala;
Mas ela, *cum* *fermoso* riso honesto,
Respondeu: «Qual será o amor bastante
De Ninfa, que sustente o dum Gigante?
- 54 Contudo, *por* livrarmos o Oceano
De tanta guerra, eu buscarei maneira
Com que, com minha honra, escuse o dano.»
Tal resposta me torna a mensageira.
Eu, que cair não pude neste engano
(Que é grande dos amantes a cegueira),
Encheram-me, com grandes *abondanças*,
O peito de desejos e esperanças.
- 55 Já néscio, já da guerra desistindo,
Hũa noite, de Dóris prometida,
Me aparece de longe o gesto lindo
Da branca *Thetis*, única, despida.
Como doudo corri, de longe abrindo
Os braços *pera* aquela que era vida
Deste corpo, e começo os olhos belos
A lhe beijar, as faces e os cabelos.

- 56 Oh! Que não sei de nojo como o conte!
Que, crendo ter nos braços quem amava,
Abraçado me achei *cum* duro monte
De áspero mato e de espessura brava.
Estando *cum* penedo fronte a fronte,
Que eu *polo* rosto angélico apertava,
Não fiquei homem, não, mas mudo e quedo
E, junto dum penedo, outro penedo!
- 57 Ó Ninfa, a mais *fermosa* do Oceano,
Já que minha presença não te agrada,
Que te custava ter-me neste engano,
Ou fosse monte, nuvem, sonho ou nada?
Daqui me parto, irado e quase insano
Da mágoa e da desonra ali passada,
A buscar outro mundo, onde não visse
Quem de meu pranto e de meu mal se risse.
- 58 } Eram já neste tempo meus Irmãos
Vencidos e em miséria extrema postos,
E, *por* mais segurar-se os Deuses vão,
Alguns a vários montes sotopostos.
E, como contra o Céu não valem mãos,
Eu, que chorando andava meus desgostos,
Comecei a sentir do Fado *immigo*,
Por meus atrevimentos, o castigo.
- 59 } Converte-se-me a carne em terra dura;
Em penedos os ossos se fizeram;
Estes membros, que vês, e esta figura
Por estas longas águas se estenderam.
Enfim, minha grandíssima estatura
Neste remoto Cabo converteram
Os Deuses; e, *por* mais dobradas mágoas,
Me anda *Thetis* cercando destas águas.»

- 60 { *Assi* contava ; e, *cum* medonho choro,
 Súbito de ante os olhos se apartou.
 Desfez-se a nuvem negra, e *cum* sonoro
 Bramido muito longe o mar soou.
 Eu, levantando as mãos ao santo coro
 Dos Anjos, que tão longe nos guiou,
 A Deus pedi que removesse os duros
 Casos, que Adamastor contou futuros.
- 61 Já Flégon e *Pyrois* vinham tirando,
Cos outros *dous*, o carro radiante,
 Quando a terra alta se nos foi mostrando
 Em que foi convertido o grão Gigante.
 Ao longo desta costa, começando
 Já de cortar as ondas do Levante,
 Por ela abaixo um pouco navegámos,
 Onde segunda vez terra tomámos.
- 62 A gente que esta terra possuía,
 Posto que todos *Etiopes* eram,
 Mais humana no trato parecia
 Que os outros que tão mal nos receberam.
 Com *bailos* e com festas de alegria
 Pela praia arenosa a nós vieram,
 As mulheres consigo e o manso gado
 Que *apacentavam*, gordo e bem criado.
- 63 As mulheres, queimadas, *vem* em cima
 Dos vagarosos bois, ali sentadas,
 Animais que eles *tem* em mais estima
 Que todo o outro gado das manadas.
 Cantigas pastoris, ou prosa ou rima,
 Na sua língua cantam, concertadas
Co doce som das rústicas avenas,
 Imitando de Títiro as camenas.

- 64 Estes, como na vista prazenteiros
 Fossem, humanamente nos trataram,
 Trazendo-nos galinhas e carneiros
 A troco doutras peças que levaram.
 Mas, como nunca, enfim, meus companheiros
 Palavra sua *algũa lhe* alcançaram
 Que desse algum sinal do que buscamos,
 As velas dando, as âncoras levamos.
- 65 Já aqui tínhamos dado um grão rodeio
 À costa negra de África, e tornava
 A proa a demandar o ardente meio
 Do Céu, e o pólo Antártico ficava.
 Aquele ilhéu deixámos onde veio
 Outra armada primeira, que buscava
 O Tormentório Cabo, e, descoberto,
 Naquele ilhéu fez seu limite certo.
- 66 Daqui fomos cortando muitos dias
 Entre tormentas tristes e bonanças,
 No largo mar fazendo novas vias,
 Só conduzidos de árduas esperanças.
Co mar um tempo andámos em porfias,
 Que, como tudo nele são mudanças,
 Corrente nele achámos tão possante,
 Que passar não deixava por diante.
- 67 Era maior a força em demasia,
 Segundo *pera* trás nos obrigava,
 Do mar, que contra nós ali corria,
 Que por nós a do vento que assoprava.
 Injuriado Noto da porfia
 Em que *co* mar (parece) tanto estava,
 Os assopros esforça iradamente,
 Com que nos fez vencer a *grão* corrente.

- 68 Trazia o Sol o dia celebrado
Em que três Reis das partes do Oriente
Foram buscar um Rei, de pouco nado,
No qual Rei outros três há juntamente.
Neste dia outro porto foi tomado
Por nós, da mesma já contada gente,
Num largo rio, ao qual o nome demos
Do dia em que por ele nos metemos.
- 69 Desta gente refresco algum tomámos
E do rio fresca água; mas contudo
Nenhum sinal aqui da Índia achámos
No povo, com nós outros quase mudo.
Ora vê, Rei, quamanha terra andámos,
Sem sair nunca deste povo *rudo*,
Sem vermos nunca nova nem sinal
Da desejada parte Oriental.
- 70 Ora imagina agora quão coitados
Andaríamos todos, quão perdidos,
De fomes, de tormentas quebrantados,
Por climas e por mares não sabidos!
E do esperar comprido tão cansados
Quanto a desesperar já compelidos,
Por céus não naturais, de qualidade
Inimiga de nossa humanidade.
- 71 Corrupto já e danado o mantimento,
Danoso e mau ao fraco corpo humano;
E, além disso, nenhum contentamento,
Que sequer da esperança fosse engano.
Crês tu que, se este nosso ajuntamento
De soldados não fora Lusitano,
Que durara ele tanto obediente,
Porventura, a seu Rei e a seu regente?

- 72 Crês tu que já não foram levantados
Contra seu Capitão, se os resistira,
Fazendo-se piratas, obrigados
De desesperação, de fome, de ira?
Grandemente, por certo, estão provados,
Pois que nenhum trabalho grande os tira
Daquela Portuguesa alta excelência
De lealdade firme e obediência.
- 73 Deixando o porto, enfim, do doce rio
E tornando a cortar a água salgada,
Fizemos desta costa algum desvio,
Deitando *pera* o pego toda a armada;
Por que, ventando Noto, manso e frio,
Não nos apanhasse a água da enseada
Que a costa faz ali, daquela banda
Donde a rica Sofala o ouro manda.
- 74 Esta passada, logo o leve leme
Encomendado ao sacro Nicolau,
Pera onde o mar na costa brada e geme,
A proa inclina *dhũa* e doutra nau;
Quando, indo o coração que espera e teme
E que tanto fiou dum fraco pau,
Do que esperava já desesperado,
Foi *dhũa* novidade alvoroçado.
- 75 E foi que, estando já da costa perto,
Onde as praias e vales bem se viam,
Num rio, que ali sai ao mar aberto,
Batéis à vela entravam e saíam.
Alegria mui grande foi, por certo,
Acharmos já pessoas que sabiam
Navegar, porque entre elas esperámos
De achar novas *algũas*, como achámos.

- 76 Etíopes são todos, mas parece
Que com gente *milhor* comunicavam;
Palavra *algũa* Arábia se conhece
Entre a linguagem sua que falavam;
E com pano delgado, que se tece
De algodão, as cabeças apertavam;
Com outro, que de tinta azul se tinge,
Cada um as vergonhosas partes cinge.
- 77 Pela Arábica língua, que mal falam
E que Fernão Martins mui bem entende,
Dizem que, por naus, que em grandeza igualam
As nossas, o seu mar se corta e fende;
Mas que, lá donde sai o Sol, se abalam
Pera onde a costa ao Sul se alarga e estende,
E do Sul *pera* o Sol, terra onde havia
Gente, *assi* como nós, da cor do dia.
- 78 Mui grandemente aqui nos alegrámos
Co a gente, e com as novas muito mais.
Pelos sinais que neste rio achámos
O nome lhe ficou dos Bons Sinais.
Um padrão nesta terra alevantámos,
Que, *pera* assinalar lugares tais,
Trazia alguns; o nome tem do belo
Guiador de Tobias a Gabelo.
- 79 Aqui de limos, cascas e de ostrinhos,
Nojosa criação das águas fundas,
Alimpámos as naus, que dos caminhos
Longos do mar *vem* sórdidas e imundas.
Dos hóspedes que tínhamos vizinhos,
Com mostras aprazíveis e jucundas,
Houvemos sempre o usado mantimento,
Limpos de todo o falso pensamento.

- 80 Mas não foi, da esperança grande e imensa
Que nesta terra havemos, limpa e pura
A alegria; mas logo a recompensa
A Ramnúsia com nova desventura:
Assi no Céu sereno se dispensa;
Co esta condição, pesada e dura,
Nacemos: o pesar terá firmeza,
Mas o bem logo muda a natureza.
- 81 E foi que, de doença crua e feia,
A mais que eu nunca vi, *desempararam*
Muitos a vida, e em terra estranha e alheia
Os ossos *pera* sempre sepultaram.
Quem haverá que, sem o ver, o creia,
Que tão disformemente ali *lhe* incharam
As *gingivas* na boca, que *crecia*
A carne e juntamente apodrecia?
- 82 Apodrecia *cum* fétido e bruto
Cheiro, que o ar vizinho inficionava.
Não tínhamos ali médico astuto,
Sururgião sutil menos se achava;
Mas qualquer, neste ofício pouco instruto,
Pela carne já podre *assi* cortava
Como se fora morta, e bem convinha,
Pois que morto ficava quem a tinha.
- 83 Enfim que, nesta incógnita espessura,
Deixámos *pera* sempre os companheiros
Que, em tal caminho e em tanta desventura,
Foram sempre connosco aventureiros.
Quão fácil é ao corpo a sepultura!
Quaisquer ondas do mar, quaisquer outeiros
Estranhos, *assi* mesmo como aos nossos,
Receberão de todo o Ilustre os ossos.

- 84 Assi que, deste porto nos partimos
Com maior esperança e mor tristeza,
E pela costa abaixo o mar abrimos,
Buscando algum sinal de mais firmeza.
Na dura Moçambique, enfim, surgimos,
De cuja falsidade, e má vileza
Já serás sabedor, e dos enganós
Dos povos de Mombaça, pouco humanos.
- 85 Até que aqui, no teu seguro porto,
Cuja brandura e doce tratamento
Dará saúde a um vivo e vida a um morto,
Nos trouxe a piedade do alto Assento.
Aqui repouso, aqui doce conforto,
Nova quietação do pensamento,
Nos deste. E vês aqui, se atento ouviste,
Te contei tudo quanto me pediste.
- 86 Julgas agora, Rei, se houve no mundo
Gentes que tais caminhos cometessem?
Crês tu que tanto Eneias e o facundo
Ulisses pelo mundo se estendessem?
Ousou algum a ver do mar profundo,
Por mais versos que dele se escrevessem,
Do que eu vi, a poder de esforço e de arte,
E do que *inda* hei-de ver, a oitava parte?
- 87 Esse que bebeu tanto da água Aónia,
Sobre quem *tem* contenda peregrina,
Entre si, Rodes, *Smyrna* e Colofónia,
Atenas, Ios, Argo e Salamina;
Essoutro que esclarece toda Ausónia,
A cuja voz, altíssima e divina,
Ouvindo, o pátrio Míncio se adormece,
Mas o Tibre *co* som se ensoberbece:

- 88 Cantem, louvem e escrevam sempre extremos
Desses seus Semideuses e encareçam,
Fingindo magas Circes, Polifemos,
Sirenas que *co* canto os adormeçam;
Dem-lhe mais navegar à vela e remos,
Os Cícones e a terra onde se esqueçam
Os companheiros, em gostando o loto;
Dem-lhe perder nas águas o piloto;
- 89 Ventos soltos *lhe* finjam e imaginem
Dos odres e Calipsos namoradas;
Harpías que o manjar *lhe* contaminem;
Decer às sombras nuas já passadas:
Que, por muito e por muito que se afinem
Nestas fábulas vãs, tão bem sonhadas,
A verdade que eu conto, nua e pura,
Vence toda *grandiloca* escritura!»
- 90 Da boca do facundo Capitão
Pendendo estavam todos, embebidos,
Quando deu fim à longa narração
Dos altos feitos, grandes e subidos.
Louva o Rei o sublime coração
Dos Reis, em tantas guerras conhecidos;
Da gente louva a antiga fortaleza,
A lealdade de ânimo e nobreza.
- 91 Vai recontando o povo, que se admira,
O caso cada qual que mais notou.
Nenhum deles da gente os olhos tira
Que tão longos caminhos rodeou.
Mas já o mancebo Délio as rédeas vira,
Que o irmão de Lampécia mal guiou,
Por vir a descansar nos *Tethyos* braços;
E el-Rei se vai do mar aos nobres paços.

- 92 Quão doce é o louvor e a justa glória
 Dos próprios feitos, quando são soados!
 Qualquer Nobre trabalha que em memória
 Vença ou iguale os grandes já passados.
 As *envejas* da ilustre e alheia história
 Fazem mil vezes feitos sublimados.
 Quem *valerosas* obras exercita,
 Louvor alheio muito o esperta e incita.
- 93 Não tinha em tanto os feitos gloriosos
 De Aquiles, *Alexandro*, na peleja,
 Quanto de quem o canta os numerosos
 Versos: isso só louva, isso deseja.
 Os troféus de Milcíades, famosos,
 Temístocles despertam só de *enveja*;
 E diz que nada tanto o deleitava
 Como a voz que seus feitos celebrava.
- 94 Trabalha por mostrar Vasco da Gama
 Que essas navegações que o mundo canta
 Não merecem tamanha glória e fama
 Como a sua, que o Céu e a Terra espanta.
 Si; mas aquele Herói que estima e ama
 Com *dões*, mercês, favores e honra tanta
 A lira Mantuana, faz que soe
 Eneias, e a Romana glória voe.
- 95 Dá a terra Lusitana Cipiões,
 Césares, *Alexandros*, e dá Augustos;
 Mas não lhe dá, contudo, aqueles *dões*
 Cujas falta os faz duros e robustos.
 Octávio, entre as maiores opressões,
 Compunha versos doutos e venustos
 (Não dirá Fúlvia, certo, que é mentira,
 Quando a deixava António por *Glaphyra*).

- 96 Vai César *sojugando* toda França
 E as armas não lhe impedem a ciência;
 Mas, *nũa* mão a pena e noutra a lança,
 Igualava de Cícero a eloquência.
 O que de Cipião se sabe e alcança
 É nas comédias grande experiência.
 Lia *Alexandro* a Homero de maneira
 Que sempre se lhe sabe à cabeceira.
- 97 Enfim, não houve forte Capitão
 Que não fosse também douto e ciente,
 Da Lácia, Grega ou Bárbara nação,
 Senão da Portuguesa tão sòmente.
 Sem vergonha o não digo, que a razão
 De algum não ser por versos excelente
 É não se ver prezado o verso e rima,
 Porque quem não sabe arte, não na estima.
- 98 Por isso, e não por falta de natura,
 Não há também Virgílios nem Homeros;
 Nem haverá, se este costume dura,
 Pios Eneias nem Aquiles feros.
 Mas o pior de tudo é que a ventura
 Tão ásperos os fez e tão austeros,
 Tão *rudos* e de engenho tão remisso,
 Que a muitos *lhe* dá pouco ou nada disso.
- 99 Às Musas *agardeça* o nosso Gama
 O muito amor da pátria, que as obriga
 A dar aos seus, na lira, nome e fama
 De toda a ilustre e bélica fadiga;
 Que ele, nem quem na estirpe seu se chama,
 Calíope não tem por tão amiga,
 Nem as Filhas do Tejo, que deixassem
 As telas de ouro fino e que o cantassem.

- 100 Porque o amor fraterno e puro gosto
De dar a todo o Lusitano feito
Seu louvor, é sòmente o *prosuposto*
Das Tágides gentis, e seu respeito.
Porém não deixe, enfim, de ter *desposto*
Ninguém a grandes obras sempre o peito:
Que, por esta ou por outra qualquer via,
Não perderá seu preço e sua valia.

CANTO SEXTO

- 1 Não sabia em que modo festejasse
O Rei Pagão os fortes navegantes,
Pera que as amizades alcançasse
Do Rei Cristão, das gentes tão possantes;
Pesa-lhe que tão longe o *apousentasse*
Das Europeias terras abundantes
A ventura, que não no fez vizinho
Donde Hércules ao mar abriu o caminho.
- 2 Com jogos, danças e outras alegrias,
A segundo a polícia Melindana,
Com usadas e ledas pescarias,
Com que a Lageia António alegre e engana,
Este famoso Rei, todos os dias,
Festeja a companhia Lusitana,
Com banquetes, manjarès desusados,
Com frutas, aves, carnes e pescados.
- 3 Mas, vendo o Capitão que se detinha
Já mais do que devia, e o fresco vento
O convida que parta e tome *asinha*
Os pilotos da terra e mantimento,
Não se quer mais deter, que ainda tinha
Muito *pera* cortar do salso argento.
Já do Pagão benigno se despede,
Que a todos amizade longa pede.

- 4 Pede-lhe mais que aquele porto seja
 Sempre com suas frotas visitado,
 Que nenhum outro bem maior deseja
 Que dar a tais *barões* seu reino e estado;
 E que, enquanto seu corpo o *sprito* reja,
 Estará de *contino* aparelhado
 A pôr a vida e reino totalmente
 Por tão bom Rei, por tão sublime gente.
- 5 Outras palavras tais lhe respondia
 O Capitão, e logo, as velas dando,
Pera as terras da Aurora se partia,
 Que tanto tempo há já que vai buscando.
 No piloto que leva não havia
 Falsidade, mas antes vai mostrando
 A navegação certa; e *assi* caminha
 Já mais seguro do que dantes vinha.
- 6 As ondas navegavam do Oriente,
 Já nos mares da Índia, e enxergavam
 Os tálamos do Sol, que *nace* ardente:
 Já quase seus desejos se acabavam.
 Mas o mau de Tioneu, que na alma sente
 As venturas que então se aparelhavam
 À gente Lusitana, delas *dina*,
 Arde, morre, blasfema e desatina.
- 7 Via estar todo o Céu determinado
 De fazer de Lisboa nova Roma;
 Não no pode estorvar, que destinado
 Está doutro Poder que tudo doma.
 Do Olimpo *dece*, enfim, desesperado;
 Novo remédio em terra busca e toma:
 Entra no húmido reino e vai-se à corte
 Daquele a quem o Mar caiu em sorte.

- 8 No mais interno fundo das profundas
 Cavernas altas, onde o mar se esconde,
 Lá donde as ondas saem furibundas,
 Quando às iras do vento o mar responde,
 Neptuno mora e moram as jucundas
 Nereidas e outros Deuses do mar, onde
 As águas campo deixam às cidades
 Que habitam estas húmidas Deidades.
- 9 Descobre o fundo nunca descoberto
 As areias ali de prata fina;
 Torres altas se *vem*, no campo aberto,
 De transparente massa cristalina;
 Quanto se chegam mais os olhos perto,
 Tanto menos a vista determina
 Se é cristal o que vê, se diamante,
 Que *assi* se mostra claro e radiante.
- 10 As portas de ouro fino, e marchetadas,
 Do rico aljôfar que nas conchas *nace*,
 De escultura *fermosa* estão lavradas,
 Na qual do irado Baco a vista *pace*.
 E vê primeiro, em cores variadas,
 Do velho Caos a tão confusa face;
Vem-se os quatro Elementos trasladados,
 Em diversos ofícios ocupados.
- 11 Ali, sublime, o Fogo estava em cima,
 Que em *nenhũa* matéria se sustinha;
 Daqui as cousas vivas sempre anima,
Despois que Prometeu furtado o tinha.
 Logo após ele, leve se sublima
 O *invisibil* Ar, que mais *asinha*
 Tomou lugar, e, nem por quente ou frio,
 Algum deixa no mundo estar vazio.

- 12 Estava a Terra em montes, revestida
De verdes ervas e árvores floridas
Dando pasto diverso e dando vida
Às alimárias nela produzidas.
A clara forma ali estava esculpida
Das Águas, entre a terra desparzidas,
De pescados criando vários modos,
Com seu humor mantendo os corpos todos.
- 13 Noutra parte, esculpida estava a guerra
Que tiveram os Deuses *cos* Gigantes;
Está Tifeu debaixo da alta serra
De Etna, que as flamas lança crepitantes;
Esculpido se vê, ferindo a Terra,
Neptuno, quando as gentes, ignorantes,
Dele o cavalo houveram, e a primeira
De Minerva pacífica *ouliveira*.
- 14 Pouca tardança faz Lieu irado
Na vista destas cousas, mas entrando
Nos paços de Neptuno, que, avisado
Da vinda sua, o estava já aguardando,
Às portas o recebe, acompanhado
Das Ninfas, que se estão maravilhando
De ver que, cometendo tal caminho,
Entre no reino da água o Rei do vinho.
- 15 «Ó Neptuno (lhe disse), não te espantes
De Baco nos teus reinos receberes,
Porque também *cos* grandes e possantes
Mostra a Fortuna injusta seus poderes.
Manda chamar os Deuses do mar, antes
Que fale mais, se ouvir-me o mais quiseses.
Verão da desventura grandes modos:
Ouçam todos o mal que toca a todos!»

- 16 Julgando já Neptuno que seria
Estranho caso aquele, logo manda
Tritão, que chame os Deuses da água fria,
Que o Mar habitam *dhũa* e doutra banda.
Tritão, que de ser filho se gloria
Do Rei e de Salácia veneranda,
Era mancebo grande, negro e feio,
Trombeta de seu pai e seu correio.
- 17 Os cabelos da barba e os que *decem*
Da cabeça nos ombros, todos eram
Uns limos prenhes de água, e bem parecem
Que nunca brando *pentem* conheceram.
Nas pontas, pendurados, não falecem
Os negros *missilhões*, que ali se geram.
Na cabeça, por gorra, tinha posta
Hũa mui grande casca de lagosta.
- 18 O corpo nu e os membros genitais,
Por não ter ao nadar impedimento,
Mas porém de pequenos animais
Do mar todos cobertos, cento e cento:
Camarões e *cangrejos* e outros mais,
Que recebem de Febe *crecimento*.
Ostras e camarões, do *musco* sujos,
Às costas *co* a casca, os caramujos.
- 19 Na mão a grande concha retorcida
Que trazia, com força já tocava;
A voz grande, canora, foi ouvida
Por todo o mar, que longe retumbava.
Já toda a companhia, apercebida,
Dos Deuses *pera* os paços caminhava
Do Deus que fez os muros de Dardânia,
Destruídos *despois* da Grega insânia.

- 20 Vinha o padre Oceano, acompanhado
Dos filhos e das filhas que *gêrara*;
Vem Nereu, que com Dóris foi casado,
Que todo o mar de Ninfas povoara.
O profeta *Proteo*, deixando o gado
Marítimo *pacer* pela água amara,
Ali veio também, mas já sabia
O que o padre Lieu no mar queria.
- 21 Vinha por outra parte a linda esposa
De Neptuno, de Celo e Vesta filha,
Grave e leda no gesto, e tão *fermosa*,
Que se amansava o mar, de maravilha.
Vestida *hũa* camisa preciosa
Trazia, de delgada beatilha,
Que o corpo cristalino deixa ver-se,
Que tanto bem não é *pera* esconder-se.
- 22 Anfitrite, *fermosa* como as flores,
Neste caso não quis que falecesse;
O delfim traz consigo que aos amores
Do Rei lhe aconselhou que obedecesse.
Cos olhos, que de tudo são senhores,
Qualquer parecerá que o Sol vencesse.
Ambas *vem* pela mão, igual partido,
Pois ambas são esposas dum marido.
- 23 Aquela que, das fúrias de Atamante
Fugindo, veio a ter divino estado,
Consigo traz o filho, belo infante,
No número dos Deuses relatado.
Pela praia brincando vem, diante,
Com as lindas conchinhas, que o salgado
Mar sempre cria; e às vezes pela areia
No colo o toma a bela Panopeia.

- 24 E o Deus que foi num tempo corpo humano
E, por virtude da erva poderosa,
Foi convertido em *peixe*, e deste dano
Lhe resultou deidade gloriosa,
Inda vinha chorando o feio engano
Que Circe tinha usado *co* a *fermosa*
Cila que ele ama, desta sendo amado,
Que a mais obriga amor mal empregado.
- 25 Já finalmente todos assentados
Na grande sala, nobre e divinal,
As Deusas em riquíssimos estrados,
Os Deuses em cadeiras de cristal,
Foram todos do Padre agasalhados,
Que *co* Tebano tinha assento igual.
De fumos enche a casa a rica massa
Que no mar *nace* e Arábia em cheiro passa.
- 26 Estando sossegado já o tumulto
Dos Deuses e de seus recebimentos,
Começa a descobrir do peito oculto
A causa o Tioneu de seus tormentos.
Um pouco carregando-se no vulto,
Dando mostra de grandes sentimentos,
Só por dar aos de Luso triste morte
Co ferro alheio, fala desta sorte:
- 27 «*Princepe*, que de juro senhoreias,
Dum Pólo ao outro Pólo, o mar irado,
Tu, que as gentes da Terra toda enfreias,
Que não passem o termo limitado;
E tu, padre Oceano, que rodeias
O Mundo universal e o tens cercado,
E com justo decreto *assi* permites
Que dentro vivam só de seus limites;

- 28 E vós, Deuses do Mar, que não sofreis
Injúria *algũa* em vosso reino grande,
Que com castigo igual vos não vingueis
De quem quer que por ele corra e ande:
Que descuido foi este em que viveis?
Quem pode ser que tanto vos abrande
Os peitos, com razão endurecidos
Contra os humanos, fracos e atrevidos?
- 29 Vistes que, com grandíssima ousadia,
Foram já cometer o Céu supremo;
Vistes aquela insana fantasia
De tentarem o mar com vela e remo;
Vistes, e ainda vemos cada dia,
Soberbas e insolências tais, que temo
Que do Mar e do Céu, em poucos anos,
Venham Deuses a ser, e nós, humanos.
- 30 Vedes agora a fraca *geração*
Que dum vassalo meu o nome toma,
Com soberbo e altivo coração
A vós e a *mi* e o mundo todo doma.
Vedes, o vosso mar cortando vão,
Mais do que fez a gente alta de Roma;
Vedes, o vosso reino devassando,
Os vossos estatutos vão quebrando.
- 31 Eu vi que contra os Míncias, que primeiro
No vosso reino este caminho abriram,
Bóreas, injuriado, e o companheiro
Áquilo e os outros todos resistiram.
Pois se do ajuntamento aventureiro
Os ventos esta injúria *assi* sentiram,
Vós, a quem mais compete esta vingança,
Que esperais? Porque a pondeis em tardança?

- 32 E não consinto, Deuses, que cuideis
Que por amor de vós do Céu *deci*,
Nem da mágoa da injúria que sofreis,
Mas da que se me faz também a *mi*;
Que aquelas grandes honras que sabeis
Que no mundo ganhei, quando venci
As terras Indianas do Oriente,
Todas vejo abatidas desta gente.
- 33 Que o grão Senhor e Fados, que destinam,
Como *lhe* bem parece, o *baxo* mundo,
Famas mores que nunca determinam
De dar a estes *barões* no mar profundo.
Aqui vereis, ó Deuses, como *insinam*
O mal também a Deuses; que, a segundo
Se vê, ninguém já tem menos valia
Que quem com mais razão valer devia.
- 34 E por isso do Olimpo já fugi,
Buscando algum remédio a meus pesares,
Por ver o preço que no Céu perdi,
Se por dita acharei nos vossos mares.»
Mais quis dizer, e não passou daqui,
Porque as lágrimas já, correndo a pares,
Lhe saltaram dos olhos, com que logo
Se acendem as Deidades da água em fogo.
- 35 A ira com que súbito alterado
O coração dos Deuses foi num ponto,
Não sofreu mais conselho bem cuidado
Nem dilação nem outro algum desconto:
Ao grande *Eolo* mandam já recado,
Da parte de Neptuno, que sem conto
Solte as fúrias dos ventos repugnantes,
Que não haja no mar mais navegantes!

- 36 Bem quisera primeiro ali *Proteo*
 Dizer, neste negócio, o que sentia;
 E, segundo o que a todos pareceu,
 Era *algũa* profunda profecia.
 Porém tanto o tumulto se moveu,
 Súbito, na divina companhia,
 Que *Tethys indinada*, lhe bradou:
 «Neptuno sabe bem o que mandou!»
- 37 Já lá o soberbo Hipótades soltava
 Do cárcere fechado os furiosos
 Ventos, que com palavras animava
 Contra os *barões audaces* e animosos.
 Súbito, o céu sereno se obumbrava,
 Que os ventos, mais que nunca impetuosos,
 Começam novas forças a ir tomando,
 Torres, montes e casas derribando.
- 38 Enquanto este conselho se fazia
 No fundo aquoso, a leda, lassa frota
 Com vento sossegado prosseguia,
 Pelo tranquilo mar, a longa rota.
 Era no tempo quando a luz do dia
 Do Eoo *Hemisperio* está remota;
 Os do quarto da prima se deitavam,
Pera o segundo os outros despertavam.
- 39 Vencidos *vem* do sono e mal despertos;
Bocijando, a *miudo* se encostavam
 Pelas antenas, todos mal cobertos
 Contra os agudos ares que assopravam;
 Os olhos contra seu querer abertos;
 Mas *estregando* os membros estiravam.
 Remédios contra o sono buscar querem,
 Histórias contam, casos mil referem.

- 40 «Com que *milhor* podemos (um dizia)
 Este tempo passar, que é tão pesado,
 Senão com algum conto de alegria,
 Com que nos deixe o sono carregado?»
 Responde *Lionardo*, que trazia
 Pensamentos de firme namorado:
 «Que contos poderemos ter *milhores*,
Pera passar o tempo, que de amores?»
- 41 «Não é (disse Veloso) cousa justa
 Tratar branduras em tanta aspereza,
 Que o trabalho do mar, que tanto custa,
 Não sofre amores nem delicadeza;
 Antes de guerra férvida e robusta
 A nossa história seja, pois dureza
 Nossa vida há-de ser, segundo entendo,
 Que o trabalho por vir mo está dizendo.»
- 42 Consentem nisto todos, e encomendam
 A Veloso que conte isto que aprova.
 «Contarei (disse) sem que me *reprendam*
 De contar cousa fabulosa ou nova.
 E, *por* que os que me ouvirem daqui aprendam
 A fazer feitos grandes de alta prova,
 Dos *nacidos* direi na nossa terra,
 E estes sejam os Doze de Inglaterra.
- 43 No tempo que do Reino a rédea leve,
 João, filho de Pedro, moderava,
Despois que sossegado e livre o teve
 Do vizinho poder, que o molestava,
 Lá na grande Inglaterra, que da neve
 Boreal sempre abunda, semeava
 A fera Erínis dura e má cizânia,
 Que lustre fosse a nossa Lusitânia.

- 44 Entre as damas gentis da corte Inglesa
E nobres cortesãos, acaso um dia
Se levantou discórdia, em ira acesa
(Ou foi opinião, ou foi porfia).
Os cortesãos, a quem tão pouco pesa
Soltar palavras graves de ousadia,
Dizem que provarão que honras e famas
Em tais damas não há *pera* ser damas;
- 45 E que, se houver alguém, com lança e espada,
Que queira sustentar a parte sua,
Que eles, em campo raso ou estacada,
Lhe darão feia infâmia ou morte crua.
A *femenil* fraqueza, pouco usada,
Ou nunca, a opróbrios tais, vendo-se nua
De forças naturais convenientes,
Socorro pede a amigos e parentes.
- 46 Mas, como fossem grandes e possantes
No reino os inimigos, não se atrevem
Nem parentes, nem férvidos amantes,
A sustentar as damas, como devem.
Com lágrimas *fermosas* e bastantes
A fazer que em socorro os Deuses levem
De todo o Céu, por rostos de alabastro,
Se vão todas ao Duque de *Alencastro*.
- 47 Era este Inglês potente e militar
Cos Portugueses já contra Castela,
Onde as forças magnânimas provara
Dos companheiros, e benigna estrela.
Não menos nesta terra *exprimentara*
Namorados *affeitos*, quando nela
A filha viu, que tanto o peito doma
Do forte Rei, que por mulher a toma.

- 48 Este, que socorrer-*lhe* não queria
Por não causar discórdias intestinas,
Lhe diz: «Quando o direito pretendia
Do Reino lá das terras Iberinas,
Nos Lusitanos vi tanta ousadia,
Tanto primor e partes tão divinas,
Que eles *sós* poderiam, se não erro,
Sustentar vossa parte a fogo e ferro.
- 49 E se, agravadas damas, sois servidas,
Por vós *lhe* mandarei embaixadores,
Que, por cartas discretas e polidas,
De vosso agravo os façam sabedores.
Também, por vossa parte, encarecidas
Com palavras de afagos e de amores
Lhe sejam vossas lágrimas, que eu creio
Que ali tereis socorro e forte esteio.»
- 50 Destarte as aconselha o Duque experto
E logo *lhe* nomeia doze fortes;
E, *por* que cada dama um tenha certo,
Lhe manda que sobre eles lancem sortes,
Que elas só doze são; e descoberto
Qual a qual tem caído das consortes,
Cada *hũa* escreve ao seu, por vários modos,
E todas a seu Rei e o Duque a todos.
- 51 Já chega a Portugal o mensageiro;
Toda a corte alvoroça a novidade;
Quisera o Rei sublime ser primeiro,
Mas não lho sofre a régia Majestade.
Qualquer dos cortesãos aventureiro
Deseja ser, com férvida vontade,
E só fica por bem-aventurado
Quem já vem pelo Duque nomeado.

- 52 Lá na leal cidade, donde teve
Origem (como é fama) o nome eterno
De Portugal, armar madeiro leve
Manda o que tem o leme do governo.
Apercebem-se os doze, em tempo breve,
De armas e roupas de uso mais moderno,
De elmos, cimeiras, letras e primores,
Cavalos, e concertos de mil cores.
- 53 Já do seu Rei tomado *tem* licença,
Pera partir do Douro celebrado,
Aqueles que escolhidos por sentença
Foram do Duque Inglês *experimentado*.
Não há na companhia diferença
De cavaleiro, destro ou esforçado;
Mas um só, que Magriço se dizia,
Destarte fala à forte companhia:
- 54 «Fortíssimos consócios, eu desejo,
Há muito já, de andar terras estranhas,
Por ver mais águas que as do Douro e Tejo,
Várias gentes e leis e várias manhas.
Agora que aparelho certo vejo,
Pois que do mundo as cousas são tamanhas,
Quero, se me deixais, ir só, por terra,
Porque eu serei convosco em Inglaterra.
- 55 E, quando caso for que eu, impedido
Por Quem das cousas é última linha,
Não for convosco ao prazo instituído,
Pouca falta vos faz a falta minha:
Todos por *mi* fareis o que é *divido*.
Mas, se a verdade o *sprito* me adivinha,
Rios, montes, Fortuna ou sua *enveja*
Não farão que eu convosco lá não seja.»

- 56 *Assi* diz: e, abraçados os amigos
E tomada licença, enfim, se parte.
Passa Leão, Castela, vendo antigos
Lugares que ganhara o pátrio Marte;
Navarra, *cos* altíssimos perigos
Do *Perineo*, que Espanha e Gália parte.
Vistas, enfim, de França as cousas grandes,
No grande empório foi parar de *Frandes*.
- 57 Ali chegado, ou fosse caso ou manha,
Sem passar se deteve muitos dias.
Mas dos onze a ilustríssima companhia
Cortam do mar do Norte as ondas frias;
Chegados de Inglaterra à costa estranha,
Pera Londres já fazem todos vias.
Do Duque são com festa agasalhados
E das damas servidos e amimados.
- 58 Chega-se o prazo e dia assinalado
De entrar em campo já *cos* doze Ingleses,
Que pelo Rei já tinham segurado;
Armam-se de elmos, grevas e de arneses.
Já as damas *tem* por si, fulgente e armado,
O *Mavorte* feroz dos Portugueses;
Vestem-se elas de cores e de sedas,
De ouro e de jóias mil, ricas e ledas.
- 59 Mas aquela, a quem fora em sorte dado
Magriço, que não vinha, com tristeza
Se veste, por não ter quem nomeado
Seja seu cavaleiro nesta empresa;
Bem que os onze apregoam que acabado
Será o negócio *assi* na corte Inglesa,
Que as damas vencedoras se conheçam,
Posto que *dous* e três dos seus faleçam.

- 60 Já num sublime e *pubrico* teatro
Se assenta o Rei Inglês com toda a corte.
Estavam três e três e quatro e quatro,
Bem como a cada qual coubera em sorte;
Não são vistos do Sol, do Tejo ao Batro,
De força, esforço e de ânimo mais forte,
Outros doze sair, como os Ingleses,
No campo, contra os onze Portugueses.
- 61 Mastigam os cavalos, escumando,
Os áureos freios, com feroz *sembrante*;
Estava o Sol nas armas rutilando,
Como em cristal ou rígido diamante;
Mas enxerga-se, num e noutro bando,
Partido desigual e dissonante
Dos onze contra os doze, quando a gente
Começa a alvoroçar-se geralmente.
- 62 Viram todos o rosto aonde havia
A causa principal do rebuliço:
Eis entra um cavaleiro, que trazia
Armas, cavalo, ao bélico serviço;
Ao Rei e às damas fala, e logo se ia
Pera os onze, que este era o grão Magriço.
Abraça os companheiros, como amigos
A quem não falta, certo nos perigos.
- 63 A dama, como ouviu que este era aquele
Que vinha a defender seu nome e fama,
Se alegre e veste ali do animal de Hele,
Que a gente bruta mais que *virtude* ama.
Já dão sinal, e o som da tuba impele
Os belicosos ânimos, que inflama;
Picam de esporas, largam rédeas logo,
Abaxam lanças, fere a terra fogo.

- 64 Dos cavalos o estrépito parece
Que faz que o chão debaixo todo treme;
O coração, no peito que estremece
De quem os olha, se alvoroça e teme.
Qual do cavalo voa, que não *dece*;
Qual, *co* cavalo em terra dando, geme;
Qual vermelhas as armas faz de brancas;
Qual *cos* penachos do elmo açouta as ancas.
- 65 Algum dali tomou perpétuo sono
E fez da vida ao fim breve intervalo;
Correndo, algum cavalo vai sem dono,
E noutra parte o dono sem cavalo.
Cai a soberba Inglesa de seu trono,
Que *dous* ou três já fora vão do valo.
Os que de espada *vem* fazer batalha,
Mais acham já que arnês, escudo e malha.
- 66 Gastar palavras em contar extremos
De golpes feros, cruas estocadas,
É desses gastadores, que sabemos,
Maus do tempo, com fábulas sonhadas.
Basta, por fim do caso, que entendemos
Que, com finezas altas e afamadas,
Cos nossos fica a palma da vitória
E as damas, vencedoras e com glória.
- 67 Recolhe o Duque os doze vencedores
Nos seus paços, com festas e alegria;
Cozinheiros ocupa e caçadores,
Das damas a *fermosa* companhia,
Que querem dar aos seus libertadores
Banquetes mil, cada hora e cada dia,
Enquanto se *detem* em Inglaterra,
Até tornar à doce e cara terra.

- 68 Mas dizem que, contudo, o grão Magriço,
Desejoso de ver as cousas grandes,
Lá se deixou ficar, onde um serviço
Notável à Condessa fez de *Frandes*.
E, como quem não era já noviço
Em todo o trance, onde tu, Marte, mandes,
Um Francês mata em campo, que o destino
Lá teve de Torcato e de Corvino.
- 69 Outro também dos doze em Alemanha
Se lança, e teve um fero desafio
Cum Germano enganoso, que, com manha
Não *divida*, o quis pôr no extremo fio.»
Contando *assi* Veloso, já a companha
Lhe pede que não faça tal desvio
Do caso de Magriço e vencimento,
Nem deixe o de Alemanha em esquecimento.
- 70 Mas, neste passo, *assi* prontos estando,
Eis o mestre, que olhando os ares anda,
O apito toca: acordam, despertando,
Os marinheiros *dhũa* e doutra banda.
E, porque o vento vinha refrescando,
Os traquetes das gáveas tomar manda.
«Alerta (disse) estai, que o vento *crece*
Daquela nuvem negra que aparece!»
- 71 Não eram os traquetes bem tomados,
Quando dá a grande e súbita procela.
«Amaina (disse o mestre a grandes brados),
Amaina (disse), amaina a grande vela!»
Não esperam os ventos *indinados*
Que amainassem, mas, juntos dando nela,
Em pedaços a fazem *cum* ruído
Que o Mundo pareceu ser destruído!

- 72 O céu fere com gritos nisto a gente,
Cum súbito temor e desacordo;
Que, no romper da vela, a nau pendente
Toma *grão suma* de água pelo bordo.
«Alija (disse o mestre rijamente),
Alija tudo ao mar, não falte acordo!
Vão outros dar à bomba, não cessando;
À bomba, que nos imos alagando!»
- 73 Correm logo os soldados animosos
A dar à bomba; e, tanto que chegaram,
Os balanços, que os mares temerosos
Deram à nau, num boído os derribaram.
Três marinheiros, duros e forçosos,
A menear o leme não bastaram;
Talhas lhe punham, *dhũa* e doutra parte,
Sem aproveitar dos homens força e arte.
- 74 Os ventos eram tais, que não puderam
Mostrar mais força de *impito* cruel,
Se *pera* derribar então vieram
A fortíssima Torre de Babel.
Nos altíssimos mares, que *creceram*,
A pequena grandura dum batel
Mostra a possante nau, que move espanto,
Vendo que se sustém nas ondas tanto.
- 75 A nau grande, em que vai Paulo da Gama,
Quebrado leva o *masto* pelo meio,
Quase toda alagada; a gente chama
Aquele que a salvar o mundo veio.
Não menos gritos vão ao ar derrama
Toda a nau de Coelho, com receio,
Conquanto teve o mestre tanto tento,
Que primeiro amainou, que desse o vento.

- 76 { Agora sobre as nuvens os subiam
As ondas de Neptuno furibundo;
Agora a ver parece que *deciam*
As íntimas entranhas do Profundo.
Noto, Austro, Bóreas, Áquilo queriam
Arruinar a máquina do Mundo;
A noite negra e feia se alumia
Cos raios em que o Pólo todo ardia!
- 77 { As Alciónéas aves triste canto
Junto da costa brava levantaram,
Lembrando-se de seu passado pranto,
Que as furiosas águas *lhe* causaram.
Os delfins namorados, entretanto,
Lá nas covas marítimas entraram,
Fugindo à tempestade e ventos duros,
Que nem no fundo os deixa estar seguros.
- 78 { Nunca tão vivos raios fabricou
Contra a fera soberba dos Gigantes
O grão ferreiro sórdido que obrou
Do enteado as armas radiantes;
Nem tanto o grão Tonante arremessou
Relampados ao mundo, fulminantes,
No grão dilúvio donde *sós* viveram
Os *dous* que em gente as pedras converteram.
- 79 { Quantos montes, então, que derribaram
As ondas que batiam denodadas!
Quantas árvores velhas arrancaram
Do vento bravo as fúrias *indinadas*!
As forçosas raízes não cuidaram
Que nunca *pera* o céu fossem viradas,
Nem as fundas areias, que pudessem
Tanto os mares, que em cima as revolvessem.

- 80 { Vendo Vasco da Gama que tão perto
Do fim de seu desejo se perdia,
Vendo ora o mar até o Inferno aberto,
Ora com nova fúria ao Céu subia,
Confuso de temor, da vida incerto,
Onde nenhum remédio *lhe* valia,
Chama aquele Remédio santo e forte,
Que o *impossibil* pode, desta sorte:
- 81 { «Divina Guarda, angélica, celeste,
Que os Céus, o Mar e Terra senhoreias:
Tu, que a todo Israel refúgio deste
Por metade das águas Eritreias;
Tu, que livraste Paulo e defendeste
Das Sirtes arenosas e ondas feias,
E guardaste, *cos* filhos, o segundo
Povoador do alagado e vácuo mundo:
- 82 { Se tenho novos medos perigosos
Doutra Cila e Caríbdis já passados,
Outras Sirtes e *baxos* arenosos,
Outros Acroceráunios infamados,
No fim de tantos casos trabalhosos,
Porque somos de Ti *desemparados*,
Se este nosso trabalho não Te ofende,
Mas antes Teu serviço só pretende?
- 83 { Oh! Ditosos aqueles que puderam
Entre as agudas lanças Africanas
Morrer, enquanto fortes sustiveram
A santa Fé nas terras Mauritanas!
De quem feitos ilustres se souberam,
De quem ficam memórias soberanas,
De quem se ganha a vida, com perdê-la,
Doce fazendo a morte as honras dela!»

- 84 { Assi dizendo, os ventos, que lutavam
Como touros indómitos, bramando,
Mais e mais a tormenta *acrecentavam*,
Pela miúda enxárcia assoviando.
Relampados medonhos não cessavam,
Feros trovões, que *vem* representando
Cair o Céu dos eixos sobre a Terra,
Consigo os Elementos terem guerra.
- 85 'Mas já a amorosa Estrela cintilava
Diante do Sol claro, no Horizonte,
Mensajeira do dia, e visitava
A terra e o largo mar, com leda fronte.
A Deusa, que nos Céus a governava,
De quem foge o ensífero Oriente,
Tanto que o mar e a cara armada vira,
Tocada junto foi de medo e de ira.
- 86 «Estas obras de Baco são, por certo,
(Disse); mas não será que avante leve
Tão danada tenção, que descoberto
Me será sempre o mal a que se atreve.»
Isto dizendo, *dece* ao mar aberto,
No caminho gastando espaço breve,
Enquanto manda as Ninfas amorosas
Grinaldas nas cabeças pôr de rosas.
- 87 Grinaldas manda pôr de várias cores
Sobre cabelos louros a porfia.
Quem não dirá que *nacem* roxas flores
Sobre ouro natural, que Amor *infia*?
Abrandar determina, por amores,
Dos ventos a nojosa companhia,
Mostrando-*lhe* as amadas Ninfas belas,
Que mais *fermosas* vinham que as estrelas

- 88 Assi foi; porque, tanto que chegaram
À vista delas, logo *lhe* falecem
As forças com que dantes pelejaram,
E já, como rendidos, *lhe* obedecem.
Os pés e mãos parece que *lhe* ataram
Os cabelos que os raios escurecem.
A Bóreas, que do peito mais queria,
Assi disse a belíssima Oritia:
- 89 «Não creias, fero Bóreas, que te creio
Que me tiveste nunca amor constante,
Que brandura é de amor mais certo arreio
E não convém furor a firme amante.
Se já não pões a tanta insânia freio,
Não esperes de *mi*, daqui em diante,
Que possa mais amar-te, mas temer-te;
Que amor, contigo, em medo se converte.»
- 90 Assi mesmo a *fermosa* Galateia
Dizia ao fero Noto, que bem sabe
Que dias há que em vê-la se recreia,
E bem crê que com ele tudo acabe.
Não sabe o bravo tanto bem se o creia,
Que o coração no peito *lhe* não cabe,
De contente de ver que a dama o manda.
Pouco cuida que faz, se logo abranda.
- 91 Desta maneira as outras amansavam
Súbitamente os outros amadores;
E logo à linda Vénus se entregavam,
Amansadas as iras e os furores.
Ela *lhe* prometeu, vendo que amavam,
Sempiterno favor em seus amores,
Nas belas mãos tomando-*lhe* homenagem
De *lhe* serem leais esta viagem.

- 92 Já a manhã clara dava nos outeiros
 Por onde o Ganges murmurando soa,
 Quando da celsa gávea os marinheiros
 Enxergaram terra alta, pela proa.
 Já fora de tormenta e dos primeiros
 Mares, o temor vão do peito voa.
 Disse alegre o piloto Melindano:
 «Terra é de *Calecu*, se não me engano;
- 93 Esta é, por certo, a terra que buscais
 Da verdadeira Índia, que aparece;
 E, se do mundo mais não desejais,
 Vosso trabalho longo aqui fenece.»
 Sofrer aqui não pôde o Gama mais,
 De ledó em ver que a terra se conhece:
 Os *geolhos* nò chão, as mãos ao Céu,
 A mercê grande a Deus *agardeceo*.
- 94 As graças a Deus dava, e razão tinha,
 Que não sòmente a terra lhe mostrava
 Que, com tanto temor, buscando vinha,
 Por quem tanto trabalho *exprimentava*,
 Mas via-se livrado, tão *asinha*,
 Da morte, que no mar lhe aparelhava
 O vento duro, férvido e medonho,
 Como quem despertou de horrendo sonho.
- 95 Por meio destes hórridos perigos,
 Destes trabalhos graves e temores,
 Alcançam os que são de fama amigos
 As honras imortais e graus maiores:
 Não encostados sempre nos antigos
 Troncos nobres de seus antecessores;
 Não nos leitos dourados, entre os finos
 Animais de Moscóvia *zebellinos*;

- 96 Não *cos* manjares novos e esquisitos,
 Não *cos* passeios moles e *ouciosos*,
 Não *cos* vários deleites e infinitos,
 Que afeminam os peitos generosos,
 Não *cos* nunca vencidos *appetitos*,
 Que a Fortuna tem sempre tão mimosos,
 Que não sofre a nenhum que o passo mude
Pera algũa obra heróica de virtude;
- 97 Mas com buséar, *co* seu forçoso braço,
 As honras que ele chame próprias suas;
 Vigiano e vestindo o forjado aço,
 Sofrendo tempestades e ondas cruas,
 Vencendo os torpes frios no regaço
 Do Sul, e regiões de abrigo nuas,
 Engolindo o corrupto mantimento
 Temperado com um árduo sofrimento;
- 98 E com forçar o rosto, que se enfia,
 A parecer seguro, ledó, inteiro,
Pera o pelouro ardente que assovia
 E leva a perna ou braço ao companheiro.
 Destarte o peito um calo honroso cria,
 Desprezador das honras e dinheiro,
 Das honras e dinheiro que a ventura
 Forjou, e não *vertude* justa e dura.
- 99 Destarte se esclarece o entendimento,
 Que experiências fazem repousado,
 E fica vendo, como de alto assento,
 O *baxo* trato humano embaraçado.
 Este, onde tiver força o regimento
 Direito e não de *affeitos* ocupado,
 Subirá (como deve) a ilustre mando,
 Contra vontade sua, e não rogando.



CANTO SÉTIMO

- 1 { Já se viam chegados junto à terra,
Que desejada já de tantos fora,
Que entre as correntes Índicas se encerra
E o Ganges, que no Céu terreno mora.
Ora sus, gente forte, que na guerra
Quereis levar a palma vencedora:
Já sois chegados, já tendes diante
A terra de riquezas abundante!
- 2 { A vós, à *geração* de Luso, digo,
Que tão pequena parte sois no mundo;
Não digo *inda* no mundo, mas no amigo
Curral de Quem governa o Céu rotundo;
Vós, a quem não sòmente algum perigo
Estorva conquistar o povo imundo,
Mas nem cobiça ou pouca obediência
Da Mãre que nos Céus está em essência:
- 3 { Vós, Portugueses, poucos quanto fortes,
Que o fraco poder vosso não pesais;
Vós, que, à custa de vossas várias mortes,
A Lei da vida eterna dilatais:
Assi do Céu deitadas são as sortes
Que vós, por muito poucos que sejais,
Muito fazeis na santa Cristandade,
Que tanto, ó Cristo, exaltas a humildade!

- 4 { Vedelos Alemães, soberbo gado,
Que por tão largos campos se *apacenta*;
Do sucessor de Pedro rebelado,
Novo pastor e nova seita inventa.
Vedelo em feias guerras ocupado,
Que *inda co cego error* se não contenta,
Não contra o *superbissimo* Otomano,
Mas *por* sair do jugo soberano.
- 5 { Vedelo duro Inglês, que se nomeia
Rei da velha e santíssima Cidade,
Que o torpe Ismaelita senhoreia
(Quem viu honra tão longe da verdade?).
Entre as Boreais neves se recreia,
Nova maneira faz de Cristandade:
Pera os de Cristo tem a espada nua,
Não *por* tomar a terra que era sua.
- 6 { Guarda-lhe, por entanto, um falso Rei
A cidade Hierosólima *terreste*,
Enquanto ele não guarda a santa Lei
Da cidade Hierosólima celeste.
Pois de ti, Galo indigno, que direi?
Que o nome «Cristianíssimo» quiseste,
Não *pera* defendê-lo nem guardá-lo,
Mas *pera* ser contra ele e derribá-lo!
- 7 { Achas que tens direito em senhorios
De Cristãos, sendo o teu tão largo e tanto,
E não contra o Cinífio e Nilo rios,
Inimigos do antigo nome santo?
Ali se hão-de provar da espada os fios
Em quem quer reprovar da Igreja o Canto.
De Carlos, de Luís, o nome e a terra
Herdaste, e as causas não da justa guerra?

- 8 { Pois que direi daqueles que em delícias;
Que o vil ócio no mundo traz consigo,
Gastam as vidas, logram as divícias,
Esquecidos de seu valor antigo?
Nascem da tirania inimicícias,
Que o povo forte tem, de si inimigo.
Contigo, Itália, falo, já *summersa*
Em vícios mil, e de ti mesma adversa.
- 9 { Ó míseros Cristãos, *pola* ventura
Sois os dentes, de Cadmo desparzidos,
Que uns aos outros se dão à morte dura,
Sendo todos de um ventre produzidos?
Não vedes a divina Sepultura
Possuída de Cães, que, sempre unidos,
Vos *vem* tomar a vossa antiga terra,
Fazendo-se famosos pela guerra?
- 10 { Vedes que *tem* por uso e por decreto,
Do qual são tão inteiros observantes,
Ajuntarem o exército inquieto
Contra os povos que são de Cristo amantes.
Entre vós nunca deixa a fera Aleto
De *samear* cizânias repugnantes.
Olhai se estais seguros de perigos,
Que eles e vós sois vossos inimigos.
- 11 { Se cobiça de grandes senhorios
Vos faz ir conquistar terras alheias,
Não vedes que Pactolo e Hermo rios
Ambos volvem auríferas areias?
Em Lídia, Assíria, lavram de ouro os fios;
África esconde em si luzentes veias.
Mova-vos já, sequer, riqueza tanta,
Pois mover-vos não pode a Casa Santa.

- 12 Aquelas invenções, feras e novas,
De instrumentos mortais da *artelharia*
Já devem de fazer as duras provas
Nos muros de Bizâncio e de Turquia.
Fazei que torne lá às silvestres covas
Dos Cáspios montes e da Cítia fria
A Turca *geração*, que multiplica
Na polícia da vossa Europa rica.
- 13 Gregos, *Traces*, Arménios, Georgianos,
Bradando-vos estão que o povo bruto
Lhe obriga os caros filhos aos profanos
Preceptos do Alcorão (duro tributo!).
Em castigar os feitos inumanos
Vos gloriái de peito forte e astuto,
E não queirais louvores arrogantes
De serdes contra os vossos mui possantes.
- 14 } Mas, entanto que cegos e sedentos
Andais de vosso sangue, ó gente insana,
Não faltaram Cristãos atrevimentos
Nesta pequena casa Lusitana.
De África tem marítimos assentos;
É na Ásia mais que todas soberana;
Na quarta parte nova os campos ara;
E, se mais mundo houvera, lá chegara.
- 15 } E vejamos, entanto, que acontece
Àqueles tão famosos navegantes,
Depois que a branda Vénus enfraquece
O furor vão dos ventos repugnantes;
Depois que a larga terra *lhe* aparece,
Fim de suas *perfias* tão constantes,
Onde *vem* *samear* de Cristo a Lei
E dar novo costume e novo Rei.

- 16 Tanto que à nova terra se chegaram,
Leves embarcações de pescadores
Acharam, que o caminho *lhe* mostraram
De *Calecu*, onde eram moradores.
Pera lá logo as proas se inclinaram,
Porque esta era a cidade, das *milhores*
Do Malabar, *milhor*, onde vivia
O Rei que a terra toda possuía.
- 17 Além do Indo jaz e aquém do *Gange*
Um terreno mui grande e assaz famoso,
Que pela parte Austral o mar abrange
E *pera* o Norte o Emódio cavernoso.
Jugo de Reis diversos o constrange
A várias Leis: alguns o vicioso
Maoma, alguns os ídolos adoram,
Alguns os animais que entre eles moram.
- 18 Lá bem no grande monte que, cortando
Tão larga terra, toda Ásia discorre,
Que nomes tão diversos vai tomando
Segundo as regiões por onde corre,
As fontes saem donde *vem* manando
Os rios cuja *grão* corrente morre
No mar Índico, e cercam todo o peso
Do terreno, fazendo-o Quersoneso.
- 19 Entre um e o outro rio, em grande espaço
Sai da larga terra *hũa* longa ponta,
Quase piramidal, que, no regaço
Do mar, com Ceilão ínsula confronta.
E junto donde nasce o largo braço
Gangético, o rumor antigo conta
Que os vizinhos, da terra moradores,
Do cheiro se *mantem* das finas flores.

- 20 Mas agora, de nomes e de usança
 Novos e vários são os habitantes:
 Os *Deliis*, os Patanes, que, em possança
 De terra e gente, são mais abundantes;
Decaniis, Oriás, que a esperança
 Tem de sua salvação nas ressonantes
 Águas do *Gange*, e a terra de Bengala,
 Fértil de sorte que outra não lhe iguala;
- 21 O Reino de Cambaia belicoso
 (Dizem que foi de Poro, Rei potente);
 O Reino de Narsinga, poderoso
 Mais de ouro e pedras que de forte gente.
 Aqui se enxerga, lá do mar undoso,
 Um monte alto, que corre longamente,
 Servindo ao Malabar de forte muro,
 Com que do Canará vive seguro.
- 22 Da terra os naturais lhe chamam Gate,
 Do pé do qual, pequena quantidade,
 Se estende *hũa* fralda estreita, que combate
 Do mar a natural ferocidade.
 Aqui de outras cidades, sem debate,
Calecu tem a ilustre dignidade
 De cabeça de Império, rica e bela;
 Samorim se intitula o senhor dela.
- 23 } Chegada a frota ao rico senhorio,
 Um Português, mandado, logo parte
 A fazer sabedor o Rei gentio
 Da vinda sua a tão remota parte.
 Entrando o mensageiro pelo rio
 Que ali nas ondas entra, a não vista arte,
 A cor, o gesto estranho, o traje novo,
 Fez concorrer a vê-lo todo o povo.

- 24 } Entre a gente que a vê-lo concorria,
 Se chega um Maometa, que nascido
 Fora na região da Berberia,
 Lá onde fora Anteu obedecido.
 (Ou, pela *vezinhança*, já teria
 O Reino Lusitano conhecido,
 Ou foi já assinalado de seu ferro;
 Fortuna o trouxe a tão longo desterro).
- 25 } Em vendo o mensageiro, com jucundo
 Rosto, como quem sabe a língua Hispana,
 Lhe disse: «Quem te trouxe a estoutro mundo,
 Tão longe da tua pátria Lusitana?»
 «Abrindo (lhe responde) o mar profundo,
 Por onde nunca veio gente humana;
 Vimos buscar do Indo a *grão* corrente,
 Por onde a Lei divina se *acrecente*.»
- 26 Espantado ficou da *grão* viagem
 O Mouro, que Monçaide se chamava,
 Ouvindo as opressões que, na passagem
 Do mar, o Lusitano lhe contava;
 Mas, vendo, enfim, que a força da mensagem
 Só *pera* o Rei da terra relevava,
 Lhe diz que estava fora da cidade,
 Mas de caminho pouca quantidade;
- 27 E que, entanto que a nova lhe chegasse
 De sua estranha vinda, se queria,
 Na sua pobre casa repousasse
 E do manjar da terra comeria;
 E, *despois* que se um pouco recreasse,
 Co ele *pera* a armada tornaria,
 Que alegria não pode ser tamanha
 Que achar gente *vezinha* em terra estranha.

- 28 O Português aceita de vontade
O que o ledo Monçaide lhe oferece;
Como se longa fora já a amizade,
Co ele come e bebe e lhe obedece.
Ambos se tornam logo da cidade
Pera a frota, que o Mouro bem conhece.
Sobem à capitaina, e toda a gente
Monçaide recebeu benignamente.
- 29 O Capitão o abraça, em cabo ledo,
Ouvindo clara a língua de Castela;
Junto de si o assenta e, pronto e quedo,
Pela terra pergunta e cousas dela.
Qual se ajuntava em Ródope o arvoredado,
Só *por* ouvir o amante da donzela
Eurídice, tocando a lira de ouro,
Tal a gente se ajunta a ouvir o Mouro.
- 30 } Ele começa: «Ó gente, que a Natura
Vizinha fez de meu paterno ninho,
Que destino tão grande ou que ventura
Vos trouxe a cometerdes tal caminho?
Não é sem causa, não, oculta e escura,
Vir do *longinco* Tejo e ignoto Minho,
Por mares nunca doutro lenho arados,
A Reinos tão remotos e apartados.
- 31 } Deus, por certo, vos traz, porque pretende
Algun serviço Seu por vós obrado;
Por isso só vos guia e vos defende
Dos *immigos*, do mar, do vento irado.
Sabei que estais na Índia, onde se estende
Diverso povo, rico e prosperado
De ouro luzente e fina pedraria,
Cheiro suave, ardente especiaria.

- 32 Esta província, cujo porto agora
Tomado tendes, Malabar se chama;
Do culto antigo os ídolos adora,
Que cá por estas partes se derrama;
De diversos Reis é, mas dum só fora
Noutro tempo, segundo a antiga fama:
Saramá Perimal foi derradeiro
Rei que este Reino teve unido e inteiro.
- 33 Porém, como a esta terra então viessem
De lá do seio Arábico outras gentes
Que o culto Maométrico trouxessem,
No qual me instituíram meus parentes,
Sucedeu que, pregando, convertessem
O Perimal, de sábios e eloquentes;
Fazem-lhe a Lei tomar com fervor tanto,
Que *prosupos* de nela morrer santo.
- 34 Naus arma e nelas mete, curioso,
Mercadoria que ofereça rica,
Pera ir nelas a ser religioso
Onde o Profeta jaz que a Lei *pubrica*.
Antes que parta, o Reino poderoso
Cos seus reparte; porque não lhe fica
Herdeiro próprio, faz os mais aceitos
Ricos, de pobres, livres, de sujeitos.
- 35 A um Cochim e a outro Cananor,
A qual Chale, a qual a Ilha da Pimenta,
A qual Coulão, a qual dá Cranganor,
E o mais, a quem o mais serve e contenta.
Um só moço, a quem tinha muito amor,
Despois que tudo deu, se lhe apresenta:
Pera este *Calecu* sòmente fica,
Cidade já por trato nobre e rica.

- 36 Esta lhe dá, *co* título excelente
De *Emperador*, que sobre os outros mande.
Isto feito, se parte diligente
Pera onde em santa vida acabe e ande.
E daqui fica o nome de potente
Samori, mais que todos digno e grande,
Ao moço e descendentes, donde vem
Este que agora o Império manda e tem.
- 37 A Lei da gente toda, rica e pobre,
De fábulas composta se imagina.
Andam nus e sòmente um pano cobre
As partes que a cobrir *Natura insina*.
Dous modos há de gente, porque a nobre
Naires chamados são, e a menos *dina*
Poleás tem por nome, a quem obriga
A Lei não misturar a casta antiga;
- 38 Porque os que usaram sempre um mesmo ofício,
De outro não podem receber consorte;
Nem os filhos terão outro exercício
Senão o de seus passados, até morte.
Pera os Naires é, certo, grande vício
Destes serem tocados, de tal sorte,
Que, quando algum se toca porventura,
Com *ceremonias* mil se alimpa e apura.
- 39 Desta sorte o Judaico povo antigo
Não tocava na gente de *Samária*.
Mais estranhezas *inda* das que digo
Nesta terra vereis de usança vária.
Os Naires sós são dados ao perigo
Das armas; sós defendem da contrária
Banda o seu Rei, trazendo sempre usada
Na esquerda a adarga e na *dereita* a espada.

- 40 *Bramenes* são os seus religiosos,
Nome antigo e de grande *preminencia*;
Observam os preceitos tão famosos
Dum que primeiro pôs nome à ciência;
Não matam cousa viva e, temerosos,
Das carnes *tem* grandíssima abstinência.
Sòmente no venéreo ajuntamento
Tem mais licença e menos regimento.
- 41 Gerais são as mulheres, mas sòmente
Pera os da *geração* de seus maridos.
Ditosa condição, ditosa gente,
Que não são de ciúmes ofendidos!
Estes e outros costumes variamente
São pelos Malabares admitidos.
A terra é grossa em trato, em tudo aquilo
Que as ondas podem dar, da China ao Nilo.»
- 42 *Assi* contava o Mouro; mas vagando
Andava a fama já, pela cidade,
Da vinda desta gente estranha, quando
O Rei saber mandava da verdade.
Já vinham pelas ruas caminhando,
Rodeados de todo sexo e idade,
Os principais que o Rei buscar mandara
O Capitão da armada que chegara.
- 43 Mas ele, que do Rei já tem licença
Pera desembarcar, acompanhado
Dos nobres Portugueses, sem detença
Parte, de ricos panos adornado.
Das cores a *fermosa* diferença
A vista alegre ao povo alvoroçado;
O remo compassado fere frio
Agora o mar, *despois* o fresco rio.

- 44 Na praia um regedor do Reino estava
Que, na sua língua, Catual se chama,
Rodeado de Naires, que esperava
Com desusada festa o nobre Gama.
Já na terra, nos braços o levava
E num portátil leito *hũa* rica cama
Lhe oferece em que vá, costume usado,
Que nos ombros dos homens é levado.
- 45 Destarte o Malabar, destarte o Luso,
Caminham lá *pera* onde o Rei o espera.
Os outros Portugueses vão ao uso
Que infantaria segue, esquadra fera.
O povo que concorre vai confuso
De ver a gente estranha, e bem quisera
Perguntar; mas, no tempo já passado,
Na Torre de Babel lhe foi vedado.
- 46 O Gama e o Catual iam falando
Nas cousas que *lhe* o tempo oferecia;
Monçaide, entre eles, vai interpretando
As palavras que de ambos entendia.
Assi pela cidade caminhando,
Onde *hũa* rica fábrica se erguia
De um sumptuoso templo já chegavam,
Pelas portas do qual juntos entravam.
- 47 Ali estão das Deidades as figuras,
Esculpidas em pau e em pedra fria,
Vários de gestos, vários de pinturas,
A segundo o demónio *lhe* fingia.
Vem-se as abomináveis esculturas,
Qual a Quimera em membros se varia.
Os cristãos olhos, a ver Deus usados
Em forma humana, estão maravilhados.

- 48 Um na cabeça cornos esculpidos,
Qual Júpiter Amon em Líbia estava;
Outro num corpo rostos tinha unidos,
Bem como o antigo Jano se pintava;
Outro, com muitos braços divididos,
A Briareu parece que imitava;
Outro fronte canina tem de fora,
Qual Anúbis Menfítico se adora.
- 49 Aqui, feita do bárbaro Gentio
A supersticiosa adoração,
Direitos vão, sem outro algum desvio,
Pera onde estava o Rei do povo vão.
Engrossando-se vai da gente o fio
Cos que *vem* ver o estranho Capitão.
Estão pelos telhados e janelas
Velhos e moços, donas e donzelas.
- 50 Já chegam perto, e não com passos lentos,
Dos jardins odoríferos *fermosos*,
Que em si escondem os régios *apousentos*,
Altos de torres não, mas sumptuosos.
Edificam-se os nobres seus assentos
Por entre os arvoredos deleitosos.
Assi vivem os Reis daquela gente,
No campo e na cidade juntamente.
- 51 Pelos portais da cerca a *sutileza*
Se enxerga da Dedálea *facultade*,
Em figuras mostrando, por nobreza,
Da Índia a mais remota antiguidade.
Afiguradas vão com tal viveza
As histórias daquela antiga idade,
Que quem delas tiver notícia inteira,
Pela sombra conhece a verdadeira.

- 52 Estava um grande exército, que pisa
A terra Oriental que o *Hidaspe* lava;
Rege-o um capitão de fronte lisa,
Que com frondentes tirsos pelejava
(Por ele edificada estava Nisa
Nas ribeiras do rio que manava),
Tão próprio, que, se ali estiver *Semele*,
Dirá, por certo, que é seu filho aquele.
- 53 Mais avante, bebendo, seca o rio
Mui grande multidão da Assíria gente,
Sujeita a feminino senhorio
De *hũa* tão bela como incontinente.
Ali tem, junto ao lado nunca frio,
Esculpido o feroz ginete ardente
Com quem teria o filho competência.
Amor nefando, bruta incontinência!
- 54 Daqui mais apartadas, tremulavam
As bandeiras de Grécia gloriosas
(Terceira Monarquia), e *sojugavam*
Até as águas Gangéticas undosas.
Dum capitão mancebo se guiavam,
De palmas rodeado *valerosas*,
Que já não de *Filipo*, mas, sem falta,
De progénie de Júpiter se exalta.
- 55 Os Portugueses vendo estas memórias,
Dizia o Catual ao Capitão:
«Tempo cedo virá que outras vitórias
Estas, que agora olhais, abaterão.
Aqui se escreverão novas histórias
Por gentes estrangeiras que virão;
Que os nossos sábios magos o alcançaram,
Quando o tempo futuro especularam.

- 56 E diz-lhe mais a mágica ciência
Que, *pera* se evitar força tamanha,
Não valerá dos homens resistência,
Que contra o Céu não *val* da gente manha;
Mas também diz que a bélica excelência,
Nas armas e na paz, da gente estranha
Será tal, que será no mundo ouvido
O vencedor, por glória do vencido.»
- 57 Assi falando, entravam já na sala
Onde aquele potente *Emperador*
Nũa camilha jaz, que não se iguala
De outra *algũa* no preço e no labor.
No recostado gesto se assinala
Um venerando e próspero senhor;
Um pano de ouro cinge, e na cabeça
De preciosas gemas se adereça.
- 58 Bem junto dele, um velho reverente,
Cos gíolhos no chão, de quando em quando
Lhe dava a verde folha da erva ardente,
Que a seu costume estava ruminando.
Um *Bramene*, pessoa *preminente*,
Pera o Gama vem com passo brando,
Pera que ao grande Príncipe o apresente,
Que diante lhe acena que se assente.
- 59 Sentado o Gama junto ao rico leito,
Os seus mais afastados, pronto em vista
Estava o *Samori* no traje e jeito
Da gente, nunca de antes dele vista.
Lançando a grave voz do sábio peito,
Que grande autoridade logo *aquista*
Na opinião do Rei e do povo todo,
O Capitão lhe fala deste modo:

- 60 «Um grande Rei, de lá das partes onde
O Céu *volubil*, com perpétua roda,
Da terra a luz solar *co* a Terra esconde,
Tingindo, a que deixou, de escura *noda*,
Ouvindo do rumor que lá responde
O eco, como em ti da Índia toda
O principado está e a majestade,
Vínculo quer contigo de amizade.
- 61 E por longos rodeios a ti manda
Por te fazer saber que tudo aquilo
Que sobre o mar, que sobre as terras anda,
De riquezas, de lá do Tejo ao Nilo,
E desde a fria plaga de *Gelanda*
Até bem donde o Sol não muda o estilo
Nos dias, sobre a gente de Etiópia,
Tudo tem no seu Reino em grande cópia.
- 62 E, se queres, com pactos e *lianças*
De paz e de amizade, sacra e nua,
Comércio consentir das *abundanças*
Das fazendas da terra sua e tua,
Por que *creçam* as rendas e abastanças
(*Por* quem a gente mais trabalha e sua)
De vossos Reinos, será certamente
De ti proveito, e dele glória ingente.
- 63 E, sendo *assi* que o nó desta amizade
Entre vós firmemente permaneça,
Estará pronto, a toda adversidade
Que por guerra a teu Reino se ofereça,
Com gente, armas e naus, de qualidade
Que por irmão te tenha e te conheça;
E da vontade em ti sobre isto posta
Me dês a *mi* certíssima *reposta*.»

- 64 Tal *embaxada* dava o Capitão,
A quem o Rei gentio respondia
Que, em ver *embaxadores* de nação
Tão remota, *grão* glória recebia;
Mas neste caso a última tenção
Com os de seu conselho tomaria,
Informando-se certo de quem era
O Rei e a gente e terra que dissera;
- 65 E que, entanto, podia do trabalho
Passado ir repousar; e em tempo breve
Daria a seu despacho um justo talho,
Com que a seu Rei *reposta* alegre leve.
Já nisto punha a noite o usado atalho
Às humanas canseiras, *por* que ceve
De doce sono os membros trabalhados,
Os olhos ocupando, ao ócio dados.
- 66 Agasalhados foram juntamente
O Gama e Portugueses no *apousento*
Do nobre Regedor da Índica gente,
Com festas e geral contentamento.
O Catual, no cargo diligente
De seu Rei, tinha já por regimento
Saber da gente estranha, donde vinha,
Que costumes, que Lei, que terra tinha.
- 67 Tanto que os ígneos carros do *fermoso*
Mancebo Délio viu, que a luz renova,
Manda chamar Monçaide, desejoso
De poder-se informar da gente nova.
Já lhe pergunta, pronto e curioso,
Se tem notícia inteira e certa prova
Dos estranhos, quem são; que ouvido tinha
Que é gente de sua pátria mui vizinha;

- 68 Que particularmente ali lhe desse
Informação mui larga, pois fazia
Nisso serviço ao Rei, *por* que soubesse
O que neste negócio se faria.
Monçaide torna: «Posto que eu quisesse
Dizer-te disto mais, não saberia;
Sòmente sei que é gente lá de Espanha,
Onde o meu ninho e o Sol no mar se banha.
- 69 *Tem* a Lei dum Profeta que *gêrado*
Foi sem fazer na carne detrimento
Da Mãe, tal que por Bafo está aprovado
Do Deus que tem do Mundo o regimento.
O que entre meus antigos é vulgado
Deles, é que o valor sanguinolento
Das armas no seu braço resplandece;
O que em nossos passados se parece.
- 70 Porque eles, com virtude sobre-humana,
Os deitaram dos campos abundosos
Do rico Tejo e fresca Guadiana,
Com feitos memoráveis e famosos.
E não contentes *inda*, e na Africana
Parte, cortando os mares procelosos,
Nos não querem deixar viver seguros,
Tomando-nos cidades e altos muros.
- 71 Não menos *tem* mostrado esforço e manha
Em quaisquer outras guerras que aconteçam,
Ou das gentes belígeras de Espanha,
Ou lá dalguns que do *Pirene* *deçam*.
Assi que nunca, enfim, com lança estranha
Se tem que por vencidos se conheçam;
Nem se sabe *inda*, não, te afirmo e asselo,
Pera estes *Annibais* nenhum Marcelo.

- 72 E, se esta informação não for inteira
Tanto quanto convém, deles pretende
Informar-te, que é gente verdadeira,
A quem mais falsidade enoja e ofende.
Vai ver-*lhe* a frota, as armas e a maneira
Do fundido metal que tudo rende,
E folgarás de veres a polícia
Portuguesa, na paz e na milícia.»
- 73 Já com desejos o *Idolatra* ardia
De ver isto que o Mouro lhe contava.
Manda *esquipar* batéis, que ir ver queria
Os lenhos em que o Gama navegava.
Ambos partem da praia, a quem seguia
A Naira *geração* que o mar coalhava.
À capitaina sobem, forte e bela,
Onde Paulo os recebe a bordo dela.
- 74 } Purpúreos são os toldos, e as bandeiras
Do rico fio são que o bicho gera;
Nelas estão pintadas as guerreiras
Obras que o forte braço já fizera;
Batalhas *tem* campais aventureiras,
Desafios cruéis, pintura fera,
Que, tanto que ao Gentio se apresenta,
A tento nela os olhos *apacenta*.
- 75 Pelo que vê pergunta; mas o Gama
Lhe pedia primeiro que se assente
E que aquele deleite que tanto ama
A seita Epicureia experimente.
Dos espumantes vasos se derrama
O licor que Noé mostrara à gente;
Mas comer o Gentio não pretende,
Que a seita que seguia lho defende.

- 76 A trombeta, que, em paz, no pensamento
Imagem faz de guerra, rompe os ares;
Co fogo o diabólico instrumento
Se faz ouvir no fundo lá dos mares.
Tudo o Gentio nota; mas o intento
Mostrava sempre ter nos singulares
Feitos dos homens que, em retrato breve,
A muda poesia ali descreve.
- 77 Alça-se em pé, *co* ele o Gama junto,
Coelho, de outra parte, e o Mauritano;
Os olhos põe no bélico *trasunto*
De um velho branco, aspeito soberano,
Cujó nome não pode ser defunto,
Enquanto houver no mundo trato humano:
No trajo a Grega usança está perfeita;
Um ramo, por insígnia, na *dereita*.
- 78 Um ramo na mão tinha... Mas, ó cego,
Eu, que cometo, insano e temerário,
Sem vós, Ninfas do Tejo e do Mondego,
Por caminho tão árduo, longo e vário!
Vosso favor invoco, que navego
Por alto mar, com vento tão contrário,
Que, se não me ajudais, hei grande medo
Que o meu fraco batel se alague cedo.
- 79 Olhai que há tanto tempo que, cantando
O vosso Tejo e os vossos Lusitanos,
A Fortuna me traz peregrinando,
Novos trabalhos vendo e novos danos:
Agora o mar, agora *experimentando*
Os perigos Mavórcios inumanos,
Qual Cánace, que à morte se condena,
Nũa mão sempre a espada e noutra a pena;

- 80 Agora, com pobreza *avorrecida*,
Por hospícios alheios degradado;
Agora, da esperança já adquirida,
De novo, mais que nunca, derribado;
Agora, às costas escapando a vida,
Que dum fio pendia tão delgado,
Que não menos milagre foi salvar-se
Que *pera* o Rei judaico *acrecentar-se*.
- 81 E ainda, Ninfas minhas, não bastava
Que tamanhas misérias me cercassem,
Senão que aqueles que eu cantando andava
Tal prêmio de meus versos me tornassem:
A troco dos descansos que esperava,
Das capelas de louro que me honrassem,
Trabalhos nunca usados me inventaram,
Com que em tão duro estado me deitaram!
- 82 Vede, Ninfas, que engenhos de senhores
O vosso Tejo cria *valerosos*,
Que *assi* sabem prezar, com tais favores,
A quem os faz, cantando, gloriosos!
Que exemplos a futuros escritores,
Pera espertar engenhos curiosos,
Pera porem as cousas em memória
Que merecerem ter eterna glória!
- 83 Pois logo, em tantos males, é forçado
Que só vosso favor me não faleça,
Principalmente aqui, que sou chegado
Onde feitos diversos engrandeça:
Dai-mo vós *sós*, que eu tenho já jurado
Que não no empregue em quem o não mereça,
Nem por lisonja louve algum subido,
Sob pena de não ser agradecido.

- 84 Nem creiais, Ninfas, não, que fama desse
A quem ao bem comum e do seu Rei
Antepuser seu próprio interesse,
Immigo da divina e humana Lei.
Nenhum ambicioso, que quisesse
Subir a grandes cargos, cantarei,
Só *por* poder com torpes exercícios
Usar mais largamente de seus vícios;
- 85 Nenhum que use de seu poder bastante
Pera servir a seu desejo feio,
E que, *por* comprazer ao vulgo errante,
Se muda em mais figuras que *Proteio*.
Nem, Camenas, também cuideis que cante
Quem, com hábito honesto e grave, veio,
Por contentar o Rei, no ofício novo,
A despir e roubar o pobre povo!
- 86 Nem quem acha que é justo e que é *dereito*
Guardar-se a lei do Rei severamente,
E não acha que é justo e bom respeito
Que se pague o suor da servil gente;
Nem quem sempre, com pouco experto peito,
Razões aprende, e cuida que é prudente,
Pera taxar, com mão *rapace* e escassa,
Os trabalhos alheios que não passa.
- 87 Aqueles sós direi que aventuraram
Por seu Deus, por seu Rei, a amada vida,
Onde, perdendo-a, em fama a dilataram,
Tão bem de suas obras merecida.
Apolo e as Musas, que me acompanharam,
Me dobrarão a fúria concedida,
Enquanto eu tomo alento, descansado,
Por tornar ao trabalho, mais folgado.

CANTO OITAVO

- 1 Na primeira figura se detinha
O Catual, que vira estar pintada,
Que por divisa um ramo na mão tinha,
A barba branca, longa e penteada.
Quem era e por que causa lhe convinha
A divisa que tem na mão tomada?
Paulo responde, cuja voz discreta
O Mauritano sábio lhe interpreta:
- 2 «Estas figuras todas que aparecem,
Bravos em vista e feros nos aspeitos,
Mais bravos e mais feros se conhecem,
Pela fama, nas obras e nos feitos.
Antigos são, mas *inda* resplandecem
Co nome, entre os engenhos mais perfeitos.
Este que vês, é Luso, donde a Fama
O nosso Reino Lusitânia chama.
- 3 Foi filho e companheiro de Tebano
Que tão diversas partes conquistou;
Parece vindo ter ao ninho Hispano
Seguindo as armas, que *contino* usou.
Do Douro, Guadiana o campo ufano,
Já dito Elisio, tanto o contentou,
Que ali quis dar aos já cansados ossos
Eterna sepultura, e nome aos nossos.

- 4 O ramo que lhe vês, *pera* divisa,
O verde tirso foi, de Baco usado,
O qual à nossa idade amostra e avisa
Que foi seu companheiro e filho amado.
Vês outro, que do Tejo a terra pisa,
Despois de ter tão longo mar arado,
Onde muros perpétuos *edefica*,
E templo a Palas, que em memória fica?
- 5 Ulisses é, o que faz a santa casa
À Deusa que lhe dá língua facunda,
Que, se lá na Ásia Tróia insigne abrasa,
Cá na Europa Lisboa ingente funda.»
«Quem será estoutro cá, que o campo arrasa
De mortos, com presença furibunda?
Grandes batalhas tem desbaratadas,
Que as Águias nas bandeiras tem pintadas.»
- 6 Assi o Gentio diz. Responde o Gama:
«Este que vês, pastor já foi de gado;
Viriato sabemos que se chama,
Destro na lança mais que no cajado.
Injuriada tem de Roma a fama,
Vencedor *invencibil*, afamado.
Não *tem co* ele, não, nem ter puderam,
O primor que com Pirro já tiveram.
- 7 Com força, não; com manha vergonhosa
A vida lhe tiraram, que os espanta;
Que o grande aperto, em gente *inda* que honrosa,
Às vezes leis magnânimas quebranta.
Outro está aqui que, contra a pátria irosa,
Degradado, connosco se alevanta.
Escolheu bem com quem se alevantasse,
Pera que eternamente se ilustrasse.

- 8 Vês, connosco também vence as bandeiras
Dessas aves de Júpiter validas;
Que já naquele tempo as mais guerreiras
Gentes de nós souberam ser vencidas.
Olha tão *sotis* artes e maneiras
Pera *adquerir* os povos, tão fingidas:
A fatídica cerva que o avisa.
Ele é Sertório, e ela a sua divisa.
- 9 Olha estoutra bandeira, e vê pintado
O grão progenitor dos Reis primeiros.
Nós Húngaro o fazemos, porém nado
Crem ser em Lotaríngia os estrangeiros.
Despois de ter, *cos* Mouros, superado
Galegos e Leoneses, cavaleiros,
À Casa Santa passa o santo Henrique,
Por que o tronco dos Reis se santifique.»
- 10 «Quem é, me dize, estoutro que me espanta
(Pergunta o Malabar maravilhado),
Que tantos esquadrões, que gente tanta,
Com tão pouca, tem roto e destróçado?
Tantos muros, aspérrimos quebranta,
Tantas batalhas dá, nunca cansado,
Tantas coroas tem, por tantas partes,
A seus pés derribadâs, e estandartes!»
- 11 «Este é o primeiro Afonso (disse o Gama)
Que todo Portugal aos Mouros toma;
Por quem no Estígio lago jura a Fama
De mais não celebrar nenhum de Roma.
Este é aquele zeloso, a quem Deus ama,
Com cujo braço o Mouro *immigo* doma,
Pera quem de seu Reino *abaxa* os muros,
Nada deixando já *pera* os futuros.

- 12 Se César, se Alexandre Rei, tiveram
Tão pequeno poder, tão pouca gente,
Contra tantos *immigos*, quantos eram
Os que desbaratava este excelente,
Não creias que seus nomes se estenderam
Com glórias imortais tão largamente;
Mas deixa os feitos seus inexplicáveis,
Vê que os de seus vassalos são notáveis.
- 13 Este que vês olhar, com gesto irado,
Pera o rompido aluno mal sofrido,
Dizendo-lhe que o exército espalhado
Recolha, e torne ao campo, defendido;
Torna o moço, do velho acompanhado,
Que vencedor o torna de vencido:
Egas Moniz se chama o forte velho,
Pera leais vassalos claro espelho.
- 14 Vê-lo: cá vai *cos* filhos a entregar-se,
A corda ao colo, nu de seda e pano,
Porque não quis o moço sujeitar-se,
Como ele prometera, ao Castelhana.
Fez com siso e promessas levantar-se
O cerco, que já estava soberano.
Os filhos e mulher obriga à pena:
Pera que o senhor salve, a si condena.
- 15 Não fez o Cônsul tanto, que cercado
Foi nas Forcas Caudinas, de ignorante,
Quando a passar por *baxo* foi forçado
Do Samnítico jugo triunfante.
Este, pelo seu povo injuriado,
A si se entrega só, firme e constante;
Estoutro a si e os filhos naturais
E a consorte sem culpa, que dói mais.

- 16 Vês este que, saindo da cilada,
Dá sobre o Rei que cerca a vila forte?
Já o Rei tem preso e a vila descercada;
Ilustre feito, digno de *Mavorte*!
Vê-lo cá vai pintado nesta armada,
No mar também aos Mouros dando a morte,
Tomando-*lhe* as galés, levando a glória
Da primeira marítima vitória.
- 17 É Dom Fuas Roupinho, que na terra
E no mar resplandece juntamente,
Co fogo que acendeu junto da serra
De Ábila, nas galés da Maura gente.
Olha como, em tão justa e santa guerra,
De acabar pelejando está contente.
Das mãos dos Mouros entra a *felice* alma,
Triunfando, nos Céus, com justa palma.
- 18 Não vês um ajuntamento, de estrangeiro
Trajo, sair da grande armada nova,
Que ajuda a combater o Rei primeiro
Lisboa, de si dando santa prova?
Olha Henrique, famoso cavaleiro,
A palma que lhe nasce junto à cova.
Por eles mostra Deus milagre visto;
Germanos são os Mártires de Cristo.
- 19 Um Sacerdote vê, brandindo a espada
Contra Arronches, que toma, por vingança
De Leiria, que de antes foi tomada
Por quem por Mafamede *enresta* a lança:
É Teotónio Prior. Mas vê cercada
Santarém, e verás a segurança
Da figura nos muros que, primeira
Subindo, ergueu das Quinas a bandeira.

- 20 Vê-lo cá, donde Sancho desbarata
Os Mouros de Vandália em fera guerra;
Os *immigos* rompendo, o alferes mata
E Hispálico pendão derriba em terra.
Mem Moniz é, que em si o valor retrata
Que o sepulcro do pai *cos* ossos cerra,
Digno destas bandeiras, pois sem falta
A contrária derriba, e a sua exalta.
- 21 Olha aquele que *dece* pela lança,
Com as duas cabeças dos vigias,
Onde a cilada esconde, com que alcança
A cidade, por manhas e ousadias.
Ela por armas toma a semelhança
Do cavaleiro que as cabeças frias
Na mão levava (feito nunca feito!).
Giraldo Sem Pavor é o forte peito.
- 22 Não vês um Castelhana, que, agravado
De Afonso nono, Rei, pelo ódio antigo
Dos de Lara, *cos* Mouros é deitado,
De Portugal fazendo-se inimigo?
Abrantes vila toma, acompanhado
Dos duros Infiéis que traz consigo.
Mas vê que um Português com pouca gente
O desbarata e o prende ousadamente.
- 23 Martim Lopes se chama o cavaleiro
Que destes levar pôde a palma e o louro.
Mas olha um Eclesiástico guerreiro,
Que em lança de aço torna o *bago* de ouro.
Vê-lo, entre os duvidosos, tão inteiro
Em não negar batalha ao bravo Mouro?
Olha o sinal no Céu, que lhe aparece,
Com que nos poucos seus o esforço *crece*.

- 24 Vês, vão os Reis de Córdova e Sevilha
Rotos, *cos* outros *dous*, e não de espaço.
Rotos? Mas antes mortos; maravilha
Feita de Deus, que não de humano braço.
Vês? Já a vila de *Alcaçare* se humilha,
Sem lhe valer defesa ou muro de aço,
A Dom Mateus, o Bispo de Lisboa,
Que a coroa de palma ali coroa.
- 25 Olha um Mestre que *dece* de Castela,
Português de nação, como conquista
A terra dos Algarves, e já nela
Não acha quem por armas lhe resista.
Com manha, esforço e com benigna estrela,
Vilas, castelos, toma, a escala vista.
Vês *Tavila* tomada aos moradores,
Em vingança dos sete caçadores?
- 26 Vês, com bélica astúcia ao Mouro ganha
Silves, que ele ganhou com força ingente.
É Dom Paio Correia, cuja manha
E grande esforço faz *enveja* à gente.
Mas não passes os três que em França e Espanha
Se fazem conhecer perpétuamente
Em desafios, justas e *torneos*,
Nelas deixando públicos troféus.
- 27 Vê-los *co* nome *vem* de aventureiros
A Castela, onde o preço *sós* levaram
Dos jogos de Belona verdadeiros,
Que com dano de alguns se exercitaram.
Vê mortos os soberbos cavaleiros
Que o principal dos três desafiaram,
Que Gonçalo Ribeiro se nomeia,
Que pode não temer a lei Leteia.

28 Atenta num que a fama tanto estende
Que de nenhum passado se contenta,
Que a pátria, que de um fraco fio pende,
Sobre seus duros ombros a sustenta.
Não no vês, tinto de ira, que *reprende*
A vil desconfiança, inerte e lenta,
Do povo, e faz que tome o doce freio
De Rei seu natural, e não de alheio?

29 Olha: por seu conselho e ousadia,
De Deus guiada só e de santa estrela,
Só, pôde o que *impossibil* parecia:
Vencer o povo ingente de Castela.
Vês, por indústria, esforço e valentia,
Outro estrago e vitória, clara e bela,
Na gente, *assi* feroz como infinita,
Que entre o *Tarteso* e Guadiana habita?

30 Mas não vês quase já desbaratado
O poder Lusitano, pela ausência
Do Capitão devoto, que, apartado,
Orando invoca a suma e trina Essência?
Vê-lo com pressa já dos seus achado,
Que lhe dizem que falta resistência
Contra poder tamanho, e que viesse
Por que consigo esforço aos fracos desse.

31 Mas olha com que santa confiança,
Que *inda* não era tempo, respondia,
Como quem tinha em Deus a segurança
Da vitória que logo lhe daria.
Assi Pompílio, ouvindo que a possança
Dos *immigos* a terra lhe corria,
A quem lhe a dura nova estava dando,
«Pois eu (responde) estou sacrificando.»

32 Se quem com tanto esforço em Deus se atreve
Ouvir quiseses como se nomeia,
Português Cipião chamar-se deve;
Mas mais de Dom Nuno Álvares se arreia.
Ditosa pátria que tal filho teve!
Mas antes, pai; que, enquanto o Sol rodeia
Este globo de Ceres e Neptuno,
Sempre suspirará por tal aluno.

33 Na mesma guerra vê que presas ganha
Estoutro Capitão de pouca gente;
Comendadores vence e o gado apanha
Que levavam roubado ousadamente.
Outra vez vê que a lança em sangue banha
Destes, só *por* livrar, *co* amor ardente,
O preso amigo, preso por leal:
Pêro Rodrigues é do Landroal.

34 Olha este desleal o como paga
O perjúrio que fez e vil engano;
Gil Fernandes é de Elvas quem o estraga
E faz vir a passar o último dano;
De Xerez rouba o campo e quase alaga
Co sangue de seus donos Castelhana.
Mas olha Rui *Pireira*, que *co* rosto
Faz escudo às galés, diante posto.

35 Olha que *dezesete* Lusitanos,
Neste outeiro subidos, se defendem,
Fortes, de quatrocentos Castelhanos,
Que em derredor, pelos tomar, se estendem;
Porém logo sentiram, com seus danos,
Que não só se defendem, mas ofendem.
Digno feito de ser, no mundo, eterno,
Grande no tempó antigo e no moderno!

- 36 Sabe-se antigamente que trezentos
Já contra mil Romanos pelejaram,
No tempo que os viris atrevimentos
De Viriato tanto se ilustraram,
E deles alcançando vencimentos
Memoráveis, de herança nos deixaram
Que os muitos, por ser poucos, não temamos;
O que *despois* mil vezes amostramos.
- 37 Olha cá *dous* Infantes, Pedro e Henrique,
Progénie generosa de *Joanne*;
Aquele faz que fama ilustre fique
Dele em Germânia, com que a morte engane;
Este, que ela nos mares o *pubrique*
Por seu descobridor, e desengane
De *Ceita* a Maura tímida vaidade,
Primeiro entrando as portas da cidade.
- 38 Vês o Conde Dom Pedro, que sustenta
Dous cercos contra toda a Barbaria?
Vês outro Conde está, que representa
Em terra Marte, em forças e ousadia.
De poder defender se não contenta
Alcacere, da ingente companhia,
Mas do seu Rei defende a cara vida,
Pondo por muro a sua, ali perdida.
- 39 Outros muitos verias, que os pintores
Aqui também por certo pintariam;
Mas falta-*lhe* pincel, faltam-*lhe* cores:
Honra, prémio, favor, que as artes criam;
Culpa dos viciosos sucessores,
Que degeneram, certo, e se desviam
Do lustre e do valor dos seus passados,
Em gostos e vaidades atolados.

- 40 Aqueles pais ilustres que já deram
Princípio à *geração* que deles pende,
Pela virtude muito *antão* fizeram,
E por deixar a casa que descende.
Cegos, que, dos trabalhos que tiveram,
Se alta fama e rumor deles se estende,
Escuros deixam sempre seus menores,
Com *lhe* deixar descansos corruptores.
- 41 Outros também há grandes e abastados,
Sem nenhum tronco ilustre donde venham.
Culpa de Reis, que às vezes a privados
Dão mais que a mil que esforço e saber tenham.
Estes os seus não querem ver pintados,
Crendo que as cores vãs *lhe* não convenham,
E, como a seu *contraíro* natural,
À pintura que fala querem mal.
- 42 Não nego que há, contudo, descendentes
De generoso tronco e casa rica,
Que, com costumes altos e excelentes,
Sustentam a nobreza que *lhe* fica;
E, se a luz dos antigos seus parentes
Neles mais o valor não clarifica,
Não falta, ao menos, nem se faz escura;
Mas destes acha poucos a pintura.»
- 43 Assi está declarando os grandes feitos
O Gama, que ali mostra a vária tinta
Que a douta mão tão claros, tão perfeitos,
Do singular artífice ali pinta.
Os olhos tinha prontos e *dereitos*
O Catual na história bem distinta;
Mil vezes perguntava, e mil ouvia
As gostosas batalhas que ali via.

- 44 Mas já a luz se mostrava duvidosa,
 Porque a *alampada* grande se escondia
Debaxo do Horizonte, e, luminosa,
 Levava aos Antípodas o dia,
 Quando o Gentio e a gente generosa
 Dos Naires da nau forte se partia,
 A buscar o repouso que descansa
 Os lassos animais, na noite mansa.
- 45 Entretanto, os arúspices famosos
 Na falsa opinião, que em sacrifícios
Antevem sempre os casos duvidosos
 Por sinais diabólicos e indícios,
 Mandados do Rei próprio, estudiosos,
 Exercitavam a arte e seus ofícios,
 Sobre esta vinda desta gente estranha,
 Que às suas terras vem da ignota Espanha.
- 46 Sinal *lhe* mostra o Demo, verdadeiro
 De como a nova gente *lhe* seria
 Jugo perpétuo, eterno cativoiro,
 Destruição de gente e de valia.
 Vai-se espantado o atónito agoureiro
 Dizer ao Rei (segundo o que entendia)
 Os sinais temerosos que alcançara
 Nas entranhas das vítimas que *oulhara*.
- 47 A isto mais se ajunta que um devoto
 Sacerdote da Lei de Mafamede,
 Dos ódios concebidos não remoto
 Contra a divina Fé, que tudo excede,
 Em forma do Profeta falso e noto
 Que do filho da escrava Agar procede,
 Baco odioso em sonhos *lhe* aparece,
 Que de seus ódios *inda* se não *dece*.

- 48 E diz-lhe *assi*: «Guardai-vos, gente minha,
 Do mal que se aparelha pelo *immigo*
 Que pelas águas húmidas caminha,
 Antes que *esteis* mais perto do perigo.»
 Isto dizendo, acorda o Mouro *asinha*,
 Espantado do sonho; mas consigo
 Cuida que não é mais que sonho usado.
 Torna a dormir, quieto e sossegado.
- 49 Torna Baco, dizendo: «Não conheces
 O grão legislador que a teus passados
 Tem mostrado o preceito a que obedeces,
 Sem o qual fôreis muitos baptizados?
 Eu por ti, *rudo*, velo, e tu adormeces?
 Pois saberás que aqueles que chegados
 De novo são, serão mui grande dano
 Da Lei que eu dei ao néscio povo humano.
- 50 Enquanto é fraca a força desta gente,
 Ordena como em tudo se resista,
 Porque, quando o Sol *saï*, facilmente
 Se pode nele pôr a aguda vista;
 Porém, *despois* que sobe claro e ardente,
 Se agudeza dos olhos o conquista,
 Tão cega fica, quanto ficareis,
 Se raízes criar *lhe* não tolheis.»
- 51 Isto dito, ele e o sono se despede.
 Tremendo fica o atónito Agareno;
 Salta da cama, lume aos servos pede,
 Lavrando nele o férvido veneno.
 Tanto que a nova luz que ao Sol precede
 Mostrara o rosto angélico e sereno,
 Convoca os principais da torpe Seita,
 Aos quais do que sonhou dá conta estreita.

- 52 Diversos pareceres e contrários
 Ali se dão, segundo o que entendiam;
 Astutas *traições*, enganos vários,
 Perfídias, inventavam e teciam;
 Mas, deixando conselhos temerários,
 Destruição da gente pretendiam,
 Por manhas mais *sotis* e ardis *milhores*,
 Com peitas *adquerindo* os regedores.
- 53 Com peitas, ouro e dádivas secretas
 Conciliam da terra os principais;
 E com razões notáveis e discretas
 Mostram ser perdição dos naturais,
 Dizendo que são gentes inquietas,
 Que, os mares discorrendo Ocidentais,
 Vivem só de piráticas rapinas,
 Sem Rei, sem leis humanas ou divinas.
- 54 Oh! Quanto deve o Rei que bem governa
 De olhar que os conselheiros ou privados
 De consciência e de virtude interna
 E de sincero amor sejam dotados!
 Porque, como *estê* posto na superna
 Cadeira, pode mal dos apartados
 Negócios ter notícia mais inteira,
 Do que lhe der a língua conselheira.
- 55 Nem tão pouco direi que tome tanto
 Em grosso a consciência limpa e certa,
 Que se enleve num pobre e humilde manto,
 Onde ambição acaso ande encoberta.
 E, quando um bom em tudo é justo e santo,
 E em negócios do mundo pouco acerta,
 Que mal *co* eles poderá ter conta
 A quieta inocência, em só Deus pronta.

- 56 Mas aqueles avaros Catuais,
 Que o Gentílico povo governavam,
 Induzidos das gentes infernais,
 O Português despacho dilatavam.
 Mas o Gama, que não pretende mais,
 De tudo quanto os Mouros ordenavam,
 Que levar a seu Rei um sinal certo
 Do mundo que deixava descoberto,
- 57 Nisto trabalha só; que bem sabia
 Que, *despois* que levasse esta certeza,
 Armas e naus e gente mandaria
 Manuel, que exercita a suma alteza,
 Com que a seu jugo e Lei *someteria*
 Das terras e do mar a redondeza;
 Que ele não era mais que um diligente
 Descobridor das terras do Oriente.
- 58 Falar ao Rei gentio determina,
 Por que com seu despacho se tornasse,
 Que já sentia em tudo da *malina*
 Gente impedir-se quanto desejasse.
 O Rei, que da notícia falsa e *indina*
 Não era de espantar se se espantasse,
 Que tão crédulo era em seus agouros,
 E mais sendo afirmados pelos Mouros,
- 59 Este temor lhe esfria o baixo peito.
 Por outra parte, a força da cobiça,
 A quem por natureza está sujeito,
 Um desejo imortal lhe acende e atiga;
 Que bem vê que grandíssimo proveito
 Fará, se, com verdade e com justiça,
 O contrato fizer, por longos anos,
 Que lhe comete o Rei dos Lusitanos.

- 60 Sobre isto, nos conselhos que tomava,
Achava mui contrários pareceres;
Que naqueles com quem se aconselhava
Executa o dinheiro seus poderes.
O grande Capitão chamar mandava,
A quem, chegado, disse: «Se quiseres
Confessar-me a verdade limpa e nua,
Perdão alcançarás da culpa tua.
- 61 Eu sou bem informado que a *embaxada*
Que de teu Rei me deste, que é fingida;
Porque nem tu tens Rei, nem pátria amada;
Mas vagabundo *vas* passando a vida.
Que quem da Hespéria última alongada,
Rei ou senhor, de insânia desmedida,
Há-de vir cometer, com naus e frotas,
Tão incertas viagens e remotas?
- 62 E, se de grandes Reinos poderosos
O teu Rei tem a régia majestade,
Que presentes me trazes *valerosos*,
Sinais de tua incógnita verdade?
Com peças e *dões* altos, sumptuosos,
Se lia dos Reis altos a amizade;
Que sinal nem penhor não é bastante
As palavras dum vago navegante.
- 63 Se porventura vindes desterrados,
Como já foram homens de alta sorte,
Em meu Reino sereis agasalhados,
Que toda a terra é pátria *pera* o forte;
Ou, se piratas sois, ao mar usados,
Dizei-mo sem temor de infâmia ou morte,
Que, por se sustentar, em toda idade
Tudo faz a vital necessidade.»

- 64 Isto *assi* dito, o Gama, que já tinha
Suspeitas das insídias que ordenava
O Maoméico ódio, donde vinha
Aquilo que tão mal o Rei cuidava,
Cũa alta confiança, que convinha,
Com que seguro crédito alcançava,
Que Vénus Acidália lhe influía,
Tais palavras do sábio peito abria:
- 65 «Se os antigos delitos que a malícia
Humana cometeu na prisca idade
Não causaram que o vaso da *nequicia*,
Açoute tão cruel da Cristandade,
Viera pôr perpétua inimicícia
Na *geração* de Adão, *co* a falsidade,
Ó poderoso Rei, da torpe Seita,
Não conceberas tu tão má suspeita.
- 66 Mas, porque nenhum grande bem se alcança
Sem grandes opressões, e em todo o feito
Segue o temor os passos da esperança,
Que em suor vive sempre de seu peito,
Me mostras tu tão pouca confiança
Desta minha verdade, sem respeito
Das razões em contrário que acharias,
Se não cresses a quem não crer devias.
- 67 Porque, se eu de rapinas só vivesse,
Undívago ou da pátria desterrado,
Como crês que tão longe me viesse
Buscar assento incógnito e apartado?
Por que esperanças, ou por que interesse
Viria *experimentando* o mar irado,
Os Antárcticos frios, e os ardores
Que sofrem do Carneiro os moradores?

- 68 Se com grandes presentes de alta estima
O crédito me pedes do que digo,
Eu não vim mais que a achar o estranho clima
Onde a Natura pôs teu Reino antigo;
Mas, se a Fortuna tanto me sublima,
Que eu torne à minha pátria e Reino amigo,
Então verás o dom soberbo e rico
Com que minha tornada certifico.
- 69 Se te parece inopinado feito
Que Rei da última Hespéria a ti me mande,
O coração sublime, o régio peito,
Nenhum caso *possibil* tem por grande.
Bem parece que o nobre e grão conceito
Do Lusitano espírito demande
Maior crédito e fé de mais alteza,
Que creia dele tanta fortaleza.
- 70 Sabe que há muitos anos que os antigos
Reis nossos firmemente propuseram
De vencer os trabalhos e perigos
Que sempre às grandes cousas se opuseram;
E, descobrindo os mares inimigos
Do quieto descanso, pretenderam
De saber que fim tinham e onde estavam
As derradeiras praias que lavavam.
- 71 Conceito digno foi do ramo claro
Do venturoso Rei que arou primeiro
O mar, *por* ir deitar do ninho caro
O morador de *Abyla* derradeiro.
Este, por sua indústria e engenho raro,
Num madeiro ajuntando outro madeiro,
Descobrir pôde a parte que faz clara
De Argos, da Hidra a luz, da Lebre e de Ara.

- 72 Crescendo *cos* sucessos bons primeiros
No peito as ousadias, descobriram,
Pouco e pouco, caminhos estrangeiros,
Que, uns sucedendo aos outros, prosseguiram.
De África os moradores derradeiros,
Austrais, que nunca as Sete Flamas viram,
Foram vistos de nós, atrás deixando
Quantos estão os Trópicos queimando.
- 73 *Assi*, com firme peito e com tamanho
Propósito vencemos a Fortuna,
Até que nós no teu terreno estranho
Viemos pôr a última coluna.
Rompendo a força do líquido estanho,
Da tempestade horrífica e importuna,
A ti chegámos, de quem só queremos
Sinal que ao nosso Rei de ti levemos.
- 74 Esta é a verdade, Rei; que não faria
Por tão incerto bem, tão fraco prémio,
Qual, não sendo isto *assi*, esperar podia,
Tão longo, tão fingido e vão proémio;
Mas antes descansar me deixaria
No nunca descansado e fero grémio
Da madre *Tethys*, qual pirata *inico*,
Dos trabalhos alheios feito rico.
- 75 *Assi* que, ó Rei, se minha *grão* verdade
Tens por qual é, sincera e não dobrada,
Ajunta-me ao despacho brevidade,
Não me *impidas* o gosto da tornada;
E, se *inda* te parece falsidade,
Cuida bem na razão que está provada,
Que com claro juízo pode ver-se,
Que fácil é a verdade de entender-se.»

- 76 A tento estava o Rei na segurança
Com quê provava o Gama o que *dezia*;
Concebe dele certa confiança,
Crédito firme, em quanto proferia;
Pondera das palavras a abastança,
Julga na autoridade *grão* valia,
Começa de julgar por enganados
Os Catuais corruptos, mal julgados.
- 77 Juntamente, a cobiça do proveito
Que espera do contrato Lusitano
O faz obedecer e ter respeito
Co Capitão, e não *co* Mauro engano.
Enfim ao Gama manda que direito
As naus se vá, e, seguro dalgum dano,
Possa a terra mandar qualquer fazenda.
Que pela especiaria troque e venda.
- 78 Que mande da fazenda, enfim, lhe manda
Que nos Reinos Gangéticos faleça,
Se *algũa* traz idónea lá da banda
Donde a terra se acaba e o mar começa.
Já da real presença veneranda
Se parte o Capitão, *pera* onde peça
Ao Catual que dele tinha cargo,
Embarcação, que a sua está de largo.
- 79 Embarcação que o leve às naus lhe pede,
Mas o mau Regedor, que novos laços
Lhe maquinava, nada lhe concede,
Interpondo tardanças e embaraços.
Co ele parte ao cais, *por* que o arrede
Longe quanto puder dos régios paços,
Onde, sem que seu Rei tenha notícia,
Faça o que lhe *insinar* sua malícia.

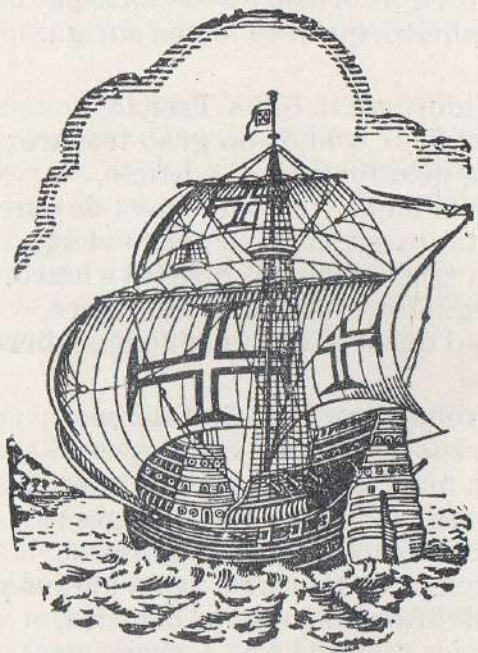
- 80 Lá bem longe lhe diz que lhe daria
Embarcação bastante em que partisse,
Ou que *pera* a luz crástina do dia
Futuro sua partida diferisse.
Já com tantas tardanças entendia
O Gama que o Gentio consentisse
Na má tenção dos Mouros, torpe e fera,
O que dele até *li* não entendera.
- 81 Era este Catual um dos que estavam
Corruptos pela Maometana gente,
O principal por quem se governavam
As cidades do Samorim potente.
Dele sòmente os Mouros esperavam
Efeito a seus enganos torpemente.
Ele, que no concerto vil conspira,
De suas esperanças não delira.
- 82 O Gama com instância lhe requer
Que o mande pôr nas naus, e não lhe *val*;
E que *assi* lho mandara, lhe refere,
O nobre sucessor de Perimal.
Por que razão lhe impede e lhe difere
A fazenda trazer de Portugal?
Pois aquilo que os Reis já *tem* mandado
Não pode ser por outrem derogado.
- 83 Pouco obedece o Catual corrupto
A tais palavras; antes, revolvendo
Na fantasia algum *sutil* e astuto
Engano, diabólico e estupendo,
Ou como banhar possa o ferro bruto
No sangue *avorrecido*, estava vendo,
Ou como as naus em fogo *lhe* abrasasse,
Por que *nenhũa* à pátria mais tornasse.

- 84 Que nenhum torne à pátria só pretende
O conselho infernal dos Maometanos,
Por que não saiba nunca onde se estende
A terra Eoa o Rei dos Lusitanos.
Não parte o Gama, enfim, que lho defende
O Regedor dos Bárbaros profanos;
Nem sem licença sua ir-se podia,
Que as almadias todas lhe tolhia.
- 85 Aos brados e razões do Capitão
Responde o *Idolatra* que mandasse
Chegar à terra as naus que longe estão,
Por que *milhor* dali fosse e tornasse.
«Sinal é de inimigo e de ladrão
Que lá tão longe a frota se alargasse
(Lhe diz), porque do certo e fido amigo
É não temer do seu nenhum perigo.»
- 86 Nestas palavras o discreto Gama
Enxerga bem que as naus deseja perto
O Catual, *por* que com ferro e flama
Lhas assalte, por ódio descoberto.
Em vários pensamentos se derrama;
Fantasiando está remédio certo
Que desse a quanto mal se lhe ordenava.
Tudo temia; tudo, enfim, cuidava.
- 87 Qual o reflexo lume do polido
Espelho de aço ou de cristal *fermoso*,
Que, do raio solar sendo ferido,
Vai ferir noutra parte, luminoso,
E, sendo da *ouciosa* mão movido,
Pela casa, do moço curioso,
Anda pelas paredes e telhado,
Trémulo, aqui e ali, e dessorsegado:

- 88 Tal o vago juízo flutuava
Do Gama preso, quando lhe lembrara
Coelho, se por acaso o esperava
Na praia *cos* batéis, como ordenara.
Logo secretamente lhe mandava
Que se tornasse à frota, que deixara,
Não fosse salteado dos enganos
Que esperava dos feros Maometanos.
- 89 Tal há-de ser quem quer, *co* dom de Marte,
Imitar os Ilustres e igualá-los:
Voar *co* pensamento a toda parte,
Adivinhar perigos e evitá-los,
Com militar engenho e *sutil* arte,
Entender os *immigos*, e enganá-los,
Crer tudo, enfim; que nunca louvarei
O Capitão que diga: «Não cuidei.»
- 90 Insiste o Malabar em tê-lo preso,
Se não manda chegar a terra a armada.
Ele, constante e de ira nobre aceso,
Os ameaços seus não teme nada;
Que antes quer sobre si tomar o peso
De quanto mal a vil malícia ousada
Lhe andar armando, que pôr em ventura
A frota de seu Rei, que tem segura.
- 91 Aquela noite esteve ali detido,
E parte do outro dia, quando ordena
De se tornar ao Rei; mas impedido
Foi da guarda que tinha, não pequena.
Comete-lhe o Gentio outro partido,
Temendo de seu Rei castigo ou pena,
Se sabe esta malícia, a qual *asinha*
Saberá, se mais tempo ali o detinha.

- 92 Diz-lhe que mande vir toda a fazenda
Vendibil que trazia, *pera* terra,
Pera que, devagar, se troque e venda;
 Que, quem não quer comércio, busca guerra.
 Posto que os maus propósitos entenda
 O Gama, que o danado peito encerra,
 Consente, porque sabe por verdade
 Que compra *co* a fazenda a liberdade.
- 93 Concertam-se que o Negro mande dar
 Embarcações idóneas com que venha;
 Que os seus batéis não quer aventurar
 Onde lhos tome o *immigo*, ou lhos detenha.
 Partem as almadias a buscar
 Mercadoria Hispana que convenha.
 Escreve a seu irmão, que lhe mandasse
 A fazenda com que se resgatasse.
- 94 Vem a fazenda a terra, aonde logo
 A agasalhou o infame Catual;
 Co ela ficam Álvaro e Diogo,
 Que a pudessem vender pelo que *val*.
 Se mais que obrigação, que mando e rogo,
 No peito vil o prêmio pode igual,
 Bem o mostra o Gentio a quem o entenda,
 Pois o Gama soltou pela fazenda.
- 95 Por ela o solta, crendo que ali tinha
 Penhor bastante donde recebesse
 Interesse maior do que lhe vinha,
 Se o Capitão mais tempo detivesse.
 Ele vendo que já lhe não convinha
 Tornar a terra, *por* que não pudesse
 Ser mais retido, sendo às naus chegado,
 Nelas estar se deixa descansado.

- 96 Nas naus estar se deixa, vagaroso,
 Até ver o que o tempo lhe descobre;
 Que não se fia já do cobiçoso
 Regedor, corrompido e pouco nobre.
 Veja agora o juízo curioso
 Quanto no rico, *assi* como no pobre,
 Pode o vil interesse e sede *immiga*
 Do dinheiro, que a tudo nos obriga.
- 97 A Polidoro mata o Rei Treício,
 Só *por* ficar senhor do grão tesouro;
 Entra, pelo fortíssimo edifício,
 Com a filha de *Acriso* a chuva de ouro;
 Pode tanta em Tarpeia avaro vício,
 Que, a troco do metal luzente e louro,
 Entrega aos inimigos a alta torre,
 Do qual quase afogada em pago morre.
- 98 Este rende munidas fortalezas;
 Faz *tredores* e falsos os amigos;
 Este a mais nobres faz fazer vilezas,
 E entrega Capitães aos inimigos;
 Este corrompe virginais purezas,
 Sem temer de honra ou fama alguns perigos;
 Este deprava às vezes as ciências,
 Os juízos cegando e as consciências;
- 99 Este interpreta mais que *sutilmente*
 Os textos; este faz e desfaz leis;
 Este causa os perjúrios entre a gente
 E mil vezes tiranos torna os Reis.
 Até os que só a Deus onnipotente
 Se dedicam, mil vezes ouvireis
 Que corrompe este encantador, e ilude;
 Mas não sem cor, contudo, de virtude.



CANTO NONO

- 1 Tiveram longamente na cidade,
Sem vender-se, a fazenda os *dous* feitores,
Que os Infiéis, por manha e falsidade,
Fazem que não *lha* comprem mercadores;
Que todo seu propósito e vontade
Era deter ali os descobridores
Da Índia tanto tempo, que viessem
De Meca as naus, que as suas desfizessem.
- 2 Lá no seio Eritreu, onde fundada
Arsínoe foi do Egípcio Ptolomeu
(Do nome da irmã sua *assi* chamada,
Que *despois* em Suez se converteu),
Não longe, o porto jaz da nomeada
Cidade Meca, que se engrandeceu
Com a superstição falsa e profana
Da religiosa água Maometana.
- 3 *Gidá* se chama o porto, aonde o trato
De todo o Roxo Mar mais *floreceia*,
De que tinha proveito grande e grato
O *Soldão* que esse Reino possuía.
Daqui aos Malabares, por contrato
Dos Infiéis, *fermosa* companhia
De grandes naus, pelo Índico Oceano,
Especiaria vem buscar cada ano.

- 4 { Por estas naus os Mouros esperavam,
 Que, como fossem grandes e possantes,
 Aquelas que o comércio *lhe* tomavam
 Com flamas abrasassem crepitantes.
 Neste socorro tanto confiavam,
 Que já não querem mais dos navegantes
 Senão que tanto tempo ali tardassem,
 Que da famosa Meca as naus chegassem.
- 5 Mas o Governador dos Céus e gentes,
 Que, *pera* quanto tem determinado,
 De longe os meios dá convenientes
 Por onde vem a efeito o fim fadado,
 Influiu *piadosos* acidentes
 De afeição em Monçaide, que guardado
 Estava *pera* dar ao Gama aviso,
 E merecer por isso o Paraíso.
- 6 Este, de quem se os Mouros não guardavam,
 Por ser Mouro como eles, antes era
 Participante em quanto maquinavam,
 A tenção *lhe* descobre torpe e fera.
 Muitas vezes as naus que longe estavam
 Visita, e com piedade considera
 O dano sem razão que se *lhe* ordena
 Pela maligna gente Sarracena.
- 7 Informa o cauto Gama das armadas
 Que da Arábica Meca *vem* cada ano,
 Que agora são dos seus tão desejadas,
Pera ser instrumento deste dano.
 Diz-lhe que *vem* de gente carregadas
 E dos trovões horrendos de Vulcano,
 E que pode ser delas oprimido,
 Segundo estava mal apercebido.

- 8 { O Gama, que também considerava
 O tempo que *pera* a partida o chama,
 E que despacho já não esperava
Milhor do Rei, que os Maometanos ama,
 Aos feitores que em terra estão, mandava
 Que se tornem às naus; e, *por* que a fama
 Desta súbita vinda os não *impida*,
Lhe manda que a fizessem escondida.
- 9 Porém não tardou muito que, voando,
 Um rumor não soasse, com verdade:
 Que foram presos os feitores, quando
 Foram sentidos vir-se da cidade.
 Esta fama as orelhas penetrando
 Do sábio Capitão, com brevidade
 Faz *represaria* nuns que às naus vieram
 A vender pedraria que trouxeram.
- 10 Eram, estes, antigos mercadores,
 Ricos em *Calecu* e conhecidos.
 Da falta deles, logo entre os *milhores*
 Sentido foi que estão no mar retidos.
 Mas já nas naus os bons trabalhadores
 Volvem o cabrestante, e, repartidos
 Pelo trabalho, uns puxam pela amarra,
 Outros quebram *co* peito duro a barra,
- 11 Outros pendem da verga e já desatam
 A vela, que com grita se soltava,
 Quando, com maior grita, ao Rei relatam
 A pressa com que a armada se levava.
 As mulheres e filhos, que se matam,
 Daqueles que vão presos, onde estava
 O Samorim se *aqueixam* que perdidos
 Uns *tem* os pais, as outras os maridos.

12 Manda logo os feitores Lusitanos
Com toda sua fazenda, livremente,
Apesar dos *immigos* Maometanos,
Por que lhe torne a sua presa gente.
Desculpas manda o Rei de seus enganos;
Recebe o Capitão de melhor mente
Os presos que as desculpas e, tornando
Alguns negros, se parte, as velas dando.

13 } Parte-se costa *abaxo*, porque entende
Que em vão *co* Rei gentio trabalhava
Em querer dele paz, a qual pretende
Por firmar o comércio que tratava.
Mas, como aquela terra, que se estende
Pela Aurora, sabida já deixava,
Com estas novas torna à pátria cara,
Certos sinais levando do que achara.

14 } Leva alguns Malabares, que tomou
Per força, dos que o Samorim mandara
Quando os presos feitores lhe tornou;
Leva pimenta ardente, que comprara;
A seca flor de Banda não ficou;
A noz e o negro cravo, que faz clara
A nova ilha Maluco, *co* a canela
Com que Ceilão é rica, ilustre e bela.

15 } Isto tudo lhe houvera a diligência
De Monçaide fiel, que também leva,
Que, inspirado de Angélica influência,
Quer no livro de Cristo que se escreva.
Oh! Ditoso Africano, que a clemência
Divina *assi* tirou de escura treva,
E tão longe da pátria achou maneira
Pera subir à Pátria verdadeira!

16 Apartadas *assi* da ardente costa
As venturosas naus, levando a proa
Pera onde a Natureza tinha posta
A meta Austrina da Esperança Boa,
Levando alegres novas e *reposta*
Da parte Oriental *pera* Lisboa,
Outra vez cometendo os duros medos
Do mar incerto, tímidos e ledos.

17 O prazer de chegar à pátria cara,
A seus penates caros e parentes,
Pera contar a peregrina e rara
Navegação, os vários céus e gentes,
Vir a lograr o prêmio que ganhara,
Por tão longos trabalhos e acidentes,
Cada um tem por gosto tão perfeito,
Que o coração para ele é vaso estreito.

18 Porém a Deusa Cípria, que ordenada
Era, *pera* favor dos Lusitanos,
Do Padre Eterno, e por bom gênio dada,
Que sempre os guia já de longos anos,
A glória por trabalhos alcançada,
Satisfação de bem sofridos danos,
Lhe andava já ordenando, e pretendia
Dar-lhe, nos mares tristes, alegria.

19 Depois de ter um pouco revolido
Na mente o largo mar que navegaram,
Os trabalhos que pelo Deus nascido
Nas Anfiônias Tebas se causaram,
Já trazia de longe no sentido,
Pera prêmio de quanto mal passaram,
Buscar-lhe algum deleite, algum descanso,
No Reino de cristal, líquido e manso;

- 20 Algun repouso, enfim, com que pudesse
 Refocilar a lassa humanidade
 Dos navegantes seus, como interesse
 Do trabalho que encurta a breve idade.
 Parece-lhe razão que conta desse
 A seu filho, por cuja potestade
 Os Deuses faz *decer* ao vil terreno
 E os humanos subir ao Céu sereno.
- 21 Isto bem revolvido, determina
 De ter-lhe aparelhada, lá no meio
 Das águas, *algũa* insula divina,
 Ornada de esmaltado e verde arreio;
 Que muitas tem no reino que confina
 Da [mãe] primeira *co* terreno seio,
 Afora as que *possuê* soberanas
 Pera dentro das portas Herculanias.
- 22 Ali quer que as aquáticas donzelas
 Esperem os fortíssimos *barões*
 (Todas as que *tem* título de belas,
 Glória dos olhos, dor dos corações),
 Com danças e coreias, porque nelas
 Influirá secretas afeições,
 Pera com mais vontade trabalharem
 De contentar a quem se afeiçoarem.
- 23 Tal manha buscou já, *pera* que aquele
 Que de Anquises pariu, bem recebido
 Fosse no campo que a bovina pele
 Tomou de espaço, por *sutil* partido.
 Seu filho vai buscar, porque só nele
 Tem todo seu poder, fero Cupido,
 Que, *assi* como naquela empresa antiga
 A ajudou já, nestoutra a ajude e siga.

- 24 No carro ajunta as aves que na vida
 Vão da morte as exéquias celebrando,
 E aquelas em que já foi convertida
 Perístera, as boninas apanhando.
 Em derredor da Deusa, já partida,
 No ar lascivos beijos se vão dando.
 Ela, por onde passa, o ar e o vento
 Serenos faz, com brandos movimento.
- 25 Já sobre os Idálios montes pende,
 Onde o filho frecheiro estava então,
 Ajuntando outros muitos, que pretende
 Fazer *hũa* famosa expedição
 Contra o mundo *revelde*, por que emende
 Erros grandes que há dias nele estão,
 Amendo cousas que nos foram dadas
 Não *pera* ser amadas, mas usadas.
- 26 Via Actéon na caça tão austero,
 De cego na alegria bruta, insana,
 Que, por seguir um feio animal fero,
 Foge da gente e bela forma humana;
 E por castigo quer, doce e severo,
 Mostrar-lhe a *fermosura* de Diana.
 (E guarde-se não seja *inda* comido
 Desses cães que agora ama, e consumido).
- 27 E vê do mundo todo os principais
 Que nenhum no bem *pubrico* imagina;
 Vê neles que não *tem* amor a mais
 Que a si sòmente, e a quem Filáucia *insina*;
 Vê que esses que frequentam os reais
 Paços, por verdadeira e sã *doctrina*
 Vendem adulação, que mal consente
 Mondar-se o novo trigo *florecente*.

- 28 Vê que aqueles que devem à pobreza
Amor divino, e ao povo, caridade,
Amam sòmente mandos e riqueza,
Simulando justiça e integridade.
Da feia tirania e de aspereza
Fazem direito e vã severidade.
Leis em favor do Rei se estabelecem;
As em favor do povo só perecem.
- 29 Vê, enfim, que ninguém ama o que deve,
Senão o que sòmente mal deseja.
Não quer que tanto tempo se releve
O castigo que duro e justo seja.
Seus ministros ajunta, *por* que leve
Exércitos conformes à peleja
Que espera ter *co* a mal regida gente
Que lhe não for agora obediente.
- 30 Muitos destes *mininhos* voadores
Estão em várias obras trabalhando:
Uns amolando ferros passadores,
Outros hástias de setas *delgaçando*.
Trabalhando, cantando estão de amores,
Vários casos em verso modulando;
Melodia sonora e concertada,
Suave a letra, angélica a soada.
- 31 Nas frágoas imortais, onde forjavam
Pera as setas as pontas penetrantes,
Por lenha corações ardendo estavam,
Vivas entranhas *inda* palpitantes.
As águas, onde os ferros temperavam,
Lágrimas são de míseros amantes;
A viva flama, o nunca morto lume,
Desejo é só que queima e não *consume*.

- 32 Alguns exercitando a mão andavam
Nos duros corações da plebe *ruda*;
Crebros suspiros pelo ar soavam
Dos que feridos vão da seta aguda.
Fermosas Ninfas são as que curavam
As chagas recebidas, cuja ajuda
Não sòmente dá vida aos mal feridos,
Mas põe em vida os *inda* não nascidos.
- 33 *Fermosas* são *algũas* e outras feias,
Segundo a qualidade for das chagas,
Que o veneno espalhado pelas veias
Curam-no às vezes ásperas triagas.
Alguns ficam ligados em cadeias
Por palavras *sutis* de sábias magas.
Isto acontece às vezes, quando as setas
Acertam de levar ervas secretas.
- 34 Destes tiros *assi* desordenados,
Que estes moços mal destros vão tirando,
Nascem amores mil desconcertados
Entre o povo ferido miserando;
E também nos heróis de altos estados
Exemplos mil se *vem* de amor nefando,
Qual o das moças Bíbli e Cinireia,
Um mancebo de Assíria, um de Judeia.
- 35 E vós, ó poderosos, por pastoras
Muitas vezes ferido o peito vedes;
E por baixos e *rudos*, vós, senhoras,
Também vos tomam nas Vulcâneas redes.
Uns esperando andais nocturnas horas,
Outros subis telhados e paredes;
Mas eu creio que deste amor *indino*
É mais culpa a da mãe que a do *minino*.

- 36 Mas já no verde prado o carro leve
 Punham os brancos cisnes mansamente;
 E Dione, que as rosas entre a neve
 No rosto traz, *decia* diligente.
 O frecheiro, que contra o Céu se atreve
 A recebê-lo vem, ledó e contente;
 Vem todos os Cupidos servidores
 Beijar a mão à Deusa dos amores.
- 37 Ela, *por* que não gaste o tempo em vão,
 Nos braços tendo o filho, confiada
 Lhe diz: «Amado filho, em cuja mão
 Toda minha potência está fundada;
 Filho, em quem minhas forças sempre estão,
 Tu, que as armas Tifeias tens em nada,
 A socorrer-me a tua potestade
 Me traz especial necessidade.
- 38 Bem vês as Lusitânicas fadigas,
 Que eu já de muito longe favoreço,
 Porque das Parcas sei, minhas amigas,
 Que me hão-de venerar e ter em preço;
 E, porque tanto imitam as antigas
 Obras de meus Romanos, me ofereço
 A *lhe* dar tanta ajuda, em quanto posso,
 A quanto se estender o poder nosso.
- 39 E, porque das insídias do odioso
 Baco foram na Índia molestados,
 E das injúrias *sós* do mar undoso
 Puderam mais ser mortos que cansados,
 No mesmo mar, que sempre temeroso
Lhe foi, quero que sejam repousados,
 Tomando aquele prémio e doce glória
 Do trabalho que faz clara a memória.

- 40 E *pera* isso queria que, feridas
 As filhas de Nereu no ponto fundo,
 De amor dos Lusitanos *encendidas*,
 Que *vem* de descobrir o novo mundo,
 Todas *nũa* ilha juntas e subidas,
 Ilha que nas entranhas do profundo
 Oceano terei aparelhada,
 De *dões* de Flora e Zéfiro adornada;
- 41 Ali, com mil refrescos e manjares,
 Com vinhos odoríferos e rosas,
 Em cristalinos paços singulares,
Fermosos leitões, e elas mais *fermosas*;
 Enfim, com mil deleites não vulgares,
 Os esperem as Ninfas amorosas,
 De amor feridas, *pera* *lhe* entregarem
 Quanto delas os olhos cobiçarem.
- 42 Quero que haja no reino Neptunino
 Onde eu nasci, progénie forte e bela,
 E tome exemplo o mundo vil, *malino*,
 Que contra tua potência se *revela*,
Por que entendam que muro adamantino
 Nem triste *hypocresia* *val* contra ela.
 Mal haverá na terra quem se guarde,
 Se teu fogo imortal nas águas arde.»
- 43 Assi Vénus propôs; e o filho *inico*,
Pera *lhe* obedecer, já se apercebe:
 Manda trazer o arco ebúrneo rico,
 Onde as setas de ponta de ouro embebe.
 Com gesto ledó a Cípria, e impudico,
 Dentro no carro o filho seu recebe;
 A rédea larga às aves cujo canto
 A Faetonteia morte chorou tanto.

- 44 Mas diz Cupido que era necessária
Hũa famosa e célebre terceira,
 Que, posto que mil vezes lhe é contrária,
 Outras muitas a tem por companheira:
 A Deusa Giganteia, temerária,
 Jactante, mentirosa e verdadeira,
 Que com cem olhos vê, e, por onde voa,
 O que vê, com mil bocas apregoa.
- 45 Vão-na buscar e mandam-na diante,
 Que celebrando vá, com tuba clara,
 Os louvores da gente navegante,
 Mais do que nunca os de outrem celebrara.
 Já, murmurando, a Fama penetrante
 Pelas fundas cavernas se espalhara;
 Fala verdade, havida por verdade,
 Que junto a Deusa traz Credulidade.
- 46 O louvor grande, o rumor excelente,
 No coração dos Deuses, que *indinados*
 Foram por Baco contra a ilustre gente,
 Mudando, os fez um pouco afeiçoados.
 O peito feminil, que levemente
 Muda quaisquer propósitos tomados,
 Já julga por mau zelo e por crueza
 Desejar mal a tanta fortaleza.
- 47 Despede nisto o fero moço as setas,
Hũa após outra: geme o mar *cos* tiros;
Dereitas pelas ondas inquietas
Algũas vão, e *algũas* fazem giros;
 Caem as Ninfas, lançam das secretas
 Entranhas ardentíssimos suspiros;
Caĩ qualquer, sem ver o vulto que ama,
 Que tanto como a vista pode a fama.

- 48 Os cornos ajuntou da ebúrnea *lũa*,
 Com força, o moço indómito, excessiva,
 Que *Tethys* quer ferir mais que *nenhũa*,
 Porque mais que *nenhũa* lhe era esquiva.
 Já não fica na aljava seta *algũa*,
 Nem nos equóreos campos Ninfa viva;
 E se, feridas, *inda* estão vivendo,
 Será *pera* sentir que vão morrendo.
- 49 Dai lugar, altas e cerúleas ondas,
 Que, vedes, Vénus traz a medicina,
 Mostrando as brancas velas e redondas,
 Que *vem* por cima da água Neptunina.
Pera que tu recíproco respondas,
 Ardente Amor, à flama feminina,
 É forçado que a pudicícia honesta
 Faça quanto lhe Vénus *amoesta*.
- 50 Já todo o belo coro se aparelha
 Das Nereidas, e junto caminhava
 Em coreias gentis, usança velha,
Pera a ilha a que Vénus as guiava.
 Ali a *fermosa* Deusa *lhe* aconselha
 O que ela fez mil vezes, quando amava.
 Elas, que vão do doce amor vencidas,
 Estão a seu conselho oferecidas.
- 51 Cortando vão as naus a larga via
 Do mar ingente *pera* a pátria amada,
 Desejando prover-se de água fria
Pera a grande viagem prolongada,
 Quando, juntas, com súbita alegria,
 Houveram vista da Ilha namorada,
 Rompendo pelo céu a mãe *fermosa*
 De Menónio, suave e deleitosa.

- 52 De longe a Ilha viram, fresca e bela,
Que Vénus pelas ondas *lha* levava
(Bem como o vento leva branca vela)
Pera onde a forte armada se enxergava;
Que, *por* que não passassem, sem que nela
Tomassem porto, como desejava,
Pera onde as naus navegam, a movia
A Acidália, que tudo, enfim, podia.
- 53 Mas firme a fez e *imobil*, como viu
Que era dos Nautas vista e demandada,
Qual ficou Delos, tanto que pariu
Latona Febo e a Deusa à caça usada.
Pera lá logo a proa o mar abriu,
Onde a costa fazia *hũa* enseada
Curva e quieta, cuja branca areia
Pintou de ruivas conchas Citereia.
- 54 Três *fermosos* outeiros se mostravam,
Erguidos com soberba graciosa,
Que de gramíneo esmalte se adornavam,
Na *fermosa* Ilha, alegre e deleitosa.
Claras fontes e límpidas manavam
Do cume, que a verdura *tem* viçosa;
Por entre pedras alvas se deriva
A sonora linfa fugitiva.
- 55 Num vale ameno, que os outeiros fende,
Vinham as claras águas ajuntar-se,
Onde *hũa* mesa fazem, que se estende
Tão bela quanto pode imaginar-se.
Arvoredo gentil sobre ela pende,
Como que pronto está *pera* afeitar-se,
Vendo-se no cristal resplandecente,
Que em si o está pintando pròpriamente.

- 56 Mil árvores estão ao céu subindo,
Com pomos odoríferos e belos;
A laranjeira tem no *fruto* lindo
A cor que tinha Dafne nos cabelos.
Encosta-se no chão, que está caindo,
A cidreira *cos* pesos amarelos;
Os *fermosos* limões ali, cheirando,
Estão virgíneas tetas imitando.
- 57 As árvores agrestes, que os outeiros
Tem com frondente coma enobrecidos,
Alemos são de Alcides, e os loureiros
Do louro Deus amados e queridos;
Mirtos de Citereia, *cos* pinheiros
De *Cibele*, por outro amor vencidos;
Está apontando o agudo cipariso
Pera onde é posto o etéreo Paraíso.
- 58 Os *dões* que dá Pamona ali Natura
Produze, diferentes nos sabores,
Sem ter necessidade de cultura,
Que sem ela se dão muito *milhores*:
As *cereijas*, purpúreas na pintura,
As amoras, que o nome *tem* de amores,
O pomo que da pátria Pérsia veio,
Milhor tornado no terreno alheio.
- 59 Abre a romã, mostrando a rubicunda
Cor, com que tu, rubi, teu preço perdes;
Entre os braços do ulmeiro está a jucunda
Vide, *cũs* cachos roxos e outros verdes;
E vós, se na vossa árvore fecunda,
Peras piramidais, viver quiserdes,
Entregai-vos ao dano que *cos* bicos
Em vós fazem os pássaros *inicos*.

- 60 Pois a tapeçaria bela e fina
Com que se cobre o rústico terreno,
Faz ser a de Aqueménia menos *dina*,
Mas o sombrio vale mais ameno.
Ali a cabeça a flor Cifísia inclina
Sobolo tanque lúcido e sereno;
Florece o filho e neto de *Cinyras*,
Por quem tu, Deusa Páfia, *inda* suspiras.
- 61 *Pera* julgar, difícil cousa fora,
No céu vendo e na terra as mesmas cores,
Se dava às flores cor a bela Aurora,
Ou se lha dão a ela as belas flores.
Pintando estava ali Zéfiro e Flora
As violas da cor dos amadores,
O lírio roxo, a fresca rosa bela,
Qual *reluze* nas faces da donzela;
- 62 A cândida cecém, das matutinas
Lágrimas rociada, e a *manjarona*;
Vem-se as letras nas flores Hiacintinas,
Tão queridas do filho de Latona;
Bem se enxerga nos pomos e boninas
Que competia Clóris com Pomona.
Pois, se as aves no ar cantando voam
Alegres animais o chão povoam.
- 63 A longo da água o nívoo cisne canta,
Responde-lhe do ramo Filomela;
Da sombra de seus cornos não se espanta
Actéon, na água cristalina e bela;
Aqui a *fugace* lebre se levanta
Da espessa mata, ou tímida gazela;
Ali no bico traz ao caro ninho
O mantimento ò leve passarinho.

- 64 Nesta frescura tal desembarcavam
Já das naus os segundos Argonautas,
Onde pela floresta se deixavam
Andar as belas Deusas, como incautas.
Algũas, doces cítaras tocavam,
Algũas, harpas e sonoras *frautas*;
Outras, *cos* arcos de ouro, se fingiam
Seguir os animais que não seguiam.
- 65 *Assi lho* aconselhara a mestra experta:
Que andassem pelos campos espalhadas;
Que, vista dos *barões* a presa incerta,
Se fizessem primeiro desejadas.
Algũas, que na forma descoberta
Do belo corpo estavam confiadas,
Posta a artificiosa *fermosura*,
Nuas lavar se deixam na água pura.
- 66 Mas os fortes mancebos, que na praia
Punham os pés, de terra cobiçosos
(Que não há nenhum deles que não saia),
De acharem caça agreste desejosos,
Não cuidam que, sem laço ou redes, caia
Caça naqueles montes deleitosos,
Tão suave, doméstica e *benina*,
Qual ferida *lha* tinha já Ericina.
- 67 Alguns, que em espingardas e nas bestas,
Pera ferir os cervos, se fiavam,
Pelos sombrios matos e florestas
Determinadamente se lançavam;
Outros, nas sombras que de as altas sestas
Defendem a verdura, passeavam
Ao longo da água, que, suave e queda,
Por alvas pedras corre à praia leda.

- 68 Começam de enxergar sùbitamente,
 Por entre verdes ramos, várias cores,
 Cores de quem a vista julga e sente
 Que não eram das rosas ou das flores,
 Mas da lã fina e seda diferente,
 Que mais incita a força dos amores,
 De que se vestem as humanas rosas,
 Fazendo-se por arte mais *fermosas*.
- 69 Dá Veloso, espantado, um grande grito:
 «Senhores, caça estranha (disse) é esta!
 Se *inda* dura o Gentio antigo rito,
 A Deusas é sagrada esta floresta.
 Mais descobrimos do que humano *espírito*
 Desejou nunca, e bem se manifesta
 Que são grandes as cousas e excelentes
 Que o mundo encobre aos homens imprudentes.
- 70 Sigamos estas Deusas, e vejamos
 Se fantásticas são, se verdadeiras.»
 Isto dito, *veloces* mais que gamos,
 Se lançam a correr pelas ribeiras.
 Fugindo as Ninfas vão por entre os ramos,
 Mas, mais industriosas que ligeiras,
 Pouco e pouco, sorrindo, e gritos dando,
 Se deixam ir dos galgos alcançando.
- 71 De *hũa* os cabelos de ouro o vento leva,
 Correndo, e de outra as fraldas delicadas;
 Acende-se o desejo, que se ceva
 Nas alvas carnes, súbito mostradas.
Hũa de indústria cai, e já relewa,
 Com mostras mais macias que *indinadas*,
 Que sobre ela, empecendo, também caia
 Quem a seguiu pela arenosa praia.

- 72 Outros, por outra parte, vão topar
 Com as Deusas despidas, que se lavam;
 Elas começam súbito a gritar,
 Como que assalto tal não esperavam.
Hũas, fingindo menos estimar
 A vergonha que a força, se lançavam
 Nuas por entre o mato, aos olhos dando
 O que às mãos cobiçosas vão negando.
- 73 Outra, como acudindo mais depressa
 À vergonha da Deusa caçadora,
 Esconde o corpo na água; outra se apressa
 Por tomar os vestidos que tem fora.
 Tal dos mancebos há que se arremessa,
 Vestido *assi* e calçado (que, *co* a mora
 De se despir, há medo que *inda* tarde)
 A matar na água o fogo que nele arde.
- 74 Qual cão de caçador sagaz e ardido,
 Usado a tomar na água a ave ferida,
 Vendo ò rosto o férreo cano erguido
Pera a garcena ou pata conhecida,
 Antes que soe o estouro, mal sofrido
 Salta n'água e da presa não duvida,
 Nadando vai e latindo: *assi* o mancebo
 Remete à que não era irmã de Febo.
- 75 *Lionardo*, soldado bem *desposto*,
 Manhoso, cavaleiro e namorado,
 A quem Amor não dera um só desgosto,
 Mas sempre fora dele mal tratado,
 E tinha já por firme *prosuposto*
 Ser com amores mal afortunado,
 Porém não que perdesse a esperança
 De *inda* poder seu Fado ter mudança,

- 76 Quis aqui sua ventura que corria
Após *Efire*, exemplo de beleza,
Que mais caro que as outras dar queria
O que deu, *pera* dar-se, a Natureza.
Já cansado, correndo, lhe dizia:
«Ó *fermosura* indigna de aspereza,
Pois desta vida te concedo a palma,
Espera um corpo de quem levas a alma!
- 77 Todas de correr cansam, Ninfa pura,
Rendendo-se à vontade do inimigo;
Tu só de *mi* só foges na espessura?
Quem te disse que eu era o que te sigo?
Se to tem dito já aquela ventura
Que em toda a parte sempre anda comigo,
Oh! não na creias, porque eu, quando a cria,
Mil vezes cada hora me mentia.
- 78 Não canses, que me cansas; e, se queres
Fugir-me, *por* que não possa tocar-te,
Minha ventura é tal, que, *inda* que esperes,
Ela fará que não possa alcançar-te.
Espera; quero ver, se tu quiseres,
Que *sutil* modo busca de escapar-te;
E notarás, no fim deste sucesso,
Tra la spica e la man qual muro he messo.
- 79 Oh! Não me fujas! Assi nunca o breve
Tempo fuja de tua *fermosura*;
Que, só com refrear o passo leve,
Vencerás da Fortuna a força dura.
Que *Emperador*, que exército, se atreve
A quebrantar a fúria da ventura
Que, em quanto desejei, me vai seguindo,
O que tu só farás não me fugindo?

- 80 Pões-te da parte da desdita minha?
Fraqueza é dar ajuda ao mais potente.
Levas-me um coração que livre tinha?
Solta-mo, e correrás mais levemente.
Não te carrega essa alma tão mesquinha
Que nesses fios de ouro reluzente
Atada levas? Ou, *despois* de presa,
Lhe mudaste a ventura, e menos pesa?
- 81 Nesta esperança só te vou seguindo:
Que ou tu não sofrerás o peso dela,
Ou, na virtude de teu gesto lindo,
Lhe mudarás a triste e dura estrela.
E, se se lhe mudar, não *vas* fugindo,
Que Amor te ferirá, gentil donzela,
E tu me esperarás, se Amor te fere;
E, se me esperas, não há mais que espere.»
- 82 Já não fugia a bela Ninfa, tanto
Por se dar cara ao triste que a seguia,
Como *por* ir ouvindo o doce canto,
As namoradas mágoas que dizia.
Volvendo o rosto, já sereno e santo,
Toda banhada em riso e alegria,
Cair se deixa aos pés do vencedor,
Que todo se desfaz em puro amor.
- 83 Oh! Que famintos beijos na floresta,
E que mimoso choro que soava!
Que afagos tão suaves, que ira honesta,
Que em risinhos alegres se tornava!
O que mais passam na manhã e na sesta,
Que Vénus com prazeres inflamava,
Milhor é exprimentá-lo que julgá-lo;
Mas julgue-o quem não pode *exprimentá-lo*.

84 Destarte, enfim, conformes já as *fermosas*
Ninfas *cos* seus amados navegantes,
Os ornem de capelas deleitosas
De louro e de ouro e flores abundantes.
As mãos alvas *lhe* davam como esposas;
Com palavras formais e estipulantes
Se prometem eterna companhia,
Em vida e morte, de honra e alegria.

85 *Hũa* delas, maior, a quem se humilha
Todo o coro das Ninfas e obedece,
Que dizem ser de Celo e Vesta filha,
O que no gesto belo se parece,
Enchendo a terra e o mar de maravilha,
O Capitão ilustre, que o merece,
Recebe ali com pompa honesta e régia,
Mostrando-se senhora grande e egrégia.

86 Que, *despois* de *lhe* ter dito quem era,
Cum alto exórdio, de alta graça ornado,
Dando-lhe a entender que ali viera
Por alta influência do *imobil* Fado,
Pera *lhe* descobrir da unida Esfera
Da terra imensa e mar não navegado
Os segredos, por alta profecia,
O que esta sua nação só merecia,

87 Tomando-o pela mão, o leva e guia
Pera o cume dum monte alto e divino,
No qual *hũa* rica fábrica se erguia,
De cristal toda e de ouro puro e fino.
A maior parte aqui passam do dia,
Em doces jogos e em prazer *contino*.
Ela nos paços logra seus amores,
As outras pelas sombras, entre as flores.

88 *Assi* a *fermosa* e a forte companhia
O dia quase todo estão passando
Nũa alma, doce, incógnita alegria,
Os trabalhos tão longos compensando;
Porque dos feitos grandes, da ousadia
Forte e famosa, o mundo está guardando
O prémio lá no fim, bem merecido,
Com fama grande e nome alto e subido.

89 Que as Ninfas do Oceano, tão *fermosas*,
Tethys e a Ilha angélica pintada,
Outra cousa não é que as deleitosas
Honras que a vida fazem sublimada.
Aquelas *preminencias* gloriosas,
Os triunfos, a fronte coroada
De palma e louro, a glória e maravilha:
Estes são os deleites desta Ilha.

90 Que as imortalidades que fingia
A antiguidade, que os Ilustres ama,
Lá no estelante Olimpo, a quem subia
Sobre as asas ínclitas da Fama,
Por obras *valerosas* que fazia,
Pelo trabalho imenso que se chama
Caminho da virtude, alto e fragoso,
Mas, no fim, doce, alegre e deleitoso:

91 Não eram senão prémios que reparte,
Por feitos imortais e soberanos,
O mundo *cos* barões que esforço e arte
Divinos os fizeram, sendo humanos;
Que Júpiter, Mercúrio, Febo e Marte,
Eneias e Quirino e os *dous* Tebanos,
Ceres, Palas e Juno com Diana,
Todos foram de fraca carne humana.

- 92 Mas a Fama, trombeta de obras tais,
Lhe deu no mundo nomes tão estranhos
 De Deuses, Semideuses, Imortais,
 Indígetes, Heróicos e de Magnos.
 Por isso, ó vós que as famas estimais,
 Se quiserdes no mundo ser tamanhos,
 Despertai já do sono do ócio ignavo,
 Que o ânimo, de livre, faz escravo.
- 93 E ponde na cobiça um freio duro,
 E na ambição também, que indignamente
 Tomais mil vezes, e no torpe e escuro
 Vício da tirania infame e urgente;
 Porque essas honras vãs, esse ouro puro,
 Verdadeiro valor não dão à gente.
Milhor é merecê-los sem os ter,
 Que possuí-los sem os merecer.
- 94 Ou dai na paz as leis iguais, constantes,
 Que aos grandes não *dem* o dos pequenos,
 Ou vos vesti nas armas rutilantes,
 Contra a Lei dos *immigos* Sarracenos:
 Fareis os Reinos grandes e possantes,
 E todos tereis mais e nenhum menos:
 Possuireis riquezas merecidas,
 Com as honras que ilustram tanto as vidas.
- 95 E fareis claro o Rei que tanto amais,
 Agora *cos* conselhos bem cuidados,
 Agora *co* as espadas, que imortais
 Vos farão, como os vossos já passados.
 Impossibilidades não fazeis,
 Que quem quis, sempre pôde; e numerados
 Sereis entre os Heróis esclarecidos
 E nesta Ilha de Vénus recebidos.

CANTO DÉCIMO

- 1 Mas já o claro amador da Larisseia
 Adúltera inclinava os animais
 Lá *pera* o grande lago que rodeia
 Temistitão, nos fins Ocidentais.
 O grande ardor do Sol, Favónio enfreia
 Co sopro que, nos tanques naturais,
 Encrespa a água serena, e despertava
 Os lírios e jasmins, que a calma agrava,
- 2 Quando as *fermosas* Ninfas, *cos* amantes
 Pela mão, já conformes e contentes,
 Subiam *pera* os paços radiantes
 E de metais ornados reluzentes,
 Mandados da Rainha, que abundantes
 Mesas de altos manjares excelentes
Lhe tinha aparelhadas, que a fraqueza
 Restaurem da cansada natureza.
- 3 Ali, em cadeiras ricas, cristalinas,
 Se assentam *dous* e *dous*, amante e dama;
 Noutras, à cabeceira, de ouro finas,
 Está *co* a bela Deusa o claro Gama.
 De iguarias suaves e divinas,
 A quem não chega a Egípcia antiga fama,
 Se acumulam os pratos de fulvo ouro,
 Trazidos lá do Atlântico tesouro.

- 4 Os vinhos odoríferos, que acima
Estão não só do Itálico Falerno
Mas da ambrósia, que Jove tanto estima
Com todo o ajuntamento sempiterno,
Nos vasos, onde em vão trabalha a lima,
Crespas escumas erguem, que no interno
Coração movem súbita alegria,
Saltando *co* a mistura da água fria.
- 5 Mil práticas alegres se tocavam,
Risos doces, *sutis* e argutos ditos,
Que entre um e outro manjar se alevantavam,
Despertando os alegres *appetitos*;
Músicos instrumentos não faltavam
(Quais, no profundo Reino, os nus *espritos*
Fizeram descansar da eterna pena)
Cũa voz *dhũa* angélica Sirena.
- 6 Cantava a bela Ninfa, e *cos* acentos,
Que pelos altos paços vão soando,
Em consonância igual, os instrumentos
Suaves *vem* a um tempo conformando.
Um súbito silêncio enfreia os ventos,
E faz ir docemente murmurando
As águas, e, nas casas naturais,
Adormecer os brutos animais.
- 7 Com doce voz está subindo ao Céu
Altos *barões* que estão por vir ao mundo,
Cujas claras Ideias viu *Proteu*
Num globo vão, diáfano, rotundo,
Que Júpiter em dom lho concedeu
Em sonhos, e *despois* no Reino fundo,
Vaticinando, o disse, e na memória
Recolheu logo a Ninfa a clara história.

- 8 Matéria é de coturno, e não de soco,
A que a Ninfa aprendeu no imenso lago;
Qual Iopas não soube, ou *Demodoco*,
Entre os Feaces um, outro em Cartago.
Aqui, minha Calíope, te invoco
Neste trabalho extremo, *por* que em pago
Me tornes do que escrevo, e em vão pretendo,
O gosto de escrever, que vou perdendo.
- 9 } Vão os anos *decendo*, e já do Estio
Há pouco que passar até o Outono;
A Fortuna me faz o engenho frio,
Do qual já não me jacto nem me abono;
Os desgostos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento e eterno sono.
Mas tu me dá que cumpra, ó *grão* rainha
Das Musas, *co* que quero à nação minha.
- 10 } Cantava a bela Deusa que viriam
Do Tejo, pelo mar que o Gama abrira,
Armadas que as ribeiras venceriam
Por onde o Oceano Índico suspira;
E que os Gentios Reis que não dariam
A cerviz sua ao jugo, o ferro e ira
Provariam do braço duro e forte,
Até render-se a ele ou logo à morte.
- 11 } Cantava dum que tem nos Malabares
Do sumo sacerdócio a dignidade,
Que, só *por* não quebrar *cos* singulares
Barões os nós que dera de amizade,
Sofrerá suas cidades e lugares,
Com ferro, incêndios, ira e crueldade,
Ver destruir do Samorim potente,
Que tais ódios terá *co* a nova gente.

- 12 } E canta como lá se embarcaria
 Em Belém o remédio deste dano,
 Sem saber o que em si ao mar traria,
 O grão Pacheco, Aquiles Lusitano.
 O peso sentirão, quando entraria,
 O curvo lenho e o férvido Oceano,
 Quando mais na água os troncos, que gemerem,
 Contra sua natureza se meterem.
- 13 } Mas, já chegado aos fins Orientais
 E deixado em ajuda do gentio
 Rei de Cochim, com poucos naturais,
 Nos braços do salgado e curvo rio,
 Desbaratará os Naires infernais,
 No passo Cambalão, tornando frio
 De espanto o ardor imenso do Oriente,
 Que verá tanto obrar tão pouca gente.
- 14 Chamará o Samorim mais gente nova;
 Virão Reis de Bipur e de Tanor,
 Das serras de Narsinga, que alta prova
 Estarão prometendo a seu senhor;
 Fará que todo o Naire, enfim, se mova
 Que entre *Calecu* jaz e Cananor,
 De ambas as Leis *immigas* *pera* a guerra:
 Mouros por mar, Gentios *pola* terra.
- 15 E todos outra vez desbaratando,
 Por terra e mar, o grão Pacheco ousado,
 A grande multidão que irá matando
 A todo o Malabar terá admirado.
 Cometerá outra vez, não dilatando,
 O Gentio os combates, apressado,
 Injuriando os seus, fazendo votos
 Em vão aos Deuses vãos, surdos e imotos.

- 16 Já não defenderá sòmente os passos,
 Mas queimar-*lhe*-á lugares, templos, casas;
 Aceso de ira, o Cão, não vendo lassos
 Aqueles que as cidades fazem rasas,
 Fará que os seus, de vida pouco escassos,
 Cometam o Pacheco, que tem asas,
 Por *dous* passos num tempo; mas, voando
 Dum noutro, tudo irá desbaratando.
- 17 Virá ali o Samorim, *por* que em pessoa
 Veja a batalha, e os seus esforce e anime;
 Mas um tiro, que com zunido voa,
 De sangue o tingirá no andor sublime.
 Já não verá remédio ou manha boa
 Nem força, que o Pacheco muito estime;
 Inventará traições e vãos venenos,
 Mas sempre (o Céu querendo) fará menos.
- 18 Que tornará a vez sétima (cantava)
 Pelejar *co* invicto e forte Luso,
 A quem nenhum trabalho pesa e agrava,
 Mas, contudo, este só o fará confuso.
 Trará *pera* a batalha, horrenda e brava,
 Máquinas de madeiros fora de uso,
Pera *lhe* abalroar as caravelas,
 Que até *li* vão *lhe* fora cometê-las.
- 19 Pela água levará serras de fogo
Pera abrasar-*lhe* quanta armada tenha;
 Mas a militar arte e engenho logo
 Fará ser vã a braveza com que venha.
 «Nenhum claro *barão* no Márcio jogo,
 Que nas asas da Fama se sustenha,
 Chega a este, que a palma a todos toma,
 E perdoe-me a ilustre Grécia ou Roma.

- 20 Porque tantas batalhas, sustentadas
Com muito pouco mais de cem soldados,
Com tantas manhas e artes inventadas,
Tantos Cães, não imbeles, profligados,
Ou parecerão fábulas sonhadas,
Ou que os celestes Coros, invocados,
Decerão a ajudá-lo e lhe darão
Esforço, força, ardil e coração.
- 21 Aquele que nos campos Maratónios
O grão poder de *Dário estrue* e rende,
Ou quem, com quatro mil Lacedemónios,
O passo de Termópilas defende,
Nem o mancebo Cocles dos Ausónios,
Que com todo o poder Tusco contende
Em *defensa* da ponte, ou Quinto Fábio,
Foi como este na guerra forte e sábio.»
- 22 Mas neste passo a Ninfa, o som canoro
Abaxando, fez ronco e entristecido,
Cantando em *baxa* voz, envolta em choro,
O grande esforço mal *agardecido*.
«Ó Belisário (disse) que no coro
Das Musas serás sempre engrandecido,
Se em ti viste abatido o bravo Marte,
Aqui tens com quem podes consolar-te.
- 23 Aqui tens companheiro, *assi* nos feitos
Como no galardão injusto e duro;
Em ti e nele veremos altos peitos
A *baxo* estado vir, humilde e escuro.
Morrer nos hospitais, em pobres leitos,
Os que ao Rei e à Lei servem de muro!
Isto fazem os Reis cuja vontade
Manda mais que a justiça e que a verdade.

- 24 Isto fazem os Reis, quando embebidos
Nũa aparência branda que os contenta:
Dão os prémios, de *Aiace* merecidos,
À língua vã de Ulisses fraudulenta.
Mas vingo-me: que os bens mal repartidos
Por quem só doces sombras apresenta,
Se não os dão a sábios cavaleiros,
Dão-os logo a avarentos lisonjeiros.
- 25 Mas tu, de quem ficou tão mal pagado
Um tal vassalo, ó Rei, só nisto *inico*,
Se não és *pera* dar-lhe honroso estado,
É ele *pera* dar-te um Reino rico.
Enquanto for o mundo rodeado
Dos Apolíneos raios, eu te fico
Que ele seja entre a gente ilustre e claro,
E tu nisto culpado por avaro.»
- 26 «Mas eis outro (cantava) intitulado
Vem com nome Real, e traz consigo
O filho, que no mar será ilustrado,
Tanto como qualquer Romano antigo.
Ambos darão com braço forte, armado,
A Quíloa fértil, áspero castigo,
Fazendo nela Rei leal e humano,
Deitado fora o pérfido tirano.
- 27 Também farão Mombaça, que se arreia
De casas sumptuosas e edificios,
Co ferro e fogo seu queimada e feia,
Em pago dos passados malefícios.
Despois, na costa da Índia, andando cheia
De lenhos inimigos e *artefícios*
Contra os Lusos, com velas e com remos
O mancebo Lourenço fará extremos.

- 28 Das grandes naus do Samorim potente,
Que encherão todo o mar, *co* a férrea péla,
Que *saí* com trovão do cobre ardente,
Fará pedaços leme, *masto*, vela.
Despois, lançando arpéus ousadamente
Na capitaina *immiga*, dentro nela
Saltando, a fará, só com lança e espada,
De quatrocentos Mouros despejada.
- 29 Mas de Deus a escondida providência
(Que ela só sabe o bem de que se serve)
O porá onde esforço nem prudência
Poderá haver que a vida lhe reserve.
Em Chaul, onde em sangue e resistência
O mar todo com fogo e ferro ferve,
Lhe farão que com vida se não saia
As armadas de Egipto e de Cambaia.
- 30 Ali, o poder de muitos inimigos
(Que o grande esforço só com força rende),
Os ventos que faltaram, e os perigos
Do mar, que sobejaram, tudo o ofende.
Aqui ressurjam todos os Antigos,
A ver o nobre ardor que aqui se aprende:
Outro Ceva verão, que, espedaçado,
Não sabe ser rendido nem domado.
- 31 Com toda *hũa* coxa fora, que em pedaços
Lhe leva um cego tiro que passara,
Se serve *inda* dos animosos braços
E do grão coração que lhe ficara;
Até que outro pelouro quebra os laços
Com que *co* alma o corpo se liara:
Ela, solta, voou da prisão fora
Onde súbito se acha vencedora.

- 32 Vai-te, alma, em paz, da guerra turbulenta,
Na qual tu mereceste paz serena;
Que o corpo, que em pedaços se apresenta,
Quem o gerou, vingança já lhe ordena:
Que eu ouço retumbar a *grão* tormenta,
Que vem já dar a dura e eterna pena,
De esperas, basiliscos e trabucos,
A Cambaicos cruéis e Mamelucos.
- 33 Eis vem o pai, com ânimo estupendo,
Trazendo fúria e mágoa por antolhos,
Com que o paterno amor lhe está movendo
Fogo no coração, água nos olhos.
A nobre ira lhe vinha prometendo
Que o sangue fará dar pelos *giolhos*
Nas inimigas naus; senti-lo-á o Nilo,
Podê-lo-á o Indo ver e o *Gange* ouvi-lo.
- 34 Qual o touro cioso, que se ensaia
Pera a crua peleja, os cornos tenta
No tronco dum carvalho ou alta faia
E, o ar ferindo, as forças *exprimenta*:
Tal, antes que no seio de Cambaia
Entre Francisco irado, na opulenta
Cidade de Dabul, a espada afia,
Abaxando-lhe a tímida ousadia.
- 35 E logo, entrando fero na enseada
De Diu, ilustre em cercos e batalhas,
Fará espalhar a fraca e grande armada
De *Calecu*, que remos tem por malhas.
A de Melique Iaz, acautelada,
Cos pelouros que tu, Vulcano, espalhas,
Fará ir ver o frio e fundo assento,
Secreto leito do húmido elemento.

- 36 Mas a de Mir Hocém, que, abalroando,
A fúria esperará dos vingadores,
Verá braços e pernas ir nadando
Sem corpos, pelo mar, de seus senhores.
Raios de fogo irão representando,
No cego ardor, os bravos domadores.
Quanto ali sentirão olhos e ouvidos
É fumo, ferro, flamas e alaridos.
- 37 Mas ah! que desta próspera vitória,
Com que *despois* virá ao pátrio Tejo,
Quase lhe roubará a famosa glória
Um sucesso, que triste e negro vejo.
O Cabo Tormentório, que a memória
Cos ossos guardará, não terá pejo
De tirar deste mundo aquele *espírito*,
Que não tiraram toda a Índia e Egípto.
- 38 Ali, Cafres selvagens poderão
O que destros *immigos* não puderam;
E *rudos* paus tostados sós farão
O que arcos e pelouros não fizeram.
Ocultos os juízos de Deus são;
As gentes vãs, que não nos entenderam,
Chamam-*lhe* fado mau, fortuna escura,
Sendo só providência de Deus pura.»
- 39 «Mas oh! que luz tamanha que abrir sinto
(Dizia a Ninfa, e a voz alevantava)
Lá no mar de Melinde, em sangue tinto
Das cidades de Lamo, de Oja e Brava,
Pelo Cunha também, que nunca extinto
Será seu nome em todo o mar que lava
As ilhas do Austro, e praias que se chamam
De São Lourenço, e em todo o Sul se afamam!

- 40 Esta luz é do fogo e das luzentes
Armas, com que Albuquerque irá amansando
De Ormuz os Párseos, por seu mal valentes,
Que recusam o jugo honroso e brando.
Ali verão as setas estridentes
Reciprocár-se, a ponta no ar virando,
Contra quem as tirou, que Deus peleja
Por quem estende a Fé da Madre Igreja.
- 41 Ali do sal os montes não defendem
De corrupção os corpos no combate,
Que mortos pela praia e mar se estendem
De Gerum, de Mascate e Calaiate;
Até que a força só de braço aprendem
A *abaxar* a cerviz, onde se *lhe* ate
Obrigação de dar o reino *inico*
Das *perlas* de Barém tributo rico.
- 42 Que gloriosas palmas tecer vejo,
Com que Vitória a fronte lhe coroa,
Quando, sem sombra vã de medo ou pejo,
Toma a ilha ilustríssima de Goa!
Despois, obedecendo ao duro ensejo,
A deixa, e ocasião espera boa
Com que a torne a tomar, que esforço e arte
Vencerão a Fortuna e o próprio Marte.
- 43 Eis já sobre ela torna, e vai rompendo
Por muros, fogo, lanças e pelouros,
Abrindo com a espada o espesso e horrendo
Esquadrão de Gentios e de Mouros.
Iráo soldados ínclitos, fazendo
Mais que leões famélicos e touros,
Na luz que sempre celebrada e *dina*
Será da Egípcia santa *Caterina*.

- 44 Nem tu menos fugir poderás deste,
Posto que rica e posto que assentada
Lá no grémio da Aurora, onde *naceste*,
Opulenta Malaca nomeada.
As setas venenosas que fizeste,
Os crises com que já te vejo armada,
Maliaos namorados, Jaus valentes,
Todos farás ao Luso obedientes.»
- 45 Mais *estanças* cantara esta Sirena
Em louvor do ilustríssimo Albuquerque,
Mas alembrou-lhe *hũa* ira que o condena,
Posto que a fama sua o mundo cerque.
O grande Capitão que o Fado ordena
Que, com trabalhos, glória eterna merque,
Mais há-de ser um brando companheiro
Pera os seus, que juiz cruel e inteiro.
- 46 Mas em tempo que fomes e asperezas,
Doenças, frechas e trovões ardentes,
A sação e o lugar fazem cruezas
Nos soldados a tudo obedientes,
Parece de selváticas brutezas,
De peitos inumanos e insolentes,
Dar extremo suplício pela culpa
Que a fraca humanidade e Amor desculpa.
- 47 Não será a culpa abominoso incesto,
Nem violento estupro em virgem pura,
Nem menos adultério desonesto,
Mas *cũa* escrava vil, lasciva e escura.
Se o peito, ou de cioso, ou de modesto,
Ou de usado a crueza fera e dura,
Cos seus *hũa* ira insana não refreia,
Põe, na fama alva, *noda* negra e feia.

- 48 Viu Alexandre Apeles namorado
Da sua Campaspe, e deu-lha alegremente,
Não sendo seu soldado *exprimentado*,
Nem vendo-se num cerco duro e urgente.
Sentiu Ciro que andava já abrasado
Araspas, de Panteia, em fogo ardente,
Que ele tomara em guarda, e prometia
Que nenhum mau desejo o venceria;
- 49 Mas, vendo o ilustre Persa que vencido
Fora de Amor, que, enfim, não tem *defensa*,
Levemente o perdoa, e foi servido
Dele num caso grande, em recompensa.
Per força, de *Judita* foi marido
O férreo Balduino; mas dispensa
Carlos, pai dela, posto em cousas grandes,
Que viva e povoador seja de *Frandes*.
- 50 Mas, prosseguindo a Ninfa o longo canto,
De Soares cantava, que as bandeiras
Faria tremular e pôs espanto
Pelas roxas Arábicas ribeiras.
«Medina *abominabil* teme tanto,
Quanto Meca e *Gidá*, *co* as derradeiras
Praias de Abássia; Barborá se teme
Do mal de que o empório Zeila geme.
- 51 A nobre ilha também de *Taprobana*,
Já pelo nome antigo tão famosa,
Quanto agora soberba e soberana
Pela cortiça cálida, cheirosa
Dela dará tributo à Lusitana
Bandeira, quando, excelsa e gloriosa,
Vencendo, se erguerá na torre erguida,
Em Columbo, dos próprios tão temida.

52 Também Sequeira, as ondas Eritreias
Dividindo, abrirá novo caminho
Pera ti, grande Império, que te arreias
De seres de *Candace* e Sabá ninho.
Maçuá, com cisternas de água cheias,
Verá, e o porto Arquico, ali vizinho;
E fará descobrir remotas Ilhas,
Que dão ao mundo novas maravilhas.

53 Virá *despois* Meneses, cujo ferro
Mais na África, que cá, terá provado;
Castigará de Ormuz soberba o erro,
Com lhe fazer tributo dar dobrado.
Também tu, Gama, em pago do desterro
Em que estás e serás *inda* tornado,
Cos títulos de Conde e de honras nobres
Virás mandar a terra que descobres.

54 Mas aquela fatal necessidade
De quem ninguém se exime dos humanos,
Ilustrado *co* a Régia dignidade,
Te tirará do mundo e seus enganos.
Outro Meneses logo, cuja idade
É maior na prudência que nos anos,
Governará; e fará o ditoso Henrique
Que perpétua memória dele fique.

55 Não vencerá somente os Malabares,
Destruindo Panane com Coulete,
Cometendo as bombardas, que, nos ares,
Se vingam só do peito que as comete;
Mas com virtudes, certo, singulares,
Vence os *immigos* da alma todos sete;
De cobiça triunfa e incontínência,
Que em tal idade é suma de excelência.

56 Mas, *despois* que as Estrelas o chamarem,
Sucederás, ó forte Mascarenhas;
E, se injustos o mando te tomarem,
Prometo-te que fama eterna tenhas.
Pera teus inimigos confessarem
Teu valor alto, o Fado quer que venhas
A mandar, mais de palmas coroados,
Que de fortuna justa acompanhado.

57 No reino de Bintão, que tantos danos
Terá a Malaca, muito tempo, feitos,
Num só dia as injúrias de mil anos
Vingarás, *co* valor de ilustres peitos.
Trabalhos e perigos inumanos,
Abrolhos férreos mil, passos estreitos,
Tranqueiras, baluartes, lanças, setas:
Tudo fico que rompas e *sometas*.

58 Mas na Índia, cobiça e ambição,
Que claramente *põe* aberto o rosto
Contra Deus e Justiça, te farão
Vitupério nenhum, mas só desgosto.
Quem faz injúria vil e sem-razão,
Com forças e poder em que está posto,
Não vence, que a vitória verdadeira
É saber ter justiça nua e inteira.

59 Mas, contudo, não nego que Sampaio
Será, no esforço, ilustre e assinalado,
Mostrando-se no mar um fero raio,
Que de inimigos mil verá coalhado.
Em Bacanor fará cruel ensaio
No Malabar, *pera* que, amedrontado,
Despois a ser vencido dele venha
Cutiale, com quanta armada tenha.

- 60 E não menos de Diu a fera frota,
Que Chaul temerá, de grande e ousada,
Fará, *co* a vista só, perdida e rota,
Por Heitor da Silveira e destroçada,
Por Heitor Português, de quem se nota
Que na costa Cambaica, sempre armada,
Será aos Guzarates tanto dano,
Quanto já foi aos Gregos o Troiano.
- 61 A Sampaio feroz sucederá
Cunha, que longo tempo tem o leme;
De Chale as torres altas erguerá,
Enquanto Diu ilustre dele treme;
O forte Baçaim se lhe dará,
Não sem sangue, porém, que nele geme
Melique, porque a força só de espada
A tranqueira soberba vê tomada.
- 62 Trás este vem Noronha, cujo auspício
De Diu os Rumes feros afugenta;
Diu, que o peito e bélico exercício
De António da Silveira bem sustenta.
Fará em Noronha a morte o usado ofício,
Quando um teu ramo, ó Gama, se *exprimenta*
No governo do Império, cujo zelo
Com medo o Roxo Mar fará amarelo.
- 63 Das mãos do teu Estêvão vem tomar
As rédeas um, que já será ilustrado
No Brasil, com vencer e castigar
O pirata Francês, ao mar usado.
Depois, Capitão-mor do índico mar,
O muro de Damão, soberbo e armado,
Escala, e primeiro entra a porta aberta,
Que fogo e frechas mil terão coberta.

- 64 A este o Rei Cambaico soberbíssimo
Fortaleza dará na rica Diu,
Por que contra o Mogor poderosíssimo
Lhe ajude a defender o senhorio.
Depois irá com peito esforçadíssimo
A tolher que não passe o Rei gentio
De *Calecu*, que *assi* com quantos veio
O fará retirar, de sangue cheio.
- 65 Destruirá a cidade Repelim,
Pondo o seu Rei, com muitos, em fugida;
E *depois*, junto ao Cabo Comorim,
Hũa façanha faz esclarecida:
A frota principal do Samorim,
Que destruir o mundo não duvida,
Vencerá *co* furor do ferro e fogo;
Em si verá Beadala o Márcio jogo.
- 66 Tendo *assi* limpa a Índia dos *immigos*,
Virá *depois* com ceptro a governá-la,
Sem que ache resistência nem perigos,
Que todos tremem dele e nenhum fala.
Só quis provar os ásperos castigos
Baticalá, que vira já Beadala:
De sangue e corpos mortos ficou cheia
E de fogo e trovões desfeita e feia.
- 67 Este será Martinho, que de Marte
O nome tem *co* as obras derivado;
Tanto em armas ilustre em toda parte,
Quanto, em conselho, sábio e bem cuidado.
Suceder-lhe-á ali Castro, que o estandarte
Português terá sempre levantado,
Conforme sucessor ao sucedido,
Que um ergue Diu, outro o defende erguido.

- 68 Persas *feroces*, Abassis e Rumes,
Que trazido de Roma o nome *tem*,
Vários de gestos, vários de costumes
(Que mil nações ao cerco feras *vem*),
Farão dos Céus ao mundo vãos queixumes,
Porque uns poucos a terra *lhè detem*.
Em sangue Português juram, descritos,
De banhar os bigodes retorcidos.
- 69 Basiliscos medonhos e leões,
Trabucos feros, minas encobertas,
Sustenta Mascarenhas *cos barões*
Que tão ledos as mortes *tem* por certas;
Até que, nas maiores opressões,
Castro libertador, fazendo ofertas
Das vidas de seus filhos, quer que fiquem
Com fama eterna, e a Deus se sacrifiquem.
- 70 Fernando, um deles, ramo da alta *pranta*,
Onde o violento fogo, com ruído,
Em pedaços os muros no ar levanta,
Será ali arrebatado e ao Céu subido.
Álvaro, quando o Inverno o mundo espanta
E tem o caminho húmido impedido,
Abrindo-o, vence as ondas e os perigos,
Os ventos e *despois* os inimigos.
- 71 Eis vem *despois* o pai, que as ondas corta,
Co restante da gente Lusitana,
E com força e saber, que mais importa,
Batalha dá *felice* e soberana.
Uns, paredes subindo, escusam porta;
Outros a abrem na fera esquadra insana;
Feitos farão tão *dinos* de memória,
Que não caibam em verso ou larga história.

- 72 Este, *despois*, em campo se apresenta,
Vencedor forte e intrépido, ao possante
Rei de Cambaia, e a vista lhe *amedrenta*
Da fera multidão quadrupedante.
Não menos suas terras mal sustenta
O Hidalcão, do braço triunfante
Que castigando vai Dabul na costa;
Nem lhe escapou Pondá, no sertão posta.
- 73 Estes e outros *barões*, por várias partes,
Dinos todos de fama e maravilha,
Fazendo-se na terra bravos Martes,
Virão lograr os gostos desta Ilha,
Varrendo triunfantes estandartes
Pelas ondas que corta a aguda quilha;
E acharão estas Ninfas e estas mesas,
Que glórias e honras são de árduas empresas.»
- 74 *Assi* cantava a Ninfa; e as outras todas,
Com sonoro aplauso, vozes davam,
Com que festejam as alegres *vodas*
Que com tanto prazer se celebravam.
«Por mais que da Fortuna andem as rodas
(*Nũa* cónsona voz todas soavam),
Não vos hão-de faltar, gente famosa,
Honra, valor e fama gloriosa.»
- 75 *Despois* que a corporal necessidade
Se satisfiz do mantimento nobre,
E na harmonia e doce suavidade
Viram os altos feitos que descobre,
Tethys, de graça ornada e gravidade,
Pera que com mais alta glória dobre
As festas deste alegre e claro dia,
Pera o *felice* Gama *assi* dizia:

- 76 «Faz-te mercê, *barão*, a Sapiência
Suprema de, *cos* olhos corporais,
Veres o que não pode a vã ciência
Dos errados e míseros mortais.
Sigue-me firme e forte, com prudência,
Por este monte espesso, tu *cos* mais.»
Assi lhe diz, e o guia por um mato
Árduo, difícil, duro a humano trato.
- 77 Não andam muito, que no erguido cume
Se acharam, onde um campo se esmaltava
De esmeraldas, rubis, tais que presume
A vista que divino chão pisava.
Aqui um globo *vem* no ar, que o lume
Claríssimo por ele penetrava,
De modo que o seu centro está evidente,
Como a sua superfície, claramente.
- 78 Qual a matéria seja não se enxerga,
Mas enxerga-se bem que está composto
De vários orbes, que a Divina verga
Compôs, e um centro a todos só tem posto.
Volvendo, ora se *abaxe*, agora se erga,
Nunca se ergue ou se *abaxa*, e um mesmo rosto
Por toda a parte tem; e em toda a parte
Começa e acaba, enfim, por divina arte,
- 79 Uniforme, perfeito, em si sustido,
Qual, enfim, o *Arquetipo* que o criou.
Vendo o Gama este globo, comovido
De espanto e de desejo ali ficou.
Diz-lhe a Deusa: «O *trasunto*, reduzido
Em pequeno volume, aqui te dou
Do Mundo aos olhos teus, *pera* que vejas
Por onde *vas* e irás e o que desejas.

- 80 Vês aqui a grande máquina do Mundo,
Etérea e *elemental*, que fabricada
Assi foi do Saber, alto e profundo,
Que é sem princípio e meta limitada.
Quem cerca em derredor este rotundo
Globo e sua superfície tão limada,
É Deus; mas o que é Deus, ninguém o entende,
Que a tanto o engenho humano não se estende.
- 81 Este orbe que, primeiro, vai cercando
Os outros mais pequenos que em si tem,
Que está com luz tão clara radiando,
Que a vista cega e a mente vil também,
Empíreo se nomeia, onde logrando
Puras almas estão daquele Bem
Tamanho, que Ele só se entende e alcança,
De quem não há no mundo semelhança.
- 82 Aqui, só verdadeiros, gloriosos
Divos estão, porque eu, Saturno e Jano,
Júpiter, Juno, fomos fabulosos,
Fingidos de mortal e cego engano.
Só *pera* fazer versos deleitosos
Servimos; e, se mais o trato humano
Nos pode dar, é só que o nome nosso
Nestas estrelas pôs o engenho vosso.
- 83 E também, porque a Santa Providência,
Que em Júpiter aqui se representa,
Por espíritos mil, que *tem* prudência,
Governa o Mundo todo que sustenta
(*Insina-lo* a profética ciência,
Em muitos dos exemplos que apresenta:
Os que são bons, guiando, favorecem,
Os maus, em quanto podem, nos empecem);

- 84 Quer logo aqui a pintura, que varia,
Agora deleitando, ora *insinando*,
Dar-lhe nomes que a antiga Poesia
A seus Deuses já dera, fabulando;
Que os Anjos de celeste companhia
Deuses o sacro verso está chamando;
Nem nega que esse nome *preminente*
Também aos maus se dá, mas falsamente.
- 85 Enfim que o sumo Deus, que por segundas
Causas obra no Mundo, tudo manda.
E, tornando a contar-te das profundas
Obras da Mão Divina veneranda:
Debaxo deste círculo, onde as mundas
Almas divinas gozam, que não anda,
Outro corre, tão leve e tão ligeiro,
Que não se enxerga: é o *Mobile* primeiro.
- 86 Com este rapto e grande movimento
Vão todos os que dentro tem no seio;
Por obra deste, o Sol, andando a tento,
O dia e noite faz, com curso alheio.
Debaxo deste leve, anda outro lento,
Tão lento e *sojugado* a duro freio,
Que, enquanto Febo, de luz nunca escasso,
Duzentos cursos faz, dá ele um passo.
- 87 Olha estoutro *debaxo*, que esmaltado
De corpos lisos anda e radiantes,
Que também nele *tem* curso ordenado
E nos seus *axes* correm cintilantes.
Bem vês como se veste e faz ornado
Co largo Cinto de ouro, que estelantes
Animais doze traz afigurados,
Apousentos de Febo limitados.

- 88 Olha, por outras partes, a pintura
Que as estrelas fulgentes vão fazendo:
Olha a Carreta, atenta a Cinosura,
Andrómeda e seu pai, e o Drago horrendo.
Vê de Cassiopeia a *fermosura*
E do Oriente o gesto turbulento;
Olha o Cisne morrendo que suspira,
A Lebre e os Cães, a Nau e a doce Lira.
- 89 *Debaxo* deste grande Firmamento,
Vês o céu de Saturno, Deus antigo;
Júpiter logo faz o movimento,
E Marte *abaxo*, bélico inimigo;
O claro Olho do céu, no quarto assento,
E Vénus, que os amores traz consigo,
Mercúrio, de eloquência soberana;
Com três rostos, *debaxo* vai Diana.
- 90 Em todos estes orbes, diferente
Curso verás, nuns grave e noutros leve;
Ora fogem do Centro longamente,
Ora da Terra estão caminho breve,
Bem como quis o Padre omnipotente,
Que o fogo fez e o ar, o vento e neve,
Os quais verás que jazem mais a dentro
E *tem co* Mar a Terra por seu centro.
- 91 Neste centro, pousada dos humanos,
Que não sòmente, ousados, se contentam
De sofrerem da terra firme os danos,
Mas *inda* o mar *instabil exprimentam*,
Verás as várias partes, que os insanos
Mares dividem, onde se *apousentam*
Várias nações, que mandam vários Reis,
Vários costumes seus e várias leis.

- 92 Vês Europa Cristã, mais alta e clara
Que as outras em pólicia e fortaleza.
Vês África, dos bens do mundo avara,
Inculta e toda cheia de bruteza,
Co Cabo que até *qui* se vos negara,
Que assentou *pera* o Austro a Natureza.
Olha essa terra toda, que se habita
Dessa gente sem Lei, quase infinita.
- 93 Vê do Benomotapa o grande império,
De selvática gente, negra e nua,
Onde Gonçalo morte e vitupério
Padecerá, *pola* Fé santa sua.
Nace por este incógnito *Hemisperio*
O metal por que mais a gente sua.
Vê que do lago donde se derrama
O Nilo, também vindo está Cuama.
- 94 Olha as casas dos negros, como estão
Sem portas, confiados, em seus ninhos,
Na justiça real e *defensão*
E na fidelidade dos vizinhos;
Olha deles a bruta multidão,
Qual bando espesso e negro de estorninhos,
Combaterá em Sofala a fortaleza,
Que defenderá Nhaya com destreza.
- 95 Olha lá as *alagoas* donde o Nilo
Nace, que não souberam os antigos;
Vê-lo rega, *gèrando* o crocodilo,
Os povos Abassis, de Cristo amigos;
Olha como sem muros (novo estilo)
Se defendem *milhor* dos inimigos.
Vê Méroe, que ilha foi de antiga fama,
Que ora dos naturais Nobá se chama.

- 96 Nesta remota terra um filho teu
Nas armas contra os Turcos será claro;
Há-de ser Dom Cristóvão o nome seu;
Mas contra o fim fatal não há reparo.
Vê cá a costa do mar, onde te deu
Melinde hospício gasalhoso e caro;
O Rapto rio nota, que o romance
Da terra chama Obi; entra em Quilmance.
- 97 O Cabo vê já Arómata chamado,
E agora *Guardafu*, dos moradores,
Onde começa a boca do afamado
Mar Roxo, que do fundo toma as cores.
Este como limite está lançado
Que divide Ásia de África; e as *milhores*
Povoações que a parte África tem
Maquá são, Arquico e Suaquém.
- 98 Vês o extremo Suez, que antigamente
Dizem que foi dos Héroas a cidade
(Outros dizem que Arsínoe), e ao presente
Tem das frotas do Egipto a potestade.
Olha as águas, nas quais abriu patente
Estrada o grão *Mousés* na antiga idade.
Ásia começa aqui, que se apresenta
Em terras grande, em reinos opulenta.
- 99 Olha o monte Sinai, que se enobrece
Co sepulcro de Santa *Caterina*;
Olha Toro e *Gidá*, que *lhe* falece
Água das fontes, doce e cristalina;
Olha as portas do Estreito, que fenece
No reino da seca *Adem*, que confina
Com a serra de Arzira, pedra viva,
Onde chuva dos céus se não deriva.

- 100 Olha as Arábias três, que tanta terra
Tomam, todas da gente vaga e baça,
Donde *vem* os cavalos *pera* a guerra,
Ligeiros e *feroces*, de alta raça;
Olha a costa que corre, até que cerra
Outro Estreito de Pérsia, e faz a traça
O Cabo que *co* nome se apelida
Da cidade Fartaque, ali sabida.
- 101 Olha Dófar, insigne porque manda
O mais cheiroso *encenso pera* as aras;
Mas atenta: já cá destoutra banda
De Roçalgate, e praias sempre avaras,
Começa o reino Ormuz, que todo se anda
Pelas ribeiras, que *inda* serão claras,
Quando as galés do Turco e fera armada
Virem de Castel Branco nua a espada.
- 102 Olha o Cabo Asaboro, que chamado
Agora é Moçandão dos navegantes.
Por aqui entra o lago que é fechado
De Arábia e Pérsias terras abundantes.
Atenta a ilha Barém, que o fundo ornado
Tem das suas *perlas* ricas e imitantes
À cor da Aurora; e vê na água salgada
Ter o *Tigris* e Eufrates *hũa* entrada.
- 103 Olha da grande Pérsia o império nobre,
Sempre posto no campo e nos cavalos,
Que se *injuria* de usar fundido cobre
E de não ter das armas sempre os calos.
Mas vê a ilha Gerum, como descobre
O que fazem do tempo os intervalos,
Que da cidade Armuza, que ali esteve,
Ela o nome *despois* e a glória teve.

- 104 Aqui de Dom *Felipe* de Meneses
Se mostrará a virtude, em armas clara,
Quando, com muito poucos Portugueses,
Os muitos Párseos vencerá de Lara;
Virão provar os golpes e reveses
De Dom Pedro de Sousa, que provara
Já seu braço em Ampaza, que deixada
Terá por terra, a força só de espada.
- 105 Mas deixemos o Estreito e o conhecido
Cabo de Jasque, dito já Carpela,
Como todo o seu terreno mal querido
Da Natura e dos *dões* usados dela;
Carmânia teve já por apelido.
Mas vê o *fermoso* Indo, que daquela
Altura *nace*, junto à qual, também
Doutra altura, correndo o *Gange* vem?
- 106 Olha a terra de Ulcinde, fertilíssima,
E de Jáquete a íntima enseada;
Do mar a enchente súbita, grandíssima,
E a vazante, que foge apressurada.
A terra de Cambaia vê, riquíssima,
Onde do mar o seio faz entrada.
Cidades outras mil, que vou passando,
A vós outros aqui se estão guardando.
- 107 Vês corre a costa célebre Indiana
Pera o Sul, até o Cabo Comori,
Já chamado Cori, que *Taprobana*
(Que ora é Ceilão) defronte tem de si.
Por este mar a gente Lusitana,
Que com armas virá *despois* de ti,
Terá vitórias, terras e cidades,
Nas quais hão-de viver muitas idades.

- 108 As províncias que entre um e o outro rio
Vês, com várias nações, são infinitas
Um reino Maometa, outro Gentio,
A quem tem o Demónio leis escritas.
Olha que de Narsinga o senhorio
Tem as relíquias santas e benditas
Do corpo de Tomé, *barão* sagrado,
Que a *Jesu* Cristo teve a mão no lado.
- 109 Aqui a cidade foi, que se chamava
Meliapor, *fermosa*, grande e rica;
Os ídolos antigos adorava,
Como *inda* agora faz a gente *inica*.
Longe do mar naquele tempo estava,
Quando a Fé, que no mundo se *pubrica*,
Tomé vinha pregando, e já passara
Províncias mil do mundo, que *insinara*.
- 110 Chegado aqui, pregando e junto dando
A doentes saúde, a mortos vida,
Acaso traz um dia o mar, vagando,
Um lenho de grandeza desmedida.
Deseja o Rei, que andava edificando,
Fazer dele madeira; e não duvida
Poder tirá-lo a terra, com possantes
Forças de homens, de engenhos, de *aliphantes*.
- 111 Era tão grande o peso do madeiro,
Que, só *pera* abalar-se, nada abasta;
Mas o núncio de Cristo verdadeiro
Menos trabalho em tal negócio gasta:
Ata o cordão, que traz, por derradeiro,
No tronco, e facilmente o leva e arrasta
Pera onde faça um sumptuoso templo,
Que ficasse aos futuros por exemplo.

- 112 Sabia bem que, se com fé formada
Mandar a um monte surdo que se mova,
Que obedecerá logo à voz sagrada,
Que *assi* lho *insinou* Cristo, e ele o prova.
A gente ficou disto alvoroçada;
Os *Bramenes* o *tem* por cousa nova;
Vendo os milagres, vendo a santidade,
Hão medo de perder autoridade.
- 113 São estes sacerdotes dos Gentios,
Em quem mais penetrado tinha *enveja*;
Buscam maneiras mil, buscam desvios,
Com que Tomé não se ouça, ou morto seja.
O principal, que ao peito traz os fios,
Um caso horrendo faz, que o mundo veja
Que inimiga não há, tão dura e fera,
Como a virtude falsa, da sincera.
- 114 Um filho próprio mata, e logo acusa
De *homicídio* Tomé, que era inocente;
Dá falsas testemunhas, como se usa;
Condenaram-no a morte brevemente.
O Santo, que não vê *milhor* escusa
Que apelar *pera* o Padre omnipotente,
Quer, diante do Rei e dos senhores,
Que se faça um milagre dos maiores.
- 115 O corpo morto manda ser trazido,
Que *resucite* e seja perguntado
Quem foi seu matador, e será crido
Por testemunho, o seu, mais aprovado.
Viram todos o moço vivo, erguido,
Em nome de *Jesu* crucificado;
Dá graças a Tomé, que lhe deu vida,
E descobre seu pai ser homicida.

- 116 Este milagre fez tamanho espanto,
Que o Rei se banha logo na água santa,
E muitos após ele; um beija o manto,
Outro louvor do Deus de Tomé canta.
Os *Bramenes* se encheram de ódio tanto,
Com seu veneno os morde *enveja* tanta,
Que, persuadindo a isso o povo *rudo*,
Determinam matá-lo, em fim de tudo.
- 117 Um dia que pregando ao povo estava,
Fingiram entre a gente um arruído.
Já Cristo neste tempo lhe ordenava
Que, padecendo, fosse ao Céu subido.
A multidão das pedras, que voava,
No Santo dá, já a tudo oferecido;
Um dos maus, *por* faltar-se mais depressa,
Com crua lança o peito lhe atravessa.
- 118 Choraram-te, Tomé, o *Gange* e o Indo;
Chorou-te toda a terra que pisaste;
Mais te choram as almas que vestindo
Se iam da santa Fé que *lhe insinaste*;
Mas os Anjos do Céu, cantando e rindo,
Te recebem na Glória, que ganhaste.
Pedimos-te que a Deus ajuda peças,
Com que os teus Lusitanos favoreças.
- 119 E vós outros que os nomes usurpais
De mandados de Deus, como Tomé,
Dizei: se sois mandados, como estais
Sem irdes a pregar a Santa Fé?
Olhai que, se sois sal e vos danais
Na pátria, onde profeta ninguém é,
Com que se salgarão, em nossos dias,
(Infiéis deixo) tantas heresias?

- 120 Mas passo esta matéria perigosa,
E tornemos à costa debuxada.
Já com esta cidade tão famosa
Se faz curva a Gangética enseada.
Corre Narsinga, rica e poderosa;
Corre Orixá, de roupas abastada;
No fundo da enseada, o ilustre rio
Ganges vem ao salgado senhorio;
- 121 Ganges, no qual os seus habitantes
Morrem banhados, tendo por certeza
Que, *inda* que sejam grandes pecadores,
Esta água santa os lava e dá pureza.
Vê Chatigão, cidade das *milhores*
De Bengala, província, que se preza
De abundante; mas olha que está posta
Pera o Austro, daqui virada, a costa.
- 122 Olha o reino Arracão; olha o assento
De Pegu, que já monstros povoaram,
Monstros filhos do feio ajuntamento
Dhũa mulher e um cão, que sós se acharam.
Aqui soante arame no instrumento
Da *geração* costumam, o que usaram
Por manha da Rainha que, inventando
Tal uso, deitou fora o error nefando.
- 123 Olha Tavai cidade, onde começa
De Sião largo o império tão comprido;
Tenassari, Quedá, que é só cabeça
Das que pimenta ali *tem* produzido.
Mais avante fareis que se conheça
Malaca por empório enobrecido,
Onde toda a província do Mar Grande
Suas mercadorias ricas mande.

- 124 Dizem que desta terra *co* as possantes
Ondas o mar, entrando, dividiu
A nobre ilha Samatra, que já de antes
Juntas ambas a gente antiga viu.
Quersoneso foi dita; e, das prestantes
Veias de ouro que a terra produziu,
«*Aurea*» por *epitheto*, lhe ajuntaram;
Alguns que fosse Ofir imaginaram.
- 125 Mas, na ponta da terra, Singapura
Verás, onde o caminho às naus se estreita;
Daqui tornando a costa à Cinosura,
Se encurva, e *pera* a Aurora se *endereita*.
Vês Pam, Patane, reinos e a longura
De Sião, que estes e outros mais sujeita?
Olha o rio Menão, que se derrama
Do grande lago que Chiamai se chama.
- 126 Vês neste grão terreno os diferentes
Nomes de mil nações, nunca sabidas:
Os Laus, em terra e número potentes;
Avás, Bramás, por serras tão compridas;
Vê nos remotos montes outras gentes,
Que Guéus se chamam, de selvagens vidas;
Humana carne comem, mas a sua
Pintam com ferro ardente, usança crua.
- 127 Vês, passa por Camboja Mecom rio,
Que «capitão das águas» se interpreta;
Tantas recebe de outro(s), só no Estio,
Que alaga os campos largos e inquieta
(Tem as enchentes quais o Nilo frio).
A gente dele crê, como indiscreta,
Que pena e glória *tem*, *despois* de morte,
Os brutos animais de toda sorte.

- 128 Este receberá, plácido e brando,
No seu regaço o Canto que molhado
Vem do naufrágio triste e miserando,
Dos procelosos *baxos* escapado,
Das fomes, dos perigos grandes, quando
Será o injusto mando executado
Naquele cuja Lira sonora
Será mais afamada que ditosa.
- 129 Vês, corre a costa que Champá se chama,
Cujá mata é do pau cheiroso ornada;
Vês, Cauchichina está, de escura fama,
E de Ainão vê a incógnita enseada;
Aqui o soberbo Império, que se afama
Com terras e riqueza não cuidada,
Da China corre, e ocupa o senhorio
Desde o Trópico ardente ao Cinto frio.
- 130 Olha o muro e edifício nunca crido,
Que entre um império e o outro se edifica,
Certíssimo sinal e conhecido,
Da potência real, soberba e rica.
Estes, o Rei que *tem*, não foi *nacido*
Princepe, nem dos pais aos filhos fica,
Mas elegem aquele que é famoso
Por cavaleiro, sábio e virtuoso.
- 131 *Inda* outra muita terra se te esconde,
Até que venha o tempo de mostrar-se.
Mas não deixes no mar as Ilhas onde
A Natureza quis mais afamar-se;
Esta, *meia* escondida, que responde
De longe à China, donde vem buscar-se,
É Japão, onde *nace* a prata fina,
Que ilustrada será *co* a Lei divina.

- 132 Olha cá pelos mares do Oriente
As infinitas Ilhas espalhadas;
Vê Tidore e Ternate, *co* fervente
Cume, que lança as flamas ondeadas.
As árvores verás do cravo ardente,
Co sangue Português *inda* compradas.
Aqui há as áureas aves, que não *decem*
Nunca à terra e só mortas aparecem.
- 133 Olha de Banda as Ilhas, que se esmaltam
Da vária cor que pinta o roxo fruto;
As aves variadas, que ali saltam,
Da verde noz tomando seu tributo.
Olha também Bornéu, onde não faltam
Lágrimas no licor coalhado e enxuto
Das árvores, que cânfora é chamado,
Com que da Ilha o nome é celebrado.
- 134 Ali também Timor, que o lenho manda
Sândalo, salutífero e cheiroso.
Olha a Sunda, tão larga, que *hũa* banda
Esconde *pera* o Sul dificultoso;
A gente do sertão que as terras anda,
Um rio diz que tem miraculoso,
Que, por onde ele só, sem outro, vai,
Converte em pedra o pau que nele cai.
- 135 Vê naquela que o tempo tornou Ilha,
Que também flamas trémulas vapora,
A fonte que óleo mana, e a maravilha
Do cheiroso licor que o tronco chora,
Cheiroso, mais que quanto estila a filha
De *Cinyras* na Arábia, onde ela mora;
E vê que, tendo quanto as outras *tem*,
Branda seda e fino ouro dá também.

- 136 Olha, em Ceilão, que o monte se alevanta
Tanto, que as nuvens passa ou a vista engana;
Os naturais o *tem* por cousa santa,
Pola pedra onde está a pegada humana.
Nas ilhas de Maldiva *nace a pranta*
No profundo das águas, soberana,
Cujo pomo contra o veneno urgente
É tido por antídoto excelente.
- 137 Verás defronte estar do Roxo Estreito
Socotorá, *co* amaro *aloe* famosa;
Outras ilhas, no mar também sujeito
A vós, na costa de África arenosa,
Onde *saí* do cheiro mais perfeito
A massa, ao mundo oculta e preciosa.
De São Lourenço vê a Ilha afamada,
Que Madagáscar é dalguns chamada.
- 138 Eis aqui as novas partes do Oriente
Que vós outros agora ao mundo dais,
Abrindo a porta ao vasto mar patente,
Que com tão forte peito navegais.
Mas é também razão que, no *Ponente*,
Dum Lusitano um feito *inda* vejais,
Que, de seu Rei mostrando-se agravado,
Caminho há-de fazer nunca cuidado.
- 139 Vedes a grande terra que *contina*
Vai de Calisto ao seu contrário Pólo,
Que soberba a fará a luzente mina
Do metal que a cor tem do louro Apolo.
Castela, vossa amiga, será *dina*
De lançar-lhe o colar ao *rudo* colo.
Várias províncias tem de várias gentes,
Em ritos e costumes, diferentes.

- 140 } Mas cá onde mais se alarga, ali tereis
 Parte também, *co* pau vermelho nota;
 De Santa Cruz o nome lhe poreis;
 Descobri-la-á a primeira vossa frota.
 Ao longo desta costa, que tereis,
 Irá buscando a parte mais remota
 O Magalhães, no feito, com verdade,
 Português, porém não na lealdade.
- 141 *Desque* passar a via mais que meia
 Que ao Antártico Pólo vai da Linha,
Dhũa estatura quase giganteia
 Homens verá, da terra ali vizinha;
 E mais avante o Estreito que se arreia
Co nome dele agora, o qual caminha
Pera outro mar e terra que fica onde
 Com suas frias asas o Austro a esconde.
- 142 Até *qui*, Portugueses, concedido
 Vos é saberdes os futuros feitos
 Que, pelo mar, que já deixais sabido,
 Virão fazer *barões* de fortes peitos.
 Agora, pois que tendes aprendido
 Trabalhos que vos façam ser aceitos
 Às eternas esposas e *fermosas*,
 Que coroas vos tecem gloriosas,
- 143 Podeis vos embarcar, que tendes vento
 E mar tranquilo, *pera* a pátria amada.»
Assi *lhe* disse; e logo movimento
 Fazem da Ilha alegre e namorada.
 Levam refresco e nobre mantimento;
 Levam a companhia desejada
 Das Ninfas, que hão-de ter eternamente,
 Por mais tempo que o Sol o Mundo aquece.

- 144 *Assi* foram cortando o mar sereno,
 Com vento sempre manso e nunca irado,
 Até que houveram vista do terreno
 Em que *naceram*, sempre desejado.
 Entraram pela foz do Tejo ameno,
 E a sua pátria e Rei temido e amado
 O prêmio e glória dão por que mandou,
 E com títulos novos se ilustrou.
- 145 } No mais, Musa, no mais, que a Lira tenho
 Destemperada e a voz enrouquecida,
 E não do canto, mas de ver que venho
 Cantar a gente surda e endurecida.
 O favor com que mais se acende o engenho
 Não no dá a pátria, não, que está metida
 No gosto da cobiça e na rudeza
Dhũa austera, apagada e vil tristeza.
- 146 E não sei por que influxo do Destino
 Não tem um ledo orgulho e geral gosto,
 Que os ânimos levanta de *contino*
 A ter *pera* trabalhos ledo o rosto.
 Por isso vós, ó Rei, que por divino
 Conselho estais no régio sólio posto,
 Olhai que sois (e vede as outras gentes)
 Senhor só de vassalos excelentes.
- 147 Olhai que ledos vão, por várias vias,
 Quais rompentes leões e bravos touros,
 Dando os corpos a fomes e vigias,
 A ferro, a fogo, a setas e pelouros,
 A quentes regiões, a plagas frias,
 A golpes de *Idolstras* e de Mouros,
 A perigos incógnitos do mundo,
 A naufrágios, a *pexes*, ao profundo!

- 148 *Por* vos servir, a tudo aparelhados;
De vós tão longe, sempre obedientes
A quaisquer vossos ásperos mandados,
Sem dar *reposta*, prontos e contentes.
Só com saber que são de vós olhados,
Demónios infernais, negros e ardentes,
Cometerão convosco, e não duvido
Que vencedor vos façam, não vencido.
- 149 Favorecei-os logo, e alegrai-os
Com a presença e lida humanidade;
De rigorosas leis *desalivai-os*,
Que *assi* se abre o caminho à santidade.
Os mais *exprimentados* levantai-os,
Se, com a experiência, *tem* bondade
Pera vosso conselho, pois que sabem
O como, o quando, e onde as cousas cabem.
- 150 Todos favorecei em seus ofícios,
Segundo *tem* das vidas o talento:
Tenham Religiosos, exercícios
De rogarem, por vosso regimento,
Com jejuns, disciplina, pelos vícios
Comuns; toda ambição terão por vento,
Que o bom Religioso verdadeiro
Glória vã não pretende nem dinheiro.
- 151 Os Cavaleiros tende em muita estima,
Pois com seu sangue intrépido e fervente
Estendem não sòmente a Lei de cima,
Mas *inda* vosso Império preeminente;
Pois aqueles que a tão remoto clima
Vos vão servir, com passo diligente,
Dous inimigos vencem: uns, os vivos,
E (o que é mais) os trabalhos excessivos.

- 152 Fazei, Senhor, que nunca os admirados
Alemães, Galos, Ítalos e Ingleses,
Possam dizer que são *pera* mandados,
Mais que *pera* mandar, os Portugueses.
Tomai conselho só de *exprimentados*,
Que viram largos anos, largos meses,
Que, posto que em cientes muito cabe,
Mais em particular o experto sabe.
- 153 De Formião, filósofo elegante,
Vereis como *Annibal* escarnecia,
Quando das artes bélicas, diante
Dele, com larga voz tratava e lia.
A disciplina militar prestante
Não se aprende, Senhor, na fantasia,
Sonhando, imaginando ou estudando,
Senão vendo, tratando e pelejando.
- 154 } Mas eu que falo, humilde, *baxo* e *rudo*,
De vós não conhecido nem sonhado?
Da boca dos pequenos sei, contudo,
Que o louvor sai às vezes acabado.
Nem me falta na vida honesto estudo,
Com longa experiência misturado,
Nem engenho, que aqui vereis presente,
Cousas que juntas se acham raramente.
- 155 } *Pera* servir-vos, braço às armas feito;
} *Pera* cantar-vos, mente às Musas dada;
Só me falece ser a vós aceito,
De quem virtude deve ser prezada.
Se me isto o Céu concede, e o vosso peito
} *Dina* empresa tomar de ser cantada,
} Como a pressaga mente vaticina,
} Olhando a vossa inclinação divina,

156 } Ou fazendo que, mais que a de Medusa,
A vista vossa tema o monte Atlante,
Ou rompendo nos campos de *Ampelusa*
Os muros de Marrocos e Trudante.
A minha já estimada e leda Musa
Fico que em todo o mundo de vós cante
De sorte que *Alexandro* em vós se veja,
Sem à dita de Aquiles ter *enveja*.

F I M

PARTE III—ANOTAÇÕES

- CG E** — Cunha Gonçalves, *Estudos Camonianos*.
- CM** — *Lusíadas*/anotados e parafraseados pelo Doutor Campos Monteiro, 3.^a ed. (1933).
- CMF** — Carlo Maria Franzero, *Nero/Sua Vida e seu Tempo* (1954).
- CPB** — Costa Marques, *Camões, Poeta Bucólico* (in «Biblos», vol. 16, 1940).
- CS** — Carlos E. C. da Silva, *Ensaio sobre os Latinismos dos Lusíadas* (1931).
- CSMy** — Roberto May, *5000 siècles de mystères* (Ed. Palatine).
- DE** — J. M. Almoyna, *Dic. Esp.-Port.*.
- DMGR** — Pierre Grimal, *Dictionnaire de la Mythologie Grecque et Romaine*.
- EB** — Evanildo Bechara, *Lições de Português pela Análise Sintática* (Rio, 4.^a ed.).
- ED** — Epifânio da Silva Dias, ed. d'*Os Lusíadas*.
- ED S** — Epifânio da Silva Dias, *Sintaxe Hist. Port.*, 3.^a ed..
- EF A** — E. Faure, *História da Arte* (trad. port.).
- EM** — (in "Emerita", suplemento ao tomo V — 1943).
- EP DP** — Edgar Prestage, *Descobridores Portugueses*.
- ES Cas** — Elaine Sanceau, *D. João de Castro*.
- FC** — D. Augusta Gersão Ventura, *Subsídios para o estudo da Flora Camoniana* (Coimbra 1932).
- FF Dic** — Francisco Fernandes, *Dicion. de Verbos e Regimes*.
- FH** — D. Augusta Gersão Ventura, *As Flores Hiacinthinas de Camões* (Coimbra, 1928).
- F Tor** — Francisco Torrinha, *Dicion. Latino-Português*.
- F Tor P** — Francisco Torrinha, *Mod. Dic. da Ling. Port.*^a.
- FV PE** — Faria de Vasconcelos, *Problemas Escolares*, Lx.^a, 1935.
- G Bz** — Germain Bazin, *Le Louvre*.
- G Bz A** — Germain Bazin, *Histoire de l'Art* (1953).
- GF** — Adriano Gomes e J. Nunes de Figueiredo, *Elem. de Gram. Port.*.
- GO** — Guedes de Oliveira, ed. d'*Os Lus.*.
- GP** — Gaston Paris, *Chrest. du Moyen Age*.
- G PC** — Geyser, *Alguns Problemas Capitais de Metafísica* (Imprensa da Univ. de Coimbra).
- GV** — A. R. Gonçalves Vianna, *Exposição da Pronúncia Normal Portuguesa (...)* (Lx.^a, 1892).
- HC** — Hernâni Cidade, ed. d'*Os Lus.*.
- HC Ép** — Hernâni Cidade, *Luis de Camões, II — O Épico*.
- HC LI** — Hernâni Cidade, *Luis de Camões, I — O Lírico*.
- HI PA** — Hernâni de Irajá, «Psychoses do Amor».
- HM** — Harri Meier, *Ensaio de Filologia Românica*.
- HP DP** — *História de Portugal* /Ed. Monum./Direcção de Damião Peres e Eleutério Cerdeira.
- HU O** — *História Universal*, Guilherme Oncken.

- J Ag** — José Agostinho, ed. d'*Os Lus.*.
- JAM** — José António Moniz, *Arte de Dizer* (1903).
- JB A** — José Benoliel, *Episódio do Gigante Adamastor*.
- JC CP** — Joaquim de Carvalho, *Estudos sobre a Cultura Port. do séc. XVI*.
- JJA** — Henri Favrod et Yoichi Midorikawa, *Japon Japonnais*.
- JJN** — José Joaquim Nunes, *Gram. Hist. Port.*.
- JLV** — José Leite de Vasconcelos, *Liç. Filol. Port.*^a.
- JLV A** — José Leite de Vasconcelos, *Antroponímia*.
- JLV Op** — José Leite de Vasconcelos, *Opúsculos*.
- JN** — Júlio Nogueira, ed. d'*Os Lus.*.
- JN Dic** — Júlio Nogueira, *Dic. e Gram. d'Os Lusíadas*.
- JP** — Jacques Pirenne, *As Grandes Correntes da História Univ.* (trad. port.).
- JPM B** — José Pedro Machado, *Breve História da Linguística*.
- JPM D** — José Pedro Machado, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, 1.^a ed..
- JR** — José Maria Rodrigues, ed. d'*Os Lus.*.
- JR Fo** — José Maria Rodrigues, *Fontes d'Os Lus.*.
- JR LI** — José Maria Rodrigues e Afonso Lopes Vieira, *Lírica de Camões* (ed. crítica de 1932).
- J Ré** — José Régio, *Luis de Camões* (Livreria Rodrigues).
- JT** — José Pereira Tavares, *Gram. Elem. de Port.*.
- LO PU** — *L'Orient et la Grèce* /P. U. de F..
- LPBT** — *Les Plus Beaux Tableaux du Louvre* (Hachette, 1929), p. 110.
- MA C** — Miranda de Andrade, *A Lição de Camões* (Braga, 1951).
- MBg** — Magnus Bergström. Neves Reis, *Prontuário Ort. e Guia da L. P.* (4.^a ed., E. N. P.).
- M Br** — Michel Bréal, *Dictionnaire Etymologique Latin* (8^{ème} éd.).
- MR** — Mendes dos Remédios, ed. d'*Os Lus.*.
- M St** — H. Morse Stephens, *Albuquerque* (trad. port.).
- MW** — Ch. Morazé et Ph. Wolff, «L'Antiquité».
- NMA** — Napoleão Mendes de Almeida, *Gramática Metódica da L. P.*, 11.^a ed..
- N Ma** — Newton de Macedo, *A Luta pela Liberdade no Pensamento Europeu/A Alvorada Helénica* (Coimbra, 1930).
- OM** — Otoniel Mota, ed. d'*Os Lus.*.
- OPJ** — *O Primeiro de Janeiro*, Porto.
- OS** — José Maria de Oliveira Simões, *As Armas d'Os Lusíadas* (1933).
- PCCC** — *Panorama da Ciência Contemporânea*, Cosmos.
- PFS** — P.^o Fernando Augusto da Silva, *Camões e a Madeira*.
- PHMD** — Pierre Grimal, *Petite Histoire de la Mythologie et des Dieux* (Nathan).
- PM DP** — Paulo Merêa, *De «Portucale» (civitas) ao Portugal de D. Henrique* (Porto, 1944).

- RB** — Reis Brasil, ed. d'Os Lusíadas.
- RB CP** — Reis Brasil, *Camões e o Platonismo*.
- RFP** — *Revista de Filologia Portuguesa*.
- RG** — Rebelo Gonçalves, *Dissertações Camonianas* (1937).
- RG T** — Rebelo Gonçalves, *Tratado de Ortografia*.
- RL** — M. Rodrigues Lapa, *Estilística da Língua Portuguesa*.
- RPF** — *Revista Portuguesa de Filologia*.
- RSP** — Rubem França, *A Seita do Samorim* (Sep. da Rev. Symposium, Recife, 1963).
- SA** — Said Ali, *Dific. da Língua Portuguesa* (5.ª ed.).
- SB** — Silveira Bueno, *Gramática Normativa da Língua Portuguesa / Curso Superior*. (S. Paulo, 1968).
- S CI** — Sertillanges, *Catéchisme des Incroyants*.
- S JC** — Sertillanges, *O que Jesus via do alto da Cruz* (trad. port.).
- SL** — Robert Lesage, *Les Symboles de la Liturgie*. (Flammarion).
- S PHC** — António José Saraiva, *Para a História da Cultura em Portugal*.

- SS** — Sousa da Silveira, *Lições de Português*, 6.ª ed.
- TC** — António de Azevedo Pires (P.ª), *A Teologia em Camões* (Lx., União Gráfica, 1970).
- Th Cr** — Thomas Craven, *Famous Artists & their Models*.
- TTVR** — *Tratado de todos os Vice-Reis e Governadores da Índia* (Lisboa, 1962).
- VD** — Henri Bénac, *Vocabulaire de la Dissertation*.
- VG D** — *Diário da Viagem de Vasco da Gama*, Liv. Civilização Editora — Porto.
- VN IP** — Vitorino Nemésio, *Inês Pires* (in «Diário Popular», Lx.ª, 10-11-1948).
- VN MM** — Vitorino Nemésio, *Da «Miseria e Mesquinha»* (in «Diário Popular», Lx.ª, 18-7-1951).
- VLAS** — D. Augusta Gersão Ventura, *O «Véspero» dos Lusíadas, III*, 115 e a «Amorosa Strella» de VI, 85.
- WCA** — William C. Atkinson, *Camões/The Lusíads* (1952).
- WK** — Wolfgang Kayser, *Análise e Interpretação da Obra Literária*.

PARTE III — ANOTAÇÕES

CANTO I.

ASSUNTO	Localização. — Sugestão artística. — Fonte hist. ¹
— PROPOSIÇÃO	1 — 3 Virg.: <i>Eneida</i> .
— INVOCAÇÃO	4 — 5 } André de Resende: <i>Vincentius</i> ;
— DEDICATÓRIA	6 — 18 } Ovídio: <i>Fastos</i> ;
— Início da narração	19 Virg.: <i>Eneida</i> (I, 34-36).
— CONSÍLIO DOS DEUSES NO OLIMPO:	Virg.: <i>Eneida</i> ← Homero: <i>Odisseia</i> ² .
a) convocação, viagem e chegada;	20 — 23
b) discurso de Júpiter;	24 — 29
c) oposição de Baco;	30 — 32
d) Vénus adere à opinião de Júpiter;	33 — 34
e) os deuses discutem com calor;	35
f) Marte segue o parecer de Vénus;	36 — 40
g) Júpiter resolve a favor dos Port. e encerra o consílio.	41

(Cont.)

¹ Indicam-se apenas algumas das fontes históricas ou sugestões artísticas conhecidas. Os números árabes colocados dentro dos rectângulos correspondem às estâncias (oitavas).

² HC Ép, p. 30.

ASSUNTO	Localização. — Sugestão artística. — Fonte hist.
— A frota Lusa navega no Índico e detém-se em Moçambique.	42 — 43
— Recepção, a bordo da nau capitaina, de alguns Mouros desta ilha.	44 — 55
— Na armada, aguarda-se a visita do régulo. Noite de luar.	56 — 58
— Visita do régulo (acolhido pelo Gama).	59 — 68
— Verificando serem cristãos, o Mouro, inspirado por Baco, resolve destruir os Portugueses.	69 — 83
— Vasco da Gama desembarca, e é atacado traiçoeiramente; mas, com os outros Port., triunfa e aceita um piloto — que recebera a incumbência de os aniquilar.	84 — 99
— Vénus afasta a armada da costa de Quiloa, anulando este traiçoeiro objectivo, por meio de «ventos contrários».	100
— Novas tentativas do Mouro e nova intervenção de Vénus.	101 — 102
— Mombaça (descrição).	103
— Chegada a esta cidade, cujo rei Baco «muito avisara», para aniquilar os Portugueses.	104
— EXCLAMAÇÕES DO POETA.	105 — 106

1 Cf. ED, I, pp. 32-66.

Para conveniente leitura desta oitava, siga-se a interpretação artística de JAM, p. 164. As *armas* (grandes) e os *barões assinalados* (ainda maiores), *cantando* (orgulhoso), farei conhecidos por todo o mundo. Da 'dignidade e solenidade, uma espécie de «canto», próprios da epopeia, trata WK, I, p. 319.

- 1¹ 1 — «As armas e os barões». — Hendíadis** (= «os barões aguerridos e belicosos», segundo JR).
- 2 — *Barões* = homens ilustres (JLV, p. 78).
- 3 — *Ocidental praia...* — Sinédoque * [Á parte (→praia) pelo todo (→Portugal).]
- 4 — *Por mares nunca de antes navegados.* — Aproxime-se este verso dos seguintes: I, 27-v. 3.º; II, 45-v. 8.º; IV, 85-v. 4.º; V, 26-v. 4.º, 37-v. 3.º, 41-v. 8.º, 66-v. 3.º, 86-vv. 1.º e 2.º; VII, 30-v. 7.º; VIII, 72-vv. 2.º e 3.º. Em JLV Op, lembra-se um passo de Lucrécio, *De natura rerum*, I, 925-926 (vol. I, pp. 465-466).
- 5 — *Taprobana* (nome clássico) = ilha de Ceilão. Cf. C. X, est. 107: «Taprobana (que ora é Ceilão)». Em «S. Isidori Hispalensis Episcopi Etymologiarum Lib. XIII», lê-se: «*Taprobana insula — Indiæ subiacens ad Eurum, ex qua oceanus Indicus incipit*» (...).
- 6 — *Novo Reino* = «o império português na Ásia» (HC).
- 2 1 — (*Terras*) viciosas — privadas da religião cristã. — *Terras*: obj. directo de *andaram devastando*. — Sinédoque* (*Terras* por *habitantes*).
- 2 — *Obras* = feitos.
- 3 — (*Lei da*) *Morte* = esquecimento.
- 4 — *Engenho* = faculdade conceptiva; talento. — Equivalência ciceroniana: «ingenium» ou «natura». (RG, p. 31).
- 5 — *Arte* = «a arte de dizer», a eloquência («L'Orlando Furioso», vol. II, p. 5, U. T. — E. T., 1944).

1 Em GV, indicam-se as pronúncias das três primeiras oitavas: a do séc. 16, a p. 101; a actual, a p. 99.

2 As palavras seguidas do sinal * encontram-se definidas na IV parte deste livro, cap. II, intitulado *Figuras d'Os Lusíadas*.

NOTA — *Engenho e arte* é expressão tomada de Ariosto (JR Fo, p. 452). Em Dante, porém, encontra-se já «ingegno ed arte», no *Paraíso*, c. XIV, 117, terceto n.º 39.

- 3 1 — *Sábio Grego* = Ulisses (cantado por Homero). — Antonomásia*.
 2 — *Troiano* = Eneias (cantado por Virgílio). — Antonomásia*.
 3 — *Alexandro* = Alexandre Magno. — Consulte-se o mapa «Les itinéraires d'Alexandre», no fim do volume «Alexandre le Grand» de Benoist Méchin (Lausanne, 1964).
 4 — *Trajano*: Imperador romano de origem espanhola.
 5 — *O peito ilustre Lusitano* = o valor português. — Metonímia*.
 6 — *Neptuno* +¹: deus do mar.
 7 — *Marte* +: deus da guerra.
 8 — *Musa antiga*. — Metonímia* (*Musa* por *Poesia*). Para os antigos, a Musa da epopeia e da eloquência era Calíope.

Vv. 7.º-8.º: Atente-se na sugestão de JAM, p. 188-189: na leitura, ponha-se em relevo a expressão *mais alto* (relativamente a *tudo*).

- 4 1 — *Tágides* = Filhas do Tejo (lat. *Tagus*). Palavra criada por André de Resende (ED, I p. 5; JR, p. LVIII). — Vid. HM, p. 174. No canto V, 99, temos a perífrase «Filhas do Tejo»; no canto VII, 78, «Ninfas do Tejo».
 2 — *Estilo grandiloco e corrente*: canto elevado e sem rodeios, fluente.
 3 — *De vossas*. — O Prof. Said Ali verificou que Camões só em 30% dos casos usa artigo antes do adjetivo possessivo (RL, p. 168).
 4 — *Febo* = Apolo +, deus do Sol e chefe das Musas.
 5 — *Hipocrene* (do gr. Ἰπποῦ κρήνη — fonte que o cavalo alado Pégaso fez brotar, no Hélicon. Quem dela bebesse ficava poeta).
 5 1 — *Fúria*: delírio poético, semelhante ao dos oráculos; inspiração.
 2 — *Agreste avena*: flauta de pastor (poesia bucólica).
 3 — *Frauta ruda* = «agreste avena».

1 O sinal +, colocado depois de uma palavra, indica que há mais desenvolvida notícia acerca dela na última parte, cap. III, intitulado *Mitologia*.

- 4 — *Tuba canora e belicosa*: trombeta clamorosa e guerreira (= inspiração épica).
 5 — *O peito acende*: inflama o ânimo.

- 6 1 — *Segurança*: penhor da independência de Portugal — D. Sebastião.

Na leitura desta invocação, siga-se o conselho de JAM, pp. 187-188: é necessário que a *inflexão* dada nas palavras: *E vós... reapareça constantemente*, nas repetições do pronome *Vós... até se reatar a ideia nas palavras inclinai por um pouco... os olhos ponde... para nascer nova inflexão na frase — vereis um novo exemplo*.

- 2 — *Maura lança*. — Sinédoque* (= Exércitos dos Mouros).
 3 — *Maravilha... da nossa idade*: assombro da nossa época.
 4 — *Idade* = tempo, época.
 5 — *Fatal*: determinada pelo destino.
 6 — Em «todo o mande», crê JR ter o Poeta recorrido ao castelhanismo «os» (vos). — Expressão de sentido optativo (RB, I, p. 68).

- 7 1 — *Árvore de Cristo*: árvore (genealógica), linhagem dos Reis de Portugal, que eram cristãos.
 2 — (*Árvore*) *Cesárea*: dos Imperadores da Alemanha.
 3 — (*Árvore*) *Cristianíssima*: dos Reis de França (que usavam o título de *Cristianíssimos* desde o séc. 14).
 4 — *Vitória*: a que se seguiu à *batalha de Ourique*. Antes dela, as nossas armas compunham-se de uma cruz azul em fundo branco; depois dela, foram acrescidas de cinco escudos azuis (as cinco chagas de Cristo, que, segundo a lenda, aparecera a D. Afonso Henriques, antes da luta).
 8 1 — *Ismaelita*: descendente de Ismael, filho de Agar e de Abraão (= os Agarenos, os Turcos). — Sinédoque*. — Em 1571 (ano imediatamente anterior ao da publicação d'«Os Lusíadas»), as forças Cristãs da Espanha e de Veneza venceram os Turcos na batalha de Lepanto. Cf. JP, II, p. 422.
 2 — *Santo rio*: o Ganges.
 1 — *Eterno templo*: templo da Fama eterna («seio de Deus», segundo José Agostinho).

- 2 — *Numeroso*: harmonioso, cadenciado. Lat.: *numerus* = cadência, ritmo; *numerosus* = rítmico. Cf. CS, pp. 147-148.
- 10 1 — Os dois primeiros vv. desta oitava «ficariam bem na portada d'«Os Lusíadas» (HC, p. 187).
2 — *Superno*: superior, muito alto (lat.: *supernu*-).
- 11 1 — *Rodamonte*: personagem do «Orlando Innamorato» de Boiardo (Poeta ital. do séc. 15). Deformação de *Rodomonte*.
2 — *Rugeiro*: personagem do «Orlando Furioso», de Ariosto (Poeta ital. do séc. 16). — Em ital., *Ruggiero*.
3 — *Orlando*: palavra italiana correspondente à francesa *Roland*, herói da célebre *Chanson de Roland* (poema do fim do séc. XI).¹
- 12 1 — *Nuno*: D. Nuno Álvares Pereira.
2 — *Egás*: Egas Moniz.
3 — *D. Fuas*: D. Fuas Roupinho.
4 — *Homero*: Nome por que se designam dois autores diferentes: um da *Iliada*, outro da *Odisseia*, poemas compostos entre o séc. IX e o séc. VII a. C., sendo este último «mais recente do que a *Iliada* pelo menos de mais de um século». (Ag M, pp. 11 e 23).
5 — *Doze Pares*: doze nobres companheiros, literalmente iguais (= pares), de Carlos Magno. Cf. GP, p. 13.
6 — *Os Doze de Inglaterra*: doze cavaleiros portugueses que, no reinado de D. João I, teriam ido a Inglaterra combater igual número de cortesãos ingleses, que haviam ofendido outras tantas damas do seu país. Entre os nossos, figuraria *Magriço* (cf. canto VI, 43-69). — Note-se que a copulativa, em «e o seu Magriço», tem por fim salientar o nome do mais célebre.
7 — *Gama* = Vasco da Gama.
- 13 1 — *Carlos* = Carlos Magno.
2 — *César* = Caio Júlio César, general e político romano (100-44 a. C.).

¹ Cf. «La Chanson de Roland», ed. do Prof. L. Clédât, p. VII; ed. de André Cordier, Larousse, p. 13.

- 3 — *Primeiro Afonso* = D. Afonso Henriques.
4 — *E (vede) aquele...* = D. João I.
5 — *Outro Joanne* = D. João II.
- 14 1 — *Nos Reinos lá da Aurora*: No Oriente.
2 — (*fizeram*) *Vossa bandeira... vencedora*. — Notar a omissão da forma verbal *fizeram*.
3 — *Pacheco*: Duarte Pacheco Pereira, defensor de Cochim.
4 — *Almeidas*: D. Francisco de Almeida (primeiro Vice-Rei da Índia) e seu filho D. Lourenço. Ambos foram mortos em combate contra inimigos de Portugal.
5 — *Por quem o Tejo chora*. — Notar a hipérbole *, a prosopeia * e a sinédoque *.
6 — *Albuquerque terrível* (Vid., principalmente, M St, pp. 47, 52, 76, 86, 118, 141, 142, 180).
7 — *Castro forte* = D. João de Castro. O adjectivo é exacto: basta recordar a viril atitude do vice-rei, quando lhe anunciaram a gloriosa morte de D. Fernando, seu filho (ES Cas, pp. 257-258).
- 15 1 — *Tomai as rédeas*. — Metáfora *.
2 — *Comecem a sentir* (cf. ainda V, 25; V, 35; V, 61; VI, 37; IX, 68; IX, 72). — Leia-se, SA, p. 61.
3 — *Grosso*: grande.
4 — *Singulares*: incomparáveis.
- 16 1 — (*Mouro*) *frio*: apavorado (ED). Sinédoque* [Mouro = Mouros (pl.)].
2 — *Exício*: extermínio, ruína completa. — Latinismo lexical (CS, p. 169).
3 — *Tethys*+: deusa do mar, esposa do Oceano.
4 — *Cerúleo* = azul, da cor do mar (lat. *cærulæus*, *a*, *um*, *cærulæus* < * *cærolus*, de *cælum*, habitação dos deuses).
5 — *Senhorio* = império. — *Cerúleo senhorio* (de *Tethys*) = mar.
6 — *Aparelhado* = aprestado.
7 — *Ao gesto* = ao (vosso) rosto. Do latim *gestus* (de *gerere*): o que uma pessoa traz consigo; o aspecto, o rosto. Cf. JR, p. LVIII.
- 17 1 — *Vem* = vêem, do v. ver; predic. da proposição cujo suj. é *almas*.
2 — *Olimpica morada* = O Céu.

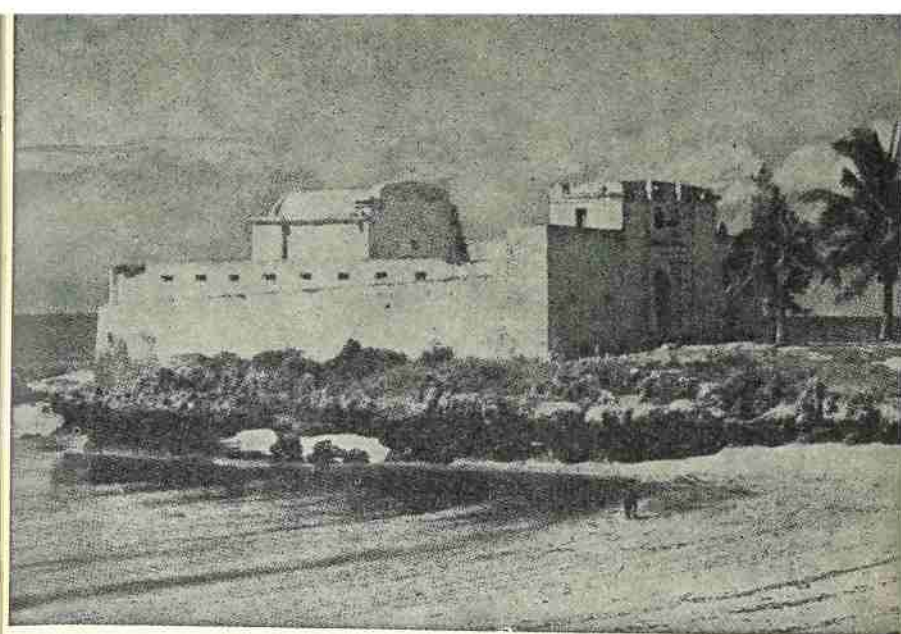
- 3 — *Dous avós* (de D. Sebastião, a quem o Poeta se está dirigindo): o paterno, D. João III, e o materno, o Imperador Carlos V. *Avós* (com -ô-) é pl. clássico (= *avós*, de hoje).
- 4 — (*No fim da*) *idade*: (no fim da) vida. — Latinismo (*ætas* = vida). Cf. CS, p. 117.
- 18 1 — *Novo atrevimento*: a (minha) epopeia nova (= «Os Lusíadas»).
- 2 — *Salso* = salgado (lat.: *salsus*, a, um, part. de *sallo*). — *Argento* (= prata): as ondas de prata. — Latinismos. Cf. CS, pp. 203 e 166, respectivamente.
- 3 — *Argonautas*: navegantes gregos que, na nau Argo, foram à Cólquida, comandados por Jasão, em busca do velo de ouro que um dragão guardava¹.
- 19 1 — *Consagradas*: sagradas, santificadas.
- 2 — *Próteu*: deus marinho, guardador do gado de Neptuno ou Poseidon (gr.: Πρωτεύς). Tinha o dom de tomar todas a formas possíveis. Em latim, *Prôteus*, -ëi.
- 3 — Notar a ordem: *águas... cortadas do* (= *pelo*) *gado de Próteu* +. — Cortadas = cruzadas.
- 20 1 — *Olimpo*: Monte situado entre a Macedónia e a Tessália, que, segundo a fábula, era a morada dos deuses. — *Olimpo luminoso* = «céu estrelado».
- 2 — *Vem* = vêm, forma do v. vir.
- 3 — *Tonante* (= trovejante): epíteto dado a Júpiter +, por ser deus dos trovões e dos raios. Do lat. *tonans*, *antis* (JN Dic, p. 404).
- 4 — *Neto... do... Atlante* = Mercúrio +. — Perífrase *.
- 21 1 — *Sete Céus*: as sete órbitas, que, segundo o sistema de Ptolomeu, seriam percorridas pelos sete «planetas» — Saturno, Júpiter, Marte, Sol, Vénus, Mercúrio e Diana (cf. X, 89).
- 2 — *Regimento*: governação.
- 3 — *Arcturo congelado*: estrela de uma constelação, no Pólo Norte.
- 4 — *Austro*: o Sul.
- 5 — *Tem* (v. 7.º) = habitam. — Latim *tenere* = habitar (CS, p. 132; OM, p. 15).
- 6 — *As partes onde/a Aurora nasce*: o Nascente.
- 7 — [*As partes onde*] *o claro Sol se esconde*: o Poente.

¹ Cf. PHMD, pp. 118-134 («L'Histoire de Jason et des Argonautes»).

- 22 1 — *Padre* = Júpiter +, pai dos deuses.
- 2 — *Vulcano* +: filho de Júpiter + e de Juno, fabricava os raios para o pai.
- 23 1 — *Marchetados*: esmaltados.
- 2 — *Perlas*. — Síncope *.
- 3 — *Concertavam*: determinavam.
- 4 — *Horrendo*: que infunde temor respeitoso.
- 24 1 — *Estelífero*: que tem estrelas. — Latin. (CS, p. 183).
- 2 — *Pôlo* = céu. — Latin.
- 3 — *Claro Assento*: morada cheia de luz.
- 4 — *Gente/de Luso*: povo descendente de Luso, filho de Baco +. (= Povo português).
- 5 — *Fado(s)* = Destino(s).
- 25 1 — *Cum*. — Eclipse *.
- 2 — *Mouro* = Mouros (pl.).
- 3 — *Castelhano* = Castelhanos (pl.).
- 4 — *Teve os troféus pendentes da vitória*. — Alegoria *.
- 5 — *Troféus*: os despojos da batalha em que se alcançara a vitória e ficavam pendentes dos ramos das árvores desgalhadas.
- 26 1 — *Deixo* = ponho de parte.
- 2 — *Gente de Rómulo*: os Romanos (*Rómulo*: fundador e primeiro rei de Roma, segundo a tradição).
- 3 — *Viriato*: «a mais antiga, uma das mais valorosas figuras da nossa gloriosa história» (Vid. Prof. Mendes Corrêa, no Prefácio da obra magistral do Prof. Adolf Schulten, «Viriato», trad. port., pág. 18; «Oração a Portugal», Marques da Cruz, p. XXX).
- 4 — *Um* (por seu capitão) = Sertório.
- 5 — *Peregrino*: estrangeiro, que anda por terras ou mares longínquos. (Lat.: *peregrinu*-). — Sertório era romano. Cf. CS, pp. 148-150.
- 6 — *Fingiu na cerva...* = fingiu que existia em sua cerva...
- 27 1 — *Cometer* = tentar, acometer.
- 2 — *Lenho leve* = pequeno navio.
- 3 — *Áfrico*: vento do Sudoeste (em relação à Itália); *Noto*: vento Sul.
- Um e outro eram acompanhados de tempestades.
- 4 — [*As partes*] *onde o dia é comprido e onde breve*: «a costa africana ao sul do Equador, onde os dias grandes correspondem aos dias pequenos e os dias pequenos aos

grandes das regiões que demoram ao norte do Equador» (ED, I, p. 22). — Zeugma *.

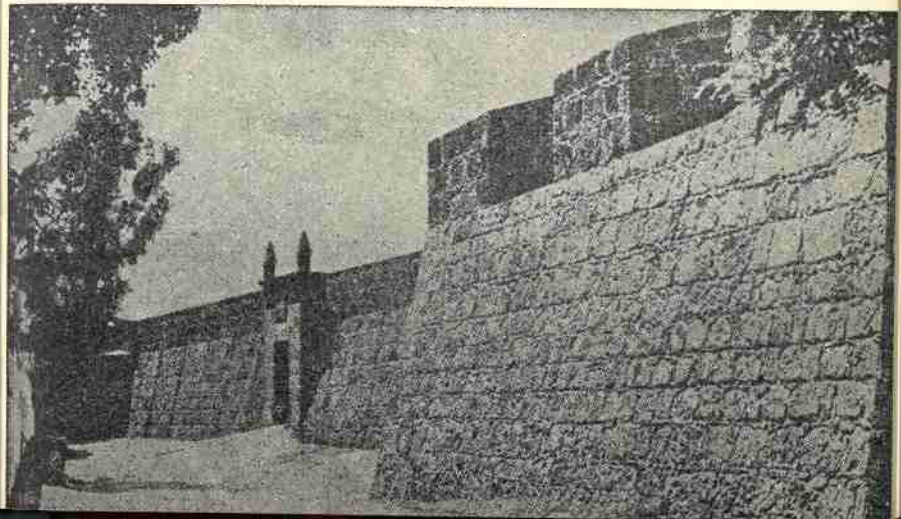
- 28 1 — *Fado* = Destino.
 2 — *Do mar que vê do Sol a roxa entrada*. — Prosopopeia *.
 — Este verso exemplifica o fenómeno *eco* (GF, p. 225).
 3 — *Roxa* = rubra, vermelha (cf. castelh. *roja*, fr. *rouge*).
 4 — *Trabalhada* = extenuada pelos trabalhos da longa viagem.
- 29 1 — *Tem* (= têm) *passados... perigos*. — Notar a concord. do part. passado (GF, p. 180, 2.^a obs.).
 2 — *Lassa* = fatigada.
- 30 1 — *Sentença*: opinião.
 2 — *Baco* +: deus, filho de Júpiter+ e de Sémele. Levou a civilização e a *arte de fazer o vinho* a várias regiões remotas, entre as quais a Índia. Representa o conjunto dos «interesses criados que no Oriente se levantaram contra o nosso domínio.» (HC).
- 31 1 — *Gente fortíssima de Espanha*. — Perífrase *. (= os Portugueses).
 2 — *Espanha* = Península Hispânica.
 3 — *Dóris* +: divindade marítima, filha do Oceano e de Tethys +; mulher de Nereu, mãe das Nereidas. (= o mar).
 4 — *Altamente*: muitíssimo, imenso.
 5 — *Nisa*: cidade ou fundada por Baco + ou onde este deus teria sido criado.
- 32 1 — *Indo*: as margens do rio Indo. (= a Índia).
 2 — *Parnaso*: monte da Fócida, na Grécia, cujas fontes [tal como vimos acontecer às de Hipocrene (cf. est. 4 deste c. I)] davam inspiração poética.
 3 — *Água do esquecimento*. — Alusão ao rio Letes, situado no Inferno pagão, cujas águas tiravam a memória aos que delas bebessem.
- 33 1 — *Vénus* +: deusa da beleza e do amor, nascida (segundo alguns) da espuma do mar. Primeiro, os Tritões depuseram-na na ilha de Chipre; depois, coroada de rosas, subiu ao Olimpo, onde Júpiter+ a adoptou por filha



Fortim da ilha de Moçambique ▲

(Gravuras reproduzidas do «Roteiro do Ultramar» — Lisboa, 1958).

▼ Fortaleza de N.ª Sr.ª da Conceição, em Lourenço Marques



e deu por esposa a Vulcano+. Foi mãe de Eneias, que Virgílio considerou progenitor do povo Romano. No poema, parece representar a *civilização ocidental, latina* (HC).

2 — *Terra Tingitana* (do lat. *Tingis*, *is* = Tânger) = o Norte da África, conquistado por Portugal.

3 — *E na língua... cre que é latina*. — Vid. HM, pp. 5-30; e AC, vol. 23, n.ºs 1-4, «A Formação da Língua Portuguesa, «Camões e a Língua Portuguesa».

34 1 — *Citereia* = Vénus +.

2 — *Parcas*: três divindades que presidiam aos destinos do homem.

3 — *Beligera* = guerreira. — Cf. CS, p. 183.

4 — *Um...* = Baco +; *outro* = Vénus +.

5 — *Infâmia*: «que não tem fama, nem boa nem má» (RB) — Latin.

6 — *A qualquer*. — Aproximar esta expressão de «cunctique fremebunt» (En., X, 96-97), na acepção de «cada um» dos contendores, Baco e Vénus. (ED, I, p. 26).

35 1 — *Qual* (1.º v.) /.../... *Tal* (7.º v.): correlativos. (GF, p. 162). Note: ...«essa **arte de comparações**, tão genuinamente clássica pela origem, mas também tão naturalmente camoniana pela adaptação afortunada». (RG, p. 28; egípcio nosso).

2 — *Austro*: Vento Sul.

3 — *Bóreas*: Vento Norte e Nordeste.

4 — No v. 5.º, há *quiasmo* *.

36 1 — *Marte* +: deus da guerra, filho de Júpiter + e de Juno, Amou Vénus + e dela teve Cupido +.

2 — *Da Deusa* = de Vénus +.

3 — *Gesto* = semblante.

37 1 — *Elmo*: parte das antigas armaduras, que protegia a cabeça.

2 — *Mui*. — Apócope *.

3 — *Por dar seu parecer*. — Por = para; designa circunstância de *fim* (GF, p. 186).

- 4 — *O Céu tremeu...* — Hipérbole *.
- 5 — *Apolo* +: deus do Sol, das letras, das artes, filho de Júpiter + e de Latona. (= o Sol).
- 38 1 — *Padre* = Júpiter +.
- 2 — *Se esta gente* (v. 3.º)... *que padeçam...* (v. 5.º). — Note-se a irregularidade, aliás também existente em latim. — Cf. **ED S**, p. 32.
- 3 — *Outro Hemisfério* — a Índia.

Vv. 7.º-8.º: Na leitura, atente-se na indicação de **JAM**, p. 181: convirá extremar a *ideia principal*, pondo de parte todos os ornatos e atavios. Só assim poderá *suspender-se* e, depois, *retomar-se a inflexão*, como é preciso:

Ó Padre, a cujo império

Não ouças mais, pois és juiz direito,
Razões de quem parece que é suspeito.

- 39 1 — *Privado* = favorito.
- 2 — *Estamago*: «sede dos sentimentos» (**JR**, p. LXVII); coração, entranhas (**HC**).
- 40 1 — *Desistir-se*. — Cf. **SA**, p. 102.
- 2 — *Mercúrio* +: filho de Júpiter + e de Maia, mensageiro dos deuses.
- 3 — *Se reforme*: se restaure.
- 41 1 — *Mavorte*. — Epêntese *. Aliás o lat. apresentava já *Mars-Martis* e *Mavors-Mavortis*.
- 2 — *Néctar*: bebida dos deuses, no Olimpo, que lhes eternizava as existências.
- 3 — *Acatamentos*: reverências.
- 42 1 — *A gente belicosa* = Os Portugueses.
- 2 — *Costa Etiópica*. — Cf. coment. à est. seg., n.º 2.
- 3 — *Ilha de S. Lourenço*: Madagáscar (Cf. c. X, 39 e 137).
- 4 — *Tifeu*: Era um gigante que, ao aparecer repentinamente no Eufrates, onde Vênus + e Cupido + se banhavam, tão grande pavor nestes despertou, que os transformou em peixes — «O signo de *Peixes*, em que, naquela época, o Sol entrava, a 10 de Fevereiro, para sair a 12 de Março». (**JR**, p. LXVII).

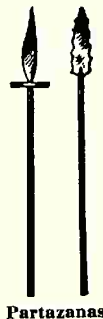
- 43 1 — *Promontório Prasso*: uma das pontas da costa africana, perto da ilha de Moçambique (**ED**); cabo Delgado (**HC**).
- 2 — *Etiópia*. — Este nome, aqui e em outros lugares (IV, 62, 101; V, 6; VII, 61) d'«Os Lusíadas», designa partes indistintas da África» (**GO**, p. 396), «o continente negro africano» (como diz **ED** e repete **CB**).
- 44 1 — *Tão grandes empresas*: o descobrimento do caminho marítimo para a Índia.
- 2 — (*Por*) *diantre passar*: continuar a viagem.
- 45 1 — *Batéis* — pl. de *batel*: «A embarcação maior do navio, que ia acomodada no convés da nau» (**AS HTM**, p. 219).
- 2 — *Vem* (= vêm), do v. *vir*.
- 3 — *Larga vela*: vela(s) enfunada(s).
- 4 — *Lei* = religião.
- 5 — *Teriam por terão* (fut.).
- 46 1 — *Vem* (= vêm), forma do v. *vir*.
- 2 — *Cor... verdadeira* = cor negra (**J Ag**); cor baça (**ED** e **HC**).
- 3 — *Que Fáeton...* — Perífrase *.
- 4 — *Fáeton* (< lat. *Phaëthon*; gr. *Φαέθων*): filho de Apolo + e de Clímene. Tendo, um dia, conduzido o carro do pai (= do Sol), tanto se aproximou do continente negro, que *tornou pretos os seus habitantes*. Como castigo, Júpiter + fulminou-o e deixou-o cair no rio Pó, onde morreu afogado. Leia-se o passo das *Metamorfoses* de Ovídio que Bocage traduziu: «O Precipício de Phaetonte» (Tomo 4.º, ed. de 1853, p. 203).
- 5 — *O Pado* [(= *Pó*) lat. *Padu-*] *o sabe...* — Prosopopeia *.
- 6 — *Lampetusa* +: irmã de *Fáeton*, que muito o chorou, por aquela trágica morte.
- 47 1 — *Adaga*: punhal. Cf. nota à oitava n.º 87, neste canto.
- 2 — *Terçado*: espada de folha curta.
- 3 — *Toucas* = turbantes.
- 4 — *Anafis* — pl. de *anafil*: antiga trombeta mourisca.
- 48 1 — *Que* (v. 2.º) = para que.
- 2 — *Amainar* (uma vela): «colhê-la, para que deixe de receber vento e de influir na marcha do navio» (**AS HTM**, p. 218).

- 49 1 — *Vem* (= vêm), do v. *vir*.
 2 — *Humanamente*: com cortesia.
 3 — *Em continente*: imediatamente.
 4 — *O licor que Lieu...* — o vinho. — Perífrase *.
 5 — *Lieu* = Baco +.
 6 — *Os de Fáeton queimados* = os Negros. — Perífrase *.
 7 — *De Fáeton*: Agente da passiva. Cf. nota à oitava 46, neste c. I.
- 50 1 — *Que* (em: *Que partes do mundo...*): adjectivo interrogativo (GF, p. 163).
 2 — *Imos* = vamos.
- 51 1 — *Antártico*: Sul.
 2 — *Calisto*: a constelação da Ursa Maior. A expressão «pólo de Calisto» (V, 13; X, 139) significa *pólo Norte*.
 3 — *Aqueronte*: um dos quatro rios do Inferno pagão.
- 52 1 — *O mar remoto*: obj. directo (antecedente: o verbo intransitivo *navegar*, que, aqui, assume significação transitiva. (GF, p. 164).
 2 — *Os feios focas*. — Notar o género do subst. [O Prof. J. M. Rodrigues lembra «Los phocas y delfines» de Boscan (JR, p. LXVIII)] e, além disso, o estar expresso este agente da passiva (*dos feios focas*), como acontecia outrora, embora a voz passiva seja pronominal.
 3 — *Se navega*. — Notar a passiva formada pelo acrescentamento de *se* à forma activa. (GF, p. 80).
- 53 1 — *Lei*: religião.
 2 — *Nação*: raça.
 3 — *O claro descendente...* = Maomet.¹ — Perífrase *.
- 54 1 — *Próprios*: naturais.
 2 — *Moçambique*: ilha da costa oriental da África, descoberta por Vasco da Gama, em Fev. de 1498, ou no começo de Março do mesmo ano, que deu, posteriormente, o nome a toda a província (Ag F, p. 420).
- 55 1 — *Hidaspe*: afluente do Indo. — Hoje, *Ihelam*.
 2 — *Que o regente.../.../... que vos veja*. — Observe-se a repetição da conj. integrante. (ED, I, p. 39; GF, p. 194, Obs. 3.^a).

¹ RG, p. 407. O *Vocabulário da A. C. L.*, porém, regista *Maomé*.

- 56 1 — *Febo* = Apolo + (= o Sol).
 2 — *Febo nas águas...* = pôs-se o Sol. — Perífrase * erudita.
Irmã (de Febo) = Diana + (= Lua).
- 57 1 — *Qualquer* = cada um (dos marinheiros).
 2 — *Gente* (6.^o v.) = habitantes de Moçambique.
 3 — *Maneira desusada*: hábitos fora do costume.
 4 — *E (admirava) como os crentes na falsa religião (maometana) haviam podido estender-se tanto pelo mundo* (vv. 7-8).
- 58 1 — (*Ondas*) *Neptuninas*: de Neptuno +, deus do mar.
 2 — Vv. 5.^o-6.^o. Como refere a fábula, os ventos eram guardados em cavernas por Éolo + (Cf. Virg., «En.», liv. I, vv. 34-86).
 3 — *Peregrinas*: remotas, escondidas.
- 59 1 — *Assi como* = logo que (JT, p. 145).
 2 — *Aurora*: divindade que presidia ao nascimento do dia.
 3 — *Hiperião* = o Sol. (Lat.: *Hyperionius*, -a, -um, adj. — Do Sol; cf. *Hyperion*, *ōnis*, m. — Hiperião, pai do Sol; o Sol).
- 60 1 — *Refresco*: provisões, mantimentos.
 2 — *Apousentos Cáspios*: terras banhadas pelo mar Cáspio.
 3 — *Costantino* = *Constantino*: ou o último soberano do império bizantino ou Constantino Magno, que transferiu a sede do império romano de Roma para Constantinopla (ED, I, p. 42).
- 61 1 — *Licor* = vinho.
 2 — *Não usado* (pelos Muçulmanos), por causa das determinações dos seguintes lugares do *Alcorão*: II, 216; V, 92 e seguintes.
- 62 1 — *Enxárcia*: «O conjunto dos cabos fixos que, para um e outro bordo, aguentam os mastros reais, descendentes até as mesas.» (AS HTM, p. 220).
 2 — *Dezia* = perguntava.
- 63 *Lei* = religião.
- 64 1 — *Um que...* = Fernão Martins. — *Língua escura*: o árabe

- 2 — *Dar-te-ei.* — Tmese *.
 3 — *Trazia por trago.* (GF, p. 167).
 4 — *Gentes enojosas de Turquia.* — O adj., que equivale a *repelentes*, justifica-se pelo ódio que, então, opunha os povos muçulmanos aos cristãos.
- 65 1 — *Aquele:* Jesus Cristo.
 2 — *Hemisfério:* Universo.
 3 — *Os mortais:* = os homens.
- 66 1 — *Os Livros:* os Evangelhos.
 2 — Vv. 3.^o-4.^o: Notar o alto valor moral destes dois versos.
- 67 1 — *Manda tem por suj. (oculto) Vasco da Gama.*
 2 — *Ministros:* subordinados de Vasco da Gama. — Lat. *minister* = subordinado, servidor (CS, pp. 135-140).
 3 — *Arneses:* armaduras.
 4 — *Malhas:* armaduras feitas de anéis de ferro.
 5 — *Pelouros:* balas de granito ou metal das antigas peças de artilharia.
 6 — *Arcos:* bestas.
 7 — *Sagitíferas:* cheias de setas.
 8 — *Partazana:* arma de longa haste de madeira, como a lança, cujo ferro, porém, tem, em regra, no topo, uma ponta cônica e, lateralmente, um duplo ferro em forma de cutelo ou de meia-lua cortante (OS, p. 65).
 9 — *Chuças* = chuços: varapaus armados de ferro aguçado numa das extremidades.
- 68 1 — *Bombas:* esferas de ferro lançadas das bombardas.
 2 — (*Panelas*) *sulfúreas:* cheias de enxofre (*sulfur*, lat.).
 3 — *Aos de Vulcano* + = aos soldados artilheiros.
 4 — *Vulcano* +: filho de Júpiter + e de Juno, marido de Vénus +. Fabricava os raios para o pai.
 5 — *Dem* = dêem, do v. *dar*.
 6 — *Bombardas:* velhas peças de artilharia.
 7 — *Generoso* = nobre de sentimentos. Latin. (Primeiro sentido, etimológico: «nobre, de estirpe»; cf. *genus* = raça). (CS, pp. 144-145).



Partazanas

- 69 1 — *Vontade má:* maus intentos.
 2 — *Fingimento:* dissimulação.
- 70 1 — *O Capitão:* Vasco da Gama.
 2 — *Peito venenoso:* espírito maldoso.
- 71 1 — *Súpito* = súbito, adj. adv. (= súbitamente).
 2 — *Filho de David* = Jesus Cristo.
 3 — *Que* (v. 7.^o) pressupõe uma oração elíptica imediatamente antes: *como se compreende...*
- 72 1 — *Partiu-se.* — O pron. *se* junta-se ao verbo «para exprimir a espontaneidade» (GF, p. 79, nota 2).
 2 — *Gesto* = semblante, rosto.
 3 — *Obsequente* = reverente, respeitoso. É participio presente de origem latina (CS, p. 191).
 4 — *Cógnito* = conhecido (Lat.).
- 73 1 — *Assento etéreo:* o céu (pagão). — Cf. son. de Camões «Alma minha», v. 5.^o.
 2 — *Grão Tebano* = Baco +, recolhido numa das pernas de Júpiter +, por ocasião da morte de Sêmele (mãe de Baco +), até se completarem os nove meses. Teria nascido em Tebas.
 3 — *Cuida:* medita em.
 4 — *Praticava:* dizia.
- 74 1 — *Filho do Padre sublimado* = filho de Júpiter +.
 2 — *Outrem* = outros: os Portugueses.
- 75 1 — *O filho de Filipo* = Alexandre Magno. — Foi até à Índia, onde derrotou o rei Poro (lat. *Pōrus*, i).
 2 — *Marte* +: deus da guerra.
 3 — *A tão poucos* = aos Portugueses.
 4 — *Grão Macedónio* = Alexandre Magno.
 5 — *Romano* = Trajano, Imperador Romano. Soberano excelso e grande conquistador. Sua ida a Índia não tem fundamento histórico. (HU O, V, pp. 440-460; BB, pp. 30-31).
- 76 1 — *Este Capitão* = Vasco da Gama.
 2 — *Fabricado:* forjado, preparado.

- 3 — *Que* (*nunca veja...*). — Conj. subord. consecutiva.
 4 — *Peito* = ânimo.
- 77 1 — *Vestindo*: tomando, revestindo.
 2 — *Gesto*: rosto.
 3 — *Engano*: cilada.
 4 — *Xequê*: chefe de tribo (vocab. árabe).
- 78 1 — *Acomodadas* = convenientes, propícias.
 2 — *De novo* = recentemente, pela primeira vez.
- 79 1 — *Destes* (*Cristãos*) = acerca destes.
 2 — *Tem* = têm, do verbo *ter*.
 3 — *Cativarem*: reduzirem à escravidão.
- 80 1 — *Dos seus* (acompanhado). — Ag. da passiva.
 2 — *Que* (*da tenção danada*). — Conj. subord. causal.
 3 — *Saindo* = desembarcando.
 4 — *A gente*: os navegantes portugueses.
- 81 1 — *Tenho imaginada...* (outra manha). — Notar que o part. passado concorda com o obj. directo (*manha*) — o que se não verifica no português actual.
 2 — *Conceito*: mente, espírito.
- 82 1 — *Acabou* tem por suj. (oculto) *Baco* +.
 2 — *Concertou*: preparou, aprestou.
 3 — *Belígero aparelho*: guerreiro material = as armas.
- 83 1 — *Cuidado*: premeditado.
 2 — *Lhe* (*mande*): a Vasco da Gama.
- 84 1 — *Já o raio...* — Perífrase *.
 2 — (*Raio*) *Apolíneo* = de Apolo +, isto é, do Sol.
 3 — *Montes Nabateios* = Montes do Oriente (Própriamente: montes da Arábia Petreia).
 4 — *Por água*: por causa de água (Cf. *fazer aguada*).
 5 — *Apercebido*: armado.
 6 — *Pressago*: que pressente algo de lamentável.
- 85 *Se cré* = confia. — *Crer-se* = fiar-se. — Verbo pronominal (FF Dic.). Notar a preposição que acompanha o verbo: *de*.
- 86 1 — *Por lhe defender* = para lhes (= aos Portugueses) proibir (cf. franc. *défendre* = proibir).

- 2 — *Um.../...outro...* — Sinédoque * (= Uns.../... outros...).
- 3 — *Ervada*: tornada venenosa por acção de ervas apropriadas.
- 4 — *Negaça* = armadilha, engodo (própriamente: ave destinada a atrair outras aves, quando se pretende caçá-las).
- 87 1 — *Ribeira* = praia.
 2 — *Adarga* = escudo de couro, de forma oval [Cf. *Adaga* (sem r) = punhal; I, 47].
 3 — *A gente generosa* = os Portugueses. Cf. com (n.º 7) à est. 68 deste canto.
 4 — *Os Cães* = aqueles Cães (= Mouros).
- 88 1 — *Corro sanguino*: «arena onde se derrama sangue» (RB).
 2 — *O ledo amante* = o alegre toureiro enamorado.
 3 — *Derriba, fere e mata, e põe por terra*. — Polissíndeto *.
- 89 1 — *Plúmbea péla* = balas de chumbo (das peças portuguesas).
 2 — *O escondido* = os Mouros escondidos.
 3 — *O descoberto* = os Mouros que, desprezando os esconderijos naturais do terreno, atacavam os Portugueses.
 4 — *O escondido.../... o descoberto*. — Sinédoque *.
- 90 1 — *O velho inerte* = os velhos inválidos.
 2 — *Inerte*: lat. *in-ers, ertis*, adj. inábil, inerte. (M Br, p. 18: *ars, artis*).
 3 — *A mãe que o filho cria* = as mães (Mouras) que haviam criado filhos (para ali os verem mortos).
- 91 1 — *Tirando* = atirando. — Aférese *.
 2 — *Canto* = pedra grande, penedo. — Aproximar *canto* de *cantaria*, por ex. .
 3 — *À* (*terra firme*) = para.
- 92 1 — *Almadias*: pequenas embarcações, estreitas e compridas, feitas de um tronco de árvore. É «de origem arábica» JN Dic, p. 28).
 2 — *Um corta.../ Quem...* — Sinédoque * (sing. pelo plural).
 3 — *Quem* (repetido). — Vv. 3.º e 4.º. — Pronome indefinido (= uns, outros) (GF, p. 162; JT, p. 93) distributivo (entre os clássicos) = este, esse, aquele (SB, p. 293).
 4 — *Pangaios*: pequenas embarcações asiáticas (AS HTM, p. 222) que navegavam à vela e a remo (Ag F, p. 427).
 5 — *Sotis*: leves (e, por isso, velozes).

- 93 1 — *Tornam* tem por suj. (oculto) os *Portugueses*.
2 — *Estriba*: se firma, confia.
- 94 1 — *Cometer* = propor.
2 — *Entendido* = percebido.
3 — *Que* (v. 4.º). — Conjunção subordinativa integrante (antecedente: *entendido*).
4 — *Guerra* = traição, na pessoa do *piloto falso* (cf. v. 5.º).
- 95 1 — *Capitão* = Vasco da Gama.
2 — (*tempo*) *concertado*: favorável, conveniente.
3 — *Dele* (6.º v.). — Agente da passiva.
4 — *A tento*: com cautela.
5 — *As*. A 1.ª ed. *E* apresenta *Aas* e *RG T*, p. 187, reproduziu *As*. Não vemos motivo para seguir a lição de *JN* nem a de *OM*, que escrevem sem acento (as): ò, â, ôs e às são «formas dialectais antigas de artigo definido ou pronome» (*RG T*, p. 186).
- 96 1 — *Anfitrite* +: esposa de Neptuno +, mãe de Tritão; deusa do mar.
2 — *Filhas de Nereu* = Nereidas.
3 — *Das filhas* (v. 3.º). — Agente da passiva.
4 — *Não caia em nada* = não dava por nada.
- 97 1 — *Mouro* = «piloto falso» (cf. est. 94 deste canto).
2 — *Razão* (v. 5.º) = informação.
3 — *A forte gente* = os *Portugueses*.
- 98 1 — *Sinon*: Grego que, durante o cerco de Tróia, se entregou aos defensores da cidade, dizendo-se vítima dos Gregos, seus compatriotas. Pérfido, aconselhou, depois, aos Troianos que introduzissem o famoso cavalo, de cujo bojo, durante a noite, haviam de sair os que abriram as portas ao exército sitiante.
2 — *Frigios* = habitantes de Tróia.
- 99 1 — *Mouro* = «piloto falso» (cf. est. 94 e 97).
2 — *Seguro* = descuidoso (lat. *securu-*). — Será um latinismo? Leia-se *CS*, pp. 157-158.
3 — *O... Cristão* = Vasco da Gama.
4 — *Mahamede* = Maomet.
5 — *Quíloa* tem duas sílabas métricas: *Qui-loa*.
- 100 1 — *A deusa em Citera* (...) = Vénus +.
2 — *A gente* (v. 6.º) = os *Portugueses*.
3 — *Contrairos*. — Metátese *.

- 101 1 — *O malvado Mouro* = o «piloto falso» (cf. est. 94).
2 — *Discorrendo* = correndo em diferentes sentidos.
3 — *Que* (v. 7.º). — Conj. subord. integrante (repetida: já a encontráramos no v. 5.º).
4 — *Tem* = têm, 3.ª pes. do pl. do Pr. Ind. de *ter*.
- 102 1 — *Regimento*: conjunto de determinações secretas e escritas que levavam consigo os capitães saídos de Portugal.
2 — *Deusa guardadora* = Vénus +. — *Guardadora*, porque guardava ou protegia os *Portugueses*.
- 103 1 — *Ilha* (1.º v.)... / ... / ... *hũa cidade* (3.º v.)... / ... / ... *Mombaça* (8.º v.). — Notar a equivalência entre os três substantivos, só esclarecida no últ. v. da oitava.
2 — *Fabricada* = construída.
- 104 1 — *Baptizado* = cristão.
2 — *Vem* = vêm, do v. *vir*.
3 — *Forma* (v. 8.º) = disfarce.
- 105 1 — Desde o v. 5.º desta oitava até ao 8.º v. da seguinte, apresenta Camões uma síntese do «negrume trágico», que dá a medida da grandeza épica da gesta Lusa. Aproximar estes versos do «drama das almas», no fim do canto IV, da tempestade marítima (c. VI), das profecias de Adamastor (c. V). (*HC Ép*, p. 155).
2 — Vv. 5.º-8.º. — Epifonema *.
- 106 1 — *Apercebida* = iminente.
2 — *Necessidade* = conjunto de circunstâncias a que temos de sujeitar-nos (*ED*).
3 — *Que* (v. 7.º) — conj. subordinativa consecutiva (relaciona-se com a palavra *tão*, omissa imediatamente antes de *segura*, no v. 6.º).

CANTO II

ASSUNTO	Localização. — Sugestão artística. — Fonte histórica
— Convite insidioso do Rei de Mombaça para a armada do Gama entrar no porto.	1 — 6
— Desembarcam dois condenados portugueses , encarregados de colherem informações da terra.	7 — 9
— BACO , fingindo de sacerdote cristão, engana estes dois portugueses, que, por isso, trazem informações falsas.	10 — 15
— VÊNUS e as <i>Nereidas</i> opõem o peito à nau capitaina, impedindo-a de entrar no porto de Mombaça.	16 — 24
— Com receio de estarem descobertos os seus designios, o piloto embarcado em Moçambique e os companheiros Mouros fogem precipitadamente.	25 — 28
	11, 14, 16, 18, 24 — Castanheda: <i>Hist. do Descobr. e Conquista da Índia</i> . ¹
	De 25 a 26 (incl.) — Castanheda: <i>Hist. do Descobr. e Conquista da Índia</i> ² ; 27—Ovídio: <i>Metamorfoses</i> , VI, 317-381. ³

(cont.)

¹ ED, I, pp. 68-72.

² *Ibid.*, pp. 81-82.

³ *Ibid.*, p. 82.

ASSUNTO	Localização. — Sugestão artística. — Fonte hist.
— Súplica do Gama à «Divina Guarda», para que lhe mostre a terra que busca.	29 — 32
— VÊNUS sobe ao sexto Céu, e queixa-se a Júpiter da falta de protecção dispensada pelos deuses aos Portugueses.	33 — 41
— JÚPITER acede aos rogos da filha, e vaticina feitos gloriosos aos Lusos.	42 — 55
— MERCÚRIO é enviado à Terra:	
a) para preparar excelente recepção em Melinde;	56 — 59
b) para inspirar ao Gama o caminho a seguir.	60 — 63
— Partida da armada.	64 — 71
— Chegada a Melinde. — Magnífica recepção.	72 — 77
— O Gama envia a terra um «embaixador prestante», encarregado de concertar as pazes com el-rei.	78 — 84
— Este acolhe favoravelmente o nosso representante.	85 — 88
	29—Castanheda: <i>Hist. do Descobr. e Conquista da Índia</i> . ¹
	Virg.: <i>Eneida</i> (liv. I, vv. 223-253: Vénus vai queixar-se a Júpiter dos males com que Juno aflige Eneias e os Troianos).
	Virg.: <i>Eneida</i> (liv. I, vv. 254-304: Júpiter acalma Vénus, profetizando os triunfos de Eneias e as imponentes conquistas do povo Romano).
	Virg.: <i>Eneida</i> (liv. IV, vv. 223-278: Júpiter manda Mercúrio a Cartago, com o fim de exortar Eneias a cumprir a sua missão).
	Castanheda: <i>Hist. do Descobr. e Conquista da Índia</i> ; Barros: <i>Ásia</i> . ²

(Cont.)

¹ ED, 83.

² *Ibid.*, pp. 104 e ss.

ASSUNTO	Localização. — Sugestão artística. — Fonte hist.
— Manifestações de contentamento na frota e em terra.	89.—91
— Visita de el-rei de Melinde à armada.	92.—108
— El-rei pede ao Gama que lhe fale da história de Portugal.	109.—113

- 1 1 — *Lúcido planeta* = Sol. (A designação, aliás imprópria — o Sol é uma *estrela* —, resulta de o Poeta seguir o sistema astronómico de Ptolomeu).
 2 — *Meta* = linha do horizonte atingida pelo Sol, no seu movimento aparente.
 3 — *Deus Nocturno*: «estrela da tarde» (ED), *Vesper* (HC). *Nocturno*, aqui, é substantivo: era uma divindade romana.
 4 — *Infidas* = infiéis. Latin. lexical de que, todavia, há «ex. esporádicos na nossa língua literária.» (CS, p. 196).
- 2 1 — *Salsa via* = salgado caminho, isto é, o mar. [Cf. Antónimos de *salso*: *insulso* (forma alatinada) e *insonso* (forma popular); lat. *insulsu*].
 2 — *Reformar-te* = abastecer-te.
- 3 1 — *Trabalhoso* = custoso, difícil.
 2 — *Que* (v. 8.º). — Conj. subord. causal (= porque).

1 ED, pp. 116-125.

- 4 1 — *Produze*. — Paragoge *. (= produz).
 2 — *Faças o fim* = ponhas termo.
- 5 1 — *Capitão* = Vasco da Gama.
 2 — *Entra pera dentro*. — Pleonasma * («frequente na época»). (OM).
 3 — *Como* (v. 5.º) = logo que.
- 6 1 — *Cauta fantasia* = ideia ou pensamento de se precaver.
 2 — *Seguramente* = sem temor.
- 7 *Aventurados* = arriscados.
- 8 1 — *Mostrava* tem por sujeito (oculto) *Rei* (do v. 1.º).
 2 — *Tenha* tem por suj. (oculto) *Capitão* (= Vasco da Gama).
 3 — *Branda* = favorável.
- 9 *Menos daquilo...* (v. 4.º). — Notar o segundo termo de comparação: pronome regido da prep. *de* (JR, p. LXXVI; ED S, § 167 e pp. 170-171).
- 10 *Aquele que sempre a mocidade tem no rosto ...* — Metonímia* (= Baco+). Veja-se o inteligente comento a este passo, em ANA, pp. 185-186.
- 11 1 — *Cândida pombinha*: representação iconográfica do Espírito Santo.
 2 — *Cândida* = branca (Cf. TC, p. 35). Não esqueçamos, também, que o branco, «a cor total», é «símbolo do próprio Deus» (Cf. SL, p. 77).
 3 — *Fénix*: ave que, *sem ter par*, segundo a fábula, morria queimada e das próprias cinzas renascia. — *Única Fénix* = Nossa Senhora, Virgem e Mãe de Jesus: *única*, entre as mulheres, que conservou, antes e depois do parto, a virgindade.
 4 — *Os Doze...* = os Apóstolos, discípulos de Cristo. — Alusão ao dia de Pentecostes. — Fonte: *Os Actos dos Apóstolos*. / Primeira parte: *Os Actos de Pedro*, 2.
- 12 1 — *Pancaia*: região, talvez da Arábia, onde se produzia muito incenso e de magnífica qualidade.
 2 — *Tioneu* = Baco +, filho de Tione (= Sémele).
- 13 1 — *Os dous Cristãos*: cf. est. 7 deste canto, vv. 1.º e 5.º.
 2 — *Santo fingimento*: dissimulação por meio de atitude piedosa.

- 3 — *Moça de Titão* = Aurora, filha de Titão e da Terra, que presidia ao nascimento do dia.
- 14 *Salso rio* = salgado rio, isto é, o canal de Moçambique, entre a ilha de Mombaça e o continente negro.
- 15 1 — *Ara* = altar (lat.).
2 — *Mostra* = manifestação exterior de sentimentos.
- 16 1 — *A presa* = os Portugueses.
2 — *Crem* (= crêem), *tem* (= têm): formas de *crer* e *ter*.
- 17 1 — *Que* (2.º v.). — Conj. subord. final (= para que).
2 — *Como* (2.º v.). — Conj. subord. temp. (= quando).
3 — *Treição*. — Diérese * (= tre-i-ção).
4 — *Os de Luso* = os Portugueses.
5 — O suj. de *pagassem* é: *os de Luso* (v. 6.º).
- 18 1 — *Náutica grita* = vozeria dos homens do mar.
2 — *Sós*. — Adjectivo adverbial. Latin.? (CS, pp. 69-75).
3 — *Abalizada*: marcada com *balizas* destinadas a evitar que os navios encalhem.
4 — *Ericina* = Vénus +, que tinha um templo no cume do monte *Erix*, na Sicília.
- 19 1 — *Filhas de Nereu* = Nereidas.
2 — *Pera estorvar... não chegasse* = para estorvar que a armada chegasse (sem *não*). Cf. em lat., orações que servem de compl. aos verbos *estorvar*, *impedir*, *proibir*. (*impedire ne*).
- 20 1 — *Cloto*: uma das *Parcas*, não *Nereida* (na Mitol. Clás.). *Cloto* é erro «que vem das antigas edições de Virgílio» (OM). JN apresenta *Doto*.
2 — *Nise, Nerine*: Nereidas que teriam sido inventadas por Camões (HC, I, p. 61; RB, II, p. 74). Não constam, efectivamente, da lista do Prof. Grimal, DMGR, p. 314. O Prof. Júlio Nogueira, porém, descobriu-as em Virgílio: *Nise* (*Nēsaeē*), *Bucólicas*, V, 826, e *Geórgicas*, I, IV, 338; *Nerine* («*Nerine Galathea*»), noutro verso das *Bucólicas*. (JN, p. 285).
- 21 1 — *Tritão*: uma das divindades marinhas chamadas *Tritões* (diferente de *Tritão*, filho de Neptuno; cf. ed. fac.-sim. CB, p. 189 verso).
2 — *Dione* = Vénus +.

- 22 1 — *A Deusa* = Vénus +.
2 — *Em direito* = em frente.
3 — *Proa* (em vez de *nau*). — Sinédoque *.
- 23 1 — *Quais* (v. 1.º).../.../ *Tais* (v. 7.º). — Comparação *.
2 — *Próvidas*: que prevêem; providentes. — Lat. *providus*, *a*, *um* (adj.).
3 — *Congelado*: muito frio; enregelado.
4 — *Fim nefando* = perdição.
- 24 1 — *Detrás* = trás.
2 — *Ferve* = agita-se febrilmente.
3 — *Astuto* = hábil.
4 — *Diante*:... *da nau*, segundo J Ag; *da popa*, segundo CB. ED, remetendo para o texto de Castanheda, diz que *diante* equivale a «pela popa (onde estava o mestre)».
- 25 1 — *Celeuma* = «náutica grita» da est. 18 deste canto.
2 — *No rudo marinheiro*. — Sinédoque * (singular pelo plural).
3 — *Horrída* = horrível.
4 — *Pressa* = aflição, aperto.
- 26 1 — *Se acolhiam* = procuravam abrigo.
2 — *Aventurar-se*: arriscar-se a perecerem afogados.
- 27 1 — *Assi como* (v. 1.º)...// *Assi*... (v. 1.º da oitava n.º 28). — Em WK, I, p. 188, ensina-se que, neste passo, «Camões parece comparar somente dois movimentos; na realidade estabelece-se grande cópia de relações».
2 — *Lícia gente*: camponeses da Lícia, região da Ásia Menor, que foram convertidos em rãs, por recusarem água a Latona, mãe de Apolo + (Vid. Ovídio, *Metamorfoses*, VI, desde 317).
3 — *Sós* (v. 8.º) — adj. adv. (Cf. com. à oitava n.º 18, 2, deste canto).
- 28 1 — *Piloto* = «piloto falso» (do C. I, est. 94, v. 5.º).
2 — *Noto* = conhecido (lat.: *notu*-). — Cf. SA, p. 136.
3 — *Amara* = amarga. Latin. (CS, p. 193).
4 — *Imoto* = imóvel (lat.: *immotu*-).
- 29 1 — *Ordenava* = projectava executar.
2 — *Sem contraste* = sem oposição.
- 30 1 — *Cuidado* = concebido, pensado.
2 — *Inopinado* = imprevisto.
3 — *Aparelhado* = preparado.
4 — *Lá de cima* = lá do Céu. (Convém precisar: «o céu físico seria o universo, ao passo que o céu espiritual

é o próprio Deus e o estado de alma que no-lo comunica». (S JC, p. 136).

- 31 1 — *Providência*: «Acção pela qual Deus conduz os acontecimentos e as criaturas para os fins previstos pela Sua sabedoria e a Sua bondade» (VD, onde substituímos por maiúsculas as iniciais dos possessivos).
2 — *Não alcança*: não descobre.
- 32 1 — *Desta... gente peregrina*: destes navegantes (portugueses) que andam longe da pátria.
2 — *Nalgum porto*: compl. circ. de lugar para onde [construção usada no português antigo: em por a ou para].
3 — *De verdade* = verdadeiramente.
4 — *A terra que...* (v. 7.^o) = a Índia.
- 33 1 — *Piadosas*: de Fé ardente, sincera.
2 — *Dione* = Vénus +.
3 — *Terceira Esfera*: a órbita do planeta Vénus, segundo o sistema de Ptolomeu. Anteriormente, segundo este sistema, a deusa atravessara já a órbita da Lua e a de Mercúrio (Cf. X, 89). Vid ANOTAÇÕES — Canto X, figura situada entre anot. a 75 e anot. a 76.
4 — *Sexto Céu*: a órbita de Júpiter, segundo o mesmo sistema (referido no n.^o anterior).
5 — *Padre* = Júpiter +.
- 34 1 — *Afrontada* = afogueada, ruborizada.
2 — *Gesto*: fisionomia, rosto.
3 — *...e o Céu e o Ar vizinho / e tudo...* — Polissíndeto *.
4 — *Namorava* = prendia pelo amor; seduzia (JLV, pp. 274-277).
5 — *Seu filho* = Cupido, filho de Vénus + (= o Amor).
6 — *Espíritos* = eflúvios.
7 — *Inspirava* = insuflava.
8 — *Pólos gelados* = habitantes dos pólos do mundo e as próprias regiões polares. — Hipérbole *.
9 — *Do Fogo a esfera*: a que rodeava a atmosfera terrestre, segundo Ptolomeu.
10 — Vv. 7.^o-8.^o (ED S, p. 43).
11 — Ordem directa, v. 8.^o: *E (Vénus) tornava fria a esfera do Fogo*. — Hipérbole *.
- 35 1 — *Soberano/Padre* = Júpiter +.
2 — *(Vénus) se lhe (a Júpiter) apresenta assi como (já se*

apresentara) ao Troiano (Páris), isto é, nua. — Alusão ao episódio mitológico conhecido por «julgamento de Páris». É este o título de um quadro célebre de Rubens (v. in Th Cr, pl. 10).

- 3 — *Troiano* = Páris. — Antonomásia *.
- 4 — *Selva Ideia*: bosque perto de Tróia, no monte Ida, onde Páris julgou Vénus + (= *Afrodite*) a mais formosa das três deusas, diante das quais se encontrou [as outras duas eram: Juno (= *Hera*) e Minerva (= *Athena*).] ¹
- 5 — *O caçador...* = Actéon, tebano que Diana, deusa da caça e da castidade, transformou em veado, para imediatamente o ver devorado pelos cães que o acompanhavam, por a ter descoberto, quando a deusa se banhava.
- 6 — *Primeiro* = primeiramente, antes disso.
- 36 1 — *Fios de ouro* = cabelos loiros.
2 — *Colo que escurecia a neve* (em ord. directa). — Hipérbole *.
3 — *Lácteas tetas* = seios tão brancos como o leite (Lat.: *lactēu-* < *lac* ou *lacte*, *is* = leite).
4 — *Com quem Amor...* — *Quem*, no port. antigo, aplicava-se a pessoas e a coisas. Herculano pôs na boca de uma das personagens d'«O Bobo» estas palavras: «é o pudor virginal quem vos obriga»... (ed. de David Lopes, p. 173).
5 — *Petrina* = peito (Cf. franc. *poitrine*).
6 — *Flama* = chama (Lat.: *flamma-*), paixão.
7 — *Minino* = Cupido +.
8 — *Lisas colunas* = macias pernas.
- 37 1 — *Cendal*: véu fino e transparente.
2 — *De quem* = das quais. — Vid. JT, p. 92, obs. 1.^a.
3 — *Roxos lírios*: órgãos genitais externos. (AP M, p. 39; APE, pp. 254-264). [Para HC: «as pontas roxas dos seios da deusa.»; mas leia-se o comentário de JN Dic, p. 360 e ainda o de RB, II, p. 133].

¹ Os nomes das divindades em itálico são de origem grega: 'Αφροδίτη, 'Ηρα, 'Αθήνη.

- 4 — *Aquele objecto* = «delgado cendal», do v. 1.º.
 5 — *Raro* = transparente.
 6 — *Vulcano* +: deus, marido de Vénus +.
 7 — *Marte* +: deus da guerra.
- 38 1 — *Co riso hũa tristeza misturada*. — Confrontar este verso com o 1.º e o 2.º da est. 40 e o 3.º da est. 41: em todos se evidencia, em progressão crescente, o sábio uso de um bem feminino expediente supremo. (HC Ép, p. 33).
 2 — *Incauto* = imprudente, precipitado.
 3 — *Aqueixa*. — Prótese *.
 4 — *Padre* = Júpiter +.
- 39 1 — *As cousas...* (que eu... amasse) = os Portugueses.
 2 — *Algum contrairo* (= inimigo). — Alusão a Baco +.
 3 — *Iroso* = irado.
 4 — *Sem que* (v. 6.º) — conj. subordinativa concessiva (= embora).
 5 — *Mofina* = desditosa (neste desejo de proteger os navegantes portugueses). — Cf. a peça de Gil Vicente — *Mofina Mendes*.
- 40 1 — *Este povo* (= Povo Português) (v. 1.º) .../.../ *Por ele* (v. 5.º)... — Anacoluto *.
 2 — Sentido dos vv. 3.º e 4.º: *Porque bastante mal lhe quero* (= *lhe acarreto*), *visto que o amo, sendo tu* (= Júpiter +) *contra mim* (= Vénus +).
 3 — *Assaz de mal* (v. 3.º). — Depois de *assaz*, por ex., a prep. *de* «serve de designar o género». (ED S, pp. 136-137).
- 41 1 — *Mas moura*. — Não há cacófato. (JLV, p. 432).
 2 — *De mimosa*: compl. circ. de causa. (GF, p. 156).
 3 — *Brutas gentes* = cruéis gentios.
 4 — «*Que pois eu fui...*». — Reticência *.
 5 — *Lhe impedira a fala piedosa*. Verso incompleto: a partícula *se*, no início dele, está, entretanto, implícita no -s de *dentes* (= dente's). Cf. RPF, VII, 563.
 6 — *Tonante* = trovejante, epíteto dado a Júpiter +, deus dos trovões.
- 42 1 — *Moveram* = comoveriam.
 2 — *Novo Cupido* + = novo filho de Vénus +, tal como Cupido +. A paternidade deste deus varia com os autores que dela se ocupam: uns atribuem-na a Marte +, outros a Júpiter +, outros a Mercúrio +.

- 43 1 — *No* (4.º v.) = o (ref. a *minino*).
 2 — *Casos* (6.º v.) = acontecimentos.
 3 — *Dos fados as entranhas* = os segredos do destino.
- 44 1 — *Esquecerem-se* = serem esquecidos.
 2 — *Esta gente* = os Portugueses.
- 45 1 — *Facundo* = eloquente, astucioso.
 2 — *Ilha Ogigia*: ilha onde residia a ninfa Calipso. Ao voltar da guerra de Tróia, Ulisses foi arrojado a essa ilha. Aqui a ninfa, apaixonada pelo herói, reteve-o sete anos. — Recordar o formosíssimo conto — «A Perfeição», de Eça de Queirós, subordinado a este tema.
 3 — *Antenor*: Troiano que traiçoeu a pátria, escondendo a Ulisses na própria casa. Destruída Tróia, andou errante pelo Mediterrâneo, penetrou no Adriático e fundou Pádua.
 4 — *Os seios* (Cf. lat.: *sinu-*) .../*iliricos*: os golfos da costa ilírica, banhada pelo Adriático; ou o Adriático que banha a Ilíria.
 5 — *Timavo*: rio da Ístria.
 6 — *Cila* e *Caribdis*: nomes, respectivamente, de um escolho (no estreito de Messina) e de um sorvedouro, em frente do primeiro (do lado da Sicília).
- 46 1 — *Por eles* = pelos Portugueses.
 2 — *Belacíssimos*: muito guerreiros (Cf. lat.: *bellacissimu-*, superl. de *bellax, acis*).
 3 — *Deles* (v. 4.º) = por eles (cf. n.º 1). — Ag. da passiva.
- 47 1 — *Este* (v. 1.º) = Vasco da Gama.
 2 — *Pressuroso* = que sofre *pressas* (= aflições, apertos).
 3 — *Tremar dele Neptuno, de medroso* = tremar, por causa dele (= Vasco da Gama), o mar, com medo. — Alusão ao terremoto submarino, na 3.ª viagem do Gama à Índia, na costa de Cambaia, em 1524. (Cf. João de Barros, *Ásia, Década III*).
 4 — *Elementos*: a Terra, a Água, o Ar e o Fogo (para grandes sábios do mundo antigo).
- 48 1 — *A terra...* = Moçambique. — Recordar que (I, 86, vv. 1.º e 2.º) o Poeta já aludira a esta atitude de os Africanos negarem licença para os nossos fazerem aguada.
 2 — *Luso* = Português.

- 49 1 — «*E vereis o Mar Roxo, tão famoso.
Tornar-se-lhe amarelo, de infiado*». — Prosopopeia *.¹
2 — *Roxo* = vermelho (Cf. coment. à oitava 28 do c. I).
3 — *Duas vezes tomado*... — Pela 1.^a vez, em 1508; pela 2.^a vez, em 1515. De ambas as vezes, o ataque foi dirigido por *Albuquerque* (Vid. coment. a I, 14, nota n.º 6: cf. pp. 55-51 e 141-142 da obra aí cit.).
4 — *De suas próprias setas*... — Facto, referido por João de Barros, *Década II*, segundo o qual teriam aparecido muitos cadáveres muçulmanos atravessados por setas — armas de que, então, nos não servíamos.
- 50 1 — *Que* (v. 2.º) — conj. subordinativa integrante. (Repare-se: *Vereis... que...*).
2 — *Dous cercos (de Diu)*: o 1.º, em 1538, dirigindo a nossa defesa *António da Silveira*; o 2.º, em 1547, sendo comandante da fortaleza *D. João de Mascarenhas* e Vice-Rei *D. João de Castro*.
3 — *Mavorte*. — Epêntese *.
- 51 *Goa*. — Foi tomada, pela 1.^a vez, por *Albuquerque*, em 1510; depois, perdida; e, finalmente, reconquistada pelo mesmo general, em 1512 (Cf. *M ts*, pp. 66 e 72; 115 e 119. Vid., também, *HP DP*, vol. IV, pp. 47-52).
- 52 1 — *Cananor*: cidade da Índia. Alusão à respectiva defesa por *Lourenço de Brito* (*HC*, I, p. 77).
2 — *Cochim*: outra cidade indiana.
3 — *Um peito* (v. 6.º) = *Duarte Pacheco Pereira*.
4 — *Insolente* = não vulgar (lat. *in-solens*), altivo.
- 53 1 — *Com Marte instructo*: com guerra planeada convenientemente.
2 — *Leucate* (*quando Augusto...*). — Promontório, situado numa ilha do mesmo nome da costa do Epiro (Oeste da Grécia), junto do qual se travou uma batalha decisiva entre *Octávio* e *António*.
3 — *Capitão... Romano* = *Marco António*.
4 — *Bactra* = os habitantes da *Bactriana*, no Afeganistão.
5 — *Egípcia linda* = *Cleópatra*.
6 — *E não (...)* = mas não (...). — Cf. *OM*, p. 63.

¹ Leia-se o comentário de *RB*, II, p. 176.

- 54 *Áurea Quersoneso* = de ouro Península (= *Quersoneso* é palavra grega: *Χερσόνησος*; mas a acentuação é latina: *Chersonēsus*, *i*) = Península de Malaca. (*JR*, p. LXXXV).
- 55 1 — *Gaditano* (*mar*) = Oceano Atlântico (Cf. *Gades* = *Cádiz*).
2 — *Estreito/que mostrou o agravado Lusitano* = Estreito de *Magalhães*. — **Anacronismo**, pois a viagem do *Gama* verificou-se nos fins do séc. 15 e a passagem daquele Estreito por *Magalhães*, em 1519). — *Magalhães* foi *agravado* por *D. Manuel I*, Rei de Portugal.
- 56 1 — *Como* = apenas, quando.
2 — *Filho de Maia* = *Mercúrio* +.
- 57 1 — *Cileneu* = *Mercúrio* +.
2 — *Vara fatal* — caduceu, bastão, com que *Mercúrio* + adormecia as almas que, assim imobilizadas, levava para o outro mundo.¹
3 — *Galero* = capacete (com asas). É latin. (*CS*, p. 170).
- 58 1 — *Fama*: divindade que, colocando-se nos mais altos lugares, anunciava todas as novidades.
2 — *Preço* = mérito, valor.
3 — *Amiga* (v. 5.º) — nome predicativo do objecto directo.
- 59 1 — *Coração* = coragem.
2 — *Siso* = bom senso.
3 — *Dos Céus... celeste*. — Pleonasma *.
- 60 1 — *Meio caminho*... = era meia noite.
2 — (*Luz*) *alheia* = recebida do Sol.
3 — *Quarto*: «cada período de 4 horas em que está de vigia um mesmo grupo de gente» (*AS*, p. 86).
- 61
- Na leitura do verso 1.º desta oitava, atente-se no conselho de *JAM*, p. 135: Quando há inversão, deve fazer-se pausa antes da inversão. Assim:
Quando *Mercúrio* // *em sonhos lhe aparece*

1 — *Fuge, fuge*. — Epizeuxe *.

¹ *JN Die*, p. 76, onde se explica a origem das duas cobras que no caduceu aparecem.

- 2 — *Rei malvado* = o de Mombaça.
3 — *Outro Rei* = o de Melinde.
- 62 1 — *Diomedes*: Rei da Trácia, cruelíssimo, que alimentava os cavalos com a carne dos indivíduos que agasalhava. Hércules livrou a humanidade desse bárbaro.
2 — *Busíris*: Rei do Egipto que sacrificava quantos estrangeiros passassem pelos seus estados, imolando-os a Júpiter +.
3 — *Gentes pérfidas e feras*: os povos africanos que, traiçoeiramente, tinham atacado os nossos navegantes.
- 63 1 — *Outra terra* = Melinde.
2 — *Guia*. — No port. clás., é subst. feminino
- 64 1 — *Leva*: tira.
2 — *De hũa súbita luz*. — Agente da passiva.
3 — *Releva*: convém.
4 — *Com novo sprito*: com nova coragem.
- 65 Um mensageiro (*vi do claro Assento*): um enviado do Céu.
- 66 1 — *Lince*: mamífero quadrúpede e carnívoro, a que os antigos atribuíam vista muitíssimo penetrante, e também chamado lobo-cerval.
2 — *Como* (7.º v.) = *logo que*, segundo alguns; *porque*, segundo interpretação de outros.
- 67 1 — *Vias húmidas de argento*: caminhos líquidos (= os mares) que parecem de prata.
2 — *Galerno* (adj.) = propício (Como subst.: nome dado nas costas francesas do Atlântico a um vento, em geral brando, de Noroeste. — Do bret. *gualern*, segundo Moraes, 10.ª ed.. Cf., também, o Dicionário «Nouveau Petit Larousse Illustré»).
- 68 *Tinha uma volta dado o Sol ardente* = completava o Sol (tropical) uma volta [= decorrerá um dia].
- 69 1 — *Sem o rigor de Marte + furioso* = sem combates renhidos.
2 — *Sem a fúria horrenda de Vulcano +* = sem tiros de artilharia.
3 — *Recebera* = *receberia*. — Vid. GF, p. 168.
- 70 *A que parte dos céus*: para que lados, qual o ponto cardeal que deviam seguir.

- 71 1 — *Rei* (Cf. assunto dos vv. 6.º, 7.º e 8.º): o de Melinde.
2 — *Humanidade* (v. 3.º) = benevolência (Lat. *humanitate*). Cf. CS, p. 146.
3 — *Assela* (v. 5.º) = Confirma.
4 — *Cileneu* = Mercúrio +.
- 72 1 — *Roubador da Europa* = Júpiter +, que, transformado em touro, roubou Europa (filha de Angenor, Rei da Fenícia).
2 — *Luz Febeia*: luz de Febo ou Apolo + (= Sol).
3 — *Quando entrava...* (vv. 1.º e 2.º). — Perífrase * (= Quando o Sol entrava no signo de Touro — em Abril).
4 — *Flora* — deusa romana da Primavera e das Flores.
5 — *O corno de Amalleia* = corno da abundância; quem o possuísse podia enchê-lo do que quisesse. Cf. Júpiter +.
6 — *Aquele...* (7.º v.). — Metonímia * (= Cristo).
- 73 1 — *Reino Melinde*. — Construção idêntica à latina: *Melinde* é aposto de *Reino* (Cf. *Urbs Roma*, por ex.).
2 — *Treme a Bandeira*. — Sinédoque *.
- 74 *Diante*: em frente de Melinde.
- 75 *Rei*: o de Melinde.
- 76 1 — *Não dobradas* = não dúplices.
2 — *Tem passadas* (v. 4.º). — Notar a concordância antiga do partic. de um verbo transitivo com o objecto directo. — Cf. ED S, p. 107.
3 — *Lanigeros* = que dão lã; lãzudos.
4 — *Cevadas* (adj.) = gordas.
- 77 1 — *Capitão* = Vasco da Gama.
2 — *Como* (v. 8.º). — Conj. subord. temporal. (GF, p. 202).
- 78 1 — *Na prática* = na conversação.
2 — *Embaixador*: emissário.
3 — *Palas* = epíteto grego da deusa da sabedoria (= Atena).
- 79 *Dele* (v. 4.º). — Agente da passiva.
- 80 *Rei* (v. 8.º) — D. Manuel I, Rei de Portugal.
- 81 *Que* (vv. 6.º e 7.º). — Conj. subord. consecutiva.

- 82 1 — *O perdido Itaco* = Ulisses, Rei da *Itaca*.¹
 2 — *Alcino*: Rei da ilha dos Feácios, que acolheu favoravelmente a Ulisses.
 3 — *Intérprete divino* = Mercúrio +.
 4 — *Do intérprete...* — Ag. da passiva.
- 83 1 — *Nosso Capitão* = Vasco da Gama.
 2 — *Regimento*: Vid. n.º 1, est. 102, c. I, destas anotações.
- 84 1 — *De vassalos* — nome predicativo (aqui, formado por *prep.* + *subst.*, loc. ainda presa ao genit. latino com o verbo *esse*. Cf. EB, p. 29).
 2 — *Da cabeça*. — Ag. da passiva.
- 85 1 — *Em prática falando*: conversando.
 2 — *Estamago* = coragem, ânimo.
- 86 *Molesto*: hostil.
- 87 *Preminencia* (= preeminência): respeito pelas ordens superiores.
- 88 1 — *Como* (1.º v.). — Conj. subord. temporal (= logo que).
 2 — *Luz crástica* (do adv. lat. *cras* = amanhã): luz (do Sol) da madrugada de amanhã.
- 89 1 — *E nas águas...* (vv. 1.º e 2.º). — Perífrase *. (= E anoi-tecia).
 2 — *O filho de Latona* = Apolo + (= Sol).
- 90 1 — *Os raios de artefício* = os foguetes.
 2 — *O céu, a terra e as ondas atroando*. — Anástrofe *.
 3 — *Cyclopes* = Ciclopes, gigantes de um só olho que, às ordens de Vulcano +, fabricavam os raios para Júpiter +. — Esta palavra existe no grego: *Κύκλωπες* (proparoxítota). A forma portuguesa, porém, não provém directamente dela, mas da latina que lhe corresponde: *Cyclôpes* (paroxítota) (OM, p. 74).
 4 — *Altíssimo*: de som muito alto.
- 91 1 — *Pó sulfúreo* = pó de enxofre = pólvora (necessária na fabricação do fogo de artifício).
 2 — *Um ao outro* (v. 8.º) = Uns aos outros (Portugueses e Melindanos). — Sinédoque *.
- 92 *Mãe de Menon* = Aurora.

¹ Há uma bela fotografia da ilha de Ulisses no livro de Ch. Morazé et PH. Wolff, *Nouveau Cours d'Histoire/L'Antiquité*, p. 75.

- 93 *Cabaia*: «Vestuário de grandes mangas, aberto ao lado» (C. de Figueiredo). Epifânio, porém, segue a definição de Fernão Lopes de Castanheda: «roupa apertada no corpo e comprida até ao artelho» (= tornozelo).
- 94 *Fota* = turbante.
- 95 1 — *Tíria cor* = púrpura (*tíria*, porque se preparava em *Tiro*, cidade da Fenícia).
 2 — *Da obra* (v. 4.º) — Ag. da passiva.
 3 — *Alparca*: sandália, alparcata.
- 96 1 — *Emparo* (= amparo): guarda-sol, umbela (Cf. v. 2.º).
 2 — *Que* (v. 4.º) = para que.
 3 — *Horrissono*. — Segundo Ag F, p. 448, «não se justifica» a substituição da forma com *m*, da 1.ª ed. *E* e (est. 202), por *horrissono*: seria «forma sincopada de *horridíssimo*, superlativo de *hórrido*». O Prof. Epifânio, porém, supõe que «o compositor tomou *on* por *im*, vendo naturalmente na palavra um superlativo em *-íssimo*». Para Reis Brasil, finalmente, provém de «*horris sonum*» (= som de horror): som que causa horror aos ouvidos (RB, II, p. 373).
- 97 *Ao modo Hispano*: à moda da *Península Ibérica* (e não apenas — à moda espanhola).
- 98 *O metal que Fortuna a tantos nega* = o ouro. — Perífrase *.
- 99 1 — *Múrice*: molusco donde se extrai a púrpura. (Do lat.: *murice*).
 2 — *Bela Ninfa, filha de Taumante* = Íris, filha de Electra e de Taumante.
 3 — *Arco...* / *da bela Ninfa* (vv. 7.º e 8.º) = arco-íris. — Perífrase *.
- 100 1 — *Bombarda* — canhão grosso, curto e de grande alma (= interior do cano).
 2 — *Bramavam* = trovejavam.
 3 — *Brados* = estoiros, detonações.



- 101 1 — *Nos... braços o levava* = abraçava-o.
2 — *O gesto* = o semblante.
3 — *O modo* = as atitudes, as maneiras.
- 102 *Falece* = falta.
- 103 *Hespéridas*: três filhas de Atlante e de Hésperis ou Héspero (= Véspero), Rei do Noroeste da África. A *Hespéria*, porém, não tem uma localização bem conhecida (Espanha, Itália, Marrocos...). Aqui, Camões deve referir-se às vitórias portuguesas em Marrocos. Quadro: *Hércules no jardim das Hespéridas* (in BB H Esp, I, p. 207). Fotografia: *Hércules, protegido por Atena, recebe de Atlas as maçãs de ouro* (in PHMD, p. 113).
- 104 Não podemos (v. 8.º). — Subent. *pagar*.
- 105 1 — *Quantos queima Apolo* + = os povos do Equador (aqui, apenas os Africanos da costa Oriental).
2 — *Éolo* + (no verso, esta palavra é grave): deus dos ventos.
3 — *Enquanto apacentar o largo Pólo* = enquanto o vasto céu (= pólo) tiver astros.
- 106 1 — *Vulcano* + *fuzilando*: disparando a artilharia.
2 — *Vulcano* +: deus do fogo.
3 — *Anafis*: antigas trombetas mouriscas (como em I, 47).
- 107 1 — *Do generoso Mouro*. — Ag. da passiva.
2 — *Generoso* = nobre de estirpe (Lat.: *generosus*, de *genus* = raça). Cf. CS, pp. 143-144.
- 108 1 — *Práticas* = conversas.

Na leitura dos versos 1.º e 2.º, convém ter presente a advertência de JAM, p. 136: É indispensável a pausa, quando, depois do sujeito, venha uma frase de construção invertida. Cf. com o que ficou dito acerca da leitura do 1.º v., est. 61, deste canto.

- 2 — *Agora... agora...* — Conjunção. — Cf. NMA, 11.ª ed., p. 277.
3 — *Mafoma* = Maomet.

- 4 — *Hespéria última* = a mais ocidental das duas (Itália e Hispânia) = Península Ibérica. — No entanto, recorde-se o que ficou escrito nas anotações à est. 103 deste canto.
- 109 1 — *Distintamente* = com pormenores.
2 — *De preço* = de notável valor.
- 110 1 — *Vem* (= vêm), do v. *vir*.
2 — *Vem cos áureos freios...* = acaba de nascer o dia. — Perífrase * (HC Ép, p. 44)
- 111 *Pera julgares* = para que suponhas.
- 112 1 — *Gigantes*: Titãs, filhos da Terra, que tentaram escalar o Olimpo e expulsar Júpiter +. Este precipitou-os das alturas, esmagando-os sob as montanhas que haviam utilizado como escadas.
2 — *Perito* (ou *Peritoo*¹): Rei da Tessália, que tentou roubar a esposa do deus dos infernos — Proserpina.²
3 — *Téseo*: Rei de Atenas que auxiliou a Perito, naquele rapto.
4 — *Reino de Plutão* = o inferno (pagão).
5 — *Fúria de Nereu*: o mar tempestuoso.
6 — *Nereu*: pai das Nereidas, filho do Oceano e de Tethys +.
- 113 1 — *O sagrado templo de Diana*: templo consagrado a esta deusa, em Éfeso³, uma das sete maravilhas do mundo antigo. (As outras seis eram: o Mausoléu, o farol de Alexandria, o colosso de Rodes, os jardins suspensos de Babilónia, as pirâmides do Egipto e a estátua de Zeus Olímpico, em Olímpia).
2 — *Do sutil Tesifónio*. — Ag. da passiva.
3 — *Tesifónio*: o construtor do templo de Diana, em Éfeso.
4 — *Heróstatos*: «efésio obscuro que, para se tornar famoso, incendiou o templo de Diana, em Éfeso» (CB, pp. 191 verso e 192).

1 JN Die, p. 321.

2 RGT, p. 50. Na verdade, a forma latina é *Proserpina*.

3 RGT, p. 47. — Em lat. *Ephesus*, ī, f., em gr. Ἐφεσος, -ου(ῆ).

CANTO III

ASSUNTO	Localização. — Sugestão artística. — Fonte hist.
— INVOCAÇÃO A CALÍOPE.	1—2
— Primeiras palavras do Gama	3—5
— Descrição da Europa	6—21
— História primitiva: de Luso a Viriato.	22
— O Conde D. Henrique	23—28
1 — Contra D. Teresa	30—33
2 — Contra Afonso VII	34
3 — Egas Moniz	35—41
4 — Batalha de Ourique	42—54
5 — Contra os Mouros (de novo)	55—67
6 — Badajoz	68—69
7 — Contra El-Rei de Leão e os Mouros	70—84
— D. Afonso Henriques	De um modo geral: Duarte Galvão — «Crónica de D. Afonso Henriques». ²

(Cont.)

¹ JR Fo, p. 35.

² JR, pp. 247-281 (espec. pp. 257, 259, 263). Convém, todavia, completar esta informação do sábio Mestre. Casos mais importantes: est. 32 — Ovídio (*Met.*) e Hor. (*Epist.*); est. 41 — Just. e Sabellio; est. 52 — Ariosto (*Orl. Fur.*); est. 54 — Acenheiro; est. 60 — Sabellio; est. 63 — A. de Resende (*Hist. da ant..... d'Évora*); est. 77 — Ovídio (*Met.*); est. 78-82 — Rui de Pina (*D. Sancho I*). — (ED). Acrescente-se que, segundo o Prof. Fidelino de Figueiredo, uma das estâncias do Clarimundo (de João de Barros) «é muito provável fonte da passagem correspondente dos *Lusíadas*, sobre a aparição de Jesus Cristo a D. Afonso Henriques, em Ourique.» (*História da Literatura Clássica*, I, pp. 216-217).

ASSUNTO	Localização. — Sugestão artística. — Fonte hist.
— D. Sancho I	85—89
— D. Afonso II	90
— D. Sancho II	91—93
— D. Afonso III	94—95
— D. Dinis	96—98
1 — Contra os Mouros	99—100
2 — D. Maria de Portugal	101—106
3 — Batalha do Salado	107—117
4 — Inês de Castro	118—135
— D. Afonso IV	Est. 85-90: Rui de Pina — «Crón. de D. Sancho I» ¹ ; «Crón. de D. Afonso II» ² . Rui de Pina — «Crón. de D. Sancho II» ³ . Rui de Pina — «Crón. de D. Afonso III» ⁴ . Rui de Pina — «Crón. de El-Rei D. Dinis» ⁵ . Rui de Pina — «Crón. de El-Rei D. Afonso IV» ⁶ . Dr. António Ferreira — <i>Castro</i> ⁷ ; Virgílio — <i>En.</i> ⁸ liv. II, vv. 403-406. (A figura de Cassandra; cf. n'«Os Lusíadas», III, est. 124-125).

(Cont.)

¹ JR Fo, p. 98.

² *Ibid.*, p. 108.

³ *Ibid.*, p. 112.

⁴ *Ibid.*, p. 114.

⁵ *Ibid.*, p. 117.

⁶ *Ibid.*, p. 119.

⁷ É problemática a utilização desta obra por Camões. Antes de Ferreira, já Acenheiro, Fernão Lopes, Garcia de Resende, se tinham ocupado deste tema; mas as analogias entre o dramaturgo e o épico são notáveis. — Vid. HC Ép, pp. 175-177.

JR Fo, pp. 165-169.

⁸ Vid. HC Ép, pp. 34-35.

ASSUNTO	Localização. — Sugestão artística. — Fonte hist.
— D. Pedro I	136—137 Fernão Lopes — «Crón. do Senhor Rei D. Pedro I» ¹ .
— D. Fernando	138—143 Fernão Lopes — «Crón. de El-Rei D. Fernando» ² .

- 1 1 — *Caliope*: Musa da poesia épica³, amada por Apolo +, de quem teve Orfeu.
 2 — *Inventor da Medicina*: Apolo +.
 3 — *Orfeu*: filho de Caliope e de Apolo +, tão hábil tocador de lira, que as feras, as árvores e as próprias pedras se moviam para escutá-lo. Quadro célebre: «*Orphée et Eurydice*» de Poussin. (Cf. G Bz, pl. 47).
 4 — *Dafne, Clície, Leucothoe*⁴ (Fora do verso: *Leucótoe* < lat. *Leucothoe*): três ninfas que Apolo + amou.
 5 — *Negue*: conj. optativo (GF, p. 170).
 6 — *Soe* = costuma (< lat. *solet*). — Aqui, «a rima postula hiato, e não ditongo» (RG T, p. 139).
- 2 1 — *Põe... em efeito*: torna... em realidade.
 2 — *Aganipe*: fonte do monte Hélicon (na Beócia) que dava inspiração aos que dela bebiam.
 3 — *Pindo*: monte situado entre a Tessália e o Epiro, consagrado a Apolo + e às Musas.
 4 — *Banhar-me*: dar-me inspiração, introduzindo-me nas águas de Aganipe e delas dando-me a beber.
 5 — *Na água* (6.º v.): água de Aganipe.

1 e 2 JR Fo, p. 281.

3 Assim dizem, em suas ed. d'«Os Lusíadas», os Prof. Epifânio e H. Cidade. O Prof. P. Grimal, no *Dict. de la Mythologie Grecque et Romaine*, informa que, na origem, as funções de Caliope, «como as de suas irmãs», não estavam especializadas (P. 76); passada a época clássica, porém, «muito geralmente», atribui-se-lhe a poesia épica (P. 304 — palavra *Muses*). Em grego: Καλλιόπη; em latim: *Cal-liôpē*, *ēs*.

4 «Não se confunda com *Leucótea* (lat. *Leucothēa*), nome que tomou Ino quando se mudou em divindade marítima» (RG T, p. 153).

- 6 — *Soberana*: que opera o prodígio de inspirar quem dela bebe; milagrosa.
 7 — *Senão* = se não fizeres como te peço.
 8 — *Orfeito* = Orfeu. — Vid. anotações à est. I deste canto, n.º 3.
- 3 *Rei*: o de Melinde.
 4 *Arreceio* = receio.
 5 *Dizer*. — Infinito de verbo transitivo que exprime sentido passivo (GF, p. 174).
- 6 1 — *Zona que...*: zona tórrida.
 2 — *Cancro* = (Trópico de) Câncer.
 3 — *Europa, a quem...* (v. 5.º). — *Quem*, no port. arc., referia-se a cousas (JT, p. 92, obs. 1.ª).
- 7 1 — *Da parte donde...* — Do Oriente. — Perífrase*.
 2 — *Rio* (v. 2.º): o Don (talvez).
 3 — *Montes Rifeios*: montes fabulosos da Cítia¹.
 4 — *Na (alagoa)* = para a (Cf. sintaxe latina).
 5 — *Alagoa Meótis*: mar de Azov.²
 6 — *O mar* (v. 5.º): mar Egeu.
- 8 1 — *Pólo* = Pólo Norte.
 2 — (*Montes*) *Hiperbóreos*: situados ao norte da Europa ou da Ásia.
 3 — *Aqueles onde sempre sopra Eolo*+: os montes Rifeios. — Vid. anotações à est. anterior, n.º 3.
 4 — *Contino* = continuamente.
- 9 1 — *Citas*: Bárbaros europeus que viviam na região situada entre o lago Aral e os Cárpatos.
 2 — (*Campos*) *Damascenos*: relativos à cidade de *Damasco*, onde, anteriormente à respectiva fundação, teria existido o Paraíso terrestre (segundo crença antiga).

1 JR, p. XCII. *Rīphaēi montes*: «os montes Rifeus, na Cítia» (F Tor).

2 O Prof. H. Cidade, *Os Lus.* (Sá da Costa), vol. I, p. 111, escreve Azof. No *Novo Atlas Univ. de Geog. e Hist.* por J. Monteiro e Prof. L. Schwalbach Lucci, encontramos Azov (pp. 8, 47), Azof (p. 9), Azow (pp. 87, 93).

- 10 1 — *Lápia* = Lapónia.
 2 — (*Escandinávia*) *Ilha*: Península.
 3 — *Itália* = Roma Imperial.
 4 — *Se navega*. — Cf. SA, pp. 89-104 (O pronome «se») e JN Dic, pp. 369-370 (se, em função subjectiva).
 5 — *Sarmático Oceano* = o Báltico.
 6 — *Brússio* = Prussiano (= Prussianos) ¹.
 7 — *Dano* = Dinamarquês.
- 11 1 — *O Tánais* = o rio Don. — Lat. *Tanāis*, gr. *Τάναϊς*
 2 — *Montanha/Hercínia*: grupo de serras da Europa central (Alemanha e Áustria). — Designação que aparece em César: *Hercynia silva*. = Floresta Hercínia (Floresta Negra) ².
 3 — *Polónios*: Polacos.
 4 — *Panónios*: Povos do Danúbio meridional.
 5 — *Amasis*: actual rio Ems (alemão). — Em lat. *Amisia* em grego, *Ἀμισίας*.
- 12 1 — *O... Istro*: o Danúbio.
 2 — Em 'S. Isidori Hispalensis Episcopi Etymologiarum, Lib. XIII, caput XVI', lê-se «Phrixus quoque cum Helle sorore sua fugiens insidias novercales, conscendit navem signum arietes habentem, qua liberatus est. Helles autem soror eius perpressa naufragium decedit in mari, et mortua Hellesponto mari dedit nomen».
 3 — *Traces*: habitantes da Trácia.
 4 — (*Fero*) *Marte* +, deus da guerra, que tinha residência na Trácia.
 5 — *Hemo* = Balcãs.
 5 — *Ródope*: Montanha da Trácia (Lat. *Rhodôpē*, *ēs*).
 7 — *Constantino*: Imperador que impôs o Cristianismo como Religião do Estado.
- 13 1 — *O Áxio*: rio Várdar (que desagua no golfo de Salónica).
 2 — *O Céu penetras*: imortalizas-te.
- 14 1 — *Antenor*: Troiano que, na Itália, fundou Pádua. Vid. anotações à est. 45, do canto II.
 2 — (*Da terra*) *um braço...*: a Península Itálica.

¹ RG T, p. 74.
² F Tor, p. 377.

- 15 1 — *Reino Neptunino*: os mares (Adriático e Tirreno).
 2 — *Pátrio Marte* +: guerras em que a pátria participou.
 3 — *Porteiro... divino* = Papa. (O sucessor de S. Pedro, que de Jesus recebeu a chefia da Igreja e as *chaves* do Reino de Deus. — Cf. *Evang. segundo São Mateus*, 16, 19.)
- 16 1 — *Cesáreos*: de Caio Júlio César.
 2 — *Sequana* = Sena (Lat.: *Sequāna* > *Séquana*, fora do verso).
 3 — *Garuna* = Garona (Lat.: *Garumna*).
 4 — *Os montes da Ninfa.../Pirene* = os Pirenéus.
 5 — *Pirene*: filha de um soberano da Hispânia, *sepultada* por Hércules, que a seduzira, *nos Pirenéus*.
- 17 *Fatal roda* = roda do fado (Lat.: *fatu-*) ou destino. — Cf. gr. *Μοῖρα*, o Destino (personificado). ¹
- 18 1 — *Tingitânia* = Marrocos.
 2 — *Tebano* = Hércules (nascido em Tebas).
 3 — *O extremo trabalho...*: consistiu em separar o monte Calpe (Gibraltar) do monte Ábila (Ceuta).
 4 — No v. 8.^o, atente-se no grau em que está *milhor*, aliás desacompanhado de artigo (ED S, p. 173).
- 19² 1 — *Tarragonês*: Afonso V, Rei de Aragão. (Reino incluído na antiga província *Tarraconense* dos Romanos.)
 2 — *Claro* = ilustre (Lat.: *claru-*).
 3 — *Parténope* = Nápoles. (Própriamente: sereia, com aquele nome, que foi sepultada nesta cidade italiana.)
 4 — *O Navarro* = os habitantes de Navarra.
 5 — *O Galego* = os habitantes da Galiza.
 6 — *Planeta* (v. 6.^o) = estrela (= destino).
- 20 *Onde Febo repousa no Oceano*: onde o Sol se põe. — Perífrase *.
- 21 1 — *À qual.../.../ acabe-se*. — «O pronome *qual* torna adjetiva a proposição «*acabe-se esta luz*, etc.» e desempenha na proposição «*que eu sem perigo*, etc.» a função de complemento.» (GF, p. 196).

¹ Lê-se, em N Ma, p. 20: «Nunca a vontade helénica se sentiu paralisada por essa força».

² Acerca do conteúdo desta oitava n.^o 19 e da seguinte, veja-se *Castelhano ou Lusitano?* Do Prof. S. Spina, *Revista Camoniana*, vol. 2/1965.

- 2 — *Lusitânia, derivada...* — «O nome dos Lusitanos provém da raiz *Lus-*, espalhada no território celta (conf. *Lusa, Lusus, Lusatia, Lusen, Lusenos, Lussoius*, entre os nomes apontados por HOLDER, *Altceltischer Sprachschatz*), e deve-se derivar do nome de pessoa *Lusus*, como na verdade são derivados de nome de pessoas quase todos os nomes de parentesco e de tribo, principalmente do nome do chefe». (A Sch, p. 33, 2.^a ed.). — Actualizámos a ortografia e pusemos em egípcio desde «derivar» até «Lusus».
- 3 — *Íncolas* = habitantes (latinismo).
- 22 1 — Vv. 1.^o e 2.^o. — Camões deriva *Viriato* de «vir», varão. AP DL, p. 20, e A Sch, p. 37, porém, derivam-no de *viria*, bracelete, correspondendo, portanto, à palavra de origem latina *Torquato*. F Tor, p. 936, finalmente, duvida dos étimos que propõe: «*viriae?* ou *vir?*».
- 1 — *Cuja* (v. 3.^o) tem por antecedente *Pastor* (v. 1.^o).
- 3 — *Esta* (v. 5.^o) — Obj. directo de *veio a fazer* (*Esta* = terra; este país).
- 23 1 — *Afonso*: Afonso VI, Rei de Leão.
- 2 — *Fez perder* (v. 4.^o). — Ensina o Prof. Said Ali que se verifica ausência de flexão do infinitivo dependente de *fazer* — e que isso acontece com os «auxiliares causativos», *fazer, mandar, deixar*. (SA, pp. 59-60).
- 3 — *Herculano* = de Hércules. — Vid. a nossa nota 3 à est. 18 deste canto.
- 4 — *Cáspia Serra* = Cáucaso.
- 24 1 — *Intrinseco* = interior, íntimo.
- 2 — *Dões*. — Plural antigo de *dom* (do lat.: *donu-*). (JT, p. 55).
- 25 *Anrique* = Conde D. Henrique: «Capeto, em linha directa, pelos varões», segundo Lionel Roulet, que apresenta um interessante esquema genealógico em ALF (Set. de 1942, n.^o I, p. 11). A tradição, aproveitada por Camões, carece de fundamento (Ag F, p. 464).
- 26 1 — *Os descendentes / (da escrava Agar)* = os Árabes. — Vid. anotações à est. 8 do c. I.
- 2 — *Um filho* (v. 7.^o) = D. Afonso Henriques.

- 27 1 — *E do Jordão a areia tinha vista*. — Notar que, no port. antigo, o *part. passado* de verbos transitivos, nos tempos compostos, concordava com o obj. directo; que, por outro lado, as palavras deste verso estão colocadas em *ordem inversa*. (GF, pp. 180 e 188).
- 2 — *Gotfredo* = Godofredo de Bulhão, que comandou, superiormente, a primeira Cruzada.
- 28 1 — Vv. 1.^o a 4.^o = Quando o Conde D. Henrique morreu... — Eufemismo * e perífrase *.
- 2 — *Húngaro* = Conde D. Henrique. — Vid. anotações à est. 25 deste canto.
- 3 — *Estremado*. — Seguimos a grafia de ED e doutros. JN, entretanto, prefere-lhe *extremado*.
- 4 — *Filho* (5.^o v.). = D. Afonso Henriques.
- 29 *Segundo himeneu*: união com Fernão Peres de Trava.
- 30 1 — (*As*)... *come* (4.^o v.) = (das terras) tira o benefício dos tributos.
- 2 — *Duro Marte*+: desejo intenso de combater.
- 3 — *Causas* = cousas (para CB): atitudes de D. Teresa.
- 4 — *Conceito* = espírito (de D. Afonso Henriques).
- 31 1 — *De Guimarães o campo*. — Referência à batalha de S. Mamede, junto de Guimarães.
- 2 — *Intestina* = civil [Lat. *intestinu-*; 1. do interior; 2. doméstico, *civil* (guerra); 3. subst. masc.].
- 3 — *A soberba* = D. Teresa.
- 32 1 — *Progne* (= Procne): filha de Pandião, rei de Atenas. Vingou-se do marido (que enganara Filomela, irmã de Progne), *matando o próprio filho*, Ítis. Para evitarem a ira do marido de Progne, os deuses transformaram as duas irmãs: Progne, em andorinha; Filomela, em rouxinol. Leia-se: «Progne, Tereo e Philomela», trecho das *Metamorfoses* de Ovídio, traduzido por Bocage (ed. de 1853, tomo 4.^o, p. 223).
- 2 — *Medeia*: feiticeira amada por Jasão (chefe dos Argonautas, que, no entanto, lhe preferia a filha do rei de Corinto). *Medeia matou os dois filhos que dele tivera*.
- 3 — Vv. 1.^o a 4.^o — Notar que, na comparação *, Camões exagera os defeitos de D. Teresa.

- 4 — *Cila*¹: Apaixonada por Minos, que cercava a cidade de que o pai de Cila era soberano, provocou a morte deste e consequente entrega da pátria ao amante que, vencedor, matou a parricida.
- 33 1 — V. 6.^o. — Não tem fundamento histórico o ter sido presa D. Teresa por D. Afonso Henriques.² Leia-se **HP DP**, I, pp. 500 e ss.
2 — *Tanta veneração aos pais se deve!* — Epifonema *.
- 34 1 — *Castelhano* = Castelhanos (Seguimos a opinião de **J Ag**, p. 158).
2 — *Batalha cruel*: Arcos de Valdevez.
3 — *Angélica defesa*: protecção divina.
- 35 *Amo* (v. 6.^o) = Aio.
- 36 1 — *Leal vassalo*: Egas Moniz.
2 — *Castelhano*: Afonso VII (sétimo), rei de Leão.
- 37 1 — *Vendo Egas* (...) (v. 5.^o). — O partic. em *-ndo* liga-se ao suj. *Egas* e equivale a uma or. causal de *como*. Cf. **ED S**, p. 240.
2 — *Fementido* = perjuro.
- 38 1 — *Despidos*: trazendo somente uma túnica ou alva branca dos condenados à força.
2 — *Move a piedade*. — Este *a* (que precede *piedade*) é preposição e não artigo.
3 — *O prometido*. — Enálage * (verbo substantivado).
- 39 1 — *Generosos* (v. 3.^o) — Cf. com. à est. 68, I, n.^o 7.
2 — *Sós* (v. 6.^o). — Tem valor adverbial.
3 — *Sínis*: salteador dos arredores de Corinto que assassinava os viajantes, atando-os ao alto de pinheiros, dobrados até o chão e soltos, depois, com violência. Foi morto por Teseu.
4 — *Perilo*: inventor de um touro de bronze, oco, em cujo interior eram lançadas as vítimas do tirano Fálaris, de Agrigento, e queimadas pelo fogo colocado debaixo do touro.
- 40 *O Rei vendo*. — Comparar esta construção do port. antigo com o correspondente *ablativo absoluto* em

¹ *Cila* (com C-) provém do lat. *Scylla* (Cf. **JR**, p. XCIX e **RG T**, p. 64).

² Cf. Herculano, «Lendas e Narrativas», *O Bispo Negro*.

- latim, e a proposição participial francesa. Se invertessemos a posição do nome e do verbo, ficaríamos com a frase em *português de hoje*.
- 41 1 — *O Persa* (3.^o v.): *Zópiro*, sátrapa de Dario I, que, para abrir as portas de Babilónia ao seu soberano, cortou o próprio nariz e as orelhas, e apresentou-se assim aos sitiados como vítima de Dario. Acreditando-o, os Babilónios deram-lhe o comando das próprias tropas que ele imediatamente entregou, com a cidade, aos Persas.
2 — *Se* (v. 4.^o): a si mesmo. — É complem. indirecto (**ED**).
- 42 1 — *Aparelhava* = preparava.
2 — *O Mouro* = os Mouros. — Sinédoque *.
- 43 1 — *Regia* = rege.
2 — *Cavaleiro* (v. 8.^o) = cavaleiro português.
3 — *Cento*: cem (Lat.: *centum* = cem).
- 44 1 — (*cinco*) *Reis*: chefes árabes.
2 — *A fermosa e forte Dama*: Penthesileia, rainha das Amazonas, que auxiliou Priamo na defesa de Tróia, atacada pelos Gregos. — Ilustração: «*Achille tue Penthésilée*» (**PHMD**, p. 167).
3 — *Termodonte*: rio da Cítia. — Perto dele habitavam as Amazonas.
4 — *Gostaram* = provaram [v. trans. — lat. *gustare*]. — Latinismo semântico? Leiam-se as belíssimas considerações de **CS**, pp. 158-161.
- 45 1 — *Pólo*: céu.
2 — *Filho de Maria*: Jesus.
3 — *Aos Infiéis/e não a mi...* — Elipse * (Subentende-se: *aparecei*).
- 46 1 — *Milagre*. — Aqui, é facto de natureza lendária, que não histórica. — Vid. **HP DP**, II, pp. 26 e ss..
2 — *Real* (v. 7.^o): «variante de *arraial*, como brado de aclamação dos nossos reis.» (**RG T**, p. 109).

- 47 1 — *Qual...* (v. 1.º desta oitava).../*Tal...* (v. 1.º da oitava seguinte). — Comparação *.
 2 — *Rábido* = raivoso [lat.: *rabidu-* = irado].
 3 — *Moloso* = molosso (com um só *s* por causa da rima): cão de fila (da Molóssida, região do Epiro).
 4 — Vv. 1.º a 8.º. — Confronte-se esta descrição de uma *tourada popular* com a de Herculano, n'«O Bobo» (2.ª ed. da Porto Editora, Lda., pp. 141-144).
- 48 1 — *Estamago*: ânimo.
 2 — *Perros* = cães. — Epíteto injurioso dado aos sectários de Maomet.
 3 — *Tocam a arma*: tocam a rebate.
- 49 1 — *Flama* = chama (Lat.: *flamma*).
 2 — *Bóreas*: Vento Norte.
- 50 1 — *Meios* (v. 7.º). — Esta palavra tem valor adverbial, concordando, todavia, aqui, por atracção. (ED S, p. 65).¹
 2 — *Ajuda* (v. 8.º). — Obj. directo de *convocando* e antecedente de *Alcorão*.
- 51 1 — *Vem* (= vêem), forma do v. *ver*.
 2 — *Os animais* (v. 3.º): os cavalos.
 3 — *O de Luso* = o Português, sujeito de cada um dos predicados do verso seguinte. JN coloca uma vírgula entre *Luso* e *arnês*. Seguimos a pontuação de JR, OM e outros.
 4 — *Abola* = esmaga, reduz a *bolo*.
- 52 Vv. 1.º e 2.º. — Ritmo «ao mesmo tempo sacudido e enérgico» (1.º v.) e «cortado de pausas, a acrescentar a impressão de despedaçamento» (2.º v.). (HC Ép, p. 135).
- 53 1 — *Roto*: destróçado.
 2 — *O grão Rei*: D. Afonso Henriques.
- 54 1 — *Em vária tinta* (v. 3.º): em diversas cores.
 2 — *De Quem*. — Ag. da passiva.

¹ Obras elementares: GF, pág. 157; JT, p. 72, nota 3.

- 55 1 — *Do vencido*. — Ag. da passiva.
 2 — *Scabelicastro* = Santarém (Em lat.: *Scalābis*). Vid. *O Topónimo Camoniano «Scabelicastro»*, RPF, vol. I, Tomo II, 1947, pp. 495-498. *Cabilicastro* (que aparece na *Crónica de D. Afonso Henriques*, de Duarte Galvão, uma das fontes d'«Os Lusíadas») + *Scalabicastrum* > *Scabelicastro*. — Por outro lado: *Sancta Irene* > *Sant' Eirene* > *Santeirêe* > *Santerem* > *Santarém*. Cf. Almeida Garrett — «Viagens na Minha Terra», cap. XXX.¹
 3 — Últ.º v. — Apóstrofe *.
- 56 *Naiades* (fora do verso, *Náíades*): ninfas dos rios, fontes e lagos.
- 57 1 — *Nobre Lisboa*. — Apóstrofe *.
 2 — *Fácilmente* = sem contestação (Cf. lat. *facile*, adv.). Vid. CS, p. 153.
 3 — *Do facundo*. — Ag. da passiva (= por Ulisses).
 4 — *Dardânia* = Tróia.
 5 — Vv. 3.º e 4.º — *Em ordem directa*: (Tu, Lisboa) que foste edificada pelo facundo (Ulisses)/por cujo engano (= cavalo de Tróia) Dardânia foi acesa (= queimada).²
 6 — *Armada* (v. 7.º): frota de Cruzados que ajudou D. Afonso Henriques.
 7 — *Boreais partes*: regiões nórdicas.
- 58 1 — *Álbis* = Elba.
 2 — *Arraial* = hoste.
 3 — *Ulisseus*: de Ulisses (= os de Lisboa, que teria sido fundada por Ulisses).
- 59 1 — *Cinco vezes a Lũa...*: Cinco meses.
 2 — *A cidade* (v. 3.º): Lisboa.
- 60 1 — *Povos Cíticos*: Bárbaros (em relação ao Império Romano).
 2 — *Ibero* = *Ebro* (Lat.: *Ibērus* ou *Hibērus*, *i* = *Ebro*). — Acerca do emprego do artigo defin. antes dos nomes geográficos, veja-se ED S, pp. 95 e ss..
 3 — V. 6.º — Prosopopeia *.
- 61 *Águas...* (v. 7.º)/...*lava...* (v. 8.º). — Por uma liberdade poética de concordância, acha-se o predicado no

¹ Cf. RG T, p. 322.

² Cf. «Troie livre ses secrets», in CSMY, p. 135 (causas racionais da guerra de Tróia: pp. 151-152).

singular. — Portanto: águas que *banham* (= lavam), entre pedras, as vilas de Óbidos e Alenquer.

- 62 1 — *Transtaganas*: de além-Tejo.
2 — *Dom da flava Ceres*: produtos da terra, especialmente cereais.
3 — *Ceres*: deusa da agricultura.
- 63 1 — *Nobre cidade*: Évora.
2 — *Certo assento*: morada fixa.
3 — *Vem* (= vêm), forma do v. *vir*.
4 — *De longe*. — Aceitamos o exposto por ASJ, p. 885.
- 64 1 — *Cidade Beja*. — Cf. const. lat. *urbs Roma*.
2 — *Vingança de Trancoso*: violenta desforra de D. Afonso Henriques contra os habitantes de Beja, por, durante o cerco desta cidade, os Mouros haverem destruído Trancoso.
- 65 1 — *Piscosa*: fértil em peixe (Lat.: *piscōsus*, -a, -um).
2 — Vv. 3.º-8.º — Cf. JR, p. CIII.
- 66 1 — *Alto*: (v. 1.º): ilustre.
2 — *Qual* (v. 5.º desta oitava) ...*Destarte*... (v. 1.º da oitava seguinte). — Comparação *.
- 67 1 — V. 3.º — Assindeto *.
2 — *Pânico* (adj.) «com *P* maiúsculo» (como lembra OM, p. 111): relativo ao deus *Pã*, a quem se atribuíam ruídos capazes de aterrar aqueles que os ouviam. Daqui, a evolução semântica: *Pânico* (do deus *Pã*) → *pânico* (que causa terror) (AN).
- 68 1 — *Incansabil*: activo, que se não cansa.
2 — *Arte* (v. 7.º): arte militar, estratégia.
- 69 *Homem* (v. 3.º). — Pronome indefinido (Cf. franc.: *on*) — Vid. GF, p. 164.
- 70 1 — *Cidade*: a de Badajoz.
2 — *Dos Leoneses*. — Ag. da passiva.
3 — *Ferros*: ferrolhos de uma das portas da cidade.
- 71 1 — *Pompeio* = Pompeu, militar e político romano.
2 — *Nêmesis*: deusa grega da justiça e da vingança.

- 3 — *Fásis*: rio Rion (actual), da Cólquida.
4 — *Siene* (Lat. *Syēnē*): cidade egípcia (hoje, Assuão).
5 — *Bootes* = Norte (Própriamente: constelação do Boieiro).
6 — *Linha ardente* = equador.
- 72 1 — *Heníocos*: habitantes de uma região ao norte do Cáucaso. — Lat. *Hēniōchī, ōrum*.
2 — *Colcos*: habitantes da Cólquida (Cf. expedição dos Argonautas).
3 — *Capadoces*: naturais de Capadócia (na Ásia Menor).
4 — *Sofenos*: habitantes de Sofena (na Arménia).
5 — *Cilícios*: povos da Cilícia (ao sul da Ásia Menor).
6 — *Dous rios*: Tigre e Eufrates.
- 73 1 — *Cítico Tauro*: cordilheira da Ásia Menor.
2 — (*Campo*) *Emátio*: da Emátia, região da Macedónia que incluía Farsália, cidade junto da qual César venceu a Pompeu¹.
3 — Ensina JR: «O Poeta dirige-se a Pompeio, dizendo-lhe que, apesar das vitórias que tinha alcançado, lhe não pese o ter sido vencido por César, seu sogro, pois também D. Afonso Henriques, depois de tantos triunfos, se viu forçado a render-se ao genro.» (p. CV). Cf. HP DP, II, p. 96.
- 74 1 — *Do divino Juízo*. — Ag. da passiva.
2 — *Vicente* = S. Vicente, patrono da cidade de Lisboa. — Morto em Valença no séc. 4.º da era cristã, foi sepultado no actual cabo de S. Vicente e daqui trazido para Lisboa, no reinado de D. Afonso Henriques, acompanhando-o, durante a viagem, um corvo (Cf. armas de Lisboa).
- 75 1 — *Lasso*: fatigado, alquebrado.
2 — *Beligero aparelho* = gente armada.
- 76 *Estragado*: batido, derrotado.
- 77 1 — *O monte a quem* (= ao qual) ... — Perífrase * (= o Atlas).
2 — *Medusa*: uma das três Fúrias ou Górgonas. Todo aquele que lhe contemplava a cabeça era transformado em pedra. Caravaggio (1573-1610) pintou uma extraordinária cabeça de *Medusa*, cuja reprodução pode ver-se, por ex., em *Tutta la Pittura del Caravaggio* (Rizzoli), tav. 42.
3 — *Promontório de Ampelusa* = cabo Espartel (no Norte de Marrocos).

¹ Todavia, a forma coexiste com a de *Pompeio*. Cf. RG T, p. 119.

- 4 — *Anteu*: gigante, filho de Neptuno, fundador de Tânger.
 5 — *Ronca*: rouca. — Cf. cast.: «Ronco, aplica-se à voz de som áspero.» (DE). JN Dic, p. 360, diz provir «directamente do lat. *rhonchus*» (≠ *raucus*).
- 78 *Miralmomini* — Título adulterado (ár.: *Emir Almu-menin*) dos *califas* (aqui, o de Marrocos, que cercou D. Sancho I, em Santarém).
- 79 1 — *O Mouro*: o chefe Mouro.
 2 — *Trabuco*: engenho destinado a atirar pedras.
 3 — *Mina secreta*: caminho subterrâneo escavado pelos sitiante de uma praça forte para nela penetrarem.
 4 — *Ariete*: pesada trave que, animada de movimento de vaivém, servia para destruir muralhas ou nelas fazer aberturas.
 5 — *Acordo* = serenidade de espírito.
- 80 1 — *O velho* = D. Afonso Henriques.
 2 — *Do Mauro povo cego*. — Agente da passiva.
 3 — *Cego*: porque privado da luz do Evangelho.
- 81 *Marlota*: capote de lã, curto, com capuz, usado pelos Mouros.
- 82 1 — *Dão* (v. 6.^o) tem por suj. (subent.) *os Portugueses*.
 2 — Vv. 7.^o e 8.^o. — Epifonema *.
- 83 1 — *Da larga e muita idade*. — Ag. da passiva.
 2 — *A pálida doença* (v. 5.^o) = a doença que faz pálido. — Metonímia *.
 3 — *Libitina*: antiga deusa da Itália, que presidia aos funerais (= morte).
- 84 1 — *Os altos promontórios...* — Prosopopeia *.
 2 — *O rios*: Assim se encontra no texto da edição *princeps* e ainda no fixado por JR que, a p. CVIII, explica tratar-se de caso «de fonética sintáctica, bastante frequente.» (= *urrius*, pron.).
- 85 1 — *Bétis* = Guadalquivir.
 2 — *Do Ismaelita Rei de Andaluzia*. — JN coloca vírgula antes de *Rei*.
- 86 1 — *Das valentes gentes*. — Ag. da passiva.
 2 — *Da germânica armada* tem por antecedente *gentes* (do 6.^o v.).
 3 — *Armada*: frota de cruzadas que passaram por Lisboa, a caminho da Palestina (3.^a Cruzada). Ajudaram D. Sancho na conquista de Silves.
- 87 *Saladino*: sultão do Egipto, nos fins do séc. 12.

- 88 *Santo Marte* = guerra santa, isto é, empreendida com o objectivo de libertar as terras cristãs (da Palestina, em especial) do domínio islâmico.
- 89 *Do Maometa* = dos Maometanos. — Sinédoque *.
- 90 *Por derradeiro* (v. 6.^o): definitivamente.
- 91 1 — *De quem* (v. 4.^o) — Ag. da passiva.
 2 — Sentido do verso 4.^o: (tanto) que era mandado por aqueles que deviam obedecer-lhe.
 3 — V. 6.^o. — Notar o *trocadilho* (*privados* = favoritos, validos; e *privado* = esbulhado).
- 92 1 — *Nero*: imperador romano, devasso e cruel. Mandou incendiar Roma (cf. v. 6.^o) e atribuiu o crime aos Cristãos.¹
 2 — *Moço* (v. 2.^o) = Pitágoras o *Moço*.
 3 — *Heliogábalo* (palavra grave — no verso 7.^o): «excedeu a todos» os mais depravados imperadores de Roma.
 4 — *Mole* — afeminado (ou efeminado).
 5 — *Sardanapalo*: rei, igualmente afeminado, mas lendário, da Assíria. Lat. *Sardanapālus* ou *Sardanapallus*, i.
- 93 1 — *De seus tiranos*. — Ag. da passiva.
 2 — *Fálaris*: tirano de Agrigento. Cruelíssimo, mandou construir o touro de bronze a que se refere Camões na est. 39 deste canto.
- 94 1 — *Conde Bolonhês*: D. Afonso III.
 2 — *Em terreno/... tão pequeno*: no pequeno continente português.
- 95 1 — *Em casamento*: — Pelo segundo casamento de D. Afonso III — com D. Beatriz, filha de Afonso X, de Castela — conseguiu o domínio do Algarve.
 2 — *Oprimir* = subjugar.
- 96 (*Liberdade*) *Alexandrina*: digna de Alexandre Magno.

1 MW, pp. 234-235. — CMF, entretanto, adverte: «Mal tinha morrido, (...) o sicológico jornalista Suetónio enegreceu para a posteridade o nome do imperador [Nero], para maior relevo dos Antoninos, seus protectores.» E logo acrescenta: (...) «Nero foi (...) o assassino dos amigos, o matricida, o fraticida, o uxoricida? Sim, foi tudo isso. Mas foi também um grande e astuto imperador que conheceu, até à perfeição, a arte de conquistar a popularidade» (p. 11).

2 HI PA, pp. 228-229; HU O, V, p. 586. Lat.: *Heliogabalus*, -i.

- 97 1 — *Fez primeiro* = foi o primeiro que fez (*primeiro*: adjetivo com função adverbial). — Cf. CS, p. 65.
 2 — *O ofício de Minerva* + = a ciência. — A Universidade foi fundada em Lisboa,¹ em 1290 (não em Coimbra, como poderia julgar-se).
 3 — *Helicon* (= *Hélicon*): monte da Beócia, cujas fontes tinham as mesmas virtudes que as de Hipocrene e Aganipe. — Vid. anotações à est. 2 deste canto, n.º 3.
 4 — *Apolo* +: deus da música, da poesia, da medicina.
 5 — *Capelas*: coroas.
 6 — *Bácaro... louro*. — Alusão, possivelmente, ao *bacharelato*, suposta a errónea derivação de *bácaro* (planta aromática) e *lauratus*, de *lauru* = louro. Segundo JLV Op, I, pp. 500-502, *bácaro* «relaciona-se com o latim *baccar* ou *bacchar*. A origem da palavra latina está no grego *Βάκχαρις*, que alterna com *Βάκχος* por influência da palavra *Βάκχος*. Acrescenta: (...) «não nos veio directamente do latim, veio-nos por intermédio da palavra italiana *baccaro*». Acerca do grau de bacharel, cf. HP DP, vol. IV, p. 248.
- 98 *Átropos*: a Parca, cuja missão consistia em cortar o fio da vida de cada homem.
- 99 *Hespérico terreno*: Cf. coment. à oitava 103 do canto II.
- 100 1 — A expressão *os campos* (v. 2.º) vem escrita *ôs campos*, na 1.ª ed. E e, oitava n.º 319. Na pronúncia, *ôs* = *òs*. — Cf. RG T, pp. 186-187.
 2 — (*Campos*) *Hidáspicos*: do Hidaspe, afluente do Indo. (= Índia).
 3 — *Átila*: chefe dos Hunos, que se chamou a si próprio «flagelo de Deus».
 4 — (*Campos*) *Tartéssios*: de Tarifa, não longe de Gibraltar. — *Tartessos*: cidade da parte meridional da Península Ibérica, na foz do actual Guadalqui-

1 Prof. Joaquim de Carvalho, «Instituições de Cultura» (HP DP, II, p. 604): (...) «a bula de Nicolau IV, datada de Orvieto a 9 de Agosto de 1290, dirigida já à «Universidade dos mestres e escolares de Lisboa» (egípcio nosso).

vir, antigo Bétis. — Cf. HP DP, I, p. 156 e p. 161 (mapa da Penins., com esta região).

- 101 1 — *Caríssima consorte* = D. Maria (cf. v. 1.º da est. seguinte).
 2 — *Daquela* (v. 8.º): de D. Afonso IV.

102

Na leitura desta oitava, sublinhem-se os «contrastes por colorido inverso» [Cf. JAM, pp. 167-169, 190, 211]:

Lindo o gesto, mas fora de alegria

Diante do pai *ledo* (= TODO ALEGRE), que a agasalha,
 Estas palavras tais, *chorando* (= LAVADA EM LÁGRIMAS),
 espalha.

- 1 — *Ebúrneos* (v. 6.º): muito brancos e lisos (Lat.: *eburneus*, -a, -um = de marfim).
 2 — *Ledo, que a agasalha*. — Por ordem natural: que, *ledo* (= alegremente), a agasalha.
 Obs. — *Ledo*, neste lugar, é «aposto circunstancial» (ED).

- 103 1 — Vv. 2.º, 3.º, 4.º e 8.º. — Hipérboles*.
 2 — *Grão Rei de Marrocos*: o emir Abul Haçan.
 3 — *Ferocidade* = extrema bravura (como em lat.: *ferocitate*-).
 104 *Aquele que...* (v. 1.º): Afonso XI, Rei de Castela.
 105 1 — *Muluca*: rio do Norte de África, que separava a Mauritânia da Numídia.
 2 — *Assela*: confirma.

Vv. 7.º-8.º. — Na leitura, a «palavra de valor» é *pai*.
 Cf. JAM, p. 199.

- 106 1 — *Que* (v. 5.º) tem por antecedente *Vénus* (v. 2.º).
 2 — *Infando*: que se não deve ou não pode dizer. É gerúndio latino. Cf. CS, p. 193.
 3 — (*Clemente*) *Padre*: Júpiter+.

- 107 1 — *Lustra* (v. 3.^o) = brilha.
2 — *Vai* (v. 7.^o) tem por suj., subent., *trombeta* (5.^o v.).
3 — V. 8.^o — Onomatopeia *.
- 108 *Das insígnias reais.* — Ag. da passiva.
- 109 1 — *Tarifa*: cidade da Espanha meridional.
2 — *Seus* (v. 8.^o) = de Cristo (= dos soldados de Cristo).
- 110 1 — *De Agar os netos* = Agarenos (= Muçulmanos).
2 — *Nua* (v. 7.^o): vã, de nenhum valor.
- 111 1 — *Do Rei Saul.* — Ag. da passiva. — Tem por antecedente *temido* (v. 2.^o).
2 — *Pastor inerme*: David.
- 112 1 — *Da alta Fortaleza.* — Ag. da passiva.
2 — *Comete* (v. 6.^o) = ataca.
3 — *Estima* (v. 7.^o) = calcula, avalia.
- 113 *Bruto* = horrível (ital.: *brutto*).
- 114 *Granadil* = de Granada; granadino.
- 115 1 — *Já se ia o Sol...* — Perífrase *.
2 — *Casa de Tethys* +: mar.
3 — *Ponente* = ocaso.
4 — *Véspero* = estrela da tarde. Cf. VLAS: 'O «véspero» dos *Lusíadas* e a «véspera» da Crónica [de D. Afonso IV, de Rui de Pina] são (...) sinónimos. Deverá por isso entender-se que a batalha [do Salado] só terminou ao fim do crepúsculo, quando chegava o *véspero* ou a hora de *véspera* e não é necessário, para entendimento do passo, saber se Vénus brilhava ou não no poente, em 30 de Outubro de 1340.'
- 116 1 — *Dos* (v. 2.^o) — tem por antecedente «quarta parte» (v. 1.^o).
2 — *Peno* = Aníbal (Lat.: *Pænu-* = Cartaginês).
3 — *Asperíssimo* = aspérrimo. — Vid. JT, p. 80.
4 — V. 8.^o. — Alusão à batalha de Canas.
- 117 1 — *Tu* (v. 1.^o) liga-se ao vocativo «nobre Tito» (v. 6.^o).
2 — *Cocito* (v. 2.^o): um dos rios do Inferno (pagão).
3 — *Povo (pertinaz)*: o judeu.

- 4 — *Tito*: imperador romano, que destruiu Jerusalém.
5 — *Vates* = Profetas (aqui, de modo especial, *Dan.*, IX; *Zac.*, XIV, 2).
- 118 1 — *Esta... vitória*: a obtida pelos Cristãos, junto do Salado.
2 — *A se lograr*: a gozar.
3 — *O caso triste* = a morte de D. Inês de Castro: 'tema por assim dizer «polar» na nossa erótica.' (VNIP).

BIBLIOGRAFIA:

- Apraiz (A.) *Dona Inês de Castro en el teatro castellano* (1911);
— *Boletín de la Acad. de la Hist.*, t. XXIII, p. 363 (1893);
— Dubois (Louis): *Recherches historiques sur Ignez de Castro et sur D. Pedro*;
— Faure (H.): *Les drames de l'Histoire*: Coimbre, Inês et la Fontaine des Amours (Bull. de la Soc. d'Etud. de Moulins), 1878;
— Fonseca (Faustino da): *História e lenda de Inês de Castro*;
— Fonseca (Faustino da) e Leitão (Joaquim): *Os filhos de Inês de Castro*;
— Heinermann (H. T.): *Ignez de Castro* (1914);
— Kreister (K.): *Der Inez de Castro* (1909);
— Peres (Prof. Dr. Damião): director da *História de Portugal* (ed. de Barcelos), vol. II, pp. 319-320;
— Silva (J. Peixoto da): *Vida de Inês de Castro (História)*;
— Vasconcelos (Prof. Dr. António de): *Inês de Castro/Estudo para uma série de lições no Curso de História de Portugal* (Porto, 1928).¹
— Viterbo (Sousa): *Jóias de Inês de Castro*.
- 119 1 — *Tu... tu...* — Diácope *.
2 — *Puro amor* (v. 1.^o). — Vid. anotação ao v. 8.^o da oitava n.^o 82 do C. IX.
3 — *Molesta* = lastimosa.
4 — *Aras* (v. 8.^o): altares (Lat.).
- 120 1 — *Inês* = *Inês Pires*, «bastarda de D. Pedro Fernandes de Castro o da Guerra, e, pela mãe deste, D. Vio-

¹ Obra de leitura necessária (de modo especial, para conveniente estudo deste canto d'*Os Lus.*, pp. 34-45).

lante (também bastarda real), bisneta de D. Sancho IV o *Bravo*. **AV**, pp. 36-37.

2 — *Engano*: êxtase, enlevo.

3 — *Nome* (v. 8.^o): o de D. Pedro.

121

Na leitura dos versos 5.^o e 6.^o, atente-se na lição de **JAM**, p. 139: «Se há elipse duma palavra na frase, um cambiante de voz ou uma pausa substituirá a palavra omitida»:

*De noite ||, em doces sonhos que mentiam,
De dia ||, em pensamentos que voavam.*

V. 8.^o. — Notar a concordância, *por atracção*, relativa à forma verbal *eram*. — Vid. **GF**, p. 180.

122 1 — *Tálamos* = núpcias (própriamente: leitos).

2 — *Enjeita* (v. 2.^o) tem por suj., subent., *D. Pedro*.

3 — *Estranhezas*: loucuras (determinadas pela paixão intensa).

4 — *Sesudo* = prudente.

123 1 — *Tirar... ao mundo*. — Eufemismo *.

2 — *Determina* é presente histórico. Para o emprego dos tempos das or. que lhe são subordinadas, leia-se **ED S**, p. 185.

3 — *Furor* (v. 5.^o): loucura.

4 — *Furor* (v. 7.^o): sanha bélica.

124 1 — *Os... algozes*: os que, *membros do conselho de D. Afonso IV*, insistiram na necessidade de mandar matar D. Inês: Álvaro Gonçalves, Pêro Coelho e Diogo Lopes Pacheco (**AV**, pp. 43-44).

2 — *Saudade*: tem quatro sílabas (neste passo).

125 1 — *Cristalino* = puro, límpido.

V. 3.^o: *olhos* é, na leitura, a «palavra de valor» (**JAM**, pp. 199-200).

2 — *Mininos*: os filhos de D. Inês e de D. Pedro. — «Repare-se que Camões suavizou o episódio inesiano, tratando-o um pouco como painel da compaixão — isto é, como coisa mais elegíaca do que trágica. O quadro da mãe com os filhinhos: Inês de joelhos, de cabelos caídos, rodeada de inocentes, implorando um velho que pode interpor-se entre uma espada e o seu colo — parece ser o lado por onde esta fábula trágica adere à sensibilidade portuguesa.» (**VN MM**). «Difícilmente poderá a crítica histórica receber este episódio por verdadeiro.» (**AV**, p. 44).

126 1 — *Mente*: instinto.

2 — *Natura*: a Natureza (Lat.: *Natura*-).

3 — *Mãe de Nino*: Semíramis, rainha fabulosa da Assíria, cuja mãe a expôs num monte, *onde as pombas a alimentaram*.

4 — *Os irmãos que...* (v. 8.^o): Rómulo e Remo, *alimentados por uma loba*.

127 (*Morte*) *escura* (v. 6.^o): horrível, tenebrosa.

128 1 — *Erro* (v. 4.^o) = crime, delito.

2 — *Cítia* (v. 7.^o): região do Turquestão e Sibéria ocidental, de clima muito frio.

129 1 — (*Amor*) *intrínseco*: profundo, íntimo.

2 — *Relíquias suas*: os filhos que tinha de D. Pedro.

130 Vv. 7.^o e 8.^o. — Apóstrofe *. — Vid. **GF**, p. 228. Os dois últimos versos desta oitava (melhor, todo o episódio de Inês de Castro) são «a condenação de um acto moralmente hediondo»; «o Poeta inculca-nos sentimentos de piedade, de revolta contra o mal, de nobreza, de cavalheirismo...». (**MA C**, p. 30).

- 131 1 — *Qual...* (v. 1.º da est. 131).../*Tais...* (v. 1.º da est. 132). — Comparação *. Vid. SB, p. 294: *qual* correlato de *tal*.
- 2 — *Polycena* (= Polixena): filha de Príamo, rei de Tróia, e de Hécuba. *Foi imolada por Pirro*, sobre o túmulo de Aquiles, pai de Pirro. — Cf. «O sacrifício de Polycena e a metamorfose de Hécuba, sua mãe», trad. de Ovídio por Bocage (Tomo 4.º, ed. de 1853, p. 262). Em lat.: *Polyxēna* e *Polyxēnē*.
- 3 — *Sombra*: alma.
- 4 — *Pirro*: filho de Aquiles, herói grego da guerra de Tróia.
- 132 1 — *Brutos matadores*: historicamente, Inês de Castro foi degolada por um carrasco — não assassinada pelos fidalgos da primeira nobreza, conselheiros de el-rei, como a lenda refere. Camões, todavia, «cingiu-se (...) à verdade histórica» (AV, pp. 45 e 173), como explica D. Carolina (Lusitânia, V e VI, p. 166): «os brutos assassinos são os ministros que banham as espadas no seio e no colo de alabastro da vítima inocente, como se o Poeta houvesse tido o empenho de conciliar as duas figurações: — a da *degolação* (*de-coll-atione*) e a da matança apaixonada.»
- 2 — *Obras*: seios.¹
- 3 — *Matou*: inspirou uma grande paixão a. (Morais, Dic.º, 6.º vol., p. 576, 10.ª ed.).
- 4 — *Branças flores* = pele do colo de alabastro [de Inês]. (AP E, p. 271; HC).
- 5 — Notar o regime do adj.: *cuidoso em* (v. 8.º). — Cf. ED S, p. 147.
- 133 1 — Vv. 1.º e 2.º; vv. 5.º e 6.º. — Apóstrofes *. GF, p. 228.
- 2 — *Seva mesa*: cruel banquete.
- 3 — *Tiestes*: filho de Pélops e irmão de Atreu, cuja esposa seduziu. — Séneca escreveu a tragédia *Thyestes*, cujo

¹ JN, pp. 297-298. — Há restrições, porém, a certos juízos, como se colhe dos nossos comentários a todo este episódio inesiano.

- argumento pode ler-se, por ex., na versão espanhola de Martín Robles (Bibl. Clás. Hernando), p. 103.
- 4 — *Atreu*: irmão do anterior, a quem deu a comer, para vingar a sua tragédia conjugal, durante um banquete, a carne dos filhos nascidos daquela união ilícita.
- 134 1 — *Assi como...* (v. 1.º).../*Tal...* (v. 6.º). — Comparação *.
- 2 — *Lacivas* = travessas. — Latin. (OM, p. 131). *Lascivo* = «amigo de brincar» (CS, p. 147).
- 135 1 — *Filhas do Mondego*: ninfas do rio ou mulheres de Coimbra. — Influência da *Castro* de António Ferreira? (HC Ép, p. 176).

Na leitura dos dois primeiros versos desta oitava, recorde-se o que ficou dito a propósito do primeiro verso da oitava 61, canto II. Desta maneira:

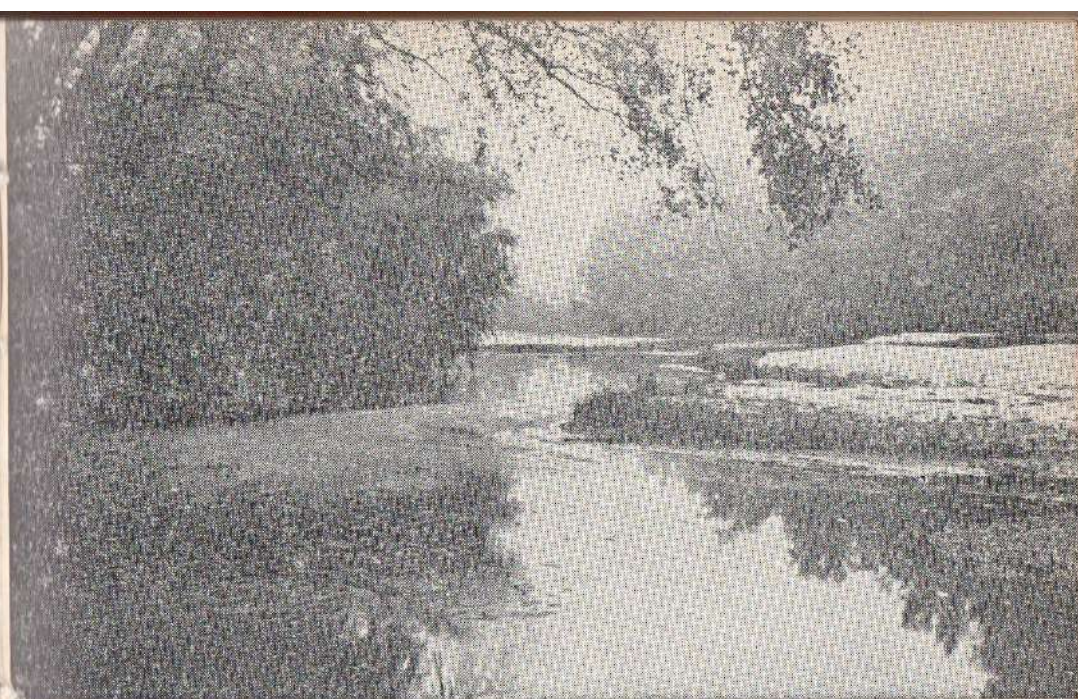
As filhas do Mondego || a morte escura
Longo tempo chorando memoraram

- 2 — Vv. 7.º e 8.º. — Nestes versos, «o predomínio de líquidas e chiantes» é «adequadíssimo à sugestão de águas correntes». (HC Ép, p. 180).
- 3 — *Fresca fonte... flores*. — Descreve AV, pp. 145-147, o sítio: (...) «ali, bem próximo, do lado de lá da cerca do convento clarista, havia uma quinta, então chamada do Pombal [Quinta das Lágrimas], e nela um recanto, onde como que se adensavam e quintessenciavam as belezas dos formosos campos de Coimbra: — um pequeno e delicioso bosque de loureiros e outras árvores, situado ao cimo da quinta, que era um encanto. Dum rochedo irrompia grosso caudal de água, que formava pouco adiante um pitoresco lago, sombreado pelo arvoredor; e dali seguia uma levada, a mover logo abaixo a roda duma azenha, e a regar o jardim, a horta e os milharais.

Perto deste manancial, num recatado retiro, onde as árvores e arbustos mais se adensavam, uma singela e despretensiosa fonte enviava a sua água murmurante por um modesto aqueduto para o mosteiro de Santa Clara e para o paço da Rainha.» Veja-se a estampa LXXIX da referida obra. E precisa: «aquela fonte (...) ia à cerca de Santa Clara regar as flores do jardim das freiras» (...).

4 — *Que* (v. 8.º) tem por antecedente *vede*.

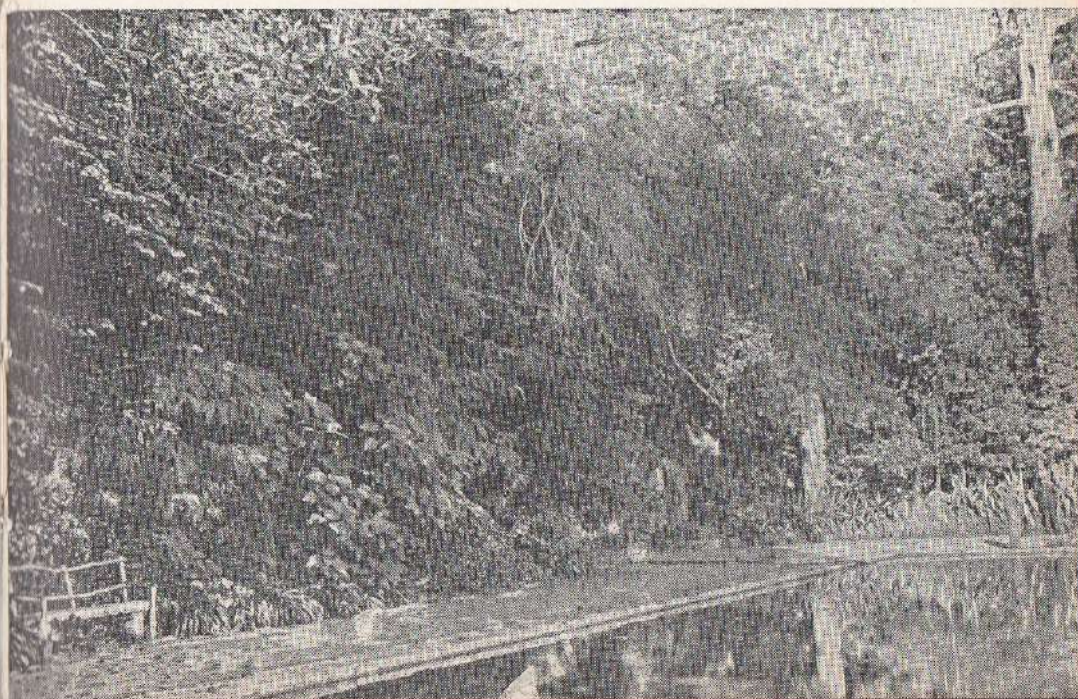
- 136 1 — *Que* (v. 1.º) = sem *que*.
 2 — *A vingança*. — Obj. directo de *visse* (v. 2.º).
 3 — *Das mortais feridas* tem por antecedente *vingança* (v. 1.º).
- 137 1 — *Este* = D. Pedro I.
 2 — *Vagabundo*: que percorreu muitas regiões; viajado.
 3 — *Alcides* = Hércules (= neto de *Alceu*). Teve de viajar imenso, para executar os *Doze Trabalhos*. Vid. «Les aventures et les exploits d'Héraclès», in *PHMD*, pp. 94-117.
 4 — *Theseu*: rei de Atenas, vencedor do Minotauro. Cf. obra referida no n.º ant., pp. 51-57.
- 138 1 — *Remisso* (v. 3.º): desleixado.
 2 — *Aperto* (v. 4.º) = apertos, aflições.
- 139 1 — *Lianor*: D. Leonor Teles.
 2 — *Parecer* (v. 4.º): fisionomia.
 4 — *Foi* (v. 5.º) = aconteceu.
 4 — *Vício vil* = luxúria.
 5 — *De quem* = pelo qual.
- 140 1 — *Pena* = castigo (Lat.: *pæna*).
 2 — *Helena*: esposa de Menelau, raptada por Páris.
 3 — *Ápio*: Ápio Cláudio, que raptou Virgínia.
 4 — *Tarquino* (= Tarquinio): filho do últ. Rei de Roma, que violentou Lucrecia.
 5 — *David*: Rei dos Hebreus, que cometeu adultério com a mulher de Urias, Betsabé.
 6 — *O tribo*. — Notar o género deste substantivo.
 7 — *Benjamim*. — A tribo deste nome foi chacinada em virtude de alguns homens dela terem praticado actos lascivos numa mulher da tribo de Levi.



Mondego — Numa linda tarde de Outono ▲

(Gravuras reproduzidas de «Inês de Castro» — Dr. Ant.º de Vasconcelos — Porto, 1929).

▼ Tanque das lágrimas



- 8 — *Sara*: mulher de Abraão que um Faraó quis seduzir. Deus puniu-o.
 9 — *Siquém*: filho de Hemor. — Raptou Dina e violentou-a.
 10 — *Dina*: filha de Jacob e de Lia. Seus irmãos—Simeão e Levi — mataram Siquém.

- 141 1 — *Inconcesso*: não concebido, ilegítimo.
 2 — *Filho de Alcmena* = Hércules.
 3 — *Ônfale*: Rainha da Lídia por quem Hércules se apaixonou doidamente. Passava dias inteiros aos pés da sua amada, fiando numa roca. — Há, no Museu do Louvre, um quadro de *Le Moyne* (1704)-1778) intitulado *Hercule et Omphale*, reproduzido em LPBT, p. 110.
 4 — *Cleópatra*. — V. «Cléopâtre ou Le Rêve Evanoui» Benoist Méchin (Lausanne), pp. 231-266.
 5 — *Peno* = Aníbal.
 6 — *Hũa moça vil*: uma rapariga de baixa condição. — Erro de história «que Camões foi beber em Petrarca», como afirma e demonstra OM, p. 134.

142

Na leitura desta oitava, não se esqueçam estes conselhos de JAM, 184 e 199:

- 1) A **inflexão** não muda, enquanto o pensamento durar:

*Mas quem pode (?) livrar-se, porventura,
 Dos laços (...).*

Nota — O sentimento dominante é a *lástima*; a intenção é *desculpar*; a convicção é de que *muitos fariam o mesmo*.

- 2) No 2.º v., a palavra de valor é *brandamente*.

- 1 — *As rosas*: as rosas da face.
 2 — *Neve... pura*: notável cor branca da pele (de uma criatura humana).
 3 — *O ouro*: o louro de uns cabelos (femininos).
 4 — *Alabastro transparente*: alvura intensa (de um seio de mulher, segundo CM, p. 241).

5 — *Medusa*. — Vid. anotações à est. 77 deste canto, n.º 2.

6 — *Que o coração converte que tem preso*. — JN e OM colocam vírgula entre *converte* e *que*. Não existe, porém, em JR nem em ASJ.

143 1 — *Olhar seguro*: olhar confiante, firme.

2 — *Gesto*: semblante.

3 — Vv. 5.º e 6.º. — O Prof. Cidade filia esta absolvição de D. Fernando na experiência que a própria vida legou a Camões, a quem os infortúnios devidos ao amor tanto dramatizaram a existência, que começou a ver na paixão amorosa «uma força inelutável, como o destino». ¹

4 — *Tendo* (v. 7.º) = se tiver... Vid. EB, pp. 202-204.

5 — *Livre a fantasia*: coração liberto de preocupações amorosas.

¹ HC Ép, pp. 171-172.

CANTO IV

ASSUNTO	Localização. — Sugestão artística. — Fonte hist.
— <i>Interregno, após a morte de D. Fernando</i>	1 — 2
.....	De 3 a 7: Fernão Lopes — CRÓNICA D'EL-REI D. JOÃO I, DE BOA MEMÓRIA ¹ .
— Discurso de Nuno Álvares	14 — 19
.....	
— D. João I { — Batalha de Aljubarrota	28 — 44
.....	
..... { — Conquista de Ceuta	48 — 50
— D. Duarte. — Martírio do Infante Santo.	51 — 53
.....	
— D. Afonso V	54 — 59
.....	
— D. João II	60 — 65

(Cont.)

¹ ED, I, pp. 213-215

² JR Fo, p. 288.

³ Ibid., p. 149.

⁴ Ibid., p. 157.

⁵ Ibid., p. 73.

ASSUNTO	Localização. — Sugestão artística. — Font. hist.
.....	
— Sonho profético.	67 — 75 } Virg. — «Eneida» (liv. VIII, vv.31-65: sob a figura de um velho, o rio Tibre aparece, em sonho, a Eneias, e indica-lhe o que deverá fazer).
— Confia ao Gama o descobrimento do cam. marít. para a Índia.	76 — 77 } João de Barros — «Ásia»; Fernão Lopes de Castanheda — «Hist. do Desc. e Conq. da Índia pelos Port.» ¹ .
— Adeuses em Belém.	87 — 93 }
— Velho do Restelo.	94 — 104 } Coros de tragédias gregas; Horácio — Ode 3. ^a do liv. I (a influência verifica-se nas est. 102, 103 e 104) ² .

- 1 1 — *Manhã* (v. 3.^o) — suj. de *traz*.
 2 — *Claridade* (*ib.*) — Obj. directo de *traz*.
 3 — V. 3.^o — É necessário o uso da vírg. entre *serena* e *claridade*. — Vid. GF, p. 209. Existe em JR e falta em JN, em OM, em ASJ.

¹ *Ibid.*, p. 72.

² (...) «ninguém contesta que a ode de Horácio sugeriu quase todas as últimas sentenças do Velho do Restelo; embora se fique com a impressão de que Camões suplantou o original em novos elementos de ideia e na eloquência geral do estilo.» RG, p. 167.

- 2 1 — *Porque*. — Esta conj. está «empregada adverbialmente, introduzindo uma proposição principal» (Cf. GF, p. 198, obs. 4.^a).
 2 — *Remisso* = desleixado.
 3 — *Joanne* = D. João I, Rei de Portugal.
- 3 *Ante tempo falando* = falando antes do tempo normal. — Referência a uma tradição, que Fernão Lopes conta na *Crón. d'el-Rei D. João I*, segundo a qual uma «moça pequena», «nada de oito meses», dissera «com mão alçada: Portugal, Portugal, por El-Rei Dom João».
- 4 1 — *Adúltero Conde* = João Fernandes Andeiro, que manteve relações ilícitas com D. Leonor Teles. Cf. HP DP, vol. II, pp. 365-366.
 2 — *Rainha* = D. Leonor Teles.
- 5 1 — *Morre* (v. 2.^o) = é morto¹.
 2 — *Astianás* (Fora do verso: *Astianax* e *Astianacte*²): filho de Heitor (herói troiano) e de Andrômaca. — Por ser neto de Priamo, destruída Tróia, foi precipitado do alto das muralhas.
 3 — *Quem...* (v. 5.^o)... / *Quem...* (v. 8.^o) = Este... / Aquele... (OM, p. 136).
 4 — *Puem* (v. 5.^o)... / ... *de alta torre*: D. Martinho, bispo Castelhana, atirado pelo povo partidário do Mestre, da torre da sé lisbonense.
 5 — *Puem nu...* (v. 8.^o): a abadessa do convento de S. Bento, em Évora. [= *Quem (é arrastado) nu.* (OM)].
- 6 1 — Vv. 1.^o e 2.^o. — Hipérbole*.
 2 — *Mário* e *Sila*. — Recordar as guerras civis, em Roma.
 3 — *Do feroz Mário e do cruento Sila*. — Ag. da passiva.
 4 — *Sila* ou *Sula*, reprodução de um «cognomen» romano. (RG T, pp. 64 e 74).

¹ Conta o Dr. Fortunato de Almeida: (...) «o Mestre puxou por um cutelo e vibrou uma pancada na cabeça do conde. Este, sentindo-se ferido, ia arrastar-se para a câmara da Rainha, quando um dos que estavam com o Mestre de Avis, Rui Pereira, o varou de lado a lado com estoque.» — *Curso de Hist. de Port.* (10.^a ed.), p. 144. Cf. Fernão Lopes, *Crónica d'el-Rei D. João I*, 1.^a parte, caps. 9 e 10; HP DP, II, pp. 366-367.

² RG T, p. 403.

- 7 1 — *Reino*: o de Portugal.
2 — *Corrompida fama*, porque filha de D. Leonor Teles (cujo comportamento irregular lançou dúvidas mais ou menos sérias sobre a paternidade de D. Beatriz, as quais foram sábiamente exploradas por João das Regras, nas Cortes de Coimbra).
- 8 1 — *Se foi* = se (na verdade) existiu.
2 — **Fernando** (Magno): Rei de Castela e Leão.
3 — *Rodrigo* = o *Cid Campeador*, notável guerreiro castelhano. — De suas façanhas se ocupam o conhecido *cantar* medievo e a célebre tragicomédia de Corneille, «Le Cid».
4 — *Não estimam*: não se atemorizam com.
- 9 1 — *Vândalos* = Andaluzes.
2 — *Cabeça* = capital (= Sevilha).
3 — *Ilha*: Cádiz.
4 — *Hercúleas colunas*: CEUTA (monte Ábila) e GIBRALTAR (monte Calpe), separados por Hércules.
- 10 1 — *Das serras*. — Compl. circ. de lugar donde.
2 — *Conca* = Cuenca.
- 11 1 — (*gente*) **Biscainha**: das províncias Vascongadas.
2 — *Polidas razões* = linguagem culta, nobre pela origem (o basco é a única língua da Península que difere das outras línguas flexíveis¹).
3 — *Compadece* = sofre.
- 12 1 — *Joanne*: D. João I, Rei de Portugal.
2 — *Sansão*: juiz hebreu, cuja força crescia proporcionalmente à guedelha.
- 13 *Desconcerte* = destoe, discorde.
- 14 *Seus irmãos* (v. 3.^o): D. Diogo Pereira e D. Pedro Pereira.

¹ Cf. P. Fouché, *A propos de l'origine du basque* — Este investigador afirma: «Le basque est (...) une langue caucasique avec des éléments africains» (EM, p. 13).

15

Na leitura das est. 15-19 deste canto, siga-se este princípio de **JAM** p. 184: «A inflexão não muda, enquanto o pensamento durar.» Assim:

«Aqueles devidos gentes disse: (est. 14)
Como? * Da gente ilustre Portuguesa
Há-de haver» (...). (est. 15)

* Sentimento dominante: indignação e espanto; intenção de animar, incitar; convicção de que há-de persuadi-los.

- 1 — V. 1.^o e seg. — Interrogação *.
2 — *Refuse*: recuse.
3 — *Pátrio Marte*: guerra em defesa da Pátria.

16

Sete ilustres Condes (v. 7.^o): sete condes aprisionados pelos Portugueses, em Arcos de Valdevez¹ (HC, I, p. 195).

17

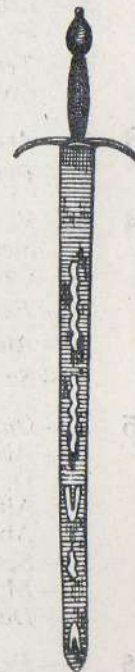
- 1 — *Foram... sopeados* (v. 1.^o): foram humilhados, mantidos em respeito.
2 — *Contino* (v. 1.^o). — Tem valor adv. (= continuamente).
3 — *Rei novo* (v. 7.^o): D. João I, rei de Portugal.

18

- 1 — *Moverdes* (v. 5.^o): transformardes a vossa indigna timidez.
2 — *Atai as mãos* = ficai paralisados, inertes.
3 — *Que* (8.^o v.). — Conj. subord. causal (= porque).

19

- 1 — V. 2.^o. — Ênfase *.
2 — *Espada*: «arma portátil, usada desde tempos muito remotos [lat. *spatha*] e ainda utilizada hoje, para o ataque e defesa, na luta corpo a corpo. Chama-se-lhe arma branca por ser geralmente feita de aço polido.» — OS, p. 42.
3 — *De outrem*. — Ag. da passiva.
4 — *Mesta*: triste (Lat.: *mæstus*, -a, -um).

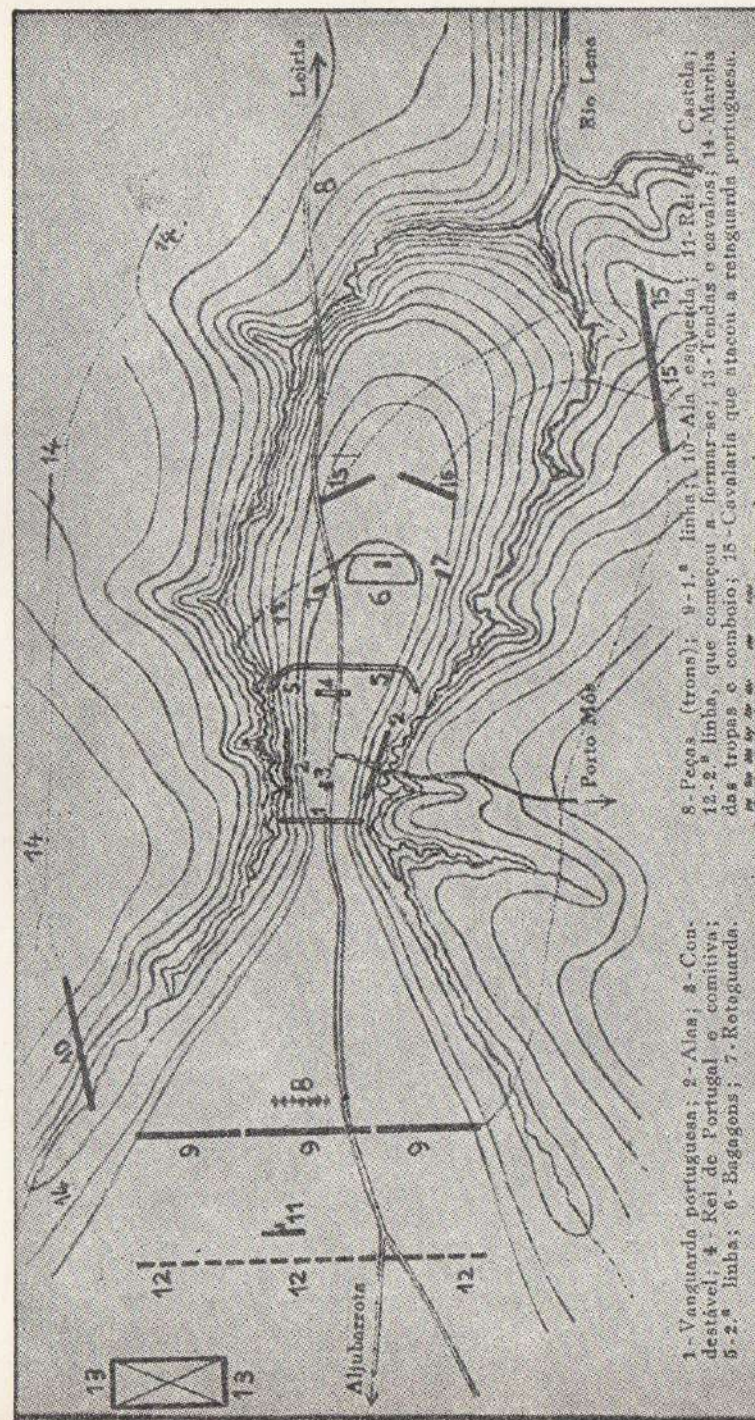


Montante de D. Nun' Álvares (que se guarda no Museu Militar)

¹ RG T, pp. 58 e 213.

- 20 1 — *Canúcio*: povoação italiana, situada na Apúlia, que recolheu os restos do exército romano, vencido em Canas (actualmente: *Canossa*¹).
2 — *Cornélio moço* (*Cipião*): militar romano, que, em Canúcio, exortou os seus compatriotas (vencidos) à resistência contra Aníbal.
- 21 1 — *A gente*. — Obj. directo de *força* e *esforça*.
2 — *Arremessões*: armas de arremesso.
- 22 1 — *Gastadas* (v. 4.º). — Acerca do uso deste participio, consulte-se *SA*, p. 138.
2 — *Peitos* (v. 5.º): armaduras que revestem o peito.
3 — *Letras* (v. 8.º): dizeres ou motos (certamente alusivos às namoradas), sobre os escudos dos cavaleiros.
4 — *Tenções* (v. 8.º): figuras desenhadas nos escudos dos cavaleiros.
- 23 1 — *Armígeros* (v. 5.º) = soldados.
2 — *Primeiros armígeros* = vanguarda.
- 24 1 — V. 2.º. — Sob os Filipes, substituiu-se este verso, fremente de *são* nacionalismo, por: «Exemplo de valentes Castelhanos!» Vid. *HC Ép*, p. 217.
2 — *Fero Huno* = Átila.
3 — *Ala direita*: a dos Namorados.
4 — *Se diz* = chama-se.
- 25 1 — *Outra ala*: a ala esquerda.
2 — *Abranches nobre Conde*. — Confusão de Camões: D. Álvaro Vaz de Almada, glorioso combatente de Alfarrobeira, é que tivera o título de conde de Abranches.
3 — *Sestra* = esquerda (Lat.: *sinistra*).
4 — *Mão* = ala, corpo de tropas (Lat.: *manu*).
5 — *Das quinas...* = a Bandeira Portuguesa.
- 26 1 — *Pelos muros* = pelas muralhas [de Abrantes].
2 — *Alegre medo* = «medo misturado de confiança alegradora» (*HC*). Faria e Sousa compara: *lætitiæque metuque* (Virg., *Eneida*). Em *ASL*, admite-se (pp. 193-194) que seja gralha: *alegre* por *lúgubre*.

1 JN Die (p. 80): *Canossa di Puglia*.



Dispositivo da Batalha de Aljubarrota

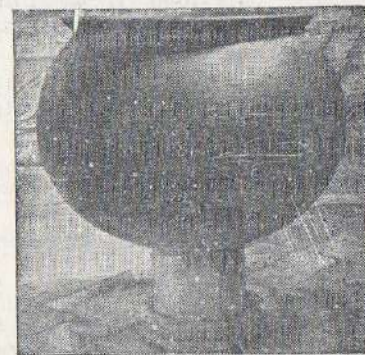
Gravura reproduzida da «História do Exército Português» do General Ferreira Martins

- 3 — *Damas* (v. 2.^o). — Há quem considere este termo «inexpressivo e descabido aqui». Haveria uma gralha: *damas* em vez de *amas*, «que um *d-*, intrometendo-se sub-reptício, transformou». Na família antiga, a «ama é uma segunda mãe e até, por vezes, tanto e mais do que esta» (Cf. Bernardim, *Menina e Moça*; António Ferreira, *Castro*). Vid. *ASL*, p. 197.
- 4 — *Todas* (v. 8.^o): todas as tropas (de um e de outro lado).
- 27 1 — *Atambores*. — Prótese *.
2 — *Ceres*: deusa da agricultura.
3 — *Ceres o fruto deixa...*: os lavradores recolhem os frutos, nas eiras.
4 — *Astreia* = signo da Virgem.
- 28 O quadro da batalha de Aljubarrota, aqui n'«Os Lusíadas», constitui um «políptico». — Vid. *HC Ép*, p. 138.
1 — Vv. 3.^o e 4.^o — Hipérbole *.
2 — *Artabro* (lat. *Artābrus*) — *ī* = Ártabro): um cabo da Galiza (actualmente: *Ortegal*).
3 — V. 5.^o. — *Ouviu o por ouviu-o o*. — Seguimos a ed. *princeps*. Veja-se a nota de *JR*, p. CXXII.
- 29 Vv. 1.^o e 2.^o: notação da natural atitude dos combatentes, pouco antes da luta (Cf., por ex., com «Guerra e Paz» de Tolstoi, trad. port. da Ed. Minerva, p. 475).
- 30 1 — *Guerra*: batalha (de Aljubarrota).
2 — *Encontra* (v. 7.^o): acomete.
3 — *Semeia*: estende vencidos.
- 31 *Farpões*: setas de ferro, terminadas em *farpa*.
- 32 1 — *Irmãos* (v. 1.^o) = os de Nun'Álvares: D. Diogo e D. Pedro.
2 — *Arrenegados*: traidores à pátria.
3 — *Magno*: Pompeio, adversário de César.
- 33 1 — *Sertório*, *Coriolano*, *Catilina*: militares que, na antiguidade, pegaram em armas contra a pátria.
2 — *Profano* = ímpio (*Origem e evolução semântica*: lat. *prōfānu-*, «para além da muralha sagrada, que não é sagrado; ímpio, sacrílego. — *JPM D*).
3 — *Reino escuro de Sumano* (= Plutão): Inferno (pagão).
- 34 1 — *Rompem-se*. — Cf. *SA*, pp. 89 e ss.; *JN Dic*, pp. 369-370.
2 — *Os primeiros*: a vanguarda.
3 — *Dos cavaleiros*. — Ag. da passiva.
4 — *Tutuão* (= *Tetuan*, em cast.): praça forte, situada ao sul de Ceuta.

- 35 1 — *Os* (v. 1.^o) = cavaleiros (caçadores africanos: cf. v. 5.^o da est. 34).
 2 — *Vê* (v. 1.^o) tem por suj., subentendido, *leão* (v. 4.^o da mesma est. 34).
 3 — *Compadecem*: permitem.
 4 — *O cavaleiro*: D. Nuno Álvares.
 5 — *Verdura*. — Obj. directo de *tinge*.
 6 — *Alheio* (v. 6.^o) = castelhano, inimigo.
- 36 1 — *Coração* = coragem.
 2 — *Qual...* (v. 5.^o desta oitava)...// *Tal...* (v. 3.^o da oitava n.^o 37). — Comparação *.
 3 — *Massília* (própriamente: Numídia Oriental e Mauritânia). — Sinédoque * (= todo o Norte africano).
 4 — *Pastor* (*de Massília*) = um pastor.
- 37 1 — *Montes Sete Irmãos*: no Norte da África, perto de Ceuta.
 2 — *Dos seus*: (escolhidos) entre os seus.
- 38 1 — *Arneses*: armaduras completas.
 2 — *Sopesando* (própriamente: tomando o peso de) = balançando.
 3 — Vv. 7.^o-8.^o. — Hipérbole *.
- 39 1 — *Acesos* = inflamados.
 2 — *Márcio* jogo: guerra (Márcio < lat. *Martiu-* = de Marte, deus da guerra).
- 40 1 — *Mandam ver o Estígio lago*. — Perífrase * e eufemismo * (= matam).
 2 — *Estígio lago*. — *Estige*: filha do Oceano; nome de uma queda de água, situada na Arcádia (Grécia), «com propriedades mortíferas.» A palavra tornou-se sinónima de *trespasse*. Cf. Prof.^a Dr.^a D. M. H. Rocha Pereira, *Enc. Verbo*, palavra *Estige*.
 3 — *Mestre... de Santiago*¹. — Não figura entre os mortos de Aljubarrota, mencionados por Fernão Lopes.
 4 — *Mestre... de Calatrava*: irmão de Nun'Álvares, Pedro Álvares Pereira. — Cf. passo da *Crón. do Condestabre*, citado por OM, p. 147.
- 41 1 — *Profundo* = Inferno (pagão). — Enálage * (adjectivo substantivado).

¹ Em RG T fixa-se como forma única *Sant'Iago* (pp. 269-270).

- 2 — *Trifauce Cão*: cão do Inferno (pagão), cuja porta guardava. — Tinha diversas cabeças, mas o número delas varia de poeta para poeta.
- 42 1 — *Dão* (v. 5.^o) tem por suj., subentendido, os *Castelhanos*.
 2 — *Propósito* (v. 8.^o): o de conquistar Portugal.
- 43 *Nojo* (v. 7.^o): pesar, tristeza, luto, desagrado.
- 44 1 — *Sitibundo* (v. 4.^o) = sequioso [Do lat. *sitis* (= sede) + *-bundo* (F Tor P).
 2 — *Profundo* (v. 6.^o) = Inferno (pagão). — Vid. anotações, n.^o 1 e 2, à est. 41 deste canto.
- 45 1 — *Os dias / costumados*: três dias (Cf. Fernão Lopes, *Crónica d'el-Rei D. João I*).
 2 — *A Quem lhe deu vitória*. — Metonímia * (= a Deus).
 3 — *Armas sempre soberanas* = feitos bélicos sempre ilustres.
- 46 1 — *Terra dos Vândalos*: Andaluzia.
 2 — *Bética* = de Sevilha (*Bétis* = Guadalquivir).
 3 — *Da força Portuguesa*. — Ag. da passiva [antec.: *obrigados*].
- 47 1 — *Destas e outras vitórias*. — Ag. da passiva [antec.: *eram(...) oprimidos*, no v. 2.^o].
 2 — *Padre* (v. 5.^o): Deus (cristão).
 3 — *Princesas* (v. 8.^o): D. Filipa (que casou com D. João I, rei de Portugal) e D. Catarina (que casou com D. Henrique, de Castela). Ambas eram filhas de João Gaunt, duque de Lencastre.
- 48 1 — *Peito (forte)* (v. 1.^o): ânimo, valentia (= os Portugueses; ou, segundo outra interpretação, D. João I, de Portugal).
 2 — *O Africano* (v. 6.^o) = Os Africanos. — Sinédoque *.
 3 — *Mafamede* (v. 8.^o) = Maomet.
 4 — *Lei de Mafamede* = Islamismo.



Caldeirão de Aljubarrota (existente no Mosteiro de Alcobaça).

- 3 — *Etiópia* = Abissínia.
 4 — *Santo rito* = Cristianismo.
- 63 1 — *Ondas Eritreias* = mar Vermelho. [gr. ἐρυθραῖος, α, ον = vermelho].
 2 — (*Serras*) **Nabateias**: da Nabateia, região a Noroeste da Arábia.
 3 — (*Costas*) **Sabeias**: dos Sabeus, povos em cuja capital, Sabá, se fabricavam outrora a mirra e o incenso.
 4 — *A Mãe* (...) v. 6.º = Mirra, filha de Cíniras, rei de Chipre. Foi transformada na planta do mesmo nome. — Cf. «Cínyras e Myrra», trecho das *Metamorfoses* de Ovidio, traduzido por Bocage (ed. de 1853, tomo 4.º, p. 242).
- 64 1 — (*Confusa*) **Babel**: torre construída pelos descendentes de Noé e destinada a permitir-lhes a subida ao Céu. Deus puniu-os, determinando que cada um dos colaboradores passasse a falar uma língua diferente da dos outros. (*Gênesis*, cap. XI, versículos 1 a 9). Vid. JPM B, p. 11; cap. «La tour de Babel», em Bbl, p. 81; cap. VIII (pp. 119-134). — «Une tour qui a fait parler d'elle» — de CS My.
 2 — *Trajano*: general e imperador romano.
 3 — *Atreveu passar* (v. 8.º) — Notar o regime.
- 65 1 — *Carmânia*: região da Pérsia (actualmente: *Quirman*).
 2 — *Gedrósia* (no verso, palavra grave): outra região da Pérsia, a leste da anterior.
- 66 1 — *O* (...) *Céu* = Deus.
 2 — *Manuel* = D. Manuel I, rei de Portugal.
 3 — *Logo como* (v. 7.º) = logo que. — Vid. JT, p. 145.
- 67 **Sonho de D. Manuel**: «sinopse realística duma grande aspiração heróica» (RG, p. 67) — «solene e grave, no que reflecte de história; cintilante e sumptuosa, no que tem de fantasia clássica» (ib., p. 68).
 1 — [O] *qual*... — Palavra equivalente a um «pronomo demonstrativo» — *este*, *aquele* (imitação da sintaxe latina). — Cf. ED S, p. 269.

- 2 — Os vv. 7.º e 8.º [desde «e as estrelas»...] lembram o conhecido passo do início do liv. II da «En.» de Virg.. Note-se ainda que as estrelas *não caem*... salvo na imaginação dos poetas [Cf. PCCC, I, p. 76].
- 68 1 — *Lasso* (v. 7.º): fatigado.
 2 — *Morfeu*: deus dos sonhos.
- 69 1 — *Prima Esfera* = esfera da Lua, segundo Ptolomeu (*Prima*, lat. = *primeira*).
 2 — *Duas claras e altas fontes*: o Indo e o Ganges.
- 70 *O trato*: o comércio, as relações entre os homens.
- 71 1 — *Se lhe antolha* = afigura-se-lhe.
 2 — *Hirsuta*: espessa, emaranhada.
 3 — *Intonsa*: não cortada.
- 72 1 — *Ambos de dous* = ambos eles (Indo e Ganges). — Observa ED S, pp. 135-136: «Também se diz, pleonasticamente, *ambos os dois, ambos dois*.» Cf. lat. *uterque nostrum* = ambos nós.
 2 — *Um deles* (v. 3.º) = Ganges (Vid. 1.ºs vv. das est. 72 e 74).
 3 — *Presença* (v. 3.º) = aspecto.
 4 — *Alfeu* (v. 7.º)... *Aretusa* (v. 8.º): respectivamente, *rio*, que nasce na Arcádia (Grécia), e *fonte* situada em Siracusa (Sicília). — Segundo a fábula, Alfeu amava Aretusa, ninfa de Diana. Esta deusa transformou os dois amantes naquelas realidades geográficas acima indicadas, permitindo, no entanto, que as águas de Alfeu fossem unir-se às da ninfa.
- 73 *Este*: Ganges (Cf. est. 74, v. 1.º).
- 74 *Terra/celeste*: Paraíso, onde se localizaria a nascente do Ganges.
- 75 1 — *Emanuel* — D. Manuel I, rei de Portugal. — Vid. JLV, pp. 424-428.

- 49 1 — (*Nadantes*) *aves* = navios. — Metáfora *.
 2 — *Argento/da furiosa Tethys* + = mar.
 3 — *Pandas*: côncavas, anfunadas (Lat.: *pandus*, -a, -um).
 4 — *Alcides*: Hércules, que pôs a «extrema meta» no estreito de Gibraltar.
 5 — *Juliana*: de Julião, conde e governador de Ceuta, que entregou a cidade aos Árabes. Cf. «Eurico, o Presbítero»,¹ romance hist. de Alex. Herculano.
- 50 *Inclita geração*: conjunto de filhos notáveis de D. João I, de Portugal (D. Duarte, D. Fernando, D. Henrique, D. Isabel, D. João e D. Pedro).
- 51 1 — *Suma alteza* (v. 2.º): trono.
 2 — Vv. 4.º a 8.º. — Interrogação *.
- 52 Para esclarecimento da verdade histórica daquilo que se narra nesta oitava e na seguinte, leia-se o capítulo correspondente, da autoria do Prof. David Lopes, em *HP DP*, III, pp. 407-432, além da bela síntese de *HC*, I, p. 215.
- 53 1 — *Codro*: últ. rei de Atenas. Deu a vida pela Pátria, para que, em cumprimento de um oráculo, esta vencesse os Dórios.
 2 — *Régulo* (= Atílio Régulo), côsul romano que, prisioneiro dos Cartagineses, foi por estes mandado a Roma para propor a paz. Heróico, aconselhou a resistência ao senado, e voltou para o inimigo que o matou.
 3 — *Cúrcio*: patricio romano que se atirou a um abismo, no *Forum*, para, com sacrifício da vida, salvar a pátria, como afirmara um oráculo.
 4 — *Décios*: família romana — avô, pai e filho — que, em luta contra inimigos da pátria, por esta morreram heróicamente.
- 54 1 — *Afonso*: D. Afonso V.
 2 — (*Nossa*) *Hespéria*: Península Ibérica. Cf. com a oitava 103 do c. II.
 3 — *Terra Ibéria* (Cf. *Ibero* = Ebro): Castela.

¹ Ensina o Prof. F. Rebelo Gonçalves: «A vírgula [Em «Eurico, o Presbítero»] não é original, mas exige-a a estrutura do título.» — *RG T*, p. 319.

- 55 1 — *Maças de ouro*: pomos de ouro, guardados por um dragão, no jardim das Hespérides.
 2 — *Tirínio*: Hércules+, que colheu esses pomos de ouro. O herói fora criado em Tirinto, na Argólida.
 3 — *Tangere*. — Paragoge *.
- 56 (*Muros*) *de diamante*: resistentes como o diamante.
- 57 1 — *Cometer*: atacar.
 2 — *Fernando de Aragão*: Rei de Aragão que casou com Isabel, de Castela, conseguindo a unificação política de toda a Espanha. Viu as suas tropas em luta com as de D. Afonso V, em Toro. O rei de Portugal defendia os direitos ao trono de Castela da sobrinha D. Joana, que os partidários de Fernando combatiam, por considerá-la ilegítima (filha de *Beltran de la Cueva*; por isso *Beltraneja*). Fernando de Aragão saiu, finalmente, vencedor. Vid. *HP DP*, III, pp. 155 e ss..
- 58 1 — *Mancebo Joanne*: futuro D. João II, de Portugal.
 2 — *Vencimento* = vitória.
 3 — V. 8.º — *Duvidoso*, porque, por um lado, as tropas que o príncipe D. João comandou saíram vitoriosas; por outro lado, as de D. Afonso V foram vencidas.
- 59 1 — *Filho*: futuro D. João II, de Portugal.
 2 — *Octaviano*: aqui, comparado a D. Afonso V (Cf. Batalha de Filipos, onde Octaviano foi *vencido*).
 3 — *António*: comparado ao futuro D. João II (Cf. Batalha de Filipos, onde António, que combatia ao lado de Octaviano, ficou *vencedor*).
- 60 1 — *A escura noite eterna*. — Perífrase * e metonímia * (= a morte).
 2 — *Trezeno* = décimo terceiro. — Vid. *GF*, p. 52.
 3 — *Roxa Aurora*: Oriente.
 4 — *Eu* (v. 8.º) = Vasco da Gama.
- 61 1 — *Mensageiros* [de D. João II]: Pêro da Covilhã e Afonso de Paiva.
 2 — *Parténope* = Nápoles. — Vid. anotações à est. 19 do C. III.
- 62 1 — *Sículo* = da Sicília.
 2 — *Magno* = Pompeio ou Pompeu, notável político romano.

- 2 — *Febo*: Apolo+ (= Sol).
 3 — *Escuro Hemispério*: hemisfério da Terra que ainda estava mergulhado na sombra.
- 76 1 — *Santo velho* = Ganges.
 2 — *Náutico aparelho*: armada.
 3 — *Coração*: ânimo.
- 77 1 — *Eu*: Vasco da Gama.
 2 — *Em efeito/se pusesse*: se executasse, se fizesse.
 3 — *Chave*: comando (da armada).
 4 — *Cometimento grande e grave*: o descobrimento do caminho marítimo para a Índia.
- 78 *Lustrosas* (v. 3.^o): que honram quem as pratica, ilustres, gloriosas.
- 79 *Trabalho ilustre, duro e esclarecido*: o descobrimento do caminho marítimo para a Índia.
- 80 1 — *Euristeu*: tirano de Micenas que, para conseguir a morte de Hércules, obrigou-o aos doze difíceis trabalhos que Camões refere.
 2 — *Alcides* = Hércules.
 3 — Vv. 3.^o a 6.^o: cinco daqueles doze trabalhos.
 4 — *Cleonéu*. — Seguimos, para Cleonéu, a acentuação de HC, I, p. 231. É, igualmente, a de JR.
 5 — *Estige*: rio do Inferno (pagão). Vid., também, anot. n.^o 2 à oitava n.^o 40 deste c. IV.
- 81 *Paulo da Gama*: irmão de Vasco da Gama e seu subordinado nesta primeira viagem à Índia. Comandou a nau *S. Rafael*.
- 82 1 — *Nicolau Coelho*: comandante da caravela *Bérrio*, igualmente subordinado de Vasco da Gama.
 2 — *Furor* (v. 4.^o): bravura.
- 83 1 — *De Emanuel*. — Ag. da passiva. — Vid. anotações à est. 75, n.^o 1, deste canto.
 2 — *Altas* (v. 3.^o): nobres.
 3 — *Mínias* = Argonautas (descendiam de um rei da Tessália chamado *Mínias*).
 4 — *Mar Euxínio* (1.^a ed.) = mar Negro (actual). Lat.: *Euxínus Pontus*.

- 84 1 — *Licor*: água. Latin.¹
 2 — *Neptuno*+: mar.
 3 — *A de Marte* (v. 7.^o): os guerreiros, a tropa que seguia na frota do Gama.
- 85 1 — *Elas* (v. 7.^o) = naus (Cf. v. 5.^o).
 2 — V. 8.^o = de serem colocadas no Olimpo (= tornadas imortais), como acontecera na Antiguidade à nau de Argos, que Minerva pôs entre as constelações.
- 86 1 — *Aparelhámos a alma para a morte*: ouvimos missa e comungámos, como convinha a bons cristãos que iriam expor-se a mil perigos.
 2 — *Aspirasse* (v. 8.^o) = favorecesse. — Latin. OM, p. 160.
- 87 1 — *Partimo-nos* (v. 1.^o) [.../ donde Deus foi em carne ao mundo dado. — Perífrase * [(= Partimo-nos de Belém, na margem direita do Tejo). — Em Belém, na Palestina, nasceu Jesus ou, como diz o Poeta, foi dado em carne ao mundo].
 2 — V. 8.^o (desde «apenas»...) = dificilmente reprimo as lágrimas.
- 88 *Batéis* (v. 8.^o). — «*Batel* — embarcação maior do navio, que ia acomodada no convés da nau» (AS HTM, p. 219). Aqui, os batéis conduziam, desde a terra, os homens para os navios.
- 89 *O temeroso/amor mais desconfia*: a afeição receosa mais teme.
 Esta humaníssima oitava parece ecoar na obra de Mário Padovini, «*Tante voci nella notte*».
- 90 e 91 *Qual...* — Epanáfora *.
- 91 V. 8.^o — *Quereis e não querereis*. Assim acontece nas várias edições consultadas, excepto na de Júlio Nogueira.
- 92 *Quase* (v. 6.^o) = *como* (ED), *como que* (OM), *como se*. — Latin. (Cf. lat. *quasi*).

1. *Licor* é latinismo lexical. «Ocorrendo várias vezes nos Lus., o que tem de interessante em relação à língua de hoje é o sentido lato em que é empregado, à semelhança do seu étimo, o subst. latino *liquor*». CS, pp. 133-135.

- 93 1 — A (v. 2.º; repet.) = para (Cf. lat. *ad*).
 2 — *Despedimento* (v. 6.) = despedida.
 3 — V. 7.º — Aproximar o conteúdo deste verso do comoventíssimo conto de Trindade Coelho, «Última Dádiva» («Os Meus Amores», pp. 91-103).
- 94 1 — Vv. 1.º-8.º — Prosopopeia *.
 2 — *Um velho de aspeito venerando* = o célebre velho do Restelo. — Já nele um ilustre humorista viu um antepassado do *Conselheiro Acácio*, d'«O Primo Basílio» de Eça.
- 95 1 — *Quem* (2.º v.) = que. — Antecedente: *vaidade* (coisa e não pessoa). — SB, pp. 292-293.
 2 — *Fazes tem por suj.*, subentendido, *tu* (referido a «glória de mandar», v. 1.º).
- 96 1 — *Fonte de desemparos e adultérios* (v. 2.º). — Aproxime-se de alguns passos do *Canc. Geral* e do *Auto da Índia* de Gil Vicente.
 2 — *Chamam-te*, isto é, à «glória de mandar» (v. 1.º da oitava precedente).
- 97 Vv. 1.º a 8.º — Interrogação *.
- 98 1 — *Cujo pecado e desobediência [...]/ Te pôs (...)* — Notar a concordância do verbo, pela existência de *hendíadis* *. Cf. ED S, pp. 24-25.
 2 — *Idade de ouro* (v. 7.º): o primeiro dos quatro períodos da vida humana — plenamente feliz, segundo os Antigos. (Os outros três: o da prata, o do bronze e o do ferro).
 3 — (*Idade*) *de ferro* (v. 8.º): o último dos quatro períodos referidos em 2 — o pior, cheio de calamidades, lutas.
 4 — *Armas*: lutas, guerras.
- 99 1 — *Vaidade*. — Tem 4 sil. (va-i-da-de); do lat. *vanitate*.
 2 — *Puseste nome* = chamaste.
 3 — *Temeu... perdê-la Quem...* — Referência ao pedido de Jesus, no Horto, ao Pai: «se é possível, passe de mim este cálice» (S. Mateus, XXVI, 39 e 42).
- 100 1 — *Junto contigo*: perto de Portugal Continental, no Norte de África.
 2 — *O Ismaelita* = os Mouros. — Sinédoque *.

- 3 — *O Árábio*: Maomet.
 4 — *Lei maldita* = Islamismo.
 5 — *Só* (v. 4.º) = somente.
 6 — *Ele* (v. 7.º): o Ismaelita (v. 1.º).
- 101 1 — *Por ires*. — Vid. GF, p. 171 e, principalmente SA, pp. 55 e ss. («O Infinitivo Pessoal»).
- 2 — *Por quem se despovoe o Reino antigo*. — Aproxime-se da conhecida composição de Sá de Miranda, alusiva a este assunto.
- 3 — *Deitando a longe* (v. 4.º) = deitando a perder (OM, p. 164).
- 4 — *Cópia* = abundância (Lat.: *copia*).
- 5 — *Etiópia*. — Vid. I, 43, n.º 2, destas anotações.
- 102 1 — Vv. 1.º e 2.º — Cf. MAC, pp. 31-32.
 2 — *Seco lenho* = navio, embarcação.
 3 — *Profundo* = Inferno. — Vid. anotações à est. 41, n.º 1, deste canto.
- 103 1 — *Filho (de Jápeto)*: Prometeu, que fez (segundo a fábula) o homem, de barro, animando-o e dignificando-o com fogo (= espírito) que roubou do Olimpo. Zeus puniu-o.
 2 — *A tua estátua* (v. 7.º): a humanidade (Cf. n.º 1).
- 104 1 — *O grande arquitecto* (v. 3.º): Dédalo, construtor do Labirinto de Creta, donde, por aí estar preso com o filho Ícaro, se libertou por meio de asas de penas e cera. Ensina GBz A: «Le palais minoen, composé de quartiers groupés autour de cours intérieures est influencé sans doute par les palais mésopotamiens; la confusion de la distribution intérieure a peut-être inspiré le mythe grec du labyrinthe» (p. 44).
 2 — *Filho* (v. 3.º) = Ícaro. — Viu-se precipitado no mar Egeu por, contra os conselhos do pai, se ter aproximado, com as asas de cera, excessivamente do Sol. — Belas gravuras: *Dédale et Icare* (p. 63) e *La Chute d'Icare* (p. 64), in PHMD.
 3 — *Rio* (v. 4.º) = o Pó.
 4 — *Intentado*: por tentar.
 5 — V. 8.º — Epifonema *.

CANTO V

ASSUNTO	Localização. — Sugestão artística. — Fonte hist.
O Gama conta:	
— a largada de Lisboa;	1—3
— a viagem até o Zaire;	4—13
— a passagem do equador;	
— o Cruzeiro do Sul;	74
— fogo-de-santelmo;	78 (1. ^{os} vv.)
— tromba marítima;	78 (ult. vv.)—23
.....
— aventura de Veloso;	30—36

(Cont.)

1 JR Fo, p. 72.

ASSUNTO	Localização. — Sugestão artística. — Fonte hist.
1 — <i>Aparecimento.</i>	37—40
2 — <i>Discurso do gigante</i> { ^a <i>Introdução</i> ^b <i>Profecias</i>	41—48
— Cabo das Tormentas (= Adamastor ¹):	
3 — <i>O Gama interpela-o.</i>	49
4 — <i>Adamastor responde, referindo sua origem e destino.</i>	50—59
5 — <i>Desaparecimento.</i>	60
— Sofala;	73
.....
— Rio dos Bons Sinais;	78—80
— O escorbuto;	81—83

(Cont.)

1 Indicamos apenas algumas fontes (possíveis) do episódio. Consultem-se: Prof. H. Cidade, «Luís de Camões. II — O Épico», pp. 37, 38, 39, 122, 125; Prof. Rebelo Gonçalves, «Dissertações Camonianas», p. 120; Balthasar Osório, ORIGENS DO EPISÓDIO DOS *Lusiadas* «O GIGANTE ADAMASTOR» (in Boletim da Segunda Classe da Acad. das Ciências de Lisboa, desde a p. 534); José Benoliel, «Episódio do Gigante Adamastor», Lisboa, 1898 (existe um exemplar desta últ. obra na Bibl. Nac. de Lisboa).

2 JR Fo, p. 72.

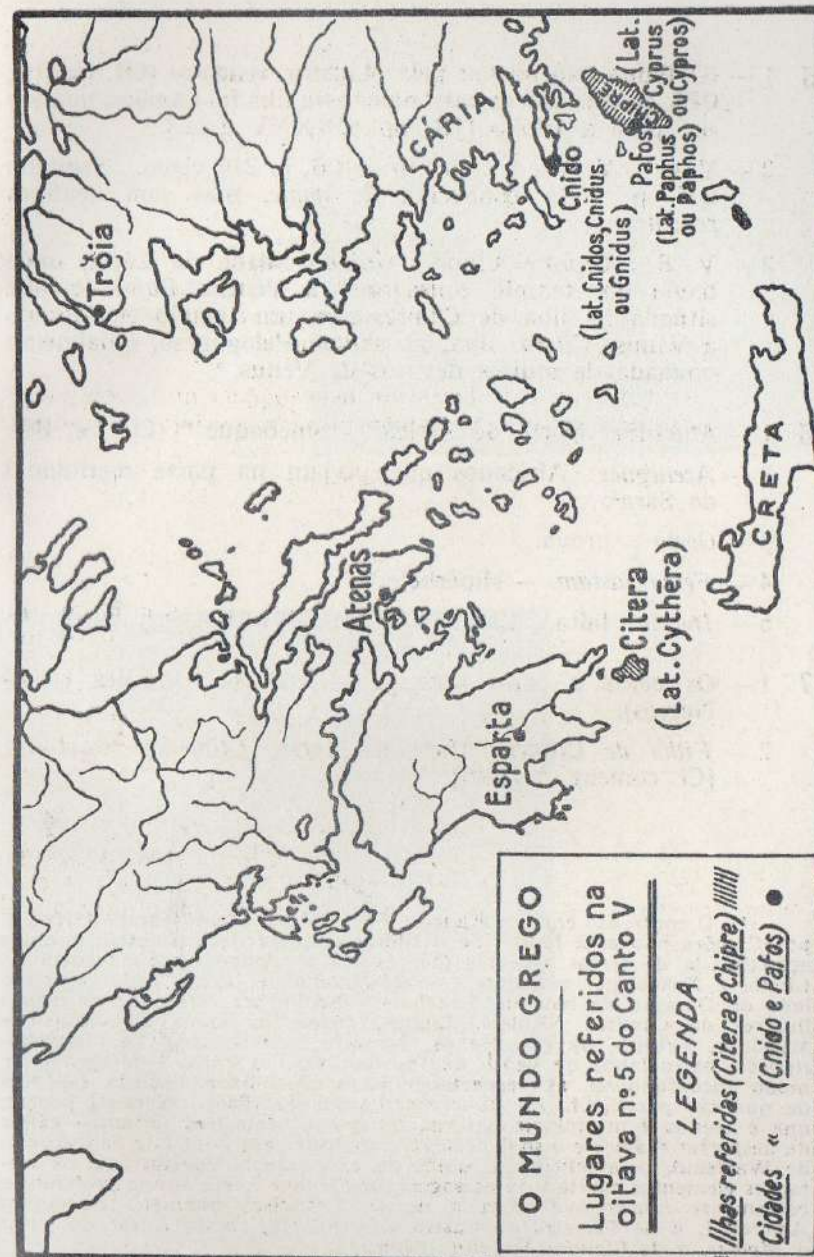
3 Ibid., p. 74.

ASSUNTO	Localização. — Sugestão artística. — Fonte hist.
— Até Melinde.	84—85
— Elogio, pelo Gama, da tenacidade portuguesa.	86—91
— INVECTIVA CONTRA OS PORT., CONTEMP. DO POETA, QUE DESPREZAVAM A POESIA E A TÉCNICA QUE LHE CORRESPONDE.	92—100

João de Barros
— Ásia;
F. L. de Castanheda—*Hist. do Desc. e Conq. da Índia pelos Port.*¹.

- 1 1 — *Ferimos*. — Latin.: «... ferit aethera clamor nauticus» (*En.*, V, 140). — Cf. OM, p. 167.
2 — *Vociferando* = falando em altas vozes.
3 — *Troncos* = navios.
- 2 1 — *Eterno lume* = Sol.
2 — *Animal Nemeio* = Leão (signo do zodiaco).
3 — *Seista* (= sexta) idade: período compreendido entre a vinda de Cristo e o fim do mundo.
4 — Vv. 6.^o-7.^o: ano de 1497 (a 8 de Junho, partia a armada do Gama para a Índia).
- 3 1 — *Que ficavam*: que ficavam para trás.
2 — *Lá* (v. 6.^o): na terra amada (v. 5.^o).
- 4 1 — *Generoso*: nobre (Lat. *generosus*, -a, -um). Recordar, a propósito dos vv. 3.^o e 4.^o, a belíssima composição «Sagres», de Olavo Bilac, *Poesias*.
2 — *Anteu*: gigante, filho da Terra e de Neptuno+.

1 JR Fo, p. 72.

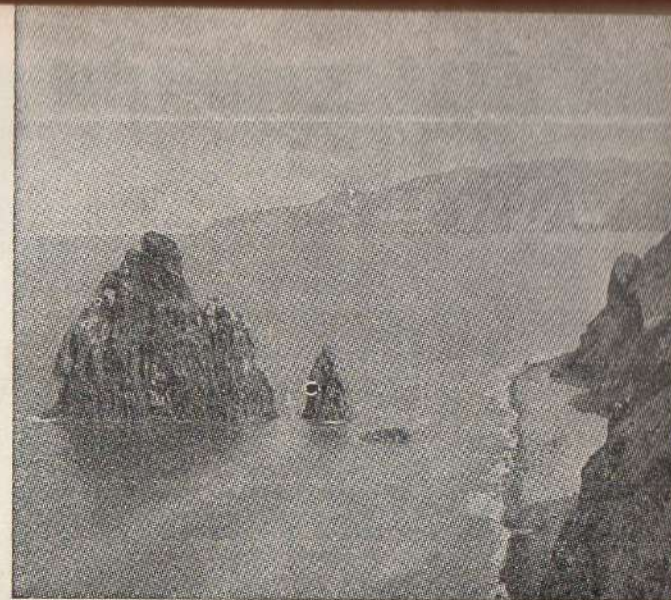


- 5 1 — «O Gama não passou pela Madeira, *vendo-a*» (CB, p. 210; QFS, p. 10). Quem passou por esta ilha foi Camões, quando «foi para a Índia» [JR, pp. CXXXV e ss.].
- 2 — V. 4.º: Veja-se o comento de CB, p. 210 verso. Segundo OM, p. 168: «conhecida de nome, mas sem nenhum renome».
- 3 — V. 8.º: *Cipro* = Chipre; *Gnido*: cidade da Cária, onde havia um templo consagrado a Vénus; *Pafos*: cidade situada na ilha de Chipre, com um templo consagrado a Vénus; *Citera*: ilha, ao sul do Peloponeso, igualmente povoada de muitos devotos de Vénus.¹
- 6 1 — *Massilia*: Norte de África. — Sinédoque * (Cf. IV, 36).
- 2 — *Azenegues*: Africanos que viviam na parte meridional do Sara².
- 3 — *Gosta* = prova.
- 4 — *Ferro gastam*. — Hipérbole *.
- 5 — *Inópia*: falta. Latin. (CS, pp. 171-172).
- 7 1 — *Os povos a quem nega...* — Perífrase * erudita (= os Negros).
- 2 — *Filho de Climene* (fora do verso, *Climene*): Faetonte [Cf. coment. a I, 46].

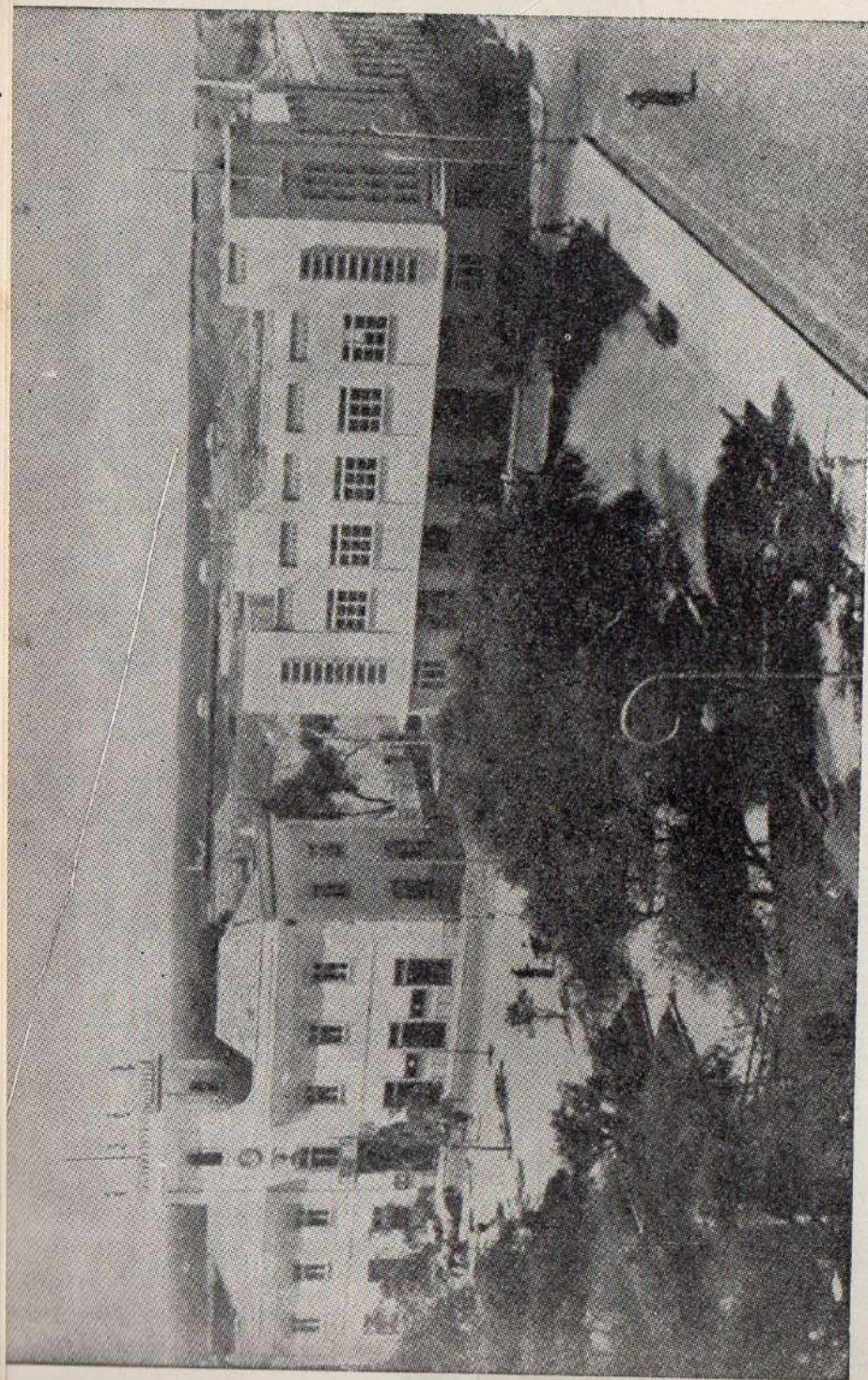
1 O confronto entre a Madeira e os sítios do mundo grego referidos por Camões não está feito. Se o litoral daquela ilha atlântica permite aproximá-la de certos aspectos (cor escura e configuração) da costa de Lindos e Naxos, por exemplo, e se um trecho de Lefkas pode sugerir o lado do Garajau da baía do Funchal, é igualmente certo que as ruínas ilustres de Camiros (Rodes), Lindos, Delos, as casas alvíssimas de Mykonos, Patmos, Skyros, Naxos, Santorin, com terraços bem característicos, os moinhos de vento de Ios (ou Nios) e Paros — integram, de modo inconfundível, as respectivas fisionomias na civilização helénica de que são parte (Cf. *Iles Grecques* / Lausanne, 1956). Note-se, porém, que é menos a morfologia externa do que a *atmosfera íntima* — capaz de despertar o amor e o sonho (cf. «L'embarquement pour l'île de Cythère» de Watteau), pela felicíssima união da exuberância vegetal com os restantes elementos capitais da paisagem, que leva o Poeta a uma preferência certamente relacionável com a de D. Francisco Manuel (*Epanófora Amorosa*), a de Ferreira de Castro (*Eternidade*), a do Autor de *Vivre à Madère*, a de Claude Dervenn (*Madère*).

2 Seguimos a ortografia oficial. — Cf. RG T p. 365.

«Passámos a
grande ilha
da Madeira»...



«...Que do muito
arvoredo assi se
chama...»



Cidade da Praia (Cabo Verde) — Câmara Municipal e edifício do Rádio Clube
(Gravura reproduzida de «Roteiro do Ultramar» — Lisboa, 1958)



«Ali o mui grande reino está de Congo,
Por nós já convertido à fé de Cristo,
Por onde o Zaire passa, claro e longo
Rio pelos antigos nunca visto».

- 3 — *Sanagá*: Senegal, rio africano.
 4 — *Cabo Arsinário* = cabo Verde (actual).
- 8 *Filhas/do velho Hespério*: as ilhas de Cabo Verde (ED, I, p. 272). Vid. *Obras Completas de D. João de Castro*, ed. crítica por Armando Cortesão e Luís de Albuquerque, vol. I, p. 141, nota n.º 52.
- 9 1 — *Bóreas*: Vento Norte.
 2 — *Refresco*: alimentos, provisões.
- 10 1 — *Jalofo* = Nigricia.
 2 — *Nações* = raças.
 3 — *Gambeia* = Gâmbia (rio).
- 11 1 — *Dórcadas*: arquipélago de Bijagós (possivelmente), na Guiné. — Própriamente, ilhas lendárias, onde habitavam as três Górgonas.
 2 — *Tu* (v. 5.º): *Medusa*, uma das Górgonas, de cujo sangue nasceram o cavalo Pégaso e muitas víboras. — Quadro célebre: «Medusa» pelo grande pintor italiano Caravaggio (1573-1610).
 3 — *Acendiam* (v. 6.º): inflamavam de desejos.
 4 — *Bívoras* (= víboras): répteis abundantes nesta região de África.
- 12 1 — *Austro*: Sul.
 2 — *Grandíssimo gólfão*: mar largo. — Além de *gólfão* (grave), há, em português, *golfão* (aguda). Respectivos plurais: *gólfãos* e *golfões*. — Cf. OM, p. 171.
 3 — *Um que o lado a Deus tocou*: S. Tomé.
- 13 1 — *Reino de Congo*: descoberto, em 1484, por Diogo Cão, o qual colocou **três padrões** na costa ocidental da África: o de S. Jorge, o de Santo Agostinho e o do cabo Negro, cujas fotografias se encontram, respectivamente, a pp. 555, 556-7 e 560, na HP DP. Podem ser observados, hoje, na Sociedade de Geografia, em Lisboa.
 2 — *Pólo de Calisto* = pólo Norte.
 3 — *Término ardente* = Equador.
- 14 1 — *Hemisperio*. — O φ grego (ph) de *ἡμισφαίριον* foi representado em romance por um simples p. — Cf. OM, p. 171.
 2 — *Nova estrela*: **Cruzeiro do Sul**. — Diz Jaime Cortesão: «Chamavam então, como ainda hoje, os Portugueses *Cruzeiro* à cruz de pedra esculpida, quase sempre

- 30 1 — *Vem* (vêm), forma do v. *vir*.
2 — *Domésticos*: afáveis.
3 — *O trato*: os costumes.
- 31 1 — *Arrogante*: satisfeito com o que projectava executar.
2 — *A vista alçada*: observando os longes elevados.
- 32 1 — *Coelho*: Nicolau Coelho, comandante da caravela Bérrio.
2 — *Polo tomar* = por o tomar, para o tomar. — «O pronome arcaico *lo, la, los, las*, objecto directo de um infinitivo, combina-se na língua antiga com a preposição *por, per*, regente do mesmo infinitivo». (SS, p. 155).
3 — *Etiopo*: negro.
4 — *Pressa* (v. 5.º): aperto.
5 — *O remo aperto* (verbo *apertar*): estímulo, instigo os remadores. — Metonímia *.
- 33 *Tão tecida* (v. 6.º): «tão ininterrupta como um tecido» (Ag F, p. 559).
- 34 *Que* (v. 7.º): senão.
- 35 Vv. 4.º, 7.º e 8.º — Ironia *.
- 36 *Reino escuro* (v. 7.º): inferno, morte.
- 37 1 — Numa narrativa, a palavra *porém* anuncia que se vai referir um acontecimento notável ou inesperado. Vid. SS, p. 241.
2 — *(Cinco) sóis* = dias.
3 — *Eram passados* = tinham passado (JT, p. 107).
4 — *Que* (dali nos partiramos) = desde que (GF, p. 202).
5 — *De outrem* (v. 3.º). — Ag. da passiva.
- 38 *Este clima* (v. 7.º) = esta região.
- 39 1 — *Não acabava*: não tinha ainda acabado de falar.
2 — *Se nos mostra...* — Prosopopeia *.
3 — *Esquálida*: suja, sórdida (Lat.: *squālidus*, -a, -um).
- 40 1 — *De Rodes estranhíssimo Colosso*: estátua de Apolo +, na ilha de Rodes, uma das 7 maravilhas do mundo antigo.
2 — *Milagres*: maravilhas.
- 41 1 — *Ó gente ousada*. — Este vocativo liga-se aos imperativos: *ouve* (5.º v. da est. 42) e *sabe* (1.º v. da est. 43). — «A voz do «Velho» [do Restelo] parece

- que foi ouvida no outro lado de África, no extremo sul desse continente... Responde-lhe a do Adamastor» (...). «É a voz do mais belo episódio de *Os Lusíadas*» (MA C, pp. 32-33).
- 2 — *Vedados* = proibidos.
3 — *Longos* = remotos.
4 — *Arados* (= lavrados). — Metáfora *.
5 — *De estranho ou próprio lenho*. — Ag. da passiva.
- 42 1 — *Húmido elemento* = mar.
2 — *Apercebidos* = preparados.
- 43 V. 8.º: que as vítimas do naufrágio (= os sofrendores do *dano*), por este sobrevir terrível e fulminante, nem deram pelo *perigo* que as ameaçava.
- 44 1 — *Quem me descobriu*: Bartolomeu Dias.
2 — *Julzo* (v. 6.º): pensamento.
3 — *Que* (v. 8.º). — Conj. subordin. consecutiva.
- 45 1 — *O primeiro ilustre*: D. Francisco de Almeida.
2 — *Porá* = deporá.
- 46 1 — *Outro...* = Manuel de Sousa Sêpúlveda.
2 — *Fermosa dama* (v. 3.º): D. Leonor, sua esposa.
3 — V. 5.º: «Quando as partes do sujeito múltiplo forem expressões sinónimas ou formarem um todo indiviso, o verbo põe-se geralmente no singular». (RL, p. 230).
- 47 1 — *Verão morrer* (Vid. GF, p. 173).
2 — *Ter pisada*. (JT, p. 100). — Acerca do valor estilístico desta concordância, vid. RL, p. 244.
- 48 1 — *Abraçadas* (v. 7.º). — Não corresponde à verdade histórica (Cf. *História Trágico-Marítima* e *Décadas* de Couto).
2 — Vv. 7.º e 8.º. — Eufemismo *.
3 — *Fermosa e misérrima prisão*: corpo (Cf. C. X, est. 31).

- 49 1 — *Estupendo* = enorme. É gerúndio latino. — Cf. CS, p. 192.
2 — *Certo*, adv. = certamente.
- 50 1 — *A quem...* (v. 2.^o) — objecto directo de *chamais*.
2 — *Ptolomeu*: geógrafo grego, do séc. II, d. C..
3 — *Pompónio* (Mela): geógrafo romano, do séc. I, d. C..
4 — *Estrabo* (= Estrabão): geógrafo grego do séc. I, antes e depois de Cristo.
5 — *Plínio* (o Velho): grande cientista da Roma antiga. Entre outros trabalhos, escreveu *Historia Naturalis*.
6 — *Quantos* (v. 4.^o) exerce dupla função (= *a todos aqueles/que...*): objecto indirecto (anteced.: *fui notório*) e sujeito (cf. predic. *passaram*).
- 51 1 — *Qual* (v. 2.^o) = tal qual. — Elipse * (de *tal*).
2 — *Encélado*, *Egeu*, *Centimano* (Fora do verso: *Centimano* — o de cem mãos): nomes de gigantes.
3 — *O que vibra...* (v. 4.^o) = Júpiter+.
- 52 1 — *Esposa de Peleu* = *Thetis* + [gr. Θέτις, ninfa, uma das filhas de Nereu e de Dóris¹, CASADA COM PELEU (segundo a mitologia clássica). Em Boccaccio — «Genealogiæ Deorum», liv. VII, 16 —, porém, *Thetis* é considerada filha de QUÍRON e, liv. X, 50, «deusa das águas» (Cf. Camões: «das Águas a Princesa», c. V, 52, v. 4.^o)].
2 — Adamastor, na paixão que experimenta por *Thetis*+, participa um pouco da natureza de Camões. — Vid. HC Ép, pp. 90. e 169.
- 53 *A Deusa* (v. 5.^o) — Dóris, mãe de *Thetis*+ (mencionada no v. 4.^o).
- 54 1 — *A mensageira* = Dóris.
2 — *Eu* (v. 5.^o).../.../ *encheram-me*. — Anacoluto *.
3 — *Encheram* (v. 7.^o) tem por suj., subentend., *Dóris* e *Thetis* +.
- 55 *De Dóris* (v. 2.^o). — Ag. da passiva.
- 56 1 — *Que* (v. 1.^o). — É expletivo.
2 — *Nojo*: pesar, amargura.
- 57 *Da mágoa e da desonra* (v. 6.^o). — Compl. circ. de causa.

¹ Cf. Gr. Δωρίς, ἰδος; lat. Dōris, idis.

- 58 1 — *Meus irmãos*: os outros gigantes.
2 — *Vencidos* (v. 2.^o) — na guerra contra Júpiter+.
3 — *Por (...)* *segurar-se*. — Da colocação do pronome regimen, veja-se SA, pp. 24-25.
4 — *Sotopostos*: postos debaixo.
5 — *Immigo*. — Síncope *.
- 59 1 — *Converte-se-me a carne em terra...* Vid. JB A, p. 11.
2 — *Converte-se (...)* *em (...)*. — Emprega-se a prep. *em* depois das palavras que de qualquer modo exprimem as ideias de *converter*, *disfarçar* e *desfazer*. Cf. Cic. *Hecubam... in canem esse conversam*, cit. por ED S, p. 146.
3 — *Thetis* = (v. 8.^o): a nereida referida no comentário à est. 52, segundo a ortografia fixada por ED e JR. CB, porém, sustenta tratar-se, aqui, de Téthys (sic, p. 213), aliás Tethys+ (= Tethýs). António Sérgio, em sua ed. d'*Os Lus.*, é bem explícito: «Esta Tétis não é a mesma por quem o Adamastor se apaixonara, mas a sua avó, esposa do Oceano.» (p. 82). Cf. esquema do capítulo III da presente edição.
- 60 V. 8.^o — Hipérbole *.
- 61 1 — *Flégon* e *Pyrois* (palavra aguda, no verso; fora dele, *Pírois*¹): dois dos quatro cavalos que tiravam o carro do Sol.
2 — *Os outros dous* (cavalos): *Eoo* e *Éton*.
3 — *Grão Gigante* = Adamastor.
4 — *Terra tomámos*: ancorámos.
- 62 1 — O v. 2.^o — é sáfico. Por isso, *Etiopes* (Fora do verso: *Etiopes*) não tem acento na síl. *ti* mas em *o*.
2 — *Etiopes* = Negros.
3 — *Os outros*: os Africanos da angra de Santa Helena.
- 63 1 — *Queimadas*: negras.
2 — *Vem* (v. 1.^o) = vêm, forma do v. *vir*.
3 — *Concertadas*: compassadas.
4 — *Avenas*: flautas pastoris.
5 — *Títiro*: pastor da écloga I de Virgílio.
6 — *Camenas*: musas inspiradoras da poesia bucólica. Aparece com maiúscula em JN e OM; com minúscula em HC.

¹ Lat. *Pyrōis* (proparoxítono). A forma actual, *Pírois* é paroxítona. — Cf. RG T, p. 151.

- 64 1 — *Na vista*: no aspecto, no semblante.
2 — *Que* (v. 7.º) tem por antecedente *palavra* (v. 6.º).
- 65 1 — *O ardente meio/do Céu*: o Equador.
2 — *Aquele ilhéu*: ilhéu da Cruz, cujo descobrimento por Bartolomeu Dias ficou assinalado por um padrão terminado em *cruz*.
- 66 1 — *De árduas esperanças*. — Ag. da passiva.
2 — *Em porfias*: em lutas.
- 67 1 — *Segundo* = visto que.
2 — *Noto*: vento Sul.
- 68 1 — *Trazia o Sol...* — Perífrase (= Era no dia de Reis = 6 de Janeiro).
2 — *Três Reis*: os Magos.
3 — *Um Rei*: Jesus Cristo.
4 — V. 4.º: Dogma da Santíssima Trindade. — Cf. B MA, p. 80 (N.º 76 e nota n.º 1); JP, I, p. 371.
5 — *Largo rio* = Limpopo (segundo se supõe).
- 69 1 — *Refresco*: mantimentos. A posposição do indefinido — *refresco algum* — verifica-se também na prosa do séc. 16 (Cf. Barros: «Metal algum... naquelas ilhas», cit. por ED S, p. 92).
2 — *Mas contudo*. — Cf. lat. *Sed tamen...* (CS, p. 57).
3 — *Quamanha* = quão grande (< Lat. *quam magnam*).
- 70 1 — *Quebrantados*: exaustos.
2 — (*Esperar*) **comprido**: longo.
3 — *De nossa humanidade*: da nossa condição de seres humanos.
- 71 1 — *Danado* (v. 1.º): avariado.
2 — *Regente* (v. 8.º): Vasco da Gama, comandante da armada.
- 72 *Se os resistira* (v. 2.º). — Notar que, neste passo, o verbo *resistir* é transitivo.
- 73 1 — *Doce rio*: rio dos Reis.
2 — *Pego* = mar alto (< Lat. *pelāgu-*).

- 74 1 — *Esta passada*. — É galicismo (= *Passada esta costa de Sofala...*). Proposição participial. — Cf. JN Dic, p. 191. Além deste passo, vid. VII, 55 e IX, 9.
2 — *De hũa novidade* (v. 8.º) — Ag. da passiva.
- 75 1 — (*Num*) **rio**: rio dos Bons Sinais.
2 — *Novas algũas*: algumas notícias (acerca da Índia). Cf. Nota n.º 1 à oitava n.º 69 (deste canto).
- 76 1 — *Etiopes*: Africanos.
2 — (*Gente*) **milhor**: mais civilizada.
- 77 1 — *Naus que em grandeza igualam/as nossas*. — Vid. EP DP.
2 — *Lá donde sai o Sol*: costa Ocid. da Índia.
3 — (*Onde a*) **costa** (*ao Sul se alarga*): costa Oriental da África.
4 — *Da cor do dia*: branca.
- 78 1 — *Que* (v. 6.º) = porque (conj. subord. — *final* ou *causal*, segundo as interpret.).
2 — *Guiador de Tobias* = S. Rafael, Arcanjo. Guiou Tobias filho a casa de Gabelo, para receber uma importância que Tobias pai lhe emprestara. (BS, vol. I, pp. 759-775: *Livro de Tobias*, IV-V, particularmente).
- 79 1 — *Ostrinhos*: pequenas ostras.
2 — *Falso pensamento* (v. 8.º): más intenções.
- 80 1 — *Ramnúsia* = Némesis, uma das Fúrias.
2 — *Se dispensa*: se decide.
3 — *Terá firmeza*: não será breve.
- 81 1 — *Doença crua e feia*: **escorbuto**.¹ — Provém «da ausência de frutas e de vegetais e do domínio de carnes

1 Do VG D, vol. I, p. 112: (...) «de maneira que nos adoeceu, toda a gente, das gengivas, que lhe[s] cresciam sobre os dentes em tal maneira que não podiam comer: e, isso mesmo, lhes inchavam as pernas, e grandes outros inchaços pelo corpo de guisa que lavravam um homem tanto até que morria sem ter outra nenhuma doença. Da qual nos morreram em o dito tempo trinta homens, afora outros tantos que já eram mortos!»

salgadas e de peixe». (FV PE, I e II série, p. 110. Pode observar-se fotografia de uma vítima desta doença, no IV vol. do PCCC, estampa n.º 18.

2 — *Gingivas* = gengivas (v. 7.º).

82 1 — *Bruto* = insuportável.

2 — *Menos se achava* = faltava.

83 V. 5.º. — Epifonema *.

84 1 — *Assi que* = de maneira que.

2 — *Dura* (v. 5.º) = traiçoeira.

85 1 — *Até que*. — Locução empregada adverbialmente, numa proposição principal. — Vid. GF, p. 202.

2 — *Alto Assento* (v. 4.º) = Deus.

86 1 — *Ousou... a ver*. — Note-se a construção de *ousar* + inf. reg. da prep. *a*.

2 — *A oitava parte* (v. 8.º) = a parte (ou *partida*, como também se dizia) do mundo, ainda ignorada (Cf. as *sete partidas* do mundo, percorridas pelo inf. D. Pedro, filho de D. João I).

87 1 — *Esse...*: Homero.

2 — *Água Aônia*: a da fonte de Aganipe, localizada na Aônia, que inspirava os que dela bebessem. Neste passo do poema, *Aônia* é adj. .

3 — *Smirna*. — A «métrica não consente a forma com *e* inicial» (RG T, p. 406).

4 — *Essoutro...*: Virgílio.

5 — *Ausônia* = Itália (própriamente, fora do verso, *região da Itália*). — Sinédoque *.

6 — *Pátrio* (v. 7.º): da pátria (Mântua) de Virgílio.

7 — *Míncio*: rio que atravessa Mântua.

88 1 — *Circe*: feiticeira que transformou metade dos companheiros de Ulisses em porcos e por ele se apaixonou (Cf. «Odisséia»).

2 — *Polifemo*: ciclope da «Odisséia» (e também da «Eneida») que devorou vários companheiros de Ulisses e por este foi privado do único olho que possuía.

3 — *Sirenas* = sereias. — Além da «Odisséia», recorde-se o formosíssimo conto de Jules Lemaitre, «La Sirène».

4 — *Dem* [= dêem (vv. 5.º e 8.º)] — 3.ª pes. pl. do Pr. Conj. de *dar*.

5 — *Cícones*: povo da Trácia contra o qual Ulisses combateu.

6 — *A terra onde...* (v. 6.º): país dos Lotófagos (= que comem o *lótus*), na África do Norte.

7 — *Em gostando*: quando comeram (Cf. partic. latin.).

8 — *Piloto*: Palinuro, *piloto da nau de Eneias*, que morreu afogado.

89 1 — *Calipso*: ninfa da ilha Ogígia. Tanto se apaixonou por Ulisses, que, durante 7 anos, o impediu de regressar à pátria.

2 — *Harpías*: monstros com rosto de mulher, orelhas de urso, asas e garras nos pés. — Veja-se a gravura «Les Harpyes», in PHMD, p. 126.

3 — *Grandiloca escritura*: epopeias da antiguidade clássica.

90 *Facundo*: eloquente. Latinismo lexical. Cf. CS, p. 195.

91 1 — *Mas já o mancebo...* (v. 5.º) /.../ *por vir a descansar...* (v. 7.º). — Perífrase * (= Mas já o Sol passava para baixo da linha do horizonte marítimo).

2 — *Mancebo Délío* = Apolo+ (= Sol), nascido em Delos.

3 — *Irmão de Lampécia*: Faetonte (Cf. I, 46).

4 — *Tethyos*: de Tethys+ (= do mar).

5 — *El-Rei*: o governador de Melinde.

92 1 — *Soados* (v. 2.º): celebrados pela Fama.

2 — *Qualquer Nobre*: qualquer pessoa que seja nobre.

3 — *Que* (v. 3.º) = para que.

93 1 — *Numerosos* (v. 3.º) = harmoniosos. — Latin..

2 — *Troféus* (v. 5.º) = triunfos.

94 *Lira Mantuana* (v. 7.º) = Virgílio (Cf. V, 87).

95 1 — *Aqueles dões* (v. 3.º): aquelas qualidades.

2 — *Venustos* = graciosos (Lat.: *venustus*, -a, -um, de *Venus*, *êris*, deusa do amor).

3 — *Fúlvia*: terceira mulher de António.

4 — *Certo* (v. 7.º). — Advérbio (= certamente).

5 — *Glaphyra* (própriamente: *Gláfira*): amante de António.

- 96 1 — *Nũa mão* (v. 3.^o). — Note-se que, assim, como Camões escreveu, não existe cacófato. Existiria, se modernizássemos: *numa mão*.
2 — [*Lia Alexandro*] a *Homero*. — Obj. directo regido de prep. — Vid. GF, p. 151.
- 97 1 — *Lácia* (3.^o v.): do Lácio, Latina.
2 — *Não na estima* = não a estima. — Intercalação eufónica *.
- 98 *Remisso* (v. 7.^o): acanhado, boto.
- 99 1 — *Aos seus* (v. 3.^o): à família de Vasco da Gama; ou aos Portugueses (consoante as interpretações)¹.
2 — *Filhas do Tejo* (v. 7.^o) = Tágides.
- 100 1 — *Fraterno* (v. 1.^o): de irmão. (As Tágides são aqui consideradas irmãs dos Portugueses).
2 — *Seu* (v. 3.^o) = devido (ED S, p. 75).
3 — *Peito*: vontade.

1 Cf. ASJ, p. 821.

CANTO VI

ASSUNTO	Localização. — Sugestão artística. — Font. hist.
— <i>Festas de despedida, em Melinde.</i>	<div>1 — 4</div> { Est. 2: <i>Roteiro da Viagem de Vasco da Gama.</i>
— <i>Largada, desta cidade, para a Índia; a viagem.</i>	<div>5-6(1.^ap.te)</div> { Est. 5: <i>Barros — Asia; Castanheda — Hist. do Desc. e Conq. da Índia.</i>
— BACO desce ao palácio de Neptuno, com o fim de incitar os deuses marinhos contra os Portugueses, prestes a atingir o império que aquele tinha na Índia.	<div>6(últ.p.te)-7</div> { <i>Virg.</i> —« <i>Eneida</i> » (sobre-tudoliv. I, vv. 34-86; notem-se, porém, as grandes diferenças. Na epopeia latina, Juno dirige-se a Éolo, rei dos Ventos, promete-lhe o amor da ninfa Deiopeia e ele imediatamente solta estes Ventos).
— Palácio de NEPTUNO.	<div>8 — 13</div> { Est. 10 a 14; Ovídio — <i>Metamorphoses</i> .
— Baco é recebido por Neptuno.	<div>14</div>

(Cont.)

ASSUNTO	Localização. — Sugestão artística. — Font. hist.
— Baco explica a sua vinda.	[15]
— TRITÃO, por ordem de Neptuno, vai convocar os deuses marinhos.	[16-19(1. ^{os} vv.)] { Est. 17: Ovídio — <i>Metamorphoses</i> .
— Reúnem-se os deuses.	[19(últ.vv.)-26] { Est. 23 e 24: Ovídio — <i>Metamorphoses</i> .
— DISCURSO de Baco.	[27 — 34]
— Decisão do consílio.	[35]
— Proteu e Tethys.	[36]
— ÉOLO solta os ventos.	[37]
— <i>Entretanto, sem nada de grave pressentir, os Portugueses, na armada, contam histórias, para evitar o sono.</i>	[38 — 42]
— Os «Doze de Inglaterra».	[43 — 69] { Jorge Ferreira de Vasconcelos — <i>Memorial das Proezas da Távola Redonda</i> ¹ .

(Cont.)

1 Segundo o Prof. Epifânio, esta é «a memória mais antiga que se encontra em obras portuguesas» acerca deste feito «lendário». Vid., também, Prof. Cidade, ed. d'«Os Lus.», nota à oitava 67 deste canto. O Prof. J. M. Rodrigues, porém, escreve «Camões acentua que não vai contar coisa fabulosa ou nova [Cf. «Os Lus.», VI, 42, v. 4.^o]. O acontecimento pode ter-se realizado na semana da Páscoa ou pela festa do Espírito Santo, do ano de 1396, quando Ricardo II ainda estava viúvo». (Ed. d'«Os Lus.», p. CLV).

ASSUNTO	Localização. — Sugestão artística. — Fonte hist.
— <i>Surge a pavorosa tempestade.</i>	[70—79] { A tempestade que aqui se descreve «é pura ficção de Camões» ¹ .
— <i>Prece do Gama à «Divina Guarda».</i>	[80—83]
— <i>Continua a procela...</i>	[84]
— VÊNUS, porém, manda as «ninfas amorosas» abrandar as iras dos Ventos — que, rendidos, se lhes entregam.	[85—91] { Virg. — «Eneida» (liv. I, vv. 124-156. Aqui, Neptuno, profundamente comovido, chama os Ventos insolentes, obriga-os a recolher aos respectivos cárceres, e logo se faz a bonança).
— <i>Passa a tempestade, e aparece Calecut.</i>	[92-93(1. ^a parte)] { Est. 92; Castanheda — <i>Hist. do Desc. e Conq. da Índ.</i>
— <i>O Gama dá graças a Deus.</i>	[93 (últ. vv.)-94]
— INCOMPARÁVEL MEDITAÇÃO ACERCA DO VERDADEIRO VALOR DA GLÓRIA.	[95—99]

1 ED, vol. II, p. 48.

- 1 1 — *Em que...* (v. 1.^o). — Com estas palavras se inicia uma oração substantiva, objectiva directa. Cf. **EB**, p. 141.
 2 — *Rei pagão*: governador não cristão de Melinde.
 3 — *Apousentasse* tem por suj. *ventura* (v. 7.^o).
 4 — *Donde Hércules*: de Gibraltar.
- 2 1 — *A segundo*: conforme.
 2 — *Polícia* = civilização. — Provém do gr. πολιτεία (de πόλις = cidade), por intermédio do latim *politia*, *æ* (f.) = governo.¹ *Evolução semântica*: «administração da cidade, direitos do cidadão» → «administração do Estado» (na Grécia, as *cidades* constituíam verdadeiros *Estados*) → «civilização, cultura» (é nas cidades que os costumes, geralmente, se requintam e a cultura se desenvolve) → «corporação encarregada de manter esse requinte de maneiras, essa civilização». — Vid. **BMSL**, Julho de 1956, pp. 307-308.
 3 — *Lagêia* = Cleópatra, da dinastia egípcia, cujo fundador fora *Lago*.
- 3 1 — *Asinha* = depressa. — Adv. arc. .
 2 — *Que* (v. 5.^o) = porque (conj. subord. causal).
 3 — *Salso argenio* = mar.
 4 — *Pagão benigno* = rei de Melinde.
- 4 1 — *Que* (v. 3.^o) = porque (conj. subord. causal).
 2 — *Enquanto seu corpo...* — Perífrase* (= enquanto for vivo).
 3 — *De contino*: continuamente.
 4 — *Aparelhado* = preparado.
- 5 1 — *Terras da Aurora* = Oriente (particularmente a *Índia*).
 2 — *Piloto* (v. 5.^o): o que o rei de Melinde dera ao Gama.
- 6 1 — *Tálamos*: leitos.
 2 — *Tálamos do Sol* = Oriente.
 3 — *Tioneu* = Baco+. O *de* que precede esta palavra é expletivo. Cf. **SS**, p. 142.
 4 — *Aparelhavam* = preparavam.
- 7 1 — *Não no pode*. — Intercalação eufónica*.
 2 — *Do Olimpo dece...* — Sujeito: *Baco+*.
 3 — V. 8.^o — Metonímia* (= Neptuno).

¹ Michel Bréal, *Dictionnaire Etymologique Latin* e Prof. F. Torrinha, *Dic. Latino-Português*. Quanto à evolução *-itia* > *-icia*, cf. E. Bourciez, *Phonétique Française*, pp. 83-84 e 204-205; e Dr. J. J. Nunes, *Compêndio de Gram. Hist. Port.*, 3.^a ed., pp. 149-150.

- 8 1 — Vv. 2.^o-5.^o. — Observa-se, em **WK**, I, p. 155, que, neste passo, «pinta Camões o surdo bramido do mar por meio da acumulação dos sons *o* e *u* e, sobretudo, pelas ressonâncias *ond* e *und*».
 2 — *Nereidas*: filhas de Nereu, divindades das águas marinhas.
- 9 1 — *Vem* (= vêem), do v. ver.
 2 — *De... massa* (v. 4.^o) tem por antecedente *campo* (v. 3.^o).
- 10 1 — *Caos*: massa informe, donde teria surgido o mundo.
 2 — *Os quatro Elementos*: os seres indicados pelo Poeta nas duas oitavas seguintes: *Fogo* (11, v. 1.^o), *Ar* (11, v. 6.^o), *Terra* (12, v. 1.^o), *Águas* (12, v. 6.^o).
- 11 1 — *Sublime*: elevado, acima dos outros objectos.
 2 — *Prometeu*. — Vid. IV, 103.
- 12 1 — *Desparzidas* = espalhadas.
 2 — *Modos* = espécies.
- 13 1 — *Tifeu*: um dos gigantes que lutaram contra Júpiter+.
 2 — *Neptuno+*: deus do mar.
 3 — *Minerva*: deusa da ciência.
 4 — Vv. 7.^o e 8.^o: Numa disputa, Neptuno fez sair, do solo, um cavalo, e Minerva, uma oliveira.
- 14 1 — *Lieu* = Baco+.
 2 — *Recebe* (v. 5.^o) tem por suj. *Neptuno+*.
 3 — *Da água* (v. 8.^o): do deus do mar (= de Neptuno+).
 4 — *Rei do vinho* (v. 8.^o): Baco+.
- 15 Acerca do *processus* deste discurso de Baco+, vid. a admirável análise de **HC Ép**, pp. 93-97.
- 16 *Tritão*: filho da ninfa Salácia e de Neptuno+ (vv. 5.^o e 6.^o).
- 17 1 — A palavra *todos* (v. 2.^o) refere-se a *cabelos* e exerce a função de *sujeito*.
 2 — *Uns limos* (v. 3.^o): nome predicativo do sujeito (Predicado: *eram/uns limos*).
 3 — *Parecem* (v. 3.^o). — Recordem-se as três construções do verbo *parecer*. — Vid. **GF**, p. 173.
- 18 1 — *Cento e cento* = às centenas.
 2 — *Febe* = Diana+ (= Lua).

- 19 1 — *Deus* (v. 7.^o) = Neptuno.
2 — *Dardânia* = Tróia.
- 20 1 — *Proteu*: guarda do gado de Neptuno.
2 — *Padre Lieu* = Baco+.
- 21 1 — *Esposa/de Neptuno*: Tethys+. (Cf. com. à est. 16, obs. n.^o 3 do c. I. — Aqui, Neptuno = Oceano.)
2 — *Beatilha*: espécie de tecido de algodão, linho ou seda.
3 — *Cristalino*: branco de neve.
- 22 1 — *Anfitrite*: outra esposa de Neptuno+.
2 — *Do Rei* (v. 4.^o): de Neptuno+.
3 — *Ambas* (v. 7.^o): Tethys+ e Anfitrite.
4 — *Vem* (= vêm), forma do v. *vír*.
- 23 1 — *Aquela* (v. 1.^o) = Leucótea (= Ino), divindade marinha.¹
2 — *Filho* (v. 3.^o) = Melicerta (filho de Atamante e de Ino).
3 — *Panopeia*: uma das Nereidas.
- 24 1 — *Deus* (v. 1.^o): *Glauco*, deus marinho.
2 — *Circe* (v. 6.^o): feiticeira que, apaixonada por *Glauco*, transformou *Cila*, sua rival, num monstro. No texto camon., como em Sá de Miranda: *Circes*.
3 — *Desta* (v. 7.^o) — Ag. da passiva.
- 25 1 — *Do Padre* (v. 5.^o) = por Neptuno+. — Agente da passiva.
2 — *Tebano* = Baco+.
3 — *Rica massa* = âmbar.
4 — *Passa* (v. 8.^o) = excede.
- 26 1 — *Tioneu* = Baco+.
2 — *Co ferro* = com a espada, com as armas. — Sinédoque*.
- 27 1 — *Princepe* (= *Príncipe*): Neptuno+. — É vocativo.
2 — *De juro* = de direito (Cf. lat. *de iure*, abl. de *ius*, *iuris*).
3 — *Que* (v. 4.^o) = para que.
- 28 1 — *Que* = sem que. — Vid. GF, p. 126.
2 — *Igual* (v. 3.^o): proporcional ao crime praticado.
3 — *E* (v. 8.^o) = mas. — Cf. OM, p. 203.

¹ Cf. JR p. CLII; RG T, p. 153, nota n.^o 6.

- 29 1 — *Vistes* (v. 1.^o) .../.../ *vistes* (v. 3.^o) .../.../ *vistes* (v. 5.^o) ... — Anáfora*.
2 — V. 2.^o: Aventura de *Dédalo* (Cf. IV, 104).
3 — Vv. 3.^o e 4.^o: Lenda dos *Argonautas*.
- 30 1 — *Um vassalo meu*: Luso, filho ou companheiro de Baco+.
2 — *Alta* (v. 6.^o) = ilustre.
3 — *Estatutos* (v. 8.^o) = determinações.
- 31 1 — *Os Minias*: os *Argonautas*.
2 — *Bóreas*: vento Nordeste.
3 — *Áquilo*: vento Norte.
4 — *Os outros* (v. 4.^o): Ventos.
- 32 1 — Vv. 5.^o, 6.^o e 7.^o. — Mito relativo à conquista da Índia por Baco+.
2 — *Desta gente* (v. 8.^o). — Agente da passiva (= pelos Portugueses).
- 33 1 — *Grão Senhor* = Júpiter+.
2 — *Estes barões* (v. 4.^o) = os Portugueses.
- 34 *Preço* (v. 3.^o) = consideração, merecimento.
- 35 1 — *Súbito* = súbitamente. — Adv..
2 — *Num pronto* = num instante.
3 — *Eolo* (palavra grave, no verso) = *Éolo*, rei dos ventos.
4 — *Repugnantes* = que se opõem, contrários. — Assim ensina o Prof. Rebelo Gonçalves, que precisou: «Nada há nos léxicos latinos, nem, que eu saiba, nos textos latinos literários, que autorize a juntar o complemento *uns contra os outros* à ideia fundamental de *repugnare*.»
5 — *Que* (v. 8.^o) = para que.
- 36 1 — *Proteu*: deus encarregado de guardar o gado de Neptuno+. Cf. canto X, oitavas n.^{os} 6 e 7.
2 — *Tethys*+ (v. 7.^o): deusa do mar, esposa do Oceano.
3 — *Lhe* (v. 7.^o) = a Proteu (v. 1.^o).
- 37 1 — *Hipótades* (Lat. *Hippotādēs*, — *æ*) = *Éolo*, descendente de Hipota.
2 — *Obumbrava* (v. 5.^o) = enublava.
- 38 1 — *Quando* (v. 5.^o) = em que. — Adv. relat. Vid. JT, p. 92.
2 — *Eoo* = Oriental.
3 — *Quarto da prima*: primeiro período de 4 horas, das 8 à meia-noite, em que está de vigia um mesmo grupo de gente. — Vid. AS, p. 86, nota 4.

- 39 1 — *Vem* (= vêm), forma do v. *vir*.
2 — Vv. 2.^o e 6.^o. — Notar o realismo, a naturalidade, na descrição.
- 40 *Que* (v. 5.^o) tem por antecedente *Lionardo*: é pronome relativo.
- 41 *Robusta* (v. 5.^o) = rija.
- 42 **Os doze de Inglaterra** (mais propriamente: *os doze que foram à Inglaterra*. — Cf. WCA, p. 24). — Acerca do problema da realidade histórica deste episódio, consultem-se: HC, vol. V, p. 32; HC Ép, pp. 152-153; Ag F, p. 602; AS, p. 99, além de JR, já referido, p. 446 da presente edição, nota 1.
A lista dos doze cavaleiros vem n'«A Chave dos Lusíadas» de J. Agostinho, p. 353.
Este é «o episódio do cavalheirismo, do cavalheirismo português». «Parece até a réplica justa ao de Inês de Castro, porquanto ele significa claramente a defesa dos agravados, dos fracos — da feminil fraqueza...» (MAC, pp. 30-31).
- 43 1 — *A rédea leve* (v. 1.^o).../ **moderava** (v. 2.^o) — Latínismo. — Cf. OM, p. 207.
2 — *João* (v. 2.^o): D. João I, rei de Portugal.
3 — *Erínis* (v. 7.^o): uma das Fúrias.
- 44 1 — *Opinião* (v. 4.^o) = crença.
2 — *Porfia*: (v. 4.^o) = teimosia. Hoje: *capricho*. — Cf. OM, p. 207.
- 45 1 — *Sustentar a parte sua* = defender a causa das Damas injuriadas.
2 — *Estacada*: campo fechado com *estacas*, para a execução de torneios.
3 — *Usada* = habituada.
4 — *Nua* = privada.
- 46 1 — *Como* (v. 1.^o) = porque (conj. subord. causal).
2 — *Por rostos de alabastro*: por faces brancas como o alabastro (= mármore branco; alvura). — Lugar por onde as *lágrimas* (v. 5.^o) corriam.

- 47 1 — *A filha* (v. 7.^o): D. Filipa de Lencastre.
2 — Vv. 5.^o-8.^o. — Notar a *prolepse*. Neste lugar, ocorre «a transposição do sujeito da oração integrante para complemento directo da oração subordinante». — Cf. CS, pp. 100 e ss..
- 48 1 — *Socorrer-lhe* = *socorrê-las*. — Construção corrente no tempo de Camões (ED).
2 — *Iberinas* = Espanholas (aqui, *Castelhanas*). — Lat.: *Ibērus* = Ebro.
3 — *Sós* (v. 7.^o) = somente. — Adjectivo adverbial.
- 49 *Esteio* (v. 8.^o): auxílio.
- 50 1 — *Experto* = experimentado.
2 — *Fortes* (v. 2.^o) = valentes.
3 — *Qual a qual tem* (v. 6.^o). — «É imitação rara da sintaxe latina o emprego de duas palavras interrogativas não coordenadas na mesma oração» (ED S, p. 265).
4 — *Consortes* (v. 6.^o): as damas ofendidas.
- 51 1 — V. 2.^o. — Suj. de *alvoroça*: novidade.
2 — *Sofre* (v. 4.^o) = consente.
- 52 1 — *Lá na leal...* até *Portugal* (3.^o v.). — Perífrase * e metonímia * (= Porto). — *Portus Cale* > Portugal. Cf. PM DP.
2 — *Elmos* = capacetes.
3 — *Cimeiras*: ornatos na parte superior dos elmos.
4 — *Letras*: legendas nos escudos dos cavaleiros.
5 — *Primores* = enfeites.
- 53 *Magriço*: Álvaro Gonçalves Coutinho, que foi camarário do duque da Borgonha.
- 54 1 — *Andar terras* (v. 2.^o). — «Alguns verbos, originariamente intransitivos, têm significações em que se empregam como transitivos». Cf. ED S, p. 41.
2 — *Manhas* (v. 4.^o) = costumes.
3 — *Aparelho* (v. 5.^o): preparo, ocasião conveniente.

Na leitura do último verso desta oitava:

Porque eu serei convosco em Inglaterra,
é fundamental determinar o *sentimento dominante*.
JAM, p. 178, propõe que, mentalmente, o completamos assim:

...CONVOSCO EM INGLATERRA (Palavra de honra! Juro!).

- 55 1 — V. 2.^o — Metonímia * (= Deus ou morte, segundo as interpretações).
2 — *For* (v. 3.^o) = estiver.
3 — *Sprito*¹ (v. 6.^o). — Aférese * e síncope *.
- 56 *Pátrio Marte* + = as armas da Pátria, de Portugal.
- 57 1 — *Caso* = acaso. — Aférese *.
2 — *Manha*: propósito.
3 — *Do Duque* (v. 7.^o) e *das damas* (v. 8.^o). — Agentes da passiva.
- 58 1 — *Assinalado* = combinado.
2 — (*Campo*, v. 2.^o)... *segurado* (v. 3.^o) = guardado (para evitar traições dos combatentes).
- 59 *Com tristeza* (*se veste*) = de luto.
- 60 1 — *Sublime* = alto (sentido material).
2 — *Batro*: afluente do rio actualmente chamado *Amu-Dária*.
3 — *Do Tejo ao Batro* = do Ocidente ao Oriente.
- 61 1 — *Mastigam* (v. 1.^o) = mordem.
2 — *Dissonante* (v. 6.^o): discorde, impressionante pela inferioridade numérica.
- 62 1 — *Aonde* (v. 1.^o) = para onde.
2 — *Que* (v. 6.^o) = pois.
3 — *Grão* (v. *ibid.*) = grande, célebre.

¹ Cf. **RG T**, *Tratado*, p. 262.

- 63 1 — *Animal de Hele*: carneiro do velo de ouro (Cf. *Argonautas*).
2 — *Se veste... do animal de Hele* = *se veste de seda bordada a ouro* (Cf. coment. à oitava 12, III). — Vid. **PHMD**, pp. 118-134.
3 — Do 4.^o v. desta oitava até o 4.^o da n.^o 65. — Vid. **HC Ép**, p. 152.
4 — Vv. 7.^o e 8.^o: *Estilo animado*, pela omissão da copulativa. — Assíndeto *. Cf. **ED S**, p. 253.
- 64 1 — *Qual* (v. 5.^o).../ *qual* (v. 6.^o).../ *qual* (v. 7.^o).../ *qual* (v. 8.^o)... — Pronomes indefinidos arcaicos (**JT**, p. 93). *Sinédoto* * (= Uns, alguns; outros...; outros...).
2 — *Que* (v. 5.^o) é conjunção copulativa (= e), não causal. — Cf. **ED S**, p. 277; Prof. J. L. de Vasconcelos, *Revista Lusitana*, vol. 23, n.^{os} 1-4, e **JLV Op**, p. 453.
3 — V. 7.^o. — Anástrofe *.
- 65 1 — *Tomou perpétuo sono*. — Eufemismo *. (= morreu).
2 — *Valo* (v. 6.^o): estacada que limitava o campo da luta.
3 — *Vem* (v. 7.^o) = vêm, forma do v. *vir*.
- 66 1 — *Sonhadas* (v. 4.^o) = vindas da fantasia.
2 — *Com finezas...* (v. 6.^o): gloriosamente.
- 67 *Detem* (v. 7.^o) (= detêm) — 3.^a pes. pl. do Pr. Ind. de *deter*.
- 68 1 — *Marte* +: deus da guerra.
2 — *Torcato* (v. 8.^o): romano que, em duelo, matou um gaulês, enfeitando-se, depois, com o colar (= *torques*, em lat.) deste.
3 — *Corvino* (v. 8.^o): outro romano que, igualmente em duelo, matou, ajudado por um *corvo*, um gaulês.
- 69 *Outro* (v. 1.^o) = D. Álvaro Vaz de Almada,¹ morto em Alfarrobeira.

¹ Esta interpretação não é recebida sem reserva por **ASJ**, p. 822.

- 70 1 — *Prontos*: atentos à narrativa de Veloso.
 2 — *Mestre*: comandante da manobra.
 3 — *Traquetes*: cf. nota 1 relativa à oitava n.º 71.
 4 — *Gávea*: a 2.ª vela do mastro grande, que fica acima da vela grande (AS HTM).
 5 — V. 6.º = manda *carregar* as gáveas (cf. nota n.º 1 à oitava seguinte).

- 71 1 — *Amaina* = «Carrega» (actualmente; vid. AS). Explica o contra-almirante J. Correia Pereira:... «o mestre manda tomar ou carregar, como hoje se diria, primeiro as velas mais altas que eram então os traquetes de gávea, os modernos joanetes ou gáveas, como outros entendem. Depois, manda o mestre amainar a vela grande, mas a manobra não é executada a tempo de evitar que o vento a desfaça» (in OPJ, de 14-7-1953).

- 2 — *Que* (v. 8.º). — Conj. subord. consec. (subent.: *tão grande*, após *ruido*, v. 7.º).

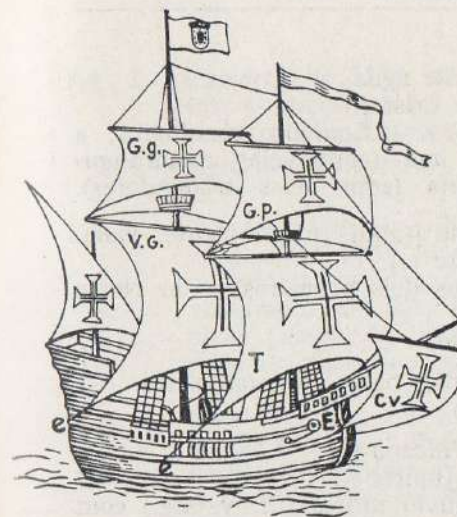
72

Na leitura desta oitava, notem-se as várias *palavras de valor*: «Alija» (vv. 5.º e 6.º), «à bomba» (vv. 7.º e 8.º). — Cf. JAM, pp. 199-200.

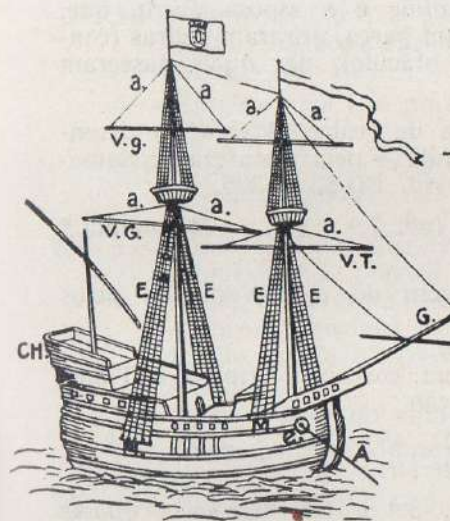
- 1 — *A nau* (v. 3.º): a S. Gabriel.
 2 — *Acordo* (v. 6.º) = presença de espírito.

- 73 1 — *Tanto que* (v. 2.º). — Locução subord. temporal.
 2 — *Num bordo* (v. 4.º) = para um bordo (Cf. lat. *in* + ac.).
 3 — *Talha* (v. 7.º): «corda que se prende à cana do leme para segurança do governo, em caso de temporal». — Cf. J. Almeida Costa, *Dic. da Língua Portuguesa*. Veja-se a gravura de OM, p. 367.

- 74 1 — *A fortíssima torre...* (v. 4.º). — Obj. directo de *derribar* (v. 3.º).
 2 — *Que* (v. 7.º): pron. relativo (tem por antecedente, subent., *facto*).



- Cv. — cevadeira
 e — escota
 E. — escovém
 G. g. — gávea grande
 G. p. — gávea de proa
 T — traquete
 V. G. — Vela grande — Cf. Lus., VI, 71



- A. — amarra
 a. — amantilhos
 CH. — chapitéu
 E. — enxárcias — Cf. Lus., VI, 84
 e. — escovém
 G. — gurupês
 M. — mesas das enxárcias
 V. G. — verga grande
 V. g. — verga da gávea grande
 V. T. — verga do traquete

De *História Trágico-Marítima*, Adapt. de Ant. Sérgio, pp. 216-217.

- 75 1 — *Alagada* (v. 3.^o) = cheia de água.
 2 — V. 4.^o — Metonímia * (= Cristo).
 3 — A *nau de Coelho* (v. 6.^o). — Equívoco do Poeta: a «Bérrio» não era uma *nau* (com velas quadrangulares), mas uma *caravela* (com velas triangulares).
- 76 1 — *Profundo* (v. 4.^o) inferno [(aqui, propriamente, *mar*). Cf. v. 3.^o da est. 80 deste c.].
 2 — V. 5.^o: Ventos do Sul (os dois primeiros) e do Norte (os dois últ.).
 3 — *Pólo* (v. 8.^o) = firmamento.
- 77 1 — *Alciónea ave*: maçarico, pica-peixe ou guarda-rios.
 2 — *Delfim* (v. 5.^o) = golfinho.
- 78 1 — *Grão ferreiro* (v. 3.^o) = Vulcano+.
 2 — *Grão Tonante* (v. 5.^o) = Júpiter+.
 3 — *Grão dilúvio* (v. 7.^o): dilúvio mítico (Cf. v. seg.) com que Zeus (= Júpiter+) teria querido aniquilar a humanidade.¹
 4 — *Os dous* (v. 8.^o): *Deucalião* e a esposa *Pirra*, que, após o dilúvio, salvos num barco, atiraram pedras (conforme sugestão de um oráculo), das quais nasceram novos homens.
- 79 *Que* (v. 1.^o). — Partícula de realce. Acerca do desenvolvimento desta partícula — pela natureza exclamativa de *quanto* (v. 1.^o), vid. **ED S**, p. 305.
- 80 *Aquele Remédio santo...* (vv. 7.^o e 8.^o). — Metonímia * (= Divina Providência).
- 81 1 — Vv. 3.^o e 4.^o — Passagem do mar Vermelho pelos Hebreus.
 2 — *Paulo* (v. 5.^o) = S. Paulo.
 3 — *Sirtes* (v. 6.^o): golfos, na costa de Trípolis e Túnis, de perigosíssima navegação.
- 82 1 — *Cila e Caribdis*. — Vid. II, 45.
 2 — *Sirtes*. — Vid. oitava anterior.
- 83 *De quem* (repetido, vv. 5.^o e 6.^o) liga-se a *ditosos aqueles* (v. 1.^o).

1 A propósito daquela expressão camoniana, recordem-se os preciosos cap. «Vestígios do Dilúvio Bíblico» e «Relato de uma Inundação Oriunda da Antiga Babilónia» do livro de Werner Keller «A Bíblia tinha Razão». Aí (pp. 30 da trad. port., Ed. «Livros do Brasil») se alude à *lenda da inundação de Deucalião*; e se prova a realidade histórica do dilúvio bíblico, verificada quatro mil anos a. C. (ib., p. 36).

- 84 1 — *Enxárcia* (v. 4.^o): «Conjunto de cabos fixos que, para um e outro bordo, aguentam os mastros reais, descendo até as mesas» (**AS HTM**).
 2 — *Vem* (= vêm), forma do v. *vir*.
- 85 1 — *Amorosa Estrela* = Planeta Vénus. Leia-se **VLAS** (Cf. *Anot.* a III, 115): «Uma estrela tem nascimento heliaco, quando sai do campo de invisibilidade determinada pela vizinhança do Sol; tem ocaso heliaco, quando entra nesse campo de invisibilidade. O nascimento heliaco pode ser matutino ou vespertino, o mesmo se dizendo do ocaso. Tratando-se de Vénus, o nascimento e o ocaso heliacos dão-se, quando a distância do planeta ao Sol é de 5°. Por consequência, *Vénus era invisível no dia 18 de Maio de 1498*, pois que, nesse dia, apenas distava do Sol 3° 34'. Era invisível já desde 12 de Maio, em que tivera lugar o ocaso heliaco» (...) (p. 12).
 2 — *A Deusa...* (v. 5.^o) = Vénus+.
 3 — *Orionte* (v. 6.^o) = Orion, caçador que foi transformado em constelação (*Orionte* é uma forma incorrecta. — Cf. **ED**).
 4 — *Ensifero* (*ib.*) = portador de espada (Latin. — Cf. **CS**, p. 183).
 5 — *De quem fuge...* (*ib.*). — Vénus traz a bonança; Orion, as tempestades.
- 86 1 — *Estas obras* = esta tempestade. — Comenta o contra-almirante J. Correia Pereira (*in OPJ*, de 14-7-1953), a propósito desta descrição da tempestade marítima: Camões «menciona todas as manobras que, com mau tempo, ainda há pouco eram usuais e eu vi executar ainda».
 2 — *Baco*+: deus do vinho.
 3 — *Rosas* (v. 8.^o) = quaisquer flores. — Cf. **FC**.
- 87 1 — *Amor* (v. 4.^o) = Cupido+.
 2 — *Dos ventos* (v. 6.^o) tem por antecedente *companhia* (*ibid.*).
 3 — *Nojosa* (*ibid.*) = danosa.
- 88 1 — *Pés e mãos* (v. 5.^o) dos ventos.
 2 — *Lhe* (= lhes, *ib.*): aos ventos.

- 3 — *Os cabelos* (v. 6.^o) das Ninfas.
 4 — *Os raios (do Sol) escurecem (ib.)* por serem ainda mais loiros do que estes.
 5 — *Oritia*: filha de um rei de Atenas, pela qual Bóreas se apaixonou.
- 89 1 — *Bóreas*: vento Norte. — Cf. *Metamorfoses*, de Ovídio. Entre os trechos escolhidos e traduzidos por Bocage, há um intitulado «O Roubo de Orithya por Boreas» (Tomo 4.^o, p. 221; ed. de 1853).
 2 — *A firme amante* (v. 4.^o). — Do emprego da prepos. a, consultar ED S, p. 109. Note-se, além disso, o cacófato.
- 90 1 — *Galateia*: uma das Nereidas.
 2 — *Noto*: vento Sul.
 3 — *Que* (v. 2.^o). — Conj. subordin. causal (= porque).
 4 — *Sabe (ibid.)* tem por suj., subent., *Galateia* (v. 1.^o).
- 91 1 — *Vênus+*: deusa do amor.
 2 — V. 4.^o. — Proposição participial.
 3 — *Lhe* (v. 8.^o). = a *Vênus+*.
- 92 1 — *Celsa* (v. 3.^o): alta, elevada.
 2 — *Gávea (ib.)*: cesto da gávea.
 3 — *Calecu* (v. 8.^o). — Foi avistada em 17 de Maio de 1948 e nela, três dias depois, a esquadra do Gama fundeava.¹
- 93 *Gama mais* (v. 5.^o). — Cacófato.
- 94 *Asinha* (v. 5.^o). — Adv. arc. (= depressa).

1 Prof. Dr. Manuel Ramos, HP DP, vol. III, p. 581. — Em sua ed. d'«Os Lusíadas» (Liv. Civilização), porém, diz o Dr. H. Guedes de Oliveira: «Históricamente, o Gama não desembarcou em Calecu mas no porto de Pandarane, onde o Samorim o mandou fundear por não oferecer segurança o outro porto, e onde mais tarde enviou o Catual e os naires para o conduzirem a Calecu.» (p. 228). Na verdade, pode ler-se no «Diário da Viagem de Vasco da Gama», vol. I (Liv. Civilização Editora, Porto), p. 58: «E, em este dia [20 de Maio de 1498], à tarde, fomos pousar abaixo desta cidade de Calecut duas léguas; e isto porque ao piloto pareceu por uma vila que ali estava, que chamam «Capua» que era Calecut.

E abaixo desta vila está outra que se chama Pandarane, e pousá-mos ao longo da costa, [a] obra de uma légua e meia da terra.»

- 95 1 — *Hórridos* = horríveis. — Latin. (Cf. CS, p. 180).
 2 — *Animais... zibelinos* (v. 8.^o): martas, animais das regiões frias, cujas peles são caríssimas (*zibelina* = = marta).
 3 — *Moscóvia* (v. 8.^o) = Rússia do Norte. (Própriamente, antiga capit. russa). — Sinédoque *.
- 96 1 — *Vários deleites e infinitos*. — Por ordem natural: vários e infinitos deleites.
 2 — *Tem* (v. 6.^o) = conserva.
- 97 *Torpes* (v. 5.^o): que entorpecem.
- 98 1 — *Pelouro* (v. 3.^o): bala de metal para arma de fogo. Aqui, é qualificado de *ardente*, «por sair com chamas do canhão». Cf. OS, p. 176.
 2 — *Vertude* (v. 8.^o) = valor.
- 99 1 — *Repousado* (v. 2.^o): reflectido.
 2 — *Afeitos* (v. 6.^o) = afeições.

CANTO VII

ASSUNTO	Localização. — Sugestão artística. — Fonte hist.
— Na barra de Calecut.	1
— ELOGIO DO ESPÍRITO DE CRUZADA, LUSO, E SEVERA INVECTIVA CONTRA AS NAÇÕES EUROPEIAS QUE NÃO SEGUEM O NOSSO EXEMPLO NA LUTA CONTRA OS INFIÉIS.	2 — 15
— No porto de Calecut.	16
— Descrição da Índia. ¹	17 — 22
— O Gama avisa o senhor da terra, da sua chegada:	
a) partida, com este fim, do degredado João Martins;	23
b) encontro deste com o mouro Monçaide.	24 — 27
— Monçaide visita a frota (nau capitaina), e descreve o Malabar.	28 — 41
— O Gama desembarca, «acompanhado dos nobres Portugueses»:	42 — 43

(Cont.)

¹ Leiam-se: Mário Domingues, *D. Manuel I e os Descobrimentos*, pp. 78-97, especialmente, e «L'Inde» de J. David Brown (Collections LIFE).

² ED, II, p. JR Fo, 52; p. 462.

³ JR Fo, p. 72.

ASSUNTO	Localização. — Sugestão artística. — Fonte hist.
a) recepção do ¹ Catual e Naires; a caminho do palácio do Samorim;	44 — 45
b) visita do Samorim;	57 — 59
c) troca de discursos entre o Gama e o Samorim, que o agasalha e aos outros Port. no seu aposento;	60-63; 64-65(1.ºsvv.); 66
d) o Catual colhe informações, junto de Monçaide, a respeito dos recém-chegados.	67 — 72
— Paulo da Gama, a bordo da capitaina, recebe o Catual, que lhe pergunta o significado das figuras desenhadas nas bandeiras de seda.	73 — 77

(Cont.)

¹ Cf. Amaral, *Novo Dic.*, pp. 717-719 (Prep. por).

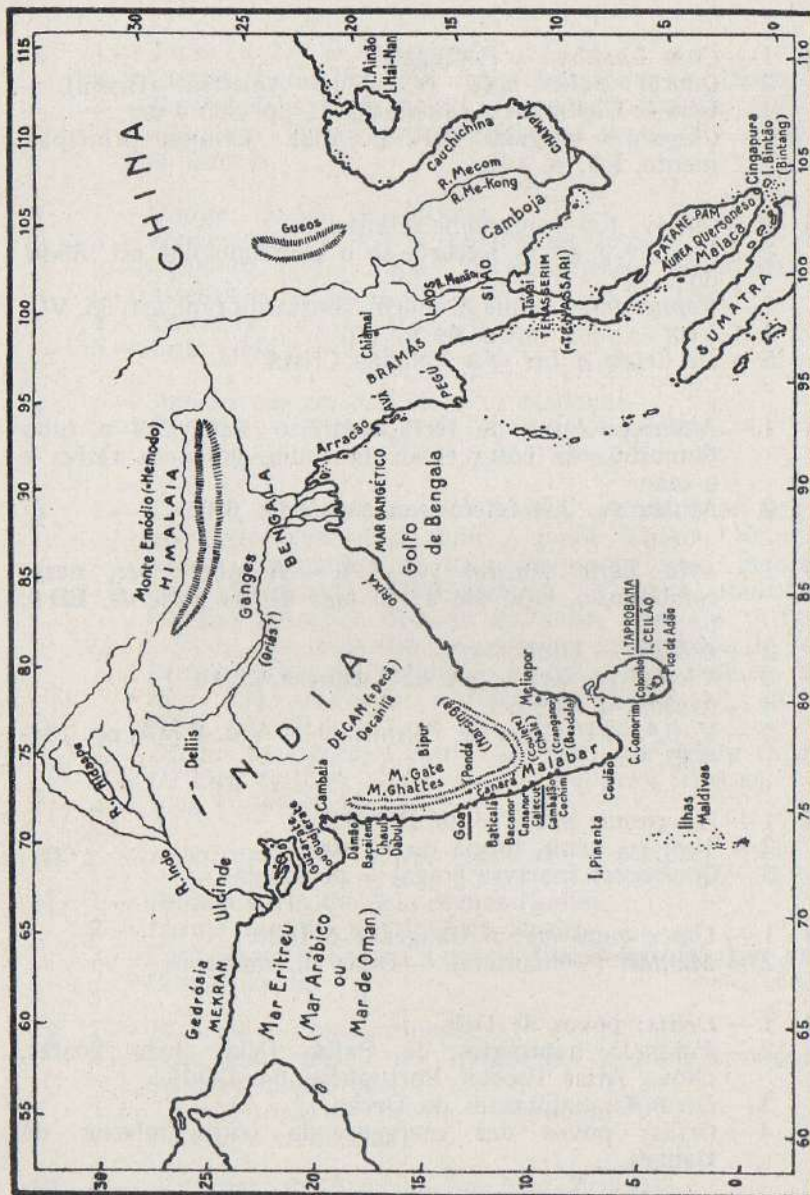
² JR Fo, p. 72.

J. de Barros — Ásia; F. Cast. — Hist. do Desc.²

Virg. — *Eneida* (liv. I, vv. 450-494: história de Tróia, nos muros de Cartago; liv. VIII, vv. 626-731: descrição do escudo de Eneias, onde estão gravados os feitos dos principais descendentes do herói).

- 6 1 — *Falso* (v. 1.^o) = ilegítimo.
 2 — *Cidade Hierosólíma* (Cf. lat.: *Urbs Roma*) = Jerusalém.
 3 — *Galo indigno* = **Francisco I**, rei de França, que se aliou aos Turcos para combater **Carlos V.** — *Galo* = francês.
- 7 1 — *Cinifio*: rio da Tripolitânia.
 2 — *Nome santo* (v. 4.^o) = Religião de Jesus.
 3 — *Canto* (v. 6.^o) = Papa. (Própriamente: *pedra* em que assenta a Igreja. — Cf. S. Mateus, XVI, 18).
 4 — *Carlos* (v. 7.^o) = Carlos Magno.
 5 — *Luís* (*ibid.*) = S. Luís.
- 8 1 — *Aqueles que em delicias* = os Italianos.
 2 — *Divícias* = riquezas (Lat. *divitiae, arum*).
 3 — *Inimizias* = inimizades (Lat.: *inimicitia, -æ*).
- 9 1 — *Cadmo*: filho de um rei fenício. *Matou um dragão*, que guardava uma fonte, aonde Cadmo mandara alguns companheiros, logo devorados pelo monstro, cujos dentes o herói semeou. DESTES NASCERAM HOMENS ARMADOS QUE SE MATARAM UNS AOS OUTROS. Leia-se, a propósito, o trecho impressionante das *Metamorfoses* de Ovídio — «Cadmo e Hermíone» (do livro 4.^o, traduzido por Bocage (Tomo 4.^o, ed. de 1853, p. 215).
 2 — *Divina Sepultura* = Santo Sepulcro (de Jesus Cristo).
 3 — *De Cães* (v. 6.^o). — Ag. da pas. (= pelos Turcos).
 4 — *Vem* (= vêm), forma do v. *vir*.
- 10 *Aleto*: uma das Fúrias. Semeava discórdias.
- 11 1 — *Pactolo* = rio da Ásia Menor (Lídia).
 2 — *Hermo* = outro rio da Ásia Menor.
 3 — *Casa Santa* = Santos Lugares (da Palestina), por onde Cristo passou.
- 12 1 — *Bizâncio* = Constantinopla.
 2 — *Cítia fria*: região do Turquestão e Sibéria oriental, de clima muito frio.
 3 — *Turca geração* = Turcos. — Sinédoque *.
 4 — *Polícia* = civilização.
- 13 1 — *Arménios*: da Arménia (na Ásia Menor).
 2 — *Georgianos*: da Geórgia (ao sul do Cáucaso).
 3 — *Povo bruto* = Turcos.

- 14 1 — *Casa Lusitana* = Portugal.
 2 — *Quarta parte nova* (v. 7.^o) = América (Brasil). — Leia-se *Camões e o Brasil*, AP E, pp. 385 e ss. .
 3 — *Chegara* = chegaria (GF, p. 168). Leia-se, principalmente, SA, p. 146.
- 15 1 — *Que* (v. 1.^o) — pronome relativo.
 2 — Vv. 3.^o e 4.^o. — Recorde-se o conteúdo das est. 85-91 do c. VI.
 3 — *Repugnantes* = que se opõem, contrários (vid. est. 35, VI).
 4 — *Vem* = vêm, forma do v. *vir*.
 5 — *De Cristo a Lei* = a Religião Cristã.
- 16 1 — *Malabar*: faixa de terra, entre o Canará e o cabo Comorim, da costa Ocid. da Índia, entre os Gates e o mar.
 2 — *Milhor* (v. 7.^o) refere-se a *cidade* (v. 6.^o).
- 17 1 — *Pela parte Austral* (v. 3.^o). — A prep. *per*, nesta combinação, equivale a: *do lado de, da parte de*, ED S, p. 151.
 2 — *Emódio* = Himalaia.
 3 — *Vicioso* (v. 6.^o) = que não segue a Cristo.
 4 — *Maoma* = Maomet.
 5 — V. 8.^o. — Práticas de *Totemismo*. — Vid. B MA, pp. 144-145.
- 18 1 — *No grande monte* = no Himalaia.
 2 — *Vem* (= vêm), forma do v. *vir*.
 3 — *Quersoneso* (palavra grega) = península.
- 19 1 — *Um e outro rio*: o Ganges e o Indo.
 2 — *Mantem* (= mantêm). — Duas síl. métricas.
- 20 1 — *Deliis*: povos de Deli.
 2 — *Patanes*: habitantes de Patna [Vid. João Soares, «Novo Atlas Escolar Português», 64, CDd].
 3 — *Decaniis*: habitantes do Decão.
 4 — *Oriás*: povos das margens do curso inferior do Ganges.
- 21 1 — *Narsinga* = Bisnaga, reino do Decão.
 2 — *Canará*: outro reino, ao sul do Decão.



- 22 1 — *Gate*: monte na cordilheira dos Gates.
2 — *Fralda* (v. 3.^o) = faixa de terra.
3 — *Samorim* (v. 8.^o): imperador, príncipe do Malabar.
- 23 1 — *Um Português*: João Martins, degredado, que seguia na armada portuguesa.
2 — *Arte* (v. 6.^o) = maneiras e traje.
- 24 1 — *Um Maometa* (v. 2.^o) = Monçaide¹ (v. 2.^o da est. 26).
2 — *Anteu*: gigante, filho de Neptuno + e da Terra, fundador de Tânger.
3 — V. 7.^o = ou por já haver combatido com Portugueses.
- 25 1 — *Lhe* (v. 3.^o) = ao Português (Cf. est. 23, v. 2.^o).
2 — *Do Indo a grão corrente* = a Índia.
3 — *Por onde* (v. 8.^o) = para que, por este meio (ED); pela Índia [Cf. v. 7.^o (Ag F)].
4 — *Lei divina* = Cristianismo.
- 26 1 — *Opressões*: trabalhos duros.
2 — V. 6.^o — somente ao Samorim devia ser entregue.
- 27 *Tamanha/que* (vv. 7.^o-8.^o) = tão grande/como. — «Com os comparativos de igualdade o segundo termo de comparação é designado por *como* (e no port. arc. médio também por *que*)» (ED S, p. 171).
- 28 1 — *De vontade* = de boa vontade.
2 — *Obedece* (v. 4.^o): aceita todas as coisas.
- 29 1 — *Capitão* = Vasco da Gama.
2 — *Em cabo* = «em extremo. Locução antiquada» (OM, p. 233).
3 — *Ródope*: monte, na Trácia, onde vivia Orfeu.
4 — *O amante* (v. 6.^o) = Orfeu, filho de Apolo + e de Calíope, admirável tocador de lira, que encantava os próprios seres brutos.
5 — *Donzela* (v. 6.^o) = Euridice, esposa de Orfeu.
- 30 1 — *Ventura* (v. 3.^o) = acaso.
2 — *Ignoto* (v. 6.^o) = desconhecido (da maior parte do mundo de então).

¹ Alguns autores (Mário Domingues, *D. Manuel I e a Epopeia dos Descobrimentos*, e Elaine Sanceau, *A Viagem de Vasco da Gama*) escrevem Monçaide (com *i* tônico); outros (ASJ, p. 999, JN, Die, p. 274, etc.) preferem, mesmo em prosa, a forma com ditongo.

- 31 1 — *Diverso povo* (v. 6.^o) = vários povos. — Sinédoque *.
2 — Vv. 7.^o-8.^o: síntese das grandes riquezas da Índia.
3 — *Especiaria* (v. 8.^o): cravo, noz-moscada e pimenta.
- 32 *Saramá Perimal* (v. 7.^o): último soberano da Índia unificada (segundo a tradição).
- 33 1 — *Instituíram* (v. 4.^o) = educaram. — Latin. .
2 — *Parentes* (*ibid.*) = pais. — Latin.; cf. fr. *parents*.
3 — JN pontua o 6.^o verso diferentemente: *O Perimal; de sábios e eloquentes*, (...).
4 — *Lei* (v. 7.^o) = Religião (de Maomet): Islamismo.
- 34 1 — *Curioso* (v. 1.^o) = cuidadoso. — Latin. (OM, p. 254).
2 — *Profeta* (v. 4.^o) = Maomet.
3 — V. 4.^o = Meca. — Perífrase *.
- 35 1 — Vv. 1.^o a 3.^o. — *Cochim, Cananor, Chale, Coulão, Cranganor*: cidades da costa do Malabar.
2 — *Trato* (v. 8.^o) = comércio.
- 36 1 — *Que* (v. 2.^o). — Conj. subordin. final (= para que).
2 — *Isto feito* (v. 3.^o). — Propos. particip. Galicismo.
- 37 1 — *Naires* (v. 6.^o): nobres, casta guerreira indiana.
2 — *Poleás* (v. 7.^o): casta inferior, indiana, que se não podia misturar com a dos Naires.
- 38 *Senão o* (v. 4.^o) — Nesta expressão, contam-se apenas duas sílabas métricas (HC).
- 39 1 — *Gente de Samária* (Fora do verso: *Samaria*): povo considerado herético pelos Judeus ortodoxos. — Sístole *.
2 — *Sós* (vv. 5.^o e 6.^o). — Adj.-adv. .
3 — *Adarga* (v. 8.^o): escudo oval, de oiro.
- 40 1 — *Bramenes* (= Brâmenes, em HC, ASJ, etc.): casta indiana dos sacerdotes.
2 — *Um que primeiro pôs nome à ciência* (v. 4.^o) = Grego que, segundo a tradição, por modéstia e pela primeira vez na história, se chamou a si próprio *filósofo* (= amigo de saber) e não *σόφος* (= sábio). É *Pitágoras* (do século VI a. C.).
- 41 1 — *Grossa* (v. 7.^o) = rica.
2 — *Trato* (*ib.*) = comércio.

- 42 1 — *De todo sexo* (v. 6.^o). — Ag. da passiva (= por ambos os sexos).
2 — *Os principais* (v. 7.^o): os mais categorizados da cidade.
3 — *Rei* (v. 7.^o) = Samorim.
- 43 1 — *Dos nobres Portugueses* (v. 3.^o). — Ag. da passiva.
2 — *Frio* (v. 7.^o) é adj.-adv. e refere-se a *remo* (*ibid.*).
- 44 1 — *Catual* (v. 2.^o). — No Malabar, governador de uma cidade ou praça.
2 — *Nos braços o levava* (v. 5.^o) = abraçava-o.
3 — *Portátil leito* (v. 6.^o) = palanquim.
- 45 1 — *Destarte* (v. 1.^o): de palanquim.
2 — *O Malabar* (*ibid.*) = o Catual.
3 — *O Luso* (*ibid.*) = Vasco da Gama.
4 — *Torre de Babel*. — Vid. IV, 64.
- 46 1 — *Monçaide... vai interpretando* (v. 3.^o) = ... vai servindo de intérprete.
2 — *Fábrica* (v. 6.^o) = edifício.
- 47 1 — *A segundo* (v. 4.^o) = conforme.
2 — *Vem* (v. 5.^o) (= vêem), forma do v. ver.
3 — *Quimera* (v. 6.^o): monstro formado, segundo a fábula, de partes de leão, dragão e cabra.
4 — *Cristãos* (v. 7.^o) = Portugueses.
- 48 1 — *Amon* (v. 2.^o): deus egípcio que ostentava duas pontas, vestígio do primitivo totemismo do país. — Vid. n.º 4 das anotações à est. 17 deste canto.
2 — *Jano* (v. 4.^o): deus romano. Tinha dois rostos.
3 — *Briareu* (v. 6.^o): monstro de 50 cabeças e 100 braços.
4 — *Anúbis* (v. 8.^o): deus egípcio com cabeça de cão ou chacal e restante corpo, humano.
5 — *Menfítico* = Egípcio. (Própriamente: *de Mênfis*, cidade do Egípto). — Sinédoque *.
- 49 1 — *Do Bárbaro Gentio* (v. 1.^o). — Ag. da passiva.
2 — *Vem* (v. 6.^o) (= vêm), forma do v. vir.
- 50 1 — Esta descrição é «decalcada em Castanheda» (HC Ép, p. 183).
2 — *Edificam-se* = «foram edificadas e permanecem como tais» (OM, p. 238-239). — A nossa passiva pronominal substitui, aqui, a forma analítica latina (*ibid.*).

- 51 1 — *Dedálea faculdade* (v. 2.^o) = architectura (= arte de *Dédalo*. — Cf. c. IV, 104).
 2 — *Afiguradas* (v. 5.^o) = representadas artisticamente.
 3 — *Sombra* (v. 8.^o) = escultura.
- 52 1 — *Hidaspe*: afluente do Indo.
 2 — *Capitão* (v. 3.^o) = Baco+.
 3 — *Tirso* (v. 4.^o): vara enfeitada de parras e folhas de hera.
 4 — *Nisa* (v. 5.^o): cidade lendária (indiana e ligada com a vida de Baco+).
- 53 1 — *Feminino senhorio/de hũa...* (vv. 3.^o e 4.^o) = governo de Semíramis, luxuriosa em extremo, que não poupou o próprio filho (Cf. «amor nefando», v. 8.^o). Semíramis, nome lendário de Sammon-Ramat, que, no fim do séc. IX a. C., governava como rainha-mãe regente no começo do reinado de seu filho (Cf. LOPU, p. 126). Quanto aos «jardins suspensos» de Babilónia, que a voz do povo atribuiu a esta rainha (Cf. AJ, p. 12; grav., p. 13), parece não haver dúvida de que os teria criado Nabucodonosor, para agradar à esposa (Bbl, p. 70).
 2 — *Competência* (v. 7.^o) = luta de ciúmes.
 Nesta est., fala-se da expedição de Alexandre à Índia.
- 54 1 — *Capitão mancebo* (v. 5.^o) = Alexandre Magno.
 2 — *Progénie de Júpiter* (v. 8.^o) = filho de Júpiter+: título com que quis adornar-se Alexandre.
- 55 1 — *Capitão* (v. 2.^o) = Vasco da Gama.
 2 — *Tempo cedo virá que (...)*. — «Quando a um substantivo designativo de tempo ou lugar se liga uma or. relativa de *que*, pode omitir-se a prep. *em* antes do relativo». (ED S, p. 168).
 3 — *Aqui se escreverão* (v. 5.^o). — «A conjug. reflexa, na 3.^a pess., também serve de voz passiva; no port. moderno, porém, em geral, só quando não se designa o agente» (ED S, p. 106). No português antigo, ao contrário do que hoje acontece, «podia expressar-se o agente da voz passiva pronominal» (SS, p. 364). — Cf. *Os Lus.*, IX, 6.

- 4 — *Especularam* (v. 8.^o) = contemplaram, observaram (lat. *speculari*). — CS, p. 154.
- 56 *Estranha* (v. 6.^o) = Portuguesa.
- 57 1 — *Não se iguala/de outra* (vv. 3.^o-4.^o) = não é igualada por outra.
 2 — *Gemas* (v. 8.^o): pedras preciosas.
- 58 1 — *Erva ardente* (v. 3.^o) = Bétel ou bétete: planta sarmentosa e aromática da Índia, cujas folhas se mastigam por hábito em certas regiões tropicais.
 2 — *Que* (v. 8.^o, último *que*) = para que.
- 59 1 — *Dele* (v. 4.^o). — Ag. da passiva.
 2 — *O Capitão* (v. 8.^o) = Vasco da Gama.
- 60 1 — *Um grande Rei* (v. 1.^o) = D. Manuel I, rei de Portugal.
 2 — *Das partes onde/o Céu...* (vv. 1.^o-4.^o). — Perífrase* (= do Ocidente europeu).
 3 — 4.^o verso. — O Prof. J. Nogueira elimina as duas primeiras vírgulas deste verso.
- 61 1 — *Plaga* (v. 5.^o) = praia (Lat.: *plāga*¹).
 2 — *Gelanda* (*ibid.*) = Zelândia (província da Holanda).
 3 — *Onde o Sol não muda...* (v. 6.^o) = equador (onde se verifica a igualdade dos dias e das noites).
 4 — *Etiópia* = África (como é frequente n'«Os Lusíadas».)
 5 — *Cópia* = abundância (Lat.).
- 62 1 — *Nua* (v. 2.^o) = verdadeira.
 2 — *De ti* (v. 8.^o) ref. ao Samorim.
 3 — *Dele* (*ibid.*) ref. a Manuel I.
- 63 1 — *Pronto* (v. 3.^o) = preparado.
 2 — *De qualidade/que...* (vv. 5.^o-6.^o) — de maneira/que...
 3 — *Isto* (v. 7.^o): a aliança (entre D. Manuel I e o Samorim).
- 64 *Tenção* (v. 5.^o) = Resolução.
- 65 *Rei* (v. 4.^o) = D. Manuel I, rei de Portugal.

1 JJN, p. 106.

- 66 1 — *Regedor* (v. 3.^o) = Catual.
2 — *Regimento* (v. 6.^o) = ordem.
- 67 1 — *Tanto que* (v. 1.^o) = logo que.
2 — *Ígneos* (*ibid.*) = de fogo, de luz (Lat.: *ignēus*, -a, -um).
3 — *Mancebo Dêlio*: Apolo+, nascido em *Delos*. (= Sol).
4 — Vv. 1.^o-2.^o. — Perífrase *. (= logo que amanheceu).
- 68 *Particularmente* (v. 1.^o) = com pormenores.
- 69 1 — *Lei* (v. 1.^o) = Religião.
2 — *Profeta* (*ibid.*) = Cristo.
3 — *Bafo* (v. 3.^o) = Espírito (Santo).
4 — *Regimento* (v. 4.^o) = governo.
5 — *Deles* (v. 6.^o) = acerca deles (Cf. prep. lat. *de*).
6 — *Passados* (v. 8.^o) = antepassados.
- 70 1 — *Virtude* (v. 1.^o) = valor (Cf. lat.: *virtus*).
2 — *Fresca Guadiana* (v. 3.^o). Indevida a expressão *fresco Guadiana*, em JN (Cf. JR, HC, ASJ, etc.).
3 — *E na Africana/Parte* (vv. 5.^o-6.^o). Aqui, “temos o «e» ilógico, que herdámos do latim popular e que muitas vezes equivale a «também»” (JR, p. CLXX).
- 71 1 — *Manha* (v. 1.^o) = táctica.
2 — *Pirene* (v. 4.^o) = Pirenéus.
3 — *Annibais* (v. 8.^o), pal. aguda, neste verso. (Plural de *Anibal*, por *Anibal*, general cartaginês).
4 — *Marcelo* (*ib.*): vencedor de Aníbal, em Nola.
- 72 1 — ...*A maneira/do fundido metal que tudo rende* (vv. 5.^o-6.^o) = a artilharia. — Perífrase *.
2 — *E folgarás de veres* (...). — Cf. SA, p. 70, e SS, p. 267.
3 — *Polícia* = civilização.
- 73 1 — *Idólatra* (No v., pronunc.: *idolatra*, pal. grave) = Catual. — Haplologia *.
2 — *Lenhos* (v. 4.^o) — navios. — Sinédoque * (a *parte* — lenho, madeira, de que eram feitos os navios, pelo *todo* — navio).
3 — *Ambos* (v. 5.^o) = Monçaide e o Catual.
- 74 1 — *Braço forte* (v. 4.^o) = Exército Português.
2 — *Tanto que* (v. 7.^o) = logo que.
3 — *Apacenta* (v. 8.^o) = demora.

- 75 1 — *Seita Epicureia* (v. 4.^o) = os amantes dos prazeres da mesa. O adjectivo é derivado de *Epicuro*, filósofo grego, que ensinava, em Atenas, à volta do ano 300. Para ele e seus discípulos o *prazer* era o soberano bem, mas aconselhavam que se evitassem as paixões que perturbam a alma.¹ Note-se, pois, o sentido falso e pejorativo do atributo.² — Acerca da forma do adj., ler OM, p. 245.
2 — *Licor*... (v. 6.^o) = vinho.
3 — *Noé* (*ibid.*) BS, *Gênesis*, cap. IX, 20 (Após o dilúvio, Noé plantou uma vinha e tomou do vinho que posteriormente obteve).
4 — *Seita* (v. 8.^o) = Religião (dos Brâmanes).
5 — *Defende* (*ibid.*) = proíbe.
- 76 1 — *Diabólico instrumento* (v. 3.^o) = artilharia.
2 — *Muda poesia* (v. 8.^o) = pintura.
- 77 1 — *Junto* (v. 1.^o). — Adv. (= juntamente).
2 — *Põe* (v. 3.^o). — A 1.^a ed. apresenta *poem* (oitava n.º 742), que JN regista sob a forma *põem*. Seguimos a lição de JR.
3 — *Trasunto* (v. 3.^o) = retrato.
4 — *Trato* (v. 6.^o) = comércio.
- 78 1 — *Cometo* (v. 2.^o) = me atrevo.
2 — *Ninfas do Tejo* (v. 3.^o) = Tágides.
3 — *Hei grande medo* (v. 7.^o). — Acerca do uso do verbo *haver*, leia-se SA, p. 122.
- 79 1 — *Mavórcios* (v. 6.^o) = de Marte+, da guerra.
2 — *Cânace* (v. 7.^o). — Nome de rapariga. Em Ovídio, *Heroides* aparece-nos a *escrever*, enquanto, com a outra mão, segura a *espada* com que vai suicidar-se.
- 80 1 — *Hospícios* (v. 2.^o) = regiões.
2 — *Às costas* (v. 5.^o) = nas costas (junto das quais Camões naufragara).
3 — *Escapando* (*ibid.*) = salvando.
4 — *Rei judaico* (v. 8.^o) = Ezequias, a quem Jeová concedeu quinze dias de vida, após o dia em que deveria morrer.

1 H. Petitmangin, «Hist. Sommaire de la Litt. Grecque», p. 146.

2 Prof. Dr. Augusto Mancini, *História da Literatura Grega no Pensamento e na Arte* (trad. port.): (...) «a rápida reacção de outras escolas levou a desconhecer o carácter e os princípios inspiradores da doutrina [de Epicuro], a atribuir à pessoa de Epicuro vulgaridades se não mesmo baixeiras, em nítido contraste com a sua dignidade moral» (...). Para ele, *fim supremo e sumo prazer é a serenidade espiritual, conseguida pela limitação dos desejos, porque quem não se contenta com o pouco, nada o satisfaz.* (p. 255).

- 81 1 — *Tornassem* (v. 4.º) = dessem.
 2 — *Capelas* (v. 6.º) = coroas (destinadas a glorificar os Poetas). — Precisando, ensina-se em **FC**: «Segundo Plínio, coroavam-se de louro os vencedores em Delfos, os triunfadores em Roma e ainda os imperadores a partir de Augusto. Coroavam-se também os poetas e ainda, no século XVI, a capelas de louro aspirava Camões». Neste século, passaram os médicos a receber coroa de louros na cerimónia do seu doutoramento (pp. 6-7).
- 82 *Senhores/(o vosso Tejo cria)...* = grandes senhores de Portugal.
- 83 1 — *Sós* (v. 5.º). — Adj.-adv. .
 2 — *Que não no empregue* (v. 6.º). — Intercalação eufónica *.
- 84 Acerca do conteúdo desta oitava e da seguinte, vid. **PFS**, p. 35.
Desse (v. 1.º) = dê (por causa da rima).
- 85 1 — *Errante* (v. 3.º) = inconstante.
 2 — *Proteio* (v. 4.º) = Proteu, guardador do gado de Neptuno+, célebre pelas suas metamorfoses.
 3 — *Camenas* = Musas.
- 86 1 — *Experto* (v. 5.º) = experimentado.
 2 — *Passa* (v. 8.º) = sofre [*não passa* = não avalia com justiça].
- 87 1 — *Sós* (v. 1.º). — Adj.-adv. .
 2 — *Onde* (v. 3.º) = Pelo que. — Cf. **OM**, p. 250.

CANTO VIII

ASSUNTO	Localização. — Sugestão artística. — fonte hist.
— <i>Explicação das figuras, por Paulo da Gama:</i>	
.....	
D. Afonso Henriques	[10 — 12] Duarte Galvão: <i>Crónica de D. Afonso Henriques</i> (Est. 9-21) ¹ .
.....	
D. Nuno Álvares	[28 — 32] Duarte Galvão: <i>ibid.</i> (Est. 22-23) ² .
.....	
— <i>Interesse do Catual pela narrativa: «olhos prontos e direitos», fazendo mil perguntas.</i>	[43] { João de Barros — <i>Ásia</i> ;
— <i>O Catual volta para terra.</i>	[44] { F. Lopes de Castanheda — <i>Hist. do Desc. e Conq. da Índia pelos Port.</i> ³ .
— <i>Por ordem do soberano da Índia, os arúspices fazem sacrifícios, por que adivinham «eterno cativoiro, destruição da gente» indiana pelos Portugueses.</i>	[45 — 46]

(Cont.)

1 **JR Fo**, p. 35.2 *Ibid.*, pp. 98, 107 e 108.3 *Ibid.*, p. 72.

ASSUNTO	Localização. — Sugestão artística. — Fonte hist.
— BACO aparece, EM SONHOS, a um «devoto sacerdote» maometano, indispondo-o contra os Portugueses.	47 — 50
— Nasce a revolta contra o Gama, logo intensificada pelo ouro muçulmano.	51 — 59
— O Gama procura entender-se com o Samorim, que, após vigorosa discussão, determina o seu regresso à frota, desejando a troca de fazendas europeias por especiarias orientais.	60-76; 77-78
— O Catual, porém, subornado pelos Muçulmanos, impede o cumprimento destas decisões, pedindo ao Gama que mande aproximar a frota para nela se embarcar (com o propósito oculto de destruí-la). Astuto, o Gama não aceita a proposta, pelo que fica preso.	79 — 90
— Receoso, porém, de que o Samorim, seu soberano, o puna por estas demoras, o Catual apresenta nova proposta — que o Gama aceita: deixá-lo reembarcar a troco de fazendas europeias, vindas em almadias indianas.	91 — 94
— Vasco da Gama, resgatado pelas mercadorias, regressa a bordo.	95
— REFLEXÕES AMARGAS DO POETA ACERCA DA OMNIPOTÊNCIA DO «METAL LUZENTE E LOURO».	96 — 99

J. de Barros
e F. L. de
Cast. — *ibid.*

- 1 1 — V. 3.º: Exemplo de proposição *relativa explicativa* (que deve estar separada por vírgulas). — Vid. JT, pp. 173 e 205; AP, p. 79.
2 — O *Mauritano sábio* (v. 8.º) = Monçaide.
- 2 1 — Vv. 1.º-2.º. — Note-se a concordância de *bravos e ferros* com um substantivo, apostro a *figuras*, do género masculino (v. g., *homens*).
2 — É *Luso, donde* (...) (v. 7.º). — «Onde, precedido das prepos. *de, desde, para, por, até*, significa *o qual*, falando de coisas inanimadas, e no port. arc. médio também de seres animados» (ED S, p. 175).
- 3 1 — *Tebano* (v. 1.º) = Baco+.
2 — *Ninho Hispano* (v. 3.º) = Peníns. Ibérica.
3 — *Campo.../...Elísio* (vv. 5.º-6.º) = Paraíso (pagão).
- 4 1 — *Tirso* (v. 2.º): insígnia de Baco+ (vid. VII, 52).
2 — *De Baco* (*ibid.*). — Ag. da passiva.
3 — *Outro...* (v. 5.º) = Ulisses.
4 — *Palas* (v. 8.º) = Minerva.
- 5 1 — *Santa casa* (v. 1.º) = templo.
2 — *Deusa* (v. 2.º) = Minerva.
3 — *Facunda* (*ibid.*) = eloquente.
4 — *Águias* (v. 8.º): insígnias do exército romano.
- 6 1 — *Primor* (v. 8.º) = generosidade.
2 — *Pirro* (*ibid.*): rei do Epiro, inimigo de Roma, cujo médico se ofereceu ao comandante romano Fabrício para envenená-lo. Este recusou e reenviou o traidor a Pirro.
3 — Vv. 7.º e 8.º — Vid. A Sch, pp. 62-64.
- 7 1 — *A vida* (v. 2.º): a de Viriato.
2 — *Aperto* (v. 3.º): dificuldade séria.
- 8 1 — *Aves de Júpiter* (v. 2.º) = Águias (romanas).
2 — *Fatídica* (v. 7.º) = feiticeira, que diz o futuro.
- 9 1 — *Crem* (v. 4.º) (= *crêem*), forma do v. *crer*.
2 — *Casa Santa* (v. 7.º) = Santos Lugares.

- 10 1 — *O Malabar* (v. 2.^o) = o Catual.
 2 — *Roto* (v. 4.^o) = derrotado.
 3 — *Tantas coroas tem (...)/e estandartes*. — Note-se a liberdade de colocação poética: o «interpor entre duas expressões coordenadas a expressão a que ambas se prendem sintacticamente» (ED S, pp. 327-328).
- 11 1 — *Primeiro Afonso* (v. 1.^o) = D. Afonso Henriques.
 2 — *Estigio lago* (v. 3.^o) = rio do Inferno (pagão), o Estige.
- 12 1 — *César*: general romano.
 2 — *Alexandre* = Alexandre Magno.
 3 — *Alexandre Rei*. — Em J. Nogueira, *Rei* encontra-se entre vírgulas.
- 13 1 — *Rompido* (v. 2.^o) = vencido.
 2 — *Aluno* (*ibid.*) = D. Afonso Henriques. — A palavra *aluno*, aqui, é equivalente a *pupilo*. — Latin. (OM, p. 254).
 3 — *Do velho* (v. 5.^o). — Ag. da passiva.
- 14 1 — *Nu de seda e pano* (v. 2.^o): despido de rico fato.
 2 — *Soberano* (v. 6.^o) = apertado.
- 15 1 — *Cônsul* (v. 1.^o) = Espúrio Postúmio (lat. *Spurius Postumius*): comandante romano que, preso pelos Samnitas, foi libertado para tratar da paz. Repellido pelo senado romano, *voltou a entregar-se ao inimigo*.
 2 — *Este* (v. 5.^o): Postúmio.
 3 — *Estoutro* (v. 7.^o): Egas Moniz.
 4 — *Naturais* (*ibid.*): de quem ele próprio era pai.
- 16 1 — *Este* (v. 1.^o): D. Fuas Roupinho.
 2 — *Levando* (v. 7.^o): obtendo.
- 17 *Ábila*: promontório do Norte de África, em frente do Calpe.
- 18 *Henrique* (v. 5.^o) = Henrique de Bonn, cruzado (não confundir com o conde D. Henrique). Tomou parte na conquista de Lisboa aos Mouros.

- 19 1 — *Mafamede* (v. 4.^o) = Maomet.
 2 — *Teotónio Prior* (v. 5.^o): prior de Santa Cruz de Coimbra, que ajudou D. Afonso Henriques nas lutas contra os Mouros.
 3 — *Santarém* (v. 6.^o). — Na ed. *E e*, est. 711, vem *Sanctarem*, forma que estaria de acordo com a etimologia (Cf. comento à oitava 55 do c. III). Nos outros lugares do poema (III, 74, 78, 80), todavia, está escrito *Santarem*.
- 20 1 — *Vandália* (v. 2.^o) = Andaluzia.
 2 — *Hispálico* (v. 4.^o) = de Sevilha (Lat.: *Hispālis*).
- 21 1 — *Aquele...* (v. 1.^o) = Giraldo Sem-Pavor.¹
 2 — *Cidade* (v. 4.^o) = Évora.
 3 — *Feito nunca feito* (v. 7.^o). — Note-se o trocadilho: *feito* = *façanha* e *feito* = *praticado*.
- 22 1 — *Um Castelhana* (v. 1.^o): D. Pedro Fernandes de Castro.
 2 — *Lara* (v. 3.^o): casa fidalga espanhola donde descendia D. Mafalda, esposa de Afonso Henriques. Foi inimiga de D. Pedro de Castro, durante a menoridade de Afonso VIII² (1158-1214).
 3 — *Um Português* (v. 7.^o): Martim Lopes.
- 23 1 — *Bago* (v. 4.^o) = báculo. — Acerca da origem e evolução da forma *pop.*, vid. JJJ, pp. 90, 104, 112 e 127.
 2 — *Inteiro* (v. 5.^o) = decidido.
- 24 1 — *Não de espaço* (v. 2.^o) = não devagar.
 2 — *De Deus* (v. 4.^o). — Ag. da passiva.
 3 — *Que* (v. 4.^o). — Em ED S, p. 277, observa-se: «Também parece ter valor causal a conjunção *que* (seguida de *não*) empregada nos contrastes com a significação aparente de *e*».
 4 — *Dom Mateus* (v. 7.^o). — Historicamente, D. Soeiro.

¹ RGT, pp. 231-294.

² Não «D. Afonso o Nono de Castela», como se lê em Pina (D. Sancho), citado por Epifânio (II vol., pp. 110-111). — Cf. Prof. Ballesteros Beretta, *Síntesis de História de España*, 1950, p. 74; Prof. Agostinho Fortes, ed. d'«Os Lusíadas», p. 650.

- 25 1 — *Mestre* (v. 1.^o):...de Sant'Iago¹ (D. Paio Correia).
 2 — *A* (v. 6.^o). — Preposição.
 3 — *A escala vista* (*ibid.*) = em escalada não oculta. — Leia-se o comentário de JN Dic, pp. 162-163.
 4 — *Caçadores* (v. 8.^o): Portugueses que, no reinado de D. Afonso III, foram assassinados por mouros, durante tempo de tréguas.
- 26 *Os três* (v. 5.^o): Gonçalo Rodrigues Ribeiro, Vasco Eanes e Fernão Martins de Santarém — sempre vitoriosos nos combates em que participaram.
- 27 1 — *Vem* (v. 1.^o) = vêm, forma do v. vir.
 2 — *Sós* (v. 2.^o). — Adj.-adv.
 3 — *Jogos de Belona* (v. 3.^o) = guerras, lutas.
 4 — *Belona* (*ibid.*): deusa romana da guerra.
 5 — *Leteia* (v. 8.^o) = do esquecimento (de *Letes*: rio do inferno pagão, cujas águas faziam esquecer).
- 28 1 — *Não no vês* (v. 5.^o). — Intercalação eufónica *.
 2 — *Tinto* (*ibid.*) = vermelho.
- 29 *De Deus e de santa estrela* (v. 2.^o). — Ag. da passiva.
- 30 1 — *Capitão* (v. 3.^o) = D. Nuno Álvares Pereira.
 2 — *Dos seus* (v. 5.^o). — Ag. da passiva.
 3 — *Falta* (v. 6.^o), forma do verbo *faltar*.
- 31 1 — *Pompílio* (v. 5.^o) = Numa Pompílio, rei de Roma.
 2 — *Corria* (v. 6.^o) = percorria.
- 32 1 — *Cipião* (v. 3.^o): vencedor de Anibal, em Zama.
 2 — *Se arreia* (v. 4.^o). — Aqui, *arrear-se* = «jactar-se», «gloriar-se» (RG T, p. 114).
 3 — *Ceres* (v. 7.^o): deusa da agricultura.
 4 — *Neptuno*+: deus do mar.
- 33 1 — *Estoutro capitão* (v. 2.^o) = Pêro Rodrigues. Venceu dois comendadores castelhanos.
 2 — *Co amor* (v. 6.^o). — Eclipse *.
- 34 1 — *Este* (v. 1.^o): Paio Rodrigues Martinho.
 2 — *Rui Pireira* (v. 7.^o): partidário de D. João I, de Portugal. Atacou uma das naus da armada castelhana entrada no Tejo, protegendo assim os nossos navios.
 3 — *Às galés* (v. 8.^o): às galés de Castela.

1 — Cf. RG T, p. 270.

- 35 *Seus* (v. 5.^o) = dos Castelhanos.
- 36 *Vencimentos* (v. 5.^o) = vitórias.
- 37 1 — *Este* (= D. Henrique)¹, *que ela nos mares o pubrique/por seu descobridor* (vv. 5.^o-6.^o). — Recordem-se, por ex., além d'«O Infante D. Henrique» de F. Pessoa («Mensagem», p. 43), a célebre poesia «Sagres» de Olavo Bilac:
- | | |
|---|--|
| «E, alta já, de Moçambique
A Calecut, a brilhar,
Olha, Infante D. Henrique!
— Passou a Esfera Armilar... | Sonha, — afastado da guerra,
Infante! — Em tua fraqueza,
Tu, dessa ponta de terra,
Dominas a natureza!... |
|---|--|
- 2 — *Entrando*. — Verbo transitivo, neste passo (GF, p. 165).
- 38 1 — *Outro Conde* (v. 3.^o) = D. Duarte de Meneses.
 2 — *Marte*+ (v. 4.^o) = deus da guerra.
- 39 1 — *Certo* (v. 6.^o) = com certeza, certamente.
 2 — *Lustre* (v. 7.^o): brilho, honra, glória, fama (Cf. com a parónima *lustro*: espaço de cinco anos).
- 40 1 — *Pende* (v. 2.^o) = provém.
 2 — *Menores* (v. 7.^o) = descendentes.
- 41 1 — *Esforço* (v. 4.^o) = valentia.
 2 — *Vãs* (v. 6.^o) = falsas.
 3 — *A pintura que fala* (v. 8.^o) = a poesia.
- 42 1 — *Generoso* (v. 2.^o) = nobre (Cf. lat.: *generosus*, -a, -um).
 2 — *A luz* (v. 5.^o). — Obj. directo de [*não*] *clarifica* (v. 6.^o).
 3 — *O valor* (v. 6.^o). — Suj. de [*não*] *clarifica* (= torna ilustre; cf. lat. *clarus* = ilustre).
- 43 1 — *Gama* (v. 2.^o) = Paulo da Gama.
 2 — *Prontos* = atentos.

1 *Biografias muito indicadas para jovens*: «Vida e Obra do Infante D. Henrique», do Prof. Dr. Vitorino Nemésio, e «O Príncipe do Mar», de Adolfo Simões Müller.

- 44 1 — Vv. 1.^o-4.^o. — Perífrase * (= anoitecia em Calecut).
 2 — *Alampada grande* (v. 2.^o) = Sol.
 3 — *O Gentio* (v. 5.^o) = o Catual.
 4 — *Generoso* (*ibid.*) = nobre.
- 45 1 — *Antevem* (v. 3.^o) (= antevêem), forma do v. *antever*.
 2 — *Do Rei próprio* (v. 5.^o). — Ag. da passiva.
 3 — *Estudiosos* (*ibid.*): zelosos.¹
- 46 *Valia* (v. 4.^o) = riquezas.
- 47 1 — *A divina Fé* (v. 4.^o) = a Religião Cristã.
 2 — *Profeta falso*... = Maomet. — Perífrase *.
- 48 1 — *Esteis* = estejais. — Vid. JT, p. 112; GF, p. 105.
 2 — *Asinha* (arc.) = depressa.
- 49 1 — *Passados* (v. 2.^o) = antepassados.
 2 — *De novo* (v. 7.^o) = recentemente.
- 50 1 — *Ordena como em tudo*... (v. 2.^o). — Este *como* é equivalente a *que* (conj. subord. integ.).
 2 — *Sai* (v. 3.^o). — Ler *sa-i* (2 síl.).
 3 — *Lhe* (v. 8.^o) ref. a *esta gente* (v. 1.^o).
- 51 1 — *A nova luz que ao Sol precede* (v. 5.^o) = a Aurora.
 2 — *Torpe Seita* (v. 7.^o) = Maometanos.
- 52 1 — *Traições* (v. 3.^o). — Ler: *tra-i-ções* (3 sílabas).
 2 — *Perfídias, inventavam*... — J. Nogueira não coloca a vírgula depois da palavra *perfídias*.
 3 — *Gente* (v. 6.^o) = Portugueses (da frota do Gama, em especial).
 4 — *Com peitas* (v. 8.^o) = com dinheiro.
- 53 *Conciliam* (v. 2.^o) = chamam a si.

¹ Lembra OM, p. 264, que «o substantivo *estudo* foi empregado por Bernardes com o sentido do latim *studium*, esforço».

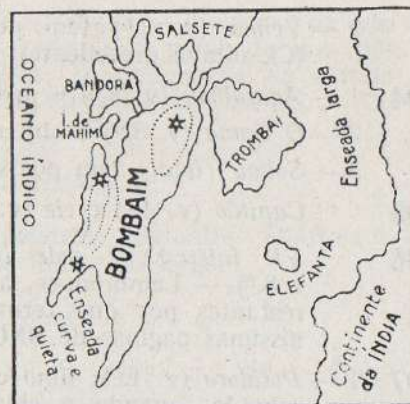
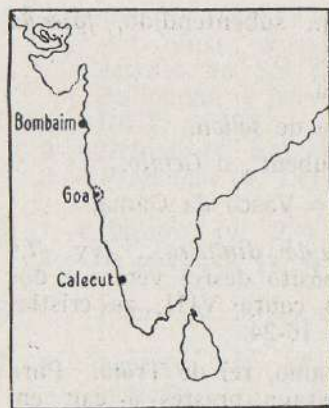
- 54 1 — *Olhar que* (v. 2.^o).../sejam dotados (v. 4.^o). — «Têm o verbo no conj. as or. substantivas introduzidas pela conjunção *que* (às vezes oculta), dependentes dos verbos e locuções, substantivas e adjectivas, que exprimem a ideia de, por qualquer modo, fazer ou impedir, ou querer que uma coisa aconteça» (ED S, p. 202).
 2 — *Interna* (v. 3.^o) = íntima.
 3 — *Estê* (v. 5.^o) = *esteja*. — Vid. anot., n.^o 1, à est. 48 deste canto.
 4 — *Suprema cadeira* (vv. 5.^o-6.^o) = trono.
- 55 1 — *Em grosso* (v. 2.^o) = sem exame, pela rama.
 2 — *Ter conta* (v. 7.^o) = atender a.
 3 — *Pronta* (v. 8.^o) = atenta.
- 56 1 — *Gentílico* (v. 2.^o) = idólatra.
 2 — *Das gentes infernais* (v. 3.^o). — agente da passiva (= pelos Mouros).
 3 — *Dilatavam* (v. 4.^o) = demoravam.
- 57 1 — *Só* (v. 1.^o) = somente.
 2 — *Que* (v. 7.^o) = porque. — Conj. subord. causal.
 3 — *Ele* (*ibid.*) = Vasco da Gama.
- 58 1 — *Rei gentio* (v. 1.^o) = Samorim.
 2 — *Sentia* (v. 3.^o) = percebia.
 3 — *O Rei* (v. 5.^o).../Este temor (v. 1.^o da est. 59). — Anacoluto *.
 4 — *Que* (v. 7.^o). — Conj. subord. concessiva.
- 59 1 — *Peito* (v. 1.^o) = ânimo.
 2 — *Comete* (v. 8.^o) = propõe.
- 60 1 — *Executa* (v. 4.^o) = exerce.
 2 — *Capitão* (v. 5.^o) = Vasco da Gama.
- 61 1 — *Que* (v. 1.^o)... *que* (v. 2.^o). — Repet. da conj. subord. integ. O 2.^o *que* tem, pois, valor expletivo.
 2 — *Hespéria última* (v. 5.^o) = Península Ibérica.
- 62 1 — *Valerosos* (v. 3.^o) = valiosos.
 2 — *É* (v. 7.^o). — Note-se a concordância (GF, p. 180).

- 63 1 — *Sorte* (v. 2.^o) = categoria.
2 — V. 4.^o. — Note-se que Camões põe estas palavras na boca do Samorim (e não na de um Português).
3 — *Usados* (v. 5.^o) = habituados.
4 — *Em toda idade* (v. 7.^o) = em todos os tempos.
- 64 1 — *Acidália* (v. 7.^o): epíteto dado a Vénus+ que, em companhia das Graças, gostava de banhar-se na fonte Acidália, na Beócia.
2 — *Abria* (v. 8.^o) = soltava.
- 65 1 — *Prisca* (v. 2.^o) = antiga (Lat. *priscus*, -a, -um).
2 — *Vaso de nequicia* (v. 3.^o) = Satanás. — *Nequicia* = maldade.
3 — *Geração de Adão* (v. 6.^o) = Humanidade.
4 — *Torpe Seita* (v. 7.^o) = lei de Maomet. — Leia-se o interessante estudo de RSP.
- 66 *Opressões* (v. 2.^o) = angústias.
- 67 1 — *Me visse*. — O pron. *me* junta-se ao verbo para exprimir espontaneidades (GF, p. 79).
2 — *Antárticos* (v. 7.^o) = do Sul.
3 — *Carneiro* (v. 8.^o): Signo (*Aries*) do Zodíaco — um dos pontos em que a eclíptica e o equador celeste se cortam.
- 68 1 — *Crédito* (v. 2.^o) = fundamentação.
2 — *Tornada* (v. 8.^o) = regresso.
- 69 1 — *Última Hespéria* (v. 2.^o) = Penins. Ibérica.
2 — *Que* (v. 8.^o) = porque.
3 — *Dele* (*ibid.*) = acerca dele (ref. a *Lusitano espírito*, do v. 6.^o).
- 70 1 — *Os mares inimigos* (v. 5.^o). — Esta expressão (obj. directo de *descobrindo*), subentendida, serve de sujeito a *lavavam* (v. 8.^o).
2 — *Que* (v. 8.^o). — Obj. directo (= *praias*) de *lavavam*.
- 71 1 — *Conceito* = empresa.
2 — *Ramo* = descendente (= infante D. Henrique).
3 — *Claro* = ilustre (lat.).
4 — *Venturoso Rei* (v. 2.^o) = D. João I, rei de Portugal.
5 — *A parte* (v. 7.^o). — Subent.: *do mundo*.
6 — *Argos, Hidra, Lebre, Ara*: nomes de constelações do hemisfério austral.

- 72 1 — *Estrangeiros* (v. 3.^o) = desconhecidos.
2 — *Sete flamas* (v. 6.^o) = Ursa Maior.
3 — *De nós* (v. 7.^o). — Ag. da passiva.
- 73 *Líquido estanho* = mar.
- 74 1 — *Proémio* = discurso.
2 — *Grémio/da madre Tethys*+ (vv. 6.^o-7.^o) = mar.
- 75 1 — *Não dobrada* (v. 2.^o) = sincera (*dobrada*: dúplice, equivoc).
2 — *Razão* (v. 6.^o) = exposição (que se fez há pouco).
- 76 1 — *O Rei* = Samorim. — cacófato.
2 — *Mal julgados* (v. 8.^o): a respeito dos quais seu juízo fora inexacto.
- 77 *Seguro de algum dano* (v. 6.^o) = sem temor de qualquer dano.
- 78 1 — *Nos Reinos Gangéticos* (v. 2.^o) = na Índia.
2 — *Donde a terra se acaba e o mar começa* (v. 4.^o) = de Portugal.
3 — *A sua está de largo* (v. 8.^o) = a sua (= de Vasco da Gama) embarcação está afastada da costa.
- 79 *Onde* (v. 7.^o) = e deste modo (ED).
- 80 1 — *Crástina* (v. 3.^o) = de amanhã (Adj. lat.: *crastinus*, -a, -um = de amanhã, posterior, do adv. lat. *crās* = amanhã).
2 — *Diferisse* (v. 4.^o) = adiasse.
3 — *Gentio* (v. 6.^o) = Catual.
- 81 1 — *Concerto* (v. 7.^o) = conjura.
2 — *Delira* (v. 8.^o) = desiste.
- 82 1 — *Nobre sucessor de Perimal* (v. 4.^o) = Samorim [Cf. nota à oitava 32, canto VII].
2 — *Difere* (v. 5.^o) = adia, retarda.
- 83 1 — *Bruto* (v. 5.^o) = cruel.
2 — *O sangue aborrecido* (v. 6.^o) = o sangue português (do Gama e seus companheiros).

- 84 1 — *Eoa* (v. 4.^o) = Oriental, indiana. — É fem. de *eo* (lat. *eōus*). *Eoo* (subst. próprio) é nome de «um dos cavalos do Sol (lat. *Eōus*, ī), designação da estrela da manhã e, por extensão, sinónimo de Oriente.» — Cf. **RG T**, p. 172.
2 — *Defende* (v. 5.^o) = proíbe.
3 — *Profundos* (v. 7.^o) = não cristãos.
- 85 1 — *Idolatra* (v. 2.^o) (= **Idólatra**): Catual. — Diástole *.
2 — *Se alargasse* (v. 6.^o) = se fizesse ao largo.
- 86 *Flama* (v. 3.^o) = chama, lume.
- 87 1 — *Qual* (v. 1.^o).../*Tal* (v. 1.^o da oitava n.^o 88). — Comparação.
2 — *Do raio solar* (v. 3.^o) e *da ouciosa mão* (v. 5.^o). — Ag. da passiva.
3 — *Do moço* (v. 6.^o) tem por antecedente: [*ouciosa*] *mão* (v. 5.^o).
4 — V. 8.^o — J. Nogueira aceita e adopta a forma de Barreto Feio: «trémulo aqui e ali dessossegado».
- 88 1 — *Mandava* (v. 5.^o) = ordenava.
2 — *Dos enganos* (v. 7.^o) = pelas perfídias. — Ag. da passiva.
- 89 1 — *Dom de Marte* + (v. 1.^o) = arte da guerra.
2 — *Crer tudo* (v. 7.^o) = prever tudo quanto possa acontecer.
- 90 1 — *Malabar* (v. 1.^o) = Catual.
2 — *Pôr em ventura* (v. 7.^o) = arriscar.
- 91 1 — *Ordena* (v. 2.^o) = decide.
2 — *Rei* (v. 3.^o) = Samorim.
3 — *Comete-lhe* (v. 5.^o) = oferece-lhe.
4 — *Gentio* (*ibid.*) = Catual.
5 — *Partido* (*ibid.*) = proposta.
6 — *Asinha* (v. 7.^o) = depressa.
- 92 1 — *Danado* (v. 6.^o) = pérfido.
2 — *Peito* (*ibid.*) = espírito (do Catual).
3 — *Por verdade* (v. 7.^o) = com certeza.
- 93 1 — *Negro* (v. 1.^o) = Catual (ou porque tinha a cor baça ou por injúria).

- 2 — *Venha* (v. 2.^o) tem por suj., subentendido, *fazenda* (Cf. oitava precedente).
- 94 1 — *Agasalhou* (v. 2.^o) = arrecadou.
2 — *O Gama* (v. 8.^o) é obj. directo de *soltou*.
3 — *Soltou* (*ibid.*) tem por suj., subent., o *Gentio*.
- 95 *Capitão* (v. 4.^o) e *ele* (v. 5.^o) = Vasco da Gama.
- 96 *Vil interesse e sede immiga/do dinheiro...* (vv. 7.^o e 8.^o). — Lembrem-se, a propósito destes versos e dos restantes por que termina o canto VIII, as cristianíssimas páginas de **BNO**, pp. 16-24.
- 97 1 — *Polidoro* (v. 1.^o): filho de Príamo, rei de Tróia. Para salvá-lo, quando a cidade estava prestes a cair em poder dos Gregos, o soberano mandou-o com **ouro** ao rei da Trácia que, todavia, se apoderou do metal e matou o jovem.
2 — *A filha* (v. 4.^o) = Dánae.
3 — *Acriso* (*ibid.*) = Acrisio: soberano de Argos (na Grécia) que, para anular a profecia de um oráculo — a sua morte por um neto —, prendeu a filha Dánae numa torre. Júpiter, porém, sob a forma de chuva de **ouro**, introduziu-se na torre e tornou-a mãe de Perseu, que veio a assassinar a Acrisio. — Quadros célebres de *Dánae*: os de Correggio (Vid. **EF A**, vol. III, 4.^a gravura situada entre a p. 80 e a p. 81) e Ticiano.
4 — *Tarpeia* (v. 5.^o): rapariga romana que, na esperança de obter anéis de **ouro**, dos Sabinos, que sitiavam Roma, lhes abriu as portas da cidade. Os inimigos, porém, não a pouparam, esmagando-a sob as jóias e os escudos.
5 — *Quase* (v. 8.^o) = como que, «sentido que tem o *quasi* latino». — Cf. **OM**, p. 279.
- 98 1 — *Este* (v. 1.^o) = **ouro**.
2 — *A mais nobres* (v. 3.^o). — Notar que, hoje, o artigo é obrigatório com o superlativo. Em Camões, como se vê, assim não acontece. **SS**, p. 194.
3 — *Munidas* (*ibid.*) = bem fortificadas.
- 99 1 — *Os que só a Deus.../se dedicam* (vv. 5.^o e 6.^o) = os sacerdotes. — Perífrase *.
2 — *Cor* (v. 8.^o) = aspecto exterior.



★ Três fermosos outeiros

No estudo dos cantos IX e X, convém não esquecer¹ que:

- a) o episódio descrito é *pura ficção* do Poeta, como ele próprio o explicou;
- b) a «ilha de Vénus», porém, é verdadeira, correspondendo a descrição que dela faz Camões à que da ilha de Bombaim (no séc. 16 conhecida por *Ilha da Boa Vida*) encontramos em D. João de Castro. Assim:

Segundo D. João de Castro	Segundo Luís de Camões
1) «A ilha de Bombai (<i>sic</i>), da parte do sul, tem as águas da enseada»;	... «hũa enseada / curva e quieta»... (IX, 53).
2) «A ponta que está da banda do norte faz uma praia muito formosa e comprida, e do começo desta praia, que é onde se alevantam três montes pequenos e agudos»...;	... três fermosos outeiros se mostravam»... (IX, 54).
3) «A terra desta ilha é muito baxa ² e coberta de grandes e graciosos arvoredos»;	... «Num vale ameno, que os outeiros fende»... (IX, 55).

(Cont.)

¹ É opinião-tese de CG E. — No entanto, registo a interpretação recente do médico brasileiro Ruben França, original e digna de meditação.

² Esta *terra baxa* está «hoje totalmente coberta pela grandiosa cidade inglesa de Bombaim» CG E, p. 53).

Segundo D. João de Castro	Segundo Luís de Camões
4) Tem muita caça:	— Cf. canto IX, 62-63.
5) «Ilha da Boa Vida; este nome lhe pôs Heitor da Silveira, porque, andando d'armada nesta costa, os seus soldados tomavam grandes recreações e repouso dentro dela». Na verdade:	... «pretendia / dar-lhe nos mares tristes alegria » (IX, 18). ... Buscar-lhe algum deleite , algum descanso , / no Reino de cristal, líquido e manso (IX, 19).
— raparigas (então como hoje) com indumentária reduzida e pouco severa;	— Cf. canto IX, 65, 71, 72.
— estas raparigas, seguindo os preceitos da religião hindu, banhavam-se, em espaçoso tanque (que existe junto de todos os pagodes ou templos indianos), antes das refeições;	— a mesa líquida ou tanque lúcido e sereno (IX, est. 55 e 60).
— poderiam, pois, encontrar-se junto do grande tanque que fazia parte do parque pertencente a Garcia de Orta;	
— Este possuía ali um vasto palácio, riquíssimo, assim como um encantador jardim botânico: «plantações e culturas novas», «árvores frutíferas e flores exóticas, em especial da Europa e da América.» «Ainda no séc. XVII esse jardim era considerado o mais encantador de toda a Índia» (CG E, pp. 42-43).	— os paços de Tethys, de «rica fábrica» (IX, 87). — Cf. canto IX, est. 60-62.

CANTO IX

ASSUNTO	Localização. — Sugestão artística. — Fonte hist.
— Os dois feitores portug., encarregados de vender as mercadorias, são detidos em terra, para que esta manobra, demorando a esquadra, torne possível a sua destruição por uma frota muçulmana vinda de Meca.	1 — 4
— O Gama, porém, é informado disto por Monçaide.	5 — 7
— Decidindo partir, o Gama tenta o regresso, às ocultas, dos feitores portug. aos navios, mas não o consegue.	8
— Como represália, o Gama impede vários mercadores da Índia de regressar a terra, e ordena a partida.	9 — 11
— Por ordem do Samorim, são restituídos ao Gama os dois feitores port. e as fazendas.	12
— Regresso à Pátria.	13 — 17
— VÊNUS prepara o repouso e prêmio para os navegantes portugueses.	18 — 21

João de Barros e
F. L. de Cast. —
op. cit.

Est. 19: Horácio
*Epist. ad Pisones.*¹

(Cont.)

¹ ED, II, p. 161.

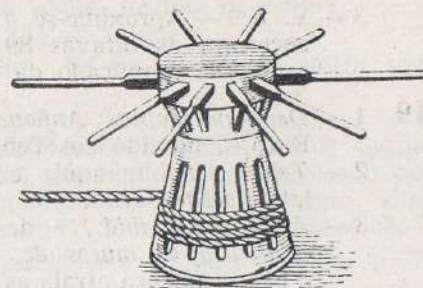
ASSUNTO	Localização. — Sugestão artística. — Fonte hist.
— Vénus dirige-se, com esse objectivo, ao filho CUPIDO; acção deste.	22 — 50
— A armada à vista da «ínsula divina».	51
— Descrição desta ILHA:	52 — 55
— Visão de CONJUNTO;	56-62(até 6.ºv.)
— FLORA;	62(2 últ.vv.)-63
— FAUNA.	64 — 65
— Mostram-se as NINFAS.	66 — 67
— Desembarque dos Portugueses.	68
— Descobrem-se as Ninfas.	69
— Exortação de Veloso.	70 — 74
— A perseguição.	75 — 82
— Aventura de Lionardo.	83 — 84
— Casamentos entre Ninfas e Navegantes.	85 — 86
— TETHYS dá ao Gama a razão deste maravilhoso encontro.	87
— No palácio de Tethys.	88
— Este repouso é compensação de longos trabalhos, prêmio bem merecido.	89-92 (até ao 4.º v.)
— Sentido alegórico desta ilha.	92 (desde v. 5.º)-95
— EXORTAÇÃO DIRIGIDA AOS QUE SUSPIRAM POR IMORTALIZAR O SEU NOME.	

Est. 23: Virgílio
— *Eneida* (1,657-688).¹

¹ ED, II, p. 166.

- 1 Esta estância serviu para sustentar-se o ser, desde o momento em que «pela primeira vez o Gama se torna um personagem activo» (quando «tem de desmanchar os enredos do Catual»), que *Os Lusíadas* «mais se parecem com uma crónica rimada» (S PHC, p. 77).
- 1 — A fazenda (v. 2.^o) é obj. directo de *tiveram* (v. 1.^o).
 2 — Os dous feitores (*ibid.*): Álvaro de Braga e Diogo Dias.
 3 — De Meca as naus (v. 8.^o) = naus muçulmanas.
 4 — As suas (*ibid.*) = as naus portuguesas.
- 2 1 — Seio Eritreu (v. 1.^o) = mar (Lat.: *sinus* = golfo) Vermelho. Cf. nota à oitava 63, canto IV (CS, p. 122).
 2 — Arsínoe (v. 2.^o): cidade (perto de Suez), fundada por Ptolomeu II, casado com Arsínoe.
 3 — Do Egípcio Ptolomeu (*ibid.*). — Ag. da passiva.
 4 — Cidade Meca (v. 6.^o) — Cf. lat. *Urbs Roma*.
- 3 1 — Gidá (v. 1.^o) = Judá, porto do mar Vermelho.
 2 — Dos (v. 6.^o) = com os.
- 4 *Flamas... crepitantes* (v. 4.^o) = chamas ruidosas das bombardas.
- 5 1 — Governador dos Céus e gentes (v. 1.^o) = Deus.
 2 — Vem a efeito (v. 4.^o) = se executa, faz.
 3 — Acidentes (v. 5.^o) = sentimentos.
- 6 1 — Este (v. 1.^o) = Monçaide.
 2 — Guardavam (*ibid.*) = acautelavam.
 3 — Lhe (v. 4.^o) = Gama.
 4 — Se (...) ordena / Pela maligna gente (vv. 7.^o-8.^o). — Note-se a passiva formada com o pronome *se* e a possibilidade, no português antigo, de expressar-se o agente. Hoje, «é obrigatório calá-lo.» (SS, p. 264, § 529).
- 7 1 — Dos seus (v. 3.^o) — Ag. da passiva.
 2 — Lhe (v. 5.^o) = ao Gama.
 3 — Trovões horrendos de Vulcano+ (v. 6.^o) = artilharia.
 4 — Segundo (v. 8.^o) = pois que.
- 8 Os (v. 7.^o) = feitores. — Obj. directo de *impida*.
- 9 1 — Rumor (v. 2.^o) = boato.
 2 — Orelhas (v. 5.^o) = ouvidos (Cf. franc.: *oreilles*).
 3 — Capitão (v. 6.^o) = Vasco da Gama.

- 10 1 — *Volvem o cabrestante* (v. 6.^o) = = rodam o cabrestante, levantando as âncoras.
 2 — *Quebram co peito... a barra* (v. 8.^o): impelem as barras (do cabrestante) com os peitos (e com as mãos).



Cabrestante (Cf. IX, 10)
 Reproduzido da ed. de Otoniel Mota, p. 367.

- 11 *Rei* (v. 3.^o) = Samorim.
- 12 *Tornando* (v. 7.^o) = entregando, restituindo.
- 13 1 — *Rei gentio* (v. 2.^o) = Samorim.
 2 — *Aquela terra, que se entende pela Aurora* (vv. 5.^o e 6.^o) = a Índia.
 3 — *Certos* (v. 8.^o) = exactos.
- 14 1 — *Seca flor de Banda* (v. 5.^o) = «arilha» — que envolve a noz-moscada. Nas ilhas de Banda, vive a moscadeira.
 2 — *Negro cravo* (v. 6.^o) = cravo-da-india.
 3 — *Nova* (v. 7.^o) = recentemente descoberta.
- 15 1 — *Houvera* (v. 1.^o) = conseguira.
 2 — *De Angélica influência* (v. 3.^o). — Ag. da passiva.
 3 — *Escura treva* (v. 6.^o) = Islamismo.
 4 — *Pátria verdadeira* (v. 8.^o) = Céu cristão.
- 16 1 — *Meta Austrina da Esperança Boa* (v. 4.^o). — Perífrase * (= cabo da Boa Esperança).
 2 — *Cometendo* (v. 7.^o) = combatendo.
 3 — *Tímidos e ledos* (v. 8.^o) ref. aos navegantes portugueses.
- 17 1 — *Penates* (v. 2.^o) = lares. (Própriamente: deuses romanos protectores do lar).
 2 — *Peregrina* (v. 3.^o) = estrangeira, que anda por terras ou mares longínquos (CS, pp. 184-150).
- 18 1 — *Deusa Cipria* (v. 1.^o) = Vénus+, que tinha muitos devotos em Chipre [= *Cipro* < *CYPRU*-(Lat.). Cf. Canto V, 5].
 2 — *Padre eterno* (v. 3.^o) = Júpiter+.

- 3 — V. 5.^o — Aproxime-se o conteúdo deste verso do que encerram as oitavas 89 e seg. deste canto e 73 do canto X: significado da «ilha de Vénus».
- 19 1 — *Deus nacido/nas Anfioneias*¹ *Tebas* (vv. 3.^o e 4.^o) = Baco+, nascido em Tebas.
 2 — *Tebas* (*ibid.*), aqui, é plural (Cf. nas Anfioneias): lat. *Thebae*, -arum.
 3 — *Anfioneias* (*ibid.*) = de *Anfião*, filho de Júpiter+. *Construiu os muros de Tebas*, tocando maviosamente a lira: a música atraía as próprias pedras que, unindo-se umas às outras, formavam as fortificações...
 4 — *Se* (*ibid.*) é partícula apassivante. Repare-se no agente da passiva pronominal — possível no port. antigo. — Cf. SS, p. 264; ASJ, p. 833 (*Guia interpretativo*).
- 20 1 — *Refocilar* (v. 2.^o) = recrear, dar folga a.
 2 — *Idade* (v. 4.^o) = duração da *vida* humana (Lat.: *aetas* = vida) (CS, p. 117).
- 21 1 — *Aparelhada* (v. 2.^o) = preparada.
 2 — *Reino* (v. 5.^o) = mar.
 3 — [Mãe] — Esta palavra não existe na 1.^a ed. *E e*. Leia-se o comentário de JN, p. 308, e reparo a JR.
 4 — *Portas Herculanais* [(= de Hércules+), v. 8.^o] = Estreito de Gibraltar.
- 22 1 — *Aquáticas donzelas* (v. 1.^o) = Ninfas marítimas.
 2 — *Coreias* (v. 5.^o) = bailados.
- 23 1 — *Aquele/que de Anquises...* (vv. 1.^o e 2.^o) = Eneias.
 2 — (No) *campo* (*que a bovina pele*)... (v. 3.^o) = Cartago.
- 24 1 — *As aves* (v. 1.^o) = os cisnes.
 2 — *Aquelas em que já...* (vv. 3.^o e 4.^o) — as pombas.
 3 — *Peristera* (v. 4.^o) = Ninfa convertida em pomba por Cupido+.
 4 — *Lascivos* (v. 6.^o) = amorosos.
 5 — «Ela (...) o ar e o vento/sereno faz» (vv. 7.^o e 8.^o). — Se todos os compl. directos são do mesmo género, o adjectivo toma o género dos compl. directos. Cf. (ED S, p. 49).

1 Seguimos a grafia de JR e ASJ. ED escreveu *Amphioneas* e HC, *anfíoneas* (texto) e *anfíonias* (nota). Em JN e JN Dic, lê-se *anfíoneas* (cf. lat. *amphionius*, a, um).

- 25 1 — *Idálios* (v. 1.^o) = da Idália, na ilha de Chipre.
 2 — *O filho frecheiro* (v. 2.^o) = Cupido+.
 3 — Vv. 5.^o e 6.^o — Vid. HC Ép, p. 69: a sátira social n'«Os Lusíadas».
- 26 1 — *Acteon*¹ (v. 1.^o) = *Actéon* (Cf. II, 35): grande caçador, convertido por Diana em veado e logo devorado pelos cães que o acompanhavam. — Haverá aqui alusão mordaz à relutância de D. Sebastião pelo casamento?...
 2 — *Cães* (v. 8.^o) = os adúladores do paço (HC Ép, p. 72).
- 27 1 — *Filáucia* (v. 4.^o) = bazófia, vaidade. — Do grego: *φιλαυτία*, -ας = egoísmo.
 2 — *Vendem adulação* (v. 7.^o) = adulam.
 3 — *O novo trigo* (v. 8.^o) = El-Rei D. Sebastião. — Metáfora*.
- 28 1 — *À pobreza/amor divino, e ao povo caridade* (vv. 1.^o e 2.^o). — Meditar, a propósito, nas sublimes vidas de S. Francisco de Assis², de S. Vicente de Paulo, de S. Francisco de Sales.³ Não se esqueça, igualmente, «O Problema da Economia à Luz da Mensagem Franciscana» pelo Card. Montini, actual Papa Paulo VI.
 2 — Vv. 4.^o e 5.^o. — Poesia social (HC Ép, p. 73).
- 29 *Seus ministros* (v. 5.^o) = outros Amores (Cf. v. 3.^o da est. n.^o 25).
- 30 1 — *Mininos voadores* (v. 1.^o) = Amores.
 2 — *Ferros passadores* (v. 3.^o) = setas.
 3 — *Concertada* (v. 7.^o) = harmónica.
- 31 *Consume* (v. 8.^o) = mata.
- 32 1 — *Crebros* (v. 3.^o) = frequentes (Latin. — «Parece ser ex. único na nossa língua literária.» — (CS, p. 195).
 3 — *Da seta aguda* (v. 4.^o). — Ag. da passiva.

1 Grafia de HC, JR e ED — no texto. O Prof. Torrinha, no *Dic. Latino-Português*, porém, escreve *Actéon*. O mesmo faz o Prof. Epifânio — nas *notas* (Cf., por ex., 2.^o vol., p. 165). Em grego, *Ἀκταίων, ὄνος*.

2 Ler, por ex., «Mensagem de S. Francisco» e «A Verdadeira Alegria», ed. «Metanóia» (trad. port.).

3 «Introduction à la vie dévote». — Há trechos desta obra em «Morceaux Choisis» de J. Calvet.

- 33 1 — *Triaga* (v. 4.^o): remédio amargo e antigo.
2 — *Ervas* (v. 8.^o): produtos vegetais capazes de envenenar.
- 34 1 — *Altos* (v. 5.^o): de elevada condição social.
2 — *Bibli* (v. 7.^o): apaixonada pelo próprio irmão.
3 — *Cinireia* (*ibid.*): apaixonada pelo próprio pai.
4 — *Um mancebo de Assíria* (v. 8.^o) = Antíoco, apaixonado pela madrasta.
5 — *Um de Judeia* (*ibid.*): Amnon, filho de David; apaixonou-se pela irmã.
- 35 1 — *Vulcâneas* (v. 4.^o): usadas por Vulcano+, com o fim de prender a esposa infiel (Vênus+) e Marte+, juntamente. Mostrou, depois, os amantes às outras divindades scandalizadas.
2 — *Mãe* (v. 8.^o) = Vênus+.
3 — *Minino* (*ibid.*) = Cupido+.
- 36 1 — *Dione* (v. 3.^o) = Vênus+.
2 — *Frecheiro* (v. 5.^o) = Cupido+.
3 — *Vem* (v. 7.^o) = vêm, forma do v. *vir*.
- 37 1 — *Armas Tifeias* (v. 6.^o) = raios de Júpiter+ (que fulminaram Tifeu).
2 — *Tens em nada* (*ibid.*) = desprezas.
- 38 1 — O relativo *que* do v. 2.^o refere-se a *Lusitanos*, ideia que está contida no adjectivo *Lusitânicas*. Cf. EB, p. 155.
2 — *Parcas* (v. 3.^o): três divindades que, como já vimos, decidiam do destino de cada homem.
- 39 1 — *Sós* (v. 3.^o). — Adj.-adv. .
2 — *Clara* (v. 8.^o) = ilustre (Lat.).
- 40 1 — *Filhas de Nereu* (v. 2.^o) = Nereidas.
2 — *No ponto* (*ibid.*) = no mar (lat.: *pontu*-).
3 — *Vem* (v. 4.^o) = vêm, forma do v. *vir*.
4 — Vv. 6.^o-7.^o: «a «ilha» [de Vênus] é, na origem, submersa, ou seja uma porção de terra (...) na profundidade do mar» (R. Franca, *Ínsula Divina*, p. 13).
5 — *Aparelhada* (v. 7.^o) = preparada.
6 — *Flora* (v. 8.^o): deusa da Primavera e das flores.
7 — *Zéfiro* (*ibid.*): vento suave e, na mitol., mensageiro da Primavera. Casou com Flora.
- 41 *De amor* (v. 7.^o). — Ag. da passiva.
- 42 1 — *No reino Neptunino* (v. 1.^o) = no mar.
2 — *Eu* (v. 2.^o) = Vênus+.
3 — *Adamantino* (*ibid.*) = de diamante (o corpo mais duro).

- 43 1 — *Inico* (v. 1.^o) = travesso. Cf. canto II, oitava 64, v. 6: *iniqua*, latinismo. CS, p. 31.
2 — *Se apercebe* (v. 2.^o) = se arma.
3 — *Ebúrneo* (v. 3.^o) = de marfim (Latin.).
4 — *Embebe* (v. 4.^o) = introduz no arco que há-de impleli-las.
5 — *A Cipria* (v. 5.^o) = Vênus+, que tinha muitos devotos em Chipre.
6 — *Aves* (v. 7.^o) = cisnes.
7 — *Faetonteia* (v. 8.^o) = de Faetonte, filho de Apolo+. Vid. I, 46. Esta é a forma registada por JR e ASJ. JN prefere *faetonteia*, que igualmente se encontra na 10.^a ed. de Morais. Cf. lat. *Phaëthontēus*, -a, -um.
- 44 *Deusa Giganteia* (v. 5.^o) = Fama, irmã dos Gigantes.
- 45 1 — Verso 1.^o. — Em J. Nogueira, *Vão-na... mandam-na...* Como se sabe, Ramalho Ortigão ainda escrevia os pronomes pessoais apocliticos como se encontram neste passo da ed. E e de Camões.
2 — *Navegante* (v. 3.^o). — Adj. partic. .
- 46 1 — *Rumor* (v. 1.^o) = reputação.
2 — Vv. 5.^o e 6.^o. — Resumo de elementos da experiência amorosa do Poeta?
- 47 1 — *Caí* (v. 7.^o) é, neste passo, dissílabo: *ca-i*.
2 — Vv. 7.^o e 8.^o = Qualquer das Ninfas cai, sem ainda contemplar o vulto do homem que ama, porque a Fama pode tanto como a contemplação (= a vista) do amado.
- 48 1 — *Cornos* (v. 1.^o) = pontas.
2 — *Lũa* (*ibid.*) = arco (de Cupido+).
3 — *Tethys*+ (v. 3.^o). — Obj. directo de *ferir*.
4 — *Nenhũa* (*ibid.*) = qualquer. — Vid. GF, p. 164.
5 — *Nos equóreos campos* (v. 6.^o) = no mar. — *Equóreo* é latinismo. «*Aequoreus* ocorre nas *Geórgicas*, III, 243, e *aequor* aparece a cada passo na *Eneida*, alternando com *mare*, *unda* e os helenismos *pelagus* e *pontus*.» — CS, p. 177, nota n.^o 6.
6 — *Morrendo* (v. 8.^o) = finando-se (de amor).
- 49 1 — *Cerúleas* (v. 1.^o) = azuis.
2 — *Medicina* (v. 2.^o) = remédio. Cf. pop.: *mèzinha*.
3 — *Vem* (v. 4.^o) = vêm, forma do v. *vir*.
4 — *Pudicícia* (v. 7.^o) = pudor.

- 50 *Do doce amor* (v. 7.^o). — Ag. da passiva.
- 51 1 — Vv. 1.^o e 2.^o. — Notar o sábio aproveitamento do ritmo iâmbico.
2 — *Namorada* (v. 6.^o) = amorosa.
3 — *A mãe formosa/de Menónio* (vv. 7.^o-8.^o) = A Aurora.
- 52 1 — Vv. 1.^o-2.^o e 7.^o-8.^o. — Notar esta característica da «ilha de Vénus»: desloca-se, sobre as águas, segundo a vontade da deusa, que, depois, a há-de tornar imóvel (vv. 1.^o e 2.^o da est. 53).
2 — *Acidália* (v. 8.^o) = Vénus+, que, com as Graças, gostava de banhar-se na fonte *Acidália*, na Beócia.
- 53 1 — *Fez* (v. 1.^o) = tornou.
2 — *Como* (*ibid.*). — Conj. subord. temp. (= quando).
3 — *Dos nautas* (v. 2.^o). — Ag. da passiva (= pelos Portugueses).
4 — *Tanto que* (v. 3.^o) = logo que, quando.
5 — *Latona* (v. 4.^o) = mãe de Apolo+.
6 — *Febo* (*ibid.*) = Apolo+.
7 — *A Deusa à caça usada* (*ibid.*) = Diana+.
8 — *Pintou* (v. 8.^o) = enfeitou (Cf. latim: *pingō*).
9 — *Citereia* (*ibid.*) = Vénus+, que teria nascido junto da ilha de *Citera*, da espuma do mar. — Quadro célebre: *Nascimento de Vénus*, por Botticelli.
- 54 1 — *Três fermosos outeiros...* — Acerca da *natureza*, nesta «ilha de Vénus», vid.: **HC Ép**, pp. 182-185; **HC LI**, pp. 224-240. Leia-se, também, **APC** (Para esclarecimento da essência do *sentimento da natureza* em geral).
2 — *Linfa* (v. 8.^o) = água.
- 55 1 — *Mesa* (v. 3.^o) = lago.
2 — *Afeitar-se* (v. 6.^o) = enfeitar-se.
- 56 1 — *A cor que...* (v. 4.^o) = loira.
2 — *Dafne* (*ibid.*): ninfa amada por Apolo+. Foi metamorfoseada em loureiro pelo próprio pai, para evitar os excessos do amante.
- 57 1 — *Alcides* (v. 3.^o) = Hércules.
2 — *Louro Deus* (v. 4.^o) = Apolo+. — *Do louro Deus*: ag. da passiva.

- 3 — *Citereia* (v. 5.^o) = Vénus+ (vid. n.^o 9, nas anotações à est. 53 deste canto).
- 4 — *Cíbele* (v. 6.^o): deusa cujo amante foi metamorfoseado em pinheiro. — Fora do verso, *Cíbele* (lat. *Cybēlē*, *ēs* e *Cybēla*, *ae*).
- 58 1 — *Pomona* (v. 1.^o): deusa dos jardins e das árvores frutíferas.
2 — V. 6.^o. — Notar a suposta relação etimológica entre *amoras* e *amores*.
3 — *Milhor tornado* (v. 8.^o) = melhorado.
- 59 *Roxos* (v. 4.^o) = maduros.
- 60 1 — *Aqueménia* (v. 3.^o) = Pérsia. (Própriamente: província da Pérsia). — Sinédoque*.
2 — *A flor Cifisia* (v. 5.^o) = Narciso (que foi amado pela ninfa Eco e transformado em flor).
3 — *O filho e neto de...* (v. 7.^o) = *Adónis* (transformado em *anémoma*).
4 — *Deusa Páfia* (v. 8.^o) = Vénus+, adorada na cidade de *Pafos* (Cf. canto V, 5).
- 61 1 — *Zéfiro* (v. 5.^o): marido de Flora, vento brando do Ocidente.
2 — *Flora* (*ibid.*): deusa da Primavera e das flores, casada com Zéfiro.
3 — *Violas* (v. 6.^o) = violetas ou goivos (Cf. lat.).¹
- 62 1 — *Cândida cecém* (v. 1.^o) = açucena branca.
2 — *Das matutinas/lágrimas* (v. 1.^o e 2.^o) = pelas lágrimas (= orvalho) da manhã. — Ag. da passiva.
3 — *Vem* (v. 3.^o) = vêm, forma do v. ver.
4 — *Flores Hiacintinas* (*ibid.*) = esporas (*Delphinium Ajacis*, L.) [nascidas do sangue de um amigo de Apolo+, *Hyacinthos*, *ī*², por ele morto involuntariamente. Nelas viam os Antigos, ora a inicial de (H) YACINTHO/ *Ἰάκινθος*; ora a exclamação de dor — AI — soltada pelo jovem, ao morrer. Estas duas últimas letras vêm-se, nitidamente, naquelas flores].

1 Cf. **FC** (...) «a violeta branca, a *pálida viola* [Écl. «Que grande variedade...»] do Camões, é o *Leucoium incanum maius* de Bauhino» (...). «As plantas deste género cabe hoje a designação vulgar de «goivos»» (pp. 13 e 19).

2 Ou *Hyacinthus*, *i* (Lat.) = *Jacinto*.

Vid. FH, pp. 11-12.¹

5 — *Clóris* (v. 6.^o) = Flora (vid. 61, 2).

6 — *Pomona* (*ibid.*): deusa dos frutos.

63 1 — *A longo*. Assim está escrito na ed. *E e* (oitava n.^o 914) e na de **JR. JN** prefere *Ao longo* (no vol. de texto no que intitula *Dic. e Gram. de Os Lus.*, p. 250, verbete «**Locuções** encontradas no poema». Noutros lugares do poema, todavia, temos, efectivamente, *Ao longo* II, 63; IX, 67; X, 140).

2 — *Filomela* (v. 2.^o) = = rouxinol. Pròpriamente: Filomela, filha de um rei ateniense, transformada nesta ave).

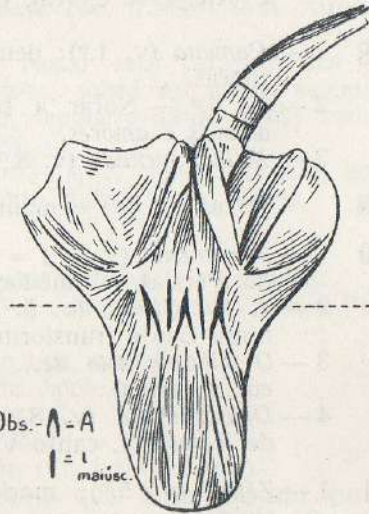
3 — *Acteon* (v. 4.^o): cf. 26, neste canto.

4 — *Ô* [na 1.^a ed. *E e*] *leve* (v. 8.^o). — *Ô* (= art. *o* actual) deve pronunciar-se *Ô*. — Cf. Anot. à oitava n.^o 100 do canto III.

64 1 — *É*, particularmente agora, desde esta oitava, que, em cursos superiores, há-de estudar-se a *sensibilidade do Poeta renascentista*, próxima «da estesia pagã de Teócrito», segundo é sugerido em **CPB**, relacionando as cenas aqui descritas com as da *écloga VI* (em **JR LI**, pp. 219-232).

2 — *Os segundos Argonautas* (v. 2.^o) = os navegadores portugueses.

3 — *Citaras* (v. 5.^o): instrumentos de corda.



Obs. - A - A
| = 1
marisc.

Corola espalmada, muito aumentada, do *Delphinium Ajacis*, onde se vêem as letras AIAIA na linha indicada na fig. D'«O Instituto», vol. 75.^o, n.^o 4, publ. em 1928.

¹ Na Biblioteca do Liceu Nacional do Funchal, há exemplares destas flores, gentilmente oferecidas pela ilustre Autora.

65 1 — *Mestra experta* (v. 1.^o) = *Vênus* +.
2 — *Dos barões* (v. 3.^o). — Ag. da passiva.
3 — *Forma descoberta* (v. 5.^o) = nudeza.

66 *Ericina* (v. 8.^o) = *Vênus* +, por ter um templo no monte *Erix*, na Sicília.

67 1 — *Besta* (v. 1.^o): «arco aperfeiçoado, que se arma mecanicamente, e tem uma coronha para facilitar a pontaria e dar direcção às flechas.» (**OS**, p. 81).

2 — *Cervos* (v. 2.^o) = veados.

3 — *Altas sestas* (v. 5.^o) = calor ardente do Sol.

68 1 — *Diferente* (v. 5.^o) = variada.

2 — *Humanas rosas* (v. 7.^o) = mulheres.

69 1 — *Sagrada* (v. 4.^o) = consagrada.

2 — *Imprudentes* (v. 8.^o) = ignorantes.

70 1 — *Isto dito* (v. 3.^o). — Propos. partic. . Galicismo.

2 — *Industriosas* (v. 6.^o) = astutas.

71 1 — *De indústria* (v. 5.^o) = de propósito, calculadamente.¹

2 — *Empecendo* (v. 7.^o) = tropeçando. Segundo alg. intérpretes, *impedindo*.

72 *Força* (v. 6.^o) = violência (dos Portugueses que as perseguem).

73 1 — *A Deusa caçadora* (v. 2.^o) = *Diana* +, deusa da caça e da castidade.

Mora (v. 6.^o) = demora.

74 1 — O v. 3.^o é defeituoso. Seguimos, todavia, a lição do Prof. J. M. Rodrigues, tomada da ed. príncipe.

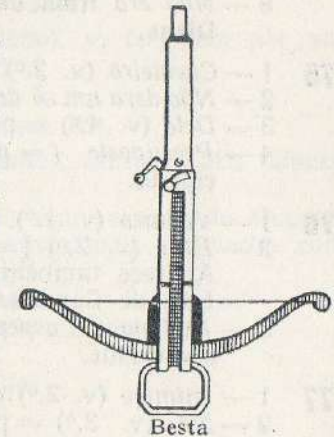
JN prefere, com **ED**, *no rosto*. **ASJ** escreve [*ao*] *rosto*.

2 — *Garçenha* (v. 4.^o) = garça.

3 — *Mal sofrido* (v. 5.^o) = impaciente.

4 — *Remete* (v. 8.^o) = arremete.

5 — *À* (*ibid.*) = à *Ninfa*.



¹ Cf. lat. cláss. *indūstrius*, do ant. lat. *endōstruos*, «engenheiro, activo, laborioso», de *endō*, «dentro» e *struō*, «construo». — M. Niedermann, *Phon. Hist. du Latin*, p. 41.

- 6 — *Febo* (*ibid.*) = Apolo+.
 7 — *Irmã de Febo* (*ibid.*) = Diana+, deusa da caça e da castidade.
 8 — *Não era irmã de Febo* (*ibid.*) = não era casta como Diana.
- 75 1 — *Cavaleiro* (v. 2.º) = valente, corajoso.
 2 — *Não dera um só desgosto* (v. 3.º) = dera muitos desgostos.
 3 — *Dele* (v. 4.º) = por ele, pelo Amor. — Ag. da passiva.
 4 — *Prosuposto* (= *pressuposto*) (v. 5.º) = opinião antecipada.
- 76 1 — *Ventura* (v. 1.º) = má sorte.
 2 — *Efire* (v. 2.º) [= *Éfire*]: ninfa desta «ilha de Vénus». Aparece também, por ex., na já citada *écloga VI* de Luís de Camões.
 3 — *Indigna de aspezeza* (v. 6.º) = a quem ficaria mal a severidade.
- 77 1 — *Inimigo* (v. 2.º) = perseguidor.
 2 — *Na* (v. 3.º) = para a. [Construção usada no português antigo: *em* em vez de *a* ou *para*.]
 3 — *Ventura* (v. 5.º) = má sorte.
- 78 1 — *Que* (v. 1.º). — Conj. subordin. causal (= porque).
 2 — V. 8.º. — Verso de Petrarca, «Rime», ed. de Bellorini, 1944, vol. I, p. 88 [Trad.: «Entre a espiga e a mão, ergue-se (sempre) um muro»].
- 79 1 — *Emperador* (v. 5.º) = general.
 2 — *Ventura* (v. 6.º) = má sorte.
 3 — *Em quanto* (v. 7.º) = em tudo quanto.
- 80 1 — *Essa alma* (v. 5.º) = a alma de Lionardo.
 2 — *Fios de ouro* (v. 6.º) = cabelos loiros.
- 81 1 — *Sofrerás* (v. 2.º) = hás-de suportar.
 2 — *Na virtude* (v. 3.º) = pelo poder.
 3 — *Gesto* (*ibid.*) = rosto.
 4 — *Estrela* (v. 4.º) = sorte.
- 82 1 — V. 1.º. Segue-se a pontuação de JR. JN interpreta diferentemente, colocando a vírgula logo depois de *Ninfa*.
 2 — *Cara* (v. 2.º) = rogada.
 3 — *Santo* (v. 5.º) = complacente.
 4 — *Puro amor* (v. 8.º) = «amor passionai», «amor sem qualquer mistura de outro sentimento» (RB CP, p. 66).
- 83 1 — *Sesta* (v. 5.º) = tarde.
 2 — *Inflamava* (v. 6.º) = tornava mais ardente.

- 84 1 — *Capelas* (v. 3.º) = grinaldas.
 2 — *Estipulantes* (v. 6.º) = solenes.
- 85 1 — *Hũa delas* (v. 1.º; cf. v. 3.º) = Tethys+.
 2 — *Capitão* (v. 6.º) = Vasco da Gama.
- 86 *Da unida Esfera* [(= do globo), v. 5.º] tem por antecedente *os segredos* (v. 7.º).
- 87 1 — *Fábrica* (v. 3.º) = edifício.
 2 — *Ela* (v. 7.º) = Tethys+ (Cf. est. 85).
- 88 *Alma* (v. 3.º) = reconfortante, santa (Lat.: *almus*, -a, -um, adj.).
- 89 1 — *Tethys+* (v. 2.º): deusa do mar, esposa do Oceano.
 2 — *É* (v. 3.º). — Note-se a concordância do verbo com o nome predicativo do sujeito.
 3 — *Maravilha* (v. 7.º) = admiração.
- 90 1 — *Imortalidade* (v. 1.º): condição de imortal.
 2 — *Fingia* (*ibid.*) = inventava.
 3 — *Estelante* (v. 3.º) = constelado.
 4 — *Fragoso* (v. 7.º) = pedregoso.
- 91 1 — *Febo* (v. 5.º) = Apolo+.
 2 — *Quirino* (v. 6.º) = Rómulo.
 3 — *Os dous Tebanos* (*ibid.*) = Hércules+ e Baco+.
 4 — V. 8.º. JN coloca vírgula depois de *humana*; JR, ponto final.
- 92 1 — *Indigetes* (v. 4.º): homens ilustres, venerados como divindades, após a morte.
 2 — *Magnos* (*ibid.*) = Grandes. Pronunc.: *manhos* (Cf. rima). — Qualificativo romano de todos os deuses, excepto Júpiter (= *Maximus*).
 3 — *Ignavo* (v. 7.º) = indolente.
- 93 1 — *Urgente* (v. 4.º) = que oprime. (Lat.: *urgere* = apertar, oprimir. — Cf. CS, p. 153).
 2 — Nota-se o quiasmo*:
 ... merecê-los X ... os ter.
 ... possuí-los X ... os merecer.
- 94 1 — *Iguais* (v. 1.º) = equitativas.
 2 — *Dem* (v. 2.º) (= dêem), forma do v. *dar*.
 3 — *O dos pequenos* (*ibid.*) = aquilo que é dos humildes.
 4 — V. 4.º e v. 6.º. Seguimos a pontuação de JR. No fim do v. 4.º e no do 6.º, JN coloca ponto final.
- 95 1 — *Claro* (v. 1.º) = ilustre (Lat.). Exerce, no verso, a função de nome predic. do objecto directo.
 2 — *Passados* (v. 4.º) = antepassados.
 3 — *Numerados* (v. 6.º): mencionados, inscritos.

CANTO X

ASSUNTO	Localização — Sugestão artística. — Fonte hist.
— Tethys e as restantes Ninfas oferecem um BANQUETE aos navegantes.	1 — 4 Est. n.º 1: Ovídio — <i>Met.</i>
— Uma NINFA descreve os futuros feitos dos Portugueses.	5 — 7 { Est. n.º 5: Ovídio — <i>Met.</i> ; est. n.º 7: Sannazzaro — <i>De Partu Virginis.</i>
— O POETA, PORÉM, INTERROMPE-LHE A DESCRIÇÃO, E INVoca, DE NOVO, CALÍOPE.	8 — 9
— A NINFA prossegue, ocupando-se dos heróis e governadores da Índia.	10 — 73 { Est. n.ºs 11 a 19; 26 a 31; 34 a 45; 50 a 65; Cast. — <i>Hist. do Desc. e Conq. da Índia</i> ; Est. 22: Góis — <i>Crónica de D. Manuel</i> ¹ .
— TETHYS conduz o Gama ao alto de um monte, onde lhe mostra uma <i>miniatura do Universo</i> .	74 — 90 { Est. n.º 80: J. de Sacrobosco — <i>Sphaera</i> (ed. de 1556); Pedro Nunes: — <i>Tratado da Sphaera</i> .
• O sumo Deus.	85
— TETHYS descobre, no orbe terrestre, <i>os lugares, onde os Portugueses hão-de praticar altos feitos.</i> ² Passos relevantes:	91 — 141
• <i>D. Filipe de Meneses.</i>	104

(Cont.)

¹ Prof. J. M. Rodrigues, ed. d'«Os Lusíadas», p. CCVII: «O Poeta, seguindo, aliás, no encalço de Góis, *Crónica de D. Manuel*, 1.ª parte, cap. 100 (Lisboa, 1566), é injusto com D. Manuel». Deve ler-se, nesse mesmo lugar, a erudita justificação do ilustre Mestre.

² Al se inclui o episódio de São Tomé.

ASSUNTO	Localização. — Sugestão artística. — Fonte hist.
• <i>Episódio de S. Tomé</i>	108 — 119
— TETHYS despede os <i>Portugueses — que embarcam para a Pátria.</i>	142 — 143
— <i>Chegada a Portugal.</i>	144
— LAMENTAÇÕES, EXORTAÇÕES A D. SEBASTIÃO E VATICÍNIOS DE FUTURAS GLÓRIAS.	145 — 156

- 1 1 — *Mas já o claro...* (vv. 1.º e 2.º). — Perífrase * (= Era ao pôr do Sol).
- 2 — *O... amador da Larisseia/adúltera (ibid.)* = Apolo+, atraído pela ninfa Corónis (nascida em *Larissa*).
- 3 — *Os animais* (v. 2.º): os quatro cavalos que puxavam o carro de Apolo+ (= Sol).
- 4 — *Temistitão* (v. 4.º) (própriamente: *Tenochtitlan*): cidade do México.
- 5 — *Fins (ibid.)* = territórios (Cf. lat.: *finis*).
- 6 — O 5.º v. apresenta vírgula, depois de *Sol*, em **JR**. Não existe em **JN**.
- 7 — *Favónio* (v. 5.º) = Zéfiro, casado com Flora. Vento brando do Ocidente.
- 8 — *Agrava* (v. 8.º) = murcha.
- 2 1 — *Conformes* (v. 2.º) = submetidas.
- 2 — *Rainha* (v. 5.º) = Tethys+.
- 3 — *Aparelhadas* (v. 7.º) = preparadas.
- 3 1 — *Claro* (v. 4.º) = ilustre (Lat.).
- 2 — *Fulvo* (v. 7.º) = loiro.
- 4 1 — *Falerno* (v. 2.º): vinho excelente da Campânia, muito celebrado por Horácio, por ex., na *Ode XX*.
- 2 — *Ambrósia* (v. 3.º): manjar com que se deliciavam os deuses, no Olimpo (< Lat.: *ambrosia*; gr.: *ἀμβροσία*).
- 3 — *Jove (ibid.)* = Júpiter.
- 4 — *Ajuntamento sempiterno* (v. 4.º) = conjunto das divindades.

- 5 — *Vasos, onde em vão trabalha a lima* (v. 5.^o) = vasos de diamante (cuja dureza impede o trabalho da lima).
- 5 1 — *Práticas...troçavam* (v. 1.^o) = conversavam.
 2 — Vv. 6.^o-7.^o — Alusão à descida de Orfeu ao inferno (pagão), onde a sua música comoveu o próprio Plutão.
 3 — *Profundo Reino* (v. 6.^o) = inferno (pagão).
 4 — *Nus espíritos* (*ibid.*) = almas sem corpos (as dos mortos).
 5 — *Sirena* (v. 8.^o) = sereia. — É latinismo.
- 6 1 — *Igual* (v. 3.^o) = perfeita (Epif.).
 2 — *Casas naturais* (v. 7.^o) = cavernas.
- 7 1 — *Proteu* (v. 3.^o): filho do Oceano e de Tethys+, guarda dos peixes de Neptuno+. Cf. canto VI, oitava n.^o 36.
 2 — *Rotundo* (v. 4.^o) = redondo (Lat.).
 3 — Júlio Nogueira coloca ponto final no fim do verso 5.^o.
 4 — *Reino fundo* (v. 8.^o) = fundo do mar.
- 8 1 — *Coturno* (v. 1.^o) = estilo pomposo, solene. (Própria-mente, *coturno* = calçado dos actores trágicos.)
 2 — *Soco* (*ibid.*) = estilo trivial. (Própria-mente, *soco* = calçado dos actores cómicos).
 3 — *Imenso lago* (v. 2.^o) = mar.
 4 — *Iopas* (v. 3.^o): cantor cartaginês, presente no banquete oferecido por Dido a Eneias.
 5 — *Demodoco* (palavra grave, no verso) = *Demódoco*. — Cantor da corte do rei Alcino, que recebeu gentilmente a Ulisses.
 6 — *Feaces* (v. 4.^o): povo governado pelo rei Alcino (Cf. n.^o anterior).
 7 — *Calíope* (v. 5.^o): musa da poesia épica (Cf. Anotações a III, 1).
- 9 1 — *Fortuna* (v. 3.^o) = desventura, pouca sorte.
 2 — *Engenho* (*ibid.*) = talento.
 3 — *Rio/do negro esquecimento...* (vv. 5.^o-6.^o): rio Letes, do inferno (pagão), cujas águas tiravam a memória.
 4 — *Grão rainha/das Musas* (vv. 7.^o-8.^o) = Calíope.
- 10 *Gentios Reis* (v. 5.^o) = soberanos da Índia.

- 11 *Um que tem...* (v. 1.^o) = rei de Cochim, nosso fiel aliado da Índia. — Note-se:...*de um que tem* = acerca de um...
- 12 1 — *Belém* (v. 2.^o): povoação da margem direita do Tejo.
 2 — *Grão Pacheco* (v. 4.^o) = **Duarte Pacheco Pereira**.
 3 — *Aquiles* (*ibid.*): guerreiro notabilíssimo, que participou na guerra de Tróia.
 4 — *Curvo lenho* (v. 6.^o) = navios. — Sinédoque *.
 5 — *Troncos* (v. 7.^o) = navios. — Sinédoque *.
- 13 1 — *Fins* (v. 1.^o) = territórios (Lat.: *fines*, -ium).
 2 — *Naturais* (v. 3.^o) = indígenas.
 3 — *Salgado e curvo rio* (v. 4.^o) = rio de Cochim.
 4 — *Passo* (v. 6.^o) = estreito.
 5 — *Cambalão* (*ibid.*): ilha próxima de Cochim.
 6 — Vv. 6.^o-7.^o — Hipérbole *.
- 14 1 — *Gente nova* (v. 1.^o): reforços.
 2 — *Bipur* (v. 2.^o)... *Tanor* (*ibid.*): reinos da costa do Malabar (Ocidente da Índia).
 3 — *Narsinga* (v. 3.^o): reino indiano, no Decão.
 4 — *Alta prova* (*ibid.*): notáveis feitos bélicos.
 5 — *Leis* (v. 7.^o) = religiões: a dos Brâmanes e a dos Muçulmanos.
 6 — *Immigas* (*ibid.*):... relativamente à Religião Católica.
- 15 1 — *Vão... vãos...* (v. 8.^o). — Antanáclase *.
 2 — *Imotos* (*ibid.*) = impassíveis.
- 16 1 — *Passos* (v. 1.^o) = estreitos.
 2 — *Cão* (v. 3.^o) = Samorim.
 3 — *Fazem rasas* (v. 4.^o) = arrasam.
 4 — *Da vida pouco escassos* (v. 5.^o) = pouco preocupados com a vida.
 5 — *De um noutro* (v. 8.^o) = de um para outro. Cf. coment. à oitava 32, canto II (n.^o 2).
- 17 1 — *Andor sublime* (v. 4.^o) = palanquim alto.
 2 — *Manha* (v. 5.^o) = estratégia.
 3 — *Estime* (v. 6.^o) = tenha em conta (Lat.).
 4 — No 8.^o v., há *parênteses*, em JR; *travessões*, em JN.
- 18 *Fora de uso* (v. 6.^o) = ainda não conhecidas.

- 19 1 — *Vã* (v. 4.^o) = inútil.
2 — *Claro* (v. 5.^o) = ilustre (Lat.).
3 — *Márcio jogo* (*ibid.*) = guerra.
- 20 1 — *Cães* (v. 4.^o) = Mouros e povos indianos do Samorim — Injúria.
2 — *Não imbeles* (*ibid.*) = não pacíficos, belicosos.
3 — *Profligados* (*ibid.*) = derrotados, destruídos.
- 21 1 — *Aquele...* (v. 1.^o) = Milcíades.
2 — *Cocles* (v. 5.^o) = Horácio Cocles, que, sozinho, defendeu uma ponte sobre o Tibre, atacada pelos Etruscos.
3 — *Ausónios* (*ibid.*) = Italianos. (Própriamente: da Itália central e meridional). — Sinédoque *.
4 — *Tusco* (v. 6.^o) = Etrusco.
5 — *Quinto Fábio* (v. 7.^o): cônsul romano, cognominado o *Cunctator* = contemporizador, pela prudência e demora da sua intervenção, nas lutas contra Aníbal.
- 22 1 — *Ronco* (v. 2.^o) = rouco, grave.
2 — *Agardecido* (v. 4.^o) = recompensado.
3 — *Belisário* (v. 5.^o): general do Império Bizantino, do tempo de Justiniano que, segundo a tradição, aproveitada por Camões, teria deixado à esmola, no fim da vida, aquele oficial a quem muito devia. (Cf. JR, p. CCVIII).
- 23 *Lei* (v. 6.^o) = religião.
- 24 1 — *Isto* (obj. directo) *fazem* (pred.) *os Reis* (sujeito). — «Quando os pron. *isto, isso, aquilo, o mesmo e este, esse, aquele, o mesmo* (com os seus substantivos), sendo complementos do predicado, se transportam enfaticamente para o princípio da or. (principal), o sujeito pospõe-se ao verbo». Cf. ED S, pp. 310-311.
2 — *Aiace* (v. 3.^o) = Ájax: herói grego, participante na guerra de Tróia. Morto Aquiles, julgou-se (e era-o) merecedor das armas (= os prémios de que fala Camões) deste guerreiro ilustre; mas o eloquente Ulisses obteve-as, convencendo os juizes do pleito. Ájax suicidou-se. — Observe-se que *Aiace* e *Ajaz* «reproduzem, embora por modos diversos, o acusativo latino *Aiacem*, ao passo que *Ajax* reproduz o nominativo correspondente» (RG T, p. 149).

- 3 — *De Aiace* (*ibid.*) — Ag. da passiva.
4 — *Mas vingó-me* (v. 5.^o) = estou vingada (ref. à Ninfa que está a cantar).
5 — *Que* (*ibid.*) — Conj. subord. causal (= porque).
- 25 1 — *Vassalo* (v. 2.^o) = Duarte Pacheco.
2 — *Apolíneos* (v. 6.^o) = de Apolo + (= Sol).
3 — *Dos Apolíneos raios* (*ibid.*). — Ag. da passiva.
4 — *Fico* (*ibid.*) = asseguro.
- 26 1 — *Outro...* (v. 1.^o) = D. Francisco de Almeida, primeiro vizo ou vice-rei de Portugal no Oriente (Cf. 2.^o v.: *com nome real*).
2 — *O filho* (v. 3.^o) = D. Lourenço de Almeida, «capitão-mor dos mares da Índia» aos dezoito anos; morto na batalha de Chaul aos vinte e um incompletos (M St, pp. 26-29).
3 — *Fazendo* (v. 7.^o) = aclamando.
- 27 1 — *Se arreia* (v. 1.^o) = se enfeita.
2 — *Lenhos* (v. 6.^o) = navios. — Sinédoque *.
3 — *Artefícios* (*ibid.*) = máquinas de guerra e outros engenhos mortíferos.
4 — *Extremos* (v. 8.^o) = prodígios de bravura.
- 28 1 — *Férrea péla* (v. 2.^o) = balas projectadas pelas peças de artilharia. — Sinédoque *.
2 — *Sai* (v. 3.^o) — Pronunc.: *sa-i* (dissílabo).
3 — *Arpêu* (v. 5.): instrumento que era utilizado na abordagem de navios inimigos.
- 29 1 — *O bem* (v. 2.^o) = os bons processos.
2 — *Chaul* (v. 5.^o): cidade situada na costa Ocidental da Índia, ao Sul de Bombaim. Em frente dela, morreu gloriosamente D. Lourenço de Almeida, lutando contra uma poderosa armada egípcia, a que se haviam juntado as esquadras de Diu¹: «O seu navio foi completamente cercado; uma bala de artilharia *quebrou-lhe uma perna*, logo no começo da acção; não obstante, ordenou que o colocassem numa cadeira, ao pé do mastro grande, e *continuou a comandar com a mesma coragem fria de sempre*. Pouco depois, uma segunda bala feriu-o em pleno peito, e o jovem herói, que ainda não tinha vinte e um anos, expirou, (...) *sem conhecer o que significa a palavra rendição*» (M St, pp. 28-29).

1 Cf. RG T, pp. 137-138, para a ortografia desta palavra.

- 30 1 — *Com força* (v. 2.^o) = pela superioridade numérica.
2 — *Ceva* (v. 7.^o): centurião, subordinado de César, que, com mais de cem golpes, continuou a combater o inimigo (as tropas de Pompeu).
- 31 1 — *Cego* (v. 2.^o) = brutal.
2 — *Ela* (v. 7.^o) = a alma (de D. Lourenço).
3 — *Prisão* (*ibid.*) = corpo (de D. Lourenço).
- 32 1 — *Ordena* (v. 4.^o) = prepara.
2 — *Basiliscos* (v. 7.^o): grandes canhões.
3 — *Trabucos* (*ibid.*): máquinas que arremessavam pedras.
4 — *Cambaicos* (v. 8.^o): habitantes de Cambaia.
5 — *Mamelucos* (*ibid.*) tropas egípcias constituídas por escravos estrangeiros.
- 33 1 — *O pai* (v. 1.^o) = D. Francisco de Almeida.
2 — *Trazendo fúria e mágoa por antolhos* (v. 2.^o): com a vista turva, de tão cego pela ira e pelo sofrimento moral.
- 34 1 — *Cioso* (v. 1.^o) = com cio.
2 — *Seio* (v. 5.^o) = golfo (Lat.: sinu-).
3 — *Francisco* (v. 6.^o) = D. Francisco de Almeida.
4 — *Dabul* (v. 7.^o): povoação da Cambaia, ao sul de Chaul.
- 35 1 — *Que remos tem por malhas* (v. 4.^o) = que tem remos (para fugir) em vez de malhas (para combater).
2 — *Melique* (v. 5.^o): régulo muçulmano na Índia.
3 — *Vulcano+* (v. 6.^o) = artilharia. (Própriamente: deus do fogo, filho de Júpiter+ e de Juno, casado com Vénus+).
4 — *O frio e fundo assento* (v. 7.^o) — o fundo do mar.
5 — *Húmido elemento* (v. 8.^o) = mar.
- 36 1 — *Mir* (v. 1.^o) = Emir (signif.: nobre, chefe).
2 — *Raios de fogo irão representando* (v. 5.^o) = (Os Portugueses), quais raios de fogo, tudo irão destruindo.
- 37 1 — *Cabo Tormentório* (v. 5.^o) = Cabo da Boa Esperança.
2 — *Aquele espírito* (v. 7.^o) = aquela alma de D. Francisco de Almeida.
- 38 1 — *Ocultos...* (v. 5.^o) = desconhecidos para os homens.
2 — *Nos* (v. 6.^o) = os. — Obj. directo de *entenderam*.



Desenho do Basilisco «Tiro de Diu». De «D. João de Castro» — Elaine Sanceau, entre p. 304 e p. 305.

- 39 1 — *Luz* (v. 1.^o): clarão proveniente do incêndio das cidades de Oja e Brava (Lamo, por não ter resistido aos Portugueses, foi poupada).
2 — *Lamo, Oja, Brava* (v. 4.^o): cidades africanas, ao norte de Melinde.
3 — *Cunha* (v. 5.^o) = Tristão da Cunha.
4 — *São Lourenço* (v. 8.^o) = Madagáscar.
- 40 1 — *Albuquerque* (v. 2.^o) = Afonso de Albuquerque. — Governou a Índia, de 1509 a 1515. NAO FOÍ VICE-REI, talvez porque não tinha direito, como acontece com D. Francisco de Almeida, a *Dom.* — Cf. M St, p. 58; TTVR, pp. 61 e 71-75.¹
Vid. anotações, n.^o 6, à est. 14 do c. I.
2 — *Párseos* (v. 3.^o) — Persas.
3 — *Reciprocarse* (v. 6.^o): voltarem-se para trás, indo ferir aqueles que as dispararam.
4 — *Que Deus peleja/por quem...* (vv. 7.^o-8.^o). — Aproxime-se este passo da *Exortação da Guerra* de Gil Vicente:
*«Avante! avante! Senhores!
Que na guerra com razão
Anda Deus por capitão».*
(Ed. Sá da Costa, vol. IV, p. 155).
- 41 1 — *Gerum* (v. 4.^o): ilha asiática, onde se situa a cidade de Ormuz.
2 — *Mascate* (*ibid.*) e *Calaiate* (*ibid.*): cidades da costa sudoeste da Arábia.
3 — *Barém* (v. 8.^o): arquipélago no golfo Pérsico, notável pelas pérolas e aljófar, que nas respectivas águas se encontram.
- 42 1 — *Vitória* (v. 2.^o): divindade alegórica romana.
2 — *Lhe* (*ibid.*) = a Afonso de Albuquerque.
3 — *Obedecendo* (v. 5.^o) = submetendo-se.
- 43 1 — *Famêlicos* (v. 6.^o) = esfomeados.
2 — *Luz* (v. 7.^o) = dia (Lat.: *luce-*). Cf. CS, p. 119.
3 — *Santa Caterina* (v. 8.^o): santa mártir cristã, natural de Alexandria (no Egipto), cuja festa se celebra a 25 de Novembro.

¹ «O Rei era cioso na concessão do título. Afonso de Albuquerque, que sucedeu a D. Francisco de Almeida no governo da Índia, foi governador, sem ter os poderes reais que tinha o vice-rei; e só no fim lhe foi dado, como consolação pela sua demissão de governador, o título de vice-rei, que não lhe chegou a tempo por ter morrido.» Cf. TTVR, p. 61.

- 44 1 — *Grémio da Aurora* (v. 3.^o) = Oriente.
 2 — *Crises* (v. 6.^o) = punhais malaio de dois gumes. — Do malaio-javanês *kéris* ou *krís*. É plural de *cris*.
 3 — *Jaus* (v. 7.^o) = habitantes da ilha de Java. Neste lugar, *Jaus* «vale um monossílabo» (RG T, p. 135).
- 45 1 — *Sirena* (v. 1.^o) = Sereia.
 2 — *Hũa ira que o condena* (v. 3.^o) = um acesso de cólera digno de ser reprovado. — Para «manter a disciplina a todo o custo», Albuquerque condenou à morte por enforcamento um jovem fidalgo português, *Rui Dias*, que «adquirira o hábito de visitar Muçulmanas», vindas, como reféns, de Goa. — Vid. M St, pp. 78-79.
 3 — *Inteiro* (v. 8.^o) = inflexível.
- 46 1 — *Trovões ardentes* (v. 2.^o) = tiros de artilharia, balas.
 2 — *Sazão* (v. 3.^o) = ocasião, estação do ano (Cf. franc.: *saison*).
 3 — V. 8.^o. — Com razão, se escreve em AVO (p. 320): «A moral do Poeta, neste passo, não desdiz da moral pagã».
- 47 1 — *Escura* (v. 4.^o) = de cor baça.
 2 — *Modesto* (v. 5.^o) = que se domina (Lat.: *modestu-*).
- 48 1 — *Apeles* (v. 1.^o). — Obj. directo (Na 1.^a ed. E e, est. 994, todavia, não existe a prep. *a* que se lê em GF, p. 151).
 2 — *Campaspe* (v. 2.^o): amante de Alexandre Magno. Pintando-a despida, Apeles apaixonou-se por ela. O grande cabo-de-guerra cedeu-a ao pintor. — Na verdade, o nome desta mulher era *Pancaspe* (JN Dic) ou *Pancaste*.¹
 3 — *Urgente* (v. 4.^o) = apertado (Lat.: *urgente-*). Vid. coment. à oitava 93, canto IX.
 4 — Vv. 5.^o a 8.^o: *Ciro*, soberano persa, reconheceu um dia que *Araspas*, sempre severo no cumprimento do dever, se apaixonara (= se abrasara no fogo ardente do amor) pela bela prisioneira *Panteia*. *Ciro*, porém, perdoou-lhe esta fraqueza e encarregou-o, até, de honrosa missão em território inimigo.
- 49 1 — *O ilustre Persa* (v. 1.^o) = *Ciro*.
 2 — *Levemente* (v. 3.^o) = com a maior facilidade.
 3 — *O perdoa* (ib.). — Note-se o verbo *perdoar* com acusativo. Cf. OM, p. 321. Veja-se ainda FF Dic, verbo *perdoar*.
 4 — Vv. 5.^o a 8.^o: *Judita* (= *Judite*), filha de *Carlos o Calvo* (séc. IX), foi raptada (Cf. *per força*) por

¹ Enciclopédia Portuguesa Ilustrada, dirigida por Maximiano Lemos.

- Baldovino*, a quem, todavia, aquele imperador não mandou matar, mas concedeu o condado da Flandres.
- 50 1 — *Soares* (v. 2.^o) = **Lopo Soares de Albergaria**, governador da Índia e sucessor de Albuquerque.
 2 — *Arábicas ribeiras* (v. 4.^o) = da Arábia as praias ou costas banhadas pelo mar Vermelho.
 3 — *Medina* (v. 5.^o): cidade da Arábia. — É abominável (para Camões), porque nela se encontra o túmulo de Maomet.
 4 — *Abássia* (v. 7.^o) = Abissínia.
 5 — *Barborá* (ibid.): cidade da África Oriental (golfo de Adem).
 6 — *Zeila* (v. 8.^o) = cidade africana, situada igualmente no golfo de Adem¹.
- 51 1 — *Taprobana* (v. 1.^o) = Iha de Ceilão.
 2 — *Cortiça* (v. 4.^o) = casca.
 3 — *Columbo* (v. 8.^o): capital de Ceilão.
- 52 1 — *Sequeira* (v. 1.^o) = **Diogo Lopes Sequeira**, sucessor de Lopo Soares de Albergaria no governo da Índia.
 2 — *Ondas Eritreias* (ibid.) = mar Vermelho. Cf. coment. à oitava 63, canto IV.
 3 — *Candace* (v. 4.^o): rainha da Etiópia. — Fora do verso, *Cândace* (lat. *Candacē*, *ēs*).
 4 — *Sabá* (ibid.) = Belquisse: soberana do reino de Sabá, na Arábia, que foi a Jerusalém visitar Salomão. Camões supõe que aquela rainha tivera berço na Abissínia, como *Cândace*.
 5 — *Maquá* (v. 5.^o): cidade da Abissínia.
 6 — *Arquico* (v. 6.^o): cidade igualmente da Abissínia.
- 53 1 — *Meneses* (v. 1.^o) = **D. Duarte de Meneses**.
 2 — *Gama* (v. 5.^o) = **Vasco da Gama**, sucessor de D. Duarte de Meneses, no governo da Índia, cujo caminho marítimo, contornando a África, descobrira.
- 54 1 — *Fatal necessidade* (v. 1.^o) = a morte.
 2 — *Régia dignidade* (v. 3.^o): título de vice-rei.
 3 — *Outro Meneses* (v. 5.^o): **D. Henrique de Meneses**, que tinha somente 28 anos, quando sucedeu a Vasco da Gama no governo da Índia.
- 55 1 — *Vencerá* (v. 1.^o) tem por suj., subent., **D. Henrique de Meneses** (Cf. v. 5.^o da est. 54).

¹ Acerca da acentuação desta palavra, cf. nota n.^o 4 à oitava n.^o 99 deste canto.

- 2 — *Panane* (v. 2.^o)... *Coulete* (*ibid.*): cidades do reino de Calcut.
- 3 — *Cometendo* (v. 3.^o) = afrontando.
- 4 — *Os inimigos... sete* (v. 6.^o) = os sete pecados mortais.
- 5 — *Que* (v. 8.^o) = o que.
- 56 1 — *Depois que...* (v. 1.^o) = Depois de ter morrido. — Eufemismo *.
- 2 — *Mascarenhas* (v. 2.^o): **D. Pêro de Mascarenhas**, sucessor de D. Henrique de Meneses no governo da Índia.
- 3 — *Injustos* (v. 3.^o) = indivíduos injustos.
- 57 1 — *Bintão* (v. 1.^o): ilha situada no estreito de Singapura.
- 2 — *Abrolhos férreos* (v. 6.^o): estrepes, puas de ferro, cravadas no chão, que se destinavam a impedir o avanço do inimigo.
- 3 — *Tranqueiras* (v. 7.^o) = paliçadas.
- 4 — *Fico* (v. 8.^o) = afirmo.
- 58 1 — *Vitupério* (v. 4.^o) = humilhação.
- 2 — V. 6.^o = abusando das forças e poder que tem.
- 3 — *Que* (v. 7.^o) = porque.
- 59 1 — *Sampaio* (v. 1.^o): **Lopo Vaz de Sampaio**. Usurpou o cargo de Pêro de Mascarenhas.
- 2 — *Bacanor* (v. 5.^o): cidade do reino de Narsinga.
- 3 — *No Malabar* (v. 6.^o) = sobre o Samorim (soberano do Malabar).
- 4 — *Dele* (v. 7.^o). — Ag. da passiva (= por ele, por Lopo Vaz de Sampaio).
- 5 — *Cutiale* (v. 8.^o): almirante muçulmano da armada que foi vencida por Lopo Vaz de Sampaio.
- 60 1 — *Rota* (v. 3.^o) = derrotada.
- 2 — *Heitor* (v. 5.^o): filho de Priamo, rei de Tróia, morto, em combate, por Aquiles.
- 3 — *Guzarates* (v. 7.^o): habitantes de Guzarate.
- 4 — *Troiano* (v. 8.^o) = Heitor (de quem se fala no n.^o 2).
- 61 1 — *Feroz* (v. 1.^o) = valente, bravo (Lat.: *feroce*).
- 2 — *Cunha* (v. 2.^o) = **Nuno da Cunha** (filho de Tristão da Cunha), sucessor de Lopo Vaz de Sampaio. Governou a Índia, desde 1529 a 1538.
- 3 — *Chale* (v. 3.^o): povoação situada a duas léguas de Calcut.
- 4 — *Torres altas* (*ibid.*):... da fortaleza erguida por Nuno da Cunha, em Chale.



Fachada da Sé de Diu
(Gravura reproduzida de «Roteiro do Ultramar» — Lisboa, 1958).

- 5 — *O forte Baçaim* (v. 5.^o) = fortaleza de Baçaim, praça situada entre Chaul e Diu. — Pronúncia: *Ba-ça-im* (três sílabas). Cf. **RG T**, p. 161.
6 — *Melique* (v. 7.^o): governador mouro de Baçaim.
7 — *A* [(na expressão: «a força»), *ibid.*]. — Preposição.
8 — *Tranqueira* (v. 8.^o) = Trincheira.

- 62 1 — *Noronha* (v. 1.^o) = **D. Garcia de Noronha**, sucessor de Nuno da Cunha.
2 — *Rumes* (v. 2.^o) = Turcos ou Muçulmanos da Turquia.
3 — *António da Silveira* (v. 4.^o): glorioso defensor da praça de Diu¹, durante o 1.^o cerco (1538).
4 — *Um teu ramo* (v. 6.^o) = **Estêvão da Gama** (filho de Vasco da Gama, sucessor de D. Garcia de Noronha).
5 — Vv. 7.^o-8.^o. — Hipérbole *.

- 63 *Um, que já será...* (v. 2.^o) = **Martim Afonso de Sousa**.

- 64 1 — *Mogor* (v. 3.^o) = Grão-Mogol, soberano de um vasto Império situado ao Norte da Índia.
2 — *A tolher que não passe...* (v. 6.^o). — Notar a construção latina: cf., por ex., *impedire ne...* (CS).

- 65 1 — *Cidade Repelim* (v. 1.^o) = cidade de Repelim. — Cf. lat. *Urbs Roma*.
2 — *Cabo Camorim* (v. 3.^o): cabo por que termina, ao Sul, a Península Indostânica.
3 — *Beadala* (v. 8.^o): cidade indiana não muito afastada do cabo Comorim.
4 — *Márcio jogo* (*ibid.*) = tática guerreira (dos Portugueses).

- 66 1 — *Baticalá* (v. 6.^o): cidade da costa do Malabar, que foi arrasada por Martim Afonso de Sousa, por a respectiva rainha se recusar ao pagamento dos tributos devidos.
2 — *Trovões* (v. 8.^o) = tiros das peças de artilharia.

- 67 1 — *Martinho* (v. 1.^o) = Martim (Afonso). — Nome, na verdade, derivado de *Marte*. — Vid. **JLV A**, p. 42.
2 — *Castro* (v. 5.^o) = **D. João de Castro**.
3 — *Conforme* (v. 7.^o) = digno.
4 — *Um...* (v. 8.^o) = Martim Afonso de Sousa, que ergueu a fortaleza de Diu, concedida, para isso, licença do Xá Bahadur, em 1535.

1 Ensina-se, em **RG T**, p. 138: (...) à «forma Diu» (...) «torna-se recomendável conceder-lhe preferência na escrita corrente». Em **MBg**, porém, regista-se *Dio* (p. 176).

- 76 1 — *Sapiência/suprema* (vv. 1.^o e 2.^o) = Deus. (Um dos atributos divinos é a *Omnisciência*.)
 2 — *Errados* (v. 4.^o) = que se enganam.
 3 — *Os... mortais* (*ibid.*) = os homens.
 4 — *Guia* (v. 7.^o). — Presente do Indic. do v. *guiar*.
- 77 1 — *Que* (v. 1.^o) = quando.
 2 — Vv. 3.^o e 4.^o. — Notar a ordem natural das palavras: ... *tais que a vista presume que pisava chão divino*.
 3 — *Vem* (v. 5.^o) (= vêem), forma do v. *ver*.
 4 — *Lume* (*ibid.*) = luz. — Começa a descrição do Cosmos, segundo o sistema de Ptolomeu.
- 78 1 — *Seja* (v. 1.^o) — Vid. GF, p. 195.
 2 — *Orbes* (v. 3.^o) = esferas ou céus que, na concepção ptolomaica, se encontravam a seguir às esferas do Ar e do Fogo, concêntricas, com a Terra no centro. — Vid. o desenho intitulado *A máquina do Mundo n'Os Lusíadas*.
 3 — *A Divina Verga* (*ibid.*) = de Deus a Vara, o Poder.
 4 — Vv. 5.^o-7.^o: *Aquele globo*, emboravolvendo (= girando), ora se abaixa, ora se ergue (em relação ao plano do horizonte), tem, por toda a parte, uma mesma curvatura.
- 79 1 — *Uniforme* (v. 1.^o) = homogêneo, por ser esférica a superfície.
 2 — *Arquetipo* (v. 2.^o). — Palavra grave, no verso. [= *Arquétipo*]. — Significa *modelo*¹ (Cf. lat.: *archetypu-*) = Deus (neste lugar do poema).
 3 — *Trasunto* (v. 5.^o) = cópia. *Trasunto, reduzido* (...) = miniatura.
- 80 1 — *Elemental* (v. 2.^o) = formada pelos 4 *Elementos*.
 2 — *Do Saber* (v. 3.^o). — Ag. da passiva.
 3 — *O Saber, alto e profundo, que é sem princípio e meta limitada* (vv. 3.^o e 4.^o) = Deus. — Perífrase *.
 4 — *Que* (v. 8.^o). — Conj. subord. causal.
- 81 1 — *Empíreo* (v. 5.^o) = Paraíso cristão.
 2 — *Logrando* (*ibid.*) = usufruindo.
- 82 Oitava bastante notável na economia do poema: as divindades pagãs proclamam a sua própria falsidade.

1 — Própriamente, *modelo ideal* (termo usado por Platão). Cf. Didier Julia, *Dictionnaire de la Philosophie* (Larousse).

- Ensina HC: «Nós apenas vemos aqui a inevitável ruptura do véu de fantasia mitológica pela realidade, muito perto da qual foi tecido».
- 1 — *Divos* (v. 2.^o) = Santos (da Santa Madre Igreja).
 2 — *Saturno* (*ibid.*): filho do Céu e da Terra. Era também chamado *Tempo*.
 3 — *Jano* (*ibid.*): filho de Apolo+. Era representado com duas caras — símbolo da sua capacidade de adivinhar o passado e o presente.
 4 — *Júpiter+* (v. 3.^o): pai dos deuses.
 5 — *Juno* (*ibid.*): esposa de Júpiter+.
 6 — *De mortal e cego engano* (v. 4.^o). — Ag. da passiva.
 7 — O infinitivo impessoal apaga, impersonaliza, pinta a modéstia, a humildade, a obediência: «só pera *fazer*» (v. 5.^o). Empregando a forma flexionada do infinitivo, teríamos petulância e afectação (SA, p. 65).
- 83 1 — *Insina-lo* (v. 5.^o) = ensina-no-lo. — Haplologia *. Cf. JR, p. CCXXII.
 2 — *Profética ciência* (*ibid.*) = Sagrada Escritura.
 3 — *Os...* (v. 7.^o). — Obj. directo de *sustenta* (v. 4.^o).
 4 — Os últimos quatro vv. desta oitava aparecem diferentemente pontuados em JN.
- 84 1 — *Logo* (v. 1.^o). — Conj. coord. concl. (= portanto).
 2 — *Pintura que varia* [(verbo *variar*), *ibid.*] = poesia.
 3 — *Lhe* (v. 3.^o) = aos outros.
 4 — *Sacro verso* (v. 6.^o): texto da Sagrada Escritura.
- 85 1 — Vv. 1.^o e 2.^o. — Acerca do grave e decisivo problema da distinção entre «Causa primeira» e «causas segundas», vid. GPC, pp. 118, 121, 125 — e, particularmente, o luminoso penúlt. § da pág. 132.
 2 — *Mundas* (v. 5.^o) = puras, limpas (Lat.) (CS, p. 200).
 3 — *Que* (v. 6.^o) tem por antecedente *círculo* (v. 5.^o).
- 86 1 — *Rapto* (v. 1.^o) = movimento giratório. — É substantivo.
 2 — *A tento* (v. 3.^o) = com regularidade.
 3 — *Com curso alheio* (v. 4.^o) = com movimento que não é, propriamente, devido ao Sol, mas ao «*Mobile primeiro*».
 4 — *Leve* (v. 5.^o) = levemente.
- 87 1 — *Axes* (v. 4.^o) = eixos (CS, p. 167).
 2 — *O... Cinto de ouro* (v. 6.^o) = o Zodíaco.

- 3 — *Estelantes/animais* doze... *afigurados* (vv. 6.^o-7.^o) = doze constelações.
- 4 — *(Doze) apouentos de Febo* (v. 8.^o): os doze signos (considerados *casas do Sol*). — *Febo* = Apolo+.
- 88 1 — *A pintura/que as Estrelas...* (vv. 1.^o e 2.^o): figuras que as estrelas parecem formar no céu (= constelações).
- 2 — *Carreta* (v. 3.^o) = Ursa Maior.
- 3 — *Cinosura* (*ibid.*) = Ursa Menor.
- 4 — *Seu pai* (v. 4.^o) = Cefeu.
Caso de rima imperfeita.
- 5 — *Drago* (*ibid.*) = Dragão.
- 6 — *Oriente* (v. 6.^o) = Orião ou Oríon. (Lat. *Orīōn, ōnis* ou *ōnis*).
- 7 — *Turbulento* (*ibid.*) = que traz chuvas e tempestades.
- 8 — V. 7.^o. — Recordar, a propósito, «*A Lenda dos Cisnes*» de António Feijó (in «*Sol de Inverno*», ed. 1922, pp. 195-202).
- 9 — *Morrendo* (*ibid.*) = ao morrer.
- 10 — Vv. 7.^o-8.^o. — São nomes de constelações os que estão escritos com maiúscula inicial.
- 89 1 — Vv. 1.^o a 7.^o. — Enumeram-se os *sete céus*, a que o Poeta já se referira noutros lugares (I, 21; II, 33; X, 78).
- 2 — *Diana+* (v. 8.^o) = Lua.
- 3 — *Três rostos* (*ibid.*): Lua Cheia, Quarto Crescente e Quarto Minguante (a Lua Nova é, praticamente, invisível).
- 90 1 — *Grave* (v. 2.^o) = lento.
- 2 — *Leve* (*ibid.*) = rápido.
- 3 — *Levemente* (v. 3.^o) = a grande distância.
- 91 *Leis* (v. 8.^o) = religiões.
- 92 1 — *Policia* (v. 8.^o) = civilização.
- 2 — *Lei* (v. 8.^o) = religião.
- 93 1 — *Benomotapa* (v. 1.^o) = Monomotapa: soberano de um vasto império africano, nas regiões hoje chamadas Manica, Sofala, etc..
- 2 — *Gonçalo* (v. 3.^o) = Gonçalo da Silveira, missionário jesuíta, que foi martirizado pelos naturais do império de Monomotapa, no séc. 16.
- 3 — *O metal...* (v. 6.^o) = o ouro.
- 4 — *Cuama* (v. 8.^o) = Zambeze (rio).

- 94 1 — *Defensão* (v. 3.^o) = defesa.
- 2 — *Naia* (v. 8.^o) = Pêro da Naia, natural de Castela. Ao serviço de el-rei de Portugal, mandou erguer a fortaleza de Sofala, em 1505, vencendo, depois, as poderosas forças negras que a atacaram.
- 95 1 — *Méroe* (v. 7.^o): região africana banhada pelo Nilo, que outrora era considerada uma ilha. (Lat. *Merōe*).
- 2 — *Ora* (v. 8.^o) = agora, presentemente.
- 96 1 — *Claro* (v. 2.^o) = ilustre (Lat.: *claru-*).
- 2 — *Dom Cristóvão* (v. 3.^o) = D. Cristóvão da Gama, filho de Vasco da Gama. Prisioneiro do xeque de Zeila, foi por este degolado.
- 3 — *Rapto rio* (v. 7.^o): rio da África Oriental, que desagua não longe de Melinde.
- 4 — *Que* (*ibid.*). — Pronome relativo. Antecedente: *Rapto rio*.
- 5 — *Romance* (*ibid.*) = linguagem.
- 97 1 — *Arómata* (v. 1.^o) = (cabo) *Guardafui*, junto de Adem.
- 2 — *Maçua, Arquico, Suaquem* (v. 8.^o): cidades do mar Vermelho na costa da África.
- 98 1 — *Dos Héroas a cidade* (v. 2.^o) = Heroópolis, a Noroeste da moderna Suez.
- 2 — *Arsinoe* (v. 3.^o): cidade fundada por Ptolomeu II, situada perto de Suez (Vid. IX, 2).
- 3 — *Patente* (v. 5.^o) = acessível, desimpedida.
- 99 1 — *Sinai* (v. 1.^o): elevação da Palestina, onde Moisés recebeu de Deus as Tábuas da Lei (os Mandamentos). Lá se encontram o mosteiro e o corpo de Santa Catarina.
- 2 — *Toro* (v. 3.^o): cidade da península do Sinai.
- 3 — *Gidá* (*ibid.*) = Judá: cidade que serve de porto a Meca.
- 4 — *Adem* (v. 6.^o): «é a forma tradicional portuguesa» (com acento tónico na penúltima sílaba). — Cf. **RG T**, p. 143.
- 5 — *Que lhe falece* (*ibid.*) = às quais falta.
- 100 1 — *As Arábias três* (v. 1.^o): Arábia Feliz, Arábia Petreia e Arábia Deserta.
- 2 — *Vaga* (v. 2.^o) = nómada.
- 3 — *Vem* (v. 3.^o) = vêm, forma do v. *vir*.

- 4 — *Fartaque* (v. 8.^o): cidade do Sul da Arábia, próxima do cabo do mesmo nome.
- 5 — *Sabida* (*ibid.*) = muito conhecida.
- 101 1 — *Dófar* (v. 1.^o): cidade da Arábia Feliz.
 2 — *Porque manda* (*ibid.*) = por mandar.
 3 — *Aras* (v. 4.^o) = altares (Lat.).
 4 — *Roçalgate* (v. 4.^o) = *Ras-el-Hadd*: cabo à entrada do golfo de Oman.
 5 — *Reino Ormuz* (v. 5.^o). — Cf. lat. *Urbs Roma*.
 6 — *Castel Branco* (v. 8.^o): D. Pedro de Castel Branco, capitão de Ormuz.
- 102 1 — *Asaboro* (v. 1.^o) = Moçandão, à entrada do golfo Pérsico.
 2 — *Dos navegantes* (v. 2.^o). — Ag. da passiva.
 3 — *Lago* (v. 3.^o) = Golfo Pérsico.
 4 — *Barém* (v. 5.^o): arquipélago do golfo Pérsico, onde se pescam pérolas.
 5 — *Ilha Barém* (*ibid.*). — Cf. *Urbs Roma* (Lat.).
- 103 1 — *Sempre postos no campo e nos cavalos* (v. 2.^o): [Os Persas] levam vida nómada, cavalgando frequentemente pelos campos.
 2 — *Injuria* [(v. 3.^o), verbo *injuriar*. Ler: *injúria*, esdrúxula] = despreza, envergonha.
 3 — *Fundido cobre* (*ibid.*) = peças de artilharia.
 4 — *Gerum* (v. 5.^o) = ilha do golfo Pérsico, onde ficava situada a cidade de Armuza, hoje chamada Ormuz.
 5 — *Ilha Gerum* (*ibid.*). — Cf. lat. *Urbs Roma*.
 6 — *Cidade Armuza* (v. 7.^o). — Caso idêntico ao do número anterior.
- 104 1 — *Dom Felipe de Meneses* (v. 1.^o): capitão de Ormuz e vencedor dos Persas de Lara (Cf. v. 4.^o).
 2 — *Párseos* (v. 4.^o) = Persas.
 3 — *Dom Pedro de Sousa* (v. 6.^o): capitão de Ormuz, anterior a D. Filipe de Meneses.
 4 — *Ampaza* (v. 7.^o): cidade ao Norte de Melinde.
 5 — *Que* (*ibid.*). — Obj. directo de *terá deixada*.
- 105 1 — *Cabo de Jasque* (v. 2.^o): cabo à entrada de Ormuz.
 2 — *Já dito* (*ibid.*) = outrora chamado.
 3 — *Querido* (v. 3.^o) = favorecido.
 4 — *Da natura e dos dões...* (v. 4.^o). — Ag. da passiva.
 5 — *Carmânia* (v. 5.^o): região da Pérsia (hoje: Quirman).
 6 — O 8.^o v. termina em ponto final em JN.

- 106 1 — *Ulcinde* [(v. 1.^o) < (terra) de *Dulcinde*]. — *Diul*, cidade da foz do Indo; e *Sinde* (com S-), na margem esq. do mesmo braço do delta do Indo.
 2 — *Jáquete* (v. 2.^o): actual golfo de Katch.
 3 — Vv. 3.^o e 4.^o. — Fenómeno denominado *macaréu*.
 4 — *Apressurada* (v. 4.^o) = rápida.
 5 — *Cambaia* (v. 5.^o) = Guzarate (actual).
 6 — *Seio* (v. 6.^o) = golfo (Lat.: *sinu*-).
 7 — *Vou passando* (v. 7.^o). — Subent.: em claro.
- 107 1 — *Cabo Comori* (v. 2.^o). — Fica ao Sul da Índia (como já ficou dito).
 2 — *Toprobana* (v. 3.^o) = ilha de Ceilão.
- 108 1 — *Entre um e o outro...* (v. 1.^o). — Cf. ED S, pp. 179-180.
 2 — *Narsinga* (v. 5.^o): antigo reino da Índia, no Decão.
 3 — *Tomé* (v. 7.^o): S. Tomé.
 4 — V. 8.^o. — Vid. «Os Quatro Evangelhos» — P.^e Matos Soares, p. 337 (S. João, XX, 24-29).
- 109 1 — *Inica* (v. 4.^o) = contrária ao (ou ignorante do) Cristianismo.
 2 — *A Fé que...* (v. 6.^o): A Fé cristã.
- 110 V. 2.^o. — Alusão a notáveis milagres obrados por S. Tomé: curas extraordinárias e ressurreição de defuntos.
- 111 1 — *Abalar-se* (v. 2.^o) = ser movido.
 2 — *Núncio* (v. 3.^o) = mensageiro (Lat.). *Núncio de Cristo* (aqui) = S. Tomé.
 3 — *Por exemplo* (v. 8.^o) = para memória (do milagre).
- 112 1 — *Que...* (v. 1.^o).../*Que...* (v. 3.^o). — Conj. subord. integ. (repetida).
 2 — *Prova* (v. 4.^o) = reconhece.
 3 — *Autoridade* (v. 8.^o) = respeito.
- 113 1 — *Desvios* (v. 3.^o) = subterfúgios.
 2 — *Não se ouça* (v. 4.^o) = não seja ouvido.
 3 — *Fios* (v. 5.^o): cordão, constituído por três fios que ostentam os Brâmanes.
 4 — *Que* (v. 6.^o). — Conj. subord. final (= para que).
- 114 1 — *Se usa* (v. 3.^o) = é costume.
 2 — *Escusa* (v. 5.^o) = defesa.
 3 — *Padre Omnipotente* (v. 6.^o) = Deus.

- 115 1 — *Que* (v. 2.^o) = para que.
2 — *Seu* (v. 4.^o) = do morto.
3 — *Aprovado* (*ibid.*): digno de fé.
- 116 1 — *Água santa* (v. 2.^o) = água benta, usada no baptismo.
- 117 1 — *Um dia*. — «O tempo em que uma cousa acontece pode designar-se sem prepos.». — Cf. *ED S*, pp. 52-53.
2 — *Ordenava* (v. 3.^o) = determinava.
3 — *Multidão* (v. 5.^o) = grande quantidade.
- 118 1 — *Vestindo* (v. 3.^o) = revestindo.
2 — Vv. 5.^o e 6.^o. — A gloriosa morte de S. Tomé (Cf. «Chanson de Roland», ed. do Prof. L. Clédât, vv. 2393-2396: o cristianíssimo fim do herói).
- 119 Exortações frementes aos Missionários, no sentido de apenas buscarem a salvação das almas.
1 — *Se sois sal...* (v. 6.^o) = se sois (= se tendes obrigação de ser) os salvadores da humanidade, pelos merecimentos de Cristo...
2 — *E vos danais* (*ibid.*) = e vos corrompeis.
- 120 1 — *Passo* (v. 1.^o) = ponho de parte.
2 — *Perigosa* (*ibid.*) = cheia de perigo para quem dela se ocupa (recordar o poder de certos religiosos¹ no séc. 16).
3 — *Gangética enseada* (v. 4.^o) = golfo de Bengala.
4 — *Orixa* (v. 6.^o): reino da Índia, no golfo de Bengala.
5 — *Ao* (v. 8.^o) = para o.
- 121 1 — *Catigão* (v. 5.^o) = Chittagong (actualmente): cidade situada no braço oriental do Ganges.
2 — *Austro* (v. 8.^o) = Sul.
3 — *Daqui virada...* (*ibid.*) = daqui (= de Catigão), a costa muda de direcção.
- 122 1 — *Arração* (v. 1.^o): antigo reino da costa do golfo de Bengala (= *Aracan*).
2 — *Assento/de Pegu* (vv. 1.^o e 2.^o): a capital do reino de Pegu (= Reino da costa Oriental do golfo de Bengala).
3 — *Soante arame* (v. 5.^o) = guizos, cascavéis. — Sinédoque*.
4 — *Instrumento/da geração* (vv. 5.^o e 6.^o) = órgãos genitais.

1 A expressão «se sois mandados» (da oitava n.º 119 deste cauto) corresponde-lhes, como demonstra *OM*, p. 344, v. 938.

- 5 — *Error* (v. 8.^o) = pecado, vício.
- 123 1 — *Tavai* (v. 1.^o): cidade do reino de Pegu.
2 — *Tenassari* (v. 3.^o), *Quedá* (*ib.*): cidades do reino do Sião, entre Tavai e Malaca.
3 — *Toda a província do Mar Grande* (v. 7.^o) — todas as regiões vizinhas do grande mar da Índia.
- 124 1 — *Ilha Samatra* (v. 3.^o). — Cf. lat. *Urbs Roma*.
2 — *Quersoneso* (v. 5.^o) = península (Palavra grega. Cf. Anotações a II, 54).
3 — *Epiteto* (v. 7.^o). — Ler com acento tónico na sil.-te-: o verso é heróico.
4 — *Ofir* (v. 8.^o): região do Oriente, donde, segundo a Bíblia, Salomão mandava vir ouro.
- 125 1 — *Daqui tornando a costa à Cinosura* (v. 3.^o) = daqui (= de Singapura) a costa voltando para a Cinosura (= Ursa Menor, Norte).
2 — *Aurora* (v. 4.^o) = Oriente.
3 — *Pam, Palane* (v. 5.^o): povoações da costa oriental da península de Malaca.
4 — *Chiamai* (v. 8.^o) = Chieng-Mai (actual). Nome que os antigos davam a um lago da China, onde teria origem o rio Menão.
- 126 1 — *Laos* (v. 3.^o): povos que vivem à volta do Sião.
2 — *Avás, Bramás* (v. 4.^o): povos. — Os primeiros, do interior da Birmânia; os últimos, vizinhos do reino do Pegu.
3 — *Guéus* (v. 6.^o): povo dos confins do Sião que praticava a antropofagia e a tatuagem (vv. 7.^o e 8.^o). *RG T*, p. 136.
- 127 1 — *Camboja* (v. 1.^o) = Cambodge (actual), na Indochina.
2 — *Mecom rio* (*ibid.*): rio que nasce no Tibete e desagua no mar da China meridional.
3 — *Se interpreta* (v. 2.^o) = quer dizer.
4 — *Indiscreta* (v. 6.^o) = ignorante.
- 128 1 — *Este* (v. 1.^o) = rio Mecom (Cf. v. 1.^o da est. 127).
2 — *O Canto* (v. 2.^o) = o Canto, «Os Lusíadas». Note-se que Tethys fala *ao Gama* — não a Camões!
3 — *Naufrágio triste...* (v. 3.^o): o de Camões, na foz do Mecom.
4 — *Injusto mando* (v. 6.^o): injusta ordem de prisão (contra Camões).

- 129 1 — *Champá* (v. 1.^o) = Tsian-Pá: antigo reino da Cochinchina.
 2 — *O pau cheiroso* (v. 2.^o): o calambuco ou lenholoés (< lenho + aloés), muito aromático.
 3 — *Cauchichina* (v. 3.^o) = Cochinchina.
 4 — *Ainão* (v. 4.^o): cidade e ilha, ao sul da China.
 5 — *Não cuidada* (v. 6.^o) = que se não imagina.
 6 — *Trópico ardente* (v. 8.^o) = trópico de Câncer.
 7 — *Cinto frio* (*ibid.*) = círculo polar Ártico.
- 130 1 — *O muro e edificio* (v. 1.^o) = o muro edificado. — Hendiadis *. «Quando há hendiadis, não se repete o artigo no 2.^o substantivo» (ED S, p. 179).
 2 — *Cavaleiro* (v. 8.^o). — É adj. (= valente).
- 131 1 — *Esta* (v. 5.^o) = Japão (considerada ilha, na época de Camões).
 2 — *Japão* (v. 7.^o): império da Ásia Oriental. — O primeiro europeu que o visitou, em 1542, parece ter sido o português Fernão Mendes Pinto, autor da *Peregrinação*.
 3 — *Ilustrada* (v. 8.^o) = iluminada (Lat.).
 4 — *Lei divina* (*ibid.*) = Cristianismo, que irradiou pelo Império do Sol Nascente, mercê do zelo apostólico de S. Francisco Xavier (que, de Goa, parte para o Japão, em 1549) e de outros missionários da Companhia de Jesus. (HP DP, III, p. 296) «Dès 1542, les marchands portugais prirent pied au Japon, bientôt suivis par les missionnaires, dont François Xavier.» — lê-se em JJA, p. 29.
- 132 1 — *Tidore* (v. 3.^o) = ilha do arquipélago das Molucas, do mesmo modo que *Ternate* (*ibid.*).
 2 — *Fervente/cume* (vv. 3.^o e 4.^o) = vulcão, existente em Ternate.
 3 — *Áureas aves* (v. 7.^o) = «aves-do-paraiso», trazidas da Nova Guiné já mortas e sem pés (pelo que Camões diz nunca pousarem no solo — vv. 7.^o e 8.^o). Tinham cores belíssimas.
- 133 1 — *Banda* (v. 1.^o): pequenas ilhas das Molucas, onde cresce a noz-moscada.
 2 — *Roxo fruto* (v. 2.^o) = noz-moscada (que se tinga à medida que amadurece).
- 134 1 — *Sândalo* (v. 2.^o): madeira aromática.

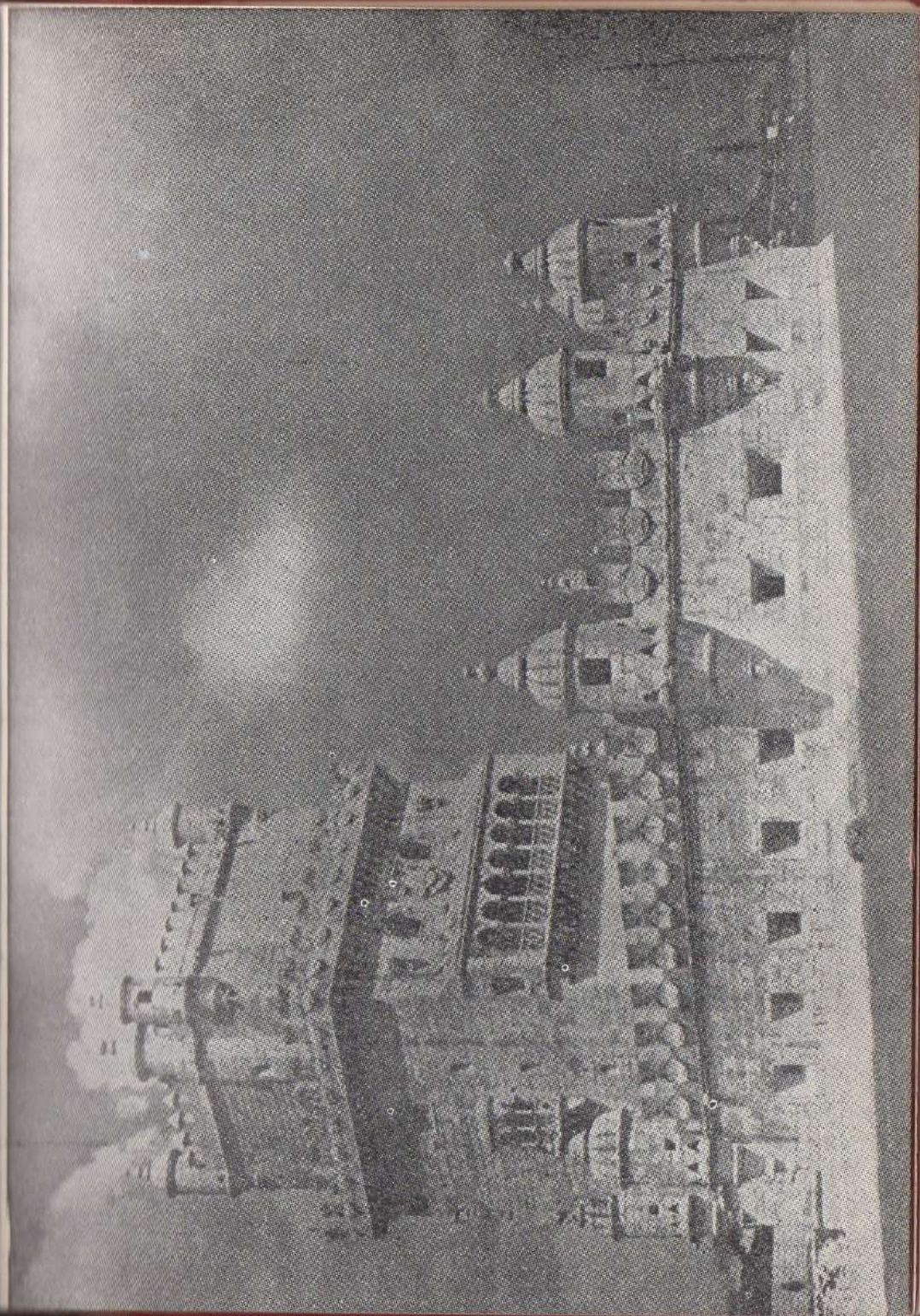


Igreja Matriz de Díli.

- 2 — *Sunda* (v. 8.^o) = Sonda: parte Oriental da ilha de Java.
- 3 — *Difícultoso* (v. 4.^o): difícil de explorar.
- 135** 1 — *Aquela que o tempo tornou ilha* (v. 1.^o) = Sumatra (ou Samatra).
- 2 — *Flamas trêmulas* (v. 2.^o) = chamas dos vulcões, em Samatra.
- 3 — *Óleo* (v. 3.^o) = nafta.
- 4 — *Licor que o tronco chora* (v. 4.^o) = benjoim (resina de árvore). — Perífrase *.
- 5 — *A filha/de Cinyras* (vv. 5.^o e 6.^o) = Mirra (Vid. anotações à est. 63 do c. IV). Neste lugar, planta da Arábia.
- 6 — *Branda* (v. 8.^o) = macia.
- 136** 1 — *O monte...* (v. 1.^o) = Pico de Adão, em cujo cume teria ficado uma pegada de homem, deixada por Adão, ao subir ao Céu, segundo crêem os Muçulmanos.
- 2 — *A planta* (v. 5.^o) — espécie de palmeira que produz o *coco das Maldivas*.
- 3 — *Urgente* (v. 7.^o) = opressor, de rápido efeito (Lat.). Vid. coment. à oitava 93, canto IX.
- 137** 1 — *Roxo Estreito* (v. 1.^o) = estreito de Bal-el-Mandeb.
- 2 — *Aloe*¹ (v. 2.^o): resina medicinal.
- 3 — *Saī* (v. 5.^o). — Dissílabo: *sa-i*.
- 4 — *A massa...* (v. 6.^o) = o âmbar cinzento. — *Oculto* (*ibid.*), porque é extraída dos cachalotes, que vivem no mar. — Perífrase *.
- 5 — *De alguns* (v. 8.^o). — Ag. da passiva.
- 138** 1 — Vv. 1.^o a 4.^o. — Notar o justicadíssimo orgulho lusiada de Camões.
- 2 — *Vós outros* (v. 2.^o): os Portugueses.
- 3 — *Um Lusitano* (v. 6.^o): Fernão de Magalhães.
- 4 — *De seu Rei* (v. 7.^o) = pelo seu rei (= D. Manuel I). — Ag. da passiva.
- 5 — *Agravado* (*ibid.*) = ofendido.
- 139** 1 — *A grande terra...* (v. 1.^o) = a América.
- 2 — *Calisto* (v. 2.^o) = Pólo Norte. (Própriamente, Ninfa transformada na constelação da Ursa Maior). — Vid. I, 51.

¹ Em RG T, p. 405, indicam-se estas variantes do substantivo aloés: *áloes*, *aloe* e *áloe*.

- 3 — *Metal que a cor tem do louro Apolo* + (v. 4.º) = ouro. — Perífrase *.
- 4 — *Lançar...o colar* (v. 6.º) = subjugar.
- 140 1 — Vv. 1.º e 2.º. — Ordem natural:... *tereis também parte nota, co pau vermelho*.
 2 — *Nota* (v. 2.º) = conhecida, célebre (Lat.).
 3 — *Pau vermelho* (v. 2.º) = pau-brasil (que deu o nome à terra, primeiramente chamada de *Santa Cruz*: o Brasil). — Meditar nestas afirmações:
- a) «*Brasil enorme, colossal, lindo e cortês, Feito de esforço e amor e sangue português, Beija-te a mesma onda que nos vem beijar*» (...) Marquez da Cruz — «Oração a Portugal, p. XXVIII.
- b) «*O Português foi por toda a parte, mas sobretudo no Brasil, esplendidamente criador nos seus esforços de colonização.*» — Gilberto Freyre, «O Mundo que o Português criou», p. 43.
- 4 — Vv. 7.º-8.º. — Vid. o admirável «Fernão de Magalhães» de Stefan Zweig; e recordem-se os altíssimos exemplos de *lealdade portuguesa*: Egas Moniz, Martim de Freitas, Nuno Gonçalves... Não esquecer também a «Dedicatória à Rainha» do «*Leal Conselheiro*» de D. Duarte.
- 141 1 — *Linha* (v. 2.º) = Equador.
 2 — *Homens* (v. 4.º) = os Patagões.
 3 — *Se arreia* (v. 5.º) = se enfeita.
 4 — *Outro mar* (v. 7.º) = o Pacífico.
 5 — *A terra que...* (*ibid.*): terra que se julgava existir no Pólo Sul (= Austral).
- 142 1 — *Sabido* (v. 3.º) = descoberto.
 2 — *As eternas esposas e fermosas* (v. 7.º) = as Ninfas (Cf. X, 74).
- 143 1 — *Movimento/fazem* (vv. 3.º-4.º) = partem.
 2 — *A Ilha alegre e namorada* (v. 4.º) = a «ilha de Vénus».
 3 — *Refresco* (v. 5.º) = provisões.
- 144 1 — *A* (v. 6.º). — Preposição.
 2 — *Por que* (v. 7.º) = pelos quais.
- 145 1 — *Destemperada* (v. 2.º) = desafinada.
 2 — *Favor* (v. 5.º) = aplauso. — Latin. .
 3 — *Austera* (v. 8.º) = sombria, «como no latim da decadência» (OM, p. 353).



(...) «o mar salpica-a e envolve-a, e as sugestões do mundo que fica para além dele ali as recebemos do rinoceronte que ornamenta uma das suas guaritas. E o calabre que corre ao longo das suas muralhas, não lembra os que eram indispensáveis às manobras de bordo?»

Prof. Hernâni Cidade, *Lições de Cultura Luso-Brasileira*, 1960, p. 148.

Torre de Belém.

Gravura reproduzida de *Lições de Cultura Luso-Brasileira — Épocas e Estilos*
Rio de Janeiro, 1960

- 146** 1 — *Divino/conselho* (vv. 5.^o-6.^o) = Providência de Deus (S CI, I, pp. 34-64).
2 — *Régio sólio* (v. 6.^o) = trono (de Portugal).
3 — *Só* (v. 8.^o) = único.
- 147** «*Os Lusíadas*» «reflectem bem, e acima de tudo, o espírito duma cruzada religiosa contra os Mouros e Turcos» (ANA, p. 328). Recorde-se o nosso coment. à oitava 8, canto I.
1 — *Que* (v. 1.^o) = quão.
2 — *Vigias* (v. 3.^o) = vigílias.
3 — «*Sem dar reposta*». — Cf. nota n.^o 7 à oitava n.^o 82 deste canto.
4 — *Idolstras* (v. 6.^o). — Palavra grave, pois o verso é heróico. — Diástole *.
5 — *Profundo* (v. 8.^o) = abismo da morte.
- 148** 1 — *Aparelhados* (v. 1.^o) = preparados.
2 — *De vós* (v. 5.^o). — Ag. da passiva.
3 — *Cometerão* (v. 7.^o) = acometerão.
- 149** 1 — *Humanidade* (v. 2.^o) = benevolência (Lat.: *humanitate*). (CS, p. 146).
2 — *Desalivai-os* (v. 3.^o) = aliviai-os.
3 — *Santidade* (v. 4.^o) = veneração (dos súbditos).
4 — V. 5.^o: pedido justíssimo do Poeta.
5 — *Bondade* (*ibid.*) = capacidade, competência.
- 150** 1 — *Religiosos* (v. 3.^o). — Sujeito de *tenham*.
2 — *Exercícios* (*ibid.*) = «práticas de devoção» (Moraes, 10.^a ed., verbete *Exercícios espirituais*). — Obj. directo de *tenham*.
3 — *Regimento* (v. 4.^o) = reinado.
- 151** 1 — *Lei de cima* (v. 3.^o) = religião. cristã (*De cima = do Céu*).
2 — *Os vivos* (v. 7.^o) = os homens.
- 152** 1 — *Galos* (v. 2.^o) = Franceses.
2 — *Pera mandados* (v. 3.^o) = para (serem) mandados. (OM, p. 354).
- 153** 1 — *Formião* (v. 1.^o): filósofo grego que, em Éfeso, dissertou diante de Aníbal acerca da arte de combater. O general cartaginês, naturalmente, só pôde notar desacertos naquele saber teórico.
2 — *Annibal* (v. 2.^o). — Aqui, é palavra aguda [= *Aníbal*]: o verso é heróico.
3 — *Lia* (v. 4.^o) = expunha pomposamente.

- 154 1 — *Acabado* (v. 4.^o) = perfeito.
 2 — Vv. 5.^o-8.^o. — O Poeta tem consciência absoluta do seu valor.

155

Na leitura dos dois primeiros versos desta oitava, atente-se no que observa JAM, p. 151: «Se há elipse duma palavra na frase, um cambiante de voz ou uma pausa substituirá a palavra omitida»:

Pera servir-vos, *braço às armas feito*;
 Pera cantar-vos, *mente às Musas dada*.

- 1 — Vv. 1.^o e 2.^o. — Cf. III, 13, verso 8.^o.
 2 — *Feito* (v. 1.^o) = afeito, habituado.
 3 — *Falece* (v. 3.^o) = falta.
 4 — *Virtude* (v. 4.^o) = merecimento.

156

Na leitura dos versos:

*Ou fazendo que, mais que a de Medusa,
 A vista vossa tema o monte Atlante,*

note-se: «a ideia do poeta é que o *Atlante* se horro-
 rize avistando os *Portugueses*» («Não é a *vista* que
 há-de temer o *monte*»). É um caso de «ambiguidade
 gramatical, motivada pela inversão». — Cf. JAM, p. 139.

- 1 — *Medusa* (v. 1.^o): uma das três Górgonas — que tor-
 nava de pedra aqueles que a contemplassem. —
 Vid. III, 77.
 2 — *Atlante* (v. 2.^o) = Atlas, em Marrocos.
 3 — *Ampelusa* (v. 3.^o) = cabo Espartel, a Oeste de Tânger.
 4 — *Trudante* (v. 4.^o) = Tarudante, capital de uma pro-
 víncia marroquina.
 5 — *Fico* (v. 6.^o) = asseguro.
 6 — ...*Em vós se veja/sem à dita de Aquiles ter enveja*
 (vv. 7.^o-8.^o) = em vós possa rever-se/sem invejar a
 glória de Aquiles (que, cantado na *Iliada*, era inve-
 jado, por este motivo, por Alexandre).

PARTE IV

NOTAS COMPLEMENTARES

CAPÍTULO I

PEQUENO LÉXICO¹ CAMONIANO

com os termos equivalentes do português normal da nossa época

<i>Abaxar, abaxo</i> — abaixar, abaixo	<i>Aluerez</i> (pron.: Álvaroez) — Álvaroez.
<i>Abila</i> — Ábila	<i>Alvorçado</i> — alvoroçado
<i>Abominabil</i> — abominável	<i>Amedrentar</i> — amedrontar
<i>Abondança</i> — abundância	<i>Amoestar</i> — admoestar
<i>Abundança</i> — abundância	<i>Ampelusa</i> — Ampelúsia ³
<i>Abyla</i> — Ábila	<i>Ande</i> [= Hã-de] — hã-de
<i>Acrecentar</i> — acrescentar	<i>Annibais</i> — plural de <i>Anibal</i> (variante de <i>Anibal</i>)
<i>Acriso</i> — Acrísio	<i>Anrique</i> — Henrique
<i>Acude</i> — acode	<i>Antam, antão</i> — então
<i>Adem</i> (palavra grave) — Adém ² (palavra aguda)	<i>Antevem</i> — antevêem
<i>Adquerir</i> — adquirir	<i>Antre</i> — entre
<i>Afabil</i> — afável	<i>Apacentar</i> — apascentar
<i>Afeitar</i> — enfeitar	<i>Apousentar, apousento</i> — apo- sentar, aposento
<i>Affeito</i> — afeição	<i>Appetito</i> — apetite
<i>Agardecer</i> — agradecer	<i>Aqueixar-se</i> — queixar-se
<i>Aiace</i> — Ájax	<i>Aquistar</i> — adquirir, ganhar
<i>Alagoga</i> — lagoa	<i>Arquetipo</i> — arquétipo
<i>Alampada</i> — lâmpada	<i>Arroido</i> — ruído
<i>Alanquer</i> — Alenquer	<i>Artabro</i> — Ártabro (lat. <i>Ar- tábrum promontorium</i>)
<i>Alcaçare</i> — Alcácer	<i>Arteficio</i> — artifício
<i>Alembrear</i> — lembrar	<i>Artelharia</i> — artilharia
<i>Alencastro</i> — Lencastre	<i>Artilha</i> — artilharia
<i>Alemos</i> — álamos	<i>Asinha</i> — depressa, dentro de pouco tempo, em breve
<i>Alexandro</i> — Alexandre	<i>Assi</i> — assim
<i>Alfêrezes</i> — alferes, no pl.	<i>Assoviar</i> — assobiar
<i>Algũa</i> — alguma	
<i>Aliphante</i> — elefante	
<i>Almena</i> — Alcinena	
<i>Aloe</i> — aloés	

¹ Constituído pelos nomes que, no texto, se encontram em *itálico*.

² Cf. Vocab. da A. C. L.. No entanto, leia-se RG T, pp. 143 e 362.

³ RG T, p. 46.

Astianás — Astianax ou Astianacte¹

Atambor — tambor

Atroce — atroz

Audace — audaz

Aventajar — aventajar

Avorreecer — aborreecer

Axe — eixo

Bago — báculo

Bailo — baile

Barão — varão

Bautizado — baptizado

Baxo — baixo

Benino — benigno

Bivoras — viboras

Bocijar — bocejar

Bramene — Brãmene

Bribigões — berbigões

Cadhã — cada uma

Caí — cai

Calecu — Calecut

*Cális*² — Cádís

Candace — Cândace

Cangrejo — caranguejo

Cappadoces — Capadócijs

Carmesi — carmesim

Caso — acaso

Caterina — Catarina

Ceita — Ceuta

Centimano — Centimano

Cento — cem

Cereija — cereja

Ceremonia — cerimónia

Cesar — César

Cíbele — Cibele

Ciclopas — Ciclopes

Cinyras — Cíniras

Cizimbra — Sesimbra

Cleopatra — Cleópatra

Clymene — Clímene

Co (+vogal) — com (+vogal)

Co (+consoante) — com+(consoante)

Comprir — cumprir

Consume — consome

Contino — contínuo

Contraíro — contrário

Corrorás — correrás

Cos — com os

Costantino — Constantino

Crece, crescimento — crescer, crescimento

Crem — crêem

Cûa, cûas — com uma, com umas

Cum — com um

Cûs — com uns

Cyclopas — Ciclopes

Dantre — de entre

Dário — Dario

Debaxo — debaixo

Decaniis — Decanis

Decer — descer

Defensa — defesa

Defensão — defesa

Delgaçar — adelgaçar

Deligencia — diligência

Delis — Delis

Dem — dêem

Demodoco — Demódoco

Dereito — direito

Desalivar — aliviar

Desemparar, desamparo — desamparar, desamparo

Desparecer — desaparecer

Depois — depois (A ed. E e, em III, 27, apresenta *depois*; mas Epifânio emendou para *depois*).

Desposto — disposto

Desque — desde que

Detem — detêm

Devulgar — divulgar

Dezese — dezassete

Dezia, deziã — dizia, diziam

Dhã — de uma

Difria, difirir — diferia, diferir

Dino — digno

Dirivar — derivar

Divido — devido

Doctrina — doutrina

Dões — dons

Do rios — dos rios

Dous — dois

Edeficar — edificar

Efire — Êfire

Elemental — elementar

Embaxada — embaixada

Embaxador — embaixador

Emparo — amparo

Empedir — impedir

Emperador — imperador

Encendido — incendiado

Encenso — incenso

Endereitar — endireitar

Enrestar — enristar

Enveja — inveja

Envejoso — invejoso

Enxuito — enxuto

Eolo — Éolo

Epitheto — epíteto

Error — erro (= cegueira)

Escuitar — escutar

Esprimentar — experimentar

Esprito — espírito

Esquiper — equipar

Estamago — estômago

Estança — estância

Esté — esteja

Esteis — estejais

Estregar — friccionar rijamente¹; esfregar²

Estruir — destruir

Etiopie — Etiópe

Exprimentar — experimentar

Facultade — faculdade

Federico — Frederico

Felice — feliz

Felipe — Filipe

Femenil — feminino

Fermoso (-a,-os,-as) — formoso

Fermosissimo — formosissimo

Fermosura — formosura

Feroce — feroz

Filipo — Filipe

Florecente, florecer — florescente, florescer

Frandes — Flândres

Frauta — flauta

Fruito — fruto

Fugace — fugaz

Fuge — fuge

Gange — Ganges

Gedrosia — Gedrósia

Gelanda — Zelândia³

Geolho — joelho

Geração — geração

Gêrar — gerar

Gidá — Judá

Giolho — joelho

Glaphyra — Gláfira

Goadalquivir — Guadalquivir

Goardafu — Guardafui

Gólfão — golfo

Gotfredo — Godofredo

Grandiloco — grandiloquo

Grão — grande

Guardafu — Guardafui

¹ *Ibid.*, p. 25 e p. 403.

² «A forma antiga castelhana é *Cális*.» JN Die, palavra *Cádis*.

¹ JR, p. CLV.

² E D. — Cf. OM, p. 206.

³ RG T, p. 361.

Hebreio — Hebreu
Hebreo — Hebreu
Helicon — Hélicon
Heliogabalo — Heliogábalos
Hemisperio — hemisfério
Hi — ai
Hidaspe — Hidaspes¹
Hierosolima — Jerusalém
Homicidio — homicídio
Hũa — uma
Hypocresia — hipocrisia
Idolatra — idólatra
Idololatra — idólatra
Immigo — inimigo
Imobil — imóvel
Impida, -s — impeça, -s
Impito — impeto
Implacabil — implacável
Inconstante — inconstante
Impossibil — impossível
Incansabil — incansável
Incurtar — encurtar
Inda — ainda
Indino, indinar — indigno, indignar
Inexpugnabil — inexpugnável
Infiar — enfiar
Infido — infiel
Ingres — inglês
Inico — iníquo
Injuria (=injúria) — forma do v. *injuriar*
Insensibil — insensível
Insinar — ensinar
Insofribil — insofrível
Instabil — instável
Invencibil — invencível
Invisibil — invisível
Is — ides
Jesu — Jesus

Joanne — João
Judita — Judite
Lacivo — lascivo
Lemite — limite
Leucothoe (paroxítono: *Leu-co-thó-e*) — Leucótoe (proparoxítono: *Leu-có-to-e*)²
Lhe — lhes
Li — ali
Liança — aliança
Lianor — Leonor
Lionardo — Leonardo
Longinco — longínquo
Lũa — Lua
Mahamede — Maomet
Malino — maligno
Maluco — Moluca
Manjarona — manjerona
Mantem — mantém
Martyre — mártir
Masto — mastro
Mavorte — Marte
Mediterrano — Mediterrâneo
Meia — meio (adv.)
Meios — meio (adv.)
Menon — Mênnon
Merencorio — melancólico
Mi — mim
Milhor — melhor
Milindano — Melindano
Minino — menino
Mintiroso — mentiroso
Miralmomini — Emir El-Mumenin³
Missilhão — mexilhão
Miudo (a) — amiúde
Mobile — móbil, móvel
Moloso — molosso
Mortindade — mortandade
Moura — morra⁴

¹ RG T, p. 8.

² RG T, pp. 139 e 153.

³ Cf. OM, p. 115. ASJ escreve Emir El-Mumenin (p. 999).

⁴ Prof. J. L. de Vasconcelos, *Lições de Fil. Port.*, 2.ª ed., p. 432. Leia-se, porém, o que acerca desta forma escreve Fernando V. P. da Fonseca, em sua ed. de *Cantigas de Escárnio e Maldizer* (Lisboa, 1961), p. 13.

Mouro — morro
Mousés — Moisés
Musco — musgo
Nacer, nacimiento — nascer, nascimento
Naiade — Náíade
Nenhũa — nenhuma
Nequícia — nequícia
No — não
Noda — nódoa
Nũa — numa
Ô — ao
Ô (Pron.: ò) — o (artigo)
Opremido — oprimido
Orfindade — orfandade
Orpheio — Orfeu
Ôs (Pron.: òs) — os (artigo)¹
Oucioso — ocioso
Oula — olá
Oulhar — olhar
Oliveira — oliveira
Pacer — pascor
Pentem — pente
Per — por
Pera — para
Perfia — porfia
Perineo — Pirenéus
Perla — pérola
Pertinace — pertinaz
Pexe — peixe
Piadoso — piedoso
Pilouro — pelouro
Pireira — Pereira
Pirene — Pirenéus
Põe — põem
Polo (-a,-os,-as) — pelo (-a,-os,-as)
Polycena — Políxena
Pompeio — Pompeu
Ponente — Poente

Por — para
Possibil — possível
Possuê — possui
Pranta — planta
Prantar — plantar
Precepto — preceito
Preposito — propósito
Princepe — príncipe
Preminencia, preminente — preeminência, preeminente
Produce — produz
Progne — Procne
Prosupos — pressupós
Prosuposto — pressuposto
Proteo, Proteo — Proteu
Pruma — pluma
Pubricar, pubrico — publicar, público
Pyrois (= *Piróis*) — Pírois
Qui — aqui
Rapace — rapaz (adj.)
Recrecer — recrescer
Relampados — relâmpagos
Relegioso — religioso
Reluze — reluz
Reposta — resposta
Reprender — repreender
Represaria — represália
Resplendor — resplendor
Resucitar, ressucitar — ressuscitar
Revelar — rebelar
Revelde — rebelde
Rezão — razão
Rudo — rude
Rugeiro — Ruggiero (it.)
Sai — sai
Saluço — soluço
Samária — Samaria
Samear — semear

¹ RG T, pp. 186-187.

Samori — Samorim
 Sanagá — Senegal
 Sanguino — sanguíneo
 Scabelicastro — Escalabicastr¹
 Seista — sexta
 Sembrante — semelhante
 Semele — Sêmele
 Semirâmis — Semíramis
 Sequace — sequaz
 Sequana — Séquana
 Sestra — esquerda (Lat. *sinistra*)
 Sesudo — sisudo
 Si — sim
 Sigue — segue
 Simpres — simples
 Sino — signo
 Sinon — Sinão
 Smyrna — Esmirna
 Sobolo — sobre o
 Soe — sói²
 Sojugar — subjugar
 Soldão — Sultão
 Someter — submeter
 Sós — somente (adv.)
 Sotil — subtil
 Spirito — espírito
 Sprito — espírito
 Suma — soma
 Summerso — submerso
 Superbissimo — soberbissimo
 Súbito — súbito
 Sururgião — cirurgião
 Sutil — subtil
 Sutileza — subtileza
 Sutilmente — subtilmente
 Tangere — Tânger
 Taprobana — Tapróbana
 (= Ceilão)

Tarquino — Tarquínio
 Tarteso — Tartesso³
 Tavila — Tavira
 Tem — têm
 Tenace — tenaz
 Terreste — terrestre
 Terribil — terrível
 Tethyos — de Tethys
 Theseu — Teseu
 Tidore — Tidor
 Tigris — Tigre
 Torneu — torneio
 Traces — Trácios
 Traição — traição
 Tras — atrás de
 Trasunto — transunto
 Tredor — traidor
 Treição — traição
 Tribo (o) — a tribo
 Tui — Tui
 Tutuão — Tetuão
 Vaidade — vaidade
 Val — vale
 Valeroso — valoroso
 Vas — vais
 Vedelo, -s — vedes o, -os + substitutivo; vede-lo (pron. pess.)
 Veloce — veloz
 Vem — vêm (do v. *vir*) ou vêm (do v. *ver*)
 Vendibil — vendável
 Vertude — virtude
 Vezinhança, vezinho — vizinhança, vizinho
 Visibil — visível
 Vodas — bodas
 Volubil — volúvel
 Zebellino — zibelino
 Zopyro — Zópiro

¹ RG T, p. 100.

² *Ibid.*, p. 139.

³ Nota. — No C. III, 100: *Tartésios* — Tartéssios.

CAPÍTULO II

FIGURAS D'«OS LUSÍADAS»

[Explicação das palavras marcadas com o sinal *, nas ANOTAÇÕES]

Sentidos da palavra *figura*¹, em retórica:

- 1.º Maneira de exprimir-se que modifica a linguagem ordinária para torná-la mais expressiva.
- 2.º *Figuras de palavras*: as que modificam a expressão do pensamento, modificando as próprias palavras que compõem o discurso, na forma delas (*figuras de dicção*), na respectiva função gramatical (*figuras de construção*), na sua significação (*tropos*).
- 3.º *Figuras de pensamento*: as que, sem modificar as palavras, modificam a expressão do que se pensa, pelo movimento e a fisionomia que certos sentimentos lhes imprimem.



Afêrese. — Supressão de fonema no princípio do vocábulo.

Ex.: Fugindo, a seta o Mouro vai tirando (I, 91).

Alegoria. — É «a expressão de ideias por imagens. Um símbolo dá, por meio de imagens, a impressão de ideias...; a *alegoria*, sob a forma de uma intenção nítida, precisa, pormenorizada; o *símbolo*, sob a forma de uma criação livre, onde a ideia e a imagem se encontram indiscernivelmente fundidas»². Mais elementarmente: a alegoria é uma forma de metáfora e verifica-se, quando a mudança de significação se dá numa frase.³

Ex.: Assim que sempre, enfim, com fama e glória,
 Teve os troféus pendentes da vitória (I, 25).

¹ Cf. Prof. G. Lanson, *Conseils sur l'art d'écrire*, p. 185; Henri Bénac, *Vocab. de la Dissertation*, pp. 61-62.

² Thibaudet, transcr. por H. Bénac, *op. cit.*

³ Elementos de Gram. Port., A. Gomes e N. de Fig., p. 229.

Anacoluto. — Frase quebrada, mudada a concordância inicial em outra diversa.

Ex.: *Este povo, que é meu, por quem derramo
Por ele a ti rogando, choro e bramo*, (II, 40).

Anáfora. — Repetição (de que resulta *sobressair* o que se repete) de uma palavra ou de um membro de frase (Cf. *quiasmo*).¹

Ex.: *Vistes que, com grandíssima ousadia,
Vistes aquela insana fantasia
Vistes, e ainda vemos cada dia*, (VI, 29).

Anástrofe. — Inversão da ordem natural das palavras correlatas.

Ex.: *Qual vermelhas as armas faz de brancas*, (VI, 64).

Antanáclase.² — Repetição de uma palavra em outro sentido.

Ex.: *Em vão aos Deuses vão, surdos e imotos*, (X, 15).

Antonomásia. — Uso de um nome ou frase *sugestivos*, em lugar do nome próprio.

Ex.: *Cessem do sábio Grego e do Troiano* (I, 3).

Apócope. — Supressão de fonema(s) *no fim* do vocábulo.

Ex.: *Alevantando um pouco, mui seguro*, (I, 37).

Apóstrofe. — Interrupção do discurso para invocar-se alguém, *real ou fictício, sob forma exclamativa*.

Ex.: *E tu, nobre Lisboa, que no mundo* (III, 57).

Assíndeto.³ — Supressão da conjunção copulativa.

Ex.: *Fere, mata, derriba denodado*; (III, 67).

Catacrese. — Emprego de palavra ou frase desviada do sentido natural, por falta de outra apropriada.

Ex.: *Mas, depois que de todo se fartou,
O pé que tem no mar a si recolhe* (V, 22).

¹ *Principales figures de rhétorique* — Prof. Émile Thomas, in *Oratio Pro Archia* (Hachette), p. 41.

² Palavra grega: ἀντανάκλασις (ἦ) = repetição de uma palavra em outro sentido.

³ Palavra grega: ἀσύνδετον, -ου (τὸ).

Comparação. — Aproximação de dois objectos «para precisar a natureza do primeiro».¹

Ex.: *Qual cos gritos...//Tal do Rei...* (III, 47-48).

Crase. — Contracção de duas vogais em uma só vogal.

Ex.: *Por quem pudesse à Índia ser levado*; (I, 70).

Diácope. — Emprego da(s) mesma(s) ou de semelhante(s) palavra(s), intercalada(s) outra(s) de permeio.

Ex.: *Tu só, tu, puro amor, com força crua*, (III, 119).

Diástole. — Alongamento de sílaba breve ou (no port., por ex.) acentuação de uma sílaba átona.

Ex.: *Responde o Idolatra que mandasse* (VIII, 85).

Diérese. — Divisão de um ditongo em duas sílabas.

Ex.: *E nessa treição² determinavam* (II, 17).

Eclipse. — Supressão do -m (final) de certos vocábulos, quando a dicção imediata começa por vogal.

Ex.: *Cum poder tão singelo e tão pequeno*, (I, 25).

Elipse. — Omissão de palavras necessárias ao sentido explícito.

Ex.: *Aos Infiéis, Senhor, aos Infiéis [aparecei]
E não a mi, que creio o que podeis* (III, 45).

Enálage. — Emprego de palavras com categoria gramatical diferente da própria.

Ex.: *A te pagar co a vida o prometido*. (III, 38).

N. B. — Aqui, é um verbo (*prometer*) que está substantivado.

Ênfase. — Pompa ou exagero no discurso, quase sempre hiperbólico.

Ex.: *Aos Infiéis, Senhor, aos Infiéis [aparecei]
E não a mi, que creio o que podeis* (III, 45).

Epanáfora.³ — Repetição da palavra no princípio dos versos ou das estâncias.

Ex.: *Qual vai dizendo: «O filho, a quem eu tinha* (IV, 90).

Qual em cabelo: «O doce e amado esposo, (IV, 91).

¹ Cap. *Figures de rhétorique*, p. 159, de «Aide-Mémoire de Culture Française» de Pierre Richard.

² O trema foi banido (Conv. Ort. Luso-Brasil.). Conservamo-lo, todavia, aqui e no texto, quando nos parece absolutamente necessário por falta de qualquer outro sinal que o substitua. Aliás, a palavra que o apresenta vai em itálico.

³ Palavra grega: ἐπαναφορά, ἄς (ἦ) = referência. *Ret.*: repetição.

Epêntese. — Aumento de um fonema ou sílaba *no meio* dos vocábulos.

Ex.: No que disse Mavorte valeroso (I, 41).

N. B. — Convém lembrar que, em latim, já existia a forma *Mavorte*.¹

Epifonema. — Exclamação sentenciosa com que se termina narração ou discurso.

Ex.: Tanta veneração aos pais se deve! (III, 33).

Epizeuxe (ou *reduplicação*). — Repetição de uma palavra para amplificar, exortar, ordenar.

Ex.: Dizendo: «Fuge, fuge, Lusitano, (II, 61).

Eufemismo. — Expressão que atenua ou modifica o sentido violento, mau ou desonesto da narrativa.

Ex.: *Tirar Inês ao mundo* determina, (III, 123).

Haplologia. — Desaparecimento «de uma de duas sílabas iguais ou semelhantes contíguas da mesma palavra ou de duas palavras seguidas de uma frase». Do grego: ἀπλοῦς «simples, não complicado», o de λόγος «discurso». ²

Ex.: Já com desejos o *Idolatra* [*<ídolo + latra>*] ardia (VII, 73).

Hendiadís. — Figura pela qual se divide uma ideia em duas.

Ex.: Olha o muro e edifício nunca crido, (X, 130).

N. B. — *Muro e edifício* = muro edificado.

Hipêrbato. — Inversão violenta da ordem natural das palavras.

Ex.: *Casos*, que Adamastor contou futuros (V, 60).

Hipérbole. — Figura que consiste, para ferir o espírito, em empregar uma expressão que, tomada à letra, deforma a verdade por ser exageradora.

Ex.: Oh! Gente forte e de altos pensamentos,
Que também dela hão medo os Elementos. (II, 47).

Hipêrtese. — Transposição de fonemas de uma sílaba para outra.

Ex.: Parabolam > palavra.

Intercalação eufónica. — Adição, entre dois vocábulos, de um elemento fónico para melhorar a pronúncia.

Ex.: Não no pode estorvar, que destinado (VI, 7).

¹ Cf. Prof. Cidade, ed. d'Os Lus., I, p. 23; Prof. A. Fortes, sua ed., p. 489.

² Doutor R. de Sá Nogueira: «Tentativa» (...), p. 106.

Ironia. — Exprime o contrário do que as palavras significam, para que o ouvinte, ao verificar a discordância, seja levado a compreender, ou a estupefação ou a fraqueza ou a má fé, que se pretende castigar.

Ex.: Oulá, Veloso amigo, aquele outeiro
É melhor de decer que de subir

...depressa um pouco vim.

Por me lembrar que estáveis cá sem mim. (V, 35).

Metáfora.¹ — Figura que «consiste em designar um objecto ou ideia por uma palavra que convém a outro objecto ou outra ideia — ligados àqueles por uma analogia. A metáfora funde, portanto, em um único, os dois termos da comparação».

Ex.: Tomai as rédeas vós do Reino vosso: (I, 15).

Metalepse. — Figura em que se toma o antecedente pelo consequente e vice-versa.

Ex.: Sonorasas trombetas incitavam
Os ânimos alegres, ressoando; (II, 100).

Metátese.² — Transposição de fonemas ou sílabas de um vocábulo. (Cf. *Hipêrtese*).

Ex.: E com ventos contrairos a desvia (I, 100).

Metonímia.³ — Etimologicamente, significa «mudança de nome». Toma a causa pelo efeito, o efeito pela causa, a parte pelo todo, o todo pela parte, o continente pelo conteúdo, o nome do lugar onde se fabrica um objecto para designar o próprio objecto, o nome do fabricante pelo nome do objecto fabricado ou o nome do artista para designar a própria obra.

Ex.: Cesse tudo o que a *Musa antiga* canta. (I, 3).

¹ H. Bénac, *Voc. de la Dissertation*. — Outros elementos bibliográficos:

BOLÉO (Prof. Manuel de Paiva) — «A Metáfora na Língua Portuguesa Corrente»;

BRÉAL (Prof. M.) — «Essai de Sémantique»;

CARNOY — «La Science du Mot», p. 281 (As 4 espécies de metáforas);

MAROUZEAU (Prof.) — «Précis de Stylistique Française», pp. 102-104.

² Ismael de Lima Coutinho (Prof.), em sua «Gramática Histórica» (4.ª ed., p. 160) define METÁTESE «transposição de fonema que se pode verificar na mesma sílaba ou entre sílabas». O Prof. Napoleão Mendes de Almeida, porém, em «Gramática Metódica da Língua Portuguesa» (11.ª ed., p. 65), distingue *metátese* de *hipêrtese*.

³ Do grego μετα, mudança; ὄνομα, nome. — «Gramática Larousse du XX^e Siècle», p. 427.

⁴ «Ce mot étiquette un ensemble de manifestations des changements de sens voisins de ceux que l'on catalogue sous le titre de *synecdoque*.» — «Vie et Mort des Mots», Maurice Schöne (1947), p. 100.

Onomatopeia. — Representação auditiva ou visual pelos sons das palavras, além do respectivo sentido.

Ex.: Polas **con**cavidades **retumbando**. (III, 107).

Paragoge. — Aumento de fonema ou sílaba *no fim* dos vocábulos;

Ex.: E depois que do *martyre* Vicente (III, 74).

Parêntese. — Interposição de frase num período, onde forma sentido à parte.

Ex.: Mas ela, os olhos, com que o ar serena
(*Bem como paciente e mansa ovelha*),
Na mísera mãe (...) (III, 131).

Perífrase. — Figura que consiste em exprimir por diversas palavras o que poderia exprimir-se por uma única.

Ex.: Pelo *neto gentil do velho Atlante*. (I, 20).

Paronomásia. — Uso, na mesma frase, de palavras semelhantes no som e diferentes no sentido.

Ex.: Cabeças pelo *campo* vão saltando,
Já *perde* o *campo* o exército nefando,
Com que também do *campo* a cor se perde, (III, 52).

Pleonasm. — Palavra ou frase redundante, quer por inépcia (por ex.: *subir para cima*), quer para produzir um efeito de insistência.

Ex.: Se lá dos Céus não vem *celeste* aviso. (II, 59).

Polissíndeto. — Repetição intencional das conjunções.

Ex.: Que as Estrelas e o Céu e o Ar vizinho
E tudo quanto a via, namorava. (II, 34).

Prosopopeia (ou *Personificação*). — Vai mais longe que a *apóstrofe*. faz agir e falar os ausentes, evoca os mortos, anima os objectos insensíveis.

Ex.: Os altos promontórios o *choraram*, (III, 84).

Prótese. — Aumento de fonema ou sílaba *no começo* dos vocábulos.

Ex.: Que se *aqueixa* e se ri num mesmo instante. (II, 38).

Quiasmo. — «Disposição dum período em 4 membros que se cruzam, correspondendo o 1.º ao 4.º e o 2.º ao 3.º». ¹
Do grego: *χιάζω* verbo formado da letra *χ* *cruzar*. ²
Há n'«Os Lus.», *quiasmo* nos seguintes lugares: II, 12, 3-4; III, 10, 2; 90, 4; X, 8, 3-4. ³ Expliquemo-nos com um ex.º (v. 5.º da oit. 35 de I):

Brama *X* montanha
som murmura

Reticência. — Verifica-se esta figura, «quando se suspende o sentido deixando-o incompleto». ⁴

Ex.: Mas, mouro enfim, nas mãos das brutas gentes,
Que pois eu fui... (II, 41).

Silepse. — Concordância subentendida, em género e em número, não segundo as leis gramaticais, mas segundo a ideia presente no espírito do escritor.

Ex.: Tal do *Rei novo* o estamago acendido
Por Deus e polo povo juntamente,
O Bárbaro *comete*, apercebido. (III, 48).

N. B. — *Comete* não concorda com *estamago* mas com *Rei novo*.

Síncopa. — Supressão de fonemas *no meio* dos vocábulos.

Ex.: De ouro e de *perlas* mais abaixo estavam. (I, 23).

Sinédoco. ⁵ — Figura que consiste em tomar o todo pela parte, a parte pelo todo, o plural pelo singular, o singular pelo plural.

Ex.: Que da Ocidental *praia Lusitana* (= de Portugal) (I, 1).

N. B. — A parte (*praia Lusitana*) está em vez de todo (*Portugal*).

Sístole. — Figura que abrevia uma sílaba longa ou (no port., por ex.) torna átona uma sílaba acentuada.

Ex.: Não tocava na gente de Samária (VII, 39).

¹ Prof. F. Torrinha — *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*.

² Prof. Émile Thomas — *Oratio Pro Archia*, p. 41.

³ Carlos E. C. da Silva — *Ensaio sobre os Latinismos*, pp. 79-80.

⁴ A. Gomes e Nunes de Figueiredo — *Elementos de Gramática Portuguesa*, p. 228.

⁵ 'Synecdoque veut dire (toujours en grec) «compréhension». Nous prendrons ce dernier mot avec le sens que lui donnent les logiciens, et qui s'oppose à *extension*.' — Maurice Schöne, *Vie et Mort des Mots*, pp. 92-100.

Tmesis. — Colocação de uma palavra, dentro de outra, dividida ao meio. Do grego *τμήσις* = acção de cortar, corte, divisão (Cf. v. *τέμνω* = cortar).

Ex.: Dar-te-ei, Senhor ilustre, relação (I, 64).

Zeugma. — Figura que «consiste em omitir uma palavra já expressa num dos membros da frase». ¹

Ex.: Onde o dia é comprido e *onde breve* (I, 27).

¹ A. Gomes e Nunes de Figueiredo — «Elementos de Gramática Portuguesa», p. 226.

CAPÍTULO III

MITOLOGIA

«*Como justificar*, num poema essencialmente Cristão, escrito para exaltar uma nação empenhada numa secular cruzada pela Fé, (...) o papel aqui desempenhado pelos deuses e deusas da antiguidade pagã?» ¹

«No sentimento de arte, como no amor dos aspectos sensuais da natureza e da vida, os homens de Quinhentos sentiam-se mais próximos dos contemporâneos de Augusto ou Péricles do que dos de D. Dinis. A mitologia era, em mais de um aspecto, a magnífica expansão, a florescência formosa de uma concepção optimista de vida mais conforme à lei da Natureza. O quinhentista culto, quando não integralmente aceitava tal concepção na intimidade da consciência ou no teor do procedimento, realizando o sonho da *Abadia de Thélème*, de Rabelais, pelo menos tentava, e frequentemente conseguia, a cómoda reconciliação das exigências dos sentidos com o anseio espiritualizador que o Cristianismo estimulava». ²

«Para Camões, o aparato mitológico constituía um artifício criado por suas tendências lúcidas de artista. Ele sorri, e faz sorrir os seus leitores, mais de uma vez, dos mitos pagãos. Sentimo-lo irónico a propósito do encontro de Vénus com Júpiter (Canto II); o mesmo podemos verificar, quando ele risonhamente se refere à estranheza dos deuses marinhos, vindo que

.....cometendo tal caminho,
Entre no reino da água o rei do vinho. (VI, 14).

E não será afim desta ironia a cautela com que o Poeta, até a ficção da Ilha dos Amores, mantém os deuses invisíveis para os nautas, sem influência *manifesta* na acção? Dir-se-iam palhaços que se azafamam e nada fazem, pois não alteram as

¹ «The Lusiads» — A New Translation by William C. Atkinson (1952), p. 22. — O itálico é do organizador desta edição. Já o Morgado de Mateus perguntara: «Mas por que não empregou ele antes a intervenção dos bons Anjos e dos Demónios no seu Poema, como fez Torquato Tasso poucos anos depois, em lugar do escândalo estético que nos ofende de ver a intervenção dos deuses do Paganismo num poema, em que os heróis professam os dogmas da Religião Cristã?» (Ed. cit., p. LXXIII).

² Prof. H. Cidade — «Luís de Camões. II — O Épico» (Lisboa, 1950), p. 100.

forças naturais de que ela resulta, que toda decorre como se a sua intervenção se não desse. De tal maneira que o leitor está suficientemente prevenido para as estrofes em que o mito se dissolve e a realidade surge perante ele com sua intrínseca magnitude épica.¹

E será absolutamente destituído de significado este contemplar de realidade sem véu de ficção?

Talvez não.

Camões canta o homem devassando oceanos e continentes, efectivando a sua realeza no planeta. Exalta o Português, dilatando na terra a lei da vida eterna. Ele é católico, mas humanista, e sabe muito bem que, se o homem não pode prescindir do auxílio divino, é sobretudo com suas forças que deve contar, nas próprias empresas em que serve a Deus. Só assim a acção pode ganhar mérito. Só assim o homem se dignifica como único responsável do próprio destino. Deste modo, tecer em volta do descobrimento do caminho marítimo para a Índia uma intriga de protecção e oposição mitológicas e desfazê-la no fim do poema, é dar evidência ao rasgo de mais relevo: — tudo correu como se, na luta entre os nautas e os representantes dos interesses ou das forças da Natureza que se lhes opuseram, nenhuma intervenção sobrenatural se tivesse realizado. Desfeita a ficção mitológica, ficam o homem e a Natureza na perfeita autenticidade de ambos. O católico não aboliu o Transcendente, mas concebeu-o discreto, deixando o homem em condições que lhe impõem a responsabilidade e lhe garantem o mérito da acção.»²

José Régio, finalmente, pergunta: (...) «aquela mesma junção, no poema, do maravilhoso pagão e do maravilhoso cristão, não representará, afinal, a própria dupla natureza do autor? Se a simples influência literária dos seus mestres clássicos, ou do gosto renascentista, bastaria a explicar superficialmente a introdução, n'Os Lusíadas, do maravilhoso pagão, não se poderá aventar que, mais fundo — mais fundo que uma submissão aos preconceitos da época, ou, até, exigências estéticas de qualquer ordem —, um impulso natural do poeta o arrasta para esses deuses tão humanos, essas deusas tão tentadoras, como outro, porventura, mais nobre, o leva a não poder pôr de parte uma concepção superior da Divindade?»³.

1 O itálico é do organizador desta edição.

2 Prof. Hernâni Cidade — «Luis de Camões. II — O Épico», 2.ª ed., pp. 112-113. O itálico é do organizador desta edição, excepto em manifesta, dilatando e lei da vida eterna.

3 LUIS DE CAMÕES/Introd., selecção de textos e notas/Lisboa, 1944, pp. 22-23.

[Explicação das palavras marcadas com o sinal⁺, nas ANOTAÇÕES]

Anfitrite. — Mulher de Neptuno, filha do Oceano¹ e de Dóris. Foi primeiramente considerada deusa do Mediterrâneo, mas este domínio alargou-se, depois, aos outros mares.

Apolo. — Filho de Júpiter e Latona, irmão de Diana. Conduzia o carro do Sol. Tinha-se como o deus da medicina, da poesia, da música, das artes; era o chefe das nove Musas, com quem habitava os montes Parnaso, Hélicon, Piério, as margens do Hipocrene e do Permesse, onde ordinariamente pastava o cavalo alado Pégaso, do qual se servia para montar.

O galo, o gavião e a oliveira eram-lhe consagrados, por em tais seres se haverem metamorfoseado os entes que mais amara.

Apolo era representado com uma lira na mão ou com os instrumentos próprios das artes, colocados junto de si, num coche tirado por quatro cavalos.

O espírito *apolíneo* opõe-se ao *dionisiaco* (de Dioniso² ou Baco).³

N'Os Lusíadas, Apolo aparece também com as seguintes designações:

Febo [I, 4, 56; III, 20; IV, 75; IX, 53, 74, 91; X, 86, 87] — por conduzir o carro do Sol.⁴

Filho de Latona [II, 89; IX, 53, 62] — por ter nascido de Latona, que o deu à luz, como a Diana, em Delos (ilha do mar Egeu).

1 De Nereu, segundo outros autores.

2 Do lat. *Dionysus* ou *Dionysos*, i (m.) [Cf. Dic. Lat.-Port., Prof. Francisco Torrinha]. Em grego, porém, a palavra era proparoixitona — Διόνυσος — e existia ao lado de Βάκχος (Baco) que, em Roma, foi identificado com o Deus itálico *Liber Pater* [Cf. Prof. Grimal, *Dictionnaire de la Mythologie Grecque et Romaine*, p. 126]. Na composição de Διόνυσος há dois elementos — Δις [Δις] νυσος. O último está em evidente conexão com Νύξ(ος), um monte coberto de bosques e rico de fontes onde se dizia que Dioniso crescera em frescas grutas e debaixo de bosques frondosos. O mito deve ter irradiado da ilha de Creta. — Prof. Dr. Vincenzo Cocco, «Aspectos Pré-Históricos da Tragédia Grega» (1945), p. 12.

3 Cf. Nietzsche — «A Origem da Tragédia»; Julián Marias — *Introdução à Filosofia Contemporânea* (trad. do Prof. Silvio Lima), pp. 21-22.

4 Dicionário abreviado da Fabula (...) — Chompré (trad. port. de 1785), p. 28.

Claro amador de Larisseia [X, 1] — por muito ter amado a ninfa Corónis — nascida em *Larissa*, na Tessália (região da Grécia Setentrional) — que o atraíu; *Mancebo Dêlio* [V, 91; VII, 67] — por, como já se disse, ter nascido na ilha de *Delos*.

Baco.¹ — Filho de Júpiter e de Sêmele. Nasceu em Tebas e foi pai de Luso.

Nascimento de Baco. — Juno, esposa de Júpiter, sabedora das relações amorosas entre aquele deus e Sêmele, induziu a rival, aparecendo-lhe sob as feições da ama ou de uma amiga², a solicitar que o amante a visitasse na plenitude da sua glória.

A ingénua desventurada viu, porém, a própria casa arder e imediatamente pereceu nas chamas provocadas pelo fulgor do pai dos deuses.

Júpiter, no entanto, conseguiu salvar o filho (que receberia o nome de Baco), o qual Sêmele ainda não dera à luz, recolhendo-o na barriga da perna, onde se completou a gestação.

Quando adulto, Baco conquistou a Índia e depois o Egipto, sendo, todavia, pacífico e benéfico o seu domínio: ensinou a agricultura aos homens e foi o primeiro que plantou a vinha. Não admira, pois, o ter sido adorado como *deus do vinho*.

Era representado de diferentes maneiras: umas vezes com hastes na cabeça (costumava vestir-se com pele de bode, animal que se lhe sacrificava); outras com um copo na mão, ao mesmo tempo que a outra segura um *tirso*³ (= vara ou lança enramada, toda de parra, com cachos de uvas e de hera, com uma pinha na ponta) de que se servia para fazer brotar fontes de vinho; ora sobre um tonel; ora sentado num coche, tirado por tigres, linceas ou panteras.

N'«Os Lusíadas», Baco tem igualmente as seguintes designações:

Tebano [I, 73; III, 18; VI, 25; VIII, 3; IX, 91] — por, como vimos, ter nascido em *Tebas*⁴;

1 Leia-se 'O Concílio dos Deuses: Vénus e Baco n'«Os Lusíadas» de Luís Piva, in «Revista Camonianas», São Paulo, vol. 1, 1964.

2 «Dict. des Antiquités Grecques et Romaines» (Paris, 1875). letras A-B, p. 601.

3 Além de Baco, os seus sacerdotes e as Bacantes também traziam tirsos nas mãos.

4 Todavia, em dois passos do poema, alude Camões a Baco, ao falar da cidade lendária de *Nisa*, onde o deus teria nascido ou que por ele teria sido fundada (I, 31); (VII, 52). Vide a nota n.º 2 da página anterior.

Lieu [I, 49; VI, 14, 20]: do grego Λυαῖος = «o deus que liberta dos cuidados»¹;

Tioneu [II, 12; VI, 6, 26] — por ser filho de *Tione* (= Sêmele);

Filho de duas mães [II, 10] — por ser filho de Sêmele e, também, da barriga da perna de Júpiter (como se viu).

QUADRO CÉLEBRE: «Baco» de Caravaggio.

Cupido — Filho de Marte (= Ares)² e de Vénus. Presidia aos prazeres. Era representado na figura de um menino nu, com arco e aljava cheia de setas. Os Gregos chamavam-lhe Ἔρως (= Amor).

Diana. — Filha de Júpiter e de Latona, irmã de Apolo. Deusa da caça e da castidade.

Tal era o seu poder, que metamorfoseou Actéon em veado por a ter visto banhar-se.

Reperesentava-se num coche, tirado por corças, armada de arco e aljava com setas (era a deusa da caça). Sobre a cabeça, ostentava meia-lua.

Teve, em Éfeso, um templo que se contou entre as maravilhas do mundo.

N'«Os Lusíadas», aparece também com a designação de *Febe*³ (VI, 18). Tinha este nome ou o de Lua, no Céu; o de *Hécate*, no inferno (pagão); e o de *Diana*, sobre a Terra.

Dóris [gr. Δωρίς]. — FILHA DO OCEANO e de Tethys+, casou com NEREU, de quem teve as Nereidas.

Éolo. — Filho de Júpiter⁴. Deus dos ventos. N'«Os Lusíadas», é também denominado *Hipótades* (VI, 37) — por descender de *Hipotes*⁵.

Hércules. — Filho de Júpiter e de Alcmena. O pai dos deuses, para enganar Alcmena, tomou a forma do marido, Anfitrião, na ausência deste. Juno, justamente indignada, conseguiu que Euristeu, rei de Micenas, obrigasse Hércules a *doze trabalhos* perigosíssimos, com o desejo de vê-lo morrer em um deles. Hércules, porém, venceu.

N'«Os Lusíadas», aparece também com estas denominações:

Alcides [III, 137; IV, 49, 80; IX, 57] — por ser neto de *Alceu*, pai de Anfitrião;

1 «Dict. Grec-Français» — M. A. Bailly.

2 Segundo alguns poetas antigos, de Júpiter (= Zeus) e, segundo outros, de Mercúrio (= Hermes).

3 Não confundir com *Febo* = Apolo.

4 Ou de *Hipota* ou de Poseidon (= Neptuno), segundo outros autores.

5 Prof. Epifânio Dias, ed. d'«Os Lusíadas».

Tirihto (= Tirintio, em Camões) [IV, 55] — por ter sido criado na cidade de *Tirinto*, na Argólida (Grécia).

Júpiter. — O pai dos deuses, filho de Saturno (= Tempo) e de Reia. Como Saturno lhe devorasse os filhos que ia dando à luz, Reia, ao chegar a vez de Júpiter, substituiu-o por uma pedra embrulhada, que o marido imediatamente devorou.

Júpiter foi levado para Creta, onde a cabra Amalteia lhe deu de mamar.

Adulto, expulsou do céu o próprio pai e casou com Juno. Reservou para si esta soberania, e deu o império das águas a Neptuno, o dos infernos a Plutão.

Mais tarde, os *Gigantes*, filhos de Titã, que aliás já lutara contra Júpiter, desejando expulsá-lo das alturas, acumularam montes¹, uns sobre os outros, para escalamem o céu. Júpiter, porém, possuidor dos raios, fulminou-os.

Para alcançar as jovens que pretendia, transformava-se, ora em animal (touro, cisne, etc.), ora em chuva de ouro, ora na deusa Diana...

Os pagãos representavam-no com um raio na mão, posto sobre uma águia, ave que resolvera proteger.

O carvalho era-lhe consagrado.

N'Os Lusíadas, é também designado assim:

Padre [Por ex.: I, 22, 38, 40, 41...] — por ser o pai dos deuses;

*Jove*² [X, 4]: do lat. *Jupiter* (ou *Juppiter*), *Jovis*;

Tonante [I, 20; II, 41; VI, 78] — por ser o deus dos trovões [lat. *tōno*, *ui*, (*itum*) — trovejar].

Marte. — Filho de Júpiter e de Juno, deus da guerra.

Juno concebeu Marte, quando, irritada contra Júpiter (por este ter dado à luz Palas, fazendo-a sair do próprio cérebro) se sentou sobre uma flor fecundante, que lhe fora revelada pela deusa Flora.

Presidia a todos os combates, mas nem por isso era pequena a ternura que votava a Vénus, por ele apaixonadamente amada.

¹ O «monte Ossa sobre o monte Pélion», segundo o Prof. N. de Macedo — «Hist. Univ.» (A. O. e Grécia), p. 103.

² Em Garrett, «D. Branca», I, verso 4.º, aparece a expressão: «magano Jove».

Era representado na figura de um guerreiro, completamente armado, com um galo junto de si.¹

N'Os Lusíadas, aparece também com o nome de *Mavorte* [I, 41; II, 50; III, 89; VI, 58; VIII, 16].

Mercúrio. — Filho de Júpiter e de Maia. Deus da eloquência, do comércio e dos ladrões. Era o *mensageiro dos deuses*, particularmente de Júpiter (que, para haver maior rapidez na execução das suas ordens, lhe pegara asas na cabeça e nos calcanhares). Representa-se, em regra, com um caduceu (vara que Apolo entregara a Mercúrio) na mão.

N'Os Lusíadas, é também chamado *filho de Maia* [II, 56]; e *Cileneu* [II, 57, 71] — por ter nascido no monte *Cilene*, na Arcádia.

Neptuno. — Filho de Saturno (= Tempo) e de Reia, irmão de Júpiter e de Plutão.

Deus do mar, casou com Anfitrite.

Representavam-no os antigos, ordinariamente, com um tridente na mão, sobre um coche tirado por cavalos marinhos.

*Tethys*² [gr. Τηθύς]. — Tethys é uma das divindades primordiais das teogonias helénicas. *Personifica a fecundidade «feminina» do mar*. Nascida dos amores de Ouranos e de Gaia, é a mais jovem das Titânides. Casou com o Oceano, do qual teve grande número de filhos, mais de três mil, que são todos os rios do mundo.

A morada de Tethys é geralmente colocada no extremo Ocidente, para além do país das Hespérides, na região em que, todos os dias, o Sol se esconde.

[N'Os Lusíadas: I, 16; III, 115; IV, 49; VI, 36; VIII, 74; IX, 48 e 89; X, 75].

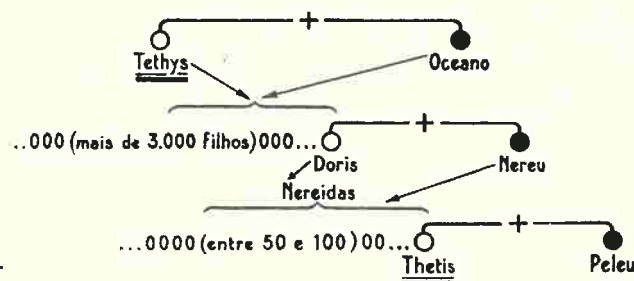
Thetis [gr. Θέτις]. — Thetis é uma das Nereidas, *filha de Nereu*, o Velho do Mar, e de *Dóris*. É, por consequência, uma divindade marinha e imortal, *a mais célebre de todas as Nereidas*.

¹ Em galo transformara Marte o seu confidente. *Alectryon* (gr. ἀλεκτρούων, -όνος (ó, ῥ) = galo, galinha), que tendo ficado de senti-nela, enquanto o deus se encontrava com Vénus, se deixara adormecer, permitindo a Vulcano, marido da beldade, surpreendê-los.

² Na ed. E e, aparece sempre, indevidamente, *Thetis*, excepto no c. IV, 49 (est. 411, na reprodução fac-similada de 1943), onde surge *Tétis*.

Segundo alguns mitógrafos, Thetis recusou o amor de Zeus, quando este quis unir-se com ela, para não afligir Hera. Como todas as divindades marinhas, possuía o dom da transformação, e usou dele. *Peleu conseguiu, todavia, vencê-la e desposá-la.* [N'«Os Lusíadas»: V, 55 e 59].

ESQUEMA GENEALÓGICO ¹



Vénus. ² — Filha do Céu ³ e da Terra.

É a deusa do amor e da beleza. Após o nascimento, foi levada pelas Horas ao Céu, onde os deuses ficaram extasiados de tanta formosura.

Vulcano recebeu-a por esposa, como prêmio de haver fabricado os raios de que Júpiter necessitou, quando os Gigantes quiseram expulsá-lo do Céu.

A deusa, porém, incapaz de sofrer a fealdade do marido, procurou a companhia de outros deuses, entre os quais Marte, de quem teve Cúpido. Amou também Anquises (que a tornou mãe de Eneias) e Adónis.

Acompanhavam-na as Graças — Eufrosina, Tália e Aglaia.

1 BIBLIOGRAFIA:

Prof. Pierre Grimal — «Dictionnaire de la Mythologie Grecque et Romaine» (P. U. de F.), 1951.

² Cf. nota n.º 1 a *Baco*.

³ Ou de Saturno; ou de Júpiter e de Dione; ou do Mar. — Chompré, *op. cit.*, p. 213. Outros ainda consideram-na formada de espuma do mar. [Cf. «Os Lusíadas», IX, 42: «Quero que haja no Reino Neptunino/Onde nasci» (...)].

Nas bodas de Thetis e de Peleu, recebeu de Páris o prêmio da beleza, vendo-se preferida a Juno e a Minerva. Em grego: Ἀφροδίτη, -ης.

Representa-se, em regra, acompanhada do filho, Cupido, sobre um coche, tirado por pombas ou por cisnes ou por pardais. Quadro notável: «Cupidon et Vénus» (Louvre) por Corot.

N'«Os Lusíadas», tem, igualmente, as seguintes denominações:

Acidália [VIII, 64; IX, 52] — por costumar banhar-se na fonte *Acidália*, na Beócia;

Citereia [I, 34; IX, 53, 57] — por ter nascido junto de *Citera* (Lat. *Cythēra*, ilha do mar Egeu);

Dione [II, 21, 33] — por, segundo alguns autores, ser filha de *Dione*;

Ericina [II, 18; IX, 66] — por ter um templo em sua honra no monte *Erix* (*Sicília*);

Páfia (deusa) [IX, 60] — por ter, em *Pafos* (Lat. *Paphos* ou *Paphos*, cidade da ilha de Cipro), um templo que lhe era consagrado.

Vulcano. — Filho de Júpiter e de Juno.

Deus do fogo. Sua considerável fealdade aumentou com um pontapé recebido do próprio pai, de que resultou ficar coxo.

Fabricava os raios para Júpiter nas forjas situadas no interior do Etna, onde dirigia superiormente o trabalho executado pelos Ciclopes, dotados de um único olho.

Por ironia da sorte, casou, como já dissemos (Cf. *Vénus*), com a deusa da beleza.